

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CAMPUS FRANCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BRUNA CAMPOS GONÇALVES

*TREINAMENTOS E DISCIPLINAS MILITARES DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO NO
SÉCULO IV D.C.*

FRANCA
2016

BRUNA CAMPOS GONÇALVES

*TREINAMENTOS E DISCIPLINAS MILITARES DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO NO
SÉCULO IV D.C.*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História. Área de Concentração: **História e Cultura.**

Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP) e orientada pela Professora Doutora Margarida Maria de Carvalho.

FRANCA
2016

Gonçalves, Bruna Campos.

Treinamentos e disciplinas militares do exército romano-bárbaro no Século IV D.C. / Bruna Campos Gonçalves.

– Franca : [s.n.], 2016.

452 f.

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Margarida Maria de Carvalho

1. Roma - Exercito. 2. Roma - Historia - Império - 284-476.
3. Migração de povos. I. Título.

CDD – 937.06

BRUNA CAMPOS GONÇALVES

***TREINAMENTOS E DISCIPLINAS MILITARES DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO
NO SÉCULO IV D.C.***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutor em História. Área de Concentração: História e Cultura.

Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP) e orientada pela Professora Doutora Margarida Maria de Carvalho.

BANCA EXAMINADORA

Presidente:

Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, UNESP/Franca

1º. Examinador:

Prof. Dr. Carlos Augusto Ribeiro Machado, Saint Andrews University

2º. Examinador:

Profa. Dra. Marina Regis Cavicchioli, UFBA

3º. Examinador:

Profa. Dra. Érica Cristhyane Morais da Silva, UFES

4º. Examinador:

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, UNICAMP

Franca, 05 de agosto de 2016.

*À minha vó Marina,
que um dia sonhou com uma neta doutora!*

AGRADECIMENTOS

Reservo este momento para agradecer a todos que fizeram possível esta jornada. Não foram poucas pessoas e acredito que não conseguirei colocar todas aqui, mas sou grata a cada um que, de alguma forma, contribuiu para a minha formação pessoal e profissional. O que sou hoje devo um pouco a cada um destes seres que encontrei pelo caminho e espero continuar aprendendo com todos que a vida trouxer para perto de mim.

Sou muito grata à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo preciosismo acadêmico exigido e pelo financiamento da pesquisa aqui desenvolvida. A FAPESP me auxilia desde a iniciação científica, e proporcionou a realização deste trabalho e de sua divulgação. Pude, com seu auxílio, participar de congressos nacionais e internacionais. Além disso, a modalidade de Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) me proporcionou oito meses de convívio e aprendizado humano e profissional em Oxford, onde pude fazer contatos e ampliar meus horizontes. Ao meu anônimo assessor, muito obrigada!

À minha orientadora e amiga Margarida Maria de Carvalho, que sempre acreditou na minha pesquisa, no meu potencial. Juntas descobrimos muito sobre esse universo e pudemos desenvolver a pesquisa que aqui apresentamos. Obrigada, Margô, pelas discussões e reuniões, pelos conselhos e amizade.

Ao Professor Doutor Bryan Ward-Perkins, supervisor em meu estágio de pesquisa no exterior, no *Oxford Center for Late Antiquity* da *University of Oxford*. Sou grata às inúmeras reuniões e discussões de trabalho, à oportunidade de vivenciar a atmosfera acadêmica da cidade, de poder pesquisar nas bibliotecas, de participar dos seminários, de conhecer pessoas e lugares. Aqui fica, também, meu agradecimento ao Professor Doutor Neil McLynn por ter aceitado meu estágio.

Ao Professor Doutor Jonathan C. N. Coulston, da *Saint Andrews University*, um eterno muito obrigada por ter me recebido e discutido sobre o meu trabalho, pelos

apontamentos e conselhos que muito me ajudaram a desenvolver a pesquisa e pelo agradável almoço.

Agradeço aos Professores Doutores Jean-Michel Cárrie e Sylvain Janniard por terem gentilmente discutido o meu trabalho, dando conselhos que foram de grande importância para o seu desenvolvimento. Ao Cárrie, em especial, por ter aberto a porta da *École des Hautes Études en Science Sociales* (EHESS – Paris/França) e pelos agradáveis passeios por Paris.

Um agradecimento especial para o Professor Doutor Joseph Farrell, que me recebeu na *University of Pennsylvania*, Philadelphia, USA. Além de profusas discussões sobre meu trabalho, apresentando-me aos Professores Doutores Grey Campbell e Brian C. Rose, tendo o último me apresentado o acervo do Penn's museum.

Ao Professor Doutor Noel Lenski, que me recebeu na *Yale University*, onde debatemos meu trabalho e onde conheci a *Yale University Art Gallery* e a exposição *Dura-Europos Collection*.

Agradeço imensamente à minha banca de qualificação, aos Professores Doutores Júlio César Magalhães e Pedro Paulo Abreu Funari e à Professora Doutora Marina Regis Cavicchioli, pelos apontamentos e direcionamentos para terminar o trabalho. Espero ter alcançado as expectativas de cada um. Aproveito para agradecer aos outros membros da banca de doutorado, as Professoras Doutoradas Érica Cristhyane Moraes da Silva, Helena Amália Papa e Márcia Pereira da Silva e o Professor Doutor Carlos Augusto Ribeiro Machado, que, além de participar da banca com seus comentários, tirou um pouco de seu tempo para conversar sobre meu trabalho, mostrando algumas diretrizes possíveis e indicando uma leitura que foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa.

Gratidão também por todos os professores que me auxiliaram desde o meu jardim de infância até o doutorado. Gostaria de expressar meu agradecimento pela Professora Doutora Rita BIASON, que não só apresentou uma das melhores disciplinas de que pude participar, como também proporcionou inúmeras conversas fora do ambiente da faculdade, principalmente nos encontros na ponte Franca-São Paulo.

As discussões do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (G.LEIR), em nossas reuniões ou em eventos, auxiliaram mostrando novas diretrizes deste projeto de pesquisa. E aqui deixo um muito obrigada aos também amigos com os quais pude dividir muitos risos e choros, à Helena Amália Papa, que terá minha gratidão eterna por tudo que me apresentou, à Natália Frazão José, à Semíramis Corsi e Silva, à Érica C. M. Silva, à Dominique M. R. de Souza, ao Daniel de Figueredo, ao Éliton de

Almeida, à Nathália M. Junqueira, à Bárbara e à Monique e Marianne Cerri. Ao Professor Doutor Gilberto da Silva Francisco, que em um dos eventos do G.LEIR pôde me auxiliar muito com seus apontamentos.

O Programa de Pós-graduação de História, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP/campus Franca, pelo acolhimento e oportunidade de desenvolver a pesquisa histórica.

Às corretoras ortográficas desse trabalho, que, com muita paciência, corrigiram cada parágrafo, frase, palavra, vírgula: Flávia Okumura, Dona Fátima e a minha tia Roseli.

Ao *North Oxford Overseas Center* (NOOC) agradeço nas pessoas de Tim Rous e Judy Rous, Paul Eikelboom e Elena Shamgunova pelo ambiente agradável e receptivo. E a todos os amigos que encontrei no NOOC, aos brasileiros Robson Murilo Grando Della Torre, que se tornou meu guia e um grande amigo para a vida, seja pessoal ou acadêmica, e à sua família que me proporcionou grandes momentos; à Natália Navarro pelas inúmeras tardes de conversas e amizade. À minha querida amiga Susana, pelas inúmeras conversas, experiências culinárias e passeios, ao Armando, à Charlote, à Lipika, ao Key, ao Avash e sua família, ao Antoine, a Charline, ao Christian, à Clara, ao Diego, ao Felix, ao Joaco, ao Kristof, à Laura, à Maria, à Mariie, ao Mario, ao Rahul, ao Raul, à Sarah, ao Stefano e ao Stijn, por tornar a experiência em Oxford mais que acadêmica, amiga e pessoal.

Juntamente com o pessoal do *The Oxford Spiritist Study Group*, um obrigada especial à Karina e ao seu irmão, ao Alberto, à Cristina, à Natália, à Luciana. Agradeço pelo suporte espiritual e por todo o conhecimento dividido.

Aos meus amigos do Brasil que sempre estarão no meu coração e vida, os do colégio, da faculdade, da república, da natação, do bairro, do Bezerra de Menezes, seria imensa a lista, mas que todos se sintam abraçados e agradecidos por todos os dias que estiveram ao meu lado, seja aqui, pertinho, ou de longe. Aqui, não posso deixar de citar Mari, Carú, Camis, Jú, Hê, Lígia.

À minha mais que amiga, irmã, Natália Frazão! Sem a sua companhia esta caminhada não teria as mesmas cores, obrigada por fazer parte da minha vida, sempre!!

E como não agradecer àqueles que sempre estiveram do meu lado desde o meu primeiro choro nesse mundo. À minha família querida, um super megaobrigada por tudo! À minha mãe, Elvira, ao meu pai, Luiz, à minha irmã, que mora em meu coração, Natalia. Aos meus avôs, Encarnação, Domingos, Marina e Idelfonso. A todos os meus tios e

primos, especialmente à Lulu, minha prima-irmã, e ao Ivan, meu primo-irmão. Obrigada por tudo que já passamos juntos.

E por último, mas nem de longe o menos importante, ao meu marido, Douglas. Obrigada por tudo, pelo companheirismo, amizade, risadas, choros e chamegos. Obrigada por estar sempre do meu lado me apoiando e incentivando.

Por fim, resta-me agradecer a você, leitor. Obrigada!!

GONÇALVES, Bruna Campos. **Treinamentos e disciplinas militares do exército romano-bárbaro no século IV d.C.** 2016. 452f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.

RESUMO

No presente trabalho buscamos perceber a intensa interação entre romanos e bárbaros nas fileiras do exército, compondo o que chamamos de exército romano-bárbaro. A partir dessa confluência observamos como se desenvolveu o uso dos equipamentos militares pelos soldados e, conseqüentemente, como estes influenciaram nas disciplinas e nos treinamentos dos combatentes. Para tanto, compomos um catálogo de imagens, com artefatos bélicos que foram usados no período do século IV d.C, onde montamos fichas catalográficas com a imagem de cada objeto e suas características. Desenvolvemos, também, um catálogo de fontes que nos auxilia a entender como eram vistas e usadas as armas pelos soldados daquele momento. Como referência, utilizamos a obra *Res gestae* de Amiano Marcelino, a *Epitome rei militaris* de Flávio Vegécio Renato, a *Notitia dignitatum* e a *De rebus bellicis*, as duas últimas anônimas. O estudo dessas obras e materiais nos possibilitou averiguar como era utilizado cada armamento, de forma que podemos ter uma compreensão de todos os equipamentos e máquinas usados pelo exército romano-bárbaro no século IV d.C. A partir do conhecimento do uso de cada arma, pudemos apurar quais eram os exercícios requeridos para a prática individual e coletiva do exército. Logo, percebemos que a convivência com outras culturas ampliou os conhecimentos tático e disciplinar do exército do Império Romano da Antiguidade Tardia.

PALAVRAS-CHAVES: Armamentos – Amiano Marcelino – Vegécio – *Notitia dignitatum* – *De rebus bellicis* – treinamento – disciplina

GONÇALVES, Bruna Campos. **Discipline and military training of the roman-barbarian army in the IV century AD.** 2016. 452f. Thesis (Doctorate in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.

ABSTRACT

In the present work, we realize the intense interaction between romans and barbarians in the army, forming what we called roman-barbarian army. From the confluence we observe how developed the use of military equipment by the soldiers and consequently how they influenced in the discipline and training of fighters. Therefore, we compose a catalog of images with war artifacts of the fourth century A.D. In this, we set cards with the image of each object and its features. We have also developed a catalog of sources which helps us to understand how the soldiers seen and used the weapons of that time. As a reference, we analyze the *Res gestae* of Ammianus Marcellinus, the *Epitome rei militaris* of Flavius Vegetius Renatus, the *Notitia dignitatum* and the *De rebus bellicis*, the latter two anonymous. The study of these works and materials enabled us to find out how each weapon were used, then we can have an understanding of all equipment and machinery used by the roman-barbarian soldiers in the fourth century A.D. We could tell which were the exercises required for the individual and collective practice of the army, by knowing the use of each weapon. Soon, we realized that living with other cultures expand tactical and disciplinary knowledge of the late Roman army.

KEYWORDS: Armaments – Ammianus Marcellinus – Vegetius – *Notitia dignitatum* – *De rebus bellicis* – training – discipline

GONÇALVES, Bruna Campos. **Entraînements et disciplines militaires de l'armée romaine-barbare au IV^e. Siècle ap. J.-C.** 2016. 452f. Thèse (Doctorat en Histoire) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.

RÉSUMÉ

Dans ce travail nous cherchons à comprendre l'interaction intense entre romains et barbares dans les lignes de l'armée, ce qui compose ce que nous dénommons l'armée romaine-barbare. À partir de cette confluence, nous observons comment s'est développé l'utilisation des équipements militaires par les soldats et, conséquemment, comment ils ont influencé la discipline et l'entraînement des combattants. Dans ce but, nous avons créé un catalogue d'images, d'artefacts de guerre qui ont été utilisés pendant le IV^e siècle ap. J.-C., dans lequel il y a des fiches catalographiques qui contiennent l'image de chaque objet et ses caractéristiques. Nous avons aussi développé un catalogue de sources qui nous aide à comprendre comment les soldats de cette période voyaient et utilisaient les armes ; comme référence, nous avons utilisé les oeuvres *Res gestae* d'Ammien Marcellin, *Epitoma rei militaris* de Végèce (*Publius Flavius Vegetius Renatus*), *Notitia dignitatum* et *De rebus bellicis* (ces deux dernières sont anonymes). L'étude de ces oeuvres et matériels nous a permis de vérifier comment était utilisé chaque armement, de telle façon que nous avons pu avoir une compréhension de tous les équipements et machines utilisés par l'armée romaine-barbare du IV^e siècle ap. J.-C. À partir de la connaissance de l'utilisation de chaque arme, nous avons pu savoir quels étaient les exercices requis pour la pratique individuelle et collective de l'armée. Ainsi, nous avons remarqué que la coexistence avec d'autres cultures a élargi les connaissances tactiques et disciplinaires de l'armée de l'Empire romain de l'Antiquité tardive.

MOTS-CLÉS: Armements – Ammien Marcellin – Végèce – *Notitia dignitatum* – *De rebus bellicis* – Entraînement – Discipline

LISTA DE SIGLAS

<i>DRB</i>	<i>De rebus bellicis</i>
<i>ERM</i>	<i>Epitoma rei militaris de Flavius Vegetius Renatus</i>
<i>ND</i>	<i>Notitia dignitatum</i>
Oc.	Ocidente – <i>Par Occidentis</i>
Or.	Oriente – <i>Par Orientis</i>
<i>RG</i>	<i>Res Gestae de Ammianus Marcellinus</i>
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNESP	Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’
UNICAMP	Universidade de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO PRIMEIRO:DOCUMENTOS TEXTUAIS MILITARES	25
1.1. AMIANO MARCELINO E A <i>RES GESTAE</i>	26
1.1.1. SOBRE <i>AMMIANUS MARCELLINUS</i>	26
1.1.2. A <i>RES GESTAE</i>	30
1.2. A <i>EPITOMA REI MILITARIS</i> DE FLÁVIO VEGÉCIO RENATO	34
1.2.1. SOBRE <i>PUBLIUS FLAVIUS VEGETIUS RENATUS</i>	34
1.2.2. <i>EPITOMA REI MILIATRIS</i>	38
1.3. A <i>NOTITIA DIGNITATUM</i>	44
1.4. A <i>DE RESBUS BELLICIS</i>	55
CAPÍTULO SEGUNDO: OS ARTEFATOS MILITARES	71
2.1. LOCALIZAÇÃO DOS ARTEFATOS MILITARES	78
2.1.1. TÚMULOS COM ARTEFATOS MILITARES	79
2.1.2. FORTIFICAÇÕES	81
2.1.3. PÂNTANOS	85
2.2. ARTEFATOS MILITARES	90
2.2.1. EQUIPAMENTOS DE DEFESA	91
2.2.2. EQUIPAMENTOS DE ATAQUE	97
CAPÍTULO TERCEIRO: A ESTRUTURA DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO.....	101
3.1. OPINIÕES HISTORIOGRÁFICAS E A DOCUMENTAÇÃO.....	104
3.2. A FORMAÇÃO DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO.....	108
3.3. A ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO	115

3.3.1.	OS <i>PROTECTORES DOMESTICUS</i> E OS <i>PALATINAE</i>	116
3.3.2.	OS <i>COMITATENSIS</i>	119
3.3.3.	OS <i>LIMITANEI</i> OU <i>RIPENSES</i>	121
3.3.4.	OS <i>FOEDERATI</i>	123
CAPÍTULO QUARTO: OS EXERCÍCIOS MILITARES E A BUSCA DE UMA DISCIPLINA		127
4.1.	ESPAÇOS DE TREINO E CONVIVÊNCIA.....	132
4.2.	POSICIONAMENTOS TÁTICOS	136
4.3.	OS EQUIPAMENTOS: INFORMAÇÕES DOCUMENTAIS.....	141
4.4.	DESCRIÇÃO, UTILIZAÇÃO E TREINO	145
4.4.1.	EQUIPAMENTOS DE DEFESA	146
4.4.2.	EQUIPAMENTOS DE ATAQUE	157
4.4.3.	MÁQUINAS DE GUERRA.....	172
4.4.4.	OUTROS EQUIPAMENTOS E OBJETOS UTILIZADOS EM BATALHA	181
4.5.	EXERCÍCIOS EM GERAL	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS		189
BIBLIOGRAFIA		193
APÊNDICES		207
CATÁLOGO DE ARTEFATOS BÉLICOS		208
CATÁLOGO DE FONTES		242
ANEXOS.....		367
MAPAS.....		445

INTRODUÇÃO

As guerras não são algo novo na História da humanidade. Desde os primórdios da existência humana há vestígios dessa prática, que perdura até os dias atuais de forma bastante contundente. Como podemos ver no caso do Oriente Médio, e mais expressivamente na Síria, onde atualmente se vive em estado de guerra civil. As dimensões desses embates são gigantescas, tanto no que diz respeito ao mínimo de preparo necessário para enfrentá-los quanto às suas consequências sociopolíticas, pois, mesmo com a vitória, muito se perde em termos de vida humana. Porém, não podemos deixar de notar que, no curso da História, transformações foram vivenciadas em consequência das guerras; observamos a aquisição de novos conhecimentos e de mudanças nas conjunturas geográfica, política, econômica, cultural, militar, e em muitos outros campos.

Atualmente, busca-se perceber a guerra em sua vertente cultural. Tanto John Keegan em 1993 quanto Demétrio Magnoli em 2006 buscaram ver como a cultura está intrínseca nos processos de Guerra. Em seu livro, Keegan retratou um panorama da História da guerra e iniciou sua obra contrapondo-se à ideia de que “a Guerra seria a continuação da política por outros meios”¹; para o estudioso moderno, “a guerra abarca muito mais que a política, que é sempre uma expressão da cultura, com frequência um determinante de formas culturais e, em algumas sociedades, é a própria cultura.” (1993:30). Assim, a nosso ver, buscou abordar a guerra como expressão da cultura.

Em outro momento, o autor coloca em questão o fator humano da guerra, justificando assim o porquê de esta não ser unicamente expressão da política e da

¹ Frase de Karl von Clausewitz, General do Reino da Prússia do início do século XIX, foi um grande estrategista e teórico da guerra por sua obra *Da Guerra (Vom Kriege)* de 1832, mundialmente conhecida e debatida em todos os meios militares ou de estudiosos do tema, principalmente da era moderna, tendo em vista que atuou e contemplou em seus estudos as Guerras Napoleônicas.

diplomacia. Embora esteja ligada indiscutivelmente à política, à economia e à diplomacia, “a guerra é completamente diferente da diplomacia ou da política porque precisa ser travada por homens cujos valores e habilidades não são os dos políticos e dos diplomatas.” (KEEGAN, 1993:17). Diplomatas e soldados estão imersos na mesma cultura, mas se distinguem pelos seus valores e habilidades.

Tal pensamento do historiador britânico pode ser percebido em diversos períodos da História. A desenvoltura do diplomata para apartar um conflito distingue-se da aptidão do soldado para a guerra, mesmo considerando que ambas as atividades estejam, de certo modo, correlacionadas. Na Antiguidade Tardia, como pontua Yann Le Bohec, não existia um corpo diplomático, mas o Imperador podia enviar ao chefe do povo vizinho uma carta ou um alto funcionário responsável para negociações (2006:121), como fez Constâncio II e Joviano.

De acordo com Amiano Marcelino, no seu livro XVI capítulo 9 e no livro XVII capítulo 5, Constâncio II buscou negociar um tratado de paz com os Persas. Nas suas palavras: “Negociações de paz com os Persas” (RG, XVI, 9) e “Augusto Constâncio e Sapur, reis dos persas, negociaram a paz através de cartas e enviados; mas para nenhum propósito.” (RG, XVII, 5). Mais adiante em sua narrativa, aponta outra ação diplomática dos romanos para com os persas, “Joviano Augusto, liderado pela fome e pela vontade de seus homens, fez a paz com Sapur que era necessária, mas vergonhosa, desistindo de cinco províncias, como Nisibis e Singara.” (RG, XXV, 7).

Mesmo podendo fazer uso desse recurso diplomático, a Antiguidade Tardia vivenciou inúmeras batalhas, de tal maneira que sua incidência contribuiu para importantes transformações na infraestrutura do Império, incluindo a própria reorganização das forças armadas. (LEE, 2007:1-2). Nota-se que, na estrutura da administração civil, o militar, também, ganha impulso.

O quarto século foi palco de inúmeras guerras, internas e, principalmente, externas. O início desse século é marcado por grandes guerras civis, as quais deram a Constâncio o governo de todo o Império em 324 d.C. Durante o período do século IV d.C. o exército combateu em diferentes frentes de seu território, lutaram contra persas, alamanos, sassanidas, hunos, alanos, godos, francos, entre outras tribos. Esse intenso movimento bélico marcou a Antiguidade Tardia.

No presente estudo, não abordaremos a guerra em si, com suas estratégias e táticas, mas sim como eram preparados os homens para os combates. Sendo assim, daremos maior atenção às habilidades militares presentes no Império Romano do século

IV d.C., enfatizando a disciplina e os treinamentos dos soldados. Muitos eram os recursos que poderiam ser usados em campo de batalha, tanto materiais (os armamentos) como táticos (as manobras), logo, para um maior sincronismo e funcionalidade num embate, os guerreiros deveriam saber como proceder, tanto aos diferentes sinais de seus superiores como num corpo a corpo com seu inimigo, de forma que deveriam se exercitar regularmente.

Pouco sabemos sobre os exercícios que eram praticados pelos soldados do século IV d.C. Visto que esse não era o foco dos autores daquele período, quem mais detalhou o treinamento militar foi Vegécio, em sua obra *Epitome rei militaris*. No entanto, ao analisarmos os armamentos que eram utilizados, suas características e seus usos, podemos inferir quais eram os exercícios exigidos de cada equipamento de batalha.

A partir do final do século III d.C., podemos observar um acréscimo da mão de obra não romana nas fileiras do Exército Romano; trabalhadores esses que, além de auxiliarem na defesa do território Imperial, adicionaram extrema riqueza à cultura militar romana. Dessa maneira, acreditamos que o elemento estrangeiro no *front* romano contribuiu não só para ampliar o número de combatentes, mas igualmente para enriquecer o conhecimento bélico e cultural do Império Romano tardio.

Ressaltamos que discordamos da historiografia que aponta a relação entre romanos e não romanos como pejorativa. Contudo, faz-se necessário que destaquemos quem seria o chamado bárbaro e como a ideia de uma ‘barbarização’ pôde ser desenvolvida.

Nesse sentido, sublinhamos a reflexão do sociólogo Francis Wolff (2008) acerca dessa temática na atualidade, onde assinala, tendo em seu horizonte os problemas encontrados nos Estados Unidos pós-11 de setembro, que os bárbaros seriam aqueles que se opõem aos interesses norte-americanos, são adversários, tachados por esse termo por apresentarem *justificativas imperialistas menos recomendáveis*. O bárbaro assume culturalmente o posto de ‘outro’ aos olhos dos estadunidenses, mesma visão dos homens da Antiguidade Clássica.

Tomando o exemplo grego, identificamos na *Política* de Aristóteles sua concepção sobre este ‘outro’, elemento que deveria ser, obrigatoriamente, dominado, como ilustra o excerto: “[...] *falaram os poetas: ‘os gregos têm o direito de mandar nos bárbaros’*”². O próprio termo bárbaro possui uma significância particular. A palavra, de

² ARISTÓTELES. *A política*. Tradução de Nestor Silva Chaves e Introdução de Ivan Lins. São Paulo: Ediouro, s/d. I, 1.

origem grega (*gr. bárbaros*), representa também uma onomatopeia – quando alguém pronunciava algo incompreensível a esses homens, considerava-se como se proferisse um barulho semelhante a “bar, bar, bar”, e, assim, era identificado como de origem não grega (FERRIS, 2000:04). No Império Romano, objeto de nosso estudo, o termo também foi utilizado como forma de distinção sociocultural, e nos é apresentado com as cargas negativas de invasor por uma historiografia que acredita que a introdução de diferentes povos no seio do Império Romano levou à sua decadência.

Embebida nessa ideia de repulsa, a historiografia produzida sobre esses *outros*, até meados da década de 1990, defendeu a ideia de que a barbarização do exército romano, num jogo que nos remete à causa e efeito, teria provocado a *queda* desse Império. Essa é a tônica das obras de Ramsay MacMullen (1963) e Arther Ferril (1989). Influenciados pela imagem de um mundo bipolarizado, escrevendo num contexto de Guerra Fria e com a necessidade de ilustrarem que tanto os EUA quanto a Grã-Bretanha possuíam superioridade em relação aos países socialistas, evidenciam em suas obras um olhar segregacionista, reforçando a opinião de que a incorporação do outro, no caso o *bárbaro*, foi extremamente negativa para os rumos da ascensão deste vasto Império da Antiguidade.

Entendemos que essa leitura, além de refletir a realidade que presenciavam, ilustra uma interpretação acrítica dos autores que legaram uma documentação sobre a Antiguidade Tardia, nos séculos IV e V d.C. Aqueles, fundamentados na ideia da supremacia do sistema capitalista sobre o bloco socialista, refletem em suas obras aversão às diferenças, o que não nos parece possível à luz das informações e dos acontecimentos a que hoje temos acesso. As pessoas de outras origens, incorporadas às diversas instituições imperiais, realizam indubitavelmente uma troca com os romanos, na qual embutem suas influências e, ao mesmo tempo, são, também, significativamente influenciadas.

Surpreendentemente, em meados da década de 1990, quando as aspirações a um mundo homogeneizado tinham chegado a seu termo, Pat Southern e Karen Dixon (1996) ainda defendiam, ao lado de Cyro de Barros Rezende Filho (1994), a tese de que a presença bárbara no exército culminaria na derrocada final dos romanos. Em contrapartida, já no limiar do século XXI, encontramos na historiografia britânica representantes que inserem um novo olhar sobre essa temática, suscitando novas investigações que nos conduzem a uma ideia de que as alterações ocorridas são vistas como o desenvolvimento de novas concepções e perspectivas, num período repleto de

especificidades e fusão de características oriundas de variados locais, credos e povos, posição que contraria a crença numa possível *queda* do Império.

Referimo-nos, especialmente, a Wolfgang Liebeschuetz (1990) e a Peter Heather (1999). O primeiro, já em 1990, anunciou a possibilidade do entrosamento entre bárbaros e romanos no exército, sugerindo-nos que sua ligação seria tão forte que os estrangeiros passariam a ter papel fundamental na defesa e manutenção das fronteiras do Império, tendo como preceito basilar o sentido da conceituação de Antiguidade Tardia. Nove anos depois, Heather reafirma alguns dos preceitos de Liebeschuetz, inserindo-os numa conjuntura diferenciada, na qual o debate sobre as identidades étnicas e culturais estariam caminhando para um ponto de destaque na historiografia.

A cultura funciona como um elemento homogeneizador e concentra em si uma das formas de produzir, consumir e regular as identidades (MILES, 1999:08). No entanto, as identidades são criadas e recriadas pelos agentes históricos, logo, são edificações que correspondem às necessidades do tempo histórico vivido por esses agentes. Na esteira dos acontecimentos, a concepção de identidade não pode ser considerada unificada. A construção de identidade é plural, pois tem influência de diferentes meios e grupos sociais.

Como posto acima, acreditamos em uma confluência cultural entre esses diferentes povos, romanos ou não. Nomes como Peter Brown (1972), Henri-Irénée Marrou (1977) e, mais recentemente, Jean Michel Carrié (1999) apontam nesse período o encontro das tradições clássicas com as novas características que surgiam, denominando esse momento da História do Império Romano de Antiguidade Tardia – meados do século III ao início do VII d.C.

Como bem destacaram Peter Burke (2003) e Keith Jenkins (2004), somos frutos de nosso tempo e estamos presos à nossa posição social e histórica. Considerando tais apontamentos, confiamos que a análise crítica dos estudiosos acima referidos está imbuída dos aspectos sociopolítico e cultural do meio que os cercam, assim como a nossa própria investigação. Sublinhamos que essa conjuntura também pode ser verificada na Antiguidade, uma vez que acreditamos que a subjetividade de cada autor daquela época é transposta na sua obra, no seu escrito.

Portanto, a efervescência sociopolítica, militar e cultural que ocupa o cenário da tardo-antiguidade poderá ser compreendida no decorrer da análise documental. E o ponto que nos chama maior atenção é, precisamente, a interação entre os romanos e os outros povos, a confluência dessas distintas culturas presentes na Antiguidade Tardia e a

formação de múltiplas identidades, já que tanto romanos foram influenciados pelos estrangeiros como os bárbaros foram pelos romanos.

O espaço militar do Império Romano do século IV d.C. era composto por uma multiplicidade de culturas, as quais ao trabalharem em conjunto por uma causa interagiam, trocando saberes e desenvolvendo novas técnicas. Sendo o exército o grande palco desses encontros, uma vez que era composto de soldados de diferentes origens. Portanto, aludimos a um exército romano-bárbaro, termo que será utilizado por nós durante todo o estudo.

Considerando tal conjuntura, objetivamos analisar a influência do hibridismo cultural-militar da Antiguidade Tardia, entre romanos e bárbaros, na disciplina e nos treinamentos dos soldados, na tentativa de responder à nossa hipótese principal: que a inserção do elemento estrangeiro nas fileiras de combates romanos influenciou a elaboração de uma sociabilidade militar que se coadunou com a disciplina e os treinamentos militares do Império Romano. Logo, conjecturamos que esse hibridismo cultural incutiu na dinâmica do Exército novas características.

Para tanto, recorreremos aos artefatos bélicos do século IV d.C. e, conjuntamente a esses, a uma documentação textual do período assinalado. Será do entrelaçamento e do contraste entre as duas documentações, materiais e textuais, que observaremos como o Exército Romano se organizava e como se dava a educação militar dos recrutas, ou seja, a disciplina e os treinamentos militares.

De tal maneira que faremos um levantamento detalhado dos artefatos, os quais nos remetem aos armamentos utilizados pelos soldados romanos, tais como: elmos, lanças, escudos, espadas, vestimentas, entre tantos outros objetos inclusos em seu treinamento militar. Tal levantamento nos levará a outra de nossas metas neste estudo: montar um catálogo com essa documentação material encontrada, no qual constará uma imagem do objeto e um conjunto de informações ligadas a cada artefato selecionado. As imagens dos materiais bélicos serão organizadas em fichas, cada qual será composta por uma imagem de um artefato e os dados referentes a esse, a saber: descrição, tipo de armamento, número, local do achado, datação, local de conservação, dimensões, referências da imagem, bibliografia, citações e comentários. A elaboração desse catálogo será essencial para observarmos como eram os armamentos do século IV d.C., de forma a construirmos uma relação com o uso deles para entendermos como seriam os treinos militares.

Também temos como alvo nesta investigação histórica trabalhar com os documentos textuais que nos reportam à vida militar na Antiguidade Tardia: a obra *Histórias*, de Amiano Marcelino, texto que já trabalhamos tanto na iniciação científica quanto no mestrado; o *Compêndio da Arte Militar*, de Flávio Vegécio Renato; a *Notitia Dignitatum*, um diário administrativo civil e militar, onde podemos averiguar como se organizava hierarquicamente os militares e onde eram suas bases, tanto na parte Oriental do Império quanto na Ocidental; e a *De rebus bellicis*, que nos reporta ao desenvolvimento de maquinários (as duas últimas são de autoria desconhecida).

Assim como a documentação material, também pretendemos elaborar um catálogo de fontes, onde exporemos fragmentos das obras textuais pertinentes ao nosso estudo, quando relacionados à descrição dos armamentos utilizados pelos combatentes em guerra. Os catálogos serão de grande relevância para a nossa pesquisa histórica, pois nos proporcionará um melhor entrelaçamento das informações de cada um dos documentos. Apesar de os catálogos estarem alocados nos apêndices da tese, será nos dois primeiros capítulos dela que faremos o tratamento documental.

Ambas as documentações são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, pois à medida que a cultura material nos auxilia a entender como eram formados os equipamentos, a documentação textual vem nos orientar quanto ao seu uso. Proporcionando-nos, assim, um amplo contato com o exército romano-bárbaro do século IV d.C, que será primordial no nosso estudo sobre treinamento e disciplina militar daquele período da Antiguidade Tardia.

Logo, num primeiro momento de nosso trabalho, voltaremos nossa atenção para a análise dos documentos textuais, averiguando cada um deles de acordo com suas especificidades metodológicas. Neste momento buscaremos estudar o contexto dos autores, a composição de suas obras, a discussão da datação, de seus manuscritos e, sempre que nos for possível, perceber como se deu a recepção e a circulação dessas obras tardo-antigas.

Ainda nesse capítulo, buscaremos analisar nas obras em questão como seus autores descreveram os equipamentos de guerra e como eram utilizados. Atentando nos aspectos culturais, tencionaremos notar até que ponto a relação com outros povos aprimoraram o arsenal militar do Exército Romano tardio.

Já no segundo capítulo, o foco será a documentação material. Explicando, justificando e aplicando a teoria e o método em que nos amparamos para o estudo da cultura material, a qual nos auxiliará na percepção dos armamentos militares romanos do

século IV d.C., atentando na interação com a cultura militar de outros povos, que integravam ou não as fileiras do Exército Romano tardo-antigo, e no contexto do objeto, em que região e situação foi achado (casa, campo de batalha, cemitérios, etc.). No intermédio desse tópico, analisaremos e organizaremos as imagens dos artefatos encontrados durante a pesquisa, observando se possuíam ou não ornamentação, e, conseqüentemente, procurando entender suas significações³.

Nos capítulos subsequentes, trabalharemos diretamente com a organização e o treinamento militar. No terceiro capítulo, teceremos, a partir da documentação e da historiografia pertinente ao tema, uma contextualização do período abarcado, assim como do órgão militar romano da Antiguidade Tardia. Examinaremos toda a documentação entrevedo o *modus operandi* do exército romano: como se compunha e se dispunha seu *staff* (a mão de obra que compõe o Exército Romano), como se organizava a estrutura militar, como se dava o recrutamento, principalmente a formação das tropas auxiliares. Na esteira da compreensão dessa estrutura devemos levar em consideração um hibridismo cultural, que a partir desse momento chamaremos de hibridismo militar, ocorrido entre romanos e bárbaros. As questões identitárias serão discutidas a todo o momento neste capítulo, para que já possamos elaborar uma base que será aprofundada no capítulo seguinte. Sendo assim, estaremos sempre em diálogo com a documentação já explanada nos dois primeiros capítulos da tese, contrastando-a em suas semelhanças e diferenças no intuito de melhor compreendermos como se estruturava o ambiente militar na tardo-antiguidade, em foco o século IV d.C.⁴; também nos será prestimoso nesta ocasião observarmos como a historiografia tratou esse tema.

No quarto, e último capítulo, buscaremos compreender como se davam a disciplina e os treinamentos dos soldados e, para tanto, achamos assaz importante perceber como se estruturavam a interação e a sociabilização entre os combatentes, levando em consideração a formação de um corpo militar híbrido. Logo, acreditamos que para compreendermos melhor como se organizava o processo de treinamento para a prática militar devemos nos ater aos usos de cada equipamento, para, a partir desse conhecimento, buscar os exercícios que eram praticados para o bom uso de cada arma pelo soldado romano-bárbaro.

³ Ainda estamos trabalhando nossa conceituação de Cultura Material.

⁴ Sublinhamos que os artefatos militares apresentados faziam parte do cotidiano e da estrutura do Exército naquele período, sendo de extrema importância para o nosso estudo.

Nosso estudo pretende colaborar para a ampliação das pesquisas político-militares e culturais do período, da mesma forma como pensamos que trará novas perspectivas para os trabalhos sobre a Antiguidade Tardia. Dessa forma, acreditamos que a leitura da documentação e da historiografia sobre o tema proposto pode contribuir para a análise político-cultural do período que abrange a Antiguidade Tardia e, principalmente, para os estudos acerca do Exército Romano tardio.

Cabe salientar que as traduções de trechos da documentação e da historiografia estrangeira, apresentadas e necessárias para a compreensão da análise aqui proposta, são de nossa autoria.

CAPÍTULO PRIMEIRO

DOCUMENTOS TEXTUAIS MILITARES

No panorama da Antiguidade Tardia encontramos uma rica documentação, textos de diversas naturezas e com um leque temático bem diversificado. Dentre esses escritos, abordaremos aqueles em que a questão militar se destaca, em especial aqueles que abarcam o século IV e princípios do V d.C., os quais cito: a *Res Gestae* de Amiano Marcelino, a *Epitoma Rei Militaris* de Flávio Renato Vegécio, a *Notitia dignitatum* e a *De rebus bellicis*, as duas últimas anônimas.

As quatro obras são de grande valor para o estudo a que nos propomos, cada uma com suas singularidades, Amiano, por se tratar de uma narrativa, apresenta um panorama mais amplo do que teria vivenciado no Império Romano; Vegécio, por outro lado, buscou perceber as particularidades militares; a *Notitia dignitatum*, em formato de lista, mostra um pouco de como esse exército estava organizado hierarquicamente, ou deveria estar; e por último, mas não menos importante, a *De rebus bellicis* apresenta as dificuldades financeiras vivenciadas pelo exército, apontando caminhos e inventos para diminuir os gastos e manter a eficiência bélica.

Sendo indubitável a importância de todas, as apresentaremos na ordem em que as escalamos acima, não por uma questão cronológica, em vista que todas foram escritas no mesmo período, fins do século IV d.C. e início do século V d.C., mas por suas singularidades.

Tais obras são expressões de seu tempo e de seus autores. Acreditamos que a subjetividade de cada escritor perpassa os seus escritos, sendo assim entendemos que

todos os escritores que estudaremos aqui deixaram transparecer em suas obras valores e posições. (JENKINS, 2004:33). É a partir dessa percepção que entenderemos o contexto que permeava cada escritor aqui considerado.

Após fazermos uma apreciação da vida de cada autor das obras acima apresentadas, aprofundaremos nas características dos seus escritos, desde o modo pelo qual esses circularam dentro do Império Romano Tardio a como chegaram à atualidade. Ao longo deste estudo buscaremos analisar como cada autor aponta a questão militar de seu período e, principalmente, como apresentam os equipamentos bélicos. Permitindo-nos, assim, compreender como o espaço militar era apresentado e visto no Império Romano do século IV d.C. e início do V d.C.

Buscaremos, neste momento de nossa pesquisa, compreender como cada escritor antigo viveu e como desenvolveram suas respectivas obras. Com esse intuito, analisaremos cada trabalho de acordo com suas especificidades, esmiuçando cada aspecto interno ou externo que pudermos encontrar e que nos auxilie a compreender o contexto em que viviam e os aspectos militares daquele momento.

1.1. AMIANO MARCELINO E A *RES GESTAE*

1.1.1. SOBRE *AMMIANUS MARCELLINUS*

O autor que primeiro destacaremos, Amiano Marcelino, teve uma vida profissional voltada ao empreendimento da guerra. Nasceu entre os anos de 325 e 330 d.C. numa antiga cidade fundada por Seleuco I Nicator (312-281 a.C.), Antioquia de Orontes ou Antioquia da Síria. Sua cidade teve uma grande importância sociopolítica cultural para o Império Romano, principalmente durante o período da Antiguidade Tardia. (SILVA, 2012:98).

Amiano viveu seus primeiros anos no seio de uma família partícipe da elite cidadina e não cristã. Durante a leitura de sua obra observamos que o autor demonstra grande respeito e veneração pelo local de seu nascimento. Em uma passagem no início do seu texto, descreveu Antioquia como sendo a “cidade conhecida em todo o mundo.” (RG, XIV, 8, 8). Mesmo reverenciando sua cidade Natal, Amiano escreveu sua obra em Roma, berço do Império Romano.

O escritor tardo-antigo revela em trechos de sua obra um rico conhecimento da cultura clássica latina e grega, o que nos leva a acreditar que teria recebido uma educação

referente aos grupos de elites durante sua juventude, antes de ingressar no exército romano. Ao escolher o latim para narrar sua História, Amiano só confirma seu cabedal literário e mostra a todos o seu domínio pela língua dos Imperadores Romanos. Da mesma forma confirma sua admiração por Roma.

Em sua juventude, Amiano ingressou no serviço militar e, pelo seu *status* na sociedade romana, integrou uma unidade de alto prestígio militar e social: os *protectores domestici*. Historiadores, como Edward Arthur Thompson (1947:02), Norman J. E. Austin (1979:12-13;129) e Gilvan Ventura da Silva (2007:168) nos apontam que um *protector domesticus* estava “a serviço dos comandantes militares”, sendo ele um auxiliar dos quartéis-generais, como também o responsável pela atualização dos efetivos militares disponíveis, pela supervisão do abastecimento das tropas e pelo desempenho de missões especiais.

Indispensável dizer, neste momento, que essa unidade ascendeu dentro da hierarquia militar e passou a estar mais próxima do Imperador, assim como as *scholae palatinae*, após a reformulação da guarda pretoriana por Constantino depois da batalha da ponte Milvio. Os pretorianos passam a exercer então somente a função administrativa, e a parte militar que lhes cabia, ou seja, a guarda do imperador, é transferida para as *scholae*. (SOUTHEN & DIXON, 1996:15;56). Para adentrar a unidade de *protector domesticus* o novato passava por um ritual presidido pelo governante em pessoa, tendo os iniciados que beijar a sua túnica (LENSKI, 2000:503), de forma que era a guarda mais próxima do Imperador. Muitos dos *Magistri*⁵ que comandariam os Exércitos ascenderam desse grupo.

Vários Imperadores saíram dessa categoria, dos *protectores domesticis*. Thompson indica em seu texto que tanto Diocleciano como Constâncio Cloro foram comandantes dessa unidade, como *comes domesticorum*, quando alcançaram a púrpura Imperial; assim como Joviano e Valente que também eram altos oficiais nessa força do exército romano antes de serem eleitos para governar. (1947:3; LENSKI, 2000:502). Dessa forma, cremos que os participantes desse grupo recebiam muitas instruções e um extenso treinamento, vivenciando desde a elaboração da Estratégia a ser utilizada, até sua concretização na hora da guerra. Sublinhamos o alto prestígio que esses oficiais alcançavam, uma vez que muitos obtiveram o cargo de Imperador.

⁵ Alto posto da hierarquia militar, de forma que comandava esse órgão junto com o Imperador. Hoje seriam conhecidos como os generais.

Assim, é notório o intenso contato de Amiano com a força bélica do Império Romano. No ano de 353 d.C., o antioquiano recebeu ordens para atuar junto ao comandante da cavalaria, Ursicino; sua presença no corpo bélico romano perdurou até o ano da morte de Juliano, 363 d.C. Embora estivesse ligado mais à estratégia e à inteligência do que à artilharia (AUSTIN, 1979:13), Amiano tornou-se testemunha ocular de inúmeras batalhas envolvendo generais Imperadores Romanos contra *bárbaros*. (CARVALHO; FUNARI, 2007:281).

Esses eventos, os quais o historiador presenciou durante sua vida, influenciaram na sua compreensão das operações militares e, principalmente, dos acontecimentos políticos da corte Imperial. (TROMBLEY, 1999:17). Nessa perspectiva, torna-se primordial considerarmos a subjetividade do autor ao analisarmos a narrativa da *Res Gestae*. O que queremos dizer é que, se todo autor é passível de transferir valores e preceitos para seu texto, Amiano, embora afirmasse buscar a verdade, não é uma exceção. Podemos dizer em outras palavras que o autor escreveu sua versão da verdade. Seguem abaixo duas passagens do autor antioquiano afirmando a veracidade de sua narrativa:

Até onde pude investigar da verdade, após vários eventos, relatei o que eu mesmo fui permitido testemunhar no curso de minha vida, ou aprendido por meticulosos questionamentos daqueles diretamente envolvidos. (RG, XV, 1. 1).

Estes eventos, do principado do Imperador Nerva até a morte de Valente, eu, um soldado formado e um Grego, expus na medida da minha habilidade, sem nunca (eu acredito) conscientemente aventurar-me a depreciar pelo silêncio ou pela falsidade um trabalho que tem por objetivo a verdade. (RG, XXXI, 16. 9).

Uma questão que chamou bastante nossa atenção durante a leitura da historiografia sobre Amiano Marcelino, das décadas 70, 80 e 90 do século XX, é quanto à imparcialidade do autor militar. Alguns autores, entre eles Santo Mazzarino (1988:58) e Pat Southern e Karen Ramsey Dixon (1996:2), confiam em Amiano e acreditam que, comparado a outros autores, o antioquiano estaria livre de preconceitos religiosos ou pessoais, sendo “seu livro de história o mais insigne⁶ e ponderado que o baixo Império produziu”. (MAZZARINO, 1988:58). Destacamos que não compartilhamos desse ponto de vista, segundo o qual o autor tardo-antigo possuiria um caráter imparcial de

⁶Muito distinto; notável, célebre.

neutralidade. Consideramos que nenhum escritor seja capaz de se desvencilhar de suas concepções de vida, do seu tempo.

O historiador Jenkins (2004), ao discutir acerca da subjetividade da história e das diferentes interpretações dos fatos por cada um, sublinha que não se deve pensar numa única verdade em história, já que todos os depoimentos a que temos acesso remontam a expectativas, anseios, visões e sentimentos de seu autor, os quais de forma alguma podem ser julgados imparciais. Podemos dizer, assim, que são múltiplas as verdades existentes, cabendo ao leitor sua interpretação. Dessa forma, consideramos que Amiano Marcelino apresenta na *Res Gestae* a sua versão dos acontecimentos.

Seu trabalho carrega as discretas marcas dos principais conflitos e desenvolvimentos de seu tempo. É importante lembrarmos que a obra de Amiano Marcelino foi redigida no governo de Teodósio I (378-395 d.C.).

Um dos pontos em que percebemos a interação com o seu tempo, em seus escritos, são os incursos nos assuntos religiosos que o autor faz. Mesmo não se propondo a fazer uma história das religiões, o autor aponta em diferentes fragmentos aspectos ligados ao Cristianismo ou a outros cultos, principalmente quando estes requerem uma posição, um julgamento ou uma ação política. Amiano deixa entrever nos seus escritos uma posição em favor da tolerância religiosa. O que nos leva a crer que para Amiano, independentemente da posição religiosa, o mais importante era a solidariedade entre os soldados.

O autor militar se propôs a escrever uma história das sucessões e dos feitos dos Imperadores Romanos. Escolheu iniciar seu relato com os acontecimentos do ano de 96 d.C., com o governo do Imperador Nerva (96-98 d.C.), e continua sua narrativa até o governo de Valentiniano II (378-382 d.C.). Infelizmente, não temos acesso aos primeiros livros de Amiano, nos foi legado somente os últimos 13 livros de sua narrativa. Nestes, retrata os governos dos Imperadores Constâncio II (337-361 d.C.), Juliano (361-363 d.C.), Joviano (363-364 d.C.), Valentiniano I (364-375 d.C.), Valente (364-378 d.C.), Graciano (367-383 d.C.) e Valentiniano II (375-392 d.C.).

Uma das questões a que esse historiador militar dá grande visibilidade em sua obra é a relação existente entre os romanos e outros povos. O curioso é que, embora tenha historiadores que acreditam que para o militar um bom *bárbaro* era um *bárbaro* morto (HEATHER, 1999:234), Amiano valorizava a necessidade e a permanência do elemento estrangeiro no Exército romano, uma vez que os soldados romanos sozinhos não eram

suficientes para cobrir toda a extensão do Império, de forma que era primoroso o auxílio dos estrangeiros.

Como observamos na Introdução, Amiano classifica os estrangeiros de duas formas: àqueles que voluntariamente se juntavam às forças romanas denominou de soldados voluntários bárbaros, e aqueles que viviam fora do *limes* romano estariam ainda em estado *silvícolas*⁷. Acreditamos que o escritor militar valorizasse as forças estrangeiras dentro do exército romano-bárbaro.

Considerando as características daquele momento e como Amiano as absorveu e abordou em sua *Res Gestae*, procuraremos compreender como as relações, conflituosas ou não, entre romanos e estrangeiros permearam as ações bélicas de todo o Império Romano.

1.1.2. A RES GESTAE

A História, de Amiano Marcelino, teve sua primeira edição impressa em Roma no ano de 1474, por um escritor chamado Sabinus, composta pelos livros XIV a XXVI. Durante o século XVI, ocorreram outras três publicações. Em 1517 por um tradutor denominado Petrus Castellus, na Bologna; em 1533, tiveram outras duas publicações: uma em maio por um autor chamado Accursius, em Augsburg, e outra em julho pelo escritor Gelenius, em Basle. Séculos que nos remontam à expansão marítima europeia e à proliferação dos livros, por conta da recente invenção da imprensa.

No início do século XVII, no ano de 1609, encontra-se a primeira impressão com notas exploratórias de Lindenbrog, em Hamburg. Neste século, ainda, em 1636, Henricus Valesius edita sua versão com comentários que se tornará a base de todas as próximas edições. Outras três versões são encontradas durante o século XIX, que, segundo John C. Rolfe, foram pouco expressivas para o estudo da obra.

A primeira edição crítica moderna está inserida no período de 1910 a 1915, e é de autoria de Charles Upson Clark, publicada em Berlim. Tal editor dividiu a obra em dois volumes, o primeiro referente aos livros XIV a XXV e o segundo do XXVI ao XXXI. Diferentemente, John C. Rolfe, ao publicar sua versão pela Loeb Classical Libary no ano de 1935, fez uma divisão em três volumes, o primeiro do livro XIV ao XIX, o segundo

⁷*Silvícola* é o bárbaro que não interagiu com a cultura romana, ou seja, o povo que se encontrava fora das fronteiras romanas.

do XX ao XXVI e o terceiro, e último, do XXVII ao XXXI. Essa última versão é a que nos reportamos na pesquisa, da mesma forma consultaremos a tradução francesa editada pela Les Belle Lettres, que contou com a tradução de Jacques Fontaine, Guy Sabbath entre outros autores. A edição francesa conta com seis volumes, o primeiro tomo de 1968 e o último de 1999.

Como podemos observar, durante um período os escritos de Amiano não despertaram muito interesse por parte dos estudiosos. Após um período de poucas pesquisas sobre a *Res Gestae*, Thompson, em 1947⁸, alavanca os estudos dessa obra e coloca-a no cenário da Antiguidade Tardia, seguido por outros pesquisadores, dentre eles Pierre-Marie Camus em 1967⁹. Uns dos primeiros a ressaltar o viés militar do autor foi Gary A. Crump em 1972¹⁰. Roger Blockley chama a atenção para três momentos historiográficos do texto de Amiano: o primeiro abarcaria os séculos XVII e XVIII, anos em que Edward Gibbon publicou sua famosa obra, *A História do Declínio e Queda do Império Romano*; o segundo momento, de meados do século XIX ao começo do século XX, foi pautado pelo domínio da historiografia alemã, e do método científico, momento em que o relato histórico do antioquiano ficou sem muitos estudos; já o terceiro momento teve seu início após a Segunda Guerra Mundial, com a emergência do estudo da Antiguidade Tardia como um campo distinto e importante. (BLOCKLEY, 1996:457).

Atualmente, o estudo da obra de Amiano Marcelino, principalmente entre os estudiosos da Antiguidade Tardia, é bem difundido. O autor em sua narrativa apontou em diferentes partes os aspectos militares que envolveram o período vivido por ele, de maneira a nos legar um rico material sobre o assunto. Retratou em sua maioria aspectos sociais, políticos, econômicos, geográficos e militares. Dessa forma, buscou mostrar um panorama do Império Romano em que viveu.

Amiano escolheu escrever em narrativa os acontecimentos da História de Roma, logo, o militar expôs os fatos como os entendia, detalhando certos eventos e pontuando brevemente outros. Como destacou Timothy D. Barnes, em seu livro *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality* de 1998, “Qualquer historiador deve se permitir a liberdade de tratar alguns assuntos brevemente e outros mais longamente” (BARNES, 1998:32), e continua sua explanação ressaltando que Amiano

⁸THOMPSON, E. A. *The Historical Work of Ammianus Marcellinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1947.

⁹CAMUS, P.-M. *Ammien Marcellin: Témoin des Courants culturels et Religieux a la fin du IVe. siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

¹⁰CRUMP, Gary. Ammianus and the late Roman Army. *História* 23, 1972, p. 91-103.

utilizou bastante essa liberdade, já que se percebem no texto do historiador tardo-antigo curtas explanações acerca de determinados assuntos e, em contrapartida, demoradas descrições de outros temas. Por exemplo, sua descrição sobre a campanha de Juliano na Pérsia ocupa quase três livros (XXIII-XXV), enquanto outros assuntos, como o governo de Joviano, não estão compreendidos em um livro, neste caso, somente parte do livro (RG, XXV, 5-10).

Nos livros que chegaram a nós, relatou os feitos de Imperadores, destacando as ações bélicas de cada um. Nesse ínterim, enriqueceu sua obra com descrições de lugares por onde passou, julgamentos e a relação entre romanos e estrangeiros. Durante suas digressões e relatos de campanhas militares, o autor discorreu sobre diversos povos que de alguma forma tiveram contato com o Império Romano. Seja por negociações comerciais ou bélicas¹¹.

Ainda, no final do livro XXV, o historiador militar escreve um elogio ao Imperador Juliano, por ocasião do falecimento desse governante; assim como procedeu, também, com os governantes Constâncio II, Valentiniano I e Valente.

Através de uma atenta leitura da obra *Histórias de Amiano Marcelino* e da historiografia em torno dessa temática, buscaremos entender o posicionamento do autor frente aos problemas de sua época. Cabe ainda salientar que o autor escreveu sua obra com o intuito de alcançar os senadores e os funcionários da administração imperial (VENDRAMINI, 2012:198), não diretamente a figura do Imperador. Sendo assim, buscou refletir no seu texto a visão que tinha do mundo em que vivia e, a partir de uma narrativa, suscitar a reflexão dos acontecimentos passados que julgou serem importantes.

No que se refere à circulação da obra de Amiano Marcelino, temos algumas referências. Podemos perceber que, embora tenha nascido na parte do Império em que a língua grega era corrente, optou por redigir sua narrativa em latim, para que suas reflexões alcançassem uma maior extensão do Império, e principalmente para a compreensão dos Imperadores e magistrados de sua época. Libânio (*Ep.* 1063)¹², em uma de suas cartas, comenta ter lido parte da obra de Amiano, dessa forma, podemos dizer que sua obra teria alcançado sua cidade natal, Antioquia, onde vivia o autor da missiva.

Amiano relata em sua obra diversos conflitos, batalhas e guerras. No decorrer de sua descrição desses embates ele indica os armamentos que eram utilizados, fossem

¹¹No anexo 01 podemos observar uma relação de povos que Amiano Marcelino descreve em seu trabalho.

¹²Tradução de Timothy D. Barnes, apresentada em seu livro *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*, de 1998, p. 55.

pedras, dardos, lanças, espadas, escudos, elmos ou outros¹³. Também relatou o uso de grandes máquinas de guerra¹⁴, tanto as que foram utilizadas por romanos quanto as por estrangeiros, como: a *ballista*, o *onager*, o *aries*. A última foi utilizada pelos Persas para derrubar as muralhas de uma cidade romana, *Singara*, que não quis se render pacificamente.

Finalmente, no calor do conflito, quando a noite chegava, entre muitas máquinas um ariete (*aries*) de força incomum foi trazido, que repetidamente golpeou as torres redondas, lugar em que já estava danificado pelo antigo cerco. (RG, XX, 6. 1-7).

Como podemos ver na passagem acima, Amiano descrevia a força e a função de uma máquina, no entanto, na maioria das vezes não detalha sua composição e nem como era manobrada pelos soldados. Esses detalhes, que para nós seria primoroso conhecer, nem sempre era o foco do autor da *Res Gestae*, de forma que a relação dos soldados com seus equipamentos ou com os maquinários de guerra aparece somente em momentos de conflitos, sejam esses políticos ou militares. Um exemplo dos armamentos sendo utilizados em um conflito político aparece quando os soldados batem com suas espadas ou lanças no escudo para mostrar concordância com a escolha do novo Imperador, ou em aprovação ao que esse está dizendo a eles, como podemos ver no exemplo abaixo.

Através de confiança nessa promessa os soldados de baixa patente, que havia muito tempo não tinham nenhuma participação em honras e recompensas, foram inspirados com grande esperança; levantando e chocando suas lanças contra os escudos com grande estrondo, quase com suas próprias vozes aclamado as palavras e os planos do imperador. (RG, XX, 5. 9).

Vemos nesse trecho uma outra relação do soldado com seus equipamentos, demonstrando sua força e seu sentimento para com o que está acontecendo, seja uma aclamação de um governante, seja um plano apresentado pelo comandante/Imperador. Percebemos, assim, a importância dos armamentos na vida militar, evidenciando-se como um elemento constituinte do ser soldado.

¹³Todos os equipamentos citados por Amiano Marcelino em sua obra encontram-se detalhados no catálogo de fontes.

¹⁴A lista completa encontra-se no catálogo de fontes.

Para além dessa relação, Amiano vai descrever o uso das armas e equipamentos no desenrolar de uma batalha. A partir desse relato, o autor da *Res Gestae* nos auxiliará a perceber como os soldados se preparavam, ou deviam se preparar, para esses momentos de tensão onde a força e o raciocínio rápido deveriam estar afiados. Até mesmo para poderem entender as ordens que lhes eram passadas nos campos de batalha pelos seus comandantes, os guerreiros precisavam estar preparados, treinados para agir rápido no momento do conflito.

Assim, é de suma importância a obra de Amiano para o nosso estudo, juntamente com as outras obras que retratam o universo militar no IV d.C., as quais analisaremos a seguir.

1.2. A *EPITOMA REI MILITARIS* DE FLÁVIO VEGÉCIO RENATO

1.2.1. SOBRE *PUBLIUS FLAVIUS VEGETIUS RENATUS*

Primeiramente, cabe apresentar o autor, Flávio Vegécio Renato, também conhecido como *Publius Flavius Vegetius Renatus*, ou simplesmente Vegécio, bastante conhecido por sua obra sobre aspectos do militarismo romano na Antiguidade Tardia, *Epitoma rei militaris*. Escreveu, ainda, a *Digesta Artis Mulomedicine*, onde discorre sobre a medicina veterinária aplicada aos cavalos e mulas. Seus ideais militares percorreram todo o Ocidente medieval, visto que muitos reis e bons generais daquele período possuíam uma cópia da sua obra militar como exemplo da autoridade clássica e como um guia prático de assuntos militares. (SHRADER, 1981:167-169).

No entanto, a vida de Flávio Vegécio Renato permanece um grande mistério para os historiadores. Do seu nome à sua vida, a maior parte do que se conhece são suposições embasadas em suas obras, muito pouco, é certo. Os manuscritos possuem características marcantes dos séculos IV e V d.C., arco cronológico em que foi escrita as suas obras. O seu texto sobre a medicina veterinária nos auxilia a entender um pouco dos afazeres e *hobbies* do autor. Em ambos os trabalhos encontramos traços de sua formação cristã. Assim, a partir dos pequenos detalhes podemos formar uma malha de informações a respeito da pessoa por trás dessas obras.

Dentre os pequenos detalhes que chamam a atenção nos manuscritos encontramos o próprio nome do autor, escrito de diferentes maneiras, *Fl. Vegeti Renati*, somente *Renatus* ou outras variações, com grafias variadas. Na obra de medicina veterinária seu

nome aparece gravado de outra maneira, um pouco similar: *P. Vegeti Renati*. No entanto, a maneira de escrever indica que são do mesmo autor. (MONTEIRO; BRAGA, 2011:88). Dessa forma, acredita-se que o nome de nascença do autor seja *Publius Vegetius Renatus*, o prenome *Flavius* foi atribuído quando adentrou sua função administrativa, ficando: *Flavius Publius Vegetius Renatus*. Comumente conhecido como *Fl. Vegetius Renatus*, pois era habitual a grafia somente dos dois últimos nomes das pessoas com o título honorífico. (CHARLES, 2007:24).

João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, ao introduzirem a tradução portuguesa/brasileira, indicam características significativas do nome do autor, por exemplo: o prenome *Flavius* era comum entre altos servidores imperiais do século IV e V d.C. Em concordância com seu posto na administração, o autor, em sua introdução, coloca-se como *vir illustris e comes*. Seriam tratamentos reservados aos mais altos escalões da burocracia imperial ou a chefes militares. (MILNER, 2001:xxxv; MONTEIRO; BRAGA, 2011:89).

FLAVII VEGETI RENATI VIRI ILLUTRIS COMITIS EPITOMA REI MILITARIS LIBRI NUMERO QUATTUOR INCIPIUNT FELICITER	O Compêndio da arte militar de Flávio Vegécio Renato, Varão ilustre e conde, Um número de quatro livros, Começa em hora feliz.
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Considerando que o próprio Vegécio nega qualquer conhecimento profundo das realidades militares de seu tempo, podemos, então, concluir que era um burocrata da alta hierarquia administrativa a comando do Imperador. Qual especificamente teria sido seu cargo? É uma pergunta que a historiografia, embora ainda não tenha certeza, acredita que a alternativa mais provável é que tenha sido *comes sacrarum largitionum*. (GOFFART, 1977:89; SHRADER, 1981:168; MILNER, 2001:xxxv; GIACOMONI, 2008:05).

Dado que seria como um ministro de finanças imperial, este teria familiaridade com algumas matérias militares, como o recrutamento, o treinamento e os equipamentos. Sabe-se somente que Vegécio detinha um posto e que esse não era militar, como deixa claro em seu texto.

Esta necessidade obrigou-me, consultados os autores, a dizer o mais fielmente possível neste opúsculo aquelas coisas que o célebre Catão-o-Censor escreveu sobre o sistema militar, aquilo que Cornélio Celso e Frontino pensaram que devia ser exposto, aquilo que Paterno, um defensor zelosíssimo do direito militar, redigiu em livros, aquilo que foi

estabelecido pelas constituições de Augusto, de Trajano e de Adriano. Com efeito, eu não me arrego nenhuma autoridade, apenas organizo sob a forma de resumos as matérias daqueles que acima me referi e que se encontram dispersas. (*ERM*, I. 8).

Já o nome *Renatus* teria sua origem no cristianismo, significando recém-nascido, ou o que nasce de novo (CHARLES, 2007:24; BRANCO, 2009:161-163; MONTEIRO; BRAGA, 2011:88), o que nos faz pensar que o autor era um cristão e que pertencia à administração imperial em algum cargo substancial.

Quanto a ser cristão, a historiografia parece concordar com esse fato, até porque em alguns trechos de sua obra deixa transparecer uma preferência ao culto cristão. Quando se refere ao juramento feito pelos soldados, Vegécio sublinha que as palavras proferidas se referem a Deus, ao Cristo e ao Espírito Santo, assim como ao Imperador também, permitindo-nos pensar no ambiente cristão que poderia estar se desenvolvendo dentro do exército.

Com efeito, os soldados, marcados na pele com picadas de forma duradoura, quando são inseridos nos registros, costumam prestar juramentos que, por esse motivo, são chamados “sacramentos” do serviço militar. Também juram por Deus, por Cristo e pelo Espírito Santo e pela majestade do Imperador, a qual, a seguir a Deus, deve ser estimada e honrada pelo gênero humano. (*ERM*, II. 5).

Michael Charles em 2007 questiona que tipo de cristão seria Vegécio, pois considera pouco provável que os soldados tenham feito o juramento que ele propõe em seu texto. Pontua que os votos deveriam ser referidos ao Imperador, como era costume desde Augusto, no entanto, não sabe se esse destaque de Vegécio é por conta de antigos costumes ou por querer reavivá-los. (CHARLES, 2007:26-27). Contudo, não podemos descartar a possibilidade de serem praticados no período.

Em outros três momentos de sua narrativa Vegécio mostra elementos que nos indicam uma afinidade religiosa com o cristianismo. Como podemos ver nos trechos que se seguem.

Portanto, se alguém deseja vencer os bárbaros em batalha campal, que peça por meio de todas as suas orações, com o assentimento de Deus e com a vontade do Imperador Invicto, que as legiões sejam restauradas com novos recrutas. (*ERM*, II. 18).

Chama-se ‘vocais’ os que são pronunciados pela voz humana, tal como em vigílias noturnas ou em combate se diz, por exemplo, a título de senha, ‘vitória’, ‘palma’, ‘coragem’, ‘Deus conosco’, ‘triumfo do imperador’ e outros quaisquer sinais que aquele, que tem máxima autoridade no exército, quiser dar. (*ERM*, III. 5).

Também o trânsito dos astros a que chamam planetas, quando eles entram ou saem dos signos zodiacais de acordo com o curso prescrito pelo arbítrio do Deus criador, costuma perturbar frequentemente a tranquilidade da natureza. (*ERM*, IV. 40).

Percebemos que todos os trechos que ressaltam algum tipo de religiosidade cristã estão nos livros subsequentes ao primeiro, ou seja, os livros que foram encorajados pelo Imperador Teodósio¹⁵ a continuar escrevendo. Teria Vegécio apontado elementos cristãos somente para agradar ao Imperador? Em seu primeiro livro, faz menção ao nascimento de Marte em regiões altamente belicosas como os Dácios, Mésios e Trácios¹⁶. Seja qual for a religião que Vegécio praticava, seu texto foi passado como o primeiro manual militar cristão. (BRANCO, 2009:163).

Sabemos que teria vivido em finais do século IV e início do século V d.C., período em que está posta uma possível datação de sua obra sobre a arte militar¹⁷. O autor demonstra um alto conhecimento sobre os cuidados devidos aos cavalos e mulas em sua outra obra *Mulomedicine*, o que nos leva a acreditar que Vegécio tenha sido de uma família abastada, possivelmente ligada à criação de cavalos.

A Espanha e a Gália eram os principais centros de criação de cavalos da época, e considerando que a incidência do nome Vegécio era maior nessa região, podemos conjecturar que o autor em questão tenha vivido nessa região. (MILNER, 2001:xxxiv; BRANCO, 2009:161). Maria João Branco chama a atenção para o alto conhecimento de Vegécio sobre as diferentes raças de cavalos existentes não só no Império Romano, mas também dos originários de outros povos: os cavalos persas, armênios e sármatas a seu ver seria muito úteis para o dia a dia; os turíngios e burgúndios seriam ótimos em situações belicosas; e os que mais adorava seriam os cavalos hunos. (2009:162). Dessa forma, podemos considerar que o autor era um homem viajado, tendo percorrido grandes distâncias.

¹⁵ Discutiremos mais adiante sobre a qual Imperador Vegécio se dirigiu em sua obra.

¹⁶ É manifesto que Dácios, Mésios e Trácios sempre foram altamente belicosos de tal forma que as lendas afirmam que o próprio Marte nasceu entre eles. (*ERM*. I, 28).

¹⁷ Como veremos melhor mais adiante.

Sendo assim, podemos dizer que Vegécio viveu intensamente seu momento, formado em um ambiente rico culturalmente, com grande conhecimento da literatura latina, principalmente daquelas que abordavam a temática militar. Cresceu na arte do cuidado dos cavalos e trabalhou ferreamente na administração Imperial no setor que cuidava das finanças ligadas ao recrutamento e abastecimento dos exércitos. Portanto, suas obras são frutos de seu conhecimento e vivência.

1.2.2. *EPITOMA REI MILIATRIS*

Dentre as obras atribuídas a Vegécio, a que mais chama a nossa atenção é a *Epitome rei militaris*, pois é nessa que expõe as principais questões militares de seu período. Embora o autor não tenha nenhuma experiência militar ativa, consegue, através da sua vivência no assunto e com seu conhecimento adquirido através da leitura, escrever quatro livros substanciais sobre organização militar do final do século IV e início do V d.C. Legou à posteridade uma obra crítica marcada por intensos diálogos com os problemas vividos na sua contemporaneidade.

Posto como fruto de seu tempo, Vegécio teria, então, ganhado sua prodigiosa reputação por estar mais próximo das condições militares de seu tempo do que por evocar um passado santificado.

N. P. Milner, nessa mesma perspectiva, destaca que o autor da Antiguidade estava mais para um político que buscava reformar as instituições contemporâneas e o pensamento estratégico do que para um historiador interessado em contar histórias. (2001:xxviii). Coloca a obra de Vegécio como uma documentação referente à Antiguidade Tardia e não como uma fonte para formação de militares ou compiladora de tradições passadas.

Vale ressaltar que a documentação literária reflete as visões e intenções do autor dentro das particularidades de sua realidade histórica. (CHARLES, 2007:13). Logo, podemos inferir que a obra redigida por Flávio Vegécio Renato é derivada de seus ideais e aspirações, colaborando para um texto recheado pelo seu contexto.

Ao analisarmos seu conteúdo a respeito dos equipamentos, percebemos que estava bem informado sobre seu momento, pois ao citá-los aponta como são chamados no período e anteriormente¹⁸. Sem deixarmos de notar que um dos dardos descrito por

¹⁸ Ver catálogo de fontes.

Vegécio, *mattiobarbuli* ou *plumbata*, é característico de seu período e não de tempos anteriores. Dessa maneira, cremos que a obra *epitome rei militaris* deva ser estudada para entender o exército do século IV d.C.

Tal perspectiva da *Epitome rei militaris* não foi compartilhada durante o período medieval, a qual foi recebida como um manual militar a ser seguido e referido por grandes reis e generais durante a preparação para a guerra. Tendo sido um dos livros não religiosos mais compilados nesse período, tem-se conhecimento de pelo menos 320 manuscritos existentes (SHRADER, 1981:168). Charles R. Shrader acredita que a divulgação da obra nesse período deu-se porque ela foi considerada um exemplo da autoridade clássica e um guia prático de assuntos militares, e todos queriam a fórmula que teria trazido tanta glória em outros tempos.

Ponderando o vasto número de manuscritos existentes, não é difícil encontrar uma cópia em alguma biblioteca europeia. Essa grande quantidade também traz alguns problemas no momento de compará-los, pois nem todos são exatamente iguais, *ipsis litteris*. Algumas palavras aparecem diferentes, ou sequer são mencionadas; a mais marcante é o nome do Imperador a que foi dedicada a obra, em alguns manuscritos aparece a palavra Valentiniano, dando a entender que pode ser o III desse nome, outro aponta Teodósio, e outros ainda o nome nem aparece, tornando-se um complicador para precisarmos o ano da obra.

Mesmo tendo gozado de grande reputação no medievo, em meados do século XVI, perde sua força após J. Lipsius acusar Vegécio de confundir as instituições de diversos períodos do Império Romano, uma acusação que se difundiu¹⁹. (apud MILNER, 2001:xiv). A partir desse momento, teria sido olvidado pelos historiadores e estudiosos do tema, e só retornaria a ter vulto nos estudos no século XX, embora possamos encontrar uma tradução de John Clark de 1767 e alguns artigos de finais do século XIX, um deles de Otto Seeck²⁰. Goffart e Sabbah²¹ encabeçam as releituras da *Epitome rei militaris*, tirando dela a alcunha de compiladora da tradição para destacá-la como fruto do contexto vivido pelo seu autor (MILNER, 2001:xvi).

¹⁹J. Lipsius teria escrito um comentário da obra de Vegécio em *De militia romana: comentarius ad Polybium* – Antwerp, 1596. Tivemos acesso a esse comentário através do texto introdutório da tradução de Milner para a referida obra no século XX.

²⁰Seeck, Otto. Die Zeit des Vegetius. *Hermes* 11, 1876, p. 61-83.

²¹Sabbah, G. Pour la datation thodosienne du De Re Militari de Végèce, Centre Jean Palerne. *Mimoires II*, Univ. de Saint-Etienne, 1980, p. 131-155.

Difícil, no entanto, é precisar quando Vegécio teria escrito sua obra mais conhecida. A historiografia concorda que o texto teria sido redigido entre os anos de 383 d.C. – ano da morte de Graciano, chamando o Imperador de *divus Gratianus*, título dado somente a governantes que já haviam falecido – e 450 d.C. – altura em que uma cópia foi corrigida em Constantinopla por um editor chamado Flávio Eutrópio²². Fato que nos deixa com os Imperadores do final do século IV d.C. e da primeira metade do século V d.C. Neste espaço de tempo, dentre os Imperadores e usurpadores, temos:

Ocidente	Oriente
Valentiniano II (375-392)	Teodósio I (379-395)
Magno Maximo (383-388)	Arcádio (395-408)
Flávio Victor (386-388)	Teodósio II (408-450)
Eugênio (392-394)	
Teodósio I (379-395)	
Arcádio (383-395)	
Honório (383-423)	
Constantino III (407-411)	
Constante II (409-411)	
Maximo (409-410)	
Prisco Átalo (409-410/414-415)	
Jovino (411-413)	
Sebastiano (412-413)	
Constâncio III (421)	
Joannes (423-425)	
Valentiniano III (425-455)	

²²Monteiro, J. G. Estudo introdutório, comentários e notas. In: FLÁVIO VEGÉCIO RENATO. *Compêndio da Arte Militar*. Com uma tradução para o português de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. São Paulo: Annablume; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

Dos 17 relacionados acima, somente seis foram apontados pela historiografia como possíveis eleitos de Vegécio, sendo eles: Valentiniano II, Teodósio I, Arcádio, Honório, Valentiniano III e Teodósio II. Vegécio dirige seu discurso no singular, *Imperator Invictus*, então, a um único Imperador. Dentre esses, a disputa mais acirrada fica entre Teodósio I e Valentiniano III. Cada defensor tem seus argumentos, e todos baseados na obra militar.

Justamente por ser um assunto delicado de ser tratado, Bishop e Coulston não apontam um Imperador específico para a obra, simplesmente dizem que ela pertencia ao final do século IV e início do V d.C. Na mesma direção encontramos Goldsworthy, mas este acredita que o período não se estenda até Valentiniano III. Southern, Dixon e Feugère localizam a obra no século IV d.C. e Goffart, reforçando os argumentos de Seck e Gibbon, acredita que Vegécio tenha escrito a mando de Valentiniano III em meados de 430 d.C. Abaixo seguem os principais pontos das duas teorias mais respeitáveis.

Teodósio (379-395 d.C.).	Valentiniano III (425-455 d.C.).
Encaixam-se no período cronológico: - Refere-se à batalha de Adrianópolis, porém não comenta o saque de Roma; - Aparece pelo menos 3 vezes como cidade inviolável; - Parece desconhecer a separação dos Hunos e Alanos.	Ao falar de uma infantaria sem proteção, dá a entender ser um período pós-trauma e que não teve tempo de rearmar a infantaria.
Ainda existia no seu tempo o recrutamento de camponeses, destacado por Vegécio.	Acreditam que teriam comparado o seu momento com outro da história, e, pela semelhança, creem que o livro teria sido escrito 20 anos depois do saque de Roma.
As escolas de gladiadores foram fechadas em 399 por Honório	
Ravena ainda não era a capital do Império Romano (401-402 d.C.).	Vegécio não cita nenhum autor grego, somente literatura latina, o que implica que tenha escrito para um Imperador do Ocidente.
Cálculo da Páscoa nos leva à reforma teológica de Teodósio I.	
Descreve Hunos e Alanos como um único povo, e não separados, como acontece depois no início do século V d.C.	

(MONTEIRO; BRAGA, 2011:94-95;
BARNES, 1979:255; SHRADER,
1981:168; MILNER, 2001:xl).

(GOFFART, 1977:84; CHARLES,
2007:19).

Ainda há quem acredite que a obra tenha sido endereçada a Valentiniano I, ou ainda que tenha sido do início do II século d.C. Certeza mesmo só temos que foi redigida entre 383 e 450 d.C., seja para Teodósio, a quem estamos mais inclinados a considerar, ou a Valentiniano III, certo é que a obra é fruto de seu tempo e tem grande importância para o estudo da arte militar daquele período, pois retrata firmemente o que deveria ser esperado dos soldados e como deveriam ser treinados.

Ao entrelaçar as documentações²³ percebemos que as descrições dos armamentos, inclusive dos maquinários, são bastante similares. Como é o caso do *marttiobarbuli* ou *plumbata* que vemos narrada pelo anônimo da *De rebus bellicis* e pela arqueologia. O que nos sugere que Vegécio tenha escrito no mesmo período dos outros autores, ou seja, mais próximo do governo de Teodósio I. Sendo que é a partir de sua visão que Vegécio escreve sua obra, de forma que não está isento de deixar transparecer em seus textos suas preocupações e seus interesses com o seu contexto contemporâneo.

A *Epitome rei militaris* é composta por quatro livros, sendo esses divididos em capítulos. O primeiro Livro, que escreveu por conta própria, ou seja, sem ser a pedido de alguém, constitui-se de XXVIII capítulos sobre a mobilização e o treino dos recrutas; o segundo é composto de XXV capítulos que versam a respeito das responsabilidades dos comandantes militares; o livro terceiro tem XXVI capítulos esboçando a importância da tática e da estratégia militar; e, em seu quarto e último livro, procura mostrar, em XLVI capítulos, os melhores caminhos para se defender as cidades romanas e atacar as inimigas, além de destacar o arsenal naval que também poderia ser usado. Após escrever o primeiro livro, Teodósio pediu a Vegécio que continuasse escrevendo, o que torna os três últimos livros encomendados pelo Imperador em questão.

O autor propõe que as vitórias resultam do treino e da preparação adequados, assim como do aproveitamento das experiências marciais de outros povos. Pontos que recebem grande destaque na obra de Vegécio.

Diferentemente de Amiano Marcelino, Flávio Vegécio Renato redigiu uma obra mais específica a respeito da atividade militar, na qual buscou explicar as melhores condutas militares a serem seguidas por um comandante do Exército, perpassando pelas

²³ Vide catálogos de imagens e de fontes.

formas de recrutamento, de treinamento, de combate, entre outros assuntos ligados ao exercício de guerra e à administração do órgão militar. Para Vegécio era primordial um profundo treinamento das tropas e de seus comandantes nas artes bélicas, preparando-os para qualquer eventualidade no campo de batalha.

Vegécio buscou em seu texto apontar os preparativos que um combatente fazia para a batalha, desde o recrutamento, a organização e manutenção dos campos, aos equipamentos utilizados. Deixa entrever seu conhecimento sobre os povos que os cercavam e seu cristianismo, sem muito alarde e sem fugir da temática de seus livros: o exército e seu exercício. Deixou, para a posteridade, um retrato escrito das condições das forças militares do Império Romano do período, com destaque para a infantaria, pois não ressalta a cavalaria.

Dentre os equipamentos militares que chama a atenção em sua obra, Vegécio destacou dezoito equipamentos utilizados pelos soldados individualmente, sendo cinco de proteção pessoal, doze armas de ataque e uma arma para defesa coletiva²⁴. Apresenta, também, dezessete maquinários de guerra, que deveriam ser manejados por mais de um soldado e que poderiam auxiliar em batalhas e cercos; além de sete outros objetos que poderiam ser úteis numa luta. Destacando, sempre, a importância da manutenção desses equipamentos, de forma que cada campo deveria ter sua própria oficina para reparar e fabricar novos.

Defesa individual	Ataque	Maquinário
<i>Scuta</i> – escudo	<i>Gladius</i> - gládio	<i>Manuballista</i>
<i>Cassis</i> – capacete	<i>Arcus</i> – arco	<i>Arcuballista</i>
<i>Catafracta</i>	<i>Funda</i>	<i>Carroballista</i>
<i>Lorica</i> - lorigas	<i>Fustibalus</i> – fustíbulo	<i>Ballista</i>
<i>Ocrea</i> - grevas	<i>Mattiorbarbuli</i> – plumbata	<i>Scorpio</i> – escorpião
	<i>Pilum / breba</i> – pilo / dardo	<i>Onager</i> – ónagro
Defesa coletiva	<i>Hasta</i> – lança	<i>Agger</i> – talude

²⁴Todas estão relacionadas e descritas no catálogo de fontes.

<i>Tribulus</i> – tríbulo	<i>Sphata</i> – espada	<i>Aries</i>
	<i>Spiculum</i> (tipo de dardo)	<i>Pluteus</i> - manta
Outros	<i>Tragularius</i> (tipo de lança)	<i>Vinea</i>
<i>Scalae</i> – escada	<i>Verriculum</i> (tipo de dardo)	<i>Musculus</i> – manteletes
<i>Culcita</i> – colchão	<i>Sarisa</i> – Sarissa (tipo de lança)	<i>exostra</i>
<i>Columna</i> - coluna		<i>Turris</i> – torres
<i>Falarica</i>		<i>Sambuca</i>
<i>Laqueus</i> – laço		<i>Tollenno</i> - toleno
<i>Lupus</i> - lobo		<i>Curniculum</i>
<i>malleolus</i>		<i>Libuni</i> – navio

Todos os equipamentos destacados acima são mencionados por Vegécio em seu livro, muitos possuem descrições de como eram e de como funcionavam. Destaca, principalmente, a utilização de cada um para se ter uma melhor eficiência, os equipamentos de defesa servindo para proteger o soldado ao dificultar a penetração de metais pontiagudos, de modo a preservar a vida destes. Já os equipamentos de ataque têm seu uso destacado em diferentes situações.

Vegécio apresenta em sua obra um panorama de como o exército se organizava, buscando destacar o que julgava serem as melhores opções para mantê-lo seguro e eficiente na proteção do território imperial romano. Dessa forma, sua obra torna-se de extrema importância para o nosso estudo, já que sublinha em muitos momentos quais eram os exercícios que deveriam ser aplicados a todos os recrutas e soldados para manterem-se disciplinados para a batalha.

1.3. A NOTITIA DIGNITATUM

Os manuscritos são personagens importantes no estudo da História, muitos deles alcançaram nossos dias graças ao trabalho incessante de monges copistas dos séculos anteriores à imprensa. Para trabalhar com eles, são requeridos grande estudo e dedicação,

a tarefa é árdua, pois além de se buscar entender o conteúdo preciso, necessita-se, primeiramente, identificar as palavras escritas. Neste processo, podem ocorrer erros de transcrições ou alterações, de forma que devemos estar sempre atentos.

Dentre os manuscritos encontrados da *Notitia dignitatum* chegou ao nosso conhecimento quatro deles que preservaram todo seu conteúdo, localizados hoje em Oxford, Paris, Viena e Munique, sendo os três primeiros do século XV e o último do século XVI d.C. (FAIRLEY, 1899:2). Há, ainda, pequenos fragmentos desse trabalho em Universidades e museus renomados, entre eles a Cambridge University, a Goethe University, a Leiden University, o Fitzwilliam Museum e o Vaticano.

No entanto, sabe-se que os copistas daqueles séculos não possuíam o registro original da *notitia* do século IV ou V d.C., detinham em mãos uma cópia desse material feita a partir do *codex Spirensis* (WELSBY, 1982:133). Tal foi elaborado no período de Carlos Magno (800 d.C.), e supõe-se que esse governante estava interessado em saber como os Imperadores Romanos organizavam administrativa e militarmente o Império Romano. J. C. Mann argumenta que esse seria o maior motivo para se preservar uma obra como a *Notitia* (1991:219). A obra elaborada no século nono reunia outros documentos além do estudado aqui, sendo a *Notitia* o maior deles, e, desde o século XVI d.C., encontra-se perdido.

Pamela C. Berger aponta que somente as cópias de Munique e de Oxford têm evidências de terem sido feitas na presença do *codex Spirensis* (1981:04). Sabe-se que o de Munique foi uma cópia encomendada por Otto Heinrich, o qual pediu expressamente que fosse copiado tal como estava no original. Mesmo após os monges terem apresentado uma cópia com desenhos em estilo renascentista alemão, ele pediu para serem refeitas as imagens para ficarem mais semelhantes ao original em mãos, as quais ficaram prontas em 1552. (BERGER, 1981:04-13).

A pouca notícia que temos do manuscrito da *Bodleian Library*, em Oxford, aponta que Petro Donato, Bispo de Padua, teria copiado o conteúdo e as imagens do *codex* na biblioteca de Speyer, onde se encontrava, durante o Concílio da Basileia de 1431 a 1449. Essa cópia chegou a Bodleian em 1817 e por lá permanece até hoje. E a de Paris teria sido adquirida pela *Bibliothèque Nationale* em 1794. (BURY, 1920:133; BERGER, 1981:13-16).

O manuscrito que gerou todas as cópias, ao qual temos acesso hoje, o *codex Spirensis*, era formado por doze diferentes documentos, na respectiva ordem: (BERGER, 1981:200).

- 1- *Cosmographia*, atribuída a *Aethicus*;
- 2- *Itinerarium provinciarum et itinerarium maritimum Antonini Augusti*;
- 3- Dois pequenos textos: *Septem montes urbis Romae* e *De aquis urbis Romae*;
- 4- *Discuil's, Liber de misura orbis terrae*;
- 5- *Notitia Galliarum* e *Laterculus Polemii Silvii*;
- 6- *De montibus, portis et uis urbis Romae*;
- 7- *De rebus bellicis*;
- 8- *Disputatio (altercatio) Hadriani et Epicteti*;
- 9- *Notitia urbis Romae*;
- 10- *Notitia urbis Constantinopolitanae*;
- 11- *De gradibus cognationum*;
- 12- *Notitia dignitatum omnium tam civilium quam militarium*;

Dentre os documentos mais importantes está a *Notitia dignitatum*, mas como podemos ver, o *codex* também preservou outras obras interessantes, e uma que nos chama a atenção é a *De rebus bellicis*. Esta, que estudaremos mais adiante, é relevante pela sua discussão econômica e militar, pois o texto é iniciado com um panorama da situação financeira do Império, e logo parte para a apresentação de engenhos de guerra. Como na *Notitia*, há a imagem e a descrição do objeto. Assim, o manuscrito da *De rebus* se encontra juntamente com o da *Notitia*, percorrendo os mesmos caminhos.

Notável é que, das doze obras preservadas pelo *codex*, as seis últimas possuem imagens, no caso da *De rebus bellicis* dos equipamentos, e da *Notitia dignitatum* das insígnias de cada órgão representado, seja civil ou militar. Na parte militar aponta os diferentes emblemas que seriam usados nos escudos do exército (romano-bárbaro). Como podemos ver no exemplo abaixo.

Insígnia do *Magister Militum Prasentalis*

Fig. 01 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

As insígnias da *Notitia dignitatum* são muito conhecidas, difícil é ignorá-las nos manuscritos, pois permeiam e fazem parte de toda a obra. Todo ofício nomeado na *Notitia* é acompanhado de uma imagem, a qual retrata a insígnia de cada representante do cargo em questão. Apesar de pertencerem aos manuscritos a que temos acesso hoje, e serem grande parte da obra, elas devem ser analisadas cuidadosamente, uma vez que não temos como provar a autenticidade das insígnias apresentadas.

Duas teorias marcaram a problemática das insígnias existentes na *Notitia*, a da historiadora Pamela C. Berger (1981) e a do historiador Robert Grigg (1983). A primeira alega que as imagens do manuscrito de Munique são as mais fidedignas ao manuscrito

em que elas foram copiadas, o *codex Spirensis*. A sua alegação baseia-se no fato de ter percebido que os desenhos do referido manuscrito teriam sido tracejados sobre o original, ou seja, teriam usado uma técnica de colocar uma folha em cima da imagem para fazer o traço do desenho para depois pintar. A partir dessa observação, a autora conclui que as insígnias apresentadas no manuscrito são idênticas às que existiam no *codex*. Acredita, ainda, que era importante o *Primicerius Notariorum*²⁵ saber quais eram as insígnias de cada legião, para identificá-las.

Em oposição a essa argumentação vem o texto de Grigg. Para o autor, as imagens são inconsistentes, pois não é possível averiguar se elas existiam nesse mesmo aspecto nos escudos do período da Antiguidade Tardia. O escasso material arqueológico que temos contato hoje foi escavado em Dura Europos, um sítio em torno de uma fortaleza que parou de funcionar no século III d.C., não sendo o suficiente para averiguarmos os desenhos que existiam nos escudos romanos da época. Nem mesmo as representações em esculturas nos auxiliariam nesse processo.

Grigg aponta três razões para se duvidar das imagens apresentadas nos manuscritos da *Notitia dignitatum*. São eles:

1. As imagens apresentadas das legiões da Antiguidade Tardia que podemos identificar com as do início do Império não conferem, ou seja, as insígnias da *Notitia* não se assemelham com as dos escudos das legiões do Principado que podemos comparar;
2. Os desenhistas, para facilitarem ou por não saberem, desenharam os escudos em círculos, fizeram-no de modo que difere da forma elíptica que era usada nos escudos da Antiguidade Tardia;
3. O emblema do raio e do relâmpago, usualmente associado aos *scuta* dos legionários, não aparece em nenhuma imagem da *Notitia*.

Dessa forma, o autor acredita que os desenhos existentes na *Notitia* não condizem com a realidade do século IV ou V d.C., já que, além dos fatores abordados, não é possível comparar as imagens nem com a cultura material e nem com o *codex Spirensis*. Em suas palavras, “com base nas profundas inconsistências dos emblemas dos escudos, concluo

²⁵O *primicerius notariorum* era um dos mais altos funcionários da segunda classe (i.e. aqueles que tinham o posto de *spectabilis*). Em 381 d.C. uma lei imperial elevou-os acima dos *vicarii* e colocou-os no mesmo grupo que os *proconsuls*. O primeiro dever do *primicerius* era preparar e emitir o *codicilli (tabulae honorum)*, entregar a todos os altos oficiais, desde prefeitos do pretório e mestres de soldados até governadores provinciais. Seu segundo dever, citado por Claudiano, era um que nos Estados Modernos desenvolve o ministro de guerra. Ele mantinha completo o levantamento da distribuição de forças militares nas províncias. (BURY, 1920:131-132).

que eles não podem ser baseados em um recorte preciso dos emblemas dos escudos militares da Antiguidade Tardia.” (GRIGG, 1983:140).

Considerando as duas análises, podemos dizer que os desenhos que existem nos manuscritos podem ser semelhantes aos do *codex Spirenses*, conforme a argumentação de Berger. Todavia, não nos é possível averiguar se tais pertenciam ou não ao aparato militar do Império Romano do século IV d.C., o que podemos afirmar é que naquele momento os desenhos nos escudos eram importantes porque auxiliavam a identificação da proveniência dos soldados. Assim, mesmo não sendo nosso foco no presente estudo, cabe ressaltar que devemos ter cuidado ao analisarmos as imagens da *Notitia*.

A *Notitia*, no entanto, não é composta somente por imagens, essa obra ganha grande notoriedade, também, pelo seu conteúdo escrito, tornando-se um grande aporte documental para os estudiosos da administração imperial, seja no âmbito civil ou no militar. Além de apontar os altos postos da hierarquia, destaca as subdivisões de cada comando, presentes nas diferentes regiões do território Romano; logo, torna-se uma lista de interesse imensurável para entendermos as estruturas governamentais existentes num vasto Império Romano no final do século IV e princípio do século V d.C.

A *Notitia dignitatum* é apresentada em duas seções, uma abrange toda a parte Ocidental do Império Romano e a outra a parte Oriental, e, assim como a *De Rebus Bellicis*, tem autor desconhecido. Embora não saibamos quem teria escrito tamanho documento da administração imperial romana, acredita-se que os responsáveis pela elaboração desse tipo de documento fossem os *Primicerius Notariorum*. Duas pessoas ocupavam tal cargo, uma em cada lado do Império Romano (WELSBY, 1982:134), todavia existia uma equipe que os auxiliavam nessa tarefa.

Por se reportar às condições administrativas civis e militares das cidades do Império Romano de ambas as partes, acreditamos que a *Notitia dignitatum* teve uma intensa circulação entre esses dois meios. O quanto essa obra foi conhecida na Antiguidade não conseguimos precisar, é possível que tenha atingido as administrações civis e militares de ambas as partes do Império, já que aponta os comandos e a hierarquia de poder de cada órgão administrativo e militar.

As duas seções da *Notitia* possuem a mesma organização, o texto abre com um índice, que lista as várias instituições em ordem de importância, agrupando-as de acordo com a natureza, militar ou civil. Vale ressaltar que a parte militar está bem detalhada, mostrando os nomes das legiões, suas especialidades, a quem respondiam e onde estavam localizadas, assim como os comandos civis, também divididos por localidades.

O documento que se refere à parte Ocidental do Império está dividido em 45 cargos de comando e destes somente de três não temos o texto, o VIII – o reitor do dormitório sagrado; o XIV – o chefe dos notários; e o XXXIX – o Duque da primeira Germania. Sublinhamos que apresenta mais oficiais no índice, em torno de cem em cada parte da obra, do que detalha no decorrer da lista, somente 43. Nos gabinetes em que tinham a mesma estrutura, o autor da *Notitia* destacava um como exemplo e apontava que os outros eram iguais. Isto aparece somente em cargos civis; os militares, por terem inúmeras e diferentes tropas para tomarem conta, nunca eram iguais.

A primeira parte de cada seção do documento é um índice com os cargos administrativos que serão apresentados em seguida. Dos expostos na *par Occidentis*, 23 são chefes militares e os 20 restantes fazem parte do órgão civil. Já na *par Orientis*, 21 eram sobre os cargos bélicos e os outros 22 civis. Dentre os civis, está o *magister officiorum*²⁶ que, embora fosse um oficial civil, era responsável pelas *scolae*²⁷ e pelas *fabricae*²⁸, ambas importantes no âmbito militar. Mostrando, assim, o regulamento do governo Imperial a fabricação dos equipamentos utilizados pelos soldados.

Estavam à disposição dos ilustres mestres da administração civil²⁹:

par Occidentis (ND, Oc. IX)

<i>scolae</i>	<i>Fabricae</i>	
<i>scutariorum prima</i>	Na Ilíria:	Escudos, selas e armas em <i>Sirmium</i>
<i>scutariorum secunda</i>		Escudos em <i>Acincuin</i>
<i>armaturarum seniorum</i>		Escudos em <i>Carnutum</i>
<i>gentilium seniorum</i>		Escudos em <i>Lauriacum</i>
<i>scutatorium tertia</i>		Armas em <i>Saloma</i>
<i>Scola agentum in rebus</i> ³⁰ <i>et deputati eiusdem scolae</i>	Na Itália:	Flechas em <i>Concordia</i>

²⁶Mestre de Ofícios. Um dos mais elevados cargos civis, criado por Constantino I e que com o passar do tempo foi ganhando cada vez mais importância, chegando a ser o chefe da administração civil do Império. (DIGNAS; WINTER, 2008:277).

²⁷O termo *schola* foi comumente usado no início do IV século d.C. para se referir a corpos organizados do aparato imperial, tanto civil como militar, e deriva do fato de ocuparem salas ou câmaras específicas no palácio.

²⁸Local onde trabalhavam os artesãos que forjavam diferentes objetos, no caso em questão os equipamentos militares. No Anexo 15 podemos visualizar um modelo de *fabrica* de arco e flecha. Nem tudo era fabricado num mesmo local, pois cada armamento requeria um conhecimento específico.

²⁹Ver em Anexo XVI, a localização geográfica de cada uma dessas *fabricae*.

³⁰Os *agentes in rebus* eram os mensageiros do Império Romano na Antiguidade Tardia, e os agentes gerais, do governo central. Fazia parte de seu serviço manipular as comunicações e os sistemas de comunicação

		Escudos e armas em <i>Verona</i>
		Armaduras em Mantua
		Escudos em Cremona
		Arcos em Ticinium
		Espadas em Luca
	Na Gália:	Toda classe de armas em <i>Argenton</i>
		Flechas em <i>Matiscon</i>
		Armaduras, balistas e cotas de malha em <i>Autun (Augustodunum)</i>
		Escudos em <i>Autun</i>
		... em <i>Soissons</i>
		Espadas em <i>Reims</i>
		Espadas em <i>Trier</i>
		Balistas em <i>Trier</i>
		Espadas e escudos em <i>Amiens</i>

par Orientis (ND, Or. XI)

<i>Scolae</i>		<i>Fabricae</i>
<i>scutariorum prima</i>	Dioceses do Oriente:	Escudos e armas em <i>Damasci</i>
<i>scutariorum secunda</i>		Escudos e armas em <i>Antiochiae</i>
<i>gentilium seniorum</i>		Cotas de malha em <i>Antiochiae</i>
<i>scutariorum sagittariorum</i>		Escudos e aparato militar em <i>Edesa</i>
<i>scutariorum clibanariorum</i>		Lanças em <i>Irenopolis (Cilicia)</i>
<i>armaturarum iuniorum</i>	Diocese do Ponto:	Couraças/armaduras em <i>Cesarea</i> da Capadócia
<i>Gentilium iuniorum</i>		Escudos e armas em <i>Nicomediae</i>
<i>Scola agentum in rebus et deputati eiusdem scolae</i>		Couraças/armaduras em <i>Nicomediae</i>
	Diocese da Ásia:	Escudos e armas em <i>Sardis (Lydiae)</i>
	Diocese da Trácia:	Escudos e armas em <i>Hadrianopolis Haemimonti</i>
		Escudos e armas em <i>Marcianopoli</i>

dentro do Império, assim, além de inúmeros encargos, eles ainda eram os responsáveis pelo aquartelamento de soldados e detinham funções de embaixadores em várias ocasiões.

	Diocese de Ilíria:	... em <i>Thessalonicensis</i>
		... em <i>Naissatensis</i>
		... em <i>Ratiarensis</i>
		Escudos em <i>Horreomargensis</i>

Como podemos ver na tabela acima, os *magistri officiorum* dirigiam as *scolae*, base da milícia Imperial, e as *fabricae*, lugar onde se produziam os armamentos utilizados em guerras. Eram inúmeras *fabricae*, em diversas localidades e cada qual detinha uma especialidade. Bishop e Coulston acreditam que as fábricas especializadas eram um reflexo das variações culturais regionais, não estando ligadas somente à política tetrárquica de centralização da produção (BISHOP & COULSTON, 2006:238). Tal política, como nos aponta Carrié, foi uma inovação importante realizada no governo do Imperador Diocleciano, que se inscreve no programa de reconstrução militar e financeiro da Tetrarquia. O autor francês ainda aponta que esse não excluía a necessidade da produção privada. (CARRIÉ & ROUSSELLE, 1999:641).

Acreditamos, assim como Bishop e Coulston e Carrié, que nem todas as *fabricae* existentes nos séculos da Antiguidade Tardia eram controladas pelo governo imperial. Os autores chamam a atenção para a necessidade de suplementos bélicos do exército que se expandia na Tetrarquia, principalmente com a ênfase na mobilidade. Ressaltam, ainda, que as *fabricae*, estrategicamente posicionadas, garantiam a funcionalidade do abastecimento do exército que estava em constante movimento. Assim, seria melhor ver as *fabricae* como um espaço para a produção em massa de material para essas tropas, e para campanhas específicas, mas não como as únicas fontes de abastecimento do exército. (BISHOP & COULSTON, 2006:240).

Ao encontro desse pensamento, Michel Feugère acredita que para manter o arsenal sempre equilibrado nas fronteiras, as forças militares que ali se fixavam detinham uma oficina própria. (FEUGÈRE, 2002:187). Destaca, ainda, que a introdução de uma *fabrica* pelo governo central numa localidade podia indicar que naquela região não existia um costume de produzir determinados armamentos importantes para as tropas romanas. Assim, a escolha do que cada *fabrica* oficial ia produzir dependia do que faltava ou era precário em cada localidade.

Como apresentamos, essa documentação pode não apontar as características específicas dos equipamentos militares que eram utilizados nas fileiras romano-bárbaras,

mas sublinha a preocupação do governo em manter abastecido o arsenal bélico das suas tropas³¹, onde elas estivessem.

A principal preocupação do governo imperial, de acordo com a tabela anterior, era com a produção e distribuição dos escudos. Em todas as regiões retratadas na *Notitia* há uma *fabrica* de escudos, são 7 na parte Ocidental e 8 na parte Oriental. Enquanto os outros equipamentos não têm tanto destaque, entre eles estão as cotas de malhas e armaduras, sendo 2 no Ocidente e 3 no Oriente, 4 desenvolvem espadas e outras 4 fabricam arcos e flechas na parte Ocidental, na parte Oriental exista uma *fabrica* de lanças e outra de aparato militar em geral, e indefinidas são 4 no total, uma Ocidental e três Orientais. Acreditamos que essa ênfase no acessório de defesa se dá justamente por uma escolha tática do momento que primava por uma formação da primeira linha com escudos e lanças, sendo esses a receber o primeiro choque do contato com os soldados opositores³² (JANNIARD, 2010:417), e também para manter sempre abastecidos os arsenais das tropas com escudos, minimizando as perdas humanas nas batalhas.

Vale ressaltar que a *Notitia*, além de mostrar as diferentes *fabricae* administradas pelo *magister officiorum*, um oficial civil, também desenvolve a hierarquia dos comandos militares, ou seja, quem estava na lista de responsabilidades de cada comandante militar, seja ele o *magister equitum*, o *magister peditum* ou o *magister militum*. Assinala, ainda, quais eram os nomes das legiões ou *auxiliae* e suas respectivas localidades. Dessa forma, podemos observar como era pensada a estrutura militar no século IV d.C., a obra nos auxilia a entender um pouco a hierarquia militar do exército romano-bárbaro daquele período, que abordaremos com mais detalhes no terceiro capítulo.

Embora seja uma documentação rica, devemos sempre ficar atentos em como utilizar seu conteúdo, uma vez que sua datação ainda é tema de grandes discussões historiográficas, e muitas vezes o elemento argumentativo gira em torno de informações que não estão de acordo ou com outras literaturas ou com o aporte arqueológico. A discussão gira em torno dos anos 392 a 420 d.C. para a datação da *Notitia dignitatum*.

³¹Estamos utilizando o termo tropas para especificar o conjunto de militares de qualquer ramo das forças armadas.

³²Syvain Janniard, em sua tese de doutorado, *Les transformations de l'armée romano-byzantine (III-VI siècles apr. J.-C.): le paradgme de la bataille rangée*, que foi defendida em 2010 na *École des Hautes Etudes en Science Sociale* (EHESS) de Paris, aponta as características de combate da força militar romana-bizantina, sublinhando a formação em linhas (*rangée*), com a primeira delas formadas por soldados com escudos lado a lado, e a utilização da cavalaria juntamente com a infantaria. Dessa forma sua obra inteira é de relevância para o estudo das táticas daquele período.

Aferir uma data à *Notitia* não é um trabalho fácil. Como Derek A. Welsby enfatiza, as diferentes entradas de diversos momentos na documentação impossibilita uma precisão temporal, principalmente na *pars Occidentis*. Ao contrário dessa, a *pars Orientis*, por apresentar um trabalho mais conciso, sem alterações, deixa o trabalho de datação menos complexo, embora ainda não haja pleno consenso.

Mann, assim como A. H. M. Jones, acredita que a *Notitia* teria duas possíveis datas, uma para a parte Oriental, de 395 d.C., logo em seguida à divisão do Império, data que não teria sofrido nenhuma alteração depois que foi redigida. Diferentemente, acredita que a parte Ocidental tenha sofrido alterações no seu texto no início do século V d.C. Mesmo optando por uma datação de 408 d.C. dessa sessão da *Notitia*, as correções que sofreu poderiam chegar até 428 d.C. (1976:05-08; 1991:216-218).

Welsby concorda com a datação de 395 d.C. para a parte Oriental da *Notitia*, mas no que tange à sessão relativa ao Ocidente sublinha que a última atualização teria acontecido em 424 d.C. Para o autor, o documento que temos em mãos era presumidamente utilizado no Ocidente, sendo a parte Oriental retratada a propósito de referência, já que só a parte Ocidental apresenta correções. Em sua concepção, os compiladores da *Notitia* só atualizaram as entradas de que tinham conhecimento, pois poucos capítulos apresentam alterações. (1982:134-135).

Em contraponto a essa historiografia, Michael Kulikowski acredita que as duas sessões tenham sido escritas juntas, de 392 até 396 d.C., porém a parte Oriental teria se mantido sem alterações (2000:358-377). Já no que concerne à parte Ocidental, acredita que essa tenha sofrido diversas atualizações após a sua compilação, o que teria acontecido para que Teodósio se preparasse para a batalha contra Eugênio. Na visão do autor, como não se sabe qual a base e o que foi alterado, não há como averiguar a confiabilidade das informações da parte Ocidental, pois mesmo que tenha sido por aferição ou imaginação, a correção pode ter sido meio de propaganda do Império. (2000:358-377).

Em 2014, Anna Maria Kaiser defende que a obra teria sido compilada em torno de 400 d.C. Sua atenção está voltada para a parte Oriental do Império, pois trabalha comparando a localização das guarnições e unidades específicas apresentadas na região do Egito com os papiros conservados daquela época. Kaiser conclui que as informações contidas na *Notitia* são pertinentes e combinam com a dos papiros (2014:15-17). Assim, rechaça a ideia de que a *Notitia dignitatum* seria fruto da imaginação de alguns para propagandear um Império organizado e próspero.

O único ponto que parece ser um consenso na historiografia é que a *Notitia* foi modificada no seu percurso, recebendo atualizações e novas entradas pelo menos até meados do século V d.C., principalmente em sua versão Ocidental. Acreditamos que, embora exista uma dificuldade em definir a temporalidade da *Notitia dignitatum*, podemos de forma cuidadosa aproveitar-nos de suas informações. Discordamos, dessa forma, de quem acredita que a obra seja fruto de fantasia, pois além de muito bem elaborada é rica em detalhes e imagens, e muitas vezes se coaduna com relatos de outras documentações, sejam elas literárias ou materiais.

Assim sendo, respeitaremos todos os limites da documentação, para que possamos apreender suas informações sem prejuízos, e sempre que possível comparando-a com as outras documentações apresentadas. Acreditamos que a *Notitia* deva ter tido uma maior circulação nos meios militares da parte Ocidental, visto que as mudanças que ocorreram são de cunho militar e do Ocidente. Considerando a importância militar dessa obra, confiamos que será de grande auxílio no momento em que discutirmos a organização do exército na Antiguidade Tardia, no terceiro capítulo.

1.4. A DE RESBUS BELLICIS

A De rebus bellicis é o sétimo texto do *codex Spirensis*, ao qual pertence, também, a *notitia dignitatum*, texto este que foi considerado o mais importante desse código. No item anterior já discorremos sobre os manuscritos que preservaram essas obras, no momento cabe relembrar que é um trabalho que sobreviveu através de cópias feitas nos séculos XV e XVI d.C. por diferentes copistas e com diferentes propósitos. No entanto, o que copiavam era um conjunto de textos que teria sido compilado numa mesma obra no século IX, durante o governo de Carlos Magno. Dessa forma cada texto tem suas próprias particularidades, pois poderia ser de distintas épocas do Império Romano.

De cunho anônimo, a *De rebus bellicis* chama a atenção por um quesito inovador nas documentações da Antiguidade Tardia. Ela apresenta abertamente os problemas econômicos de diversas localidades do Império na medida em que sugere soluções para cada um deles, e quando chega à questão militar supera-se ao expor diferentes maquinários que poderiam ser usados em batalhas. Nesse sentido, Dário Sanchez Vendramini aponta a originalidade da obra no fato dessa não sugerir um retorno a um passado glorioso, mas sim por ser fruto de seu tempo. (VENDRAMINI, 2009:141-146).

Dessa forma, o autor inova e chama a nossa atenção, pois mostra que vivia o seu tempo plenamente, sem ensejos e buscas por algo que já era passado.

Vendramini pondera as duas correntes mais marcantes sobre a *De rebus bellicis*, a alemã, que vê negativamente a obra anônima, tendo Seeck e Brandt³³ como seus representantes; e a ítalo-britânica, que destaca a obra positivamente, com Mazzarino, Thompson e Liebeschuetz³⁴ como seus expoentes. O autor argentino busca um equilíbrio entre essas duas facetas e coloca a obra do autor anônimo do século IV d.C. como “surpreendente e, sem negar suas muitas facetas originais, como uma obra típica de seu período.” (VENDRAMINI, 2009:141). Assim, nem para mais e nem para menos destaca a contemporaneidade da obra.

Dentre as questões mais marcantes, sugere mudanças nos âmbitos econômico, político e militar, no intento de alavancar essas áreas sem perder a eficiência militar diante de outros povos. Andrea Giardina³⁵ descreve a obra como excepcional, composta por um “pequeno dossiê de um romano de grande leitura, que escreveu em latim eclético e desigual, que talvez tivesse tido uma experiência na administração civil, apaixonado dos maquinários e ansioso pelo destino de seu mundo.” E completa dizendo que seria “um dossiê de um amador, mas de um amador genial.” (GIARDINA, 1989:li-lii). O autor anônimo não mostra conhecimento técnico sobre os maquinários, embora tenha uma grande curiosidade e interesse pelo assunto. Mesmo com sua afirmativa, é notório seu interesse pelas questões militares e seu conhecimento das necessidades desse órgão, o que nos leva a crer que teria uma ligação ou contato com os assuntos do exército.

O que sabemos do autor vem do estudo subjetivo de sua obra, pois preferiu não se revelar, mantendo-se anônimo. Uma teoria para o anonimato se justifica pelo teor de sua abordagem, pois apontar soluções para possíveis melhorias da economia, da política e do sistema militar poderia ser visto como uma intromissão indevida. Melhor ficar desconhecido para não receber nenhuma forma de represália. Assim, pouco ou nada se sabe sobre esse autor que não teve destaque no seu tempo, mas que ganha visibilidade nos anos posteriores às suas descrições das engenhosas máquinas de guerra.

O próprio autor busca, na introdução, amenizar o ânimo do governante que lerá seu texto, apelando para a indulgência do Imperador e para a inspiração divina para

³³ Para ambos o autor anônimo não passava de um conspirador e irrealista.

³⁴ Para esses autores o anônimo apresenta grande inteligência e perspicácia.

³⁵ Historiador italiano que traduziu e fez uma introdução da obra do anônimo *De rebus bellicis* em 1989.

escrever sua obra. Em suas palavras podemos ver que sua expectativa é escapar de uma possível indignação do Imperador para com seu trabalho.

[...], Eu espero, colocando primeiro este espécime de meus talentos modestos, ganhar a sua confiança na utilidade do que se segue. Por conseguinte, para garantir que a confiança que você repousar em minha promessa não possa se tornar um fardo para minha consciência no futuro, eu reivindico nenhuma recompensa se a minha promessa não for cumprida, mas sim uma penalidade em vez disso, por isso estou certo de que falo a verdade. Que nenhum elogio ou recompensa seja conferida a mim, nessa parte de meu trabalho é mais do que suficiente escapar de sua indignação com a minha presunção. (*DRB*, Preface. 2).

A aferição da datação do seu conteúdo só pode ser feita pela análise subjetiva da obra, uma vez que não há nenhuma referência direta ao ano de sua escrita. O autor anônimo pode não dar nome ao Imperador a quem dedica sua obra, porém descreve algumas características do período e do governante em questão que nos possibilita averiguar o período da escrita. A historiografia chama a atenção para três palavras escritas na *De rebus bellicis: principes, filios e tyrannos*, que significam, respectivamente, Imperadores, filhos e usurpadores, destaque para o plural (THOMPSON, 1952:1-2; CAMERON, 1979:44; GIARDINA, 1989:LI-LII). Assim, acredita-se que o autor teria escrito num período em que existiam dois Imperadores e que esses teriam filhos, pelo menos um cada um, e que já teriam combatido alguns usurpadores.

Portanto, mais misericordiosos **Imperadores (*principes*)**, que na sua felicidade eterna estimam a glória da boa reputação, e transmitem aos seus **filhos (*filios*)** o afeto devido ao nome romano, dignam-se a considerar os úteis projetos que a Divina Providência inspirou minha mente. (*DRB*, prefácio. 5, grifos meus).

Por isso eles [pobres] muitas vezes infligiram as mais graves lesões sobre o Império, devastando campos, freando a paz com explosões de banditismo, começando animosidades; e passando de um crime para outro, dando suporte a **usurpadores (*tyrannos*)**, a quem trouxe para a glorificação de Sua Majestade Virtuosa: não era bravata que os inspiraram. *DRB*, II. 3, grifos meus).

Em suma, os pesquisadores, analisando esses trechos da obra anônima, buscaram períodos da história do Império Romano pós-morte de Constantino³⁶, os quais se encaixavam às características encontradas no texto. Há quem credita esse momento aos anos dos filhos de Teodósio, no século V d.C. (BRANDT apud VENDRAMINI, 2009:140) ou aos anos de Atanásio e Justiniano, no século VI d.C. (NEHER apud C.O., 1914:106). Porém, a historiografia em geral consente no período do século IV d.C., que abarca da morte de Constantino em 337 d.C. até a batalha de Adrianópolis em 378 d.C.

Thompson em 1952 reduz esse arco cronológico para 366 a 378 d.C., pois antes desse período não existiam dois governantes com filhos, e nesse caso estaria falando dos irmãos Valentiniano I e Valente, tendo 366 sido o ano de nascimento de Graciano, filho de Valentiniano I e futuro sucessor de seu pai. O autor britânico acredita que a obra tenha sido escrita na parte que falava latim do Império, assim teria sido direcionada em especial a Valentiniano I. O conhecimento de grego do anônimo não é negligenciado por Thompson. O autor acredita que o interesse do anônimo pelas fronteiras Orientais se deve ao fato de ele ter escrito a obra na província Ocidental mais próxima do Oriente, Ilíria. (THOMPSON, 1952:1-5).

Alan Cameron, ao contrário de Thompson, acredita que o autor anônimo tenha dedicado sua obra ao Imperador Valente, no Oriente. A seu ver o autor, ao apontar *tyrannos* (usurpadores), no plural, estaria falando de um dos irmãos que teria combatido mais de um *tyrannus* e, no caso, Valentiniano I só enfrentou um usurpador enquanto seu irmão, dois. Mesmo não descartando o interesse de Valentiniano I pelos maquinários (RG, XXX, 9. 4), destaca a política de Valente por colocar máquinas e armas nas muralhas do Danúbio, e 370 d.C. seria um reflexo desse momento e da obra. Considerando esses pontos, Cameron determina os anos de 368 e 369 como os possíveis anos de escrita da *De rebus bellicis*, sendo antes da guerra Gótica e Síria e depois das revoltas de Procópio e Marcelo. (CAMERON, 1979:4-7).

Ponderando essas duas visões, temos Andrea Giordina, que em 1989 traduziu a obra anônima da *De rebus bellicis* para o italiano, e na introdução desse trabalho destacou alguns pontos que lhe chamaram a atenção. Assim, como Thompson e Cameron, acredita que a obra tenha sido escrita na época dos Imperadores Valentiniano I e Valente, no entanto, levanta alguns questionamentos em torno de para quem teria sido dedicada a obra.

³⁶Em outro trecho de sua obra ele aponta que teria acontecido algo na era de Constantino, o que nos indica que estaria falando após esse período.

O autor italiano aceita a argumentação de Cameron, quando este se baseia no plural de *tyrannus*, pois o único que combateu mais de um *tyrannus* foi Valente, no entanto questiona a prevalência da obra no lado Ocidental do Império. Argumenta como o tratado endereçado a um Imperador no Oriente pertence à tradição Ocidental, juntamente com outros documentos de importância para o Ocidente. Giardina aponta duas possíveis explicações, porém deixa a questão em aberto.

Parece que os *tyrannos* encerram a questão de a quem teria sido dedicada a obra, porém deixa em aberto outros dilemas, como o do porquê a obra ter sido propagada no Ocidente. A primeira teoria do historiador italiano, e a menos creditada por ele, seria que o autor anônimo teria enviado uma cópia para os dois Imperadores. A outra hipótese colocaria a corte Imperial do Oriente como transmissora do tratado para o Ocidente. (GIARDINA, 1989:li-lij). Tarefa árdua e ainda sem conclusões.

As duas teorias são possíveis, a primeira tem sua consistência a partir do momento que observamos o autor discorrer acerca de dois *principes com filios*, de forma que a obra poderia ter sido dedicada aos dois Imperadores e não a um só, como se acredita. A segunda mostraria que, embora o Império estivesse sob a égide de dois governantes, esses ainda se comunicavam e integravam/interagiam os assuntos de cada região. Uma teoria não necessariamente exclui a outra, uma vez que para mandar o texto para ambos os governantes, o autor deveria ter uma abertura nas duas cortes, mostrando assim uma comunicação entre elas.

Amiano ao narrar a batalha de Adrianópolis destaca que Valente poderia ter esperado seu colega de governo, Graciano, para reforçar suas linhas e auxiliar no combate (Ami. Marc. XXXI, 12). Esse relato aponta para uma comunicação ativa entre as partes, não só para informar o que estava acontecendo, mas tomar ação caso fosse necessário, como foi o caso. Assim, mesmo distantes mantinham o sentimento de pertencimento de um ideal comum.

No entanto, não tivemos acesso à primeira versão da *De rebus bellicis* do século IV d.C. Essa foi compilada num *codex*, juntamente com outras obras referentes à história do Império Romano, durante o reinado de Carlos Magno no século IX d.C. Ou seja, esse tratado chamou a atenção dos Francos, talvez pelas suas sugestões econômicas ou, mais provável, pelas inovações militares apresentadas. O anônimo sublinha em seu trabalho que os outros povos tinham um maior interesse pelos maquinários de guerra que os Romanos, de maneira que aqueles tinham maior criatividade para inventar tais objetos.

Essa afirmação do anônimo parte de um momento em que o exército está sendo composto por forças romanas e bárbaras, formando um exército romano-bárbaro. De forma que seu relato busca chamar a atenção do Imperador para a habilidade dos que estão junto dele na guerra, mostrando que tinham qualidades que poderiam e deviam ser aproveitadas.

Tal tratado repercutiu de diferentes maneiras durante a história, Thompson nos aponta três períodos distintos de leitura da obra anônima (THOMPSON, 1979:18-20):

1. No período da Renascença foi estudada pelo seu valor prático e por acreditarem na utilidade dos inventos, que nesse momento puderam ser construídos. Inventores famosos estudaram essa obra naquele momento, dentre eles, Konrad Kyeser von Eichstätt³⁷ e Leonardo da Vinci³⁸.
2. Do século XVII até início do XIX d.C. a obra ficou na obscuridade e os inventos foram esquecidos.
3. De 1853 a 1922 houve um retorno aos estudos, as máquinas sozinhas voltam a chamar a atenção dos estudiosos.

E o interesse cresce ainda mais depois da década de 50 do século XX, com as obras de Mazzarino e Thompson em 1952, de Cameron em 1979 e de Giardina em 1989. Em 2009 quem fará um estudo da obra sublinhando as suas características socioeconômicas é o Vendramini, o qual defendeu em seu artigo a intenção do autor anônimo de solucionar os problemas econômicos do Império em que vivia, nem creditando um heroísmo e nem denegrindo a imagem do autor, e sim o localizando como fruto de seu tempo. (VENDRAMINI, 2009:135). O argentino o caracteriza como um diplomático que, antes de um programa político fechado, apresentou sugestões e esboços, enquanto o italiano o coloca como um amador genial. (GIARDINA, 1989:xxxvii).

O anônimo apresenta um texto conciso e direto, suas propostas mostram um conhecimento sobre os acontecimentos do seu mundo e do seu momento. Ele tinha ciência, principalmente, das necessidades político-econômicas e militares e buscou, sobretudo, apontar soluções para esses problemas, sem ficar rememorando os antigos. Como bem apontou Vendramini, um diplomata defendendo suas convicções e estudos.

³⁷Engenheiro militar alemão que nasceu em 1366 e morreu em 1405, viveu na corte de Padua antes de se juntar à cruzada contra os turcos, que acabou com derrota na batalha de Nicópolis em 1396. Após, teria se exilado nas montanhas do vilarejo de Bohemia.

³⁸Leonardo da Vinci nasceu em 1452 e morreu em 1519, destacou-se em diversas áreas: ciência, matemática, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. E foi ainda reconhecido como o precursor da aviação e da balística, entre outras coisas.

O próprio autor retratou seu trabalho como um *libellus*³⁹, um pequeno texto que dividiu em 21 capítulos, dentre os quais do I ao V e do XX ao XXI apresentam propostas de reformas em geral: no âmbito monetário, impostos, direitos e de organização do exército. Já os capítulos do VI ao XIX apresentam uma série de máquinas militares, suas invenções ou sugestões, destinadas a melhorar a efetividade das forças romanas. (VENDRAMINI, 2009:141). Há, ainda, um prefácio, onde o autor introduz a obra aos Imperadores e destaca os pontos que serão abordados no texto. Assim, a obra foi considerada um tratado, principalmente no quesito de inovações bélicas.

No intuito de legitimar sua obra, o autor aponta que a escreveu sobre a inspiração da Divina Providência, como a passagem destacada do prefácio da obra nos indica. No entanto, em nenhum outro momento fala de religião em seu trabalho, seja o cristianismo ou outra. Poderia isso significar que o autor não tivesse uma preferência, mas podemos inferir que ele procurou isentar sua obra de uma disputa religiosa para ser cauteloso. Nesse ponto de vista, o autor astutamente teria evitado que sua obra fosse negligenciada por motivos que não eram pertinentes.

Por outro lado, não deixa de ressaltar a aptidão dos *barbari* para com o maquinário de guerra, principalmente para inventá-los. Aptidão essa que ele não vê entre os romanos, e que procura fomentar com sua obra, em especial quando descreve algumas máquinas que poderiam funcionar e que seriam de grande ajuda para o exército romano-bárbaro, mantendo ou aumentando a eficiência e diminuindo a necessidade de material humano.

E, de fato essa é uma qualidade que vemos concedida sem consideração de pessoas; pois, embora os povos bárbaros não tenham qualquer poder de eloquência e nenhum rank ilustre, ainda eles são de nenhuma forma considerados estranhos à inventividade mecânica, onde a natureza vem à sua ajuda. (*DRB*, prefácio. 4).

Essa curta afirmação, comparando o potencial técnico romano com o dos povos vizinhos, indica-nos que os estrangeiros eram mais interessados nesses maquinários de guerra do que os romanos, sendo eles naturalmente dotados no preparo desses. Considerando a grande exploração destes maquinários pelos povos fora do *limes* romano, já que essa não pertencia à tradição romana, podemos entender por que esse tratado foi preservado pelos carolíngios, no século IX d.C.

³⁹ Opúsculo, escrito de pouca extensão nas páginas ou no conteúdo. Podendo se referir, também, a um pequeno tratado ou de forma pejorativa a um livreco. (Dicionário de Latim-Português do Ernesto Faria, 1956:314).

Embora o autor não mostrasse uma grande perícia técnica, inovou todos os equipamentos (THOMPSON, 1979:76; VENDRAMINI, 2009:145-149), buscando impulsionar a utilização de maquinários, fossem eles antigos ou inventados por ele. Alguns dos maquinários esboçados pelo anônimo já foram vistos em outros relatos, em documentos gregos, por exemplo (THOMPSON, 1979:75). O próprio autor aponta que as máquinas destacadas são frutos de experiências anteriores, a partir das quais incrementou novos elementos para aprimorá-las e modificá-las no intuito de torná-las mais práticas e eficazes, como podemos ver nas passagens abaixo, para citar algumas (ver catálogo de fontes). É provável que tenha realmente inventado algumas, pois não se tem notícias de outras similares.

Tem sido **demonstrado por experiência** que esse tipo de balista, necessária para a defesa das muralhas, é melhor que as outras por causa da sua propulsão e força: posto que, uma vez erguido o arco de ferro sobre a ranhura que arroja a flecha, uma robusta corda de tendão, prendida com um gancho de ferro, empurra esta flecha lançando-a com grande força ao inimigo. (*DRB*, XVII, grifos meus).

Para que o obstáculo dos rios não impeça a necessária marcha do Exército – o qual sucede na maioria das vezes – **a engenhosa necessidade descobriu** para essa eventualidade um remédio realmente simples e extraordinariamente eficaz, que se fabrica do seguinte modo. (*DRB*, XV, grifos meus).

Esta impressionante **máquina tem alguma novidade, pois é em certo modo diferente dos carros anteriores**, já que nesse caso a parte traseira do veículo está equipada com chicotes automáticos para incitar os cavalos, forrado com escudos de ferro afiados e colocado como um parapeito. (*DRB*, XIII, grifos meus).

Dos doze equipamentos esboçados pelo autor da *De rebus bellicis*, somente um é de defesa, o restante constitui armamento de ataque. Diferente, por exemplo, do tratado de Vegécio, o qual descreve o maquinário presente no exército, porém predominantemente de modelos defensivos. Assim como o autor anônimo, Vegécio não enfatiza os detalhes técnicos, e sim o modo de uso e a utilidade específica de cada arma. (THOMPSON, 1979:79; VENDRAMINI, 2009:148).

A *ballista fulminalis* é a única máquina desenvolvida para proteção e não como meio para atacar o inimigo. Posicionada na beirada dos fortes, proporcionava uma defesa à cidade; embora dois soldados fossem necessários para manejar o aparelho, o alcance

poderia ser o ponto positivo do equipamento, pois mantinha o adversário distante. As imagens das outras máquinas, voltadas para auxiliar no ataque⁴⁰, estão localizadas abaixo, e as descrições de cada uma, no catálogo de fontes, no Apêndice.

Ballistae Quadriro (ballista) – Balista de quatro rodas



Fig. 02 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

⁴⁰Todas estão descritas no catálogo de fontes.

Tichodifri / Tichodifrus (tichodifri) – Ticodriфо e Clipeocentri / Clipeus (clipeus) /

Parma (param) – Escudo / Braquel

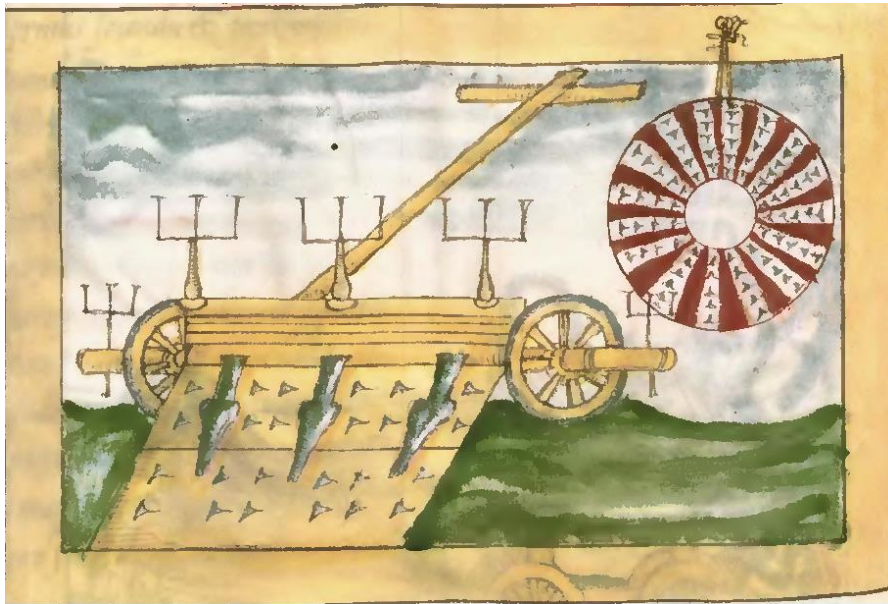


Fig. 03 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

*Plumbatae [et] Tribolatae (plumbata) – Plumbata e Plumbatae mamillatae (plumbata
mamillata) – plumbata amamillada*



Fig. 04 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

Currodrepani



Fig. 05 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

Currodrepani Singularis



Fig. 06 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

Currodrepani Clipeati



Fig. 07 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

Thoracomachi

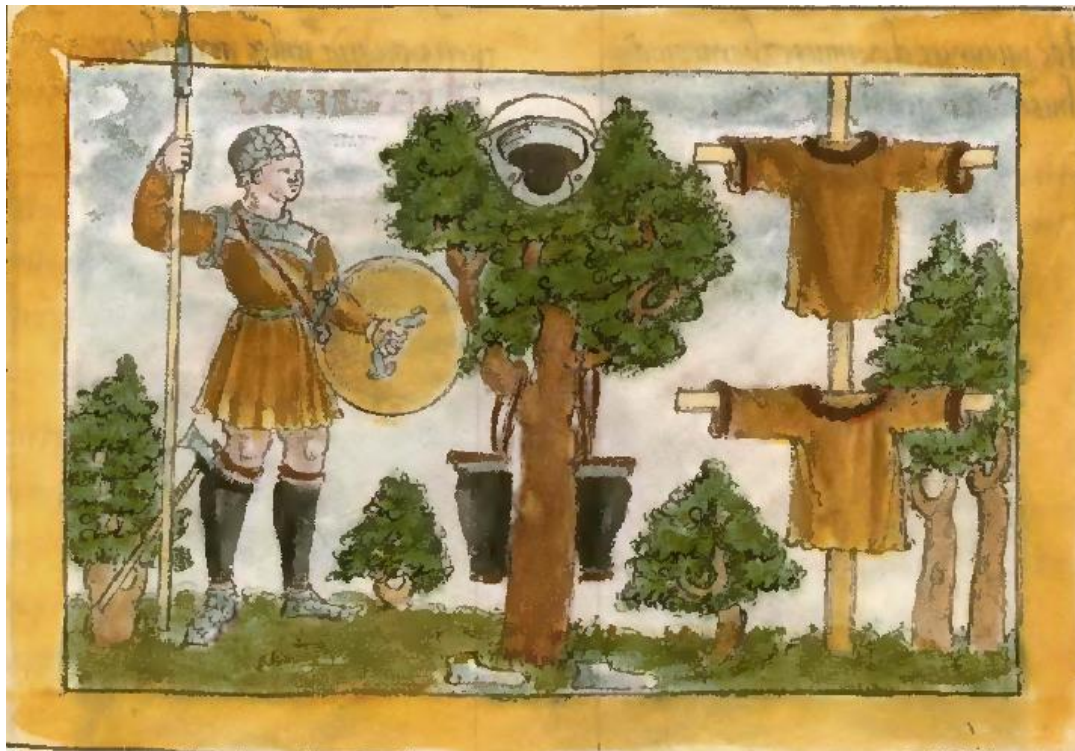


Fig. 08 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

Ascogefyri – esta também foi retratada por Amiano Marcelino (24.3.11).



Fig. 09 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

Liburnae / Liburnam (liburna) – Liburna

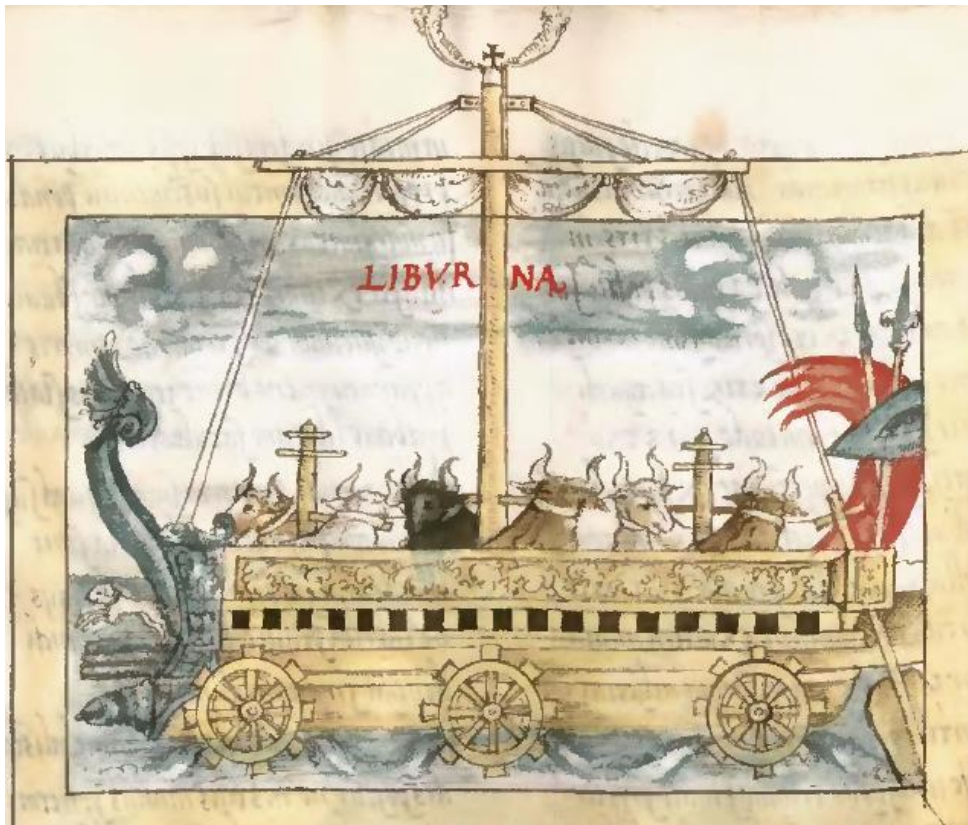


Fig. 10 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

E a *Ballistae Fulminalis (ballista fulmem)*, que é um tipo de balista.

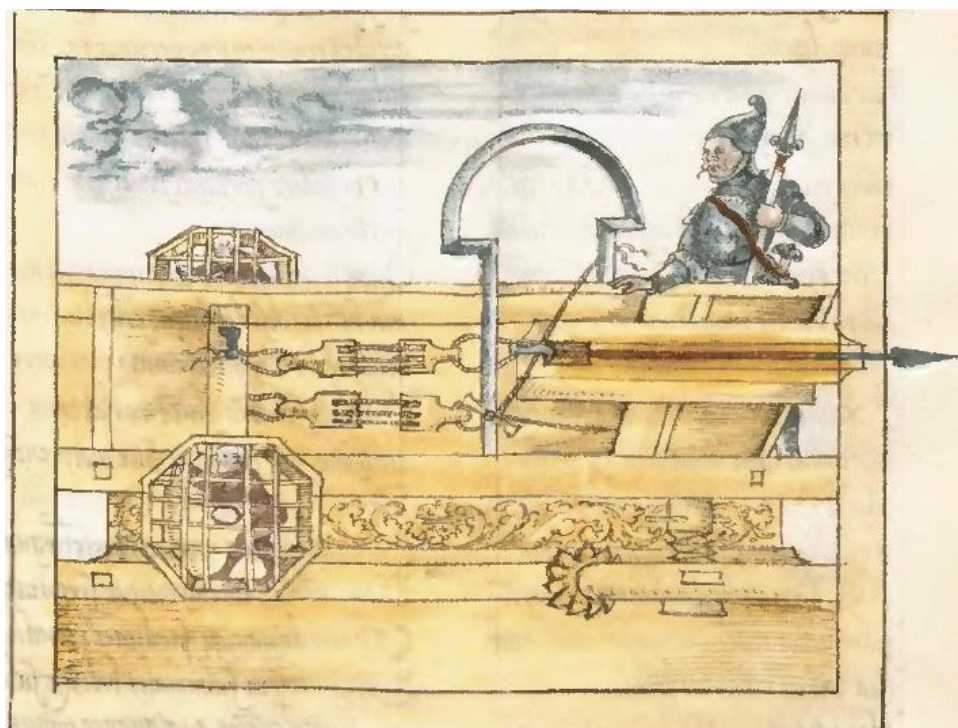


Fig. 11 – Imagem retirada do manuscrito de Munique.

Antes de discorrermos sobre as imagens apresentadas pelo autor anônimo, cabe dizer que pouco material arqueológico sobre esses equipamentos sobreviveu, e os vestígios de engenhos que restaram nem sempre temos como saber de onde eram ou onde se encaixavam. Já, quanto à tradição escrita, vemos maquinários militares serem apontados por Vegécio, Amiano e pela *Notitia dignitatum*, a última apontando onde teria uma fábrica de armas que produzia *ballista*; e os dois primeiros apontaram outros tipos de equipamentos em geral para a defesa do Império.

Dos engenhos descritos pelo anônimo, a *plumbata* é o que mais vemos reproduzido; temos contato com o artefato em si, como podemos ver no anexo XI, e com os relatos de Vegécio. Outros maquinários da *De rebus bellicis*, também, encontram ressonância em outros escritos, como é o caso do *clipeus*, escudo utilizado em um de seus engenhos, mesmo nome que Amiano dá aos escudos dos soldados⁴¹. Outras máquinas, também, se assemelham aos relatos dos outros autores, no entanto pode conter algumas modificações, como é o caso da ponte *Ascogefry*, da *liburna* e da *ballista*.

Como ressaltamos anteriormente a *De rebus bellicis* teve uma maior repercussão no período medieval, quando foi estudada por grandes mestres e pôde sair do papel, pois

⁴¹ Ver catálogo de fontes.

nem o próprio anônimo construiu suas máquinas, já que não mostra nenhuma perícia técnica nesse sentido. Mas mostra uma preocupação com a segurança dos soldados e descreve como eles deveriam estar preparados para a utilização desses maquinários. À medida que mostra variações de engenhos descritos por Amiano e Vegécio, suas observações de como deveriam proceder pode nos indicar o treinamento necessário para a utilização das máquinas de guerra.

Voltando às imagens, o autor da *De rebus bellicis* insere em sua obra imagens de cada equipamento que descreve, no intuito de auxiliar na fabricação e utilização de seus inventos. Uma vez que sem as imagens seria muito difícil montá-las. Para não ter erros na sua utilização, representou-as em posição real de uso. O próprio autor chama a atenção para a importância das imagens em sua obra, de forma que elas fizeram parte do primeiro manuscrito do século IV d.C. No entanto, as imagens reproduzidas no *codex Spirensis* ganharam características carolíngias. (ALEXANDER, 1979:13).

Mas no caso de qualquer dificuldade surgir na construção desses tipos de arma, anexei ao meu discurso um retrato colorido muito preciso dos engenhos de arremesso, de modo que a tarefa de imitá-los possa ser fácil. (RB, VI. 4).

As imagens auxiliaram muito o estudo de suas inovações bélicas, principalmente os estudiosos que vieram depois. Possibilitou um maior entendimento do que queria, do que imaginava. Se era possível ou não construir os seus inventos, é outra questão que fomenta discussões entre os acadêmicos. Sabemos que a *ballista* foi uma arma utilizada na Antiguidade, assim como a *plumbata*. Embora não se veja uma descrição dos engenhos como os do anônimo, percebemos similaridades nos descritos por Amiano e Vegécio. De forma que sabia das necessidades dos soldados em batalha, buscou, assim, mostrar máquinas que poderiam auxiliar nos combates e nos caminhos da guerra. Seus escritos chamaram bastante atenção de inventores em anos posteriores.

A *De rebus bellicis* termina com uma sugestão para a organização militar, no que diz respeito à forma como deviam trabalhar com os maquinários e como deveriam trabalhar os fortes e fortificações. Os soldados deveriam estar devidamente paramentados para garantir a sua segurança, inclusive durante as marchas, principalmente em regiões de gelo, mantendo-se quentes e preparados. Deveriam, também, estar bem posicionados para que não houvesse confusão na hora da batalha, o que poderia prejudicá-los. Quanto aos fortes, estes deveriam ser construídos a intervalos de uma milha, no entanto, não com

dinheiro público e sim com os recursos de donos de terras locais, que os construiriam e manteriam.

Quando o exército com o seu equipamento desafia a batalha, sua eficácia não deve ser diminuída e constrangida por uma aglomeração das tropas que joga as colunas em confusão. Será, portanto, aconselhável para o comandante dispor os soldados em três colunas com intervalos entre elas, de tal forma que cada coluna possa compreender não mais que dois mil soldados: caso contrário, a multidão aglomerada traria sua própria destruição pelos números excessivos dos seus apoiantes, seria esmagada por suas próprias forças. Será aconselhável às tropas, no entanto, quando passarem por regiões de gelo, estarem protegidas pelo *Thoracomachus* e armados com as outras peças do equipamento relacionado à proteção, como o bem-estar de seu físico demanda, de forma que eles possam suportar o frio e conter mísseis, equipados somente com um pequeno escudo. (*DRB*, XIX. 1).

Como podemos notar, em toda a obra o autor anônimo busca uma eficiência, tanto no que tange à diminuição de gastos como ao maior aproveitamento do exército. Sem muito conhecimento técnico, mas com bastante erudição, o autor sublinhou soluções de diferentes maneiras para o Império Romano e seu exército. Inovou a maneira de ver o seu mundo, já que sua obra difere das outras de seu período, trazendo soluções e alternativas sem rememorar ou enobrecer o passado clássico.

Destaca inovações, posturas econômicas e de organização, sempre buscando minimizar os gastos, otimizando e mantendo a eficiência dos órgãos públicos, como o exército romano-bárbaro que era administrado pelo governo central. Assim, podemos dizer que foi um personagem atento ao que acontecia ao seu redor e que tinha acesso às informações civis e militares, podendo assim formar uma consciência crítica de seu período. Nesse panorama, é uma importante obra a ser estudada.

CAPÍTULO SEGUNDO

OS ARTEFATOS MILITARES

O estudo do equipamento militar não é apenas sobre o desenvolvimento de armas e meios mais eficientes de infligir a matança. Na verdade, diria que esse é o seu aspecto de menor importância, pois é uma janela valiosa para as influências culturais e interações, gostos pessoais e habilidades do soldado romano comum. Quando tudo estiver dito e feito, não é das armas, sejam elas *pila*, mosquetes Brown Bess, ou "bombas inteligentes", mas o que é feito com elas que determina o curso da história e afeta a vida de muitos: o hardware é apenas um meio para um fim e deve ser estudado precisamente nesse contexto. (BISHOP & COULSTON, 2006:253).



O curso da história é escrito diariamente pelas ações dos homens, por suas escolhas e atividades socioculturais. Definir ou determinar a importância de pequenos e grandes atos pode ser laborioso, pois sabemos que o coletivo tem a força, mas este é feito de indivíduos. No que diz respeito ao estudo dos equipamentos, diferentemente do que apontou Mike Bishop e Jon Coulston (2006), acreditamos que o desenvolvimento das armas e todo o processo sociocultural que o cerca são intrínsecos às grandes batalhas que mudam o curso da história. Para tanto, estudaremos aqui os armamentos utilizados nos combates da Antiguidade Tardia.

Atualmente vivemos num mundo onde se proliferam diferentes correntes de estudo que podem ou não se convergirem em alguns momentos. A interdisciplinaridade se faz presente e é bem quista no meio acadêmico, assim, psicologia, antropologia,

química, arqueologia, história, etc., começam a trabalhar conjuntamente, acrescentando maiores horizontes à pesquisa acadêmica e científica. Nessa conjuntura, cresce a relação entre a História e a Arqueologia, possibilitando novas análises dos acontecimentos históricos.

A arqueologia se faz bastante presente nas pesquisas históricas atuais e esse diálogo se desenvolveu de diferentes maneiras com a historiografia. Enquanto as outrora gerações de arqueólogos estudavam um antigo instrumento como um elemento cronológico que ajudaria a pôr uma data à cultura à que pertencia o objeto, ou simplesmente olhavam para seu valor estético, os arqueólogos atuais veem o mesmo material como um instrumento para a compreensão do pensamento e dos valores humanos do momento a que pertenceu.

Dentre os estudiosos dessa nova corrente arqueológica no Brasil destaca-se Pedro Paulo Abreu Funari e, em seu ponto de vista, a arqueologia, partindo dos elementos materiais criados e apropriados pelo homem, visa à compreensão do funcionamento e da transformação das sociedades humanas (1988:12). Logo, essa nova perspectiva amplia os espaços, geográficos e temporais, de atuação da arqueologia, pois não a restringe ao período denominado de 'pré-história'. Múltiplas abordagens e milhares de novas características aparecem no estudo histórico arqueológico, o artefato deixa de ser simplesmente uma peça de museu, passa a atuar como um indicador de relações sociais e como mediador das atividades humanas.

Desta maneira, ao empreendermos a análise dos artefatos bélicos, buscaremos compreender como estavam presentes na vida dos soldados, principalmente nos seus treinamentos, na sua preparação para a guerra. Como também sobre a educação e a organização militar romana tardia, levando em consideração os diferentes setores do Exército romano e o hibridismo cultural⁴² militar existente.

Nesta perspectiva, buscaremos respeitar as questões culturais e subjetivas de cada artefato encontrado, ou seja, atentaremos não só para a materialidade do objeto, mas também para o contexto, a interação cultural percebida nos armamentos e os símbolos que porventura nestes encontraremos. As informações resultantes da análise material serão devidamente comparadas e entrelaçadas com as textuais, já que ambas derivam de

⁴² Conceituado na introdução desta Tese.

um mesmo contexto político-cultural militar⁴³. Sendo assim, podemos dizer que nossa percepção arqueológica está inserida no conceito de Arqueologia Histórica apresentada pelo Funari (2002, 2005 e 2008).

A Cultura Material, que nasce na segunda metade do século XIX, abrange não só os referidos artefatos, mas também analisa a interferência humana em outros elementos físicos, dentre os quais podemos citar os monumentos, os campos onde ocorreram batalhas, a arquitetura das cidades, o espaço da casa, do comércio, e muitos outros espaços com os quais o homem teve contato, transformou ou utilizou de alguma forma. O campo arqueológico amplia, assim, suas áreas de interesse e propicia uma nova base de análise, uma vez que novos elementos, como o estudo arqueológico da Antiguidade Tardia, vêm sendo propostos pelos arqueólogos.

Em um esforço conjunto de historiadores e arqueólogos interessados nos estudos dos séculos III ao VIII d.C., um novo campo vem se destacando no estudo arqueológico, a Arqueologia da Antiguidade Tardia. Ainda em estágio inicial, essa abordagem vem aumentando seu espaço com contribuições de diferentes frentes de estudos seja religioso, tecnológico ou militar, para citar só alguns, como podemos acompanhar no jornal editado pela editora Brill, *Late Antiquity Archaeology*⁴⁴.

O volume oitavo⁴⁵ da supracitada coleção destaca o papel da guerra e do modo de combate na Antiguidade Tardia, procurando destacar a contribuição da arqueologia e do

⁴³ Ao nos referirmos ao contexto político-cultural militar estamos abordando os aspectos políticos e culturais existentes dentro da esfera militar, ou seja, buscamos compreender a inter-relação entre as ações político-culturais e militares.

⁴⁴ *Late Antique Archaeology* é uma publicação anual, com distintos trabalhos que são a cada ano sistematicamente direcionados a um tema escolhido, relacionado à reconstrução histórica da sociedade no Mediterrâneo, da ascensão de Diocleciano (283 d.C.) a aproximadamente a metade do século VII d.C. A coleção é editada pelo professor Luke Lavan que a iniciou em 2003 e teve oito publicações até o presente, somente em quatro anos não teve publicações: 2005, 2009, 2012 e 2014. Dentre os volumes, diferentes temas já foram abordados, dentre eles: 2003 – vol. 1: Theory and Practice in Late Antiquity Archaeology (editado por Luke Lavan e William Bowden); 2004 – vol. 2: Recent Research on the Late Antique Countryside (William Bowden, Luke Lavan e Carlos Machado); 2006 – vol. 3.1: Social and Political Life in Late Antiquity (William Bowden, Adam Gutteridge e Carlos Machado); 2007 – vol. 3.2: Housing in Late Antique (Luke Lavan, Lale Özgenel e Alexander Sarantis); 2008 – vol. 4: Technology in Transition A.D. 300-650 (Luke Lavan, Enrico Zanini e Alexander Sarantis); 2008 – vol. 5: Objects in Context, Object in Use (Luke Lavan, Ellen Swift e Toon Putzeys); 2010 – vol. 6: Religious Diversity in Late Antiquity (David M. Gwynn e Susanne Bangert. Idealizado e coordenado por Luke Lavan. Com a assistência de Carlos Machado e Michael Mulrya); 2011 – vol. 7: The Archaeology of Late Antique ‘Paganism’ (Luke Lavan e Michael Mulrya); 2013 – vol. 8: War and Warfare in Late Antiquity (2 vol.) (Alexander Sarantis e Neil Christie).

⁴⁵ Publicado em 2013 em dois volumes, o trabalho explora os fatores que determinaram o curso e o resultado da Guerra na Antiguidade Tardia. O volume 8.1 inclui uma detalhada revisão das questões estratégicas e táticas e oito compreensivos ensaios bibliográficos, que provam uma visão global da literatura. No volume 8.2, capítulos temáticos examinam a estratégia e a inteligência, fortificações e cercos de Guerra, armamentos e equipamentos, fontes literárias e topográficas, e Guerra civil, com trabalhos focados em

estudo da cultura material ao assunto. Fruto de uma conferência⁴⁶, essa coletânea reúne estudiosos de diferentes frentes do estudo do exército romano com opiniões diversas. Chama nossa atenção o estudo sobre os armamentos e equipamentos militares, parte em que o pesquisador Coulston (2013:463) aponta para a capacidade dos romanos de interagir com as culturas ao seu redor.

O termo *Aculturação*, utilizado pelo autor, não é concebido como um termo pejorativo apontando a supremacia de uma cultura sobre a outra. Tal termo vale-se do seu significado primário que, simplesmente, aponta o fenômeno pelo qual um grupo de indivíduos de uma cultura definida entra em contato com uma cultura diferente e se adapta a ela ou dela retira elementos culturais. Considerando o ponto elucidado, podemos observar uma nova perspectiva e abordagem de um antigo conceito veementemente rechaçado em outros tempos.

Coulston nos aponta que a inclusão cultural pauta toda a história dos equipamentos militares romanos e que o “desenvolvimento dos armamentos na Antiguidade Tardia não foi uma forma de ‘degeneração’ ou ‘barbarização’, mas uma aculturação positiva.” Nessa perspectiva, o autor procura ver as mudanças do arsenal militar romano num progresso contínuo, o qual se estabelece perante as interações culturais ao longo do tempo. Descartando, por exemplo, os novos fatores creditados ao ‘declínio’ ou à ‘barbarização’. (COULSTON, 2013:463-467).

Ao apontar uma aculturação, o autor está se referindo a um processo de mútua influência entres povos, se eximindo de usar termos pejorativos que podem denegrir o processo em questão, como o do de ‘barbarização’. Essa influência constitui um enriquecimento cultural, não acarretando depreciação ou exclusão de uma das culturas envolvidas. Além de Coulston, Alain Chauvot, um estudioso das relações romano-bárbaras, procura ver esse termo como a incorporação por parte de um povo dos elementos culturais de outro povo, sendo este politicamente independente. (CHAUVOT, 2001:82).

A interação com diferentes povos trouxe novos elementos para a cultura romana, inclusive, e principalmente, no desenvolvimento de novos equipamentos bélicos que foram utilizados pelos soldados do Império Romano. Embora possamos observar esse

determinadas regiões geográficas, palcos de guerras e guerrilhas no Império Romano Ocidental no IV e V século d.C., e nos Balcãs e na fronteira Oriental do IV ao VII séculos d.C.

⁴⁶ Livro fruto de uma conferência ocorrida em 2007 na cidade de Oxford, “The Archaeology of War in Late Antique”, contendo os trabalhos apresentados e outros de contribuidores.

processo ao longo de muitos séculos da História do Império Romano, destacaremos as nuances ocorridas no século IV d.C., pois é um momento de intensa movimentação político-cultural no âmbito militar. A preocupação com as insistentes investidas dos outros povos nas fronteiras e, principalmente, com os conflitos internos do Império levou os Imperadores a desenvolverem novas políticas administrativas e organizacionais para o Exército Romano.

Tanto o Imperador Diocleciano quanto o Imperador Constantino estabeleceram mudanças no corpo bélico do Império. O primeiro formou uma nova guarda, que acompanhava e era liderada pelo governante imperial ou pelo general no comando, o *Comitatus*⁴⁷ (JONES, 1964:52; CARRIÉ, 1999:621); também foi esse governante que reestruturou as *fabricae*, voltadas à produção de armamentos, tirando a responsabilidade de fabrico dos equipamentos das tropas e relegando as fundições controladas pelo governo central (FEUGÈRE, 2002:187).

Michel Feugère acredita que as novas *fabricae* localizavam-se perto dos campos de treinamentos, com suas distintas especialidades, ou seja, nas regiões em que havia exercícios voltados à prática do arco provavelmente tinha uma *fabrica* que provisionava os equipamentos necessários a essa prática. Porém, muitas das forças militares (legiões, auxilia), que estavam estabelecidas nas fronteiras do Império, continuavam a sustentar uma oficina para manter abastecido seu arsenal.

As políticas de Diocleciano afetaram a produção dos armamentos militares utilizados pelos soldados, tornando-os menos sofisticados e mais fáceis de serem produzidos em grande escala, como podemos ver nos Elmos de Ferro⁴⁸. Embora exemplos como os elmos de Berkasovo e Deurne⁴⁹ nos apontem para a existência de fundições que primavam pelo trabalho mais detalhado, possivelmente fábricas particulares produziam peças sob encomendas.

As modificações do Imperador Constantino foram voltadas para a organização das tropas militares romanas. Constantino consolidou uma política que vinha sendo desenvolvida desde o século II d.C. (FERRIL, 1989:33; JONES, 1964:97), dividindo a força militar em duas grandes frentes, o exército das fronteiras, os quais fixavam base nas fronteiras do Império; e o exército móvel, uma força central formada pelos *comitatenses*

⁴⁷ *Comitatus*: exército ‘móvel’, de ‘primeira classe’, sob as ordens dos mestres de milícia, ou melhor, como ‘um exército central de intervenção’, como frequentemente é definido. (CARRIÉ, 1999:764).

⁴⁸ n. 03 do catálogo.

⁴⁹ n. 01 e 02 do catálogo, respectivamente.

e que se deslocavam de acordo com as necessidades. Para comandar esse Exército dois novos cargos oficiais foram criados, o de *magister peditum* e o de *magister equitum*, os quais possuíam grande prestígio, e ambos comandavam a força central do Império.

Um desafio se apresenta neste momento do Exército Romano, pois com as novas políticas o contingente de soldados precisa aumentar, e, para suprir essa carência do Império, soldados de diferentes povos foram recrutados para o serviço. Essa prática sempre teve seu espaço no Exército romano, no entanto, é no século IV d.C. que essa mão de obra passa a ter maior expressão dentro do corpo bélico romano.

Os bárbaros inseridos no Império Romano chegaram a alcançar postos de comando dentro da hierarquia militar romana (LIEBESCHUETZ, 1990:22; CHAUVOT, 2001:92; POTTER, 2004:580), dessa forma suas habilidades guerreiras foram ressaltadas e seus conhecimentos utilizados no desenvolvimento das guerras. A contribuição militar de diferentes povos, tanto no que concerne aos efetivos quanto à liderança do Exército, foi de imenso valor e ajudou a fortalecer as fileiras do Ocidente e do Oriente (COULSTON, 2013:482). Considerando a elevada posição desses dentro do Exército romano, acreditamos que poderiam influenciar desde a escolha do soldado ao seu treinamento, das escolhas táticas às estratégias para a proteção do *limes* romano, participavam, inclusive, da aclamação de novos Imperadores, como foram os casos de Joviano e Valentiniano I⁵⁰.

Embora não consigamos precisar as variantes etnológicas de um artefato, podemos considerar que a inserção do bárbaro no mundo romano e as constantes batalhas com diferentes povos acarretaram mudanças nos equipamentos militares e, conseqüentemente, no treinamento dos soldados. Dentre os equipamentos, podemos citar o arco e flecha⁵¹, a espada longa⁵², o machado, entre outros que sofreram algum tipo de modificação, seja por intervenção do bárbaro inserido ou pelo aprendizado em campo de guerra.

Os conflitos bélicos requerem um conhecimento da sua própria capacidade e da habilidade dos seus oponentes, desde a utilização das armas até o entendimento tático e estratégico de cada parte. Com essas informações o comandante pode melhor preparar seus soldados para o campo de batalha, tornando, assim, a sua força ofensiva e defensiva

⁵⁰ Tanto o Joviano quanto Valentiniano I chegaram ao cargo imperial pelas mãos do Exército. Em uma cúpula que reunia os altos comandos do Exército eles foram eleitos Imperadores. Liebeschuetz sublinha que tais generais eram de origem bárbara (1990:8-9).

⁵¹ Como podemos no Anexo XV.

⁵² Como podemos ver nas fichas catalográficas número 08, 09, 10 e 11.

mais eficaz. Dessa maneira, podemos sublinhar que o contato com o outro, seja ele dentro do exército ou no prélio, conflui para um aprimoramento no modo de combate.

A interação cultural entre os diferentes povos era intensa naquele momento, principalmente no que se refere ao âmbito militar. Compreender os diferentes processos de guerra de cada povo auxiliava a montar a estratégia de guerra, pois ao perceberem eficiência no sistema alheio, este poderia ser adotado, aprimorado e posto em prática, garantindo, assim, um dinamismo dentro do exército.

Para Coulston, o desenvolvimento dos equipamentos romanos se deu por dois impulsos: “determinismo técnico e a troca cultural.” (2006:269). Ambos os fatores combinados impulsionaram as significativas mudanças nos armamentos e nas táticas militares. Michel Kazanski aponta que as armas dos povos germânicos e de seus vizinhos se tornaram mais apropriadas às manobras táticas de curto alcance e rápidas das fileiras dispersas. Ao perceber um grande volume desses equipamentos no território romano, Kazanski sugere que a mesma tática estava sendo empregada pelas tropas bárbaras do Exército Romano. (KAZANSKI, 2013:493).

O exército romano possuía uma grande capacidade de adaptação, pois no decorrer do tempo absorveu os conhecimentos dos outros povos, seja de forma direta, ao recrutar soldados dessas regiões para combater nas fileiras do exército romano, ou de forma indireta, ao interagir com as outras culturas durante as campanhas militares. Embora vejamos essa característica bem marcante na força bélica romana, acreditamos que o inverso também tenha ocorrido.

Logo, a tecnologia armamentista, a formação no campo de batalha e a tática estão intrinsecamente interligadas, de forma que diferentes tipos de armas se adequavam a diferentes formações e, conseqüentemente, eram necessárias novas táticas para um eficiente combate. Do mesmo modo, se a formação ou a tática mudassem, os equipamentos também se adaptariam ao novo panorama. Assim sendo, podemos dizer que a partir do estudo dos equipamentos militares pode-se perceber como eram utilizados e em qual formação tinham um maior rendimento.

Concomitante a essa relação, arma-formação-tática, podemos dizer que para uma maior eficácia dessa tríade eram necessários treinamento e disciplina dos soldados. Pois cada arma tem uma característica própria e essa deve ser amplamente compreendida para uma maior eficácia na batalha. De forma que podemos considerar que as transformações e o advento de novos equipamentos nas fileiras romanas acarretaram uma nova série de exercícios a serem praticados rotineiramente pelos guerreiros.

As espadas longas, alguns tipos de armaduras, elmos⁵³, arco⁵⁴, e outros armamentos foram adaptados ao uso do exército romano. Veremos a seguir um estudo desses e de outros equipamentos que eram utilizados nas fileiras militares, buscando fazer uma análise em torno dos objetos encontrados, desde sua materialidade, onde foi achado, até o seu uso. Quanto às questões mais subjetivas, como qual seria o exercício ideal para garantir a maior eficiência da arma num combate, serão analisadas no quarto capítulo.

Sendo assim, no decorrer deste capítulo, buscaremos compreender o contexto em que os equipamentos militares foram legados a nosso conhecimento, para mais adiante observarmos como eram utilizados em batalha e qual deveria ser o treinamento para cada tipo de armamento. Logo, a partir de uma amostra dos armamentos que eram utilizados no século IV d.C., pretendemos entender como o exército era preparado para a batalha.

2.1. LOCALIZAÇÃO DOS ARTEFATOS MILITARES

Muito se sabe e se estuda sobre os equipamentos militares e sua utilização nos séculos do Principado Romano, no entanto o período que abrange a Antiguidade Tardia somente começou a despertar o interesse de estudiosos e arqueólogos na década de 80 do século XX. Atualmente podemos encontrar alguns estudos que contribuem para o entendimento desses armamentos, tanto na historiografia britânica como na alemã, francesa, italiana, dinamarquesa e holandesa⁵⁵.

Tais estudos nos apontam que houve algumas inovações no campo dos armamentos militares, dentre as quais podemos citar a introdução de um tipo novo de dardo que possui um bulbo de chumbo no meio de sua haste, aumentando seu poder de penetração, a *plumbata*⁵⁶ ou, como denomina Vegécio, *mattiobarbulus*⁵⁷. Esse míssil, atirado com a mão, possuía uma ponta farpada, assim como as dos dardos do mesmo período encontrado nos pântanos dinamarqueses, em Nydam e Ejsbøl. Tanto Coulston quanto Feuguère e Southern & Dixon acreditam que algumas das variantes dos dardos romanos podem ter sido introduzidas nas cidades germânicas e reintroduzidas no território romano nos séculos II e IV d.C., ligando o *pilum* com o germânico *ango*⁵⁸.

⁵³ Fichas de 01 a 05.

⁵⁴ Anexos XV.

⁵⁵ As historiografias alemãs, dinamarquesa e holandesa são lidas na sua versão inglesa.

⁵⁶ Fichas 12 e 13.

⁵⁷ *ERM*, I. 17.

⁵⁸ Podemos ver algumas imagens desses artefatos no anexo XIII.

Outro equipamento que desde fins do século II d.C. ganha projeção é a espada longa, a qual terá uma importante função no combate corpo a corpo. Ela ocupou o lugar que era do gládio em tempos anteriores. (BISHOP & COULSTON, 2006:203; FEUGUÈRE, 2002:183-184). Esse novo modelo de espada, não muito mais pesado que o de sua predecessora, utiliza a energia da força muscular mais que a massa e o ímpeto do golpe de um machado. (JAMES, 2011:34).

Esses e outros artefatos militares romanos podem ser achados em três diferentes sítios: túmulos, fortificações e em pântanos. Tais sítios arqueológicos possuem características próprias, cada qual com diferentes propósitos, porém em todos foram encontrados resquícios da cultura militar do Império Romano. Soldados teriam sido enterrados com seus armamentos, fortificações teriam ainda resquícios de seus antepassados e depósitos em pântanos eram comuns como oferenda aos deuses. Dessa forma, nosso propósito neste momento é compreender quais são esses ambientes em que foram encontrados os equipamentos militares do século IV d.C.

2.1.1. TÚMULOS COM ARTEFATOS MILITARES

Cada túmulo encontrado encerra uma história distinta, de quem teria sido essa pessoa, qual teria sido sua vida, como foi sua morte e por que foi enterrado dessa forma e nesse local. Um pouco podemos aferir a partir de estudos do contexto em que foi encontrado o túmulo e dos objetos que foram encontrados junto com a ossada, podendo ser de diferente natureza, de vasos a espadas. Ao observarmos esses artefatos, averiguamos alguns fatos referentes ao dono deles que ali se encontra enterrado.

Quando encontramos materiais ligados a atividades bélicas, como espadas, cintos, broches, bainhas ou artefatos da cavalaria, averiguamos que o dono desses objetos era um militar, um soldado, uma pessoa ligada à atividade guerreira. No contato com esses artefatos, e através de exames da ossada, podemos ainda analisar se há alguma outra informação, seja de cunho material ou biológico, que nos aponte para o *status* social do personagem. Tais estudos possibilitaram assegurar que a cova de Serinstor, na Colônia (Alemanha), pertencia a um guerreiro bárbaro oficial do exército romano. (MARTIN-KILCHER, 1993:299).

A prática de enterrar os mortos com suas armas não era comum entre os romanos em tempos anteriores, porém na Antiguidade Tardia era mais comum os equipamentos serem enterrados com seus donos. Esse costume aparece mais marcadamente em outras

culturas, por essa razão, não se sabe se o seu aumento nos séculos tardios da História do Império Romano se deu por uma popularização desse costume entre os romanos ou se devido ao grande influxo de estrangeiros dentro do território romano. (COULSTON, 2006:33; BISHOP, 2011:118).

Mesmo não tendo sido uma prática cultural comum entre os romanos, as armas que são encontradas nesses túmulos são de origem romano-bárbara, o que nos aponta algumas de suas características ou inscrições nelas contidas. Curioso notar que nem todos os armamentos são comumente encontrados em covas, por exemplo, o elmo é um artefato que raramente aparece nesse tipo de sítio. Temos notícia de um exemplar ter sido encontrado num túmulo na Romênia (Concești), datado do início do século V d.C. e do tipo Berkasovo⁵⁹. (DAUTOVA-RUŠEVLJAN; VUJOVIĆ, 2011:23).

No entanto, um artefato bastante comum de ser encontrado em túmulos são os cintos militares, utilizados pelos soldados como distinção de *status* social, diferenciando o civil do soldado. Outro acessório que, também, distinguia-os era a sandália (*caligae*) (HOSS, 2012:29). Distintos armamentos aparecem nos achados militares em túmulos: as espadas com as bainhas, as pontas de lanças e de dardos, assim como os broches⁶⁰ e machados, este último não muito comum.

Contudo, cabe ressaltar algumas limitações desses tipos de sítios, dentre as quais podemos apontar a dificuldade em datá-los, pois não existem meios seguros para esse procedimento, alguns poucos puderam ser definidos numismaticamente, pois foram encontradas moedas junto às covas. (COULSTON, 2006: 218). Sendo assim, temos que ser cuidadosos com a periodização dos achados em túmulos.

Verificamos, ao estudarmos a espada de Severinstor⁶¹, que dois historiadores, um inglês e outro francês, com vasta experiência no campo de equipamentos romanos, Coulston (2006:202) e Feuguère (2002:118), respectivamente, entre outros estudiosos, discutem a datação desse túmulo. Como ressaltado anteriormente, a fixação de uma data para os artefatos encontrados em tumbas não consegue ser muito precisa, possivelmente a referida espada se encontra num período de final do século III e princípio do IV d.C. (MARTIN-KILCHER, 1993:299).

Como podemos observar, a datação é a maior dificuldade nesses sítios. A forma mais utilizada para precisar o período de um objeto encontrado em funerais consiste na

⁵⁹ n. 01 do catálogo.

⁶⁰ Podemos ver algumas imagens desses artefatos no anexo VII.

⁶¹ n. 09 do catálogo.

identificação de alguns objetos, ou que já possuem uma tipologia preestabelecida, ou que contenha em si elementos de identificação, como imagens conhecidas, nomes, símbolos entre outros. Logo, um processo delicado que auxilia a identificar a época em que o material foi utilizado.

As tumbas, portanto, possuem um riquíssimo material a ser analisado e que pode nos trazer importantes informações sobre os equipamentos bélicos utilizados pelos soldados. Porém, temos que estar sempre atentos às especificidades do trabalho com túmulos, inclusive quanto à sua datação.

2.1.2. FORTIFICAÇÕES

Ao longo da Antiguidade Tardia vemos crescer o número de fortificações, fossem para impor um domínio sobre a população local ou para defender o território, elas se proliferaram em todo território do Império Romano. Alexander Sarantis (2013) aponta que as fortificações poderiam ser ou não de cunho militar, pois nem sempre elas possuíam tamanho ideal para abrigar tantos soldados. Dessa forma, a fortificação, também, possuía um papel dentro do espaço urbano a que pertencia, fomentando a vida social, política e econômica da região. (SARANTIS, 2013:11-18).

Apesar de suas aparências levarem à direta dedução de que serviam somente para a defesa, as fortificações possuíam, igualmente, uma função ofensiva, já que tal construção era um meio de estabelecer o poder Romano não só ao longo da sua fronteira, mas para além dela. Com uma estratégia que poderia ir além do defensivo e ofensivo, as fortificações estabeleciam contatos com diversos grupos, estivessem eles dentro ou fora do *limes* romano; dependendo, exclusivamente, das circunstâncias diplomáticas e da disponibilidade de recursos da região. (SARANTIS, 2013: 15,20).

As fortificações eram designadas a atrasar e desgastar o inimigo, tornando-se, assim, um espaço com intenso movimento militar. Embora marcada por constante presença de soldados, poucos são os equipamentos militares encontrados em fortes, dentre eles é possível identificar desde elmos, ponta de lança e de flecha, a fragmentos de arcos, cintos e broches, entre outros itens diversos. (COULSTON, 2010:51).

Diferentes processos podem ser usados para definir a datação de uma fortificação. Harald Von Petrikovits, em 1971 (p.178), faz um estudo sobre as fortificações da Antiguidade Tardia e aponta as inscrições, as evidências literárias, os tijolos estampados,

os pequenos achados datáveis⁶² como os meios para localizar temporalmente os fortes. Após 20 anos de estudos, Coulston (2010:51) ressalta que a partir do estudo da forma e da decoração dos materiais encontrados, também, se pode inferir a datação; tal método é pautado por análises prévias de artefatos datados.

Ainda hoje é um processo bastante utilizado nos sítios arqueológicos para determinar a idade do objeto, o qual consiste na análise estratigráfica do solo para perceber o período das diferentes camadas encontradas na área escavada. (GROH & SEDLMAYER, 2012:485). Ao permitir diferenciar características, como o período de enterramento, o contexto geológico e biológico, o local de origem, etc., tal processo conduz a uma compreensão mais profunda dos objetos encontrados. Dessa maneira, os estudos dos objetos (moedas, cerâmicas – com uma extensa tipologia conhecida), insígnias, inscrições, formas e decorações em conjunto com análise estratigráfica do solo conseguem apontar a cronologia⁶³ do sítio estudado.

Dentre os objetos encontrados nas fortificações, destacam-se as peças da artilharia, como: fragmentos de arcos⁶⁴ (instrumentos fabricados com madeira, material perecível às condições climáticas e ambientais), pontas de flechas, *plumbatae*, elmos (Intercisa⁶⁵), fragmentos de *balistae*. Esses achados nos fortes não são de todo uma surpresa, uma vez que muitas tropas romanas concentraram-se em torno do *limes*.

Dentre os artefatos militares que aparecem em nosso catálogo, o Elmo de Intercisa (n. 04), o de Augst (n. 05) e as plumbatas (n. 12 e 13) foram encontrados em fortalezas romanas. Estão localizados ao longo do que era a fronteira Norte do Império Romano, respectivamente nas cidades atuais de Intercisa (Hungria), *Augst – Augusta Raurica* (Suíça), Augsburg (Alemanha), Carnuntum (Austria) e Zemun (Sérvia – antiga *Taurunum*). As duas primeiras e a quarta foram construídas entre os séculos III a V d.C., a terceira e a última teria sua construção datada no século I d.C. (VON PETRIKOVITS, 1971:204). No entanto, todas serviram de base para o exército romano alocar seu arsenal

⁶² As limitações das pequenas descobertas e outras evidências arqueológicas para fins de datação são muito bem conhecidas para suportar a repetição, e nem é preciso enfatizar que a tipologia dos pequenos achados tardo-romanos ainda não foi tão amplamente estudada como a do Principado.

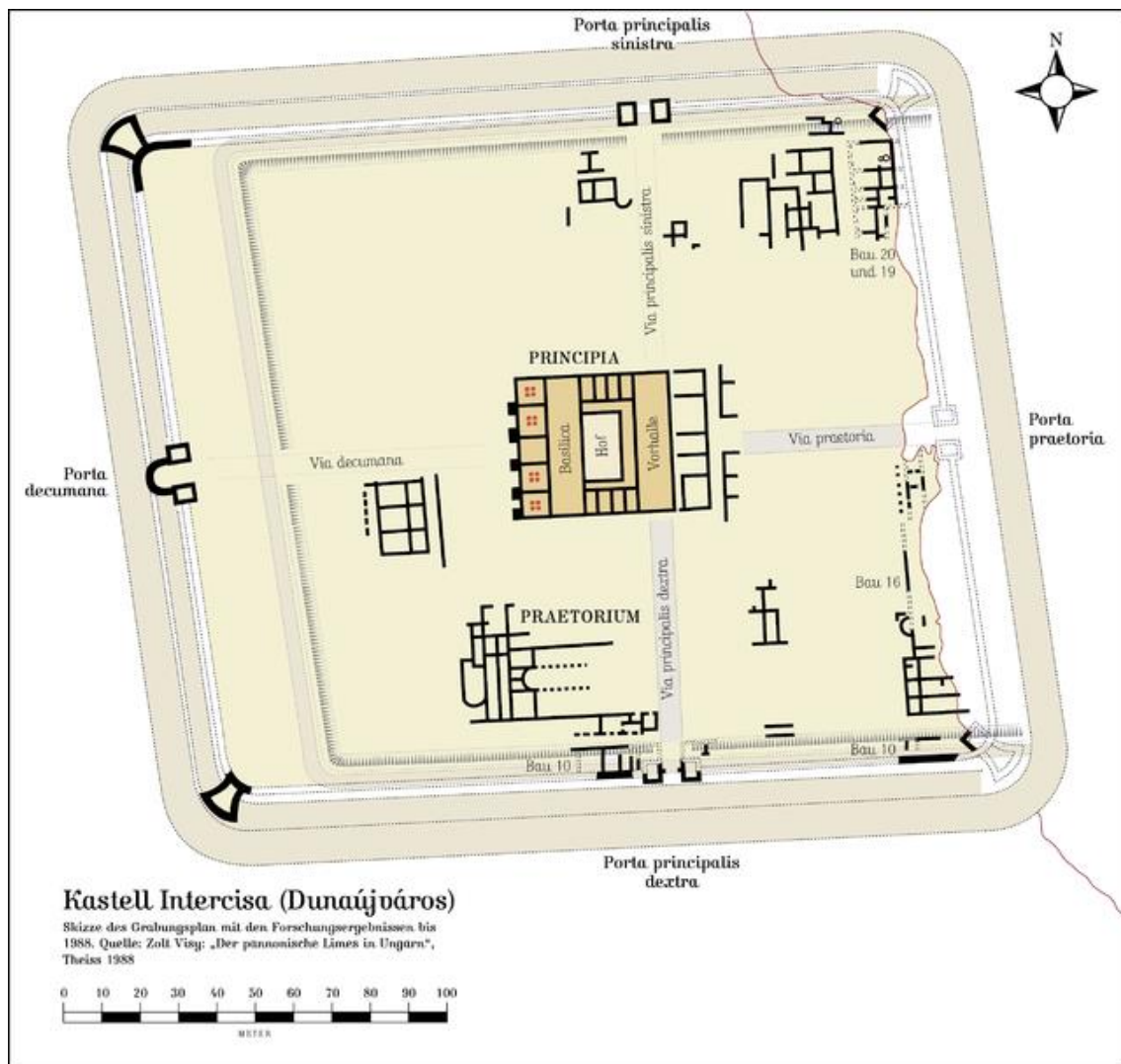
⁶³ O estudo da estratificação nos leva ao conhecimento da cronologia relativa, a qual determina a sequência dos acontecimentos com base na anterioridade ou sequencialidade de formações geológicas. (Cronologia relativa. In Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-08-20]. Disponível na [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$cronologia-relativa>](http://www.infopedia.pt/$cronologia-relativa).). Esse estudo em conjunto com os estudos dos artefatos permite precisar o período de cada camada geológica, auxiliando, assim, na datação de materiais encontrados em mesmo estrato.

⁶⁴ Ver anexo XV.

⁶⁵ n. 04 do catálogo.

e proteger seu território, podendo ter servido de campo para treinamentos e acampamento militar – *castrum*.

O forte de Intercisa está localizado na região da antiga Panônia, e sua datação está posta no período de Constantino, entre 306 e 337 d.C., construído como uma fortificação militar e com o propósito de fortalecer a fronteira. (VON PETRIKOVITS, 1971:213).



O forte romano de Intercisa. Kastell Intercisa (Dunaújváros): Skizze des Grabungsplan mit den Forschungsergebnissen. Quelle: Zolt Visy: „Der pannonische Limes in Ungarn“, Theiss 1988. In: <http://it.wikipedia.org/wiki/Intercisa>. Visitado em 18/02/2015

Mesmo a cidade de *Augusta Raurica* tendo sido fundada em 44 a.C., o forte encontrado nesse sítio foi construído no ano de 300 d.C. para proteger a ponte do Reno, a princípio ocupada pela *I Martia*, uma legião do exército romano. (PRO AUGUSTA RAURICA FOUNDATION, 1966).



Forte de *Augusta Raurica*, atual Augst, na Suíça. In: <http://www.augustarauruca.ch/en/visit/sights/kaiseraugst-fort/>. Visitado em 07/03/2015.

Já Augsburg era conhecida como *Augusta Vindelicorum* no seu tempo romano. Cidade fundada por Augusto em 14 d.C. após a conquista da *Raetia* por Druso. Durante a segunda metade do século IV d.C. os romanos se retiraram dessa guarnição e a passaram aos Alamanos⁶⁶.

Carnuntum foi um campo militar formado para abrigar a 15^a legião no governo do Imperador Claudio em 40 d.C., foi palco de eventos importantes e em meados do século IV d.C. foi abandonado e os soldados foram transferidos a outra guarnição. (BEATTIE, 2010:20).

66 Dictionary of Greek and Roman Geography, illustrated by numerous engravings on wood. William Smith, LLD. London. Walton and Maberly, Upper Gower Street and Ivy Lane, Paternoster Row; John Murray, Albemarle Street. 1854.



Ruínas da cidade militar – anfiteatro; localizado na parte de fora da fortaleza romana de Carnuntum. In: <http://en.wikipedia.org/wiki/Carnuntum>. Visitado em 07/03/2015.

A última, Zenum, na atual Sérvia e antiga cidade romana de *Taurunum*, sabe-se que passou a ser governada pelos romanos no século I d.C., tendo permanecida por três séculos sob a influência dos romanos. Além de sua função militar, foi um entreposto comercial de significativa expressão para a região, graças à sua posição no Danúbio.

2.1.3. PÂNTANOS

Nem sempre o local de achado nos diz a quem devemos atribuir a origem de um artefato, ou por quem ele teria sido usado. De forma que um procedimento mais detalhado é requerido, analisando não só o local, mas, também, as condições em que foram encontrados os objetos e o próprio material em si, avaliando suas características, formas, insígnias ou símbolos que possam nos remeter a uma determinada cultura de um povo. Portanto, cabe sempre estarmos atentos ao contexto arqueológico dos equipamentos encontrados.

Um exemplo que podemos aludir a essas condições são os armamentos militares romanos encontrados em pântanos da Dinamarca. Embora as terras dinamarquesas nunca tenham feito parte da extensão do território romano, muitos equipamentos militares

romanos de diferentes tipos foram encontrados em seus terrenos pantanosos. Porém, algumas características desses materiais nos remetem aos utilizados pelos romanos e em alguns é possível identificar desenhos que nos reportam à cultura romana. Sendo possível, assim, apontar o Império Romano como o produtor de tais artefatos.

Os sítios arqueológicos encontrados na Dinamarca possuem artefatos bélicos desde o período pré-romano até as grandes imigrações, dos séculos IV e V d.C. Somando os 24 pântanos escavados nessa região, existem em torno de 40 mil objetos em forma de armas e fragmentos de armamentos, equipamentos pessoais, ferramentas e partes de navios de exércitos vencidos. (JØRGENSEN, 2003:16).



As planícies de Illerup-Adal do sudeste. BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten*: v. 11 & 12. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2006, p. 15.

Conrad Engelhardt, em 1858, foi pioneiro na escavação e no estudo dos pântanos dinamarqueses, e ao longo dos anos muitos outros espaços foram sendo encontrados e arqueologicamente analisados. Atualmente, esses espaços constituem-se em grande manancial para o estudo da organização militar e seu aparelhamento.



Distribuição de pântanos no sul da Escandinávia onde foram encontrados equipamentos militares.

ILKJÆR, Jørgen. Danish war booty sacrifices. In: JØRGENSEN, Lars; STORGAARD, Birge; GEBAUER, Thomsen. *The Spoils of Victory: the North in the shadow of the Roman Empire*. National Museum of Denmark, 2003, p. 44.

A partir da grande gama de artefatos bélicos encontrados em solos escandinavos é possível estabelecer um amplo estudo em torno dos armamentos que circulavam nas fileiras romanas. É possível, a partir da análise desses materiais, estabelecer tipologias das espadas, das lanças e dos dardos, como podemos notar nos anexos IX, XIV e XIII.

Interessante notar que, embora as terras que hoje chamamos de Dinamarca não tenham pertencido ao domínio romano em nenhum momento de sua história, essa possuiu em suas terras um repertório considerável de armas romanas. Tal fato se deve ao costume local de fazer sacrifícios com as armas conquistadas dos inimigos, nesse processo os equipamentos recolhidos são primeiro inutilizados, ou seja, danificados, e depois atirados na água. Dessa forma, podemos observar como esses artefatos circularam por diferentes territórios, não se restringindo às terras regidas pelo governo romano.

Tal movimentação nos permite perceber o alcance da cultura bélica romana. A prática de recolher o armamento alheio podia ser proveitosa para alguns povos, pois podiam analisar o arsenal do oponente e aprimorar sua própria munição e/ou utilizá-lo

em sacrifícios aos deuses. Seja para qual finalidade for, a preocupação com a cultura material do outro sugere um intercâmbio cultural.

Dentre os 24 pântanos em que foram encontrados armamentos militares romanos, somente 4 são conhecidos por terem artefatos do quarto século d.C. São eles: Illerup, Dallerup, Ejsbøl e Nydam. A seguir apontaremos algumas das características desses sítios arqueológicos, nos quais foram encontrados alguns dos objetos que se encontram no nosso catálogo, sendo eles os artefatos 08, 10 e de 14 a 28.



Mapa de distribuição dos pântanos escandinavos da época C3-D.

BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten*: v. 11 & 12. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2006, p. 337.

→ Illerup:

Com uma área de 100.000 m², somente 40.000 m² foram explorados. Foi encontrada uma variedade de equipamentos dentro do arco temporal de 200 d.C. a 500 d.C. Por terem sido jogados em um ambiente de calcário⁶⁷, materiais como metal,

⁶⁷ Os solos calcários são relativamente alcalinos, em outras palavras, eles têm um alto pH. Isto é por causa da acidez muito fraca de ácido carbônico. Nota-se que essa não é a única razão para a alta de pH do solo. Eles são caracterizados pela presença de carbonado de cálcio. Ou seja, um ambiente com o mínimo de acidez.

madeira, ossos, chifres e fibras de planta (cordas) foram preservados, enquanto couro e lã pereceram. Logo, o ambiente cuidou de conservar muitos dos objetos que ali foram jogados.

Graças a mais de 1.000 conjuntos de fragmentos, foi possível identificar três agrupamentos nesta região:

Sítio A – período de 187-205 d.C., e está por toda a área escavada.

Sítio B – período de 200-250 d.C.

Sítio C – período de 350 a 520 d.C., parte onde foram encontrados os equipamentos descritos no catálogo, do 14 ao 28.

→ Dallerup:

Localizado ao sul da região de Harsens, na Dinamarca, também possui uma extensão de 100.000 m². Em torno de 40 itens de armamentos foram ali encontrados, como espadas, pontas de lanças e de dardos, equipamentos para cavalos, partes de punhos de espadas e acessórios da bainha. Esses objetos foram encontrados em boas condições, sem sinais de terem sido queimados.

→ Ejsbøl:

Com uma área ainda maior, em torno de 300.000 m², este pântano está em Ejsbøl norte e Ejsbøl sul, abrangendo um arco cronológico que vai de 1 a 520 d.C. Houve diferentes depósitos em diferentes momentos, abrangendo sacrifícios nos quais os objetos foram queimados, e outros em que não há sinais de terem sido incendiados. O estudo deste sítio começou em 1955 e, embora por muito tempo os estudiosos tenham acreditado ter coberto toda a extensão, em 1998 novos achados retomaram a pesquisa na região. Em meio aos artefatos encontrados estão os dardos, lanças e espada, como é o caso da espada apresentada na ficha n. 10 do catálogo.

→ Nydam:

Nesta região foram encontradas 100 espadas, além de diferentes tipos de objetos, em sua maioria, relacionados à atividade bélica. Os mais antigos são datados de 200 a

320 d.C. e os mais recentes, de 320 a 520 d.C. Dentre esses achados, muitos foram deliberadamente danificados, porém aparentemente não queimados.

Embora haja na região da Escandinávia, principalmente na Dinamarca, um grande número de pântanos que nos legou uma gama de armamentos, outros sítios semelhantes também foram encontrados em outras localidades. Caso de Deurne, um pântano na Holanda no qual foi encontrado um Elmo bem adornado e característico do século IV d.C., conhecido hoje como o Elmo de Deurne. Artefato retratado no nosso catálogo (n. 02).

Após abordarmos os diferentes sítios em que materiais militares foram encontrados nos últimos séculos, e suas especificidades, passaremos agora à análise contextual de cada artefato retratado no catálogo.

2.2. ARTEFATOS MILITARES

Os artefatos militares do Principado Romano são bastante conhecidos e analisados, em contrapartida os da Antiguidade Tardia só irão chamar a atenção dos estudiosos na década de 80 do século XX, até então, poucas notícias se têm sobre o assunto. Se pouco se sabia sobre os equipamentos, menos ainda se sabe dos exercícios para a sua utilização. O que pretendemos neste momento é averiguar quais eram os armamentos em uso no século IV d.C.

A pouca publicação dos objetos encontrados pelos arqueólogos prejudica a circulação do artefato nos meios acadêmicos, deixando o conhecimento do objeto restrito a quem o achou ou a quem está próximo do achado. Com isso, pouca informação em torno dos equipamentos militares romanos da Antiguidade Tardia é conhecida.

Atualmente, vemos crescer timidamente a divulgação, porém ainda há a barreira linguística. Os achados militares de Illerup Adal, pântano da Dinamarca no qual foram encontrados inúmeros armamentos militares do século II ao V d.C., estão muito bem catalogados numa série de 12 livros editada por diferentes estudiosos (Claus von Carnap-Bornheim, Jørgen, Ilkjær, Marcin Biborski, Aleksander Bursche, Xenia Pauli Jensen, Lars Chr Nørbach), os quais fazem ainda um estudo em torno de cada tipo de armamento, porém na língua alemã, pouco acessada pelos estudantes brasileiros.

Podemos dividir os equipamentos em duas categorias: os equipamentos de defesa e os equipamentos de ataque. Como o próprio nome sugere, um serve para se defender e proteger o soldado e sua fileira, e o outro para golpear o inimigo. Veremos a seguir um

panorama desses dois conjuntos, especificando os artefatos militares destacados em nosso catálogo.

2.2.1. EQUIPAMENTOS DE DEFESA

Os armamentos de proteção, como o próprio nome sugere, são equipamentos que protegem os soldados de golpes que poderiam ser fatais. Dentre eles encontramos os elmos, blindando a cabeça; os escudos, protegendo o corpo de investidas das espadas e dos dardos adversários; as armaduras, mais firmes nesse intento, pois estão ligadas ao corpo evitando que projéteis perfurem o soldado com facilidade; a bainha da espada, que não só carrega a espada como é desenvolvida para não machucar o corpo daquele que a carrega; entre outros objetos. Em contrapartida, por serem produzidos com metais pesados, esses equipamentos sobrecarregavam o guerreiro, tornando-o mais lento; para habituar o soldado ao peso era necessário muito treinamento, no qual ele se exercitava com uma carga dobrada de peso, de forma que na hora da batalha o peso não fosse um empecilho ao seu desempenho.

Infelizmente, pouco ou nada foi encontrado das armaduras e dos escudos⁶⁸ do século IV d.C., o último feito de material perecível, a madeira, pouco sobrevive e depende muito das condições do ambiente. O que se sabe sobre esses equipamentos baseia-se em estudos de comparação com os de anos anteriores e posteriores, na percepção das diferenças e semelhanças pode-se propor o que foi utilizado nos anos intermediários.

Neste momento, portanto, nos focaremos nos equipamentos de defesa que encontramos e que estão catalogados, casos do elmo e das pontas da bainha⁶⁹. No entanto, buscaremos notícias desses outros armamentos nas fontes textuais e na historiografia, para que tenhamos uma base de como eram protegidos os soldados romanos no século IV d.C.

ELMOS

Equipamentos desenvolvidos para proteção da região da cabeça, e que no século IV d.C. continuou sendo um equipamento de defesa de grande importância, pois além de

⁶⁸ Podemos ver algumas imagens desse artefato no anexo VIII.

⁶⁹ n. 06 e 07 do catálogo.

sua função prática, também exibia o *status* a que pertencia o soldado. Dentre os Elmos que apresentamos, podemos ver dos mais simples aos mais elaborados e ornados, o que nos mostra que, embora houvesse uma tendência a simplificar a fabricação, ainda existia interesse de oficiais em ornamentar seus elmos. (FEUGUÈRE, 2002:162).

Feuguère, ao se debruçar sobre os elmos romanos da Antiguidade Tardia, aponta diferenças com os utilizados no Principado pelos soldados, principalmente na sua fabricação. O autor acredita que a falta de mão de obra especializada e o aumento do efetivo militar tenha impulsionado uma simplificação de produção, pois deveriam se ter mais elmos em menor tempo.

Embora ainda existissem fábricas particulares que desenvolviam elmos mais elaborados, a base deles, tanto do mais simples quanto do mais decorado, era similar (SOUTHERN & DIXON, 1996:93). Dessa forma, a maior diferença entre os elmos era o visual, como ele era visto por fora, já que a base tem as mesmas características. Como vemos nas imagens do catálogo, números de 01 a 05, desenvolveram um ‘T’ frontal resguardando o nariz, uma abertura nas laterais e eram feitos em peças separadas para depois serem ligados.

Dentre dos elmos que destacamos do século IV d.C., citamos, em ordem de aparição no catálogo:

→ n. 01: Berkasovo

O elmo representado na ficha catalográfica foi encontrado em 1955, na cidade de Berkasovo, Sérvia, antiga Sirmium, capital da Panônia. Região esta que possuía um campo militar, abrigando assim um destacamento do exército romano, com destaque para a cavalaria, como aponta a *Notitia dignitatum*. (DAUTOVA-RUŠEVLJAN; VUJOVIĆ, 2011:103). Nesse período foram encontrados dois elmos com padrões em relevo. O Berkasovo I, o qual estamos analisando, foi achado em ótimas condições mostrando seus adornos ricamente elaborados e suas pedras vidradas, que imitavam as preciosas. Pela riqueza apresentada e por ter sido encontrado juntamente com artefatos equinos, como arreios, acredita-se que esse elmo tenha sido elaborado para um soldado da cavalaria. (DAUTOVA-RUŠEVLJAN; VUJOVIĆ, 2011:96).

Berkasovo I foi construído em quatro partes e depois ligado por rebites. Diferentemente dos elmos mais simples do período, o de Berkasovo apresenta alto grau de proteção para seu usuário, tendo uma aba de pescoço alongada e uma proteção para o

nariz. Na região de Budapeste, na Hungria, foi encontrado um elmo similar a esse, com as mesmas características e adornos. Considerando a distância de quase 400 km entre as duas cidades, podemos apontar que existia ou um intercâmbio de conhecimentos entre os artesãos ou uma grande mobilidade dos soldados. Dentre as diferenças que existem em toda a extensão Exército Romano, pequenos pontos de similaridades nos chamam a atenção, como é o caso desses elmos.

Após cinquenta anos da descoberta dos elmos de Berkasovo, um novo elmo foi encontrado na mesma região, o elmo de Jarak. Sem os adornos do Berkasovo, porém finamente trabalhado. Os três elmos, os dois de Berkasovo e o de Jarak, encontram-se hoje conservados e expostos ao público pelo Museu de Vojvodina, em Navi Sad.

→ n. 02: Deurne

O Elmo de Deurne foi encontrado em 1910 num pântano na municipalidade de Deurne, na Holanda, quando o objeto foi apropriado pelos especialistas do Museu Nacional de Leiden, foi restaurado e analisado. O cume teria sido feito de ferro e couro, no qual finas placas de prata dourada eram afixadas com pregos de bronze. Nesta parte do elmo encontramos escrito o nome do fabricante “M TITVS LVNAMIS LIBR I – L” (Marcus Titus Lunamis); e na parte direita aparece “STABLESIA VI”, nome da 6ª unidade de *Equites Stablesini*. Foi encontrado com 38 moedas de bronze, cunhadas entre 315 e 319 d.C., o que remete a datação do elmo ao século IV d.C. Não se sabe como esses objetos foram parar nesse pântano, pois diferentemente dos encontrados na Dinamarca, não possui nenhuma evidência de que tenha sido uma depósito sacrificial, uma vez que poucos artefatos foram encontrados junto com o referido elmo. (KEURS, 2010:18).

→ n. 03: Elmo de Ferro

Elmo encontrado em Augsburg, na Alemanha, antiga *Augusta Vindelicorum*, junto com outros dois de mesmo modelo. Elmo que se difere do tipo Intercisa, por não ter furos na região auricular, e a proteção do nariz o aproxima do estilo do de Berkasovo. Embora com notadas semelhanças com elmos do período, forma uma tipologia única já que é uma peça simples, que leva dobradiças na junção da proteção das bochechas com o restante do elmo. De modelo simples, apresenta uma forma simplificada de se montar um elmo, com diferentes partes montadas separadamente e depois ligadas por gonzos. Hoje

se encontra guardado em uma coleção privada nos Estados Unidos da América, *Antiquities from the Axel Guttman Collection and other Properties*.

→ n. 04: Intercisa

Achado em Augsburg-Pfersee, na Alemanha, antiga *Augusta Vindelicorum*, foi nomeada capital da Raetia Romana pela sua estratégica localização entre os rios Lech e Wertach (afluente do Danúbio) e seu acesso aos Alpes. (WEEK & MEDEIROS, 2015:235). Desde a fundação da cidade, uma base militar nela se alocava, e com o passar do tempo também virou um polo econômico.

O elmo foi encontrado às margens do rio Wertach, perto da cidade de Augsburg-Pfersee. Muito possível que tenha pertencido a algum soldado da cidade. O equipamento não se encontra em perfeitas condições, mas podemos averiguar que possuía uma fina folha de prata dourada, furos para a junção com as partes de proteção da bochecha e da nuca, como outros modelos da época possuíam, a proteção nasal e possivelmente as cavidades dos ouvidos eram abertas.

→ n. 05: Augst

Elmo de modelo Augst ou Intercisa foi encontrado em Augst, na Suíça, antiga *Augusta Raurica*, inicialmente uma colônia estabelecida em XV a.C. por um general romano. Com o tempo, a cidade foi ganhando importância econômica, além da militar, por estar localizada entre rotas Norte-Sul e Leste-Oeste das terras do Rio Reno. Hoje existe na cidade um grande sítio arqueológico de pesquisa, os vestígios romanos de outrora. Atualmente é aberto ao público e leva o nome da antiga cidade romana. Foi nesse contexto que foi achado o referido elmo.

Tal equipamento de proteção possui uma abertura auricular, para facilitar a escuta do soldado às ordens no campo de batalha. No período muitos comandos eram dados nos campos de batalha, fazendo-se necessário que o soldado lhes entendessem para manter a disciplina no embate. Nem todos os elmos possuíam essa abertura, como pudemos observar nos artefatos anteriores.

BAINHA E ACESSÓRIOS

As fichas 06 e 07 representam uma ponta de bainha. Era feita de metal, em geral ferro, e servia para guardar a ponta da espada, evitando que o portador da espada se machucasse. Pouco se tem notícia de uma bainha inteira, uma vez que essa era feita de tecido, material bastante perecível, pouco sobreviveu, a única parte que temos para análise é a ponta, pois era feita de um material mais resistente ao tempo.

Infelizmente não temos muitos dados do artefato da ficha 06, avalia-se que deve ser do século IV d. C., porém pouco ou nada se sabe de onde teria vindo. O que chama a atenção neste objeto é a cruz que se vê no meio, o que nos leva a supor que o cristianismo estava presente nas fileiras armadas romanas.

Já a segunda ponta de bainha, n. 07, foi encontrada numa cova na região de Colônia, na Alemanha, o túmulo de Severinstor. Junto com ela outros objetos foram encontrados, como uma Espada de ferro, representada na ficha n. 11. Pelos objetos que foram depositados junto com o corpo, espada, bainha, cinto, entre outros, podemos afirmar que a cova de Severinstor pertencia a um oficial de origem bárbara (MARTIN-KILCHER, 1993:299).

Os túmulos proporcionam uma gama de materiais militares a serem estudados, já que foram encontradas diversas sepulturas com artefatos bélicos. A interação com outras culturas amentou a prática entre os guerreiros de serem enterrados com seus equipamentos, possibilitando-nos um maior conhecimento dos objetos que eram usados pelos soldados do exército romano.

ESCUDOS

No que se refere aos escudos, pouco sabemos, pois raros são seus vestígios arqueológicos. (FEUGUÈRE, 2002:89). O que sabemos está relacionado à pequena amostra que conseguiu chegar a nós, seja como artefatos, como imagens ou pela literatura. Em alguns sítios Romanos do século IV d.C., foram encontradas algumas peças ligadas ao escudo, as que eram feitas em metais (material menos perecível ao tempo que a madeira, material da maior parte do escudo), tais como barras em Liberchies I e Tavieres e *bosses*⁷⁰ em Vindolanda e Gundremmingen. (BISHOP & COULSTON, 2006:216).

⁷⁰ Hemisfério de metal colocado no centro do escudo, e o seu bordo superior normalmente reforçado com um pouco de metal. (Le BOHEC, 2006:112). Também conhecido como *umbo*.

No sítio arqueológico de Dura Europos, do século III d.C., foi encontrada a maior concentração de escudos de que temos notícia, são 24 placas de escudos (entre completas e fragmentos), 6 barras de reforço e 21 ornamentos. (SOUTHERN & DIXON, 1996:99). Sendo a partir dessa descoberta que conhecemos um pouco mais sobre o escudo na Antiguidade Tardia. Em sua maioria, os escudos eram ovais e, além do núcleo⁷¹, que era de metal, o artefato era composto de madeira e couro. Na sua frente existia um desenho característico, como um símbolo que poderia identificar a posição do soldado na linha de frente.

ARMADURAS⁷²

Por se tratar de um equipamento de grande importância, pois garantia a vida numa batalha e tinha um preço considerável, não encontramos armaduras esquecidas em campos de batalha ou deixadas para trás em muralhas. Nestes contextos é mais provável encontrarmos fragmentos de armaduras; usualmente, achados em contexto de cerco consiste em objetos pequenos, numerosos e de baixo valor, como ponta de flecha. (COULSTON, 1990:146).

Embora a evidência material para o século IV d.C. seja extremamente limitada, pedaços de uma cota de malha datada do fim do século IV e início do V d.C. foi achada em Weiler-la-Tour - Luxemburgo – e Independența - Romania. (SOUTHERN & DIXON, 1996:98; BISHOP & COULSTON, 2006:208). Também conseguimos algumas pistas em esculturas, monumentos, pinturas e na literatura. Acreditamos que a armadura não tenha caído em desuso, como o próprio Vegécio aponta (1.20). Mesmo com as poucas evidências materiais, acreditamos que a cota de malhas tenha permanecido no equipamento defensivo do exército romano, pois a estrutura tática, do século III ao V d.C., continuou demandando que a infantaria romana usasse armadura. (BISHOP & COULSTON, 2006:208).

⁷¹O núcleo do escudo, ou *umbo*, é a peça redonda, convexa ou cônica no centro de um escudo. O núcleo do escudo (ou apenas núcleo ou em inglês *boss*) é normalmente feito de metal grosso, mas também poderia ser feito de madeira. O centro foi originalmente concebido para desviar os golpes do centro de escudo redondos, no entanto, eles também forneceram um lugar para montar o aperto do escudo.

⁷² Vestimenta originalmente de metal usada para proteção às armas brancas durante uma batalha, dos soldados, guerreiros e cavaleiros.

2.2.2. EQUIPAMENTOS DE ATAQUE

Os equipamentos de ataque são aqueles, como o nome sugere, utilizados para desferir golpes nos adversários. Espadas, lanças, dardos, todos feitos e desenvolvidos no intuito de melhorar o desempenho na hora da batalha. Para garantir eficiência dos armamentos são necessárias horas diárias de treinamento, mantendo, assim, o soldado sempre ativo e pronto para utilizar todos os recursos de que dispõe.

Da mesma forma que os equipamentos de defesa, os de ataque também têm seu peso, levando os soldados a fazer seus exercícios com uma carga de sobrepeso maior. Dessa forma, na hora da batalha o peso da arma não será um empecilho à eficácia do soldado no combate.

Dentre os poucos objetos que encontramos estão as plumbatas, as espadas, os dardos e as lanças, um rico material que nos auxilia a perceber como era o aparato militar do século IV d.C. e qual a habilidade necessária para manejá-lo. Não temos muitas evidências de alguns equipamentos, como é o caso do arco, pois, por ser produzido com material perecível, não resistiu ao tempo. Entretanto, com o auxílio dos estudos arqueológicos e da historiografia, poderemos traçar o uso desse artefato nas fileiras do exército romano da Antiguidade Tardia.

Logo, neste momento, focaremos nossa análise nos equipamentos de ataque que encontramos e que estão catalogados.

ESPADAS

Dentre as quatro espadas que estão representadas no catálogo, dos números 08 a 11, duas foram encontradas no mesmo pântano dinamarquês, Ejsbøl, a 08 e a 10, as outras duas, 09 e 11, foram encontradas em diferentes sepulturas. A primeira, 09, é conhecida como espada de Abeville, pois foi encontrada nessa região do norte da França, ao lado de um esqueleto, onde havia outros objetos, como moedas, cintos entre outros, e que auxiliaram na datação da espada.

Já a segunda, 11, foi encontrada no túmulo de um oficial em Severinstor, Cologne na Alemanha. Onde, também, foram encontrados outros artefatos que auxiliaram na localização temporal da cova. No passado, essa cidade situava-se no norte da Gália, à beira do rio Reno, fronteira com os povos germânicos.

São quatro espadas com características distintas, tanto que cada uma pertence a um tipo, ver anexo IX. Essa diversidade nos indica que não existia uma regularização dos armamentos, ao seja, o soldado poderia usar a espada que melhor lhe cabia, preservando sua identidade.

PLUMBATA

Ambas as plumbatas foram encontradas em campos militares, a primeira, representada na ficha 12, foi encontrada na Sérvia, na cidade hoje conhecida como Zenum, localizada no distrito de Belgrado, no período Romano era conhecida como *Taurunum*, ficava na Panônia Inferior, já na fronteira com a Dácia⁷³. Nessa cidade existia uma fortaleza romana, local onde foi encontrada a referida plumbata.

Já a segunda, representada na ficha n. 13, foi encontrada num campo militar de *Carnuntum*⁷⁴, também pertencente à antiga Panônia superior. Hoje se encontra na região da atual Áustria, onde existe o Parque Arqueológico de Carnuntum, que se dedica a estudar os achados da região. Tal cidade serviu de base militar e foi palco de reuniões imperiais, localiza-se na borda superior da Panônia, já fazendo fronteira com os povos germânicos.

As duas plumbatas foram encontradas em fronteiras com outros povos, em duas cidades distantes, porém dentro da mesma província romana. Sabemos que era uma arma utilizada com frequência pelos soldados, não só pelo grande número de plumbatas achadas⁷⁵, mas pelo relato de Vegécio, que aponta que cada soldado levava consigo cinco desses projéteis guardados no escudo (1.17)⁷⁶. De forma que os soldados eram treinados nessa arte, também.

⁷³ Ver em Mapas, o mapa da Panônia Romana.

⁷⁴ Ver em Mapas, o mapa da Panônia Romana.

⁷⁵ Ver anexo XI.

⁷⁶ “Além disso, costumavam transportar cinco *mattiobarbuli* metidos dentro dos escudos, os quais, sendo arremessados pelos soldados no tempo devido, fazem com que os escudeiros de infantaria quase pareçam imitar o ofício dos arqueiros. Na verdade, ferem gravemente os inimigos e os cavalos antes que eles não só possam chegar ao corpo a corpo, mas também antes de eles estarem ao alcance dos restantes misseis.” (ERM, 1.17).

DARDOS E LANÇAS

Todos os Dardos e Lanças presentes no catálogo do número 14 ao 21 (dardos) e do 22 ao 28 (lanças) foram encontrados na região da Dinamarca, nos pântanos. Em específico o de Illerup, como observamos acima, esse espaço teria sido um lago em que eram depositados os sacrifícios aos Deuses. Ao levarmos em consideração que o Império Romano não alcançou as terras hoje denominadas de Dinamarca, cabe-nos aferir que quem lançou esses equipamentos no lago como oferenda tenha sido algum outro povo que vivia na região. Resta-nos responder: onde eles teriam adquirido tais objetos? Poderia ser por espólio de guerra, negociação na fronteira ou assalto.

Seja como for, os equipamentos encontrados nos pântanos dinamarqueses estavam danificados, logo, acredita-se que antes de serem jogados nos lagos os armamentos eram inutilizados. Por se tratar de um ambiente com pouca acidez, as partes metálicas sobreviveram e chegaram até os nossos dias, diferentemente de objetos feitos de tecidos e madeira. Dessa forma, pontas de lanças e de dardos podem ser analisadas, e nos mostra a variedade existente de tipos de uma mesma arma.

A gama de diferentes formas de lanças e dardos encontradas num mesmo local nos leva a pensar que não existia uma norma para o armamento utilizado pelo soldado, de forma que cabia ao guerreiro a escolha do melhor estilo de lança a ser usado por ele. Deixar livre ao soldado a escolha de seus equipamentos mostra-nos que a individualidade do guerreiro dentro das fileiras bélicas do Império Romano era preservada.

ARCO E FLECHA

Mesmo o Arco não pertencendo à tradição romana, foi largamente utilizado no aparato militar romano após sua introdução no fim da República romana, principalmente no período do Império (COULSTON, 1985:220). Como podemos ver no anexo XV, requeria-se grande conhecimento técnico para se produzir um arco, pois além de elaborado, demandava longo tempo, no mínimo um ano, podendo chegar até dez anos para ficar pronto. (COULSTON, 2006:236).

Existiam diferentes tipos de arcos, para diferentes ações e estilos. Cada qual se adaptava a determinada situação, considerando o tamanho do arco, a força do músculo do ombro e das costas e a estabilidade dos pés. De forma que exigia muito do soldado que o

empunhava, ele necessitava de longo período de treinamento e de disciplina para conseguir retesar um arco consecutivamente durante um embate.

O arco é composto de um núcleo de madeira que fornecia a forma básica, e osso, chifre e tendões aderidos a essa base. Os tendões é que davam a flexibilidade ao arco. (SOUTHERN & DIXON, 1996:116). Considerando que os materiais do arco são bastante perecíveis, pouco sobreviveu até os nossos dias. Foram encontrados somente pequenos fragmentos, geralmente da parte que era feita de osso ou outro material mais resistente ao tempo.

Dentre os que podemos datar do século IV d.C. estão os 17 fragmentos encontrados na região de Intercisa, antiga Panônia Superior, perto do forte, que variam do quase completo de 32,5 cm ao menor de 4,6 cm. (COULSTON, 1985:233; 2006:205). Os arcos compostos recebem esse nome por serem fabricados com mais de um material, não foram uma inovação do século IV d.C., mas experimentou nesse período grande fortuna. (LE BOHEC, 2006:110).

Dentre os objetos que elencamos, todos foram encontrados perto de zonas fronteiriças, tanto do lado romano como do lado oposto da fronteira, como é o caso dos artefatos encontrados em solo dinamarquês. Um grande número de fortaleza protegia e demarcava o território romano no século IV d.C., as fortificações possuíam, também, funções sociopolíticas para as regiões em que eram fixadas, como vimos anteriormente. Tais zonas fronteiriças possuíam grande interlocução cultural, uma vez que era ponto de encontro de pelo menos duas culturas diferentes, dessa forma é uma região que está sempre em mutação.

Interessante notar com o relato desses artefatos a diversidade e a identidade encontrada dentro das fileiras militares romanas do século IV d.C. Pois, desde elementos decorativos a armamentos de ataque, o elemento pessoal contava, não existia um uniforme predeterminado. Havia, sim, uma norma, em que o soldado devia ter um Elmo, um escudo e uma espada e que devia cuidar bem deles, mas não existia uma regulamentação para como devia ser cada um desses equipamentos, visto que os elmos poderiam ser decorados aleatoriamente, as espadas tinham diferentes tamanhos e espessuras, existiam diferentes tipos de lanças, dardo e arcos. Sendo assim, podemos apontar que a individualidade de cada soldado era preservada na escolha da arma que usava.

CAPÍTULO TERCEIRO

A ESTRUTURA DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO

Ao nos debruçarmos sobre a vida militar da Antiguidade Tardia, vemos um mundo rodeado não só pelo aspecto militar, mas também pelo cultural, social, econômico e político. A começar que o Imperador era tanto o chefe político como o militar, e em muitas vezes ele ascendeu do cargo de general do exército. Na economia, podemos destacar os altos custos do aparato militar e das campanhas de guerra; no social, a aproximação do espaço civil e militar; e na cultura observamos um intenso movimento de interação, confluência e trocas com outros povos que de alguma forma interagiram com o Império Romano. De forma que não é possível pensar no exército como uma instituição à parte, ele está intrínseco à sociedade romana.

Em meados do século IV d.C. houve mudanças que se refletiram na composição e disposição do exército, no entanto a base formada pelas legiões persiste, assim como as *auxilias*. A interação com os outros povos cresce ainda mais nesse momento, tanto dos que vivem conjuntamente no dia a dia dos romanos quanto dos que negociam ou guerreiam com eles. Um mundo formado pelo encontro de diferentes culturas, desenvolvendo e reinventando seu espaço social.

Bryan Ward-Perkins critica a historiografia que vê a entrada dos bárbaros de forma “natural, orgânica e, geralmente, promovendo a paz”. (2005:10). Para o historiador e arqueólogo, não se pode descartar o momento conflituoso em que vivia o Império Romano. Embora não concordemos com todos os pontos de vista do historiador britânico, acreditamos que a confluência cultural entre diferentes povos tenha se dado em meio a conflitos, e não simplesmente de forma pacífica e acomodada. Haja vista que o século aqui estudado é caracterizado pelo intenso movimento militar, com conflitos armados em

diferentes partes das fronteiras Romanas; e considerando que a guerra é uma expressão da cultura, podemos aludir também a conflitos culturais.

Tais são caracterizados pelo embate de distintas culturas. Logo, o contato com o outro, com o desconhecido, pode gerar uma aversão, um estranhamento e uma repulsa, num primeiro momento, ao que ele representa ou ao modo como ele compreende e vive as experiências cotidianas. Um exemplo simples que podemos dar da atualidade é: a mulher que veste burca no Oriente não é compreendida pela mulher ocidental, e o inverso também se verifica, a mulher de biquíni ocidental é incompreendida pelas orientais. Voltando ao contexto da Antiguidade Tardia, podemos perceber esse conflito entre as diferentes culturas que ali se encontravam. Todas as culturas têm valor e devem ser apreciadas por tais. Entre conflito sociocultural e embates militares, entre novas características geográficas e configurações políticas, o território que antes pertenceu ao Império Romano é ainda hoje o berço do Ocidente.

Tanto Vegécio como Amiano nos mostram passagens em que o conhecimento do outro é depreciado perante a paidéia e a disciplina de quem nasceu e cresceu no seio romano. No entanto, prezam sua força e habilidade para a guerra, ficando, assim, a dicotomia entre aceitar o auxílio da energia do outro e desprezar seu berço cultural. Vemos nessa dualidade que a convivência com o outro foi intensa e conflituosa na maioria das vezes, ao mesmo tempo que acrescentaram ricos elementos à cultura um do outro.

Vou explicar o que diferencia as legiões das tropas auxiliares. Quando são conduzidas para o combate, as tropas auxiliares, vindas de diversos lugares e de diversas unidades, não partilham entre si nem a disciplina, nem o conhecimento pessoal, nem a maneira de ser; entre elas, os hábitos e o uso das armas são diferentes. Ora, forçoso é que alcancem mais tarde a vitória aqueles que não estão de acordo antes de combater. Em suma, uma vez que é muito útil nas campanhas que todos os soldados se movimentem segundo indicação de um só comando, não podem cumprir ordens uniformemente aqueles que anteriormente não estiveram juntos. Contudo, estas mesmas tropas podem ser uma boa ajuda se se fortalecerem quase todos os dias por meio dos habituais e diversificados exercícios. (*ERM*, II, 2).

Quase todos os gauleses são de estatura alta, justo e corado, terrível com ferocidade em seus olhos, amante de brigas, de uma arrogância insolente. (...) 3. Todas as idades são aptas para o serviço militar, e o velho marcha para fora de uma campanha com uma coragem igual ao do homem no auge da vida; uma vez que os seus membros são enrijecidos pelo frio e pela constante fadiga, e ele vai fazer luz de muitos perigos formidáveis. Ninguém deles, por medo do serviço a Marte, cortou o polegar, como na Itália: lá eles chamam esses homens 'Murci' ou covardes. (*RG*, XV, 12. 1 e 3).

Observamos, a partir dessa interação sociocultural, seja ela pacífica ou agitada, que se formavam novas identidades. Constituída por relações sociais em processo de permanente mudança, as novas identidades construídas no Império Romano Tardio permeavam a esfera cultural romana e de outros povos. Sendo assim, pensamos que a sociabilização entre os homens de diferentes origens dentro do órgão militar romano contribuiu para o *Hibridismo Cultural*.

Como bem ressaltou Stuart Hall, hibridismo é um processo de tradução cultural, agnóstico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecisão (2003:71). Ainda complementa sua perspectiva com uma passagem do estudioso Homi K. Bhabha, do qual citou:

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referências, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanharam cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a “diferença do outro” revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação. (Bhabha *apud* Hall, 2003:71).

Compreendendo a Guerra como cultural, podemos ir além e dizer que esse é um hibridismo militar, onde múltiplas culturas bélicas se encontram num determinado espaço, seja para um combate em conjunto contra um inimigo comum, seja para um embate entre as diferentes partes. Sendo assim, vemos uma interação cultural tanto dentro do campo de treinamento como nos campos de batalha.

Ponderando essas abordagens, compreendemos que a relação com o outro pode ser mais abrangente do que imaginávamos, pois vai além de uma apropriação da cultura alheia. Haverá uma interação entre as distintas culturas, ou melhor, tanto de um lado como do outro a percepção do mundo será ampliada, na medida em que novos significados e significações são aderidos, percebidos. Sendo assim, concordamos com Burke ao nos transmitir que “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos e sim, pelo contrário, um contínuo cultural” (2003:02); ou seja, a identidade é fluida, está em constante mudança.

3.1. OPINIÕES HISTORIOGRÁFICAS E A DOCUMENTAÇÃO

Duas grandes teses tentam responder às questões relativas aos *bárbaros*, tanto na sua interação com os romanos quanto no seu próprio contexto historiográfico e geográfico: a migração e a etnogenia (MAAS, 2012). Ambas tiveram seus expoentes na historiografia, e buscaram entender a formação indentitária; já na arqueologia vemos uma dificuldade de se articular a relação do objeto ao seu grupo étnico.

Há pelo menos duas possíveis visões, na tese da migração, há quem aponte a entrada do elemento *bárbaro* como a causa da desestruturação política do Império Romano; e há aqueles que, ao contrário, a apontam como consequência da diminuição do poder político.

Ward-Perkins (2005) e Heather (2005) se distanciam da visão transformista, aderida pelos que estudam a Antiguidade Tardia com suas continuidades e transformações. Ambos os autores britânicos voltam ao paradigma da queda de Roma, sendo que Ward-Perkins vai além e sugere o fim de uma civilização, como indica o título de seu livro⁷⁷. Acreditam que a entrada, forçada ou não, de povos estrangeiros no território estrangeiro tenha desencadeado acontecimentos que levaram ao fim do Império Romano no Ocidente.

Já a etnogenia deve ser entendida como um processo contínuo em vez de um evento histórico. Antigos nomes poderiam e vieram para designar diferentes grupos de pessoas. Alternativamente, alguns grupos sofreram repetidas e profundas transformações sociais, culturais e políticas de tal forma que eles se tornaram essencialmente diferentes povos, mesmo mantendo nomes veneráveis. A única maneira de compreender as variedades de etnogenia, então, é observar as transformações históricas do mais significativo desses grupos através Antiguidade Tardia. (GEARY, 2001:110).

Embora as fontes romanas muitas vezes apresentem as identidades étnicas dos povos bárbaros como fixas, vimos que novas identidades foram constantemente estabelecidas e transformadas através de contatos com os romanos. As *gentes* bárbaras, por sua vez, passaram a desempenhar um papel integral e transformador no Império Romano mais tarde. (GEARY, 2001:128).

⁷⁷*The Fall of Rome and the End of Civilization* (Oxford, 2005), em português ficaria “A queda de Roma e o fim da Civilização”.

Walter Pohl (2008) apresenta uma argumentação em favor da etnogenia. O autor mostra a formação das comunidades bárbaras na Antiguidade Tardia como um tipo de bricolagem social, o que os Romanos chamavam de *gentes* e *regna* emergiram de muitas fontes e tinham o carimbo de longas interações com Roma.

Destaca ainda que houve 4 diferentes finais, e que em nenhum manteve-se o sistema romano intacto, são eles: a formação dos reinos bárbaros do Ocidente, os Balcãs eslavos, o mundo islâmico e o bizantino. As razões estratégicas e os desastres militares podem ter tido alguma participação nesses cenários, mas a inabilidade de Roma para lidar com os diferentes desafios dos diferentes tempos deve ter alguma coisa a ver com a maneira pela qual que o Império tardio trabalhava, ou não trabalhava devidamente. (POHL, 2008).

Walter Goffart (2006) apresenta uma visão transformista, ou seja, de uma transformação do mundo romano em conjunto com as culturas de outros povos. Busca apontar a acomodação dos bárbaros no território romano, destacando a elite militar bárbara que desejava mais terras e as foram conseguindo. A seu ver, os governantes estavam mais preocupados com a concentração de tropas, que poderiam aclamar novos imperadores, do que com os ataques *bárbaros*.

A visão transformista parece muito pacífica para alguns historiadores, no entanto, os adeptos dessa teoria não descartam os conflitos que existiam dentro do território romano.

Em contrapartida a essas teorias, um historiador francês acredita que a melhor forma de caracterizar a interação entre romanos e bárbaros é a partir da aculturação. Chauvot rechaça as teorias de barbarização e de democratização da cultura apresentadas pela historiografia e aponta que na época da Antiguidade Tardia existia uma dicotomia entre aceitar e assimilar os *bárbaros* e temer e rechaçá-los. Para o francês, a aculturação, termo que melhor exprime o ponto de vista da antropologia contemporânea, seria a melhor maneira de se aproximar do processo que estava em andamento no século IV d.C.

Chauvot destaca três perspectivas diferentes da aculturação: na primeira haveria uma assimilação cultural, no entanto, seriam politicamente independentes; na segunda ocorreria uma assimilação forçada, na qual seriam politicamente dependentes; e na terceira aconteceria uma assimilação por imigração, em que, também, haveria uma dependência política. Complementa, ainda, essa ideia sugerindo que deveria ser balanceada a transferência cultural e a integração social, que poderiam acontecer conjunta ou separadamente. (2001:81).

Sua visão é compartilhada pelo historiador militar da Antiguidade, Coulston, o qual acredita numa aculturação positiva, em que o desenvolvimento dos equipamentos da Antiguidade Tardia incluía uma inclusão cultural, e não uma forma de ‘degeneração’ ou ‘barbarização’. Assim, os armamentos requeridos pelos soldados para entrar numa guerra foram sutis em sua composição, desenvolvimento e interação cultural. (2013:463). O autor critica ainda a historiografia que acredita no declínio e queda, pois essa vê um declínio da eficiência da produção dos equipamentos e assume que a tradicional disciplina do exército tenha enfraquecido. (2013:464). Como veremos mais adiante, no último capítulo, o treinamento ainda era rigoroso e ganhou ainda mais com os conhecimentos dos outros povos.

Elen Swift (2005), ao falar da relação com a arqueologia, aponta que toda identidade é situada em um contexto histórico e geográfico particular, e que essa irá se desenvolver e mudar em conjunto com a sociedade em que existe. A cultura Material é um processo em transformação, ou seja, com simbolismos mutáveis. Swift coloca, ainda, que a cultura material deveria ser levada em seu próprio termo, trabalhando a partir dos simbolismos conhecidos dos objetos da cultura material providos pelo contexto histórico das fronteiras e checando com a sua real prática – a maneira como a cultura material é usada num específico tempo e espaço – que podem ser recuperados pela arqueologia. (2005:98-99).

Compreendemos as dificuldades colocadas pela arqueologia e pela história para se estudar a confluência culturais do século IV d.C., com inúmeras teorias e explicações. Embora acreditemos que a teoria mais interessante seja a de Chauvot e Coulston, buscaremos na nossa documentação indícios dessa relação e como ela pode ter influenciado o exército romano-bárbaro e todo o território do Império Romano.

Vemos uma crescente inter-relação com os estrangeiros, que nem sempre foi simples ou pacífica. Tratados e negociações foram importantes para firmar e estabelecer limites e fronteiras. E quando eram quebrados os acordos, os confrontos eram inevitáveis. Amiano narra o descumprimento de um compromisso com os Godos, quando Valentiniano I deixou de enviar uma remessa de presentes e ouro para o rei daquele povo. Ato que os enfureceu e os levou à guerra. (*RG*, XXVI, 5. 4).

A interlocução com os diferentes povos da Antiguidade Tardia pode ser percebida em diferentes âmbitos, no político, no econômico, no cultural e no militar, como podemos observar. Em cada um deles a relação foi profícua e conflituosa, importante e violenta, deixando marcas profundas em todos os povos.

Na política: observamos as negociações com outros povos, formando um laço de trocas por interesses comuns; enquanto um pagava em ouro e mercadorias o outro se mantinha quieto, podendo até disponibilizar homens guerreiros. Percebemos a influência política nos apoios às investidas governamentais, tanto do Imperador como dos reis além-fronteiras, na crescente entrada de estrangeiros em cargos públicos e militares.

Na economia: o abalo sofrido pela guerra sempre é grande, mesmo as negociações de paz despendiam dinheiro, pois a moeda de troca era ou em moeda ou em mercadorias. O anônimo da *De rebus Bellicis* desenvolve seu trabalho justamente acerca das economias do Império Romano, e sabendo que o aparelho militar requeria o maior gasto, procura indicar algumas soluções a esse problema. No ponto de vista do anônimo, poder-se-ia otimizar o exército com seus engenhos, pois despenderiam menos mão de obra; outro ponto que ressalta é a renovação da escala hierárquica, assim os mais velhos seriam aposentados, conseqüentemente, pagariam impostos, e a ascensão dos mais novos geraria menos gastos, uma vez que o soldado ganhava proporcionalmente ao tempo de serviço.

A um membro do exército, depois de completar alguns anos de serviço e alcançar uma taxa de cinco *annonae* ou mais, deve ser concedida uma dispensa honrosa e a aposentadoria para desfrutar o seu lazer. Assim, ele não pode sobrecarregar o Estado, pois não mais recebe sua *annonae*. O próximo na classificação tomará o seu lugar, e em intervalos fixos vai salvar toda a empresa de despesas pesadas. (*DRB*, V, 2).

No cultural: havia uma efervescência cultural dentro do exército, vemos não só na relação do romano com os estrangeiros, mas também nas diferentes expressões religiosas ali presentes, na diversidade de habilidades e até mesmo nas relações de sociabilidade. Vemos homens de outros povos ascendendo dentro da hierarquia militar, e sacerdotes religiosos servindo de porta-vozes em negociações. O exército congrega todos num mesmo propósito, e no caso, para além de ganhar a guerra, o soldado primava por permanecer vivo. Dessa maneira, era mais importante a solidariedade militar do que as diferenças culturais.

Mas, o dia seguinte, depois de múltiplas perdas, decidiram, por comum acordo, dedicarem ao descanso; uma vez que grande terror cercava os muros e os persas não tinham mais espaço para o medo. O principal sacerdote da seita dos cristãos indicando por sinais e acenos que ele desejava ir adiante; e quando uma promessa tinha sido dada que ele seria autorizado a regressar em segurança, ele chegou perto do assento do rei. Dada a permissão para dizer o que queria, com palavras suaves

ele aconselhou os persas a regressar às suas casas, declarando que após as perdas lamentáveis de ambos os lados era de recear que, talvez, outras maiores ainda pudessem seguir. Mas foi em vão que ele persistiu em assim fazer e a muitos apelos semelhantes, pois estavam avessos pela frenética raiva do rei, que severamente jurou não deixar o local até que a fortaleza tivesse sido destruída. (*RG*, XX, 7. 7-8).

No militar: como já pudemos analisar, a inter-relação entre romanos e outros povos limítrofes foi intensa, participaram nas tropas auxiliares, ou como soldados dentro das legiões, inclusive como parte da guarda imperial ou, ainda, como *federatus*. Vemos, também, uma profícua troca de conhecimentos e aparatos (*DRB*, prefácio, 4; *ERM*, I. 20), compondo, assim, um exército romano-bárbaro.

Um período marcado por mudanças, continuidades, integrações que definiram o porvir. Transformações que nem sempre foram bem aceitas e que, em sua maioria, foram duramente combatidas a princípio, para depois serem adaptadas e implementadas. Todo o processo é lento e gradativo, mas serviu a todos os envolvidos, os quais puderam aprender e ensinar, auxiliando uns aos outros.

3.2. A FORMAÇÃO DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO

O recrutamento de novas forças às fileiras do Exército Romano tardo-antigo se verificou de diferentes formas. Le Bohec (2006:56-57) sublinha duas formas distintas, uma direta e outra indireta. No primeiro caso, os recrutas seriam escolhidos diretamente por um representante do governo, por uma autoridade militar, por um governador ou por qualquer pessoa que detivesse poder, podendo ser filhos de militares ou não.

Esse processo é destacado por Vegécio em sete capítulos do livro I, tendo exposto de onde provinham os mais robustos, se do campo ou da cidade, qual a melhor idade para entrar no Exército, a estatura, a postura física, a profissão e quando deveriam ser marcados. Instruções para os recrutadores encontrarem os ‘jovens mais capazes’. (*ERM*, I. 7). A maior preocupação de Flávio Vegécio Renato girava em torno das aptidões desses novos integrantes, se estariam preparados para interagir com a disciplina e os treinos militares propostos.

Na verdade, ainda que se reconheça que, em todos os lugares, nascem quer homens covardes, quer corajosos, contudo não só uma nação é superior a outra na guerra, mas também a zona terrestre influencia a robustez, não apenas dos corpos, como também dos espíritos; eu não

omitirei, nesse passo, aqueles aspectos que foram reconhecidos por homens cultíssimos. Dizem que todas as nações que são vizinhas do sol, ressequidas pelo calor excessivo, têm, na verdade, mais inteligência, mas têm menos sangue e, por causa disso, não têm a firmeza e a confiança de lutar corpo a corpo porque receiam ser feridas, uma vez que sabem que têm pouco sangue. Pelo contrário, os povos setentrionais, afastados dos ardores do sol e, na verdade, irreflectidos, tendo contudo sangue em abundância, estão prontíssimos para a guerra. Portanto, devem ser escolhidos nas regiões temperadas os recrutas cuja abundância de sangue basta para desprezar os ferimentos e a morte, mas também aos quais não falte a prudência, que não só conserva a disciplina no acampamento, mas que também não é de menos utilidade às decisões no combate. (*ERM*, I. 2).

Quanto ao recrutamento indireto, aos romanos se dava em forma de pagamento de tributos fiscais e quanto aos *bárbaros* se distinguia de três formas: por vontade própria, em que estrangeiros se alistavam livremente; em condições de acordos de paz; e como prisioneiros de guerra, nessa última condição lhes eram permitido escolher entre a escravidão, a morte ou o serviço militar. (*SOUTHERN & DIXON*, 1996:70).

Na passagem que segue, Amiano Marcelino assinala que uma das condições para o firmamento de uma trégua era a entrega de reféns aptos ao serviço militar, e que era considerada uma prática benéfica aos interesses do Império Romano. A *diplomacia*⁷⁸ é um ponto interessante de se notar nesse trecho, no qual, para o bem do Império, houve uma conversa e a firmação de um acordo, não um sangrento combate. O autor deixa transparecer que não era uma prática incomum naquele momento.

Depois de uma longa discussão, ao que tudo indica para o interesse do Estado, concordaram com uma trégua. Assumindo as condições propostas pelo acordo, os Saxões deixaram como reféns homens aptos ao serviço militar, só assim, estiveram autorizados a partir, sem impedimentos. (*RG*, XXVIII, 5,4).

Em outros momentos de sua narrativa encontramos referências a várias formas de recrutamento de estrangeiros. Ressaltamos que era importante manter a palavra dada aos que adentravam no corpo militar tardo-romano, pois se corria o risco de pararem com essa prática. Em nossa leitura, Amiano temia que os bárbaros interrompessem a adesão ao Exército Romano, o que poderia vir a ser desastroso para o corpo militar.

⁷⁸ Embora não seja uma palavra, nem um conceito da Antiguidade, a relação que era estabelecida entre povos vizinhos muitas vezes nos faz pensar nos aspectos diplomáticos. Sendo assim, ao falarmos em diplomacia estamos nos aludindo às negociações existentes entre diferentes povos do período tardo-antigo.

No entanto ele [Juliano] não podia ficar em silêncio quanto àqueles que não deviam sofrer nenhum inconveniente, pois tinha a promessa de não iriam para regiões além dos Alpes; por isso declarou que era para se temer que os *soldados voluntários bárbaros*, os que deixaram seus domicílios para além do Reno e vieram até mim, estando acostumados a virem para o nosso lado sobre condições desse tipo, talvez por ter conhecimento disso parassem com essa prática, mas sua palavra não serviu para nenhum propósito. [...]. (RG, XX, 4, 4, Grifos meus).

Nesse fragmento percebemos um traço assaz interessante do pensamento do autor da *Res Gestae*. Amiano narra a defesa de Juliano para com os homens que formam recrutados de outros povos, pois Constâncio, o então Imperador, desejava mandá-los para lugares remotos. O que os desagradavam, pois haviam decidido adentrarem o exército com a promessa de que não sairiam daquela região. O autor militar em diferentes momentos de sua obra pondera a atuação dos *bárbaros*, chegando a diferenciar dois tipos distintos: os *soldados voluntários bárbaros*, que por vontade própria se inscreviam no exército romano-bárbaro; diferencia-o do *bárbaro silvícola*, o qual era considerado *cruel, selvagem*, sendo os que conspiravam contra o Império, mesmo após anos sem confrontos.

No final do inverno, Valente apressou-se em direção à Síria e já estava cruzando a fronteira com a Bitúnia, quando foi informado, através dos relatórios dos seus generais, que as tribos Godas, naquele tempo ainda não haviam sido assaltadas e por consequência eram muito *selvagens*, estavam conspirando juntas e fazendo preparativos para invadirem a província da Trácia. Ao saber disso, e em ordem de alcançar seu destino sem interferências, Valente ordenou que um suficiente reforço da cavalaria e infantaria fosse mandado para o lugar onde a invasão dos bárbaros era temida. (RG, XXVI, 6, 11, Grifos meus).

Amiano, embora não fizesse um discurso em prol da interação com os bárbaros, entendia e aceitava os préstimos da força dos homens estrangeiros. Já Vegécio tem maiores receios quanto à força auxiliar, pois, essa, mesmo sendo valorosa em alguns momentos, não partilhava da disciplina dos soldados romanos. Para o autor, eles seriam de boa ajuda quando se fortalecessem por meio dos habituais e diversificados exercícios, pois por serem de origens diferentes não partilhavam da “disciplina, nem do conhecimento pessoal e da maneira de ser” dos legionários (ERM, II. 2), inicialmente.

Faz-se mister destacarmos que o autor do manual militar critica em larga medida a utilização dos *foederati*⁷⁹, porém não aponta nenhum impedimento aos homens de outras origens de fazerem parte das unidades do Exército, pois já participavam das atividades militares. Dessa forma, estavam integrados à disciplina imposta às fileiras romanas e aos treinamentos militares essenciais para o desenvolvimento das manobras em campos de batalha.

Liebeschuetz chama atenção ao fato de que muitos guerreiros de origem estrangeira se destacaram no exercício nas suas funções militares, tendo, assim, sido promovidos a cargos de comando no corpo bélico do Império Romano Tardio, podendo chegar aos altos postos na hierarquia militar. (LIEBESCHUETZ, 1990:22). Como é o caso de Nevitta⁸⁰, Dagalaifus⁸¹, Arintheus⁸² e Vitor⁸³, os quatro com grandes responsabilidades dentro do Exército, atuaram ao lado do Imperador. Alcançaram tamanha projeção que influenciaram no processo de eleição do governante do Império após a morte de Juliano. E, temos notícia que, desse quarteto, pelo menos dois nasceram para além do Império Romano.

Estavam divididos entre facções turbulentas, Arintheus e Victor, com os outros oficiais sobreviventes da corte de Constâncio, procuraram por um adequado homem da sua parte; do outro lado, Nevitta e Dagalaifus, assim como os chefes das Galias, tentaram procurar um homem dentro dos companheiros soldados. (RG, XXV, 5, 2).

Para além desse episódio, Amiano aponta outros em que tanto chefe de outros povos se interessava pelo chefe que estaria à frente do Império Romano quanto o Imperador de Roma interferia nas relações políticas dos povos limítrofes. Os Godos, como aponta Amiano na passagem abaixo, enviaram tropas a pedido de Procópio, um

⁷⁹ Força militar estrangeira que auxiliava o Império Romano a proteger seu território, que possuía seu próprio comandante, sendo que esse respondia a um general do exército romano-bárbaro. Adiante detalharemos mais as características desse exército.

⁸⁰ *Flavius Nevitta*, provavelmente de origem germânica, foi indicado ao cargo de *Magister Equitum* em 361 d.C., pelo então Imperador Juliano, tendo ocupado esse cargo até 363/4 d.C. (JONES; MARTINDALE; MORRIS, 1971:626-627).

⁸¹ Durante os anos de 361 a 363 d.C. participou do corpo militar como *comes domesticorum*. No governo de Joviano foi promovido a *Magister Equitum* e em seguida foi designado por Valentiniano I a servir no Ocidente como *Magister Peditum*. (JONES; MARTINDALE; MORRIS, 1971:239).

⁸² Conhece-se que em 355 d.C. *Flavius Arintheus* era um *tribunus*, tendo se tornado *comes rei militaris* em 363/4 d.C., momento em que comandou a cavalaria numa expedição de Juliano contra os Persas. Logo depois da vitória de Valentiniano I sobre o usurpador Procópio, 366 d.C., foi nomeado *Magister Peditum*, exerceu o cargo até o ano de sua morte, 378 d.C. (JONES; MARTINDALE; MORRIS, 1971:103).

⁸³ Sabemos que *Victor*, de origem sármatas, foi, de 362 a 363 d.C. *comes rei militaris*. Logo que Joviano chega ao poder, nomeia-o *Magister Equitum*, tendo permanecido até 379 d.C. nessa função. (JONES; MARTINDALE; MORRIS, 1971:957-959).

pretendente ao cargo Imperial, porém Valentiniano I já havia sido aclamado Imperador há dois anos, de forma que protegiam um usurpador.

Após matar *Serenianus*, *Marcellus* logo teve a posse da Calcedônia, e, apoiado pelos vivos de uns poucos, a quem sua inutilidade e seu desespero levaram-lhes à criminalidade, aproveitou a sombra de um fatal principado. Ele foi enganado por duas ideias, primeira por causa do rei Godo, que já tinha sido conciliado, teria enviado três mil homens para o auxílio de Procopius, guiado pela sua relação com a casa dos Constâncio, então mostrada, e *Marcellus* passou para o lado dele, e em segundo lugar, porque ele ainda não sabia o que tinha acontecido em *Illyricum*. (*RG*, XXVI, 10, 3).

Em trechos de sua obra Amiano nos indica o interesse do governo romano nos assuntos políticos de outros povos, seja por meio diplomático ou por imposição. Como vemos no trecho abaixo, o Imperador romano indica o rei dos Sármatas, mostrando todo o seu poderio e ao mesmo tempo deixa claro o grau de influência sobre o governante indicado.

Lamentando esta situação, depois de eles terem ganho o perdão e terem sido protegidos, pediram a garantia da sua liberdade. O que o imperador, profundamente comovido com a injustiça da condição que se encontravam, chamou-os diante da presença de todo o exército, e dirigindo-se a eles em termos de graça, ordenou-lhes render obediência a ninguém, exceto a ele (o Imperador) e os generais romanos. E para restaurar a liberdade e aumentar a dignidade, indicou a seu rei Zizais, um homem certamente adequado às honras, de uma fortuna visível e leal (como o resultado nos mostrou). (*RG*, XVII, 12.19-20).

Essas passagens mostram uma inter-relação entre os diferentes grupos políticos existentes naquele momento. Apontando para uma política de convivência com os vizinhos, podemos dizer, guardando as devidas proporções, que havia um início de uma diplomacia. Ao destacar que os Godos já estavam conciliados com os Romanos, Amiano chama a atenção para o processo de negociações existente. Nesse caso, em específico, seu relato nos indica que o compromisso estava mais ligado à figura do Imperador que participou delas do que ao governo, pois no caso apresentado os Godos teriam acatado um pedido de Procópio por sua ligação com a casa dos Constantinos. (LENSKI, 2002:82).

O Império Romano manteve muitos acordos com povos fronteiriços, estabelecendo uma relação de trocas, proveitosas a ambos, à medida que um recebia uma cota monetária e o outro a paz, e possíveis ajudas militares. Assim, em muitos momentos

essas tropas foram negociadas para prestar serviços ao governante Imperial. Essas fileiras eram usadas como unidades individuais, organizadas e trabalhadas à sua maneira e tinha seu papel na batalha (*RG*, XXIII, 2.1-2; *ERM*, II. 2), e, em geral, eram dispensadas após o desfecho das campanhas a que foram chamadas. (ELTON, 2008:281).

Enquanto isso, no entanto, as embaixadas de muitas nações que prometeram ajuda foram cordialmente recebidas e enviadas de volta; o imperador com louvável confiança respondeu que era de forma alguma apropriado ao Estado romano se defender por meio de ajuda externa, uma vez que o seu dever era antes pelo seu poder proteger seus amigos e aliados, se a necessidade os obrigar a chamar por socorro. Somente Arsaces, rei da Armênia, que ele ordenou a juntar um exército forte e aguardar suas ordens, uma vez que ele teria pouco tempo para saber a que lugar ele deveria marchar e que deveria avançar. (*RG*, XXIII, 2.1-2).

Guy Halsall acrescenta ainda que os “líderes romanos também empregaram as forças bárbaras para atacar os seus próprios rivais políticos”. (HALSALL, 2007:149). Um traço desse artifício é o pacto que o Imperador Constâncio fez com os Alamanos, incentivando-os a atacar seu primo Juliano quando este último foi declarado Augusto, em 361 d.C. Mesmo que Amiano apresente essa informação somente como um boato, deixa transparecer a existência dessa possibilidade, ele acredita nela.

Com Vodomarius e seu irmão Gundomadus, que era também rei, Constâncio (como eu já disse) havia concluído a paz. Quando, depois desse evento, Gundomadus morre, Constâncio, pensando que Vodomarius seria leal a ele, fez dele seu secreto e eficiente executor de suas conspirações (se o rumor deveria ser confiável), e escreveu a ele que de tempos em tempos ele deveria fingir quebrar os tratados de paz e atacar os distritos que rodeiam seu domínio; para que Juliano, com medo disso, não deveria abandonar a defesa de Gália. (*RG*, XXI, 3.4).

A passagem destacada permite-nos perceber ainda a intensa relação político-militar existente entre os povos naquele momento. Vegécio e a *Notitia dignitatum* também apontam em seus textos os auxílios militares prestados pelos ‘amigos’⁸⁴ do Império Romano. Vegécio dá destaque às questões práticas dessa ajuda, e descreve as diferenças entre as legiões e as tropas auxiliares. A maior preocupação dele seria no

⁸⁴ Chamo de “amigos” os povos que tinham acordos firmados com o Império Romano, de auxílio em campanhas militares.

questo falta de entrosamento, pois no seu entendimento a tropa formada por soldados de diferentes origens não tinha disciplina. (*ERM*, II. 2).

Ao analisarmos a *Notitia* encontramos dados que nos indicam que existiam tropas auxiliares compostas por um único povo, e considerando que essas estavam em uma lista catalogada por um oficial do Império Romano, podemos alegar que tinham uma base fixa ou que lutavam tão frequentemente que já eram consideradas parte integrante do exército. (*ND*, Or. XXXII). O diário de Oficiais nos aponta, também, que as tropas auxiliares faziam parte da hierarquia militar romana, compondo o quadro geral de soldados combatendo em prol do Império Romano. Como podemos ver no apêndice III, tanto a parte Oriental quanto a Ocidental contou com soldados das *auxilias*.

Em termos mais técnicos, podemos ver os estrangeiros como exemplos em determinados quesitos. O anônimo da *De rebus bellicis* chama a atenção para a criatividade e facilidade dos *bárbaros* com novos engenhos de guerra, impressiona-se com a destreza deles nesse quesito e aponta que se podia aprender muito com eles. (*DRB*, prefácio, 4). Os inventos apresentados pelo anônimo farão parte de seu conjunto de ideias para diminuir os gastos com as campanhas militares.

O próprio Amiano destaca em seu texto exemplos de conduta de outros povos que poderiam ou deveriam ser seguidos pelos romanos, inclusive pelo próprio Imperador Romano. Ao descrever a crueldade de Valentiniano I, assinala que o Imperador deveria ter se espelhado em antigos e bons homens e ‘imitado as instâncias de humanidade e misericórdia nativa ou estrangeira’ (*RG*, XXX, 8, 4). Logo, cita a atitude de um rei Persa, como exemplo, para com os culpados de crimes ou ofensas.

E, ele ainda (Valentiniano I) poderia ter contemplado muitos exemplos de antigos homens, e poderia ter imitado nativo e estrangeiro casos de humanidade e justa clemência, as quais os filósofos chamam de as melhores irmãs das virtudes. Sobre isso será suficiente mencionar o seguinte. *Artaxerxes*, o poderoso rei dos Persas, que com inata suavidade corrigiu várias punições que aquela nação cruel sempre praticou, tendo algumas vezes cortado o turbante do culpado, no lugar de sua cabeça; e invés de cortar a orelha por várias ofensas, como era o hábito dos reis, ele raspava os fios pendurados de suas cabeças. Esse caráter moderado o fez ganhar contentamento e respeito de seus súditos, e através do unanime suporte deles realizou dignos feitos, que são celebrados por escritores gregos. (*RG*, XXX, 8, 4).

Até mesmo Vegécio nos aponta a influência de alguns povos dentro do aparato militar romano, em um dos episódios indica que, à semelhança dos Godos, a cavalaria

romana também cresceu e melhor se equipou para os combates. (*ERM*, I. 20). Em outro momento aponta como eram chamados determinados costumes bélicos ou armas pelos estrangeiros. Como podemos ver nos exemplos abaixo.

Além disso, a infantaria usava dardos que eram chamados de *pila*, providos de um fino triângulo de ferro de nove polegadas ou um pé (22,5cm a 30cm), o qual, espetado num escudo, não podia ser arrancado e que, arremessado com perícia e com força, facilmente penetrava uma loriga. Entre nós, armas de arremesso deste tipo (*pila*) são já raras, mas os peões bárbaros munidos de escudo preferem-nas, chamando-lhes *bebrae*, e levam duas ou três para os combates. (*ERM*, I, 20).

Os sinais ‘mudos’ são as águias, os dagrões, os *vexilla*, as flâmulas, as *tufae* e as *pinnae*; com efeito, é necessário que os soldados, que seguem um sinal, o acompanhem para onde quer que o general ordene que ele seja levado. Também existem outros sinais mudos que o general manda colocar nos cavalos, no vestuário e nas próprias armas para que se distingam dos inimigos. Além disso, o general dá indicações com a mão ou com o chicote, segundo o costume bárbaro e, por vezes, por meio de um movimento do vestuário que enverga. (*ERM*, III, 5).

Portanto, do ponto de vista romano os outros povos não tinham uma estrutura político-cultural igual à deles, embora algumas vezes as ações dos povos estrangeiros pudessem ser destacadas, como nos mostrou Amiano, Vegécio e o anônimo da *De rebus bellicis*. Dentro do Império, instalaram-se “bárbaros, *laeti*⁸⁵, *gentiles*⁸⁶ ou *dediticii*⁸⁷, os quais preencheram funções úteis, como: agricultores, contribuintes e soldados”, assim, voluntários além das fronteiras ajudaram a resolver alguns problemas econômicos de recrutamento militar. (Halsall, 2007: 149).

3.3. A ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO ROMANO-BÁRBARO

O exército romano-bárbaro na Antiguidade Tardia apresentou uma flexibilidade para resolver muito dos seus entraves, principalmente num momento em que o *limes* sofria ataques constantes de outros grupos e povos. As alterações mais significativas foram consolidadas e/ou iniciadas nos governos de Diocleciano e de Constantino. Esses Imperadores buscaram otimizar o exército e criar novas possibilidades, para tanto recorreram aos povos aliados; dividiram o exército: montando bases nas fronteiras e

⁸⁵ Um fiador estrangeiro que recebeu um pedaço de terra para cultivar.

⁹ Um grupo de famílias na Roma antiga que compartilhava o nome ou afirmava uma origem em comum.

⁸⁷ Rendidos de Guerra.

deixando outras tropas no interior preparadas para uma possível locomoção; aumentaram as fortalezas do interior; estabeleceram *fabricae*, entre outras ações, que veremos adiante. Essas mudanças em conjunto com as antigas tradições formaram o exército romano-bárbaro da Antiguidade Tardia.

Dentre as mudanças ocorridas entre finais do século III e início do IV d.C., podemos verificar que o exército Imperial ganhou uma nova estrutura, essa composta por três elementos principais: *palatinae*, *comitatenses* e *limitanei*. (CARRIÉ, 1999:177). Nesse período, notamos também a atuação dos *protectores*, que teria sido um título instituído por Galieno, e dado ao alto comando de oficiais. Os *protectores domestici* era formado por um colegiado de homens leais ao Imperador, que poderia ser ordenado a estagiar com outros comandantes do exército. (SOUTHERN & DIXON, 1996:188; LENSKI, 2000:502).

Estrutura do exército Romano do século IV d.C.	
<i>Palatinae</i>	Equipe administrativa do palácio, arregimentadas como soldados. (SOUTHERN & DIXON, 1996:188). Formada pelos <i>candidati</i> , <i>scholae</i> e as <i>vexillationes palatinae</i> , foi reorganizada em torno do Imperador após a destituição da função militar da guarda pretoriana. (CARRIÉ, 1999:177).
<i>Comitatensis</i>	O exército de campo da Roma tardia consistia em ambas as unidades de cavalaria e infantaria, as <i>vexillationes</i> e as <i>legiones</i> . (SOUTHERN & DIXON, 1996:186). Constituía o exército móvel ou de intervenção. (CARRIÉ, 1999:177).
<i>Limitanei</i>	Tropas fronteiriças. (SOUTHERN & DIXON, 1996:188; LEE, 2007:xxii; GOLDSWORTHY, 2003:215).

3.3.1. OS PROTECTORES DOMESTICUS E OS PALATINAE

Esse exército estava distribuído pelas províncias e fronteiras do Império, era composto por diferentes categorias de tropas e contava com uma graduada hierarquia. Noel Lenski aponta que tanto os *protectores domestici* quanto as *scholae palatinae* formavam parte da Guarda Imperial e estavam correlacionados, podendo ser considerados representantes de um só corpo militar, os primeiros eram constituídos por um grupo que

conhecia o Imperador em pessoa e, em algumas ocasiões, chegaram a formar *Magistri Militum* e Imperadores – tanto Joviano como Valente foram partícipe dessa ordem militar (2000:503).

Com soldados promovidos e filhos de oficiais, os *protectores* foram um grupo heterogêneo, que preparava seus integrantes às funções de oficial sênior. (CAMPBELL, 2011:219). Com esse intuito, seus integrantes eram encaminhados às forças do exército para auxiliar e aprender com outros oficiais. Podendo ser os responsáveis pela atualização dos efetivos militares, pela supervisão do abastecimento das tropas e pelo desempenho de missões especiais. (SILVA, 2007:168). Um regimento de alto prestígio social. (THOMPSON, 1947:2-3).

Os *protectores* que estavam localizados junto aos *comitatus* respondiam ao *magister militum*, já os denominados *domestici* tinham seu próprio comandante, o *comes domesticorum*. Tanto a parte Ocidental como a parte Oriental contavam com uma dupla do *comes domesticorum*. A *Notitia* nos aponta que existiam dois tipos de *magistri*: o *magister peditum*, que cuidava da parte da infantaria, e o *magister equitum*, que comandava a parte da cavalaria. Cargos que foram criados por Constantino para comandar, sob sua supervisão, o exército.

Ocidente: (ND, Oc. XIII)	Oriente: (ND, Or. XV)
<i>Comes domesticorum equitum</i>	<i>Comes domesticorum equitum</i>
<i>Comes domesticorum peditum</i>	<i>Comes domesticorum peditum</i>
<i>Domestici equites</i>	<i>Domestici equites</i>
<i>Domestici peditum</i>	<i>Domestici peditum</i>
Encarregados.	Encarregados.

Já as *palatinae*, formadas pelos *candidati*, *scholae* e as *vexillationes palatinae*, foram elevadas por Constantino em substituição à Guarda Pretoriana, que ele destituiu da função militar em 313 d.C. (LENSKI, 2000:503). Essas implementações persistiram durante toda a Antiguidade Tardia. Southern e Le Bohec apontam que as *scholae palatinae*, conhecida, muitas vezes, só por *palatini*, detinham um grande prestígio, pois atuavam ao lado do Imperador (1996:55-56; 2006:68-72). Tanto que os 40 homens da

guarda pessoal do governante do Império eram escolhidos das *scholae* e esses eram denominados *cadidati*. (JONES, 1964:612; ELTON, 2008:280).

As *scholae palatinae* eram formadas por 500 cavaleiros cada, e contavam com a participação de germanos, francos e alamanos, além dos romanos. Notamos, assim, que a ligação e os tratados com outros povos eram intensos e profundos, pois estes participavam de postos de grande prestígio dentro do exército do Império Romano Tardio. Fortalecendo ainda mais os acordos. Além de formarem a guarda imperial, se preciso fosse, podiam ser enviados às localidades necessitadas e recebiam funções políticas e administrativas, estas nos ateliês dos armamentos (LE BOHEC, 2006:68-69).

No final do século IV d.C, a *Notitia dignitatum* aponta a existência de 12 *scholae*:

7 no Oriente: (ND, Or. XI).

schola scutariorum prima,
schola scutariorum secunda,
schola scutariorum sagittariorum,
schola scutariorum clibanariorum,
schola armaturarum iuniorum,
schola gentilium seniorum,
schola gentilium iuniorum.

5 no Ocidente: (ND, Oc. XI).

schola scutariorum prima,
schola scutariorum secunda,
schola scutariorum tertia,
schola armaturarum seniorum,
schola gentilium seniorum.

Como podemos ver, cada *scola* recebe o nome de acordo com sua habilidade mais marcante. Os *scutariorum* eram os que portavam escudos; os *scutariorum sagittariorum* eram formados por arqueiros; os *scutariorum clibanariorum* eram os encouraçados, David Wood os coloca como a mais impressionante das *scolae*, por causa da armadura que cobria o cavalo e o cavaleiro (WOOD, 1999:142); já os *armaturarum* eram os que treinavam a arte da guerra; e os *gentilium* eram formados por diferentes clãs.

As *scholae palatinae*, embora compartilhassem das tarefas militares, eram comandadas por um oficial civil, chamado *magister officiorum* (Mestre de Ofícios), que

cuidava somente da parte administrativa, nunca indo a campo. Era um dos mais elevados cargos civis, criado por Constantino I e que com o passar do tempo foi ganhando cada vez mais importância, chegando a ser o chefe da administração civil do Império. (DIGNAS; WINTER, 2007:277). Afora as *scholae*, esses oficiais também gerenciavam as *fabricae*.

A *Notitia dignitatum* nos mostra que essas *fabricae* estavam distribuídas em diferentes partes do Império, como pudemos ver no primeiro capítulo, tanto na parte ocidental quanto na oriental e cada uma possuía uma especificidade. Diocleciano, durante o seu governo, estabeleceu novas políticas em torno da fabricação dos armamentos, estabelecendo *fabricae* ligadas ao governo. Com um possível aumento de recrutas, era necessário equipar todos; assim, procurou manter abastecido seu arsenal, mantendo essas *fabricae* em lugares estratégicos, para facilitar o transporte dos equipamentos para onde fosse preciso. Essa política possibilitou a simplificação no fabrico dos equipamentos, deixando-os mais padronizados e menos elaborados, como é o caso do elmo de Augsburg, todo em ferro, apresentado na ficha 03 do catálogo de imagens.

3.3.2. OS COMITATENSES

Os *comitatenses* eram a força de elite do exército, formada por *vexillationes* e *legiones*, os quais fixavam uma base no interior do território romano, perto de fortalezas e cidades. Suas unidades estavam sempre prontas e dispostas para auxiliar onde eram necessárias. Atuavam principalmente junto ao Imperador, na ausência desse respondiam aos *magister peditum*, *magister equitum* e *magister militum*. Ficaram conhecidos como o exército de campo ou o exército móvel.

No governo de Diocleciano vemos uma prévia do que seria essa força com o *comitatus*, advindo da palavra *comes*, foi uma força que escoltava o Imperador e foi organizada por ele para travar algumas batalhas, mas de pronto as unidades escaladas para o trabalho voltaram a seus postos nas fronteiras. Carrié destaca que essa força existente no final do século III d.C. pouco tinha em comum com o que se tornaria os *comitatensis* de Constantino. A seu ver a força que ganharia destaque no século seguinte não era nem tão central, na figura do Imperador, e nem tão móvel. (CARRIÉ, 1999:631).

Em contrapartida, Jones acredita que Diocleciano e seus companheiros já possuíam um exército móvel, na figura do *comitatus*, no entanto não acredita que tenham

sido uma força substancial e para qualquer operação especial deveria ser reforçada da forma tradicional, buscando unidades das fronteiras, onde se encontrava o grosso do exército na sua época. (JONES, 1964:608; ELTON, 2008:272). William Seston, em 1980, afirmou que o “*comitatus* da tetrarquia já era muito mais que uma escolta, ele era muito ‘rico’ para constituir o embrião de um exército”. (SESTON, 1980:493). Ambos acreditam numa continuidade na política militar, tendo assim Constantino ampliado e consolidado essa força.

Southern & Dixon, assim como Carrié, desloca as duas forças. Para os historiadores britânicos, foi Constantino quem decidiu formar uma força móvel, se, por exemplo, de Diocleciano não saberiam dizer, para eles certamente não seria uma continuidade da política do último Imperador. (SOUTHERN & DIXON, 1996:37). A diferença é muito tênue entre as teses apresentadas, de toda forma Constantino estruturou e firmou a ideia de um exército com mobilidade com os *comitatenses*.

Inicialmente comandados pelo próprio Imperador, foram passados ao comando dos *magister peditum*, *magister equitum* e *magister militum*, cargos criados no início do século IV d.C., descentralizando o poder de comando militar, aumentando a hierarquia e flexibilizando a estrutura. Hugh Elton aponta que esta flexibilidade conferiu aos oficiais uma certa autonomia de trabalho, que lhes permitiu analisar a situação e tomar as decisões quando necessárias. (ELTON, 2008:270).

No entanto, nem sempre é possível distinguir com exatidão a diferença de cada um dos altos comandos militares. Ao que tudo indica, o primeiro (*magister peditum*) seria o comandante das tropas de infantaria, o segundo (*magister equitum*) estaria ligado à cavalaria, e o terceiro (*magister militum*) estaria no comando da infantaria e da cavalaria. A única tropa que não seguia a orientação desses eram as *scholae*, que eram diretamente supervisionadas pelo Imperador, via o *magister officiorum*, e os *protectores domestici*, que tinham seu próprio comandante, o *comes domesticorum*.

A *Notitia dignitatum*⁸⁸ nos aponta que na parte ocidental existiam um *magister peditum* e dois *magistri equitum*, enquanto na parte oriental do Império havia dois *magistri militum* e três *magistri equitum et peditum*. Os oito comandavam a maior parte do exército romano-bárbaro do período, e por motivos de grandes campanhas recebiam auxílio de outros povos. Além dos que já eram integrantes nas unidades padrões do quadro militar do Império Romano, podiam receber tropas inteiras de outros povos com ou sem

⁸⁸ Como podemos ver no Apêndice III

seus comandantes, os *foederati*, no século VI d.C. tornaram-se tropas regulares. (LEE, 2007:13).

Sob o comando dos *magistri* havia tropas da infantaria e da cavalaria, dentre as quais a *Notitia* nos aponta que as *legiones palatiane* e os *comitatenses*, da infantaria, os *vexillationes palatinae* e os *comitatenses*, da cavalaria, os *auxilia palatinae* e os *pseudocomitatenses*⁸⁹, ambos com representantes das duas frentes, compunham os *comitatensis*. Uma diversidade de unidades no exército romano-bárbaro, que podiam apresentar, ainda, características próprias, como os *lanciarrii*, que trabalhavam com as lanças; os *sagittari*, que tinham os arcos como arma principal; os *scutarii*, formando uma escudaria; os *promoti*, que exploravam a região para conhecer o terreno e saber onde estava o inimigo. Tanto a infantaria como a cavalaria tinham essas unidades com funções específicas.

Tal força encontrava-se distribuída no interior do território romano, perto de cidades e fortificações, pois essas poderiam suprir o exército com comida, água e outros suplementos. A ideia era sempre estarem preparados para auxiliar nas principais campanhas militares, de forma que possuíam uma mobilidade para irem aonde sua força era precisa. Poderiam ser transferidos e ligados aos *duces*, se assim acontecesse, o *dux* era momentaneamente promovido a *comes rei militaris* – cargo criado no governo de Constantino e de caráter temporário. (ELTON, 2008:275).

Dessa forma, os *comitatenses* formaram uma grande força dentro do exército romano-bárbaro da Antiguidade Tardia. Sua flexibilidade e mobilidade são marcantes, de grande importância para a manutenção do Império Romano. Tendo esse sistema perdurado por séculos, e, mesmo após derrotas marcantes, foi capaz de mostrar seu potencial. Justiniano reconquistou a Itália e a África no século VI d.C. com exércitos semelhantes àqueles do século quinto. (ELTON, 2008:309).

3.3.3. OS *LIMITANEI* OU *RIPENSES*

Os *limitanei* ou *ripenses* constituíam a força das regiões de fronteiras do Império Romano, e eram formados pelos *auxilia*, *alae* e *cohortes*, *equites* e *legiones*. Diferentemente dos *comitatenses*, estas tropas se instalavam em determinadas regiões limítrofes e lá desenvolviam suas atividades (FERRIL, 1989:41). Comandados pelos

⁸⁹ No apêndice III vemos como estavam distribuídas as tropas entre os *magistri*.

duces, cargo que no final do século III d.C. designava os comandantes das tropas do *limes* romano, que assim permaneceram por todo o século IV d.C.

No terceiro século a maior potência do exército encontrava-se na região das fronteiras. Diocleciano, no intuito de reorganizar as estruturas e aumentar a segurança do território romano, dividiu as províncias em unidades menores e, ao separar a carreira civil da militar, revisou as estruturas de comando dos exércitos provinciais, que se localizavam no *limes* romano. (SOUTHERN & DIXON, 1996:23). Para tanto, instituiu uma nova função, a do *dux*, o qual foi responsável pelo comando militar das tropas limítrofes.

No governo de Constantino vemos a formação dos *limitanei* em contrapartida aos *comitatenses*. O Imperador, no início do século IV d.C., apostou num exército mais dinâmico, no qual havia tropas em todo o entorno da fronteira e um outro destacamento com maior mobilidade. Nas fronteiras vemos três distintas tropas no combate, os *ripenses*, as *alae* e *cohortes*, o conjunto delas ficou conhecido como os *limitanei*. (CARRIÉ, 1999:622). Cada uma tinha suas características e representantes.

Michel Whitby tem uma visão pessimista dessas tropas nesse período, para o estudioso os *limitanei* declinaram em qualidade, tendo perdido a “habilidade de conduzir grandes operações e a tarefa de repelir invasores cada vez mais ficou para as unidades do exército móvel, que poderia levar tempo para chegar à cena” (WHITBY, 2008:311). No entanto, vemos essa mesma força ainda em uso até o governo de Justiniano, o que nos mostra somente que foi uma força de qualidade e que conseguiu cumprir sua tarefa pelo tempo em que persistiu.

Diferentemente do que apontou Whitby, as tropas dos *limitanei* podiam ser direcionadas a outros campos de batalha, caso houvesse necessidade, esses destacamentos que saíam para auxiliar os *comitatenses* eram chamados de *pseudocomitatenses*, pois carregavam o *status* das tropas fronteiriças, mesmo atuando junto com o exército móvel. (JONES, 1964:609; ELTON, 2008:275). A *Notitia dignitatum* nos mostra que essa tropa era bastante requisitada, tanto no Ocidente como no Oriente. (ND, Oc.V; Or. VI, VII, IX).

Os *ripenses* trabalhavam nas fronteiras fluviais, as unidades do *limitanei* que tinham maior prestígio. Já os *alae* trabalhavam com a cavalaria e os *cohortes* formavam a infantaria. Assim como as representantes dos *comitatenses*, as tropas do *limes* também possuíam características próprias, como nos relata a *Notitia dignitatum*. Tanto infantaria quanto cavalaria possuíam algumas especialidades: os *sagittari*, os *promoti*, os *stabliesiani*, os *scutarii*, os *numeri* que cuidavam da guarnição; os *catafractarii*, cavalaria

pesada com armadura tanto no cavaleiro quanto no cavalo; os *armigeri*, também com uma pesada armadura trabalhavam em cunha.

Nos *auxilia*, além das características apontadas acima, ainda vemos as *auxilia vigilium*, as quais trabalhavam como vigilantes e as *auxilia insidiatorum*, que elaboravam as emboscadas. Há tropas carecterizadas como *gentis*, indicando que é composta por soldados de outras tribos e tropas indicadas como *classis*, pois trabalham com a parte naval. Eram unidades regulares e bem treinadas, diferiam somente em *status* das tropas do exército de campo.

Os *limitanei* patrulhavam dia a dia a guarnição nas fronteiras do território romano, podiam, também, auxiliar em alguma desordem interna. (GOLDSWORTHY, 2003:203). Mesmo com número reduzido, as tropas de fronteiras conseguiam conter por um tempo limitado os ataques, tempo necessário para a chegada dos *comitatenses*. Assim, vemos uma ação conjunta, na qual todos trabalhavam para a manutenção da ordem e da integridade do território romano.

3.3.4. OS FOEDERATI

Foederatus vem de *foedus*, um tratado; significando, literalmente, aquele que é aliado. Após estabelecer acordos com povos vizinhos, unidades de tropas eram providas pelos aliados para campanhas específicas. (SOUTHERN & DIXON, 1996:187; LEE, 2007:13). Em vez de tropas inteiras, podiam ser recrutados somente alguns soldados para preencher os espaços nas linhas de frente. Percebemos, assim, que manter uma boa política com os vizinhos era bem vantajoso e poderia ser útil na defesa do território romano.

Uma força composta por integrantes de outros povos, podendo ser integralmente de uma tribo ou de várias, com um dever parecido ao das tropas regulares, proteger o território romano (ELTON, 2008:281). Os *foederati* eram acionados sempre que houvesse uma ameaça ao território romano perto da casa deles, mas podiam ser requisitados a campanhas em localidades mais afastadas. Formavam uma força contra os inimigos mais longíquos e agiam como freio aos vizinhos mais revoltosos, e pelo tratado deveriam abster-se de invadir as províncias.

De distintas identidades, os *foederati* ligados ao exército responderiam ao alto comando romano, mas os comandantes imediatos seriam seus próprios líderes. Eles não eram parte regular do exército, ainda. O que só viria acontecer no século sexto

(SOUTHERN & DIXON, 1996:52), mas antes disso vemos soldados de outros povos ascendendo na hierarquia romana, chegando aos maiores cargos de comando do exército romano-bárbaro.

Tratados eram feitos após rendições ou em negociações pré ou pós-guerra, tendo como garantias não somente palavras, sejam elas escritas ou ditas. Quem descumprisse um acordo poderia sofrer ações punitivas ou ficar sem presentes periódicos, inclusive, algumas vezes, regulares subsídios para chefes leais. (JONES, 1964:611; HUMPHRIES, 2008:261).

Embora manter as alianças não fosse um trabalho fácil, e requeria dispensar uma grande quantia monetária, era um acordo que beneficiava em muito o governo romano. O pagamento de uma quantia mensal ao líder de outra tribo poderia fazer com que esse pensasse antes de aproveitar a primeira oportunidade, minimizando contendas. De forma que o governo romano adepto a essa política visava diminuir o desgaste do exército, tanto física como economicamente. (HEATHER, 1997:71).

Heather acredita que a quantia despendida mensalmente aos líderes de outros povos não garantiam um permanente acordo de uso dos *foederati*. Para o historiador britânico, cada auxílio militar foi negociado separadamente (HEATHER, 1997:66), mas ter uma relação diplomática com os vizinhos auxiliava nas negociações. Para Sylvain Janniard, é possível que os regimentos dos *foederati* tenham servido com os mesmos privilégios dos *comitatenses*. (JANNIARD, 2015:3).

Com cada povo o governo romano estabelecia um acordo diferenciado, não existindo uma regra fixa para um acordo diplomático. Havia assim uma adaptação às características dos povos e das fronteiras a que estavam ligados. Assim pensando, o termo *foedus* poderia designar uma variedade de arranjos e negociações. (HEATHER, 1997:69; HUMPHRIES, 2008:261).

A partir desses acordos, *foedus*, vemos uma intrínseca relação do Estado romano com os seus vizinhos mais próximos, promovendo uma aproximação política, econômica e militar, sem contar a cultural. Haja vista que as fronteiras ficaram abertas ao comércio, os líderes estrangeiros eram mantidos em seus postos, reféns eram enviados como garantia e recrutas eram mandados ao exército, sem contar a possibilidade de tropas inteiras auxiliarem. Todo esse movimento, também, adentrou a cultura romana;

percebemos, principalmente, nos equipamentos de guerra: o uso da espada longa é um exemplo⁹⁰.

Em um estudo de 2008, Elton destaca a flexível estrutura do exército romano, em que frequentemente se dispensava uma prática padrão. (ELTON, 2008:270). De forma que os oficiais detinham uma certa autonomia de trabalho, que lhes permitiam analisar a situação e tomar decisões quando necessárias. Ao considerarmos a extensão do Império e as dificuldades de comunicação da época, compreendemos melhor que algumas ações não poderiam esperar os mensageiros com as ordens. Essa maleabilidade existente no corpo bélico romano dificulta o trabalho de compreender a estrutura hierárquica do exército.

Em linhas gerais, vemos os *magistri peditum* e os *magistri equitum* comandando todo o exército, somente as *scholae* não estavam sob seu comando, essas respondiam a um oficial civil, o *magistri officiorum*. Os *duces* eram responsáveis pelas fronteiras do Império e, embora comandassem tropas próprias, eles também respondiam aos *magistri peditum et equitum*, assim como os *comes*. Os últimos, embora localizados em uma região específica de fronteira, distinguiram-se do *dux* por contar com tropas dos *comitatenses* sob seu comando.

Como vimos, cada parte do exército romano-bárbaro era formada por distintas unidades. Essas formavam a base do exército e possuíam um funcionamento próprio, algumas vezes com características específicas, como é o caso das unidades de arco, de exploração, encouraçados, escudeiros, entre outros. Cada uma com seu prestígio, verificamos que as tropas das fronteiras teriam o menor prestígio, o que não implicava uma falta de qualidade (SOUTHERN & DIXON, 1996:37).

Os *comitatenses* formavam a parte do exército que tinha por característica uma maior mobilidade, o que não significa que os *limitanei* estavam rigidamente estacionados num determinado local. Acampavam perto das fortificações das cidades, no interior do território romano, onde poderiam se abastecer de comida, água e até mesmo de equipamentos ou material para a confecção destes. Um período em que vemos crescer as fortificações nas cidades fora das rotas fronteiriças.

Dessa forma, mantiveram-se abastecidos tanto de itens essenciais ao corpo, quanto dos da guerra. Para otimizar a distribuição dos equipamentos, Diocleciano iniciou uma política de implantar *fabricae* ligadas ao governo, em diferentes partes do território do

⁹⁰ Ver referência a elas nos catálogos de imagens, fichas 08, 09, 10, 11, e no catálogo de fontes.

Império Romano. Com isso, buscou suprir as necessidades dessas localidades e diminuir a distâncias entre as bases militares.

Por escolha dos soldados ou por variação de fabricação, observarmos a existência de diversos tipos de lanças, como podemos ver nos anexos XIV. Outros armamentos também possuíam distinções que depois receberam uma classificação dos especialistas, caso das espadas, dardos⁹¹. Elmos⁹², escudos⁹³, armaduras também faziam parte da caracterização dos soldados. Na batalha levavam consigo as *plumbatas*, um tipo de dardo atirado com a mão e que continha uma bola de chumbo no meio, conferindo precisão e velocidade.

Engenheiros participavam da criação de mecanismos para quebrar o cerco e melhorar a artilharia. O anônimo da *De rebus bellicis* destaca a importância das máquinas de guerra para a otimização do exército, e aponta a criatividade bárbara para criar tais equipamentos. Vegécio destaca em seu último livro as engenhosidades da artilharia e como ela era utilizada no combate junto à infantaria, seja para proteger uma posição ou para atacar⁹⁴.

Logo, percebemos um exército romano-bárbaro como uma força dinâmica, que em muitos momentos conseguiu se adaptar às suas necessidades e mudanças, tanto às trazidas pelos povos estrangeiros quanto às internas. Com suas próprias características e nuances, tal exército defendeu e atacou, buscando manter a integridade do território romano. Assim, vemos um exército múltiplo e dinâmico.

⁹¹ Ver anexos IX (espadas) e XIII (dardos), respectivamente.

⁹² Ver catálogo de imagens, fichas de 01 a 05.

⁹³ Ver anexo VIII.

⁹⁴ A relação dos soldados com seus equipamentos será melhor detalhada no capítulo seguinte.

CAPÍTULO QUARTO:

OS EXERCÍCIOS MILITARES E A BUSCA DE UMA DISCIPLINA

Vegécio destaca logo na primeira parte do primeiro livro que “o conhecimento da arte da guerra alimenta a audácia de lutar: ninguém receia fazer aquilo que acredita ter aprendido bem.” (*ERM*, I. 1). Ele tem razão, pois quando estamos preparados ou treinados numa função tudo parece mais fácil e até automático. Para tanto, precisamos de treino constante e de disciplina.

Disciplina é uma palavra originária do latim, que denota a instrução, a educação, a disciplina militar, ou seja, compreendia conhecer e estudar, ou treinar no caso dos militares. Hoje esse vocábulo expressa a busca de uma ordem, de um regulamento, de uma conduta que assegure o bem-estar dos indivíduos ou o bom funcionamento de uma organização. Significados que não se distanciam muito um do outro e que em geral buscam preparar o corpo e o espírito do guerreiro para a batalha.

Podemos perceber, assim, que a disciplina e o constante treinamento asseguram a permanência do soldado na linha de frente, mesmo quando todos os seus instintos de sobrevivência digam para fazer o contrário. A autoconfiança do soldado vem de seu conhecimento adquirido nos constantes exercícios do treino diário. Sendo, ainda, essa força mental que mantém a organização e a coesão do grupo durante os embates.

Para Vegécio a essência de um bom combate seria um árduo preparo. Com esse intuito buscou mostrar as principais características de um bom recruta e sempre destaca a *disciplina* como fator marcante para uma boa estrutura do exército. Sublinha, ainda, que a palavra *exercitus* (exército) tem sua raiz na palavra *exercitium* (exercício), de forma que não se podia esquecer que o exército tinha por base os exercícios. (*ERM*, II, 1).

Pode-se imaginar que um recruta que nunca teve contato com algum tipo de luta deveria se sentir perdido, atordoado e com medo. O que poderia ser desastroso não só para o novato quanto para a operação em desenvolvimento. As atividades, os exercícios propostos preparavam o corpo, treinavam as habilidades e davam suporte para o combate, no entanto somente a experiência formava um soldado. E com a prática novas possibilidades podem surgir, descoberta de aptidões e aprimoramento das técnicas.

O exército romano-bárbaro possuía um dinamismo que permitia o desenvolvimento de novas técnicas a partir de experiências e contatos com outras culturas bélicas. E, como já averiguamos, existia um número considerável de soldados de diferentes povos nas fileiras. Fossem como voluntários, provenientes de acordos de paz, ou como prisioneiros de guerra, esses partilhavam do dia a dia dos soldados nos campos onde se concentravam. De forma que participavam dos exercícios diários, podendo, também, mostrar seus conhecimentos.

Diferentemente, os *foederati*, no século IV d.C., possuíam uma dinâmica própria, ou seja, tinham sua própria maneira de encarar a batalha, de forma que não compartilhavam o treinamento dos soldados do Império Romano. No século VI d.C., há uma mudança nesse cenário, os *foederati* passam a integrar o exército romano-bárbaro, de forma que participam, também, da *disciplina* romano-bárbara. Um período em que tiveram uma relação mais igual e favorável com o Império Romano. (SOUTHERN & DIXON, 1996:50; HEATHER, 1997:74).

A interação com a cultura dos outros povos, interna ou externamente, proporcionou uma rica diversidade, na qual elementos de diferentes culturas puderam dialogar – de forma violenta ou não. A efervescência multicultural que existia dentro do exército romano-bárbaro agregou novos elementos, podendo ampliar as ações bélicas, táticas e estruturas.

Mesmo havendo uma dificuldade em precisar os exercícios dos treinamentos, acreditamos que esse também tenha se transformado ao longo da Antiguidade Tardia, adaptando-se às mudanças que ocorriam dentro do seio militar, fossem elas de ordem, política, econômica e/ou cultural. O ato de treinar, de se preparar para um evento específico, continuava a desequilibrar a balança e garantir a vitória numa batalha.

Amiano Marcelino na passagem que se segue mostra-nos a importância de se ter soldados bem disciplinados, uma vez que a indisciplina dos soldados poderia levar a grandes perdas. Prezava o bom treinamento dos soldados para que obtivessem sucessos

nas batalhas e guerras travadas com seus inimigos, que muitas vezes foram os considerados indisciplinados.

Valentiniano foi roubado de sua glória [de capturar o rei inimigo], não por sua própria culpa ou a de seus generais, mas pela indisciplina dos soldados, a qual muitas vezes causou inúmeras perdas ao estado Romano. Assim, após reduzir o território inimigo a cinzas por cinquenta milhas, ele voltou tristemente para Treves. (RG, XXIX, 4. 6).

Para Amiano os soldados romanos detinham uma habilidade com a arte da Guerra superior, tanto por seu treinamento quanto por sua disciplina, menosprezando o conhecimento e a técnica dos inimigos bélicos.

Em seguida, com amargura de espírito em ambos os lados, o conflito foi ensaiado com niveladas lanças; de um lado soldados treinados na arte da guerra, do outro lado bárbaros, ferozes, mas imprudentes, juntaram-se um conflito mão a mão. (RG, XXVII, 10. 13).

Mas nem todos receberam o mesmo tratamento, o autor da *Res Gestae*, ao retratar as províncias Persas, ressalta que era um povo treinado para as poeiras de Marte, mas que sua constante condição de guerra o impediu de crescer mais. Somente a cavalaria ganha destaque nesse discurso, uma vez que acredita que a infantaria dele não passasse de cavaliços, pois estava sempre atrás da cavalaria. Mostra, assim, um interesse não só pelo preparo dos cavaleiros, mas também pela importância da infantaria.

Através do treinamento militar e da disciplina, através de exercícios constantes para a guerra e de manobras militares, o que temos muitas vezes descrito, eles causam temor até mesmo para grandes exércitos; eles dependem principalmente no valor de sua cavalaria, na qual todos os nobres e homens de posição se submetem ao serviço duro; pois a infantaria era armada como os *murmillones*, e eles obedecem às ordens como tantos cavaliços. Toda a multidão deles segue sempre na parte de trás, como se condenados à escravidão perpétua, sem nunca ter sido apoiados por pagamentos ou presentes. E esta nação, tão ousada e tão bem treinada para a poeira de Marte, teria trazido muitos outros povos sob o jugo daqueles a quem eles são totalmente subjugados, se não fossem constantemente atormentados por guerras civis e estrangeiros. (RG, XXIII, 6. 83).

Vemos a relação entre os estrangeiros e os romanos crescer dentro do meio militar, não só os embates mediavam esses contatos, muitos homens de outras origens foram recrutados para o exército do Império Romano⁹⁵. Estabelecia-se, assim, um contato diário com outras culturas e diferentes formas de entender o combate, tanto em aspectos materiais, com os equipamentos, quanto táticos.

Esse contato é bastante intenso nos campos de treinamento, durante cercos e campanhas militares, pois era nesses espaços que compartilhavam os treinamentos e realizavam as tarefas diárias do acampamento. A relação que se desenvolve no cotidiano proporciona um senso de companheirismo, de dever e de obrigação entre si e em relação aos seus superiores, o que, no momento decisivo do combate, mantêm o soldado firme na linha de frente. O treinamento torna-se, assim, mais que um espaço para se exercitar e desenvolver seus conhecimentos bélicos, era, também, um local de interação e formação de elos entre os soldados.

Exigia-se disciplina para se manter preparado para as intempéries das batalhas, pois somente com constante treino o corpo estaria preparado para aguentar um combate. O braço precisa estar acostumado ao peso da espada, do escudo, da lança; a cabeça carrega o peso de um elmo, que podia ter até dois quilogramas⁹⁶, e tinha, ainda, a cota de malhas que revestia o peitoral, dentre outros aparatos que um soldado levava à guerra. De forma que o soldado precisava estar apto a lutar com destreza mesmo carregando um grande peso.

Vegécio é bem incisivo quanto à importância do treino para formar um soldado, de acordo com ele o soldado que não treinasse pelo menos uma vez ao dia poderia ser considerado um recruta, e os iniciantes deveriam se exercitar duas vezes ao dia. Em sua visão somente o treino diário poderia dar ao soldado a autoconfiança necessária para desejar o combate, de outra forma o recearia. Em suas palavras:

Portanto, quer se trate da legião, quer das tropas auxiliares, devem treinar-se assiduamente; de facto, assim como o soldado bem treinado deseja o combate, assim o destreinado o receia. Por fim, é sabido que, no combate, conta mais o treino do que a força; pois, se um uso sábio das armas for negligenciado, o civil em nada se distingue do soldado. (*ERM*, II. 23).

⁹⁵ Como vimos anteriormente havia diferentes possibilidades para o recrutamento dos jovens estrangeiros.

⁹⁶ Como podemos observar nas fichas técnicas 3 e 5 do catálogo de imagens.

O intenso trabalho antes das guerras preparava os homens para as dificuldades que encontrariam na frente de batalha. Além do peso dos equipamentos os soldados tinham uma árdua jornada com o tempo também, pois uma luta poderia durar horas, às vezes dias. De forma que, além do trabalho com a espada, a resistência dos guerreiros deveria ser continuamente exercitada para aguentar o maior tempo possível.

Amiano deixa entrever em sua narrativa a continuidade de uma batalha por mais de um dia, tendo estabelecido somente uma pausa para que ambos os lados pudessem se recompor antes do retorno da batalha, a qual era anunciada pelo som de trombetas. A ordem era fundamental para o funcionamento das táticas e manobras necessárias, no fogo cruzado ou na preparação para o combate.

E já que agora nada era esperado exceto batalha, ambos os lados se revigoraram com comida e sono. Ao amanhecer, o som das trombetas os despertaram para matarem um ao outro, e gritando eles correram para a batalha com mais ousadia do que discrição. (RG, XXI, 12. 5).

A manutenção da disciplina nos acampamentos e espaços militares estava ligada ao comportamento dos comandantes. Se um comandante não soubesse corrigir os erros e louvar a excelência estaria fadado à indisciplina de seus soldados, pois desacreditariam de sua importância e competência. Exigir dos soldados excelência nos treinamentos era de suma importância, logo, o comandante estava habilitado a estimular e corrigir os soldados quando necessário.

Havia pessoas responsáveis pelos treinos dos soldados, Vegécio aponta, na passagem abaixo, que o exercício com as armas era passado pelos *campidoctores*. Como o próprio nome sugere, *campus* o terreno de manobras e *doctor* um especialista, eles instruíam os soldados da infantaria. Já os exercícios dos cavaleiros eram passados pelos *discens equitum*. (LEBOHEC, 2006:91, 114).

Além disso, o recruta deve ser acostumado naquele gênero de exercício a que chamam *armatura*, o qual é transmitido pelos *campidoctores*; trata-se de um costume que, em parte, ainda se conserva. Na verdade, é sabido que, mesmo agora, os soldados instruídos na *armatura* lutam melhor do que os restantes em todos os combates. O que permite perceber como é melhor o soldado treinado do que o não treinado, visto que, por pouco instruídos que sejam na prática da *armatura*, são superiores aos seus restantes camaradas na arte de combater. (ERM, I, 13).

Vegécio chama a atenção, mais uma vez, para a importância do treinamento dos soldados, pois aqueles que eram instruídos na arte da *armatura* se destacavam dos demais. Ainda nesse trecho, o autor indica que houve uma manutenção do cargo de *campidoctores* e, conseqüentemente, dos exercícios dentro do exército romano-bárbaro. Mesmo com modificações, havia o interesse e sabia-se da importância de manter os soldados preparados, sempre.

Logo, vemos tanto em Amiano quanto em Vegécio a importância da manutenção dos treinamentos e da perpetuação dos exercícios entre os recrutas. Ambos apontam a *disciplina* como principal causa dos sucessos obtidos pelos soldados nas batalhas, a qual deveria ser cada vez mais promovida nos campos militares. Inclusive, e principalmente, entre os recrutas de dentro e de fora do Império. Mesmo Amiano subestimando os conhecimentos alheios, e Vegécio sempre primando por recrutas romanos, não podiam negar o auxílio vindo de fora.

4.1. ESPAÇOS DE TREINO E CONVIVÊNCIA

Castra, fortificações ou campos militares, lugar em que o exército se preparava e se concentrava para uma guerra. Formava uma base para os soldados, composta por lugares onde podiam dormir, comer, se exercitar, se equipar e interagir. Existiam as que eram fixas em uma localidade específica, como um forte, e havia acampamentos que eram erguidos somente para determinadas campanhas militares. Por segurança, antes de travarem uma batalha deveriam se precaver, preparando um local para retornar em segurança quando necessário, vitoriosos ou derrotados.

Vegécio em seu terceiro livro ressalta a importância dos acampamentos militares, na sua visão nem sempre uma cidade fortificada oferece a melhor proteção em tempo de guerra. Para o autor é de grande importância escolher o melhor terreno, o qual deveria ser o mais vantajoso para o exército. Depois de escolhida a localidade, deveria ser iniciada a montagem do acampamento, que poderia ter diferentes formatos, mas que não poderia ser grande demais para se perderem e nem pequeno demais que não desse para se movimentarem. (*ERM*, III. 8).

Os *comitatenses*, como já observamos anteriormente, se instalaram pelo interior do território romano, dentro de cidades fortificadas ou em acampamentos militares preparados pelos soldados, para um dia ou vários dias. As cidades tiveram suas

fortificações reforçadas ou refeitas, e por se tratar de uma região já próspera, era mais fácil o reabastecimento do arsenal, com alimentação, roupas e suprimentos de diferentes tipos, inclusive de informação, encurtando os transportes dos mesmos e diminuindo o gasto do exército.

No ano seguinte, depois de ter tentado com igual energia invadir o território do inimigo, ele foi impedido por extensas inundações do Danúbio e permaneceu inativo até o final do Outono, perto de uma aldeia de Carpi, em um acampamento permanente que tinha feito. E desde que ele foi cortado pela extensão das águas de fazer qualquer coisa, ele voltou de lá para Marcianopolis para quartéis de inverno. (RG, XXVII, 5. 6).

Além do que já apontamos, ao adentrarem nas cidades os soldados passam a ter um contato mais intenso com os civis que ali vivem. Encontro que não deve ter sido de todo pacífico. Visualmente, o que distinguia um militar de um civil eram as armas, os civis só as utilizavam para caça, e além de menores ou com características diferentes dos usados em batalha, eles, também, não usavam armadura e nem elmo⁹⁷. (BISHOP; COULSTON, 2006:141). Havia outros acessórios usados pelos soldados que os distinguiam, como os broches e os cintos⁹⁸, este último com encaixe para a espada, característico dos homens ligados ao exército, ou de “oficiais militarizados do governo romano tardo-antigo, e, indubitavelmente, por Germanos equipados pelo exército regular.” (BISHOP; COULSTON, 2006:224).

Essa inter-relação irá repercutir na *agenda* do soldado do Império Romano, o qual deixará de passar a maior parte do tempo em concentração com seus colegas para dividir suas rotinas com a vida cidadina. Andrew Gardner acredita que tal interlocução pode ser parte de uma redefinição gradual de identidades que vê algumas unidades, com base em um determinado lugar por um longo tempo, identificando-se mais com a comunidade em que vivem do que a maior comunidade do exército. (GARDNER, 1999:414).

A interação com os civis contribuiu para uma divulgação maior das culturas que cercavam e caminhavam junto com o exército. Pois, por se tratar de um exército romano-bárbaro, muitos de seus participantes detinham uma herança cultural própria, que poderia ser passada adiante, modificada e/ou interagida. Assim, havia a interação da a esfera sociocultural da cidade com a cultura militar.

⁹⁷ Ver fichas n. 1 a 5 do catalogo de imagens.

⁹⁸ Ver anexo VII – cintos e broches.

Essa política de instalar os homens das armas nas cidades aumentou a construção de fortificações no interior do território romano. As cidades ganharam novos muros, fortes e torres, os quais na maior parte do tempo eram guarnecidos pelas tropas dos *comitatenses*. Por se tratar de unidades aptas a auxiliar em batalhas longínquas, nem sempre estavam com todo seu arsenal nas fortificações, embora sempre ficasse uma guarnição.

De acordo com Alexander Sarantis, as bases profundamente fortificadas seriam a maior força estratégica e tática romana, proporcionando aos exércitos romano-bárbaros inteligência, recursos e mão de obra, itens chaves para campanhas e batalhas militares agressivas. Além disso, as fortificações urbanas definiram o controle Romano sobre a região em torno, regularam o movimento de pessoas e recursos para dentro e fora das cidades. (SARANTIS, 2013:6).

Da mesma forma, as fortificações localizadas nas fronteiras do território romano exerceram grande influência no seu entorno. Pois, mais que um posto militar, defendendo as fronteiras e servindo como plataforma para as campanhas ofensivas do Império, eram base para o policiamento dos negócios locais. (SARANTIS, 2013:18). Vemos, assim, um forte integrado ao seu espaço social, e não somente uma base militar isolada.

Cresce, assim, o papel dos fortes e fortificações, os quais passam a abrigar soldados aptos não só à proteção da cidade como de todo o Império Romano. Fornecem às tropas romano-bárbaras alojamento, recursos, encurta as distâncias e possibilita uma mais rápida circulação das informações entre as tropas, assim como sua locomoção ao encontro dos conflitos. As fortificações, para além de instalações defensivas, guarnecidas por cidadãos civis e soldados aposentados, passam a funcionar como base militar, de onde poderiam partir ofensivas militares. (SARANTIS, 2013:12).

Nos limiares entre as terras romanas e as dos outros povos encontramos as tropas dos *limitanei*. Logo, o espaço dos fortes fronteiriços era a base de atuação e do dia a dia dessas tropas, que, assim como nas fortificações das cidades, também interagem com sua localidade. O contato com os outros povos era ainda mais intenso, já que estavam a um passo deles, sem contar que o comércio era uma relação muito rentável para todos, tanto econômica como culturalmente. Cabia aos soldados o policiamento dos fortes, de forma que eles controlavam as trocas comerciais da localidade.

Era no espaço das fortalezas que as tropas treinavam suas capacidades físicas e habilidades motoras. Poderiam usar outros terrenos, como florestas, montanhas para

caminhadas, treino de resistência, e rios para praticarem natação. Todos esses ambientes constituíam lugares de sociabilização, também, pois proporcionava durante o treinamento e o convívio cotidiano fortes laços de companheirismo, inclusive de lealdade para com seu oficial, fundamental na hora da batalha.

Amiano, em sua narrativa sobre os feitos dos Imperadores, aponta algumas ações desses que valorizavam os soldados. Um dos exemplos que cita é o comportamento de Juliano, em que o governante do Império Romano gostava de partilhar a mesma comida escassa dos soldados comuns. Ato que o aproximava de seus homens.

Além disso, esse tipo de autodomínio se tornou ainda maior através da sua (Juliano) moderação em comer e dormir, a qual ele observava estritamente em casa e fora dela. No tempo de paz a frugalidade de seu viver e sua mesa animava aqueles que poderiam julgar corretamente, como se pretendesse, em breve, reassumir a capa de filósofo. E, em suas várias campanhas, ele era visto, frequentemente, dividindo a comum e escassa comida, e outras vezes de pé como um soldado comum. (RG, XXV, 4. 4).

Em outra passagem o autor militar destaca a importância do comportamento do líder para gerar uma base de confiança e respeito, possibilitando, assim, trabalhar em conjunto, em prol de uma coesão. Pelo discurso do Imperador Valentiniano I, descreve as atitudes de um bom líder militar, segundo as quais ele deveria estar tão preparado quanto um soldado comum para as intempéries das batalhas.

Como estou (Valentiniano I) acostumado a pensar, e como costumo fazer, quando considero seu (Graciano) caráter e suas inclinações, embora ainda não estejam completamente desenvolvidos. Quando ele adentrou nos anos da juventude, desde a qual foi instruído nas artes liberais e na busca da hábil realização, vai pesar com justiça imparcial o valor das ações certas ou erradas; ele vai se comportar de modo que os homens de boa vontade saberão que ele os entende; ele buscará ações nobres e estará sempre perto dos padrões militares; ele vai suportar sol e neve, geada e sede, e horas de vigília; ele defenderá seu campo, sempre que houver necessidade; ele arriscará sua vida por seus companheiros de perigo; e, o que é seu primeiro e mais alto dever de lealdade, ele saberá amar seu Império como ama a casa de seu pai e avó. (RG, XXVII, 6. 9).

Assim, era importante para o exército manter-se preparado física e estruturalmente, pois se os soldados não tivessem o elo de companheirismo e de confiança no líder poderiam abandonar a luta caso se sentissem pressionados. Logo, os exercícios se mostravam de grande importância para a manutenção de um exército eficiente.

4.2. POSICIONAMENTOS TÁTICOS

O treinamento e a disciplina do exército são essenciais para se ter um bom desempenho em combate, não só hoje como em todas as épocas. Os equipamentos e a literatura da Antiguidade Tardia a que temos acesso na atualidade nos indicam que era importante saber manejar as armas, reconhecer os sinais dos comandantes, movimentar-se de acordo com a tática a ser utilizada. Além do preparo do corpo, aumentando a força e a resistência para aguentar a dinâmica do combate.

Sua força é demonstrada pelo grande número de suas batalhas e por sua conduta nas guerras, assim como por sua resistência a excessivo frio e calor. E, apesar do dever corporal ser exigido de um soldado, o dever mental é de um general, ainda uma vez ele corajosamente encontrou um inimigo selvagem na batalha e o derrubou, quando os nossos homens deram passagem, ele por várias vezes sozinho verificou a linha opondo o peito para eles. (RG, XXV, 4. 10).

Dos militares o corpo era bem cobrado, estar preparado fisicamente fazia a diferença para se ter um bom soldado, assim como estudar e manter a mente trabalhada são fundamentais para um bom comandante. Pois dele dependia a escolha do campo onde ficaria o acampamento, do campo onde se travaria a batalha, e todo o processo nesse intermeio. O que não quer dizer que os soldados, também, não tinham que ter um nível de conhecimento para um bom desenvolvimento.

Saber contar e conhecer as letras poderia ser o diferencial para alguns soldados, dependia desses critérios sua colocação no exército, pois era essencial que a pessoa que contabilizasse os números e as escalas das patrulhas noturnas soubesse ler e contar (ERM, II. 19). A perspicácia e o espírito ativo eram reconhecidos e deviam ser valorizados no exército, pois os soldados eram ordenados aos esquadrões de reconhecimento, aos trabalhos de inteligência e diplomacia, participavam das invenções de equipamentos e eram importantíssimos em sítios, onde a perspicácia e a inteligência poderiam vencer as barreiras impostas pelos inimigos.

Enquanto isso estava acontecendo na luz do dia e diante dos olhos de todos, foi relatado ao imperador, que mantinha um olhar atento sobre tudo, que os legionários a quem a colocação das minas tinha sido atribuída, tendo terminado a passagens subterrâneas e apoiando-as por

vigas, tinha feito o seu caminho para as fundações dos muros, e estavam prontos para o ataque quando ele mesmo desse a ordem. (RG, XXIV, 4. 21).

As habilidades dos soldados deveriam ser múltiplas, pois além de saberem lutar com destreza com os armamentos, eram suas as atribuições de auxiliar na construção de armamentos, cavar túneis, levantar acampamentos, entre outras atividades que eram distribuídas nos campos de acordo com as características de cada soldado. Outros especialistas acompanhavam o exército, como é o caso dos médicos, religiosos, ferreiros, carpinteiros, caçadores, profissionais que auxiliavam no desempenho do exército e garantiam seu bom funcionamento.

Embora passassem a maior parte do seu tempo em acampamentos do que em combates propriamente ditos, os soldados deveriam ser preparados para todas as eventualidades que pudessem ocorrer em campo de batalha, escaramuças e perseguições. Vegécio, em seu livro, deixa clara a importância do bom treino e do treino constante, mesmo em tempos de paz, pois, a seu ver, aquele que tivesse corpo e mente disciplinados pelo treinamento estaria sempre disposto e não fugiria da batalha.

“A natureza gera um número reduzido de homens corajosos, mas uma boa instrução e o trabalho produzem muitos.” (ERM, III. 26). Uma das regras gerais de Vegécio. Amiano, também, valoriza o treinamento dos soldados romano-bárbaros, inclusive destaca que a boa disciplina das fileiras vem justamente pela prática. Critica as fileiras Alamanas, que confiavam somente em sua força e tamanho para ganhar, mais que na disciplina.

Pois de certa forma os combatentes estavam equiparados; os Alamanos eram mais fortes e altos, os nossos soldados disciplinados pela longa prática; eles eram selvagens e incontroláveis, nossos homens calmos e cuidadosos, estes contando com sua coragem, enquanto os germanos audaciosos sobre seu enorme tamanho. (RG, XVI, 12. 47).

Assim, os soldados tinham que estar em sua melhor forma física, ter uma capacidade intelectual e uma grande percepção do que acontecia em volta. Durante uma batalha muita coisa poderia acontecer e era importante estarem trabalhando em uníssimo e, para tanto, o comandante, o qual sabia a tática a ser empregada, deveria informar seus soldados. Existiam duas formas de transmitir uma ordem aos combatentes, poderia ser

por aparelhos sonoros ou visuais. A *tuba*, o *cornu* e a *bucina* eram instrumentos musicais que poderiam ser utilizados para dar um aviso ou indicar uma ação a ser tomada.

Chama-se *tuba* àquele instrumento que é direito, *bucina* àquele que é curvado em si mesmo num círculo de bronze, e *cornu* àquele que, feito de cornos de bois selvagens revestidos de prata, emite o som de um vento que canta quando é modulado com um sopro artístico. Pois o exército sabe por meio de todos estes sons inconfundíveis se convém estar parado ou avançar ou ainda recuar e se convém perseguir os fugitivos até longe ou tocar para a retirada. (*ERM*, III. 5).

Os músicos que tocavam esses instrumentos eram conhecidos como *tubicines*, *cornicines*, *bucinatores*. A maioria dos músicos eram militares, exceto por alguns padres (sacerdotes) que utilizavam esses instrumentos em seus sacrifícios públicos. (ZIOLKOWSKI, 2002:31). Ao ouvir o som de cada um desses instrumentos o soldado sabia o que era esperado dele, seja um chamamento para uma reunião, para a batalha ou para outra função determinada, acordar, dormir, trocar turnos, entre outros. Mantendo a disciplina no acampamento e fora dele, principalmente em momentos de chamar a ordem num combate.

Já os sinais visuais poderiam ser dados por meio das águias, dos dragões, dos *vexilla*⁹⁹, das flâmulas, das *tufae*¹⁰⁰ e das *pinæ*¹⁰¹, além de poderem ser utilizados gestos com as mãos ou com o chicote, segundo costume *bárbaro*. (*ERM*, III. 5). Assim, o cabedal de sinais para comunicação com a tropa era ampliado, permitindo informar aos soldados as formações táticas que seriam utilizadas e, conseqüentemente, onde deveriam se posicionar.

Seus generais em grande alarme com súplicas unânimes tentaram impedi-lo [Juliano] de tomar este passo, mas não conseguiram abalar a determinação do imperador. A bandeira foi levantada de acordo com suas ordens, e cinco navios imediatamente desapareceram de vista. Mas assim que eles alcançaram a margem oposta eles foram atacados persistentemente com tições e todo tipo de material inflamável, os navios e soldados teriam sido consumidos, não tivesse o imperador, levado pelo rigor afiado de seu espírito, clamado que os nossos soldados tinham, como indicado, elevado o sinal de que eles já estavam de posse da terra, e ordenou que toda a frota apressasse para o local com toda a velocidade de seus remos. (*RG*, XXIV, 6. 5).

⁹⁹ Um estandarte, bandeira, insígnia da cavalaria ou das tropas auxiliares. Uma bandeira vermelha ao ser colocada na tenda do general dava o sinal de combate.

¹⁰⁰ Estandarte militar.

¹⁰¹ Penacho de capacete.

Amiano exemplifica como o Imperador fez uso das bandeiras para se comunicar com parte do exército, era por esse meio que os soldados sabiam se deviam atacar ou recuar, tomar essa posição ou outra. Esses meios, tanto o sonoro quanto o visual, tinham um importante papel a desempenhar na guerra, devendo ser exercitado sempre. Símbolos nos escudos e nas vestes eram utilizados, também, com esses os soldados saberiam a que *cohort* pertenciam e quem eram seus companheiros.

Mas para que os soldados nunca se perdessem dos seus companheiros no tumulto do combate, eles pintavam nos escudos, para as distintas coortes, sinais diferentes chamados *digmata*, tal como ainda hoje é costume fazer. Para além disso, na parte inferior do escudo estava inscrito com letras o nome de cada soldado, acrescentando da indicação da coorte ou da centúria a que pertencia. (*ERM*, II. 18).

Logo no início de seu texto, pelo menos da parte a que temos acesso hoje, Amiano aponta que haveria um regulamento de condutas em determinadas situações, que deveria ser seguido pelos oficiais. Deste modo, criava-se um ordenamento no exército facilitando o desenvolvimento de tarefas e a manutenção da disciplina. Até mesmo na hora de receber uma tropa de outra região era importante todos estarem inteirados dos símbolos e seus significados.

Avisado da aproximação deles por olheiros de confiança, os oficiais da guarnição deram a palavra de ordem, de acordo com os regulamentos, e em uma investida rápida levaram para fora toda a força; e tendo rapidamente atravessado a ponte sobre o rio Calycadnus, cujo fluxo poderoso lava as torres das muralhas da cidade, eles dispuseram os homens em ordem de batalha. E ainda assim ninguém atacou ou foi autorizado a lutar; pois temiam o grupo com o fogo da loucura, superior em número, e pronto a cair sobre a espada, descuidados com suas vidas. (*RG*, XIV, 2. 15).

Sem se esquecer da multiplicidade do exército e de sua capacidade de adaptação às situações, vemos no consenso de algumas condutas certo grau de unidade do exército, um lugar-comum que o caracteriza, permitindo um trabalho conjunto. O treinamento era uma ferramenta fundamental para a manutenção de todas as engrenagens do preparo à guerra. Os exercícios deveriam ser individuais e táticos, permitindo ao soldado estar atento e preparado, confiante e corajoso para que pudesse entrar no campo de batalha pronto para o combate.

Não só os *armaturae* que estão sob a direção de um *campidoctor*, mas também todos os outros soldados aprendiam em treinos diários a *armatura*, que se exibia em dias festivos no circo. Pois se adquire pelo próprio uso do corpo, quer a velocidade, quer a arte de ferir o inimigo protegendo-se a si mesmo, especialmente se se combater com gládios, corpo a corpo; e isso é na verdade muito importante, porque eles aprendem a manter as fileiras e seguem o seu estandarte no meio de situações caóticas, mesmo no combate simulado; e nenhum erro surge entre soldados treinados, ainda que seja grande a confusão da multidão de combatentes. (*ERM*, II. 23).

Essa passagem caracteriza bem a ideia de que ter um bom conhecimento sobre o uso dos equipamentos, e saber usá-los, podem auxiliar todo o conjunto no final. Ou seja, o bom funcionamento tático do exército estava diretamente relacionado com a preparação individual de cada soldado para o combate. O que não isentava os soldados do trabalho em conjunto nos treinos, dada a importância de conhecer as posições que deveriam tomar na hora do embate militar.

Treinar posição, comandos de som e visual eram de grande importância não só para o preparo tático, mas também para criar laços de comprometimento com o companheiro e com o todo. Fazer combates simulados era uma boa maneira de exercitar esses quesitos, pois mantinha o soldado alerta e preparado, sabendo se posicionar e seguir os comandos. Dessa forma aprendiam a manter as fileiras e a seguir o seu estandarte no meio das situações mais caóticas.

Costumes de outras tribos, também, poderiam ser refletidos nesses sinais aprendidos, como é o caso do uso das mãos e dos chicotes para dar orientação aos soldados. Considerando a grande inter-relação cultural existente no exército do século IV d.C., e o alcance de muitos estrangeiros a cargos de comando militar, era esperado que estes introduzissem algumas de suas técnicas. Vegécio deixa claro que esses novos elementos não pertenciam à tradição dita romana e teriam sido introduzidos posteriormente pelos *bárbaros*, porém não prolonga sua explanação e não deixa claro se considerava um bom implemento ou não.

Também existem outros sinais mudos que o general manda colocar nos cavalos, no vestuário e nas próprias armas para que se distingam dos inimigos. Além disso, o general dá indicações com a mão ou com o chicote, segundo o costume bárbaro e, por vezes, por meio de um movimento do vestuário que enverga. (*ERM*, III. 5).

À parte todo esse conhecimento técnico-tático, o soldado deveria estar preparado para utilizar todos os tipos de equipamentos, mesmo que tivesse um que se destacasse. Conhecer o equipamento que os soldados utilizavam pode nos trazer uma boa reflexão de como eram utilizados e de como poderiam ser os treinos para tirar o maior proveito deles. Nas palavras de Sarantis e Christie, “um entendimento dos armamentos e equipamentos e seus usos podem informar-nos sobre a cultura marcial, organização, táticas e treinamento de diferentes exércitos tardo-antigos”. (2010:xxiii).

Vejamos como esses equipamentos eram utilizados, tanto pela análise das suas características físicas, que podemos perceber com o auxílio da arqueologia (aqui apresentada no catálogo de imagens e nos anexos de VI a XV), e também pelas descrições literárias dos armamentos e de suas formas de uso. A partir dessas observações tentaremos perceber como poderiam ser os treinos.

4.3. OS EQUIPAMENTOS: INFORMAÇÕES DOCUMENTAIS

O exército possuía um grande arsenal, com equipamentos tanto para proteção do soldado como para atacar o inimigo e derrubar o maior número de homens da outra frente militar. Equipamentos que por si só já detinham um peso considerado, de forma que o conjunto deles, utilizados em batalhas, se tornava um fardo grande. A mobilidade, assim, também poderia ser prejudicada, por isso é que o treino garantiria que o soldado aguentasse todo o combate e lutasse com mais destreza.

Elmos, cotas de malhas, escudos, lanças, dardos, espadas, plumbatas, arcos, balistas, liburna, e tantas outros maquinários e armas faziam parte do cotidiano militar, em especial na hora do combate. Alguns desses serviam para proteção do combatente, dos fortes, outros para atacar o inimigo e suas barreiras. Outros acessórios, embora não necessariamente militares, auxiliavam na hora do embate ou da defesa de um forte, como é o caso de pedras, piches, fogo, escadas, ou seja, o cabedal de armas ia até onde a engenhosidade alcançava.

Vegécio descreve 18 armamentos e 17 maquinários utilizados no desenvolver das guerras, em sua maioria, para proteção de fortes e posições, alguns também eram levados a campo, como é o caso do *carroballista*. Existem outros acessórios que também são de grande auxílio numa batalha. Dentre os equipamentos e máquinas militares, vemos¹⁰²:

¹⁰² As referências e descrições das passagens encontram-se no catálogo de fontes.

Vegécio

	Armamentos	Maquinários	Outros
1.	<i>Scutum</i> – escudo	<i>Manuballista</i> (tipo de balista)	<i>Scalae</i> – escada
2.	<i>Gladius</i> – gládio	<i>Arcuballista</i> (tipo de balista)	<i>Culcita</i> – colchão
3.	<i>Arcus</i> – arco	<i>Carroballista</i> (tipo de balista)	<i>Columna</i> – coluna
4.	<i>Cassis</i> – capacete	<i>Ballista</i> – balista	<i>Falarica</i>
5.	<i>Catafracta</i> – couraça	<i>Scorpio</i> – escorpião	<i>Laqueus</i> – laço
6.	<i>Lorica</i> – loriga	<i>Onager</i> – ónagro	<i>Lupus</i> – lobo
7.	<i>Funda</i>	<i>Agger</i> – talude	<i>malleolus</i>
8.	<i>Fustibalus</i> – fustíbulo	<i>Aries</i>	
9.	<i>Marttiobarbuli</i> – plumbata	<i>Pluteus</i> – manta	
10.	<i>Ocrea</i> – grevas	<i>Vinea</i>	
11.	<i>Pilum/brebas</i> – pilo/dardo	<i>Musculus</i> – manteletes	
12.	<i>Hasta</i> – lança	<i>exostra</i>	
13.	<i>Spatha</i> – espada	<i>Turris</i> – torres	
14.	<i>Spiculum</i> – dardo	<i>Sambuca</i>	
15.	<i>Tragulís</i> – lança	<i>Tollenno</i> – toleno	
16.	<i>Verriculum</i> – dardo	<i>Curniculum</i>	
17.	<i>Sarisa</i> – sarissa	<i>Libuni</i> – navio	
18.	<i>Tribulus</i> – tríbulo		

Amiano acresce ainda mais esta lista, na qual encontraremos situações de guerra que se utilizavam de diferentes objetos e meios para manter o outro lado afastado. O militar da tarda antiguidade descreve o uso de 44 equipamentos de guerra, para proteger ou atacar; narra, ainda mais detalhadamente, os maquinários utilizados, além de citar outros objetos utilizados que serviram também a propósitos militares¹⁰³.

¹⁰³ As referências e descrições das passagens encontram-se no catálogo de fontes.

Amiano Marcelino

	Armamentos	Maquinários
1.	<i>Telum</i> – mísseis	<i>Pontem</i> – ponte de barcos
2.	<i>Gladius/mucro</i> – espada/ponta	<i>Ballista</i> – balista
3.	<i>Hasta</i> – lança	<i>Scorpio</i> – escorpião
4.	<i>Catafracta</i> – couraça	<i>Scalae</i> – escada
5.	<i>Lorica</i> – loriga	<i>Tormentum</i> – máquina de arremessar
6.	<i>Thorax</i> – peitoral	<i>Navis</i> – navio
7.	<i>Scutum</i> – escudo	<i>Aries/helepolis</i> – aríete
8.	<i>Iaculum</i> – dardos	<i>Catapulta</i>
9.	<i>Spiculum</i> – dardos	
10.	<i>Missila</i> – mísseis	Outros
11.	<i>Sagitta</i> – flechas	<i>Barritus</i> – grito de guerra
12.	<i>Tragulis</i> – lança	<i>Sudibus</i> – estacas
13.	<i>Funditor/funda</i> – funda/estilingue	<i>Saxum</i> – pedra grande
14.	<i>Securis</i> – machado	<i>Lapis</i> – pedra
15.	<i>Ferrum</i> – arma de ferro (espada)	<i>Flamma</i> – tição/fogo
16.	<i>Centonem</i> – pano sob elmo	<i>Taeda</i> – tochas
17.	<i>Galea</i> – elmo	<i>Ignis</i> – fogo
18.	<i>Verrutis</i> – dardo	<i>Pix/picis</i> – pez/piche
19.	<i>Clipeus</i> – escudo	<i>Bitumen</i> – betume
20.	<i>Malleolus</i> – maço incendiário	<i>Coluna fragmentum</i> – fragmento de coluna
21.	<i>Glans/glandis</i> – bola de chumbo	<i>Oleum</i> – óleo
22.	<i>Arcus</i> – arco	
23.	<i>Lamina corporis</i> – placas de ferro	
24.	<i>Pila</i> – lança	
25.	<i>Cupis</i> – ponta de lança	

Já o anônimo pontuará somente grandes maquinários, em sua visão eles seriam úteis na medida em que diminuiria a mão de obra, mas manteria a eficiência do exército.

Algumas de suas máquinas descritas, talvez não *ipsis litteris*, mas em formatos parecidos, teriam existido e auxiliado as tropas militares de seu momento, em contrapartida outras não saíram do papel, ao menos pelo tempo que viveu. (GIARDINA, 1989:li-lii). Dentro do seu texto encontramos a descrição de 12 máquinas de guerra¹⁰⁴.

De rebus bellicis

Maquinários

- | | |
|-----|-------------------------------------------------|
| 1. | <i>Ballista quadriro</i> – balista com 4 rodas |
| 2. | <i>Trichodifi</i> – tiodrifo |
| 3. | <i>Clipeus/param</i> – escudo/braquel |
| 4. | <i>Plumbata</i> |
| 5. | <i>Plumbata manillata</i> – plumbata amamillada |
| 6. | <i>Currodrepani</i> |
| 7. | <i>Currodrepani singularis</i> |
| 8. | <i>Currodrepani clipeati</i> |
| 9. | <i>Thoracomachi</i> |
| 10. | <i>Ascogefyri</i> |
| 11. | <i>Liburna</i> |
| 12. | <i>Ballista fumem</i> – balista |

Nem todos os equipamentos e armas, descritos pelas literaturas do período como tendo sido utilizados pelos soldados romano-bárbaros, foram encontrados nos sítios arqueológicos. De maneira que as evidências materiais nem sempre acompanham os relatos, no catálogo de imagens descrevemos alguns desses achados. Em complemento a esses equipamentos vemos um grande estudo de armas e de outros acessórios, assim como de suas tipologias nos anexos VI, IX e de XI a XIV. Estes mostraram os estudos tipológicos dos seguintes equipamentos:

¹⁰⁴ As referências e descrições das passagens encontram-se no catálogo de fontes.

Cultura material

1.	Elmo
2.	Bainha
3.	Espada
4.	Plumbata
5.	Dardos
6.	Lanças
7.	Cintos e broches
8.	Escudos
9.	Arco e flechas

Nem todos os equipamentos chegaram com perfeição aos nossos dias, haja vista que parte deles era feita com materiais perecíveis, como a madeira e o couro, os quais sofrem mais com as intempéries do clima e do solo. Por serem constituídos basicamente de madeira, não há peças inteiras de arcos e maquinários¹⁰⁵. Encontramos somente pequenas peças desses, como parafusos e outros metais que constituíam as máquinas ou as partes feitas de ossos no caso dos arcos.

Assim, nosso conhecimento dos aparelhos que eram usados em batalhas é baseado, essencialmente, na literatura do período. A arqueologia nos auxilia a compreender o mundo dos equipamentos e armamentos militares, relatados também pelos autores da tarda antiguidade. Assim, ao cruzarmos e compararmos as informações dos distintos documentos, buscaremos entender como eram usados e trabalhados, para então chegarmos ao treinamento.

4.4. DESCRIÇÃO, UTILIZAÇÃO E TREINO

Analisaremos agora cada equipamento e como foram retratados pela documentação, seja ela material ou textual. Interligando as diferentes informações de cada armamento buscaremos perceber como eram utilizados pelos guerreiros, em combate ou fora dele. A partir desses dados entenderemos empiricamente como se dava o treinamento físico militar daquele período.

¹⁰⁵ Ver anexo XV.

No ambiente militar, treino significa obter a capacidade de realizar e sobreviver em combate, e aprender as muitas habilidades necessárias em tempos de guerra. Além das aptidões físicas, os treinos preparavam os soldados para os sentimentos e adrenalinas que veriam em combate, embora, acredito, não com a mesma intensidade que veriam em batalha. Para preparar bem os soldados para as ações de guerra era preciso muita dedicação deles nos treinos, a disciplina na prática deveria ser intensa, no intuito de manter o corpo acostumado com os movimentos.

Com os exercícios diários o soldado ganha condicionamento físico e mental, que o auxilia a ter uma resposta rápida durante o combate, a saber, esperar o comando do oficial e saber se defender e atacar com as armas que tem em mãos, pois as conhecerá e estará acostumado com seu uso. Da mesma forma que o treino coletivo dava a perspectiva do trabalho em conjunto, onde deveriam ficar e como seria a disposição tática no momento da batalha. Assim, os soldados poderiam estar bem preparados fisicamente e conheceriam um pouco a emoção que viveriam em guerra.

Dentre os equipamentos que destacaremos estão todos que figuram em nossos catálogos, de imagem ou de fontes, separamos aqui em os de defesa, os de ataque, os maquinários e outros acessórios. Cada um tinha sua função em guerra, um modo de operar próprio e cada soldado deveria estar habituado a eles. Os de defesa serviam para manter a integridade física do soldado; os de ataque para ferir o inimigo, de preferência, mortalmente; os maquinários de longo alcance e com uma maior força de ataque poderiam ser úteis para derrubar o maior número de adversários ou eliminar obstáculos, como as fortalezas; já o restante aqui apontado eram objetos e substâncias que poderiam auxiliar na batalha.

Vejamos um pouco de cada um desses equipamentos e como foram utilizados por seus contemporâneos.

4.4.1. EQUIPAMENTOS DE DEFESA

Os equipamentos de defesa serviam, como o próprio nome sugere, para proteger os soldados e o exército, de maneira que os golpes do inimigo fossem bloqueados e que as fileiras pudessem continuar com sua formação. Equipamentos pesados e que limitavam a mobilidade, de forma que era preciso ter resistência e agilidade para superar os pontos negativos das camadas protetoras. Como veremos, cada equipamento tem seu peso e

precisa de resistência para tirar o maior proveito dele, de forma que era primordial trabalhar antes e conhecer bem os instrumentos.

ELMOS

Chamado de *galea* por Amiano¹⁰⁶ e de *cassis*¹⁰⁷ por Vegécio, o elmo, ou capacete, tinha uma utilidade bastante precisa, proteger a cabeça do guerreiro. De forma que era feito com matérias resistentes, como o ferro, mas, para que o contato direto com o metal não machucasse quem o usasse, possuía uma camada de couro. Os soldados, pensando ainda em sua proteção, poderiam colocar um pano na cabeça antes de colocar o capacete, chamado de *cento*¹⁰⁸ pelo autor militar.

Considerando o material usado no seu feitio, tinha um peso bastante considerável, que poderia chegar até 1,8kg. Além de lidar com tamanho peso sobre sua cabeça, o soldado tinha que se adaptar com o campo de visão restrito, pois para uma melhor proteção os capacetes tinham proteções de pescoço, de bochecha e de nariz, limitando a visão do combatente ao que estava a sua frente.

A audição também diminuía com o uso do elmo, pois cobria toda a parte do ouvido, assim, os soldados deveriam ficar atentos às sinalizações visuais, pois as sonoras não conseguiriam identificar. Existiram elmos que tinham a abertura do ouvido, como é o caso do elmo de Intercisa ou do modelo Augst¹⁰⁹; a finalidade dessa abertura auricular, só podemos conjecturar, era para ouvir melhor. Embora a maioria dos sinais enviados aos soldados se desse por meio de bandeiras e gestos, esse artefato nos faz pensar que pudesse haver ordens dadas por voz.

Vemos em outros modelos aspectos mais simples, nos quais não havia nenhum tipo de decoração, como é o caso do elmo em ferro¹¹⁰, o elmo de Intercisa com uma folha de prata dourada¹¹¹. Já os modelos de Deurne¹¹² e de Berkasovo¹¹³ são os mais trabalhados, com pedras. O que nos mostra a diversidade de modelos e opções que

¹⁰⁶ RG: *galea* XIX, 8. 8; XX, 11. 12; XX, 11. 21; XXIV, 2. 5; XXVI, 6. 16; XXVII, 10. 11; XXXI, 13. 3.

¹⁰⁷ ERM: *cassis* I, 16.

¹⁰⁸ RG: *cento* XIX, 8. 8.

¹⁰⁹ N. 05 do catálogo de imagens.

¹¹⁰ N. 03 do catálogo de imagens.

¹¹¹ N. 04 do catálogo de imagens.

¹¹² N. 02 do catálogo de imagens.

¹¹³ N. 01 do catálogo de imagens.

existiam na época, e quem tinha recursos poderia pagar por um elmo mais trabalhado, no entanto a base e o formato de todos são bem parecidos.

Amiano também descreve um elmo todo decorado em pedras, que pertencia ao Imperador Valentiniano I¹¹⁴. Pela sua descrição, parece muito com o elmo de Berkasovo. Ao que parece, os elmos decorados pertenciam aos mais abonados soldados, o que não significa que tinham uma posição determinada (COULSTON, 2002:11), ou seja, indicavam a posição social do guerreiro, porém não seu posicionamento dentro do exército.

A *Notitia*, no entanto, não traz nenhuma informação de *fabricae*¹¹⁵ especializadas em elmos, mas aponta aquelas que fabricavam armaduras no geral, as quais poderiam também produzir capacetes para o exército. Assim, percebemos que ainda existiam outras *fabricae* que não estivessem subordinadas ao governo.

Embora feitos com material resistente, os capacetes não eram infalíveis, como Vegécio¹¹⁶ nos indica, pedras polidas arremessadas por uma funda¹¹⁷ poderiam causar hemorragias internas, que também levariam a óbito o soldado, mais que se uma flecha lançada acertasse sua cabeça protegida pelo elmo. Amiano também descreve uma cena em que a proteção da cabeça é arrancada e partida ao meio por golpes de machado¹¹⁸.

Considerando o seu peso e característica, era preciso ter resistência e estar acostumado para utilizá-lo com confiança e sem que ele o prejudicasse durante a batalha. Para tanto, um treino regular de resistência era essencial, pois esse não era o único peso que carregavam, e se não estivessem acostumados poderiam perder agilidade e força.

ESCUDOS

Os escudos eram equipamentos importantes na defesa do soldado. Encontramos relatos deles em todas as documentações, tanto literárias quanto materiais. No entanto, a arqueologia ainda não encontrou um escudo inteiro do século IV d.C., por serem feitos de materiais perecíveis, como a madeira e o couro, pouco chegou a nossos dias. Em Dura

¹¹⁴ RG, XXVII, 10. 11

¹¹⁵ ND: Armaduras em Mantua; Armaduras, balistas e cotas de malha em *Autun (Augustodunum)* (Oc. IX); Couraças/armaduras em *Cesarea* da Capadócia; Couraças/armaduras em *Nicomediae* (Or. XI).

¹¹⁶ ERM: cassis I, 16.

¹¹⁷ A funda será descrita nos equipamentos de ataque, mais adiante.

¹¹⁸ RG, XXXI, 13. 3. Quanto ao machado, será descrito em equipamentos de ataque.

Europos encontra-se a maior concentração de escudo já encontrada do Império Romano, no entanto sua datação vai até o terceiro século d.C.



Foto de escudo encontrado em Dura Europos, século III d.C. Pode-se notar o formato ovalado e a pintura desbotada.

Fonte: Foto de acervo pessoal tirada na Yale University Art Gallery – Dura Europos Collection no dia 4 de abril de 2015.

Acreditamos que os escudos do século IV d.C. não tenham sofrido muitas alterações, de forma que permaneceram basicamente os mesmos que os do século anterior. Vemos então um escudo oval, feito de madeira e que tinha uma pintura na frente, a parte de metal e de couro não se vê neste escudo. O centro do escudo, o apoio do braço e os parafusos que os prendia eram feitos de metal, no anexo VIII podemos ver modelos das partes metálicas e de outras partes dos escudos.

Por ser peça essencial na proteção do soldado, havia uma necessidade de que esse não faltasse nos acampamentos. A *Notitia dignitatum* nos apresenta uma lista de *fabricae* sob o comando do *magister officiorum*, e dentre os armamentos mais produzidos está o

escudo. Das 35 *fabricae* listadas pela *Notitia*, pelo menos 16¹¹⁹ produziam escudos para o exército: em *Sirmium*; em *Acincuin*; em *Carnutum*; em *Lauriacum*; em *Verona*; em *Cremona*; em *Autun*; em *Amiens* (Oc. IX); em *Damasci*; em *Antiochiae*; em *Edesa*; em *Nicomediae*; em *Sardis (Lydiae)*; em *Hadrianopolis Haemimonti*; em *Marcianopoli*; em *Horreomargensis* (Or. XI). O que nos indica a importância desse equipamento para o exército.

A *Notitia*, além de listar as *fabricae*, também conta com um rico material iconográfico, o qual apresenta escudos redondos com emblemas de diferentes formas e formatos representando cada regimento, como abordamos no primeiro capítulo. Não podemos precisar se todos os desenhos apresentados correspondiam exatamente aos existentes no século IV, podemos dizer, no entanto, que a pintura no escudo era uma prática corrente, e que auxiliava os soldados a identificar as unidades do exército.

Vegécio em seu livro segundo descreve que era costume pintar os escudos com sinais diferentes, para que no meio do tumulto os soldados não se perdessem de seus companheiros¹²⁰. (*ERM*, II, 18). No livro XVI, Amiano relata um episódio no qual Alamanos, preocupados com a aproximação dos romanos, identificam o emblema nos escudos e recuperam o ânimo, pois já haviam derrotado aquela tropa antes. (*RG*, XVI, 12. 6).

Amiano, Vegécio e o Anônimo da *De rebus bellicis* indicam o funcionamento do escudo e como ele poderia ser usado em batalha. Os três o apontam como uma arma de defesa do soldado que, dependendo da formação tática escolhida pelo oficial no comando, poderia ser usada para proteger toda a unidade, caso da *testudo*. Tática segundo a qual todos os escudos estariam posicionados lado a lado e sobre as cabeças dos soldados, formando uma carapaça, como a da tartaruga. Essa formação permitia proteger os combatentes dos mísseis adversários, permitindo-os avançar sem grandes baixas.

¹¹⁹ Escudos, selas e armas em *Sirmium*; Escudos em *Acincuin*; Escudos em *Carnutum*; Escudos em *Lauriacum*; Escudos e armas em *Verona*; Escudos em *Cremona*; Escudos em *Autun*; Espadas e escudos em *Amiens* (*ND*, Oc. IX); Escudos e armas em *Damasci*; Escudos e armas em *Antiochiae*; Escudos e aparato militar em *Edesa*; Escudos e armas em *Nicomediae*; Escudos e armas em *Sardis (Lydiae)*; Escudos e armas em *Hadrianopolis Haemimonti*; Escudos e armas em *Marcianopoli*; Escudos em *Horreomargensis* (*ND*, Or. XI).

¹²⁰ Ver catálogo de fontes.

Amiano denomina esse equipamento de duas formas: *scutum*¹²¹ e *clipeus*¹²², sendo que a primeira forma aparece com mais frequência. Em sua narrativa apresenta dois momentos distintos do uso do escudo: fundamental num combate, protegendo o corpo do soldado e de sua unidade, impedindo que flechas, dardos, lanças e pedras alcançassem o guerreiro; os soldados utilizavam o escudo, também, para refletir seu estado de ânimo, assim, quando estavam de acordo ou não com o que estava sendo dito, indicavam batendo no escudo com outras armas. (RG, XX, 5. 8; XXIII, 5. 24; XXV, 3. 10; XXVI, 9. 7). Logo, podemos perceber uma interação dos soldados com seus armamentos e, conseqüentemente, a confiança e a destreza por utilizá-los diariamente.

De formato oblongo e curvo, coberto com vime e couro cru, é assim que Amiano descreve o escudo. (RG, XXIV, 6. 8). Estes possuíam, ainda, na sua frente, um emblema que distinguia a unidade a que pertenciam. Percebemos, nesse sentido, três utilidades para o escudo: proteção, identificação e comunicação.

A *De rebus bellicis* também descreve um escudo, que denomina de *clipeocentri*. (DRB, IX). Esse não difere nada do *clipeus*, tanto que seu nome vem desse equipamento. A novidade trazida pelo anônimo está na sua sugestão de colocar o escudo na frente de um carro ou do *tichodifri*, protegendo-o do ataque de perto e dos que vêm de baixo. A sua função permanece a mesma, a de proteger de ofensivas, no entanto, pode ganhar novas características: ao ser colocado numa base fixa continua fazendo o papel de proteção, ao mesmo tempo que permite ao soldado trabalhar com suas duas mãos, das quais precisaria para manejar a máquina à qual está fixado o *clipeus* ou a *parma*.

Vegécio destaca não só a importância do escudo na batalha, mas também a necessidade de saber manejá-lo e de aguentar seu peso, assim, era primordial treinar e treinar com ele. De manhã e de tarde os soldados se exercitavam com um escudo de vime duas vezes mais pesado que o usado no combate. Junto com uma maça de madeira representando o gládio, igualmente com o dobro do peso desse, treinavam contra postes. (ERM, I, 11).

Amiano, ao narrar um episódio em que o escudo de Juliano se desmonta num treinamento do Imperador (RG, XXI, 2. 1), mostra-nos que os exercícios eram praticados com os equipamentos de defesa, e estes treinos não eram leves. O soldado tinha que ter

¹²¹ XVI, 12. 22; XVI, 12. 44; XIX, 2. 2; XXI, 2. 1; XXI, 5. 9; XXI, 12. 4; XXI, 12. 13; XXI, 12. 18; XXIII, 5. 24; XXIV, 2. 12; XXIV, 4. 10; XXIV, 6. 7; XXIV, 6. 8; XXIV, 8. 7; XXV, 3. 3; XXV, 3. 10; XXVI, 6. 16; XXVI, 8. 9; XXVI, 9. 7; XXIX, 5. 38; XXIX, 5. 48; XXX, 3. 4; XXXI, 7. 12; XXXI, 12. 12.

¹²² XX, 5. 8; XX, 11. 8; XXIV, 2. 5; XXV, 1. 18.

não só o manejo das armas de ataque, mas também daquelas que o protegeria dos golpes alheios, e de preferência que conseguisse trabalhar com as duas juntas, ataque e defesa.

COTAS DE MALHA E OUTROS ACESSÓRIOS DE PROTEÇÃO

Lorica e Cataphacte

As armaduras eram bem conhecidas pelos militares, pois faziam a proteção dos soldados. Havia categorias de soldados que não utilizavam toda a vestimenta de proteção, caso dos combatentes que precisavam de agilidade e rapidez. A título de exemplificação, podemos citar os arqueiros, que não conseguiriam movimentar o arco com a destreza necessária se estivesse com uma cota de malhas.

Vemos duas nomenclaturas: *lorica* e *cataphacte*. O segundo termo é mais empregado para denominar uma legião que utiliza essa armadura pesada. Tanto Amiano quanto Vegécio nos dão indícios do uso desse tipo de armamento, e embora hoje saibamos de pelo menos três tipos distintos de *lorica*, os autores daquele período não as distinguiam.

- a) a *lorica segmentada*: feita de finas folhas de ferro justapostas, ligadas internamente por correias de couro e com placas de ombros articuladas. Assegurava uma ampla proteção contra setas e golpes violentos e, ao mesmo tempo, permitia uma relativa mobilidade. (MONTEIRO, 2011:401).
- b) a *lorica hamata*: conhecida como a cota de malhas, era constituída de elos interligados e protegia o corpo de quem a utilizava. De fabricação difícil, era uma ótima opção para um combate corpo a corpo, pois absorvia o impacto da espada. (MONTEIRO, 2011:399).
- c) a *lorica squamata*: placas de metal cosidas umas às outras a um suporte. Oferecia uma proteção por um preço mais baixo, além de permitir ao soldado mexer-se livremente. (MONTEIRO, 2011:400).

A *Notitia dignitatum* noticia pelo menos cinco *fabricae* produzindo armaduras: em *Mantua*; em *Autun (Augustodunum)*; em *Antiochia*; em *Cesarea* da Capadócia; em *Nicomediae*. Isso nos mostra o interesse do governo em manter a produção desse equipamento, buscando manter os arsenais para que não faltassem equipamentos de defesa, tanto que, pelo relato da *Notitia*, o maior número de *fabricae* era de escudos.

Vegécio aponta, ainda, pontos positivos e negativos da cota de malhas.

Os cavaleiros com catafractas estão protegidos de ferimentos devido às defesas que utilizam, mas são fáceis de capturar por causa do incômodo e do peso das armas e estão frequentemente sujeitos a serem apanhados por laços; melhores em combate contra peões dispersos do que contra cavaleiros, ao serem, porém, colocados diante das legiões ou misturados com legionários rompem muitas vezes as linhas dos inimigos sempre que se chega ao combate corpo a corpo. (*ERM*, III. 23).

Dessa maneira, era primordial que os guerreiros que usavam a *lorica* estivessem acostumados a seu peso e movimento, pois mesmo com a experiência poderiam ser fáceis de serem capturados, dependendo de como estivesse o combate. De toda forma, sabendo das deficiências e dos pontos fortes, as couraças poderiam fazer diferença de vida ou morte num combate.

Amiano chama a atenção para a importância dessa peça justamente quando narra a morte de Juliano. Na versão do autor militar, o Imperador, no calor da batalha, esqueceu-se de colocar sua *lorica* e acabou morto por uma lança inimiga. (*RG*, XXV, 3). Em outro momento desprestigia a couraça inimiga enaltecendo a utilizada pelo exército romano-bárbaro. (*RG*, XVII, 11. 2).

Assim, a *lorica* ou *cataphacte* tinha uma importância e, a despeito do erro cometido por Juliano, eram equipamentos que faziam parte da vida militar, sendo preciso muito preparo físico para aguentar o peso durante a intensa atividade da batalha.

Thorax

Placas de metal que cobriam o peito, protegendo a região frontal do soldado. *Thorax*, como nos aponta Amiano, compunha a armadura do soldado, e poderia levar uma decoração, principalmente se o soldado tivesse recursos para pagar o serviço. O autor militar do século IV d.C. relata que Valentiniano manda matar um ferreiro por esse lhe entregar uma peça mais leve do que ele tinha determinado. (*RG*, XXIX, 3. 4).

Fazia parte, principalmente, da cavalaria. Diferentemente da infantaria que poderia colocar o escudo exatamente na frente, o cavaleiro, caso levasse um escudo, esse seria pequeno demais para se encaixar em seu tórax ou seria grande para ficar à sua frente. De forma que era preciso uma proteção extra no peito do cavaleiro. Por ser uma placa de metal, deveria contribuir para o peso do soldado.

Como todos os equipamentos de defesa, o *Thorax* requeria resistência física e costume, pois limitava os movimentos e tornava cada ação mais pesada. De forma que exercícios com pesos similares ou maiores do que os usados em combate eram essenciais para o soldado ter uma boa atuação, resistindo e atacando.

Ocrea e Manica

Em seu primeiro livro, no Capítulo XX, Vegécio cita dois equipamentos de proteção, um que era utilizado pelos arqueiros no braço esquerdo, o braçal (*manica*), que protegia os arqueiros da corda do arco. Após soltar a flecha, a corda volta e pode pegar o braço de quem a liberou, assim, os arqueiros precisavam dessa proteção, pois eram muitas as flechas disparadas e o atrito da corda poderia criar feridas. Ainda hoje, quem pratica arco e flecha utiliza um equipamento similar, com o mesmo propósito. Já as grevas (*ocrea*) serviam para proteger a canela dos soldados que levavam o escudo. Feito de ferro, material bastante resistente e pesado, blindava a parte que o escudo não alcançava. Junto com a catafracta, o capacete e o escudo formavam a proteção do soldado em batalha, garantindo que os dardos inimigos não o matassem num primeiro momento, dando-lhe mais tempo para lutar.

Como vimos, os equipamentos de defesa requerem uma grande resistência física dos soldados para aguentar o peso por muito tempo, e, de costume, para não atrapalhar seus movimentos. São equipamentos que, caso os soldados não estivessem acostumados, poderiam ser um peso na hora do combate, prejudicando-os e toda a unidade.

CINTOS E BROCHES

Dois acessórios de vestimenta do soldado, como podemos ver no anexo VII. Possuíam características próprias, e poderiam variar de acordo com o poder socioeconômico do guerreiro. Os cintos possuíam peças de metal decorado que era fixado numa correia de couro, tinham duas argolas para o encaixe de bainha ou para passar o cinto de ombro (transversal), embora os cintos fossem firmes o suficiente para aguentar o peso da espada sem necessidade da correia de ombro. (BISHOP; COULSTON, 2006:223).

Amiano aponta que o cinto compunha a vestimenta do soldado, após colocar toda a armadura ele terminava atando o cinto para segurá-la. Em suas palavras, “todos

mascarados, equipados com couraças de proteção e cingidos com cintos de ferro”. (RG, XVI, 10. 8).

Simon James indica que a bainha com a espada voltou a ser usada no cinto da cintura pelos oficiais, como havia permanecido em outras culturas, como nos Sassanidas. A volta dessa maneira de usar o cinto e a espada com a bainha poderia ser reflexo do alto prestígio da cavalaria naquele momento (JAMES, 2011: 237). Assim o cinto ganha novas características e inclusive passa a ter uma decoração diversificada.

Os broches eram peças fixadas nas capas dos soldados, e que os marcavam como militar. Os soldados poderiam ser presenteados com um broche, dependendo do seu nível na hierarquia militar poderiam ganhar uns mais elaborados, ou até de ouro. (DEPPERT-LIPPITZ, 2000:45). Para Barbara Deppert-Lippitz, a *fibula* era mais que um dispositivo de fixação, era uma característica do traje de uma posição social distinta, e só alcançou longevidade porque permitiu ajustes estéticos. (DEPPERT-LIPPITZ, 2000:66).

Ambos os acessórios eram de uso militar, o que permitia distinguir um civil de um militar a partir de seu uso. Esses objetos faziam parte do sistema militar do período, do cotidiano dos soldados, sendo que o cinto era usado em batalhas também, principalmente pela cavalaria. Compondo, assim, a vestimenta do guerreiro para a guerra.

BAINHA

Material constituído de um estojo para proteção da lâmina da espada, o qual ficava preso na cintura do guerreiro. Composto de partes de metal, como a ponta, que protegia a ponta da espada e o encaixe, local em que ficava o gancho para prender no cinto. Poderia ter, também, apliques de decoração. O corpo da bainha era feito de couro, material perecível, de forma que não temos muito vestígios desse.

No anexo VI, vemos as partes que compunham a bainha. Era uma peça que servia para proteger o corte da espada para que essa não machucasse seu dono. A extremidade da bainha era feita de metal, impedindo que a ponta da espada perfurasse o soldado que a carregasse. Por ser constituída basicamente de couro, somente com alguns detalhes em metal, não pesava muito por si só. O que não eximia o soldado de mantê-la sempre em ordem, evitando acidentes tanto quando a espada estivesse guardada como na hora de retirá-la da bainha.

Nas imagens de número 06 e 07 do catálogo vemos duas ponteiras, a primeira feita em bronze tem uma decoração floral e uma cruz no centro, o que indica que, além de pertencer a um soldado romano, os integrantes do exército tinham uma parcela de autonomia para escolher seus acessórios e mostrar suas convicções religiosas. Na segunda ficha, à frente, há o verso de uma ponteira que fazia o exato encaixe da espada, como podemos ver na imagem dos comentários.

Um equipamento que não requeria um treino específico, porém era necessário que o soldado conseguisse prendê-lo em seu cinto, fosse ele de ombro ou de cintura, e que soubesse retirar e colocar a espada sem maiores problemas. Deveria, ainda, saber se portar com uma bainha pendurada na lateral de seu corpo.

Em conjunto, esses equipamentos auxiliavam a manter o soldado protegido dos mísseis e golpes dos adversários, mantendo o corpo dos guerreiros menos exposto a ferimentos letais. Precisaria de muito mais que um simples golpe de espada ou uma flecha para derrubar um homem equipado com tamanha proteção. Havia incômodos e brechas, mas era para isso que o treinamento servia: prepará-los para lidar com as adversidades e superá-las. Os exercícios condicionariam o corpo dos soldados e os deixariam acostumados aos limites que o aparato impunha.

Existiam unidades, como a infantaria e a cavalaria pesada, que eram compostas por soldados vestidos com todos esses equipamentos de defesa. Por causa do peso, a agilidade era comprometida, tornando-os mais lentos. Em contrapartida, havia serviços que primavam por uma agilidade, como o de batedor¹²³, as escaramuças e as perseguições. Os soldados escalados para essas tarefas deveriam estar mais leves e com todos os movimentos, de forma que não utilizavam tantos equipamentos de defesa.

Treinos eram feitos com os equipamentos ou réplicas desses, como Vegécio e Amiano nos indicaram em seus textos ao falarem dos escudos, o primeiro, de uma forma direta, aponta que os escudos deveriam ser mais pesados nos treinos (*ERM*, I. 11), para na hora de usá-los no combate o peso não fosse um problema. Indica nessa mesma passagem a disciplina requerida dos soldados, pois para estarem em boa forma, deveriam treinar de manhã e de tarde.

¹²³ Eram os soldados que iam à frente das unidades para reconhecer o terreno e precisar a localidade do inimigo.

Outro exercício, proposto por Vegécio, que poderia auxiliar os combatentes a ficar mais resistentes e a manter o corpo preparado para grandes cargas, era uma marcha militar (*gradus militaris*) com um peso de 20kg nas costas, de forma que, se precisassem marchar com seus suplementos, não seriam desmotivados.

Os jovens também devem ser muito frequentemente obrigados a carregar um peso até 60 libras (20kg) e a fazer um percurso em marcha militar, pois em expedições difíceis surge a necessidade de eles carregarem ao mesmo tempo a anona e as armas. E nem se julgue que isto é difícil, se o hábito se instalar; com efeito, nada existe que um treino constante não torne fácil. (*ERM*, I. 19).

Além de todo o peso, os soldados ainda tinham que lidar com o desconforto do atrito com material. O anônimo retrata uma vestimenta que seria própria para isso, o *Thoracomachi* (*DRB*, XIV), feita de feltro e suaves lãs. Ao ser colocado embaixo do metal da cota de malhas aliviaria o peso do contato da pele com o metal, podendo proteger, também, contra o frio durante as marchas. Para se tornar eficaz na chuva seria necessária uma camada de couro junto à lã.

É difícil precisar se essa vestimenta realmente existiu, no entanto, podemos entender pelo relato do anônimo que essa era uma preocupação corrente. Amiano relata em sua narrativa um acessório com as mesmas características, só que, no caso, seria para proteger o soldado do elmo e não da *lorica*. O *cento* (*centonem* – *RG*, XIX, 8. 8) seria uma espécie de manta que cobre a cabeça do soldado e que é colocada antes do elmo, de forma a proteger a cabeça do contato com metal, o que poderia causar atrito com a pele. No relato do militar ele serviu a outro propósito, também, o de cuia para reter a água, para que os soldados aliviassem a sede.

Todo o aparato defensivo servia a um propósito: prolongar a vida do soldado no combate. Com esse intuito, exercícios eram propostos aos soldados para que pudessem tirar o máximo proveito de seus equipamentos, mantendo um bom condicionamento físico e a destreza dos movimentos. Disciplina era requerida e imposta, principalmente se quisessem sair vivos das batalhas.

4.4.2. EQUIPAMENTOS DE ATAQUE

Os equipamentos de ataque, também, tinham um peso considerável, no entanto, o soldado deveria ter uma destreza para utilizá-los, pois sem ela poderia perecer

rapidamente no campo de batalha, o que não seria bom nem para ele nem para o grupo. Espadas, arcos, dardos e lanças faziam parte do arsenal militar para atacar os inimigos, armas que eram empunhadas individualmente. Assim, exigiam um trabalho intenso de cada soldado no treinamento, para aprimoramento próprio, garantindo um melhor trabalho em conjunto, o qual, também, deveria ser exercitado.

Veremos a seguir os armamentos que eram utilizados e que careciam de treino para conhecer seu potencial e saber manejá-los.

ESPADAS

A espada, diferentemente do *gladius*, apresenta uma lâmina mais comprida e fina, podendo ultrapassar o comprimento de um braço¹²⁴. No catálogo de imagens, apresentamos 4 tipos diferentes de espadas que poderiam ter sido utilizadas pelo exército romano-bárbaro do período da Antiguidade Tardia: no. 08 Ejsbøl-Sarry, no. 09 Osterburker/Vrasselt, no. 10 Snipstad, no. 11 Straubing-Nydam. Cada uma com suas características, umas mais longas outras mais finas, mas todas com dois gumes. Foram encontradas em pântanos ou sepulturas, lugares mais comuns de se achar esse tipo de equipamento militar, como vimo no Capítulo II.

No anexo IX, vemos 12 tipos diferentes de espadas encontradas em diferentes locais, em sua maioria, em pântanos dinamarqueses. Apresentam aspectos bem semelhantes, diferenciando-se somente em largura, comprimento, tamanho do punho ou da ponta¹²⁵. Essa multiplicidade de espadas nos indica que não havia uma padronização das armas dentro do exército, apontando para uma escolha individual de qual se adequava melhor a cada soldado. Não havendo uma uniformização dos equipamentos, cada um poderia possuir armas com particularidades distintas. Tais espadas podem ter sido introduzidas pelos estrangeiros que combatiam nas fileiras romanas ou por contato com o inimigo em batalha.

O contato com outros povos trouxe inovações para cada lado, a espada longa é uma delas. Vemos, assim, uma intensa troca de cultura militar, na qual ambos os lados aprendem novas habilidades, tanto nos equipamentos quanto no combate. Em um momento em que a cavalaria tem grande destaque na guerra, a introdução da espada longa

¹²⁴ Ver anexo X.

¹²⁵ Ver anexo VI.

só vem ao auxílio dos combatentes romanos a cavalo, pois essa permitia estocar e rasgar com maior facilidade.

Na narrativa de Amiano encontramos inúmeros episódios em que a espada aparece, podendo está ligada ao combate, à justiça e até mesmo à punição. O autor militar se refere a essa arma de três formas distintas: *gladius*¹²⁶ (é a forma que mais aparece em seu texto), *mucrio* (podendo indicar a ponta da espada, assim como a espada em si) e *ferrum*¹²⁷ (podendo ser qualquer arma de ferro), em nenhum momento designa a arma como *sphata*.

Vegécio, por outro lado, coloca a *sphata*¹²⁸ como a arma que compunha o arsenal do soldado para a guerra. Ao retratar o treino e a disciplina necessários para o uso dessa arma, aponta que aos soldados eram dadas maçãs de madeira com o dobro do peso da arma, para que treinassem contra postes de madeira¹²⁹. Assim, estariam preparados não só para desferir os golpes, mas também para não se incomodarem com o peso da espada.

Jones afirma que as espadas não eram muito pesadas no tempo romano, as lâminas das espadas longas nem sempre chegavam a 1kg. O Historiador comenta, ainda, que não eram armas muito balanceadas, exigindo mais do soldado para empunhá-las. (JONES, 2011:34). Vegécio ressalta que os recrutas deveriam aprender a ferir com a ponta da espada, e não de talho, pois “o corte com o gume, venha com a força que vier, raramente mata, uma vez que os órgãos vitais são protegidos quer pelas armas defensivas quer pelos ossos; mas, pelo contrário, uma estocada que penetre duas polegadas é fatal.” (ERM, I. 12).

De relevância tática, a estocada pode ter alcançado a preferência cultural. Mesmo assim, aparentemente a cavalaria usava essa mesma arma para cortar, já que a altura e a posição facilitava o uso dessa forma. Vegécio deixa claro o porquê da preferência pela estocada, no entanto, para desferir esse golpe era indiferente o formato da espada, de forma que ela ser longa ou curta não influenciava no resultado. (JONES, 2011:36). De

¹²⁶ RG, XV, 4, 11-12; XVI, 12, 44; XVI, 12, 46; XVIII, 8, 12; XIX, 6, 7; XIX, 6, 9; XIX, 11, 11; XX, 4, 21; XX, 7, 14; XX, 7, 15; XX, 11, 22; XXI, 4, 8; XXI, 5, 10; XXIII, 5, 19; XXIII, 6, 75; XXIV, 6, 11; XXVI, 6, 8; XXVI, 9, 7; XXVII, 1, 4; XXVII, 2, 3; XXVII, 12, 8; XXVIII, 2, 8; XXVIII, 5, 7; XXIX, 2, 4; XXX, 1, 20; XXX, 4, 19; XXX, 8, 6; XXXI, 2, 9; XXXI, 2, 23; XXXI, 5, 9; XXXI, 7, 13; XXXI, 13, 3; XXXI, 13, 5.

¹²⁷ RG, XIX, 8, 4; XX, 6, 7; XXI, 12, 20; XXI, 13, 14; XXIV, 2, 13; XXV, 3, 7; XXV, 3, 19; XXV, 7, 4; XXVII, 4, 9; XXIX, 6; XXXI, 2, 9.

¹²⁸ ERM, II. 15.

¹²⁹ ERM, I. 11.

todo modo, vemos crescer o uso da espada longa nas fileiras do exército romano-bárbaro, podendo ter sido uma influência das diferentes culturas que integravam aquele exército.

A arte da *armatura*, ensinada pelos *campidoctores* era bastante valorizada por Vegécio, e pelo que relata pelos comandantes, pois esses recompensavam quem demonstrasse habilidade nessa arte. “Os soldados instruídos na *armatura* lutam melhor do que os restantes em todos os combates” (*ERM*, I. 13), assim, os recrutas e soldados eram incentivados a treinar com grande disciplina a arte da espada.

Um dos exercícios era contra postes de madeira fixados no chão pelos recrutas. Como Vegécio descreveu, era um treino bastante comum e que foi utilizado por muitos anos, servindo não só para treinar os recrutas, mas também os gladiadores. Esse exercício era praticado juntamente com o escudo, de forma que aprendiam não só a atacar, mas a fazê-lo sem exporem o corpo.

Com efeito, o treino contra os postes é extremamente útil não só aos soldados como também aos gladiadores: nunca a arena ou o campo de batalha revelam um homem invencível nas armas, salvo aquele que, cuidadosamente exercitado, foi instruído no poste. Cada um dos postes era espetado no chão por cada um dos recrutas, de tal modo que não pudesse abanar e se elevasse seis pés acima do solo. Contra este poste, da mesma maneira que contra um adversário, o recruta exercitava-se com aquele escudo de vime e a maça, como se treinasse com o gládio e o escudo comum, ora para procurar atingir o poste como a uma cabeça ou a um rosto, ora para ameaçar pelos flancos, para por vezes tentar golpear os joelhos e as pernas, para recuar, para avançar, para saltar contra este poste como se de um adversário real se tratasse, para deste modo atacar o poste com todo o ardor e com toda a arte de combater. Neste treino, usava-se de uma tal cautela, de modo a que, quando o recruta atacasse para infligir um golpe, não se expusesse ele próprio a um ferimento em alguma parte do corpo. (*ERM*, I. 11).

Considerando a existência de um professor e que o poste não responderia aos golpes, acreditamos que havia um exercício com outros soldados, justamente para estarem preparados para qualquer imprevisto. Os exercícios com outros soldados auxiliavam a ter uma maior perspectiva do que poderia acontecer, onde poderiam ser atacados. Além de aumentar a perspectiva individual, também poderia ser trabalhado o conjunto, ou seja, como os soldados deveriam estar dispostos em cada formação e como seria lutar com alguém ao seu lado, pois era dever de cada soldado proteger o companheiro do lado.

A *Notitia* nos indica que a maior incidência de *fabricae* especializadas em espadas encontrava-se no Ocidente: em *Luca*; em *Reims*; em *Trier*; em *Amiens* (*ND*, Oc. IX). No

Oriente havia aquelas que faziam armas em geral, as quais podiam, também, produzir as espadas. Qual o motivo dessa concentração no Ocidente? Talvez por uma necessidade de o Ocidente estar sempre renovando o arsenal com as espadas ou, mais provável, que o Oriente já fosse autossuficiente nessa produção, não precisando de mais *fabricae*.

A espada, como podemos perceber, era equipamento essencial na composição do soldado daquele período. Assim, fez-se necessário um treino contínuo com essa arma, habilitando os novos soldados ao seu uso. A disciplina no treino com a espada era fundamental para um bom resultado conjunto em batalha, bem como para a sobrevivência do soldado.

PLUMBATAS

A *plumbata*, ou o *mattiobarbuli*, como denomina Vegécio, é uma inovação da Antiguidade Tardia. Tanto Vegécio¹³⁰ quanto o anônimo da *De rebus bellicis*¹³¹ descrevem esse equipamento, Amiano escreve sobre dardos lançados pelos soldados, mas nunca especifica o nome deles. A cultura material, também, nos traz uma grande variedade desse artefato, como podemos ver nos dois modelos do catálogo de imagens (n. 12 e 13) e no anexo XI, onde podemos avaliar quantos e onde teriam sido encontrados.

Setas curtas com um peso de chumbo ligado ao eixo ou na cabeça foram projetadas principalmente para ser lançadas com as mãos. O anônimo descreve dois tipos diferentes de plumbatas, a *tribolata*¹³² e a *manillata*¹³³, e sua descrição é similar às peças encontradas, principalmente em relação à segunda (similar à *tribolata*, nada foi encontrado ainda). Ao serem lançadas, teriam velocidade e precisão, por causa das penas, e força, por conta do chumbo, podendo assim causar grande estrago. Thompson destaca o uso da pena para conferir velocidade como uma “heresia científica” e aponta que o máximo que ela poderia fazer era “manter o dardo estável em sua direção” (THOMPSON, 1952:68).

No extremo de uma vara alinhada e endireitada ponha uma peça esférica de ferro esticada numa ponta, com chumbo e plumas fixadas nos mesmos lugares que na *tribolata*, de modo que a forma redonda do dardo, auxiliada pelo peso do chumbo e da velocidade das plumas,

¹³⁰ *ERM*, I. 17; II. 15; IV. 29.

¹³¹ *DRB*, X-XI.

¹³² *DRB*, X.

¹³³ *DRB*, XI.

possa atravessar mais facilmente os escudos do adversário e outros obstáculos semelhantes. (*DRB*, XI).

Vegécio aponta que a *plumbata* era uma arma com grande poder de perfuração, e que chegou a ser bastante valorizada por Diocleciano e Maximiliano (*ERM*, I. 17). Os soldados carregavam pelo menos cinco desses dardos dentro de seus escudos e só os liberavam no devido tempo, quase imitando os arqueiros. Era um dos primeiros mísseis a serem liberados e já feria gravemente os soldados adversários. Era preciso treino para lançá-los com eficiência, o próprio autor da *Epitome rei militaris* indica que era uma técnica que deveria ser ensinada aos recrutas.

John Eagle (1989) e Southern & Dixon relatam que experiências foram feitas para descobrir como essa arma poderia ser tão eficaz como Vegécio a narra. A experiência que teve maior resultado foi quando a fizeram se parecer mais com um dardo do que com uma lança, ou seja, com dimensões menores que 50cm de comprimento. Ao lançarem a *plumbata* com o braço abaixo do nível do ombro, ela atingiu a marca de 70m distância com pouco esforço. (SOUTHERN & DIXON, 1996:115).

Também o treino com os dardos de chumbo, a que dão o nome de *mattiobarbuli*, deve ser ministrado aos jovens. [...]. Além disso, costumavam transportar cinco *mattiobarbuli* metidos dentro dos escudos, os quais, sendo arremessados pelos soldados no tempo devido, fazem com que os escudeiros de infantaria quase pareçam imitar o ofício dos arqueiros. Na verdade, ferem gravemente os inimigos e os cavalos antes que eles não só possam chegar ao corpo a corpo, mas também antes de eles estarem ao alcance dos restantes mísseis. (*ERM*, I. 17).

Acreditamos que a melhor maneira de se exercitar o arremesso das plumbatas era lançando-as. Diferentemente do arco e flecha, que requeria habilidade, qualquer soldado poderia atirar uma *plumbata*, pois essa era atirada com a mão. Ao não precisar da habilidade de retesar um arco, todos eram incluídos no treino, sendo esse mais simples que o do arqueiro (EAGLE, 1989:247). A prática adquirida com o constante treinamento é de grande ajuda na hora da batalha, já que o guerreiro saberá como proceder para atingir seu alvo com maior precisão. A forma como segurar e a maneira de arremessar deveriam ser automáticas para o soldado, automatizando os movimentos, seja num alvo ou não.

DARDOS

Dardos eram armas de arremesso, poderiam ser lançados com as mãos ou com a ajuda de algum equipamento, como é o caso da *ballista*, que disparava dardos contra o inimigo. Nas fichas do catálogo de imagens, de 14 a 21, podemos ver alguns desses que eram usados na Antiguidade Tardia. E nos anexos XII e XIII, observamos como eram formados e quais tipos existiam naquele período.

Havia uma lâmina com um formato triangular e com farpas na ponta de baixo, com um cano que era preso numa vara de madeira. Era carregada pelos soldados para as batalhas e, também, era de grande ajuda na proteção das muralhas. Tanto Amiano quanto Vegécio apresentam uma variedade de dardos, o primeiro narra como eram utilizados pelos soldados e o segundo aponta as características e como estas poderiam ser melhor aproveitadas.

Encontramos na narrativa do militar 6 diferentes nomenclaturas para se referir aos dardos, algumas, acreditamos, para generalizar as armas que eram arremessadas pelos soldados, como mísseis, e outras diferenciando tipos de dardos que existiam naquele período. No entanto, não temos como fazer essa diferenciação, pois o autor não nos fornece as características das armas que estavam sendo utilizadas, somente indica como foram utilizadas. Os seis seriam: o *telum*¹³⁴; o *iaculum*¹³⁵; o *spiculum/pilum*¹³⁶; o *missile*¹³⁷; o *verutum*¹³⁸ e a *tragula*¹³⁹.

Já Vegécio aponta 3, todos com referências na *Res gestae* de Amiano, são eles: o *missile*¹⁴⁰, o qual corresponde, de uma forma geral, a todos os dardos; o *verutum*¹⁴¹, o menor, com um ferro de 12,5cm e uma haste de mais de 1m; o *spiculum/pilum/bebra*¹⁴², sendo o primeiro nome como ele é conhecido no seu tempo, o segundo como era chamado anteriormente (*ERM*, II. 15) e o terceiro como os outros povos o identificavam (*ERM*,

¹³⁴ *RG*, XIV, 10. 6; XIX, 5. 6; XX, 6. 4; XX, 7. 10; XX, 11. 9; XX, 11. 13; XX, 11. 15; X, 11. 17; XXI, 4. 8; XXI, 12. 13; XXIII, 4. 14-15; XXIII, 5. 3; XXIII, 5. 8; XXIII, 6. 37; XXIV, 2. 13; XXV, 1. 2; XXV, 1. 12; XXVII, 1. 4; XXIX, 5. 25; XXXI, 2. 9; XXXI, 7. 13; XXXI, 10. 19; XXXI, 15. 11; XXXI, 15. 13.

¹³⁵ *RG*, XVI, 12. 43; XXI, 12. 6; XXVI, 8. 8; XXVII, 1. 3; XXXI, 10. 14; XXXI, 10. 19; XXXI, 13. 1; XXXI, 15. 13.

¹³⁶ *RG*, XVI, 12. 46; XXIV, 4. 16; XXV, 1. 13; XXVI, 9. 7; XXVII, 2. 3; XXVII, 10. 15; XXXI, 2. 9.

¹³⁷ *RG*, XVI, 12. 46; XIX, 1. 5; XX, 4. 21; XX, 11. 21; XXI, 12. 9; XXIII, 4. 10-13; XXIV, 2. 9; XXVI, 8. 9; XXXI, 6. 3; XXXI, 7. 12.

¹³⁸ *RG*, XIX, 11. 11; XXVII, 10. 15; XXXI, 7. 12; XXXI, 10. 8.

¹³⁹ *RG*, XIX, 1; XIX, 1. 5; XIX, 2. 7.

¹⁴⁰ *ERM*, I. 17; I. 20; II. 14; II. 15; III. 14; IV. 29.

¹⁴¹ *ERM*, II. 15.

¹⁴² *ERM*, I. 20; II. 15; IV. 24.

20), porém todos com as mesmas características: de 22,5 a 30cm de um fino triângulo de ferro e mais de 1,5m de cabo.

Quanto ao seu uso, Vegécio aponta que era uma arma carregada pelos soldados e esses a arremessavam contra os adversários. Se fossem atiradas de cima, teriam maior força de impacto, podendo causar maiores danos (*ERM*, IV. 29). Amiano, também, descreve o dardo como sendo uma arma importante na proteção de fortalezas, quando jogado de cima (*RG*, XX, 11. 9; XXIII, 5. 3; XXIV, 2. 13). O militar, ainda, narra outros usos desse equipamento: utilizado para lançar fogo no adversário, se untado com os produtos corretos e com fogo (*RG*, XX, 11. 13); arremessado pela força de uma balista (*RG*, XIX, 5. 6).

Tanto o exército romano-bárbaro quanto os outros exércitos dos povos fronteiriços utilizavam os dardos (*RG*, XXXI, 15. 11; *ERM*, I. 20). A vantagem desse tipo de arma é que a luta era iniciada à distância, pois ao ser arremessada com força e precisão causava grande estrago no adversário, inclusive naqueles que combatiam com cotas de malha. O estrago era grande, uma vez que, ao retirar o dardo do corpo, ele saía rasgando, por causa das farpas.

Para ter todo seu potencial alcançado, os soldados deveriam treinar, exercitando músculo e movimento. O mesmo poste utilizado para exercitar a espada e o escudo era usado como alvo para o treino com os dardos. Dessa forma, os soldados aprimorariam a mira, e, se utilizassem uma vara com o dobro do peso, manteriam o vigor dos braços, além de adquirirem a experiência de lançar.

O recruta que é treinado com a maça deve também ser obrigado a lançar contra o poste, tal como se fosse contra um homem, hastes com um peso maior do que aquele que os verdadeiros dardos terão. Neste exercício, o mestre de armas está atento a que o recruta lance a haste com grande força e a que ele arremesse o míssil com pontaria contra o poste, ou muito perto dele. Com efeito, por meio deste exercício, não só aumenta a robustez dos braços, como também se adquire a perícia e a experiência de lançar. (*ERM*, I. 14).

LANÇAS

As lanças, diferentemente dos dardos, não eram feitas para serem lançadas, embora também pudessem ser utilizadas dessa maneira. Vegécio, ao descrever a *hasta*¹⁴³

¹⁴³ *ERM*, II, 14.

e a *sarissa*¹⁴⁴, coloca-as como sendo lançadas pelos soldados. A segunda era uma arma proveniente dos macedônios que foi usada pelo exército romano-bárbaro para combater os elefantes, eram lanças muito compridas e arremessadas pelos *clibanarii*, que, protegidos com cotas de malha, evitavam as flechas que lhes eram lançadas. (*ERM*, III. 24).

A *hasta* era uma arma pesada, de grande extensão e afiada dos dois lados. No catálogo de imagens elas são apresentadas nas fichas de 22 a 28, e, embora de diferentes tamanhos e formatos, apresentam um corpo alongado e pontiagudo, sem farpas. No anexo XII identificamos as partes das lanças, mostrando como era formada, já no anexo XIV apresentamos alguns tipos de lanças, classificadas por suas particularidades.

Ao descrever o uso da lança em sua narrativa, Amiano¹⁴⁵ ressalta que com as estocadas tanto das lanças quanto das espadas os soldados conseguiram destruir o inimigo. E as características da lança permitiam ao soldado desferi-la contra o corpo do adversário e retirar a arma sem pressão, podendo, assim, continuar a utilizá-la.

E à medida que se espalharam com as fileiras quebradas e atrapalhados com a pressa de escapar, expuseram-se desprotegidos, e por muitas estocadas de espadas e lanças foram cortados em pedaços. (*RG*, XV, 4. 11-12).

A lança compunha o arsenal do soldado para guerra e, quando não dava mais para utilizá-la, o combatente retirava a espada e continuava a lutar. As lanças eram altas e finas, facilitando que o soldado as segurasse e também as carregasse juntamente com o escudo; seu tamanho permitia alcançar o inimigo antes do choque, subpondo o escudo do adversário e lhe alcançando pelas partes baixas.

Neste grande tumulto e confusão a infantaria, exaustos pelos seus esforços e pelo perigo, quando faltava força e mente para planejar qualquer coisa, com suas lanças quebradas na maior parte pelo constante confronto, satisfeitos em lutar com espadas em mãos, lançaram-se na densa massa de inimigos, indiferentes com suas vidas, vendo toda brecha para fuga perdida. (*RG*, XXXI, 13. 5).

Estar acostumado com a lança e saber utilizá-la era dever do soldado. Amiano aponta em alguns momentos que era com as lanças e escudos que os soldados se

¹⁴⁴ *ERM*, III, 24.

¹⁴⁵ *RG*, XVI, 10. 7; XVI, 12. 22; XVII, 11. 2; XXI, 13. 16; XXIV, 6. 11; XXV, 3; XXVI, 6. 15; XXVII, 10. 12.

expressavam quando eram dirigidos por discursos dos governantes ou oficiais¹⁴⁶. De forma que era uma arma sempre presente, estando acostumados com ela.

Era necessário saber segurar e matar com uma *hasta*, pelo que o militar narra, o exército romano-bárbaro tinha uma supremacia no seu uso, ao contrário de outros exércitos. (RG, XXVII, 10. 13). O que nos leva a acreditar que os soldados eram altamente treinados nesse armamento. Considerando que era uma arma para desferir um golpe, uma estocada, os soldados não poderiam treinar com outros soldados, seria mais provável que tivessem utilizado o poste ou outro tipo de suporte para sentir a força de adentrar a lança em outro objeto ou corpo. A repetição do movimento em exercícios permitia a automatização mental do golpe e o preparo da musculatura, deixando o soldado preparado para o que viria enfrentar em batalha.

A *sarissa* permitia utilizar a lança de outra forma, arremessando, como um dardo. Acredito que a mesma destreza para arremessar uma lança era a mesma requerida para jogar um dardo, com a diferença de que a primeira, por ser maior e mais afiada, poderia causar maiores danos num elefante, ou qualquer que fosse seu alvo.

ARCOS E FLECHAS

Os arcos compostos foram armas bastante difundidas no exército romano-bárbaro, a *Notitia dignitatum* nos relata unidades, tanto da infantaria quanto da cavalaria, especialistas no uso do arco, os *sagitarii*. Os soldados a pé usavam arcos mais pesados e maiores que os da cavalaria, estes, por estarem montados, não teriam a estabilidade do chão para retesar um arco mais pesado. Vemos no anexo XV a composição de um arco e uma réplica de uma *fabricae*.

Arcos não eram armamentos fáceis de serem construídos, necessitavam de extrema habilidade e perícia. O responsável por essa tarefa tinha muitas variáveis a considerar, quanto ao *design* e à proporção, e a escolha dos materiais dependia da disponibilidade, da geografia, do clima e da função que o arco desenvolveria: guerra, caça, tiro ao alvo e tiro de voo. O peso, o comprimento, a curvatura, a presença de alça e as inclinações do arco variavam. Levava-se mais de um ano para se preparar um bom arco para guerra. (COULSTON, 1985:249). Assim, era uma tarefa árdua e demorada.

¹⁴⁶ RG, XX, 5. 8; XXV, 3. 10.

A *Notitia* lista somente uma *fabricae* de arcos, e esta se encontra em Ticinium, na parte Ocidental do Império. O que nos leva acreditar que na parte Oriental do Império existia uma autossuficiência nesse equipamento, ou por terem suas próprias *fabricae*, ou por serem abastecidos pelos povos das fronteiras, que eram altamente versados nessa arte. Os arcos eram desenvolvidos para resistir à tensão e à compressão das forças e retornar à sua posição original, a energia era transferida do arco e da corda para a flecha. (URECHE, 2013:184).

Além do cuidado no momento de desenvolver um arco, era necessário que os soldados, também, respeitassem algumas regras básicas para manterem seus arcos sempre funcionando bem. Dentre os cuidados, o arqueiro tinha que preservar a qualidade da corda, de forma que era importante guardar o arco sem ela, conservando a envergadura do arco e mantendo a corda seca. A envergadura do arco sem a corda é oposta à dele com a corda, dessa forma, ao ser colocado, o cordão criava uma tensão que conferia a força necessária para a flecha alcançar seu alvo. E, molhada, a corda poderia prejudicar o bom funcionamento do arco. (COULSTON, 1985:248).

Já as flechas variavam em dimensão, peso, formato da pena e do tipo de cabeça, sempre de acordo com o tamanho do arqueiro, o tipo do arco e a vulnerabilidade do alvo. Infelizmente não temos notícia de flechas inteiras, pois seu corpo é feito de material perecível, madeira e pena. No entanto, pelo menos 7 diferentes tipos de pontas foram encontradas, mostrando-nos que existia uma variedade que poderia atender às necessidades de cada arco e arqueiro.

Tanto Amiano¹⁴⁷ quanto Vegécio¹⁴⁸ escrevem sobre o uso do arco, o qual era amplamente utilizado nas fileiras do exército. O arco era uma arma amplamente conhecida de outras culturas, sírias, arábias, armênias, persas e outras, tendo sido a partir dessas que adentrou no exército romano e ganhou grande visibilidade no período do século IV d.C. A *Notitia* nos informa que existiam duas *fabricae* de flechas dirigidas pelo governo, uma em *Concordia* e outra em *Matiscon*, ambas na parte Ocidental do Império (ND, Oc. IX). Acreditamos que dentro dos campos onde se concentravam havia pessoas

¹⁴⁷ RG: *arcus*, XXII, 8. 10; XXIII, 4. 14-15; XXIII, 6. 37; XXIV, 2. 5; XXIV, 2. 13; XXV, 1. 13; *sagitta*, XVIII, 8. 11; XIX, 1; XIX, 1. 5; XIX, 2. 7; XIX, 5. 1; XIX, 6. 9; XX, 6. 6; XX, 7. 2; XX, 7. 6; XX, 7. 10; XX, 11. 17; XXI, 16. 7; XXIII, 4. 1-3; XXIII, 4. 14-15; XXIV, 2. 14; XXIV, 4. 16; XXIV, 6. 11; XXV, 1. 13; XXV, 1. 18; XXVI, 8. 8; XXVI, 8. 12; XXVII, 1. 3; XXX, 1. 7; XXXI, 6. 3; XXXI, 10. 8; XXXI, 10. 19; XXXI, 13. 1; XXXI, 13. 15; XXXI, 15. 11.

¹⁴⁸ ERM: *arcus*, I 15; *sagitta*, I. 15; II. 15.

responsáveis por manter o arsenal cheio. Amiano aprecia a destreza dos persas com essa arma no início do seu livro XXV.

Destes alguns, que estavam armados com lanças, estavam tão imóveis que você pensaria que eles estivessem seguros por grampos de bronze. Rígidos, os arqueiros (pois aquela nação tinha confiança especial nessa arte desde o berço) foram retesando seus arcos flexíveis com braços longamente esticados a ponto de a corda encostar nos seus peitos direitos, enquanto as pontas das flechas ficavam perto de suas mãos esquerdas; e com um golpe altamente hábil dos dedos a flecha voa sibilando e traziam com elas feridas mortais. (*RG*, XXV, 1. 13).

A descrição do militar é bem precisa quanto à forma que os persas disparavam suas flechas, mostra, assim, como deveria ser realizada essa tarefa. A mão esquerda seguraria o arco, enquanto o braço direito esticaria, retesando o arco e puxando a flecha encaixada na corda do arco, de forma que a corda encostaria no peito do arqueiro e a ponta da flecha ficaria perto da mão esquerda. Para que o soldado estivesse hábil a manejar um arco de guerra ele precisaria de muito treino, pois a força necessária para retesar um arco é grande e depois dos primeiros tiros seus braços cansariam. Assim, era preciso acostumar a musculatura com o peso e a tensão do arco, para que conseguisse disparar flecha após flecha sem se cansar.

Duas peças, que estavam ligadas a dois tipos diferentes de liberação do arco, poderiam auxiliar o arqueiro, impedindo que ele tivesse grandes hematomas nos braços. Uma delas é a braçadeira, que protegia os braços dos arqueiros de modo a evitar que a pele deles queimasse ao entrar em contato com as flechas na hora dos tiros. Esse equipamento estava ligado ao jeito mediterrâneo de soltar as flechas, no qual, para um voo mais estável a flecha ficava para o lado de dentro, podendo, dessa maneira, entrar em contato com o braço do soldado ao ser liberada a flecha. (COULSTON, 1985: 275).

Outro equipamento usado era o anel, o qual estabilizava a flecha e auxiliava a retesar a corda para o lançamento em estilo mongol. (COULSTON, 1985:275). Neste estilo a flecha fica do lado de fora e é o dedão que dá o apoio para retesar a corda e posicionar a flecha. Dessa maneira, a flecha era liberada sem o menor atrito. Acredita-se que os hunos tenham introduzido essa técnica no exército romano-bárbaro no século IV d.C., quando entraram em contato. (COULSTON, 1985:278).

Vegécio descreve como deveria se dar esse treinamento, principalmente entre os recrutas que mostrassem uma aptidão para o arco. Instrutores deveriam ser designados e

postes colocados para que os iniciantes recebessem suas primeiras lições com réplicas de flechas. Estes provavelmente exercitavam em feixes de ramos ou de palha colocados a uma distância de 182m. Os treinos deveriam ser constantes, mesmo depois de já estarem mais experientes, para não perderem o costume (*ERM*, II. 23).

Mas aproximadamente a terça ou quarta parte dos jovens que conseguir revelar-se mais apta deve ser treinado com arcos de madeira e com réplicas de setas contra aqueles postes. Para este exercício, devem ser escolhidos instrutores especializados e deve ser empregue uma grande destreza para que os recrutas segurem o arco com sabedoria, para que o armem energicamente, para que a mão esquerda permaneça firme e para que a direita seja conduzida adequadamente, para que a vista e o espírito convirjam em relação àquilo que deve ser atingido, para que sejam ensinados a atirar setas com desembaraço, quer a cavalo quer a pé. É necessário que esta arte não só seja aprendida cuidadosamente, mas também que seja conservada pela prática e pelo exercício cotidiano. (*ERM*, I. 15).

O arqueiro era o soldado com menos proteção, visto que para realizar bem sua tarefa tinha que usar os dois braços, não permitindo, assim, que ele usasse um escudo. De forma que era possível que os arqueiros fossem, também, equipados com lanças para diminuir sua vulnerabilidade, porém, devido aos longos períodos que gastavam treinando para o arco e flecha, o tempo para praticar com outra arma era limitado. (URECHE, 2013:188).

FUNDA

Uma arma de fácil produção e de baixo custo em comparação ao arco. (GRIFFITHS, 1989:256). Tanto Amiano quanto Vegécio nos indica o uso da *funda*, as outras documentações aqui estudadas não trazem relatos sobre esse equipamento. O relato do historiador militar¹⁴⁹ nos indica que era uma arma utilizada pelos soldados para jogar pedras nos adversários, e que essa causava grande estrago nas fileiras inimigas. A destreza dos *fundidores* nas fileiras romano-bárbaras era grande, o próprio Amiano aponta a habilidade deles ao não errarem um só tiro em combate (*RG*, XXXI, 15. 13), o que nos indica que exercitavam bastante esse arremesso.

¹⁴⁹ *RG*, XIX, 5. 1; XX, 11. 17; XXXI, 7. 14; XXXI, 15. 13; XIX, 7. 7; XX, 11. 12; XXIV, 4. 28; XXXI, 6. 3.

Vegécio, em contrapartida, chega a descrever uma *funda*¹⁵⁰ e como era usada pelos soldados da quinta fileira, os quais não costumavam levar escudos. Em sua descrição, a funda era formada por uma vara de 1,2m de comprimento, que podia ser feita de linho ou de fios de cabelo, com uma *funda* de couro atada no meio dela. Agia de forma parecida com um *onager* portátil, o soldado munido com a funda girava-a sobre a cabeça e soltava a pedra em direção ao adversário.

Era uma arma bastante útil na proteção de muros, colinas ou locais rochosos, pois eram locais que proviam uma proteção para os *funditores* lançarem suas pedras, além de manterem abastecido o suprimento destas. Ação que retardava o avanço dos inimigos em direção à muralha.

E acontece, por vezes, que o combate se trava em locais rochosos, que um monte qualquer ou uma colina têm de ser defendidos, ou que os bárbaros têm de ser afastados do ataque a fortes e a cidades por meio de pedras e fundas. (*ERM*, I. 16).

O arremesso da pedra com a *funda* consistia em girá-la sobre a cabeça e a própria força centrípeta impulsionaria a pedra para longe quando parasse de rodar. De acordo com Vegécio, tanto arqueiros como fundibulários usavam como alvo um feixe de ramos ou de palha (*scopae*), colocados a uma distância de 182m. O autor continua sua explicação dizendo que os recrutas deveriam ser acostumados a rodar somente uma vez a *funda* por cima da cabeça. (*ERM*, II. 23). Vemos assim um grande esforço para treinar os soldados, permitindo que eles se tornassem peritos nessa arte, que causava grande estrago.

[...] pedras polidas arremessadas por uma funda ou por um fustíbalo são mais prejudiciais do que qualquer tipo de setas, uma vez que provocam um ferimento mortal sem aparentemente lesar os membros do inimigo, que morre sem derramamento de sangue, só com a pancada da pedra. (*ERM*, I. 16).

A *Notitia dignitatum* relata a existência de uma unidade específica de *funditores*, na parte Oriental do Império. (*ND*, Or. VII). O que pode nos levar a acreditar que por lá existiam ameaças em relação às quais a *funda* se mostrou importante no combate, como os elefantes. (GRIFFITHS, 1989:271). Embora a *Notitia* não liste outras unidades com

¹⁵⁰ *ERM*, I. 16; II. 15; III. 14.

essa especialidade, acreditamos que essa arma era usada em todo o exército por soldados de diferentes tropas.

MACHADOS

Sobre essa arma temos poucas informações, na realidade em dois momentos Amiano relata o seu uso: logo no início de sua narrativa, no livro XIX, descreve uma legião de gauleses armados com machados e espadas prontos para atacar o inimigo. (RG, XIX, 6. 7). Em outro momento aponta como ambas as forças, a do exército romano-bárbaro e de seu adversário, estavam usando o machado para desferir golpes letais, nos quais elmo e *lorica* se separavam (RG, XXXI, 13. 3).

A sua narrativa desse equipamento nos mostra o quão letal era essa arma, e, no entanto, pouco usada pelos romanos. Ao que parece, embora tenha adentrado as linhas romanas, teria sido utilizada mais por outros povos. Seria pouco difundida entre os soldados romanos provavelmente porque requeria grande habilidade e o uso das duas mãos, o que não era compatível com o uso do escudo. Considerando que a principal formação do exército romano-bárbaro compunha-se de soldados dispostos lado a lado com seus escudos tocando um no outro, o uso do machado era difícil, mas não impossível, como podemos ver pelo relato de Amiano.

Os golpes desferidos com essa arma são letais e exigem muito do seu dono, requerem as duas mãos para conseguir toda a força necessária para desferir o ataque. Alcançar a maestria no uso dessa arma exigia muito treino e disciplina. Como não era uma arma comum, acreditamos que nem todos os campos tinham treinos específicos para esse armamento. De forma que o pouco conhecimento vinha daqueles que já estavam acostumados com o machado, esses podem ter passado a informação para os seus colegas soldados ou lutado pelo exército romano-bárbaro com seus conterrâneos. Acreditamos mais na primeira opção, visto que a *Notitia* não aponta nenhuma unidade específica desse equipamento. Provavelmente tenha sido introduzida pelas tropas germânicas no século IV d.C. (SOUTHERN & DIXON, 1996:116).

Nem todos os soldados eram hábeis em todas as modalidades de luta, Vegécio aponta que era bom treinarem de tudo um pouco e, ao descobrirem em qual se adaptavam melhor, intensificar os exercícios nesse equipamento. De forma que chegaram a formar

unidades específicas, como é o caso dos *sagittari*, *lanciararii*, *scutarii*, entre outros, estes podendo ser tanto da infantaria quanto da cavalaria.

O costume e a força, adquiridos somente com o treino constante, eram fundamentais nas táticas militares do exército romano-bárbaro. Os soldados deveriam saber lutar e estar aptos a suportar a pressão e o peso da batalha, caso contrário poderiam desestabilizar as fileiras e perder suas vidas. O treino era importante, ainda, para criar laços de companheirismo entre os seus.

4.4.3. MÁQUINAS DE GUERRA

Das máquinas de guerra não temos muitos vestígios arqueológicos, no entanto, três distintos escritores da Antiguidade abordam algumas dessas armas de artilharia. O anônimo da *De rebus bellicis* dedicou-se somente a elas, embora não se saiba se suas máquinas existiram de fato ou se foram invenções do autor. Amiano e Vegécio descreveram a utilização das máquinas tanto para defender um forte ou uma posição como para atacar a fortaleza inimiga ou destruir suas linhas.

As máquinas exigiam um trabalho em conjunto, não só com os soldados que as carregariam, mas também com outras áreas do conhecimento, engenheiros eram altamente requisitados para essa tarefa, pois eram quem inventavam e construía o maquinário. Para o seu manejo também requeria habilidade e, em sua maioria, precisava de uma coordenação entre os soldados que lidariam com a artilharia. A habilidade e a coordenação eram conquistadas pelo treino.

Veremos como as máquinas da artilharia de que temos conhecimento pelas documentações aqui apresentadas foram usadas e como eram compreendidas pelos soldados responsáveis por elas.

PONTEM / ASCOGEFYRI / EXOSTRA / SAMBUCA / TOLENO¹⁵¹

A ponte foi um recurso bastante utilizado na Antiguidade quando queriam transpor algum obstáculo, fosse ele um rio como destacou Amiano e o anônimo, fosse uma muralha, e, neste caso, Vegécio nos fornece três diferentes tipos. Durante a marcha

¹⁵¹ Existem diferenças em cada uma delas, porém todas servem para dar passagem.

os soldados poderiam encontrar rios em seu caminho, e, considerando que poucos sabiam nadar, era preciso uma solução para o problema.

Amiano descreve em algumas passagens de sua narrativa a utilização de pontes de barcos¹⁵², que consistia em colocar embarcações uma ao lado da outra, prendendo-as com cordas e ferro. Dessa maneira, todos poderiam passar para o outro lado sem problemas com as águas embaixo. A ponte deveria ser montada rapidamente, pois o inimigo poderia estar no encalço ou já arremessando mísseis para tentar impedir a construção; outro impedimento que poderiam encontrar era a força das águas¹⁵³.

O anônimo, ao sugerir a sua ponte, o *ascogefyri*, tenta sanar essas dificuldades vividas pelos soldados. A sua ponte não era feita de barcos, mas sim de pele de bezerro a qual era amarrada dos dois lados e inflada, para conter a força das águas. Propôs, ainda, serem instaladas na diagonal. Quanto a conter o avanço do inimigo enquanto faziam a ponte, sugeriu a colocação de balistas em ambos os lados da ponte. Thompson aponta que pontes feitas de couro teriam sido usadas pelos Persas, de forma que não constituíam nenhuma novidade nesse campo. (THOMPSON, 1952:59). Porém, não se tem notícias se o exército romano-bárbaro usou essa técnica, os relatos que temos de Amiano são só das pontes de barcos.

Amiano comenta a utilização de uma ponte para alcançar o outro lado da muralha, esta estaria ligada a uma torre. (RG, XXI, 12. 9). Já Vegécio exemplifica três tipos de pontes a serem utilizadas para atravessar as muralhas inimigas, são elas: a *exostra*¹⁵⁴, a *sambuca*¹⁵⁵ e o *tollenone*¹⁵⁶. As três buscavam auxiliar o sitiante a ultrapassar os limites da muralha e tomar a cidade.

No meio da torre¹⁵⁷ existia uma ponte feita de duas traves e um tapume de vime que era estendido e colocado entre a torre e a muralha, a essa ponte dava-se o nome de *exostra*. De *sambuca* chamavam aquela que era presa por cordas e, com as roldanas, conseguiam abaixar o tapume até a muralha, esta ponte também fazia uma intermediação entre a torre e a muralha. Já o *toleno* apresentava um mecanismo parecido com o da gangorra, essa ponte se caracterizava por um poste alto fixado no chão, e no poste uma

¹⁵² RG, XIV, 10. 6; XXI, 7. 7; XXIII, 5. 4; XXIII, 5. 15; XXV, 7. 4; XXVII, 1. 3; XXIX, 4.

¹⁵³ RG, XXV, 7. 4.

¹⁵⁴ ERM, IV. 17; IV. 21.

¹⁵⁵ ERM, IV. 21.

¹⁵⁶ ERM, IV. 21.

¹⁵⁷ Falarei dela mais adiante.

trave de maior dimensão era equilibrada, de forma que um lado era abaixado o outro subia e deixava os soldados na altura da muralha.

Para se conseguir montar tantas pontes, deveria existir no exército alguém com habilidade para desenvolver esse projeto, ou seja, mãos treinadas para o trabalho a ser feito. Montar pontes, acampamentos, fazer túneis, entre outras atividades, eram deveres dos soldados. Assim, ao surgir um obstáculo, seja um rio ou uma muralha, eles estariam preparados para atravessá-los.

NAVIS / LIBURNA

Navios eram usados para encurtar a distância entre uma localidade e outra através do mar, chegando a ser usado em batalhas navais. Tendo copiado o modelo dos Liburnio, a embarcação ganhou o nome de *liburna*. (*ERM*, IV. 33). Vegécio, em quatro capítulos do livro IV, explica como deveriam proceder na construção de uma embarcação, sua prioridade é quanto às questões técnicas, ou seja, que material usar, como cortar a madeira e quais as dimensões poderiam ter. (*ERM*, IV. 34-37). Para que um navio aguentasse por mais tempo, era importante que fossem escolhidos bons materiais e que os metais utilizados fossem de bronze, pois resistiam mais ao contato com a água.

Amiano sempre o chama de *navis*¹⁵⁸, porém com o mesmo propósito, o de carregar os soldados e seus arsenais. Para que esses barcos se movessem na água era necessário material humano para movimentar os remos e propulsionar o navio, o que deixava os soldados com uma boa resistência e braços fortes. O anônimo, com o intuito de preservar os soldados, sugeriu um novo mecanismo para impulsionar a *liburna*¹⁵⁹, o qual seria dirigido por bois. Foi, assim, o primeiro a sugerir um navio movido a outros meios que não a remos. (THOMPSON, 1952:53).

¹⁵⁸ *RG*, XIX, 11. 8; XXIV, 1. 6; XXIV, 1. 7; XXIV, 6. 7; XXV, 8. 3; XXVI, 8. 9.

¹⁵⁹ *DRB*, XVI.

BALISTA / BALLISTA QUADRIROTIS / BALLISTA FUMINALIS / MANUBALLISTA / ARCUBALLISTA / CARROBALLISTA

Há um consenso sobre o uso desta arma: Amiano¹⁶⁰, Vegécio¹⁶¹, o anônimo e a *Notitia dignitatum* destacam a sua importância. Tinha o objetivo de arremessar grandes dardos nos inimigos e fazer grande estrago. A *Notitia*¹⁶² lista duas *fabricae* que produziam tal engenho, uma em Trier e outra em Autun, ambas no Ocidente. Mostra-nos com isso uma preocupação do governo para que as *ballista* chegassem onde era preciso.

O historiador militar da Antiguidade Tardia descreve em detalhes o funcionamento de uma *ballista* em seu livro XXIII, 4. 1-3. Vegécio simplifica a explicação e descreve ainda a necessidade de treino de alcance antes de levá-la para a batalha. Era muito usada para proteger as muralhas de ataques inimigos.

A balista é armada por meio de cordas e tensões e, quanto mais longos forem os seus braços, isto é, quanto maior for, tanto mais longe arremessa os dardos; e se ela for regulada de acordo com a arte da mecânica e manobrada por homens treinados que tenham ensaiado previamente seu alcance, ela penetra onde quer que acerte. (*ERM*, IV. 22).

Outros três tipos são postos por Vegécio, são eles: *manuballista*¹⁶³, *arcuballista*¹⁶⁴ e *carroballista*¹⁶⁵. A primeira, como o próprio nome sugere, era uma balista de mão; a segunda era uma balista-arco, que ficou conhecida depois como besta; e, o terceiro tipo era uma balista puxada por mulas. De acordo com Vegécio, a *carroballista* precisava de onze homens para a armá-la e direcioná-la, e poderia cumprir diferentes papéis: o de defender o acampamento e o de atacar num campo de batalha, onde era posicionada atrás da linha da infantaria. “Perante a força do seu impacto, nem os cavaleiros protegidos com lorica nem os peões com escudo inimigos conseguem manter suas posições.” (*ERM*, II. 25).

¹⁶⁰ *RG*, XVI, 2. 5; XIX, 1. 7; XIX, 5. 1; XIX, 5. 6; XIX, 7. 6; XIX, 7. 7; XX, 7. 2; XX, 7. 10; XX, 11. 20; XX, 11. 22; XXIII, 4. 1-3; XXIV, 2. 13; XXIV, 4. 16.

¹⁶¹ *ERM*, IV. 22.

¹⁶² *ND*, Oc. IX.

¹⁶³ *ERM*, II. 15.

¹⁶⁴ *ERM*, II. 15.

¹⁶⁵ *ERM*, II. 25.

Essa arma também chama a atenção do anônimo da *De rebus bellicis*, que propõe duas máquinas baseadas nesse equipamento: *ballista quadrirotis*¹⁶⁶ e *ballista fuminalis*¹⁶⁷. A primeira teria quatro rodas para transportá-la, o que a diferenciava da *carroballista* era o fato de as rodas pertencerem à máquina. Quanto à segunda, o autor não é muito preciso na sua descrição, o que se percebe é que era uma máquina a ser manejada por um soldado e que essa era destinada especificamente para as muralhas da cidade.

Como Vegécio destacou, dependendo do tipo de balista, precisava-se de grande arsenal humano para liberá-la, podendo chegar a onze homens. O treino com essas armas era importante para que os soldados as conhecessem e também a sua potência, para que soubessem até onde chegaria o dardo arremessado e, ao mesmo tempo, se acostumar com o processo de armá-las e direcioná-las. A melhor maneira para isso seria atirar com ela.

SCORPIO / ONAGER

*Scorpio*¹⁶⁸ ou *Onager*¹⁶⁹, como descreve Amiano, era uma arma que arremessava grandes pedras, mostrando-se muito eficiente em um cerco. Em geral, o equipamento é chamado de *scorpio*, somente em dois momentos ressalta que em sua época era chamado de *Onager*. Aponta que eram necessários quatro jovens homens para preparar a máquina para o arremesso da pedra.

O escorpião, que é hoje em dia chamado de burro selvagem (*onager*), tem a seguinte forma. Dois postos de carvalho ou azinheira são talhados e levemente dobrados, de modo que eles parecem ficar para trás como corcunda. Estes são mantidos juntos como uma máquina de corte e furado sem interrupção de ambos os lados com grandes buracos. Entre eles, através dos orifícios, fortes cordas são ligadas, segurando a máquina, de modo que não pudesse voar pelos ares. A partir do meio destas cordas um braço de madeira sobe obliquamente, apontado para cima como a haste de uma carruagem, e é torcido em torno com cabos de tal maneira que ele possa ser levantado ou abatido. Para o topo deste braço, ganchos de ferro são presos, do qual pende uma funda de cânhamo ou de ferro. Na frente do braço é colocado um grande colchão de pano de cabelo recheado com palha fina, ligado com fortes cordas e

¹⁶⁶ DRB, VII.

¹⁶⁷ DRB, XVII.

¹⁶⁸ RG, XIX, 2. 7; XIX, 7. 7; XX, 7. 10; XXIII, 4. 4-7; XXIV, 4. 16; XXIV, 4. 28; XXXI, 15. 12.

¹⁶⁹ RG, XXIII, 4. 4-7; XXXI, 15. 12.

colocado sobre um monte de relva ou uma pilha de tijolos secados ao sol; para uma máquina pesada deste tipo, se colocado em cima de um muro de pedra, quebra tudo abaixo dela pelo seu abalo violento, e não por seu peso. Então, quando há uma batalha, uma pedra redonda é colocada na funda e quatro jovens de ambos os lados dão voltas na barra com o qual as cordas estão conectadas e dobravam a haste até a horizontal. Então, finalmente, um artilheiro, situando-se acima e com um forte martelo atinge a lingueta da haste, que detém os fechos de todo o trabalho, em seguida, a haste é posta em liberdade, e voa para a frente com um golpe rápido, e encontra a roupa macia de cabelo, e arremessa a pedra, que irá esmagar o que quer que ela atinja. E a máquina é chamada tormento, pois toda a tensão liberada é causada por torção; e escorpião, porque tem um agulhão levantado; tempos modernos deram-lhe um novo nome de *onager*, porque quando asnos selvagens são perseguidos por caçadores, chutando eles arremessam de volta pedras a uma distância, esmagando os seios de seus perseguidores, ou quebrando os ossos de seus crânios. (RG, XXIII, 4. 4-7).

Para Vegécio, “não se encontra nenhum tipo de engenho de torção mais poderoso do que o *onager* e a *balista*” (ERM, IV. 22). Quanto maior for o *onager* tanto maior serão as pedras arremessadas por eles. Era uma máquina que poderia ser utilizada para proteger uma muralha, tanto quanto para atacá-la. Para o autor, *scorpio* seria o antigo nome da *manuballistae*.

Os soldados deveriam saber manejá-la e o que esperar dela, Amiano destaca que acidentes poderiam acontecer e o tiro sair pela culatra, literalmente, e acabar machucando o soldado que queria liberá-la. De forma que era importante saber se posicionar e como proceder para liberar grandes pedras no inimigo.

No curso desse contexto um construtor do nosso lado, cujo nome eu não me lembro, aconteceu de estar parado atrás de um *scorpio*, quando uma pedra que fora colocada inseguramente na funda pelo artilheiro foi lançada para trás. (RG, XXIV, 4. 28).

ARIES

Aries ou aríete era uma máquina de guerra utilizada para furar muralhas. Consistia basicamente de um grande tronco de madeira com uma ponta afiada de ferro para furar a muralha. Essa máquina era carregada pelos soldados que martelavam os muros com ela. Para que não sofressem com nenhum míssil vindo de cima, tinham uma proteção para conseguir chegar perto dos muros com a máquina intacta e os soldados sem ferimentos

mais graves, Vegécio chamou essa proteção de *testudo*, e Amiano aponta uma proteção contra fogo e dardo (*RG*, XX, 7. 13).

Agora devemos ir para o *aries*. Um abeto alto ou as cinzas de uma montanha é selecionada, no final da qual é preso um longo e duro ferro; isso tem aparência de uma cabeça de *aries* (carneiro), e é essa forma que dá o nome à máquina. Esse é suspenso entre vigas de ferro que corriam através dos dois lados, então ele é pendurado por um terceiro igual o prato da balança. Em seguida, um número de homens, tão grande quanto o comprimento do poste permite, puxar de volta e depois empurrá-la para a frente novamente com golpes poderosos, assim um *aries* investia e se retirava, para quebrar tudo em seu caminho. Enquanto isso era renovado com a força de repetidos golpes como de relâmpagos, prédios são rachados e quebrados com a estrutura das paredes destruídas. Se esse tipo de engenho trabalhar com todo o vigor, as cidades mais fortes, depois de ter suas paredes despojadas de defensores, são abertas, e o cerco é assim levado ao fim. (*RG*, XXIII, 4. 8-9).

Tanto Vegécio¹⁷⁰ quanto Amiano¹⁷¹ indicam o uso desse artifício para acabar com o cerco e proceder à invasão da cidade. De acordo com os relatos dos autores antigos, o aríete era uma máquina com grande eficiência. Com movimentos de vai e vem os soldados golpeavam a parte mais frágil da muralha. Era preciso estar preparado, saber como funcionava o equipamento a ser utilizado e estar em boas condições físicas para exercer a atividade.

CUNICULUM

Um engenho que era feito para ficar escondido, não ocupava espaço e nem pesava com seu transporte, precisaria de um conhecedor de engenhos e braços fortes. O *cuniculus* era uma cavidade subterrânea feita pelos sitiadores para ultrapassar a muralha, que poderia se dar de duas formas, de acordo com Vegécio: poderia atravessar a muralha durante a noite, abrir as portas e com um destacamento matar os inimigos desprevenidos em suas casas; outra maneira seria preparar o local para atear fogo e derrubar toda a estrutura, do túnel e da muralha junto, abrindo caminho para a invasão.

Um processo que requeria perícia de quem o fazia, para que não desabasse no momento errado. Portanto, a presença de alguém que soubesse como deveria proceder e

¹⁷⁰ *ERM*, IV. 14; IV. 23.

¹⁷¹ *RG*, XX, 6. 5; XX, 6. 6; XX, 7. 10; XX, 7. 12; XX, 7. 13; XX, 11. 11; XX, 11. 12; XX, 11. 15; XX, 11. 16; XX, 11. 21; XXI, 12. 8; XXIII, 4. 8-9; XXIII, 4. 10-13; XXIV, 4. 19; XXIX, 5. 25.

indicar como deveria ser feito era essencial. À parte o conhecimento, os soldados deveriam estar preparados para cavar, e a melhor maneira seria cavando, abrindo fossas, buracos, túneis.

CURRODREPANI / CURRODREPANI SINGULARIS / CURRODREPANI CLIPEATI

O anônimo que escreveu a *De rebus bellicis* descreve três diferentes tipos de carruagens. Na realidade, o que diferenciava uma da outra era a quantidade de cavalos e de cavaleiros, o carro que levava era o mesmo nos três casos. Assim, o *currodrepani* era puxado por dois cavalos e dois cavaleiros; o *singularis*, por um só cavalo e cavaleiro; e o *clipeati* era puxado por dois cavalos e um só cavaleiro. Já o carro era composto de ferros, os quais tinham duas foices nas laterais para proteger o carro de ataques.

Sua função era causar pânico no lado oposto e, com isso, promover uma abertura para a infantaria e cavalaria. De acordo com Thompson a ideia do carro não era nenhuma novidade, há indícios de que carros similares a esses foram utilizados contra os romanos por Seleuco, rei Antíoco, por Mitrades e por Pharnaces. (THOMPSON, 1952:55). No livro três, capítulo XXIV, Vegécio indica que seu uso em guerras contra romanos foi motivo de troça, pois o equipamento foi facilmente neutralizado pela astúcia, já que a *quadriga falcatae* era travada por qualquer obstáculo. Assim, os soldados romanos lançavam trêbulos por todo o campo, destruindo os carros que passavam.

Dessa forma, acreditamos que o exército romano-bárbaro não fez uso desse tipo de equipamento, embora soubesse de sua existência. Tanto Vegécio quanto o anônimo conheciam as máquinas desenvolvidas pelos seus adversários, um barrando seu uso e o outro sugerindo modificações para que fossem usadas no exército.

TICHODIFRI / VINEA/ PLUTEUS

O tiodifro¹⁷², engenho descrito pelo anônimo da *De rebus bellici*, apresenta uma formação baixa, que serviria para proteger o avanço dos soldados com balistas numa escalada de parede. O próprio autor, ao descrever a máquina, aponta que “a construção ou montagem terá de ser preparada por um projeto adequado e útil” (DRB, VIII), mostrando que não existia um projeto para a construção do *tichodifri*.

¹⁷² DRB, VIII.

Thompson, num texto sobre a obra do anônimo, chama a atenção para a semelhança do tiodifro com duas máquinas descritas por Vegécio, a *vinea* e o *pluteu*¹⁷³ (THOMPSON, 1952:66). Nas palavras do autor antigo: “coberto delas, os sitiadores avançam em segurança para minar os alicerces dos muros”, “encostam-nas aos muros e, protegidos por elas, expulsam a todos os defensores das ameias das cidades com setas, fundas ou mísseis para que seja mais fácil subir aos muros por meio de escadas”. (ERM, IV. 15).

Vegécio ainda ressalta que a *vinea* foi uma máquina que recebeu a atenção dos outros povos, que passaram a utilizá-la, e batizaram-na de *caucicae*. O que nos indica que a relação entre os povos poderia acontecer nas duas vias, tanto os romanos poderiam aprender com a cultura alheia quanto os outros povos também aprendiam as técnicas do exército do Império Romano.

O que diferia as máquinas de Vegécio das do anônimo é que o último acrescentou algumas armas defensivas para proteger o engenho. Não há nenhuma notícia sobre o uso de uma máquina *ipsis litteris* às descritas pela *De rebus bellicis*, porém a ideia a que ela remete não é novidade e era usada no exército romano-bárbaro na Antiguidade Tardia. Assim, os soldados que participariam de um cerco estavam familiarizados com esses engenhos e com o seu uso, pela experiência ou por algum exercício proposto.

Amiano chama as máquinas de torção, como a *ballista* e o *onager*, de *tormentum*¹⁷⁴, tendo usado, também, a nomenclatura de *catapulta*¹⁷⁵ para generalizá-las. Todas as máquinas aqui apresentadas tiveram seu papel em guerra, seja em campo de batalha ou em cerco, elas fizeram seu papel de manter os adversários afastados ou amedrontados. O treino com esses maquinários é muito pouco descrito ou nada falado, Vegécio aponta em determinado momento que era importante treinar com a balista, para se ter uma maior precisão da arma.

Dado que sugere que havia um treino com os engenhos. Exercícios que envolveriam trabalhar com a máquina, para saber como deveriam proceder para carregá-la e direcionar seu ataque. Cada um dos aparelhos requeria um conhecimento, um preparo

¹⁷³ Ambos encontram-se na ERM, IV. 15.

¹⁷⁴ RG, XIX, 6. 6; XX, 6. 2; XX, 11. 12; XX, 11. 21; XXI, 6. 6; XXIII, 4. 4-7; XXIV, 4. 12; XXXI, 15. 6.

¹⁷⁵ RG, XXIV, 2. 13.

próprio. Dessa forma, os soldados responsáveis pela máquina eram bem instruídos para que houvesse o mínimo de falhas possíveis.

4.4.4. OUTROS EQUIPAMENTOS E OBJETOS UTILIZADOS EM BATALHA

Existiram outros tipos de armas, instrumentos e substâncias que foram utilizados num campo de batalha, seja em campo aberto, seja para atacar ou defender uma fortaleza. Dentre esses encontramos maços incendiários, betume, óleos, escadas, pedra, estacas, colchão e até fragmentos de coluna, entre outros que foram relatados pelos autores da Antiguidade.

SUDIBUS (ESTACAS)

Em dois momentos de sua narrativa Amiano discorre sobre as estacas, longos cabos de madeira com a ponta afiada. Num primeiro momento, descreve Cesar Juliano armando 300 soldados com estacas para emboscar um inimigo, que o julgava dormindo no seu acampamento. (*RG*, XVIII, 2. 11). No segundo, elas foram colocadas ao longo de uma barreira natural, que servia de proteção para o acampamento dos soldados. De forma que quem tentasse entrar poderia cair em cima das estacas, morrendo ou saindo ferido, já que as pontas estariam tão afiadas quando as de uma espada.

Para utilizar esse equipamento, era preciso saber afiar uma vara de madeira e a encaixar na terra. Era um objeto de auxílio na proteção, ao montarem um acampamento que deveria ser guarnecido para que não sofressem um ataque repentino. Assim, colocar as estacas em torno da paliçada ou num foço cumpria a função de frear um ataque surpresa.

SAXUM (PEDRAS GRANDES) / LAPIS (PEDRAS)

Grandes ou pequenas, o *saxum*¹⁷⁶ ou o *lapis*¹⁷⁷, com *funda*, *onager*, *scorpion* ou com a mão poderiam causar grande estrago e, inclusive, derrubar alguns combatentes

¹⁷⁶ *RG*, XIX, 6. 6; XX, 6. 2; XX, 7. 10; XX, 7. 12; XX, 11. 15; XXI, 12. 9; XXI, 12. 13; XXIII, 4. 4-7; XXIV, 2. 14; XXIV, 4. 16; XXVI, 6. 16; XXVI, 8. 9; XXXI, 15. 13.

¹⁷⁷ *RG*, XIX, 7. 7; XX, 6. 4; XX, 6. 6; XX, 7. 10; XX, 7. 13; XX, 11. 9; XX, 11. 12; XXI, 12. 6; XXIV, 4. 16; XXIV, 4. 28; XXXI, 6. 3; XXXI, 15. 12.

adversários. As pedras eram grandes aliadas dos soldados na hora de proteger uma fortaleza ou de derrubar uma, podiam causar danos aos adversários ao serem jogadas com a *funda* ou mesmo com a mão.

Nos itens anteriores pudemos observar como deveria ser o treino com os equipamentos de lançamento de pedras. Fosse com qualquer suporte para arremessá-las, o soldado deveria estar acostumado, ou seja, treinado na tarefa. Jogar com a mão, no entanto, dispensava o carregamento de outro item, além de poderem encontrá-las pelo caminho, sem necessidade de carregar peso.

Considerando que já estavam preparados para lidar com outras armas mais pesadas, principalmente com o arremesso de dardos, não teriam dificuldades em lançar uma pedra. Não chegariam tão longe ou não seriam tão grandes, mas fariam seu estrago, juntamente com os mísseis. O autor da *Epitome rei militaris* descreve, ainda, as características das pedras e como elas deveriam ser separadas, mostrando o cuidado para selecioná-las.

Recolhem-se muito cuidadosamente dos rios pedras redondas porque são mais pesadas devido a sua densidade e mais adequadas para arremessar, com as quais se abastecem fartamente as muralhas e as torres; as mais pequenas de todas são para atirar com fundas ou com fustíbalos ou para lançar à mão; as maiores são atiradas por ónagros e as maiores de todas, devido ao seu peso e a sua forma, que lhes permite rolar, são distribuídas pelas ameias para que, empurradas para baixo, não só aniquilem os inimigos que atacam, como também destruam as suas máquinas. (*ERM*, IV. 8).

SCALAE (ESCADA) E *TURRIS* (TORRES)

Tanto Amiano¹⁷⁸ quanto Vegécio¹⁷⁹ relataram o uso das escadas, para ultrapassar as muralhas inimigas. Para completar essa tarefa os soldados deveriam subir a escada com a guarda da fortaleza lhe atirando todo tipo de arma, desde pedras e dardos até fragmentos de coluna e fogo. Amiano relata as dificuldades encontradas por aqueles que se arriscavam a escalar.

Muitos carregavam escadas feitas para corresponder com a altura das muralhas, ao subirem, alguns foram esmagados por pedras que rolavam de cima, outros foram perfurados por dardos; e quando os sobreviventes

¹⁷⁸ *RG*, XIX, 5. 6; XX, 6. 3-4; XX, 7. 6; XX, 11. 21; XXI, 12. 6; XXI, 12. 13; XXXI, 15. 13.

¹⁷⁹ *ERM*, IV. 21.

abriram caminho, eles carregaram com eles o restante, cujo medo de um destino parecido tirara deles o propósito da luta. (RG, XXI, 12. 6).

A *turris* tinha o propósito de promover um forte ofensivo móvel que conteria todos os elementos para atacar um muro, ou fortaleza, em relativa segurança. (SOUTERN & DIXON, 1996:163). Por possuir mobilidade poderia chegar bem perto do muro e com uma tábua de madeira servindo de ponte poderiam ultrapassar os limites da cidade a ser invadida.

Vegécio as descreve em detalhes, as torres eram máquinas construídas com vigas e com pranchas, protegidas do fogo inimigo por couros crus e centões, elas poderiam ter uma área de 9 a 15m². Sugere, ainda, que a altura deveria superar não só a das muralhas como também das torres de pedras a serem enfrentadas. Em seus pés encontrava-se o maior número de rodas que a mecânica permitia, para que deslizassem com facilidade.

As torres protegiam os soldados que trabalhavam na derrubada do muro, no entanto as muralhas estariam em grande perigo se chegassem perto dela, pois dentro da torre havia um arsenal que poderia levar à rendição da cidade e à tomada das muralhas. Vegécio descreve como era constituído o interior de uma *turris*.

Na verdade, ela possui muitas escadas e procura abrir caminho de diversas maneiras. Com efeito, a torre possui um aríete no seu patamar inferior, cujo impacto destrói os muros; aproximadamente na parte do meio, ela tem uma ponte feita de duas traves e com um tapume de vime que é subitamente estendida e colocada entre a torre e a muralha e pela qual os guerreiros, que saem da máquina, acendem a cidade e ocupam as muralhas; além disso, no patamar superior da torre, são colocados lanceiros e arqueiros, que derrubam os defensores da cidade a partir de cima com lanças, mísseis e pedras. Feito isto, a cidade é capturada sem demora. (ERM, IV. 17).

Para escalar com a escada, tudo que o soldado precisava era de coragem e velocidade, para conseguir alcançar o topo antes de ser atingido por algum míssil ou pedra. Já com as torres, era preciso uma equipe para montá-las, pessoas para empurrá-las e outras que manejariam o aríete, além dos soldados que estariam posicionados no patamar superior, lançando flechas, dardos, pedras. O trabalho era em conjunto e um tinha que confiar no companheiro do lado, para que a tarefa fosse completada com sucesso. Assim, além dos treinos individuais, os soldados tinham, também, exercícios em coletividade.

PIX / PICIS (PEZ/PICHE) / BITUMEN (BETUME) / OLEUM (ÓLEO)

“É conveniente aprovisionar betume, enxofre, pez e um óleo líquido a que chamam de ‘incendiário’ para deitar fogo às máquinas dos inimigos.” (*ERM*, IV. 8). Vegécio chama a atenção nesse momento para químicos inflamáveis que eram utilizados para atear fogo nas máquinas adversárias. Estes poderiam ser envolvidos num dardo a ser lançado, muitas vezes por uma balista (*ERM*, IV. 18) ou por um *scorpio* (*RG*, XX, 7. 10).

O pez poderia ser jogado quente, causando, também, grande estrago. (*RG*, XX, 11. 15). Quanto ao óleo, era um composto químico que queimava persistentemente, e se tentassem apagá-lo com água, mais ele inflamava; a única forma de controlá-lo era jogando areia. (*RG*, XXIII, 6. 37). Os soldados embebiam as setas com esse líquido e as atiravam em chamas nos adversários.

Amiano ainda explica como conseguir esse óleo, existiam dois tipos distintos. Um deles consistia em misturar óleos de qualquer tipo com uma mistura de ervas, e deixá-los apurando até chegar ao ponto de ser utilizado; o outro era proveniente da Pérsia, onde era chamado de *naphta* (*RG*, XXIII, 6. 38). De forma que era importante ter alguém no exército que conhecesse sobre esse material, principalmente nas unidades em que se encontravam em fortificações.

MALLEOLUS / FALARICAS (MAÇO INCENDIÁRIO)

Tanto o *malleolus*¹⁸⁰ quanto a *falarica* serviam ao mesmo propósito: incendiar navios e fortificações, podendo ser usados em batalhas abertas. Amiano descreve como seriam esses dardos, com características um pouco diferentes dos comuns, a ponta era composta por três barras de ferro, que eram unidas nas duas pontas, formando um centro oco. Na cavidade seria colocado um composto inflamável que seria arremessado por um arco ou por uma balista.

Mas dardos incendiários (um tipo de míssil) são feitos dessa forma: o eixo é de junco, e entre ele e a ponta existe uma cobertura com bandas

¹⁸⁰ *RG*, XX, 6. 6; XX, 7. 10; XX, 11. 13; XXIV, 4. 16.

de ferro; o que parece a roca de uma mulher para fazer fios de linho. É habilmente cavado no lado inferior, com muitas aberturas, e na cavidade é colocado o fogo e alguns líquidos inflamáveis. E se for atirado devagar com um arco pouco frouxo (para que não seja extinto por um voo muito rápido) e preso em qualquer lugar, ele queima persistentemente, e a água jogada instiga o fogo a altas temperaturas; e não há uma forma de extingui-lo, exceto por derramamento de areia no fogo. (RG, XXIII, 4. 14-15).

Vegécio também descreve o uso do *malleolus*¹⁸¹ e acrescenta uma outra arma incendiária que tinha o mesmo propósito, mais assemelhada a uma lança e que também recebia o impulso da balista para ser liberada: a *falarica*. Parecida com uma lança e com um ferro bem forte, era envolta, da haste à ponta, por enxofre, resina, betume e estopas ensopadas com óleo incendiário. Rompia a proteção das torres móveis, queimando-a. (ERM, IV. 18). Era requerido que os soldados soubessem atirar com o fogo. Não acredito que houvesse um treino específico com fogo, mas a destreza com a balista já poderia garantir um bom uso dos dardos incendiários.

COLUNA FRAGMENTUM (FRAGMENTO DE COLUNA)

Tanto Amiano quanto Vegécio indicam que era uma prática comum atirar pedaços, fragmentos de colunas muralha abaixo. Seu peso e o ímpeto com que eram jogados, somados à força da gravidade, destruíam os aríetes. Southern & Dixon apontam que o início dessa prática foi com Constantino, quando teve que proteger seu posto e a única saída que encontrou foi quebrar as estátuas e arremessá-las. (1996:167).

Não requeria muita habilidade do soldado, o seu constante treinamento para a arte bélica já era suficiente para deixá-lo preparado para essa situação.

TESTUDO (TARTARUGA)

Era uma tática com escudos para proteger os soldados dos mísseis adversários e um engenho utilizado pelos combatentes para protegê-los enquanto tentavam derrubar parte da muralha. Tal qual uma tartaruga, a *testudo* era formada por uma “casca”, composta de grandes tábuas de madeira; no seu interior existia uma viga fixada por meio de um ferro adunco que permitia arrancar as pedras da muralha ou a cabeça da viga era

¹⁸¹ ERM, IV. 18.

revestida de ferro, formando uma frente duríssima para romper a muralha. O seu movimento de ida e volta lembra o movimento da cabeça de uma tartaruga, por isso o engenho recebeu esse nome. (*ERM*, IV. 14).

Era utilizado para quebrar cercos, necessitando de soldados para segurar a estrutura de cima e outros para manejar a viga. Os soldados trabalhavam em uníssimo, uns sustentando a defesa e outros desferindo os golpes, independentemente da etnia de cada um.

CULCITA (COLCHÃO) / LAQUEUS (LAÇO) / LUPUS (LOBO)

A *culcita*, o *laqueus* e o *lúpus* são três diferentes artifícios usados para impedir a destruição da muralha pelo aríete inimigo. Vegécio aponta essas três formas: a primeira consistia em pendurar um colchão, por meio de cordas, no parapeito onde o aríete está ameaçando, absorvendo todo o impacto e protegendo a integridade da muralha; a segunda seria por meio de um laço, o qual capturava o aríete e virava-o contra os sitiantes; na terceira forma era utilizado um utensílio que chamavam de lobo, um ferro dentado amarrado a cordas, que prenderia, reviraria ou suspenderia o aríete. (*ERM*, IV. 23). Táticas que poderiam ser usadas pelos soldados que cuidavam das muralhas da cidade, não requeriam exercícios diários, mas em todo caso era importante saber como funcionavam.

Estacas, pedras, escadas, torres, piche, betume, óleo, maços incendiários, fragmentos de coluna, tartaruga, colchão, laço e lobo, são todos elementos mais simples do que as grandes máquinas de guerra, porém, eram eficientes em batalhas de cerco. Alguns ajudavam os sitiantes a quebrar as barreiras impostas pelas muralhas, como a escada, a torre e a tartaruga; outros auxiliavam os sitiados a defender sua cidade, como as estacas, as pedras, o piche, o betume, o óleo, os maços incendiários, os fragmentos de coluna, o colchão, o laço e o lobo.

Durante a Antiguidade Tardia vemos aumentar o número de fortificações pelo território romano, tanto nas fronteiras quanto internamente. O que pode ter levado a um aprimoramento nas técnicas de cerco e de proteção das muralhas. Assim, os soldados

deveriam estar preparados para esse tipo de combate, o qual se diferenciava da batalha campal, onde dois exércitos se encontravam frente a frente.

4.5. EXERCÍCIOS EM GERAL

O treinamento, mais que um espaço para se exercitar, era também um momento de interação e formação de elos entre os soldados. No nível individual, aqueles que servem como soldados frequentemente reportam que não existe nenhum laço tão íntimo e intenso de amizade e de amor do que entre pessoas que lutaram lado a lado e enfrentaram a morte juntos. (JAMES, 2011:27). Cada soldado sabia que poderia contar com os seus companheiros de unidade, pois criavam um vínculo de confiança mútua.

Ter *disciplina* era de suma importância para a manutenção do exército romano-bárbaro, pois os exercícios, além de prepararem os soldados para os diferentes combates, também reforçavam a ligação entre os combatentes e seus oficiais. Cabia aos centuriões incentivar a disciplina e o treino (ERM, II. 14). Esse elo se tornaria a grande força do Império Romano, independentemente de suas origens os guerreiros deveriam trabalhar em uníssimo para conquistar a vitória.

Havia também exercícios feitos em coletivo, pois ao dar uma ordem, ou demonstrar algum sinal, visual ou auditivo, os soldados deveriam saber o que fazer e tomar sua posição de acordo com a tática escolhida pelo seu comandante. Assim, manobras eram treinadas e aperfeiçoadas, estudos poderiam ser trabalhados. Era preciso saber a sua posição exata na fileira, quem estaria a seu lado e como seria desenvolvida a batalha.

Era preciso igualmente manter os soldados ativos, principalmente em tempo de tréguas, para que não chegassem despreparados e sem fôlego para a tarefa a ser feita na guerra. Com frequência deviam cortar árvores, carregar pesos, saltar valas, nadar no mar ou em rios, marchar em passo acelerado ou até correr armados com suas bagagens. (ERM, II. 23). Garantia-se, dessa forma, um corpo acostumado ao trabalho pesado, apto aos rigorosos treinos e investidas contra inimigos.

Amiano destaca que os generais também deveriam ser treinados, não só pelas armas, mas pelas letras e pelos conhecimentos bélicos. Imperadores, assim como os soldados, também praticavam exercícios militares, o autor militar destaca Constâncio II como um adepto a todos os exercícios da infantaria, da montaria, do jogo de dardos e,

especialmente, era hábil com o arco. (RG, XXI, 16. 7). Outros governantes também chamaram a atenção de Amiano pelo rigor da disciplina, Juliano, Valentiniano e Valente era um deles.

Os generais eram treinados tanto nos estudos empíricos como pela experiência na guerra, a qual poderia ser em outros níveis da hierarquia militar (RG, XXIV, 1. 2), além de praticarem exercícios físicos. Era importante ter um comandante com conhecimento bélico, que soubesse escolher as melhores estratégias e táticas a serem usadas em cada momento. Sabendo da capacidade de seus soldados e conhecendo o inimigo, através dos batedores e informantes, podiam tomar decisões.

Além de profissionais da guerra, outros profissionais também eram importantes junto a uma tropa militar, como médicos, para aliviar a dor e auxiliar os feridos e enfermos; os religiosos, que mantinham a crença, a esperança e as boas relações com o divino; os cavaleiros, que auxiliavam no cuidado dos cavalos; os cozinheiros, que preparavam a comida; os engenheiros, que, como pudemos ver, tinham um papel ativo em cerco e na construção de máquinas para batalha; ferreiros, para manter os equipamentos em ordem; entre outros que faziam o quartel-general funcionar.

Todos eram importantes para o bom funcionamento do conjunto. Fossem de onde fossem, na hora de uma guerra estavam todos juntos em prol de suas vidas e contra um inimigo comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Antiguidade Tardia, principalmente o século IV d.C., é marcada por inúmeros conflitos, internos e/ou externos. O exército do Império Romano ganha bastante visibilidade e acaba recebendo atenção dos governantes, os quais, muitas vezes, são aclamados pelos soldados ou seus generais. Novas estruturas foram propostas, equipamentos foram simplificados, para uma maior produção, e máquinas foram produzidas para grandes cercos. A presença do outro nas fileiras do exército era marcante, aumentando-as, conferindo novos conhecimentos e partilhando sua cultura bélica, de forma que denominamos o exército de romano-bárbaro.

Conseguimos perceber a presença do elemento estrangeiro dentro do exército, incrementando os armamentos e, conseqüentemente, o treinamento militar da época. A disciplina foi adaptada aos novos elementos, e os exercícios foram ampliados. Aquele que iniciava no exército tinha que se preparar para todas as eventualidades da guerra, desde aprimorar a habilidade com a espada, lança e escudo até saber cavar e montar um acampamento, entre outras atividades que abordamos anteriormente.

Tanto a documentação material, com os armamentos encontrados do século IV d.C., quanto a documentação textual, a *Res gestae*, de Amiano Marcelino, a *Epitome rei militaris*, de Vegécio, a *Notitia dignitatum* e a *De rebus bellicis*, foram essenciais para a compreensão do uso e manuseio de cada armamento, seja ele de defesa ou de ataque, máquina ou outros objetos utilizados em guerra. A partir do conhecimento de cada equipamento militar, e das táticas utilizadas, pudemos entender quais exercícios eram empregados.

A cultura material nos auxiliou a entender como eram as particularidades dos equipamentos, e a literatura nos possibilitou conhecer como era o uso de cada uma das armas utilizadas em combate. Havia uma gama de armamentos que foram empregados para defesa e ataque, seja em combate aberto ou em cercos. Os soldados conheciam e

estavam familiarizados com os equipamentos que utilizavam, alguns faziam parte de seu dia a dia, servindo para se expressarem diante de discursos dos generais ou governantes.

Vegécio chama a atenção para a palavra *exercitus*, mostrando que deriva de *exercitium*, justamente para os soldados não se esquecerem de que o exército é formado de exercícios. Pudemos observar que existiam treinos individuais e coletivos, nos quais o soldado preparava seu corpo e o deixava acostumado com os movimentos; já nos coletivos, praticava as manobras que poderiam ser usadas, os sinais dados por informações visuais ou auditivas, entre outras atividades.

A vida militar é intensa, os soldados criam laços intensos com seus companheiros, de solidariedade, de amizade, de união. A vida deles depende daquele que está do seu lado na linha de combate, e nesse momento não importa de onde veio e qual seu credo, somente sua competência e habilidade. Para que a unidade conseguisse trabalhar em uníssimo numa formação era importante estar bem treinada e unida. Era durante a prática diária dos exercícios que os soldados criavam um elo de sociabilidade e era na guerra que os laços se estreitavam.

Nesse mesmo espaço de interação criado pelo treinamento a confiança no líder era adquirida. Amiano conta que, para se aproximar de seus soldados, Juliano compartilhava de suas refeições e abdicava de certos luxos que sua posição permitiria. O fato de o militar da Antiguidade ressaltar esse episódio mostra-nos a importância de estabelecer um elo de contato entre os oficiais militares e seus soldados.

O exército na Antiguidade Tardia apresenta continuidades em relação a seus modelos antecessores e agrega novos elementos, no entanto, a organização e a disciplina são mantidas. A pluralidade cultural que encontramos nesse momento não desmereceu a estrutura e o sistema militar, ao contrário, aderiu a sua estrutura, chegando os não romanos a ocupar cargos de grande vulto na hierarquia militar, acrescentando grande diversidade e riqueza às linhas de frente do exército imperial romano, ou melhor, do exército romano-bárbaro.

Vemos essa interação em todas as documentações aqui trabalhadas, muitos dos equipamentos que foram encontrados desse período vêm de pântanos na Dinamarca, território que nunca pertenceu ao Império Romano, o que já nos mostra a inter-relação que existia entre os diferentes povos e como os armamentos tiveram uma ampla circulação, até mesmo fora dos limites romanos.

Amiano Marcelino em toda sua obra aponta o contato que os romanos tiveram com outros povos, seja na narração de um feito, de uma guerra, de um estrangeiro dentro

do exército ou até mesmo detalhando cidades persas, com suas culturas. Utiliza-se de exemplos de reis persas para mostrar como deveria ser a ação de um governante misericordioso. Já Vegécio, embora não forneça detalhes de outras regiões e culturas, indica-nos como essas adentraram a cultura militar romana, seja descrevendo um mesmo equipamento com um nome diferenciado, como a *bebra*, seja por meio de atitudes adotadas, com é o caso de os chefes militares empregarem o chicote e gestos para indicar o próximo passo aos soldados.

No caso da *Notitia dignitatum*, a presença de outros grupos culturais é percebida nos nomes das unidades de combate, as quais poderiam ser nomeadas a partir da maioria que a compunham, caso dos *alae prima Francorum*, *alae prima Alamannorum*, *alae prima Saxonum*, entre outros. O anônimo da *De rebus bellicis*, por sua vez, elogia a capacidade romana de criar os maquinários dos *bárbaros*, seus engenhos têm diferentes influências, inclusive de tempos remotos, como de gregos e persas, como bem destacou Thompson em trabalho sobre o anônimo (1952).

A interação com outros povos, com outras culturas nunca foi simples e muito menos amena, no entanto esse contato, mesmo que conflituoso, impulsionou novos conhecimentos e abriu caminhos. Um momento marcado por conflitos políticos, culturais, sociais, econômicos, geográficos e militares, em que o mundo romano assiste a mudanças e luta contra elas. Diferentemente do que se poderia pensar, era um mundo em que a força militar estava bem estruturada, em que a cultura vinha sendo enriquecida a cada dia, e em que a política, a economia e a geografia iam ganhando novas dimensões.

Sun Tzu, em sua famosa obra *A Arte da Guerra*, elenca vários pontos importantes para uma boa batalha, em um desses pontos destaca que é importante conhecer a sua própria força e a do seu adversário para que se tenham cem por cento de chances de vitória e, caso se ignore uma das duas forças, as chances caem pela metade. Seria possível que os generais de governantes do Império romano tenham subestimado a força alheia? Sabemos que tinham pleno conhecimento de suas próprias, a *Notitia dignitatum* nos demonstra isso.

Sobre as condições dos outros povos, pouco nos é informado pelas obras da Antiguidade Tardia. Considerando que as trocas culturais eram uma via de mão dupla, ambos os lados se beneficiaram delas, ou seja, tanto o exército romano-bárbaro aderiu a novos elementos como os exércitos alheios, também, aprenderam novas técnicas de luta com os romanos.

Já no que diz respeito ao exército romano-bárbaro, temos mais informações, como pudemos averiguar no nosso estudo. Os militares estavam integrados na vida civil, principalmente com os *comitatenses* acampando nas fortalezas internas, as quais cresceram em quantidade durante o período do século IV d.C. Novas políticas foram adotadas por Diocleciano e Constantino, as quais se mantiveram por um longo período após o governo deles. Dividiram o exército em duas frentes, os *comitatenses* e os *limitanei*, destituíram as funções militares dos pretorianos e ascenderam as *scolae palatinae* e os *protectores domesticus*, as fortalezas foram reformadas e novas foram construídas, *fabricae* foram instaladas com o apoio do governo central, entre outras medidas estabelecidas.

Dessa forma, vemos um exército bem estruturado. A eficiência desse modelo é inegável quando constatamos que ele perdurou por anos e gerou bons resultados. Elton aponta que, além de o exército romano-bárbaro não ser fraco estruturalmente, tinha como melhores características as pequenas mudanças e a flexibilidade institucional. (ELTON, 2008:309). Isso permitia aos militares do Império Romano se adaptar com mais facilidade e incrementar as suas técnicas para enfrentar as adversidades.

Dessa forma, pudemos observar o adentro de novos equipamentos, novas técnicas de comunicação, que auxiliaram os soldados romano-bárbaros a enfrentar seus adversários e percalços durante a guerra. Consequentemente, treinos foram incrementados e aprimorados, no entanto, a estocada continuou sendo a preferência dos soldados. A cavalaria ganhou força e as máquinas de cercos, visibilidade, todos os autores falam dessas máquinas, somente a *Notitia* que, embora não as descreva, aponta uma *fabricae* que produz balistas.

A pesquisa não se esgota por aqui, podemos ainda tentar reproduzir os treinos a partir do conhecimento empírico, ou buscar perceber como eram formados os espaços de treinamentos e de sociabilidade dos soldados. Há ainda a possibilidade de apreendermos a pluralidade existente dentro do exército, e aqui não me refiro ao contato com o *bárbaro*, mas sim à interação com as diferentes religiões, profissões, etc., que compunham a unidade militar da Antiguidade Tardia.

O presente estudo nos possibilitou ampliar nossos conhecimentos sobre o exército romano-bárbaro do século IV d.C., principalmente no que se refere ao treino militar. Esperamos ter respondido a algumas perguntas e suscitado outras, ampliando o diálogo histórico sobre o assunto e enriquecendo os estudos da Antiguidade Tardia no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

I. DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL:

MARCELLINUS, Ammianus. *History*. With an english translation by John C. Rolfe. London: The Loeb Classical Library, 1982, 3v.

MARCELLIN, Ammien. *Histoire*. Avec la traduction en français de Edouard Galletier e Jacques Fontaine. Paris: Belles Lettres, 1978.

FLÁVIO VEGÉCIO RENATO. *Tratado de Ciência Militar*. Com uma tradução para o português de Adriaan de Man. Lisboa: Edições Sílabo, 2006.

FLÁVIO VEGÉCIO RENATO. *Compêndio da Arte Militar*. Com uma tradução para o português de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. São Paulo: Annablume; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

VEGETIUS, *Epitome of Military Science*. Translated with notes and introduction by N. P. Milner. Liverpool: Liverpool University Press, 2001.

NOTITIA DIGNITATUM. Traducida por Antonio Diego Duarte Sanchez. Murcia, Espanha, 2007.

DE REBUS BELLICIS. In: THOMPSON, E. A. *a Roman Reformer and Inventor: Being a new Text of the Treatise De Rebus Bellicis with Translation and Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 1952.

ANONIMO. *Le cose della Guerra*. A cure di Andrea Giardina. Fondazione Lorenzo valla Arnaldo Mondadori Editore, 1989.

II. MATERIAIS DE APOIO:

ALEXANDER, J. J. G. The illustration of the *De rebus bellicis*. In: Hassall, M. W. C. *Aspects of the De rebus bellicis: papers presented to Professor E. A. Thompson*. Oxford: BAR International series 63, 1979, pp. 11-16.

- ALLANSON-JONES, L., *Artefacts in Roman Britain: Their purpose and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 114-132
- ALLONSO-NUÑEZ, J. M. *La vision historiográfica de Amiano Marcelino*. Studia Romana II. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1975.
- Ancient World Mapping Center. Disponível em www.awmc.unc.edu/wordpress/free-maps/romans-from-village-to-empire-2nd-edition-2011/. Acessado em 13/02/2015.
- ARISTÓTELES. *A política*. Tradução de Nestor Silva Chaves e Introdução de Ivan Lins. São Paulo: Ediouro, s/d. I, 1.
- AUSTIN, N. J. E. Ammianus on Warfare: na Investigation into Ammianus' Military Knowledge. *LATOMUS Revue d'etudes Latines*; Collection Latomus, vol.165. Bruxelles, 1979.
- _____.; RANKOV, B. *Exploratio*. Military and Political Inteligence in the Roman World from the Second Punic War to the Battle of Adrianople. New York: Routledge, 1995.
- BARNES, T. D. The date of Vegetius. *Phoenix*, v. 33, n. 3, 1979, pp. 254-257. Disponível em www.jstor.org/stable/1087436. Acessado em 17/09/2014.
- _____. *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.
- BEATTIE, A. *The Danube: a cultural history*. Oxford: Signal, 2010.
- BERGER, P. C. *The insignia of the Notitia dignitatum*. London: Garland Publishing, 1981.
- BIBORSKI, M.; ILKJÆR, J. *Illerup Ådal: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 11 & 12*. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2007.
- BISHOP, M. C. Weaponry and military equipment. In: ALLANSON-JONES, Lindsay. *Artefacts in Roman Britain: their purpose and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 114-132.
- _____.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: from the Punic Wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow, 2006.
- BLOCKLEY, R. Ammianus Marcellinus and his Classical Background: changing perspectives. *International Journal of the Classical Tradition*, vol. 2, n. 4, 1996, pp. 455-466. Disponível em www.jstor.org/stable/30222228. Acessado em 18/09/2014.
- BOATWRIGHT, M. T.; GARGOLA, Daniel J.; LENSKI, Noel; TALBERT, Richard J. A. *The Romans from Village to Empire: a History of Rome from Earliest to the end of the Western Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

- BOWERSOCK, G. W.; BROWN, P.; GRABAR, O. (orgs.). *Late Antiquity: a Guide to the Postclassical World*. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999.
- BRANCO, M. J. Vegetius. In: GARCÊS, Ana Paula; MARTINS, Guilherme D'Oliveira. *Os grandes mestres da Estratégia: estudos sobre o poder da guerra e da paz*. Coimbra: Almedina, 2009, pp. 153-188.
- BROWM, P. *O Fim do Mundo Clássico: De Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Verbo, 1972.
- _____. *Genèse de l'Antiquité Tardive*. Paris: Gallimard, 1984.
- _____. *Power and Persuasion in Late Antiquity. Towards a Christian Empire*. USA: The University of Wisconsin Press, 1992.
- BROWNING, R. The *De rebus bellicis*: A Roman Reformer and Inventor by E. A. Thompson. *The Classical Review*, new series, v. 3, n. 2, 1953, pp. 106-107. Disponível em www.jstor.org/stable/706177. Acessado em 11/02/2014.
- BURKE, P. *Hibridismo cultural*. Coleção Aldus – 18. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- _____. *Testemunha Ocular: história e imagens*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- BURY, J. B. The *Notitia dignitatum*. *The Journal of Roman Studies*, v. 10, 1920, pp. 131-154. Disponível em www.jstor.org/stable/295799. Acessado em 10/02/2014.
- C.O. Anonymus *De rebus bellicis* by Richard Neher. *The Classical Review*, v. 28, n. 3, 1914, pp. 106-107. Disponível em www.jstor.org/stable/697890. Acessado em 28/08/2014.
- CAMERON, A. The date of the Anonymus. In: Hassall, M. W. C. *Aspects of the De rebus bellicis: papers presented to Professor E. A. Thompson*. Oxford: BAR International series 63, 1979, pp. 01-10.
- CAMPBELL, B. *The Romans and their world: a short introduction*. New Haven: Yale University Press, 2011.
- CARLAN, C. U. *Moeda e Poder em Roma: um Mundo em Transformação*. Tese apresentada ao curso de Doutorado em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: UNICAMP, 2007.
- CARRIE, Jean-Michel; ROUSSELLE, Aline. *L'empire romain en mutation: des Sévères à Constantin 192-337*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.
- CARVALHO, M. M. de; FUNARI, Pedro P. A. A história militar na Roma Antiga e o testemunho de Amiano Marcelino. In: CERQUEIRA, F. V.; GONÇALVES, A.T.M.; NOBRE, G. J. E VARGAS, A. Z. (orgs.). *Guerra e Paz no Mundo Antigo*. Instituto de

Memória e Patrimônio, Laboratório de Antropologia e Arqueologia/ UFPel. Pelotas, 2007, p.281-297.

_____. GONÇALVES, B. C.; VIOTTI, A. C. de C. Barbarização do Exército Romano e Renovação historiográfica: novas perspectivas sobre o tema. *História Questões & Debates*, Vol. 48, n. 0, 2008, pp. 147-164.

_____. *Paidéia e Retórica no Século IV d.C.: A Construção da Imagem do Imperador Juliano Segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. GONÇALVES, B. C. Trâmites Subjacentes à Sucessão Imperial no século IV d.C.: o Testemunho de Amiano Marcelino In: *Dinâmicas Socioculturais na Antiguidade Mediterrânea: Memórias, Identidades, Imaginários sociais*. Goiana: Editora da PUC - Goiás, 2011, p. 277-291.

_____. GONÇALVES, B. C. Amiano Marcelino e os construtos identitários nos relatos sobre os Imperadores Militares: Juliano, Joviano e Valentiniano I (361 – 375 d.C.). In: FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, M. M. de; CARLAN, C. U.; SILVA, E. C. M. da. *História Militar no Mundo antigo: Guerras e Identidades*. São Paulo: Annablume, 2012 v.1, pp. 203-222. (no prelo).

CASCARINO, G.; SANSILVESTRI, Carlo. *L'Esercito Romano Armamento e Organizzazione*. Vol. III: Dal IIIsecolo Allá fine dell'Imperio d'Occidente. Itália: Il Cerchio, 2010.

CHARLES, M. B. Vegetius on Armour: the *pedites nudati* of the *epitome rei militaris*. *Ancient Society*, n. 33, 2003, p. 127-167.

_____. Transporting the troops in Late Antiquity: *naves onerariae*, Caludian and the Gildonic war. *The Calssical Journal*, v.100, n. 3, 2005, pp. 275-299. Disponível em www.jstor.org/stable/4133022. Acessado em 25/07/2014.

_____. *Vegetius in contexto*. Establishing the date of the *Epitoma rei militaris*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2007.

CHAUVOT, A. Barbarisation, acculturation et “democratization de la culture” dans L’Antiquité tardive. *Antiquité Tardive*, n. 09, 2001, pp. 81-95.

CLAUSEWITZ, C. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (1ª edição 1832).

CLEMENTE, G. *La Notitia dignitatum*. Cagliari: Editrice Sarda Fossataro, 1968.

COLLINS, R.; ALLASON-JONES, Lindsay. *Finds from the frontier: material culture in 4th-5th centuries*. York: Council for British Archaeology, 2010.

_____. Social spaces at the end of the Empire: the *limitanei* of Hadrian’s wall. In: TOTTEN, D.; LAFRENZE, S. K. (eds.) *Making Roman Places, past and present*. Journal of Roman Archaeology Supplementary Series, 89, 2012, pp. 65-80.

- COOL, H. Objects of glass, sale, bone and metal (except nails). In: BOOTH, P; SIMMONDS, A.; BOYLE, A.; CLUGH, S.; COOL, H.; POORE, D. *The Late Roman Cemetery at Lankhills, Winchester – Excavations 2000-2005. Oxford Archaeology Monograph*, n. 10, 2010, pp. 280-281.
- COULSTON, J. C. N. Roman Archery Equipment. In: BISHOP, M. C. (ed.). *The Production and Distribution of Roman Military Equipment: Proceedings of the Second Roman Military Equipment Research Seminar*. Oxford: BAR International Series 275, 1985, pp. 220-366.
- _____. Late Roman armour, 3rd-6th AD. *Journal of Roman Military Equipment Studies*, v.1, 1990, pp. 139-160.
- _____. Arms and Armour of the Late Roman Army. In: DAVID, Nicolle. *A Companion to Medieval Arms and Armour*. Woodbridge: The Boydell Press, 2002, pp. 03-24
- _____. Military equipment of the 'long' 4th century on Hadrian's Wall. In: COLLINS, Rob; ALLASON-JONES, Lindsay. *Finds from the frontier: material culture in 4th-5th centuries*. York: Council for British Archaeology, 2010, pp. 50-63.
- _____. Late Roman military equipment culture. In: SARANTIS, A.; CHRISTIE, N. *War and Warfare in Late Antiquity: currents perspectives*. Late Antique Archaeology vol. 8.2. Leiden: Brill, 2013, pp. 363-492.
- CRUMP, G. A. Ammianus and the late Roman Army. *História*, n. 23, 1972, p. 91-103.
- _____. *Ammianus Marcellinus as am military historian*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1975.
- DAUTOVA-RUŠEVLJAN, V.; VUJOVIĆ, M. *Late Roman Helmet from Jarak*. Navisad: Museum of Vojvodina, 2011.
- DEPPERT-LIPPITZ, B. A Late Antique Crossbow Fibula in The Metropolitan Museum of Art. *The Metropolitan Museum Journal*, v. 35, 2000, pp. 39-70.
- DIGNAS, B.; WINTER, E. *Rome and Persia in Late Antiquity: neighbors and rivals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DRIJVERS, J. W. *Helena Augusta: The Mother of Constantine the Great and her Finding of the True Cross*. Leiden & New York: Brill Publishers, 1992.
- _____.; HUNT, David. *The Late Roman World and its Historian: Interpreting Ammianus Marcellinus*. London and New York : Routledge, 1999.
- _____. Decline of political culture: Ammianus Marcellinus' characterization of the reigns of Valentinian and Valens. In: BRAKKE, Dvid; DELIYANNIS, Deborah; WATTS, Edward (eds.) *Shifting Cultural Frontiers in Late Antiquity*. Farnham, Ashgate Publishing, 2012 pp. 85-97

- EAGLE, J. Testing Plumbatae. In: DRIEL-MURRAY, C van. (ed.) *Roman Military Equipment: the Sources of Evidence*. Oxford: BAR International Series 476, 1989, pp. 247-253.
- ELTON, H. *Frontiers of the Roman Empire*. London: Batsford, 1996.
- _____. Military Forces. In: SABIN, Philip; VAN WEES, Hnas; WHITBY, Michael. (eds.) *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, vol. II: Rome from the Late Republic to the Late Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp. 270-309.
- ERRINGTON, R. Malcolm. *Roman Imperial Policy from Julian to Theodosius*. The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 2006
- FAIRLEY, W. *Notitia dignitatum, or, Register of Dignataries*. Philadelphia: Bibliolife, 1899.
- FERRIL, A. *A queda do Império Romano: a explicação militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- FERRIS, I. M. *Enemies of Rome: Barbarians through Roman Eyes*. Great Britain: Sutton Publishing Limited, 2000.
- FEUGÈRE, M. *Weapons of the Romans*. Londres: Ed. Tempus, 2002. (1ª. Edição 1993).
- _____. *Weapons of the Romans*. Gloucestershire: The History Press, 2010
- _____. *Les visages de la guerre de Mycènes à l'Antiquité tardive*. Paris: Errance, 1994.
- FUNARI, P. P. A. *Arqueologia*. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1988
- _____. *Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1995.
- _____. A arqueologia Histórica em um perspectiva mundial. In: ZARANKIN, Andrés; SENADORES, Maria Ximena (orgs). *Arqueologia da sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas*. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 2002, pp. 107-116.
- _____. Teoria e Métodos na Arqueologia Contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. *Mneme: revista de humanidades*, vol. 06, n. 13, 2005. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme. Acessado em 11/11/2013.
- _____. Fonte Arqueológicas: os Historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____.; CARVALHO, M. M. Estratégia e Abastecimento Militar em Amiano Marcelino. In: MOURA, D. A. S. de; CARVALHO, M. M. de; LOPES, M. A. *Consumo e abastecimento na História*. São Paulo: Alameda, 2011.

- GARDNER, A. Military Identities in Late Roman Britain. *Oxford Journal of Archaeology*, n. 18, v. 4, 1999, pp. 403-418.
- _____. Soldier and spaces: daily life in Late Roman forts. In: LAVAN, L.; SWIFT, E.; PUTZEYS, T. (eds) *Objects in context, object in use: material spatiality in Late Antiquity*. Late Antique Archaeology, v. 5. Leiden-Boston: Brill, 2007, pp. 657-684.
- GEARY, P. J. Barbarian and Ethnicity. In: BROWERSOCK, G. W.; BROWN, P.; GRABAR, O. (eds.) *Interpreting Late Antiquity: essays on the Postclassical world*. Cambridge, Massachusetts, London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2001, pp. 107-129.
- GIACOMONI, M. P. Ecos de uma tradição: usos e desusos da ideia de decadência na obra de *Flavius Vegetius Renatus*. *Alétheia*, 2008, pp. 01-16.
- GIARGINA, A. *Anonimo - Le cose dela Guerra*. Fondazione Lorenzo valla Arnaldo Mondadori Editore, 1989.
- GOFFART, W. The date and purpose of Vegetius *De re militaris*. *Traditio*, v. 33, 1977, pp. 65-100. Disponível em www.jstor.org/stable/831025. Acessado em 17/09/2014.
- _____. *Barbarian tides. The migration age and the Later Roman Empire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- GOLDSWORTHY, A. *The Complete Roman Army*. London: Thames & Hudson, 2003.
- GRIFFITHS, W. B. The sling and its place in the Roman Imperial Army. In: DRIEL-MURRAY, C. van. (ed.). *Roman Military Equipment: the sources of evidence. Proceedings of the Fifth Roman Military Equipment Conference*, BAR 476. Oxford, 1989, p. 255-279.
- GRIGG, R. Inconsistency and Lassitude: the Shield emblems of the *Notitia dignitatum*. *The Journal of Roman Studies*, v. 73, 1983, pp. 132-142. Disponível em www.jstor.org/stable/300077. Acessado em 10/02/2014.
- GROH, S.; SEDLMAYER, Helga. Contextual Archaeology: the Late Antique fort and Vicus Favianis/Mautern. Methods and Results. *Late Antique Archaeology*, vol. 9, n. 1, 2012, pp. 483-509.
- GUDEA, N. Contributions to the knowledge of the Late Roman Army (4th Century). *Apulum*, vol. 47, 2010, pp. 77-106.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&Z, 2003.
- HALSALL, G. *Barbarian Migrations and the Roman West: 376-568*. Cambridge Medieval Textbooks. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- HASSALL, M. W. C. The inventions. In: Hassall, M. W. C. *Aspects of the De rebus bellicis: papers presented to Professor E. A. Thompson*. Oxford: BAR International series 63, 1979, pp. 77-96.

HEATHER, P. *Foedera and Foederati of the Fourth Century*. In: POHL, W. *Kingdoms of the Empire: the Integration of Barbarians in Late Antiquity*. Leiden: Brill, 1997, pp. 57-74.

_____. The barbarian in late antiquity: image, reality, and transformation. In: MILES, Richard. *Constructing Identities in Late Antiquity*. London: Routledge, 1999, p.234-258.

_____. *The fall of the roman Empire: a new history of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Empires and Barbarians: Migration, Development and the Birth of Europe*. London: Macmillan, 2009.

HENRY, M. *La Barbárie*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 1987.

HODDER, I. Material Culture Texts and Social Change: a theoretical Discussion and some Archaeological Examples. In. *Proceedings of the Prehistoric Society*, vol. 54, 1988. Pp. 67-75. <http://dx.doi.org/10.1017/S0079497X00005764>.

HODGES, H. W. M. The Anonymus in Middle Ages. In: Hassall, M. W. C. *Aspects of the De rebus bellicis: papers presented to Professor E. A. Thompson*. Oxford: BAR International series 63, 1979, pp. 119-126.

HOSS, S. The Roman Military Belt. In.: NOSCH, Marie-Louise. *Wearing the Cloak: Dressing the Soldier in Roman Times*. Oxford: Oxbow Books, 2012.

HUMPHRIES, M. International Relations. In: SABIN, Philip; VAN WEES, Hnas; WHITBY, Michael. (eds.) *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, vol. II: Rome from the Late Republic to the Late Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp.235-269.

ILKJÆR, J.; LØNSTRP, J. Interpretation of the Great Votive Deposits og Iron Age Weapons. *Journal of Danish Archaeology*, vol. 1, n. 1, 1982, pp. 95-103.

_____. *Illerup Ådal: Die Lanzen und Spere. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 01 & 02*. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 1991.

_____. Les sacrifices de butin de guerre dans le sud de la Scandinavie à partir des recherches de la vallée d'Illerup au Danemark. In: VALLET, F.; KAZANSKI, M. *La noblesse romaine et les chefs barbares du IIIe au VIIe siècle*. Sian-Germain-en-Laye, édition de l'Association Française d'Archéologie Mérovingienne et du Musée des Antiquités Nationales, 1995, pp. 101-112.

_____. *Illerup Ådal: Die Schilde. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 09 & 10*. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2002.

IRELAND, R. *De rebus bellicis* the text edit by Robert Ireland. In: Hassall, M. W. C. *Aspects of the De rebus bellicis: papers presented to Professor E. A. Thompson*. Oxford: BAR International series 63, 1979, parte II.

- ISAAC, B. *The Limits of Empire: the Roman Army in the East*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- JACOBS, I. The Creation of the Late Antique City: Constantinople and Asia Minor during the 'Theodosian Renaissance'. *Byzantion*, n. 82, 2012, pp. 113-164. (DOI: 10.2143/BYZ.82.0.2174087).
- JAMES, S. Evidence from Dura Europos for the origins of late roman Helmets. *Syria*. Vol. 63. N. 1-2, 1986, pp. 107-134.
- _____. *Rome & the Sword: how Warriors & Weapons shaped Roman History*. London: Thames & Hudson, 2011.
- JANNIARD, S. *Les Transformations de l'armée romano-byzantine (III^e – VI^e siècles apr. J.-C.): Le Paradigme de la Bataille Rangée*. Thèse pour le Doctorat de L'EHESS (Ecole des Hautes Études em Science Sociales), Paris, 2010.
- _____. Comitatus. In: LE BOHEC, Y. (ed.) *The Encyclopedia of the Roman Army*. Chichester: John Wiley & Sons, 2015. DOI: 10.1002/9781118318140.wbra0386.
- JENKINS, K. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.
- JONES, A. H. M. *The Later Roman Empire, 284-602: a social, economic and administrative survey*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1986 (1^a edição 1964).
- JØRGENSEN, L.; STORGAARD, B.; THOMSEN, L. G. (eds). *The Spoils of Victory: the North in the shadow of the Roman Empire*. Nationalmuseet, Copenhagen, 2003.
- JULLIAN, C. A propos du manuscrit Bianconi de la Notitia dignitatum. *Mélange d'archéologie et d'histoire*, t. 3, 1883, pp. 80-81. Disponível em www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mefr_0223-4874_1883_num_3_1_6435. Acessado em 15/05/2014.
- KAISER, A. M. Egyptian Units and the reliability of the *Notitia dignitatum, par Oriens. Imperium and Officium*. Comparative Studies in Ancient Bureaucracy and Officialdom, version 1, 2014, pp. 01-26.
- KAZANSKI, M. Barbarian Military Equipment and its Evolution in the Late Roman and Great Migration Periods (3rd–5th c. A.D.) In: SARANTIS, A.; CHRISTIE, N. *War and Warfare in Late Antiquity: currents perspectives*. Late Antique Archaeology vol. 8.2. Leiden: Brill, 2013, pp. 493-522.
- KEEGAN, J. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia de bolso, 2006. (1^a edição 1993).
- KEURS, P. T. Museums between Enlightenment and Romanticism. Early nineteenth century roots and 11 modern practices. *University Museums and Collections Journal*, v. 3, 2010, pp. 11-20.

KULIKOWSKI, M. The *Notitia dignitatum* as a historical source. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, bd. 49, h. 3, 2000, pp 358-377. Disponível em www.jstor.org/stable/4436586. Acessado em 31/07/2014.

_____. *Rome et les Goths III^e-V^e siècle: Invasions et integration*. Paris: Éditions autrement, 2009.

LE BOHEC, Y. *L'Armée Romaine sous le Bas-Empire*. Paris: Picard, 2006.

LEE, A. D. *Information & Frontiers: Roman foreign relations in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. *War in Late Antiquity: A social Antiquity*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

LENSKI, N. The Election of Jovian and the Role of the Late Imperial Guards. *Klio*, v. 82, no. 2, 2000, pp. 492-515.

_____. *Failure of Empire: Valens and the Roman State in the Fourth Century A.D.*, Berkley: University of California Press, 2002.

LIEBESCHUETZ, J. H. G. W. *Barbarians and Bishops: Army, Church, and State in the Age of Arcadius and Chrysostom*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

_____. W. *From Diocletian to the Arab Conquest: Change in the Late Roman Empire*. EUA, Brookfield, Ashgate Vernont, 1999.

MAAS, M. Barbarians: Problems and Approaches. In: JOHNSON, Scott Fitzgerald. *The Oxford Handbook of Late Antiquity*. Published to Oxford Handbook Online, 2012. (DOI: 10.1093/oxfordhb/9780195336931.013.0002).

MACMULLEN, R. *Soldier and civilian in the later Roman Empire*. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

MAGNOLI, D. No espelho da Guerra. In: MAGNOLI, Demétrio. *Histórias da guerra*. São Paulo: Contexto, 2006.

MANN, J. C. What was the *Notitia dignitatum* for? In: GOODBURN, R.; BARTHOLOMEW, P., (eds.). *Aspects of the Notitia dignitatum*. BAR Supplementary Series 15, 1976, pp. 01-10.

_____. The *Notitia dignitatum*: dating and survival. *Britannia*, v. 22, 1991, pp. 215-219. Disponível www.jstor.org/stable/526645. Acessado em 31/07/2014.

MARROU, H. - Irenée. *Decadence Romaine ou Antiquité Tardive?* Paris: Éditions du Seuil, 1977.

MARTIN-KILCHER, S. A propos de la tombe d'un officier de Cologne (Severinstor) et de quelques tombes à ames ver 300. In: VALLET, Françoise; KAZANSKI, Michel. *L'armée romaine el les Barbares du IIIe au VIIe siècle. Mémoires Association Française*

- d'Archéologi Mérovingienne et Musée des Antiquités Nationales*, t. V, 1993, pp. 299-312.
- MAZZARINO, S. *O Fim do Mundo Antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (1ª edição 1988).
- MILES, R. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: MILES, Richard. *Constructing Identities in Late Antiquity*. London: Routledge, 1999, pp. 01-15.
- MILNER, N. P. Introduction. In: VEGETIUS, *Epitome of Military Science*. Translated with notes and introduction by N. P. Milner. Liverpool: Liverpool University Press, 2001.
- MIRANDA, J. The Roman Empire in 4th century AD. *Strategy e Tactics*, v. 266, 2011, pp. 06-16.
- MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E. Introdução. In: FLÁVIO VEGÉCIO RENATO. *Compêndio da Arte Militar*. Com uma tradução para o português de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. São Paulo: Annablume; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.
- NAVARRO, A. G.; SILVA, D. G. História e Arqueologia: alguns debates. *História e-história*. URL:<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=55> Acessado em 18/10/2013.
- O'HARA, R. *An Assessment of the Notitia dignitatum as a historical source for the Late Roman Bureaucracy*. Thesis for the degree of Doctor of Philosophy presented to the Department of Ancient Classics of National University of Ireland, October, 2013.
- OAKESHOTT, R. E. *The Archaeology of Weapons: arms and Armor from Prehistory to the Age of Chivalry*. Mineola, New York: Dover Publications, 1996.
- PETRIKOVITS, H. V. Fortifications in the North-Western Roman Empire from the Third to the Fifth Centuries A.D. *The Journal of Roman Studies*, v. 61, 1971, pp. 178-218. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/300017>. Acessado em 20/08/2014.
- POHL, W. Rome and the Barbarians in the fifth century. *Antiquité Tardive*, n. 16, 2008, pp. 93-101.
- POTTER, David S. *The Roman Empire at Bay AD 180-395*. London: Routledge, 2004.
- Pro Augusta Raurica Foundation. *A short guide to Augusta Raurica*. 1966.
- REZENDE FILHO, C. de B. *Mudança de conceito estratégico e manutenção de padrão tático: a desagregação militar do Ocidente Romano sob pressão bárbara*. Tese de doutorado apresentada ao curso de Doutorado em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo: USP, 1994.
- RICHARDOT, P. La datation du *De Re Militari* de Végèce. *Latomus*, t. 57, fasc. 1, Jan/Marc 1998, p. 136-147.

- _____. *La fin de l'Armée Romaine 284-476*: 3^e édition revue et augmentée avec une traduction de la *Notitia Dignitatum*. Paris: ECOMONICA, 2005.
- SABIN, Philip; VAN WEES, Hnas; WHITBY, Michael. (eds.) *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, vol. II: Rome from the Late Republic to the Late Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SARANTIS, A. Waning in Late Antiquity. In: SARANTIS, A.; CHRISTIE, N. *War and Warfare in Late Antiquity: currents perspectives*. Late Antique Archaeology vol. 8.1. Leiden: Brill, 2013, pp. 01-98.
- SESTON, W. Du comitatus de Dioclétien aux comitatenses de Constantin. *Scripta Varia*, n. 43, 1980, pp. 483-495.
- SHRADER, C. R. The influence of Vegetius' *De re military*. *Military Affairs*, v. 45, 1981, pp. 167-172. Disponível em www.jstor.org/stable/1987461. Acessado em 19/09/2012.
- SILVA, É. C. M. *Conflito político-cultural na Antiguidade Tardia*: o levantar das estátuas em Antioquia de Orontes (387 d.C.). Tese apresentada ao curso de Doutorado em História do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca: UNESP, 2012.
- SILVA, G. V.; MENDES, M. M. (orgs). *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Vitória: EDUFES, 2006.
- _____. História, verdade e justiça em Amiano Marcelino. In: JOLY, Fábio (org). *História e Retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo, Editora Alameda, 2007. p.165-182.
- SOUTHEM, P.; DIXON, K. R. *The Late Roman Army*. New Haven: Yale, 1996.
- SWIFT, E. Constructing Roman identities in Late Antiquity? Material Culture on the Western Frontier. In: BOWDEN, W.; GUTTERIDGE, A.; MACHADO, C. *Social and Political life in Late Antiquity*. Late Antique Archaeology, v. 3.1. Leiden-Boston: Brill, 2005, pp. 97-112.
- THOMPSON, E. A. Ammianus Marcellinus and the Romans. *Greece & Rome*, vol. 11, n. 33, 1942, pp. 130-134. Disponível em www.jstor.org/stable/640858. Acessado em 18/09/2014.
- _____. *The Historical Work of Ammianus Marcellinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1947.
- _____. *A Roman reformer and inventor*. Oxford: Clarendon Press, 1952.
- _____. *Romans and Barbarians: The Decline of the Western Empire*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1982.

- TOMLIN, R. S. O. *Notitia dignitatum omnium, tam civilium quam militarium*. In: GOODBURN, R.; BARTHOLOMEW, P., (eds.). *Aspects of the Notitia dignitatum*. BAR Supplementary Series 15, 1976, pp. 189-210.
- TROMBLEY, F. Ammianus Marcellinus and the Fourth-Century Warfare: a protector's approach to Historical Narrative. In: DRIJVERS, J. W.; HUNT, David. *The Late Roman World and its Historian: Interpreting Ammianus Marcellinus*. London and New York : Routledge, 1999, pp. 17-28.
- URECHE, P. The bow and arrow during the Roman Era. *ZIRIDAVA studia archaeologica*, n. 27, 2013 pp. 183-196.
- VENDRAMINI, D. N. S. Consideraciones sobre el autor del *De rebus bellicis* y su valoración em la historiografía contemporânea. *Temas Medievales*, 17, 2009, pp. 139-163.
- _____. El public de las *Res gestae* de Amiano Marcelino. *Stylos*, 21, 21, 2012, pp. 185-198.
- VON PETRIKOVITS, H. Fortifications in the North-Western Roman Empire from the Third to the Fifth Centuries. *The Journal of Roman Studies*, vol. 61, 1971, pp. 178-218. URL: <http://www.jstor.org/stable/300017>. Acessado em 20/08/2014.
- VUJOVIĆ, M. B. The *plumbatae* from Serbia. *Journal of the Serbian Archaeological Society*, v. 25, 2009, pp. 203-218.
- _____. Few Contributions on the Late Roman Helmets from Iron Gate *Journal for History, Museology and Art*, n. 39, 2012, pp. 29-44.
- _____. Roman Weapons and Military Equipment from Singidunum. *Journal for History, Museology and Art*, n. 40, 2013, pp. 29-48.
- WARD-PERKINS, B. *The Fall of Rome: and the End of Civilization*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- WEEKS, J. M.; MEDEIROS, J. de. *A Research Guide to the Ancient World: print and electronic sources*. London: Rowman & Littlefield, 2015.
- WELSBY, Derek A. *The Roman Military Defense of the British Provinces in its Late Phases*. BAR British Series 101, 1982.
- WHITBY, M. Emperors and Armies, AD 235-395. In: SWAIN, Simon; EDWARDS, Mark. *Approaching Late Antiquity: the transformatios from early to Late Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2006, pp. 156-186.
- _____. War. In: SABIN, Philip; VAN WEES, Hnas; WHITBY, Michael. (eds.) *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, vol. II: Roe from the Late Republic to the Late Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp. 310-341.

- WOLFF, F. Quem é bárbaro? In: NOVAES, Adauto (org.) *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 19-43.
- WOODS, D. A Persiana at Rome: Ammianus and Eunapius, Frg. 68. In.: DRIJVERS, J. W.; HUNT, D. *The Late Roman World and its Historian: Interpreting Ammianus Marcellinus*. London and New York: Routledge, 1999, pp. 138-146.
- ZIOLKOWSKI, J. The Roman *Bucina*: a distinct Musical Instrument? *Historic Brass Journal*, v. 14, 2002 pp. 31-58.

APÊNDICES

APÊNDICE I

CATÁLOGO DE ARTEFATOS BÉLICOS

EXPLICAÇÃO DO CATÁLOGO DE ARTEFATOS MILITARES

Considerando que nossa pesquisa histórica baseia-se numa variada documentação material, assim como numa rica documentação textual, acreditamos que elaborar um catálogo com o nosso *corpus* documental será muito proveitoso para a interpretação coletiva destas. Nesse momento, daremos atenção à documentação material encontrada em nossas pesquisas em livros, em museus e na internet.

Para a elaboração deste catálogo tomaremos como inspiração outros elaborados por profissionais brasileiros, em destaque, aqueles que tivemos acesso, o da Professora Doutora Marina Regis Cavicchioli que trabalhou com sexualidade em Pompéia¹, e o do Professor Doutor Cláudio Umpierre Carlan² que trabalhou com moedas do período de Constantino a Teodósio. Salientamos, no entanto, que o nosso catálogo será preparado mediante as características específicas de cada imagem trabalhada por nós.

Cada artefato localizado foi individualmente catalogado em uma ficha, onde constam a imagem deste e o maior número de informações possíveis. Alguns documentos, porém, não tiveram todos os campos do catálogo contemplados, visto que nem todas as informações foram encontradas. Abaixo detalharemos como estruturamos cada ficha catalográfica, explicando cada campo.

NÚMERO:

Para cada objeto representado conferimos uma numeração, a fim de facilitar nossa identificação no transcurso dessa análise histórica proposta.

¹ *A Sexualidade no olhar: um estudo da iconografia Pompeiana*. Tese nível de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: UNICAMP, 2009.

² *Moeda e Poder em Roma: um Mundo em Transformação*. Tese apresentada ao curso de Doutorado em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: UNICAMP 2007.

DESCRIÇÃO:

Nesse item, faremos uma sucinta descrição do artefato.

TIPO DE ARMAMENTO:

Aqui exporemos o tipo de armamento e como ele é conhecido, em alguns casos o local de achado caracteriza o objeto militar; como por exemplo, o Elmo de Berkasova, tendo esse sido encontrado numa cidade da Sérvia - antiga Iugoslávia - chamada Berkasova.

DATAÇÃO:

Espaço em que dataremos a fonte, quando conhecida ou arbitrada por algum especialista.

DIMENSÕES:

Buscaremos, na medida em que nos for possível, apresentar as dimensões do objeto representado, altura, largura, comprimento e peso. Nem sempre encontramos todos esses dados, sendo assim preencheremos esse campo com as informações que encontrarmos ou deixaremos em branco, caso não possamos identificar nenhum deles.

LOCAL DO ACHADO:

Especificaremos, sempre que nos for possível averiguar, o local em que foi achado o artefato militar. Averiguando a nomenclatura atual do local e seu correspondente aproximado na Antiguidade.

LOCAL DE CONSERVAÇÃO:

Nesse item, relataremos onde o documento está conservado atualmente. Alguns dos objetos encontrados estão em catálogos de coleções pessoais ou para venda, nesse caso colocaremos a referência do catálogo em questão.

REFERÊNCIA:

Livro, catálogo ou site de onde retiramos a imagem do artefato.

BIBLIOGRAFIA:

No campo da bibliografia, relacionaremos os autores contemporâneos, aos quais tivemos acesso, que se referem a esse artefato.

CITAÇÕES:

Citações de autores da bibliografia, com especial atenção aos da Antiguidade Tardia, pertinentes ao desenvolvimento do estudo proposto nessa pesquisa histórica. Todas as citações de autores estrangeiros serão traduzidas para o português.

COMENTÁRIOS:

Comentários da pesquisadora.

EQUIPAMENTO DE DEFESA



Descrição Elmo decorado com pedras.	Tipo de Armamento Elmo de Berkasovo	No. 01
Local de Achado Berkasova, antiga Iugoslávia.	Datação século IV d.C. (367/375d.C.)	
Local de Conservação Vojvodjanski Museum, Novi Sad	Dimensões	
Referência desta Imagem SOUTHERN e DIXON, 1996:Pl.4		
Bibliografia		
Citações		
Comentários Esse elmo cobria a maior parte da cabeça de quem a usava, incluindo o nariz. Provavelmente, pertencente a um soldado de grande riqueza, pois é bem elaborado e adornado com pedrarias. Embora houvesse uma preocupação em simplificar os elmos para ampliar a produção e manter todos os soldados bem guarnecidos, existia, ainda, artesãos especializados que produziam peças de grande qualidade, como podemos ver no elmo de Berkasovo e de Deurne.		



Descrição Elmo em ouro	Tipo de Armamento Elmo de Deurne	No. 02
Local de Achado Num pântano de Helenaveen em Deurne, Holanda.	Datação Séc. IV d.C. (aprox. 320 d.C.)	
Local de Conservação Leiden Museum, Holanda. (Rijksmuseum van Oudheden in Leiden)	Dimensões	
Referência desta Imagem SOUTHERN e DIXON, 1996:Pl.10 FEGUERE, 2010:187-189		
Bibliografia		
Citações		
Comentários Descoberto em 1910 em North Brabant (Deurne), inteiramente decorado mostrando refinamento do artesão. Elmo feito com chapas de ferro, coberto com folhas de prata e decorado com rebites de prata. Possui duas inscrições <i>M. Titius Lunamis</i> e <i>STABLESIA VI</i> , a primeira acredita-se que seja o nome do responsável pelo controle de qualidade e o segundo estaria conectado <i>vexillatio comitatensis stablesiana VI</i> , ordem a que pertencia o dono do elmo. (FEUGÈRE, 2010:188).		



Descrição Elmo em Ferro	Tipo de Armamento Elmo (Augsburg – cidade onde foram encontrados 2 elmos desse estilo)	No. 03
Local de Achado Augsburg – Alemanha (<i>Augusta Vindelicorum</i>)	Datação Séc. IV / V d.C.	
Local de Conservação Coleção Privada (EUA)	Dimensões Altura: 27,50 cm Peso: 1426 g	
Referência desta Imagem Antiquities from the Axel Guttman Collection and other Properties – auction 59 http://www.hermann-historica.de/auktion/hhm59.pl?f=NR_LOT&c=67&t=temartic_G_GB&db=kat59_g.txt t - 13/06/2013 – 17h		
Bibliografia		
Citações “... em um momento de crise na aquisição de armamentos, resultando na criação de fábricas de armas pelo governo Tetrarquico, elmos, com design simples e de fácil construção, foram o equipamento mais requisitado pelos governantes, que estavam mais interessados na quantidade produzida que na qualidade decorativa.” (SOUTHERN; DIXON, 1996: 94).		
Comentários Elmo de ferro que se difere do tipo Intercisa, por não ter furos na região auricular e a proteção do nariz o aproxima do estilo do de Berkasovo. Forma uma tipologia única já que é uma peça simples e que leva dobradiças na junção da proteção das bochechas com o restante do elmo.		



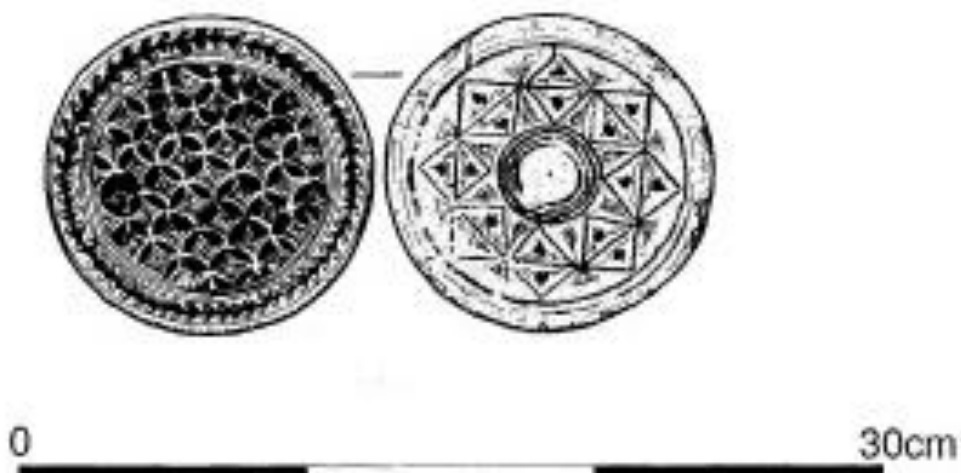
Descrição Elmo com revestimento de prata	Tipo de Armamento Elmo de Intercisa	No. 04
Local de Achado Augsburg-Pfersee, Germany	Datação Séc. IV d.C.	
Local de Conservação Munich Archeological Museum	Dimensões C.: 24 cm; L.: 17,6 cm; A.: 14,8 cm	
Referência desta Imagem http://www.romancoins.info/MilitaryEquipment-Helmet-late.html#Ridge 13/06/2013 – 17h50		
Bibliografia SOUTHERN e DIXON, 1996: Pl.3		
Citações		
Comentários Elmo de Ferro coberto com uma folha de prata dourada com 0,1 e 0,3 mm de espessura, ricamente decorado com relevo (elementos de "V" e "S", círculos, setas); proteção de pescoço (ligado por laços ou costuras) e tem uma proteção para o nariz. Das laterais (da bochecha) permanecem apenas os furos que as ligavam. A crista que liga as duas meias conchas é de 2,8 cm de largura e 2,2 cm de altura, decorada com pequenas bolas. Comprimento: 24 cm, largura: 17,6 cm, altura: 14,8cm; peça de proteção do pescoço 11,1 cm de largura e 9,7 cm de altura, proteção do nariz: 8,3 cm de altura e 2,7 cm de largura.		




Descrição Elmo	Tipo de Armamento Elmo Intercisa ou modelo Augst	No. 05
Local de Achado Augst – Suíça (<i>Augusta Raurica</i>)	Datação Século IV d.C.	
Local de Conservação <i>Römerstadt Augusta Raurica – Augst-CH</i>	Dimensões Comprimento: 23,5 cm Peso: 772 g	
Referência desta Imagem http://www.roma-victrix.com/armamentarium/cassides_intercisa.htm		
Bibliografia SOUTHERN e DIXON, 1996: Pl.1 e 2.		
Citações		
Comentários Elmo encontrada em Augst (Suíça) e datado do século IV d.C. Peso 772 gramas, comprimento 23.5 cm (catalogadas por alguns como um modelo Augst); observar a abertura para os ouvidos e os furos para a aplicação, por meio de costura, por acolchoamento, presente na blindagem cheekpieces, pescoço e sobre o bordo inferior do telhado de telha. A crista de curvatura das duas meias conchas tem pequenos furos, talvez, para a aplicação de um sulco ou de outro tipo de decoração.		

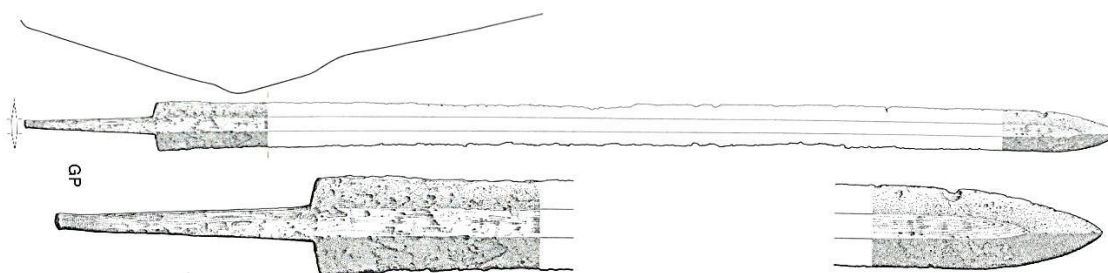


Descrição Ponta da bainha da espada feita em bronze.	Tipo de Armamento Componente da Bainha	No. 06
Local de Achado	Datação Século IV d.C.	
Local de Conservação Coleção privada (Viena)	Dimensões 7,2 x 8,6 cm	
Referência desta Imagem J. Eisenberg, Art of the Ancient World, 2012, no. 90.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários Com um símbolo de cruz envolto numa decoração floral. Na borda há cinco círculos incisos e cinco rebites preservados. Um raro documento de um soldado carregando um símbolo Cristão na Antiguidade Tardia Romana.		



Descrição Pontas de bainha da espada.	Tipo de Armamento Componente da Bainha	No. 07
Local de Achado Túmulo de Severinstor, Colônia (Alemanha).	Datação Final do III e início do IV século d.C.	
Local de Conservação	Dimensões	
Referência desta Imagem FEUGÈRE, M. <i>Weapons of the Romans</i> . Stroud: Tempus Publishing, 2010.		
Bibliografia FEUGÈRE, M. CASCARINO, G.		
Citações		
Comentários A bainha de uma espada era feita de madeira ou couro, materiais perecíveis que dificilmente chegam aos nossos dias, porém sua ponta era feita de metal, em sua maioria ferro, para proteger a ponta da espada e evitar furos e lesões. A espada ao ser colocada na bainha encaixava ponta, como podemos visualizar na imagem abaixo. 		

EQUIPAMENTO DE ATAQUE

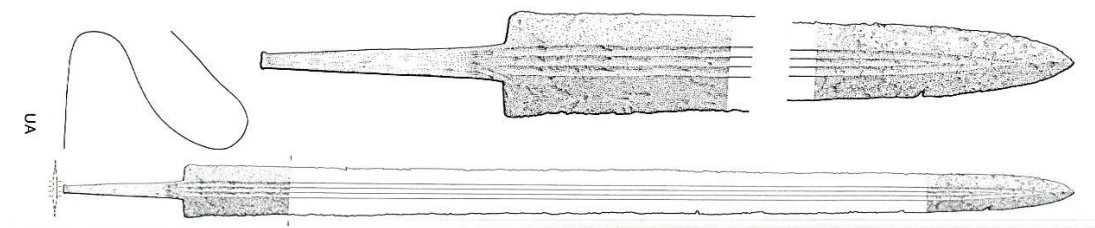


Descrição Espada de ferro	Tipo de Armamento Ejsbøl-Sarry	No. 08
Local de Achado Ejsbøl – pântano dinamarquês	Datação Século IV d.C.	
Local de Conservação	Dimensões Lâm.: 84cm T: 95,3cm Lar: 4,5cm Ponta: C: 5,3cm L: 3,6cm	
Referência desta Imagem BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen, 2006.		
Bibliografia BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen, 2006.		
Citações		
Comentários Espada de dois gumes encontrada em Ejsbøl, de Ferro com uma lâmina longa e largura média, ligeiramente afunilada. Cabo de 11,3cm. Primeira variante do tipo Ejsbøl-Sarry (ver anexo IX), suas características nos indica que esse artefato pertencesse ao século IV d.C.e V d.C.		



ÉPÉE D'ABBEVILLE 1/3

Descrição Espada de Abeville	Tipo de Armamento Osterburker/Vrasselt	No. 09
Local de Achado Sepultura em Abeville, Norte da França	Datação Último quarto do século IV d.C.	
Local de Conservação	Dimensões Lâmina 84cm total 90cm Largura 7,5cm	
Referência desta Imagem J. Pilloy, 1886		
Bibliografia Roosens, 1962; H.W. Böhme, 1974; Jørgen Ilkjær, 2006.		
Citações		
Comentários Espada de dois gumes do tipo Osterburker-Vrasselt, encontrada na cova 67 em Abeville, no norte da França na região da Picardie, antiga região da Gália Romana. Se o comprimento é do mesmo tamanho que as espadas Francas a largura da espada é superior em 2 ou 3cm. Considerando essas informações e outras comparações com espadas romanas que possuem selos do fabricante romano SABINI, acredita-se que a espada de Abbeville seja romana, ou fabricada por artesãos Galo ou Belgo-romanos de acordo com as dimensões e formas utilizadas no Exército Romano.		



Descrição Espada de Ferro	Tipo de Armamento Snipstad	No. 10
Local de Achado Ejsbøl – pântano dinamarquês	Datação Século IV d.C.	
Local de Conservação	Dimensões Lâm.: 78cm T: 89,4cm Lar: 4,8cm Ponta: C: 5,9cm L: 3,3cm	
Referência desta Imagem BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen, 2006.		
Bibliografia BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen, 2006.		
Citações		
Comentários Espada de dois gumes encontrada em Ejsbøl, de Ferro com uma lâmina média para longa e largura mediana, afunilamento de 1,5cm. Cabo de 11,4cm. Do tipo Snipstad (ver anexo IX), suas características nos indica que esse artefato bélico tenha sido utilizado em torno dos séculos IV d.C.e V d.C.		



Descrição Espada de Ferro	Tipo de Armamento Straubing-Nydam	No. 11
Local de Achado Tumba de Severinstor, Cologne	Datação Início do século IV d.C.	
Local de Conservação Landesmuseum de Bonn, Alemanha	Dimensões Lâmina: 72 cm Largura: 5,2 cm Cabo: 11 cm	
Referência desta Imagem Behrens, G. <i>Mainzer Zeitschr</i> , 1919.		
Bibliografia FEUGUÈRE, 2010:155; BISHOP & COULTON, 2006:203.		
Citações		
Comentários A <i>sphata</i> do túmulo de Köln do século IV d.C. tem uma lâmina de 720mm de comprimento e 52mm de largura. Também sobreviveu seu punho de marfim com nervuras, com um pomo estreito e elíptico embutido, em formato de disco prato dourada (c. 110mm). Espadas longas são retratadas em pórfiros de estatuas imperiais, em lápides e pinturas, alguns pomos com cabeças de águia.		



Descrição Plumbata ³ ou <i>mattiobarbuli</i> – dardos chumbados	Tipo de Armamento Plumbata	No. 12
Local de Achado Zemun – Sérvia (antiga Singidunum - Ilíria)	Datação Séc. IV d.C.	
Local de Conservação Coleção Privada.	Dimensões 13,7 cm	
Referência desta Imagem VUJOVIĆ, Miroslav B., 2009:203-218		
Bibliografia VEGÉCIO, 1, XVII; 2, XV. Le BOHEC, 2006:110. SOUTHERN; DIXON, 1996:114-116. VUJOVIĆ, Miroslav B., 2009:203-218		
Citações Trata-se de uma pequena lança, terminada por uma ponta com cerca de 12 cm comportando um peso de chumbo no meio, o que lhe dava uma maior força de penetração. A extremidade podia ou não ser munida de farpas ou barbelas. (Le BOHEC, 2006:110).		
Comentários Outros exemplares foram encontrados por toda a Europa, como podemos ver no anexo XI, dentre elas temos a plumbata de Wroxeter que foi descoberta na área da Basílica em 1969. E foram datadas tipologicamente como do IV/V século d.C. As escavações durante 1970 nos níveis abaixo da Basílica e da Casa de Banho revelaram um chão de cascalho de antigos quartéis militares. ⁴		

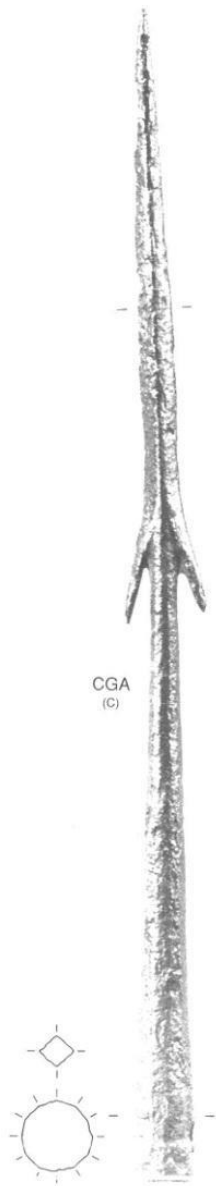
³ Ver anexo XI.

⁴ <http://www.roman-britain.org/places/viroconium.htm>



Descrição <i>Plumbatae</i> ou <i>mattiobarbuli</i> – dardo chumbado de ferro	Tipo de Armamento Plumbata	No. 13
Local de Achado <i>Carnuntum</i> ⁵	Datação Séc. III ou IV d.C.	
Local de Conservação Coleção privada (Alemanha)	Dimensões 14,5 cm	
Referência desta Imagem J. Eisenberg, Art of the Ancient World, 2013, no. 24.		
Bibliografia BISHOP, M.C; COULSTON, J.C.N., 2006:201, nos. 12 and 16.		
Citações “Também o treino com os dardos de chumbo, a que dão o nome de <i>mattiobarbuli</i> , deve ser ministrado aos jovens. De facto, na Ilíria, existiram outrora duas legiões de seis mil soldados e que eram chamadas <i>Mattiobarbuli</i> , porque utilizavam hábil e energicamente estes projéteis. Consta que, durante muito tempo, todas as guerras foram resolvidas de uma forma muito decididas por elas, ao ponto de Diocleciano e Maximiani, ao chegar no poder, decretarem que estes <i>Mattiobarbuli</i> , devido ao seu valor, fossem chamados <i>Ioviani</i> e <i>Herculiani</i> , de tal maneira que se julgou que eles as preferiam a todas as outras legiões. Além disso, costumavam transportar cinco <i>mattiobarbuli</i> metidos dentro dos escudos, os quais, sendo arremessados pelos soldados no tempo devido, fazem com que os escudeiros de infantaria quase pareçam imitar o ofício dos arqueiros. Na verdade, ferem gravemente os inimigos e os cavalos antes que eles não só possam chegar ao corpo-a-corpo, mas também antes de eles estarem ao alcance dos restantes mísseis.” Vegetius, <i>Epitoma Rei Militari</i> (1.17)		
Comentários		

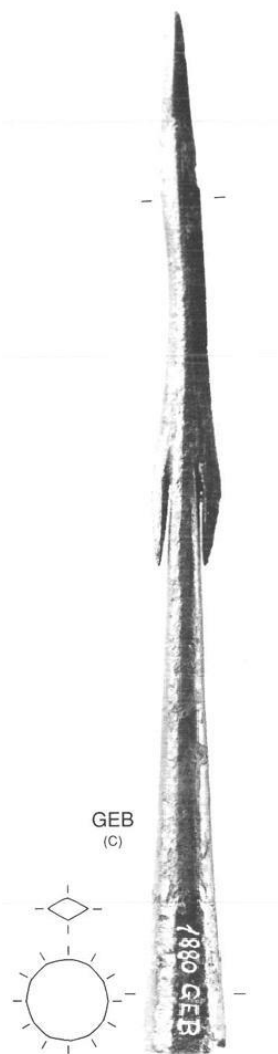
⁵ Carnuntum era um campo militar romano numa região da atual Áustria. No início, pertencia à província de Nórica, mas depois do século I passou a fazer parte da Panónia. O que resta de Carnuntum fica situado na via entre Viena e Bratislava, no Parque Arqueológico de Carnuntum na Baixa Áustria, numa extensão que abrange as áreas das vilas de Petronell-Carnuntum e Bad Deutsch-Altenburg.



Descrição Dardo	Tipo de Armamento Tipo 9 - Einang	No. 14
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período do início do C3 ao início do D (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L – comp. total = 30cm lb – comp. da lâmina = 15,9cm ld – comp. do cano = 15,6cm lo – comp. da ponta da lâmina = 14,4cm lh – comp. da farpa = 1,5cm B - maior largura da lâmina = 2,1cm b - largura da lâmina = 1,0cm t - espessura da lâmina = 0,9cm Td – máx. espessura do cano = 2,0cm td – mín. espessura do cano = 0,8cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

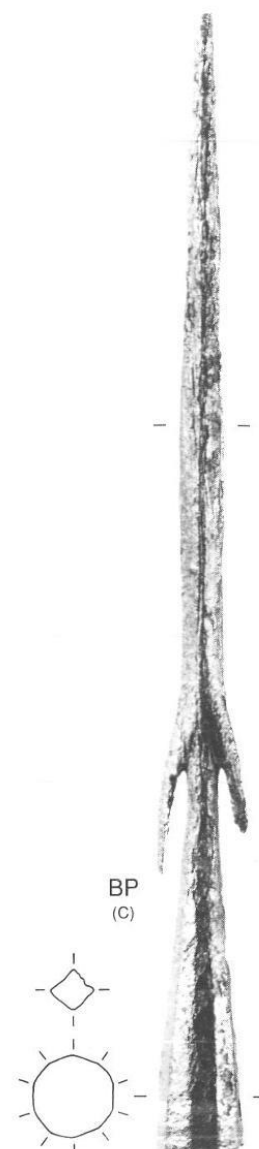
Descrição Dardo	Tipo de Armamento Tipo 9 - Einang	No. 15
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período do início do C3 ao início do D (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L – comp. total = 17,7cm lb – comp. da lâmina = 9,9cm ld – comp. do cano = 10,5cm lo – comp. da ponta da lâmina = 7,2cm lh – comp. da farpa = 2,7cm B - maior largura da lâmina = 2,0cm b - largura da lâmina = 0,9cm t - espessura da lâmina = 0,8cm Td – máx. espessura do cano = 1,6cm td – mín. espessura do cano = 0,9cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

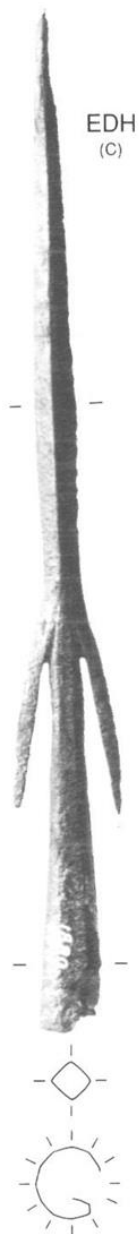




Descrição Dardo	Tipo de Armamento Tipo 10 - Äpplerum	No. 16
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C2 e C3 (final do III ao IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L – comp. total = 23,6cm lb – comp. da lâmina = 12,6cm ld – comp. do cano = 12,8cm lo – comp. da ponta da lâmina = 10,8cm lh – comp. da farpa = 1,8cm B - maior largura da lâmina = 1,6cm b - largura da lâmina = 0,9cm t - espessura da lâmina = 0,5cm Td – máx. espessura do cano = 2,0cm td – mín. espessura do cano = 0,6cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

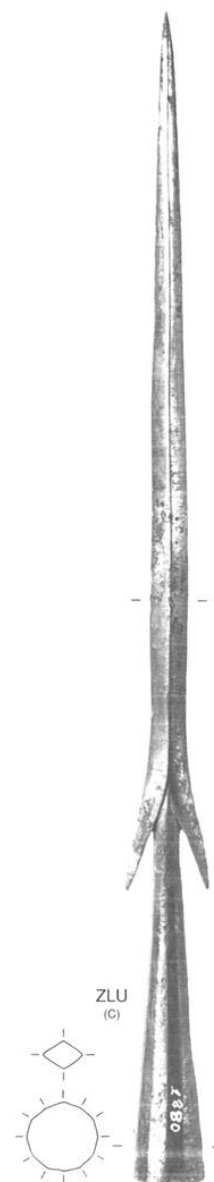
Descrição Dardo	Tipo de Armamento Tipo 11 - Sättra	No. 17
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3 e início do D (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L – comp. total = 22,0cm lb – comp. da lâmina = 16,6cm ld – comp. do cano = 7,2cm lo – comp. da ponta da lâmina = 14,7cm lh – comp. da farpa = 2,0cm B - maior largura da lâmina = 1,8cm b - largura da lâmina = 0,9cm t - espessura da lâmina = 0,8cm Td – máx. espessura do cano = 1,8cm td – mín. espessura do cano = 0,7cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		





Descrição Dardo	Tipo de Armamento Tipo 11 - Sättra	No. 18
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3 e início do D (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L – comp. total = 19,2cm lb – comp. da lâmina = 15,4cm ld – comp. do cano = 6,8cm lo – comp. da ponta da lâmina = 12,4cm lh – comp. da farpa = 3,0cm B - maior largura da lâmina = 2,0cm b - largura da lâmina = 0,8cm t - espessura da lâmina = 0,8cm Td – máx. espessura do cano = 1,5cm td – mín. espessura do cano = 0,7cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

Descrição Dardo	Tipo de Armamento Tipo 11 - Sättra	No. 19
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3 e início do D (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L – comp. total = 30,5cm lb – comp. da lâmina = 23,0cm ld – comp. do cano = 9,1cm lo – comp. da ponta da lâmina = 21,5cm lh – comp. da farpa = 1,6cm B - maior largura da lâmina = 2,2cm b - largura da lâmina = 1,0cm t - espessura da lâmina = 0,8cm Td – máx. espessura do cano = 1,9cm td – mín. espessura do cano = 0,8cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

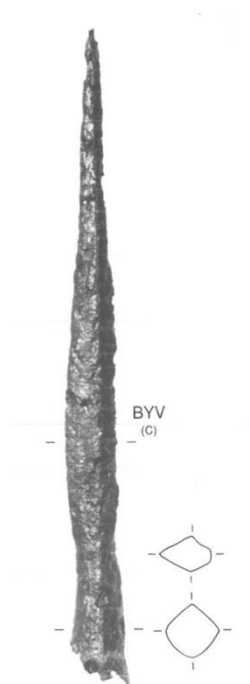




Descrição Dardo	Tipo de Armamento Tipo 12	No. 20
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período final do C2 e início do D. (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L – comp. total = 25,6cm lb – comp. da lâmina = 17,5cm ld – comp. do cano = 9,6cm lo – comp. da ponta da lâmina= 16,0cm lh – comp. da farpa = 1,5cm B - maior largura da lâmina = 2,2cm b - largura da lâmina = 0,9cm t - espessura da lâmina = 0,6cm Td – máx. espessura do cano = 2,0cm td – mín. espessura do cano = 0,6cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

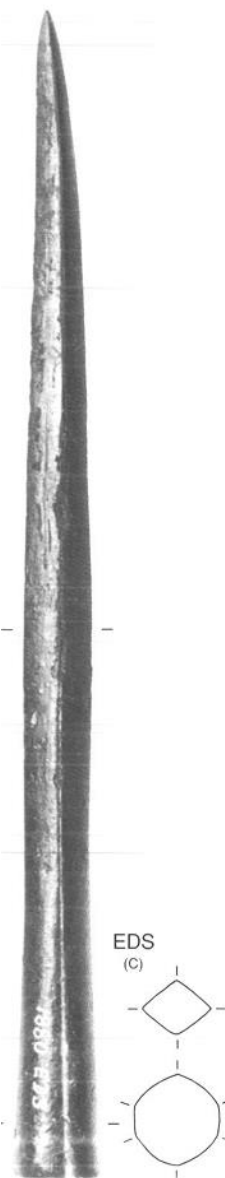
Descrição Dardo	Tipo de Armamento Tipo 13 - Tveito	No. 21
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período D1. (final do séc. IV e início do V d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L – comp. total = 25,1cm lb – comp. da lâmina = 14,6cm ld – comp. do cano = 17,6cm lo – comp. da ponta da lâmina = 7,5cm lh – comp. da farpa = 7,0cm B - maior largura da lâmina = 1,9cm b - largura da lâmina = 1,1cm t - espessura da lâmina = 0,9cm Td – máx. espessura do cano = 1,5cm td – mín. espessura do cano = 0,7cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

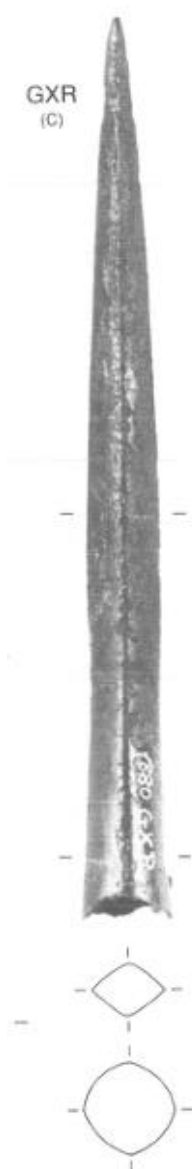




Descrição Lança	Tipo de Armamento Tipo 5 - Havor	No. 22
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3. (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L = comp. total = 17,9cm lb = comp. da lâmina = 14,2cm ld = comp. do cano = 3,7cm aB = altura entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano = 3,0cm B = largura da lâmina = 1,8cm t = espessura da lâmina = 0,9cm bd = largura cano no ponto que toca a lâmina = 1,1cm Td = máx. espessura do cano = td = mín. espessura do cano = 1,1cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

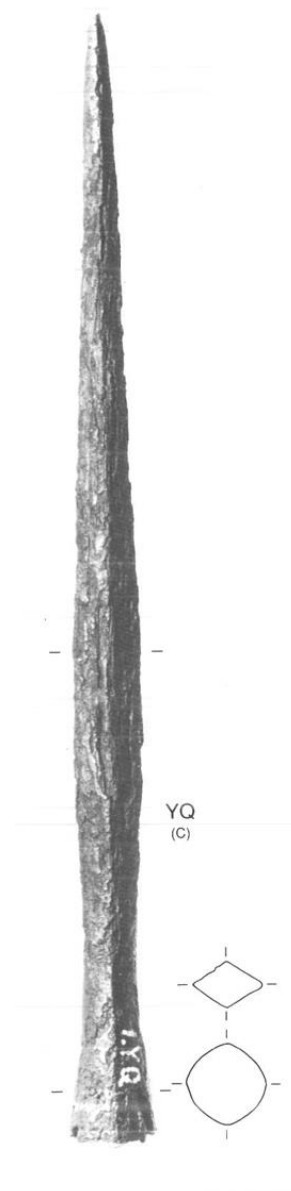
Descrição Lança	Tipo de Armamento Tipo 5 - Havor	No. 23
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3. (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L = comp. total = 25,3cm lb = comp. da lâmina = 19,8cm ld = comp. do cano = 5,5cm aB = altura entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano = 4,0cm B = largura da lâmina = 1,5cm t = espessura da lâmina = 1,2cm bd = largura cano no ponto que toca a lâmina = 1,4cm Td = máx. espessura do cano = 2,0cm td = mín. espessura do cano = 1,5cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		





Descrição Lança	Tipo de Armamento Tipo 5 - Havor	No. 24
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3. (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L = comp. total = 17,5cm lb = comp. da lâmina = 13,5cm ld = comp. do cano = 4,0cm aB = altura entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano = 3,0cm B = largura da lâmina = 1,4cm t = espessura da lâmina = 1,1cm bd = largura cano no ponto que toca a lâmina = 1,3cm Td = máx. espessura do cano = 1,9cm td = mín. espessura do cano = 1,2cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

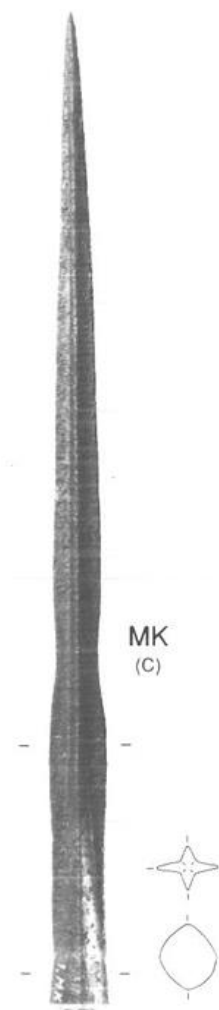
Descrição Lança	Tipo de Armamento Tipo 5 - Havor	No. 25
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3. (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L = comp. total = 25,5cm lb = comp. da lâmina = 21,5cm ld = comp. do cano = 4,0cm aB = altura entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano = 3,5cm B = largura da lâmina = 1,5cm t = espessura da lâmina = 1,0cm bd = largura cano no ponto que toca a lâmina = 1,2cm Td = máx. espessura do cano = 2,1cm td = mín. espessura do cano = 1,1cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

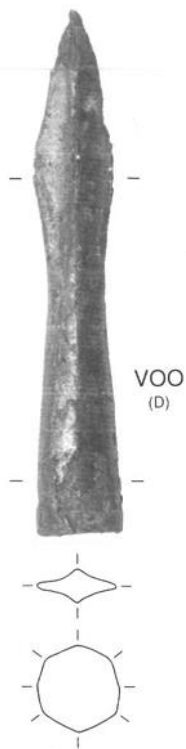




Descrição Lança	Tipo de Armamento Tipo 11 - Mollestad	No. 26
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3 e um pouco do período D. (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L = comp. total = 44,6cm lb = comp. da lâmina = 43,2cm ld = comp. do cano = 1,4cm aB = altura entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano = 6,0cm B = largura da lâmina = 1,4cm t = espessura da lâmina = 1,3cm bd = largura cano no ponto que toca a lâmina = 1,3cm Td = máx. espessura do cano = 1,8cm td = mín. espessura do cano = 1,6cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

Descrição Lança	Tipo de Armamento Tipo 11 - Mollestad	No. 27
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período C3 e um pouco do período D. (séc. IV d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L = comp. total = 33,6cm lb = comp. da lâmina = 32,0cm ld = comp. do cano = 1,6cm aB = altura entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano = 6,5cm B = largura da lâmina = 2,0cm t = espessura da lâmina = 1,5cm bd = largura cano no ponto que toca a lâmina = 1,8cm Td = máx. espessura do cano = 2,3cm td = mín. espessura do cano = 1,8cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		





Descrição Lança	Tipo de Armamento Tipo 19	No. 28
Local de Achado Illerup - Dinamarca	Datação Período D. (final do séc. IV e início do V d.C.).	
Local de Conservação	Dimensões L = comp. total = 10,5cm lb = comp. da lâmina = 5,8cm ld = comp. do cano = 4,7cm aB = altura entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano = 2,9cm B = largura da lâmina = 1,6cm t = espessura da lâmina = 0,6cm bd = largura cano no ponto que toca a lâmina = 1,1cm Td = máx. espessura do cano = 1,8cm td = mín. espessura do cano = 1,2cm	
Referência desta Imagem ILKJÆR, Jørgen, 1990.		
Bibliografia		
Citações		
Comentários		

APÊNDICE II

CATÁLOGO DE FONTES

EXPLICAÇÃO DO CATÁLOGO DE FONTES

A documentação textual trabalhada nessa pesquisa histórica nos reporta em muitas oportunidades acerca das questões bélicas, e nos chama atenção a descrição dos armamentos utilizados em batalha. Sendo, a partir dessa descrição e da comparação com os artefatos bélicos que analisaremos a disciplina e dos treinamentos militares na Antiguidade Tardia. Dessa forma propomos a elaboração de um catálogo de fontes para nos auxiliar no desenvolvimento de nossos estudos.

O catálogo de fontes aqui proposto tem o intuito de expor fragmentos da documentação textual que descrevem os equipamentos de guerra e como era a fabricação desses. Sendo assim, buscamos em *História* de Amiano Marcelino, *Compêndio de Arte Militar* e *Medicina Veterinária* de Flávio Vegécio Renato e nas duas obras anônimas a *De Rebus Bellicis* e a *Notitia Dignitatum* referências que possam nos auxiliar a compreender como eram utilizados esses armamentos, além de facilitar o entrelaçamento e a comparação das informações da documentação textual e material.

Inicialmente apontamos qual obra está sendo catalogada e qual a tradução que nos reportamos, após detalharmos as referências da documentação apresentaremos os trechos em que cada autor descreveu um equipamento bélico ou sua possível fabricação na ordem em que foi aparecendo no texto. Cada fragmento será apresentado da seguinte forma: nome em Latim, primeiro sua forma latina como aparece no texto e seguindo da mesma no nominativo; nome em português; sua referência (onde está localizado no texto); a passagem em Latim e a mesma em nosso idioma.

Sendo importante ressaltarmos que as passagens aqui traduzidas são de nossa autoria, utilizamos, para tanto, renomadas traduções para a língua moderna. Sendo as quatro bilíngues, teremos contato com a documentação em sua língua original. Dessa forma, sempre que julgarmos importante podemos recorrer ao latim.

❖ *AMMIANUS MARCELLINUS – RES GESTAE*

Edições utilizadas:

- Ammianus Marcellinus – History, with an english translation by John C. Rolfe. London: The Loeb Classical Library, 1982, 3v.
- Ammien Marcellin – Histoire, avec la traduction en français de Edouard Galletier e Jacques Fontaine. Paris: Belles Lettres, 1978.

Mapeamento das descrições de armamentos na obra de *Res Gestae* de Amiano Marcelino.

1. ARMAMENTO INDIVIDUAL:

a. *Telis, tela, telorum, teli, telum, telo (telum) – dardo (míssel)*

Referência:	XIV, 10. 6
Latim:	..., <i>ritu grandinis undique convolantibus telis</i> ; ...
Português:	..., e arremessando dardos de todos os lados, como granizo, ...

Referência:	XIX, 5. 6
Latim:	..., <i>dividitur opera, et translatae leviores quinque ballistae, contra turrim locantur, quae ocius lignea tela fundentes, non numquam et binos forabant, ...</i>
Português:	... então o trabalho foi dividido entre nós e cinco da mais leves balistas foram removidas e colocadas defronte da torre, rapidamente liberando dardos de madeira, o que as vezes perfurava dois homens ao mesmo tempo.

Referência:	XX, 6. 4
Latim:	<i>Contra haec oppidani superstantes propugnaculis celsis, lapidibus eminus telorumque genere omni ad interiora ferocius se proripientes arcebant.</i>
Português:	Contra esta investida, os cidadãos, de pé em cima de suas altas ameias, a distância com pedras e todos os tipos de mísseis tentaram repelir aqueles que corajosamente se esforçavam para forçar a entrada.

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>... nec ballistae tamen cessavere nec scorpiones, illae tela torquentes, hi lapides crebros, qualique simul ardentis pice et bitumine illiti, ...</i>
Português:	No entanto, nem as balistas nem os escorpiões cessaram, o primeiro arremessando dardos , o último com chuvas de pedras e com elas cestas de vime em chamas, untada com pez e betume.

Referência:	XX, 11. 9
Latim:	<i>... tamen, quotiens flagitabat necessitas, lacertos fortiter exsertantes lapidibus subiectos incessebant et telis.</i>
Português:	No entanto, sempre que a necessidade exigisse eles iam sem medo confiando em seus braços direitos e atacariam os sitiantes com pedras e dardos .

Referência:	XX, 11. 13
Latim:	<i>Et Persae aggerum altitudine iam in sublime porrecta, machinaeque ingentis horrore perculsi, quam minires quoque sequebantur, omnes exurere vi maxima nitebantur, et assidue malleolos atque incendiaria tela torquentes, laborabant in cassum, ...</i>
Português:	Persas, também, quando a altura de seus montes já havia se tornado grande, acometido de horror do grande aríete, que outros menores seguiram, todos se esforçaram com força e energia para atear fogo a eles, constantemente lançando tochas e dardos em chamas.

Referência:	XX, 11. 15
Latim:	<i>Et diu promotae machinae stabant, muralia saxa perferentes et tela.</i>
Português:	E os engenhos que foram trazidas ficaram por um longo tempo expostas a grandes pedras e misseis (dardos) .

Referência:	XX, 11. 17
Latim:	<i>... moxque ex aggeribus quos erexerunt Romani, idem Persea propugnaculis insistentes, sagittis incessebantur, et fundis telisque igniferis, quae per tegumenta turrium volitantia, paratis qui restringuerent, plerumque irrita labebantur.</i>
Português:	Então, aqueles mesmo persas, quanto eles tomaram seus lugares nos baluartes foram assaltados pelas montanhas, que os romanos ergueram, com flechas, fundas, e dardos de fogo, que, embora

	voassem através das corberturas das torres, a maior parte caiu sem efeito, uma vez que havia homens para apagar os incêndios.
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXI, 4. 8
Latim:	<i>... excitatosque hostilium fragore armorum dum gladios circumspectant et tela, celeriter involavit et quosdam occidit, orantes alios praedamque offerentes dediticios cepit, ...</i>
Português:	E quanto eles foram acordados pelo choque das armas inimigas e estava à procura de suas espadas e lanças , ele voou sobre eles rapidamente; alguns ele matou, outros, que imploraram por misericórdia e ofereceram espólio, ele recebeu em rendição, ...

Referência:	XXI, 12. 13
Latim:	<i>Et quidam elatis super capita scutis ut pugnaturi levius, alii vehementes umeris ut antea scalas ferventique impetu procurrentes, pectora multiformium telorum ictibus exponebant.</i>
Português:	Então alguns com seus escudos erguidos sobre suas cabeças, para serem menos prejudicados na luta, outros carregando escadas em seus ombros como antes, correram para evitar o fogo, expondo seus peitos aos machucados de diferentes tipos de armas (dardos) .

Referência:	XXIII, 4. 14-15
Latim:	<i>Malleoli autem, teli genus, figurantur hac specie.</i>
Português:	Mas dardos de fogo (um tipo de míssel) eram feitos dessa forma:...

Referência:	XXIII, 5. 3
Latim:	<i>... et retortis plebs universa cervicibus exacervantia in se tela declinans spargitur passim.</i>
Português:	Sobre a qual todos viraram suas cabeças e, em seguida, fugiram em todas as direções, para evitar as flechas (dardos) que estavam chovendo sobre eles da cidadela.

Referência:	XXIII, 5. 8
Latim:	<i>... eique dubitanti quid ferrent, offertur ab eis inmanissimi corporis leo, cum aciem peteret multiplici telorum iactu confossus.</i>
Português:	E enquanto ele estava em dúvida sobre o que eles traziam, eles se apresentaram com um leão de grande tamanho, que tinha atacado suas linhas e tinha sido morto por uma chuva de flechas (dardos) .

Referência:	XXIII, 6. 37
Latim:	<i>..., quo inlitum telum, si emissum lentius laxiore arcu nam ictu extinguitur rapido haeserit usquam, tenaciter cremat, ...</i>
Português:	Se um míssel (dardo) é besuntado com esse óleo e atirado lentamente por um arco frouxo (pois é extinto por um voo rápido), onde ele pousar ele queima persistentemente...

Referência:	XXIV, 2. 13
Latim:	<i>Iamque ferocior miles pervasa urbe, quam viderat vacuum, adversus oppidanos ab arce multimoda tela fundentes acri contentione pugnabat.</i>
Português:	E agora os soldados com grande confiança correram pela cidade, olhando-a deserta, e lutaram ferozmente com seus habitantes, a quem da cidadela choveu sobre eles vários tipos de mísseis (dardos) .

Referência:	XXV, 1. 2
Latim:	<i>Cui propugnaturus Maurus frater, dux postea Phoenices, cum germani trucidasset interfectorem, obvium quemque perterrens, infirmatus et ipse umerum telo, pallescentem morte propinqua Machameum extrahere pugna viribus valuit magnis.</i>
Português:	Seu irmão <i>Maurus</i> , que viria a ser um grande general na Fenícia, tentou protege-lo, e após cortar o homem que tinha matado seu irmão, ele aterrorizou todos que apareceram em seu caminho, e a menos que ele tivesse sido parcialmente desabilitado por um dardo no ombro, pela força básica ele conseguiu derrubar <i>Machameus</i> , que já estava pálido com a aproximação da morte, da luta.

Referência:	XXV, 1. 12
Latim:	<i>..., ut inbracteatis corporibus solidis ibi tantum incidentia tela possint haerere, ...</i>
Português:	...; uma vez que seus corpos inteiros eram revestidos com metal, os dardos que caíam sobre eles ...

Referência:	XXVII, 1. 4
Latim:	<i>..., cum Severianum vidissent equo deturbatum missilique telo per os fixum.</i>
Português:	E quando eles viram <i>Severianus</i> , que tinha sido jogado de seu cavalo e tanspassado por um dardo , eles ficaram todos aterrorizados e postos em fuga.

Referência:	XXIX, 5. 25
Latim:	<i>..., per Ancorarium montem Mazicas in unum collectos invasit, iam tela reciprocantes volitantia grandinis ritu.</i>
Português:	..., ele atacou os <i>Mazicas</i> , que estavam reunidos em um só corpo e responderam com dardos que viram voando como granizo.

Referência:	XXXI, 2. 9
Latim:	<i>Eoque omnium acerrimos facile dixeris bellatores, quod procul missilibus telis, acutis ossibus pro spiculorum acumine arte mira coagmentatis, ...</i>
Português:	E por esse motive você não hesitaria em chamar eles de os mais terríveis dos guerreiros, porque eles lutavam de longe com dardos com ossos cortantes, em vez de das pontas usuais, ligadas aos eixos com maravilhosa habilidade; ...

Referência:	XXXI, 7. 13
Latim:	<i>Fervente igitur densis caedibus proelio in confertos quisque promptior ruens, ritu grandinis undique volitantibus telis oppetebat et gladiis, ...</i>
Português:	Então a luta esquentou e a chacina foi grande; todos os mais ativos correram para o meio do combate e encontraram a morte pelos dardos que caíam como granizo, ou pela espada.

Referência:	XXXI, 10. 19
Latim:	<i>Ut enim ille, quia perimere iaculis plurimas feras spectante consueverat populo, et centum leones in amphitheatrali circulo simul emissos telorum vario genere, ...</i>
Português:	Assim o Imperador sentiu exaltação sobre-humana, porque tantas vezes ele matou um grande número de animais selvagens com dardos na presença das pessoas, e abateu leões com vários tipos de dardos na arena do anfiteatro, ...

Referência:	XXXI, 15. 11
Latim:	<i>Animadversum est a nostris isdem telis barbaros uti, quibus, petebantur.</i>
Português:	Nossos homens perceberam que os bárbaros estavam usando os mesmos mísseis (dardos) que tinha sido atirado neles.

Referência:	XXXI, 15. 13
Latim:	<i>Sed bucinis optimatum monitu occinentibus instauratum est proelium, et pari modo res Romana superior stetit, nullo ferme alio telo vel funditoris amento in cassum excusso.</i>
Português:	Mas, com a ordem de seus chefes as trombetas soaram e a batalha foi retomada, e da mesma forma os romanos seguravam a vantagem, já que quase nenhuma pedra arremessada pela correia de uma funda, ou outro míssil (dardo) quando atirados, erraram seus alvos.

b. *Gladiatorum, gladii, gladium, gladius, gládios, gladiis, mucrone, mucronibus, mucronum (gladius/mucro) – espadas*

Referência:	XV, 4. 11-12
Latim:	<i>Qui dispersi laxatis ordinibus, dumque elabi properant impediti, corpora nudantes intacta, gladiatorum hastarumque densis ictibus truncabantur.</i>
Português:	E, como eles se espalharam com as fileiras quebradas e sobrecarregados com sua pressa de escapar, eles expuseram-se desprotegido, e por muitas estocadas de espadas e lanças foram cortados em pedaços.

Referência:	XVI, 12. 44
Latim:	<i>Sed violentia iraque incompositi, barbari in modum exarsere flammaram, nexamque scutonim compagem, quae nostros in modum testudinis tuebatur. Scindebant ictibus gladiatorum assiduis.</i>
Português:	Mas os selvagens, lançados em desordem pela sua violência e raiva, inflamaram como fogo, e retalhado com repetidos golpes de suas espadas com a proximidade da parede de escudos, que protegiam nossos homens como uma formação de tartaruga.

Referência:	XVI, 12. 46
Latim:	<i>Spicula tamen verrutaque missilia non cessabant, ferrataeque arundines fundebantur, quamquam etiam cominus mucro feriebat contra mucronem, et loricae gladiis fundebantur, ...</i>
Português:	Ainda dardos e javalins não cessaram de voar, com chuvas de flechas com pontas de ferro, quando chegaram perto também as lâminas chocaram-se e os peitorais foram rachados com a espada; ...

Referência:	XVIII, 8. 12
Latim:	<i>..., utque miles ante me quidam, discriminato capite, quod in aequas partes ictus gladii fiderat validissimus, ...</i>
Português:	..., e, em frente de mim um soldado com a cabeça cortada em duas, e dividida e duas metades iguais por um golpe poderoso de espada , ...

Referência:	XIX, 6. 7
Latim:	<i>Inter haec Galli morarum impatientes, securibus gladiisque succincti, patefacta sunt egressi postica, ...</i>
Português:	Enquanto isso os gauleses, impacientes pelo atraso, armados com machados e espadas correram para fora através de um portão aberto, ...

Referência:	XIX, 6. 9
Latim:	<i>Contra Galli corporum robore, audaciaque quoad poterant inconcussi, gladiis secants adversos, ...</i>
Português:	Mas os Gauleses enfrentaram eles, confiando em sua força corporal e mantendo a coragem inabalada o máximo que podiam, cortaram seus oponentes com espadas , ...

Referência:	XIX, 11. 11
Latim:	<i>Qui cum ex alto despiciens, plena omnia discurrentis turbae cum missilibus vidisset, reiectisque gladiis et verrutis iam propinquante pernicie, ...</i>
Português:	Ele, olhando para baixo de seu lugar alto e vendo tudo preenchido com uma multidão correndo com mísseis, e a morte já iminente pelas espadas e lanças nuas, ...

Referência:	XX, 4. 21
Latim:	<i>..., pars crispantes missilia, alii minitantes nudatis gladiis, diverso vagoque (ut in repentino solet) excursu, occupavere volucriter regiam, ...</i>
Português:	..., alguns brandiam dardos, outros com espadas nuas e proferindo ameaças, apressaram-se a diante de diferentes lados e em desordem (como era usual em súbita comoção) rapidamente encheram o palácio.

Referência:	XX, 7. 14
Latim:	..., <i>cum confertis inter se corporibus hinc indeque stricto mucrone, nulli occurrentium parceretur.</i>
Português:	...; e uma vez que eles estavam sobrecarregados corpo a corpo e com ambos os lados lutando com espadas desembainhadas, eles não pouparam ninguém que aparecerem em seu caminho.

Referência:	XX, 7. 15
Latim:	<i>Et post haec iratorum hostium gladii quicquid inveniri poterat concidebant, ...</i>
Português:	Depois que as espadas do inimigo enfurecido cortaram todos que eles puderam encontrar, ...

Referência:	XX, 11. 22
Latim:	..., <i>et partiti munera dimicandi inter necessitatis articulos, relictis qui moenia tuerentur, reserata latenter postica, strictis gladiis valida manus erupit, pone sequentibus aliis, qui flammam occulte portabant.</i>
Português:	..., eles deixaram alguns para trás para segurarem as muralhas, enquanto um forte força secretamente abria um portão traseiro e invadira, espadas em mãos, seguidos por outros que carregavam fogos escondidos.

Referência:	XXI, 4. 8
Latim:	..., <i>excitadosque hostilium fragore armorum dum gladios circumspectant et tela, celeriter involavit et quosdam occidit, ...</i>
Português:	E quanto eles foram acordados pelo choque das armas inimigas e estava à procura de suas espadas e lanças, ele voou sobre eles rapidamente; ...

Referência:	XXI, 5. 10
Latim:	<i>Iussique universi in eius nomen iurare sollemniter gladiis cervicibus suis admotis sub execrationibus diris verbis iuravere conceptis omnes pro eo casus, ...</i>
Português:	E quando tudo foi ordenado para o usual juramento de fidelidade, ansiando espadas em seus pescoços, eles juraram nos termos estabelecidos sob pena de terríveis execuções, que eles iriam suportar todos os riscos, ...

Referência:	XXIII, 5. 19
Latim:	Abolenda nobis natio molestissima cuius in gladiis nondum nostrae propinquitatis exaruit cruor.
Português:	Temos que acabar com uma nação perniciosa, em cujo o sangue de nossos irmãos ainda não secaram em suas espadas .

Referência:	XXIII, 6. 75
Latim:	..., omnes tamen promiscue vel inter epulas festosque dies gladiis cincti cernuntur.
Português:	Todos eles, sem exceção, até em banquetes e dias festivos, apareciam com suas espadas na cintura; ...

Referência:	XXIV, 6. 11
Latim:	<i>Et cum undique solito more conclamaretur, ..., hastis et mucronibus strictis</i>
Português:	..., aqui e ali eles lutavam corpo a corpo com lanças e espadas ; ...

Referência:	XXVI, 6. 8
Latim:	..., et onerosior Plautiano qui praefectus itidem sub Severo ultra mortale tumens cuncta confuderat, ni gladio perisset ultore.
Português:	...; mais opressivo que Plautinus, também prefeito sobre <i>Severus</i> , que com sua arrogancia super-humana teria causado confusão geral, se não tivesse perecido por uma espada vingadora.

Referência:	XXVI, 9. 7
Latim:	..., eumque secuti conplures iam pila quatientes et gladios ad imperatorem transeunt, cum vexillis scuta perversa gestantes, quod defectionis signum est apertissimum.
Português:	...; então muitos outros seguiram ele que já estava brandindo suas lanças e espadas , e abandonando o Imperador com seus emblemas e escudos invertidos, o mais evidente símbolo de deserção.

Referência:	XXVII, 1. 4
Latim:	<i>Ubi vero turmae congressae strictis confligere mucronibus, nostrorum acies impetu hostium acriore concussa nec resistendi nec faciendi fortiter copiam repperit, ...</i>
Português:	Mas quando as forças chegaram perto e lutavam com espadas , nossas linhas de homens foram quebradas, por um feroz início do inimigo, e não encontraram nenhum meio de resistir ou de agir bravamente.

Referência:	XXVII, 2. 3
Latim:	<i>Quocirca forati pilis et gladiis cecidere conplures absque his, quos versos in pedes texere flexuosi tramites et angusti.</i>
Português:	Assim, a maioria deles caíram, executados por lanças e espadas , exceto aqueles que tomado de susto encontraram abrigo nos caminhos estreitos e sinuosos.

Referência:	XXVII, 12. 8
Latim:	<i>..., civitatis aditu reserato iuventus exiluit velox, passibusque insonis expeditis mucronibus repens, cum castra nihil metuentium invasissent, iacentes multos nullis resistentibus trucidarunt.</i>
Português:	..., guerreiros jovens correram rapidamente para fora, com ruidosos passos e espadas em punho subiram para o campo, onde homens estavam sem medo do perigo, então correram, e sem oposição massacraram muitos enquanto dormiam.

Referência:	XXVIII, 2. 8
Latim:	<i>...: adortusque milites seminudos, humum etiam tum gestantes, expeditis agiliter gladiis obtruncabant, inter quos etiam duces ambo sunt caesi.</i>
Português:	..., atacaram nossos soldados, que estavam meio nus e ainda carregavam terra, e rapidamente estavam com espadas em mãos matando; e com eles os dois líderes foram assassinados.

Referência:	XXVIII, 5. 7
Latim:	<i>Exin concursum infestius, firmatisque pectoribus hinc inde incumbentes Romani clausos hostes eductis gladiis obtruncabant:</i> ...
Português:	Então a luta se intensificou e os romanos com coragem renovada pressionaram os saxões de todos os lados, cercaram eles, e mataram eles com suas espadas em mãos; ...

Referência:	XXIX, 2. 4
Latim:	<i>... qui cum epulis omni tristioribus fame saginarentur, ex summis domorum laqueariis, in quibus discumbabant, setis nexos equinis et occipitiis incumbentes gladios perhorrebant.</i>
Português:	... viu com um estremecimento as espadas pairando sobre as cabeças dos tectos das salas em qual eles reclinavam e estavam seguradas somente por crinas de cavalos.

Referência:	XXX, 1. 20
Latim:	..., <i>gladium</i> destructum intentans, torvo lumine ferociens quidam inmittitur barbarus asper ex his, quos scurras appellant, confossurus iuvenem, ne exilire posset etiam tum praepeditum.
Português:	Então um bárbaro rude, encarando firmemente com olhos cruéis e brandindo uma espada na mão, um insolente, foi mandado para matar o jovem, que já havia perdido qualquer possibilidade de escapar.

Referência:	XXX, 4. 19
Latim:	<i>Cumque intra cancellorum venerint saepta, et agi coeperint alicuius fortunae vel salus, atque laborari debeat, ut ab insonte gladius vel calamitosa detrimenta pellantur, ...</i>
Português:	E quando eles vieram com as barreiras do tribunal, e as fortunas e seguranças de alguns começaram a ser discutidas, eles devem trabalhar para transformar a espada ou a perda ruidosa de uma pessoa inocente, ...

Referência:	XXX, 8. 6
Latim:	..., <i>poenas per ignes augebat et gladios: quod ultimum in adversis rebus remedium pietas reperitur animorum, ...</i>
Português:	..., aumentando o número de punições por fogo e espada , qual um espírito justo considerado o ultimo recurso em tempos de tensão.

Referência:	XXXI, 2. 9
Latim:	..., <i>et distantia percursa cominus ferro sine sui respectu conflagunt, hostisque, dum mucronum noxias observant, ...</i>
Português:	...; então eles galoparam sobre os espaços de intervenção e luta corpo a corpo com espadas, despreocupados com a própria vida; ...

Referência:	XXXI, 2. 23
Latim:	..., <i>ne tugurium quidem culmo tectum cerni usquam potest, sed gladius barbarico ritu humi figitur nudus, ...</i>
Português:	..., but after the manner of barbarians a naked sword is fixed in the ground and they reverently worship it as their god of war, ...

Referência:	XXXI, 5. 9
Latim:	<i>Barbarique hoc contemplato globos inrupere nostrum incauti, et parmas oppositis corporibus inlidendo obvios hastis perforabant et gladiis, ...</i>
Português:	Vendo isso os bárbaros correram imprudentes de encontro com a multidão de nossos homens, colidiram com seus escudos nos corpos de seus oponentes, e com lança e espada atravessaram aqueles que se opuseram a eles.

Referência:	XXXI, 7. 13
Latim:	<i>Fervente igitur densis caedibus proelio in confertos quisque promptior ruens, ritu grandinis undique volitantibus telis oppetebat et gladiis, ...</i>
Português:	Então a luta esquentou e a chacina foi grande; todos os mais ativos correram para o meio do combate e encontraram a morte pelos dardos que caíam como granizo, ou pela espada .

Referência:	XXXI, 13. 3
Latim:	<i>...: nostri quoque ultimo cadendi contemptu occursantes receptis gladiis obruncabant, ...</i>
Português:	..., nossos soldados mesmo, mostrando extremo desprezo de cair na luta, receberam cortes mortais de espada , e ainda feriu seus agressores, ...

Referência:	XXXI, 13. 5
Latim:	<i>..., diffractis hastarum plerisque conlisione adsidua, gladiis contenti dstrictis in confertas hostium turmas mergebant se, salutis inmemores, circumspectantes ademptum esse omne evadendi suffugium.</i>
Português:	..., com suas lanças quebradas pela constante colisão, satisfeitos em lutar com espadas em punho, mergulhou nas densas massas do inimigo, despreocupados com suas vidas, vendo por todo lado que cada brecha de escapar foi perdida.

c. Hastarum, hastae, hastas, hastis, hastatus, hasta (hasta) - lança

Referência:	XV, 4. 11-12
Latim:	<i>Qui dispersi laxatis ordinibus, dumque elabi properant impediti, corpora nudantes intecta, gladiatorum hastarumque densis ictibus truncabantur.</i>
Português:	E, como eles se espalharam com as fileiras quebradas e sobrecarregados com sua pressa de escapar, eles expuseram-se

	desprotegido, e por muitas estocadas de espadas e lanças foram cortados em pedaços.
--	--------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XVI, 10. 7
Latim:	<i>Eumque post antegressos multiplices alios, purpureis subteginibus texti, circumdedere dracones, hastarum aureis gemmatisque summitatibus illigati, ...</i>
Português:	E anteriormente, outros vários que o precederam foram cercados por dragões, tecido com fios roxos e ligado ao ouro e jóias do topo das lanças , ...

Referência:	XVI, 12. 22
Latim:	<i>Norant enim licet prudentem ex equo bellatorem cum clibanario nostro congressum, frena retinentem et scutum, hasta una manu vibrata, tegminibus ferreis abscondito bellatori nocere non posse, peditem vero inter ipsos discriminum vértices, ...</i>
Português:	Pois eles perceberam que um de seus guerreiros em cavalo, não importa quão habilidoso, ao encontrar um de nossos cavaleiros em cota de malha, teve de manter as redes e os escudos numa mão e brandir sua lança com a outra, e não seria capaz de fazer qualquer mal a um soldado coberto com uma armadura de ferro; ...

Referência:	XVII, 11. 2
Latim:	<i>Quibus ad latrocinia magis quam aperto babilibus Marti, hastae sunt longiores et loricae ex cornibus rasis et laevigatis, plumarum specie linteis indumentis innexae; ...</i>
Português:	Essas pessoas, melhor equipadas para guarnição do que para guerra aberta, tinham longas lanças e couraças feitas de peças de chifre lisas e polidas, preso como escamas a camisas de linho; ...

Referência:	XX, 5. 8
Latim:	<i>Hac fiducia spei maioris animatus inferior miles, dignitatum iam diu expers et praemiorum, hastis feriendo clipeos sonitu assurgens ingenti, uno prope modum ore dictis favebat et coeptis.</i>
Português:	Através da confiança nessas promessas, os soldados de baixo nível, que a muito não dividia as honras e recompensas, foram inspirados com grande esperança; erguendo-se e brandindo suas lanças contra seus escudos com grande alarido, quase como uma voz eles aclamaram as palavras e planos do Imperador.

Referência:	XXI, 13. 16
--------------------	-------------

Latim:	<i>Omnes post haec dicta in sententiam ibant suam hastasque vibrantes irati post multa, quae benivole responderant, petebant duci se protinus in rebellem.</i>
Português:	Após essas palavras todos formam conduzidos a sua opinião, e brandindo suas lanças em raiva eles primeiro responderam com muitas expressões de boa vontade, e depois pediram apra serem liderados imediatamente contra os rebeldes.

Referência:	XXIV, 6. 11
Latim:	<i>Et cum undique solito more conclamaretur, virorumque alacritatem sonantia classica iam iuarent, hastis et mucronibus strictis hinc inde comminus pugnabatur: ...</i>
Português:	E quando o grito de guerra elevado da maneira usual pelos dois lados, e os clamores das trombetas aumentaram o ardor dos homens, aqui e ali eles lutaram corpo a corpo com lanças e espadas em punho; ...

Referência:	XXV, 3
Latim:	<i>Imperator , dum ad repellendos Persas, qui undique instabant, omissa lorica, temere se proeliis inserit, hasta vulneratur, ac in tabernaculum refertur, ubi circumstantes alloquitur, ac post epotam frigidam moritur.</i>
Português:	Quando o Imperador correu para a batalha precipadamente sem sua cota de malhas, em ordem de afastar os persas, que estavam nos pressionando de todos os lados, ele foi ferido por uma lança e levado para sua tenda; lá ele se dirigiu aqueles que estavam sobre ele e depois de um gole de água fria, morreu.

Referência:	XXV, 3. 10
Latim:	<i>Reducto ad tentoria principe, incredibile dictu est, quo quantoque ardore miles ad vindictam ira et dolore ferventior involabat, hastis ad scuta concrepans, etiam mori si tulisset fors obstinatus.</i>
Português:	Mas quando o Imperador foi levado para sua tenda, os soldados, queimando com ira e tristeza, com inacreditável vigor apressaram-se a vinga-lo, brandindo suas lanças contra seus escudos, resolveram até mores se essa fosse a vontade do destino.

Referência:	XXVI, 6. 15
Latim:	<i>Stetit itaque subtabidus - excitum putares ab inferis - nusquam reperto paludamento, tunica auro distincta ut regius minister, indutus a calce in pubem in paedagogiani pueri speciem,</i>

	<i>purpureis opertus tegminibus pedum, hastatusque purpureum itidem pannulum laeva manu gestabat, ...</i>
Português:	Então, lá estava ele, antes de esbanjar (você poderia pensar que ele tivesse advindo do mundo inferior), e porque um robe purpura não era encontrado em lugar algum, ele estava vestido em uma túnica bordada a ouro, igual um assistente no tribunal, mas dos pés a cabeça ele parecia um pagem a serviço do palácio; ele usava sapatos purpura nos pés, e carregava uma lança , e um pequena peça de roupa purpura na sua mão esquerda; ...

Referência:	XXVII, 10. 12
Latim:	<i>...: hastasque crispando cum ad rupium obiecta venissent, trudentibusque Alamannis evadere ad celsiora conarentur, advenit omne pondus armorum, isdemque antesignanis per hirta dumis et aspera magno virium nisu in editas sublimitates erepsit.</i>
Português:	Brandindo suas lanças , eles chegaram a massa adversária de rochas, e, enquanto os Alamanos estavam tentando empurra-los de volta, eles esforçaram-se para subir mais alto, todo o peso de nosso exército apareceu, e, liderados pelos mesmos campeões por lugares ásperos e por matagais desgrenhados, com grande esforço subiram a alturas elevadas.

Referência:	XXXI, 13. 5
Latim:	<i>..., diffractis hastarum plerisque conlisione adsidua, gladiis contenti dstrictis in confertas hostium turmas mergebant se, salutis inmemores, circumspectantes ademptum esse omne evadendi suffugium.</i>
Português:	..., com suas lanças quebradas pela constante colisão, satisfeitos em lutar com espadas em punho, mergulhou nas densas massas do inimigo, despreocupados com suas vidas, vendo por todo lado que cada brecha de escapar foi perdida.

d. *Cataphractariis, cataphracti, cataphractorum (cataphractes/cataphractus)*
– cota de malhas

Referência:	XVI, 2. 5
Latim:	<i>Et nequa iuterveniat mora, adhibitis cataphractariis solis et ballistariis, parum ad tuendum rectorem idoneis, percurso eodem itinere, Autosudorum pervenit.</i>
Português:	E para evitar qualquer atraso, ele levou apenas os couraçados e os <i>balistarii</i> , que eram mais que suficientes para defender um general, e atravessar a mesma estrada que ele veio de Auxerre.

Referência:	XVI, 10. 8
Latim:	<i>Et incedebat hinc inde ordo geminus arinatorum, clipeatus atque cristatiis. Corusco luniinc radians, nitidis loriceis indutus, sparsique cataphracti equiites (quos clibanarios dictitant) personati thoracum muniti tegminibus, et limbis ferreis cincti, ut Praxitelis manu polita crederes simulacra, non viros; quos laminarum circuli tenues, apti corporis flexibus anibiebant, per omnia membra diducti, ut quocumque artus necessitas commovisset, vestitus congrueret, iunctura cohaerenter aptata.</i>
Português:	E lá marchou em ambos os lados com duas linhas de infantaria com escudos e cristas brilhantes, vestido em malha reluzente; e dispersos entre eles a cavalaria pesada - encouraçada (a quem eles chamavam de <i>clibanarios</i>), todos mascarados, vestidos com peitorais protetores e presos ao redor com cintos de ferro, então você teria suposto que fossem estatuas polidas pelas mãos de Praxiteles, não homens. Finos círculos de placa de ferro, encaixado para as curvas de seus corpos; de modo que para qualquer lado que tivessem que mover seus membros, suas vestimentas encaixavam, tão habilmente eram feitas as junções.

Referência:	XVIII, 8. 7
Latim:	<i>Quae dum in curriculo semihorae aguntur, postsignani nostri, qui tenebant editiora collis exclamant, aliam cataphractorum niultitudinem equitum pone visam, celeritate quam maxima propinquare</i>
Português:	Enquanto tudo isso acontecia no decurso de meia hora, nossos soldados na traseira, que ocupavam a parte mais alta da colina, gritaram que outra força, da cavalaria pesada – encouraçados , era vista atrás de outros, e que estava avançando com toda velocidade possível.

Referência:	XX, 7. 2
Latim:	<i>Primo igitur impetu, cum agmine cataphractorum fulgentium, rex ipse sublimior ceteris castrorum ambitum circumcursans, prope labra ipsa fossarum venit audentius, petitusque ballistarum ictibus certis et sagittarum, densitate opertus armorum in modum testudinis contextorum, abscessit innoxius.</i>
Português:	Em seu primeiro ataque o rei, com uma tropa de cavaleiros brilhantes em armaduras e ele próprio elevando-se acima do resto, cavalgou o circuito do campo, e com excess de ousadia avançou até à borda das trincheiras. Mas tornando-se o alvo de repetidos dardos de balistas e flechas, ele foi protegido por uma

	apertada parede de escudos como uma formação de tartaruga, e saiu ileso.
--	--------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXIV, 6. 8
Latim:	<i>Contra haec Persae obiecerunt instructas cataphractorum equitum turmas sic confertas, ut lamminis coaptati corporum flexus splendore praestringerent occursantes obtutus, operimentis scorteis equorum multitudine omni defensa, quorum in subsidiis manipuli locati sunt peditum, contacti scutis oblongis et curvis, quae texta vimine et coriis crudis gestantes densius se commovebant.</i>
Português:	Os persas opostos a nós com bandas cerreadas de cavaleiros em cotas de malha , tão fechada que o brilho do movimento dos corpos encobertos com uma densa montagem de peças de ferro deslumbrou aqueles que olhavam para eles, enquanto toda a multidão de cavalos era protegida por couros. A cavalaria tinha o apoio da infantaria, que, protegida por oblongos, escudos curvos cobertos com vime e couro cru, avançavam em ordem bem cerrada.

e. Loricis, loricae, lorica, loricam (lorica) – loriga

Referência:	XVI, 10. 8
Latim:	<i>Et incedebat hinc inde ordo geminus arinatorum, clipeatus atque cristatiis. corusco luniinc radians, nitidis loricis indutus, sparsique cataphracti equiites (quos clibanarios dictitant) personati thoracum muniti tegminibus, et limbis ferreis cincti, ut Praxitelis manu polita crederes simulacra, non viros; quos laminarum circuli tenues, apti corporis flexibus anibiebant, per omnia membra diducti, ut quocumque artus necessitas commovisset, vestitus congrueret, iunctura cohaerenter aptata.</i>
Português:	E lá marchou em ambos os lados com duas linhas de infantaria com escudos e cristas brilhantes, vestido em malha reluzente; e dispersos entre eles a cavalaria pesada - encouraçada (a quem eles chamavam de <i>clibanarios</i>), todos mascarados, vestidos com peitorais protetores e presos ao redor com cintos de ferro, então você teria suposto que fossem estatuas polidas pelas mãos de Praxiteles, não homens. Finos círculos de placa de ferro, encaixado para as curvas de seus corpos; de modo que para qualquer lado que tivessem que mover seus membros, suas vestimentas encaixavam, tão habilmente eram feitas as junções.

Referência:	XVI, 12. 46
Latim:	<i>Spicula tamen verrutaque missilia non cessabant, ferrataeque arundines fundebantur, quamquam etiam comminus mucro feriebat contra mucronem, et loricae gladiis fundebantur, ...</i>
Português:	Ainda dardos e javalins não cessaram de voar, com chuvas de flechas com pontas de ferro, quando chegaram perto também as lâminas se chocaram e os couraças foram rachadas com a espada

Referência:	XVII, 11. 2
Latim:	<i>Quibus ad latrocinia magis quam aperto babilibus Marti, hastae sunt longiores et loricae ex cornibus rasis et laevigatis, plumarum specie linteis indumentis innexae; ...</i>
Português:	Essas pessoas, melhor equipadas para guarnição do que para guerra aberta, tinham longas lanças e couraças feitas de peças de chifre lisas e polidas, preso como escamas a camisas de linho; ...

Referência:	XXIV, 6. 7
Latim:	<i>Et miratur historia Rhodanum arma et loricam retinente Sertorio transnatatum, cum eo momento turbati quidam milites, veritiquene remanerent, post signum erectum, scutis, quae patula sunt et incurva, proni firmiter adhaerentes, eaque licet inperite regendo per voraginosum amnem velocitatem comitati sunt navium.</i>
Português:	História clama <i>Sertorio</i> por nadar em torno do Reno com couraça e armas; mas nessa ocasião alguns soldados em pânico, temendo ficar para trás depois que o sinal fosse dado, deitaram em seus escudos, que eram amplos e curvos, e agarrando-se rapidamente a eles, ainda que demonstrassem pouca habilidade de guia-los, mantiveram-se com os velozes navios através do curso das águas.

Referência:	XXV, 1. 1
Latim:	<i>Ubi vero primum dies inclaruit, radiantes loricae limbis circumdatae ferreis et corusci thoraces longe prospecti adesse regis copias indicabant.</i>
Português:	Mas assim que a primeira luz do dia apareceu, as brilhantes cotas de malha , rodeada de bandas de aço, e reluzentes couraças, vistas de longe, mostraram que a força do rei estava presente.

Referência:	XXV, 3
Latim:	<i>Imperator, dum ad repellendos Persas, qui undique instabant, omissa lorica, temere se proeliis inserit, hasta vulneratur, ac in</i>

	<i>tabernaculum refertur, ubi circumstantes alloquitur, ac post epotam frigidam moritur.</i>
Português:	Quando o Imperador correu para a batalha precipidamente sem sua cota de malhas , em ordem de afastar os persas, que estavam nos pressionando de todos os lados, ele foi ferido por uma lança e levado para sua tenda; lá ele se dirigiu aqueles que estavam sobre ele e depois de um gole de água fria, morreu.

Referência:	XXV, 3. 3
Latim:	<i>Qua concitus clade oblitus loricae, scuto inter tumultum adrepto, properans ultimis ferre suppetias, revocatur alio metu, qui etiam antesignanos, unde discesserat, paria perpeti nuntiabat.</i>
Português:	Furioso com a infelicidade, ele esqueceu sua cota de malhas , apenas pegando um escudo na confusão; mas quando estava correndo para ajudar os da traseira, ele foi lembrado de outro perigo – a notícia que a vanguarda, que ele tinha acabado de deixar, estava tão mal quanto.

Referência:	XXXI, 13. 3
Latim:	<i>..., et mutuis securium ictibus galeae perfringebantur atque loricae.</i>
Português:	...; e dos dois lados os golpes de machados rachava elmo e couraça.

f. Thoracum, thoraces, thorace (thorax) – peitoral

Referência:	XVI, 10. 8
Latim:	<i>Et incedebat hinc inde ordo geminus arinatorum, clipeatus atque cristatiis. Corusco luniinc radians, nitidis loriceis indutus, sparsique cataphracti equites (quos clibanarios dicitant) personati thoracum muniti tegminibus, et limbis ferreis cincti, ut Praxitelis manu polita crederes simulacra, non viros; quos laminarum circuli tenues, apti corporis flexibus anibiebant, per omnia membra diducti, ut quocumque artus necessitas commovisset, vestitus congrueret, iunctura cohaerenter aptata.</i>
Português:	E lá marchou em ambos os lados com duas linhas de infantaria com escudos e cristas brilhantes, vestido em malha reluzente; e dispersos entre eles a cavalaria pesada - encouraçada (a quem eles chamavam de <i>clibanarios</i>), todos mascarados, vestidos com peitorais protetores e presos ao redor com cintos de ferro, então você teria suposto que fossem estatuas polidas pelas mãos de Praxiteles, não homens. Finos círculos de placa de ferro, encaixado para as curvas de seus corpos; de modo que para qualquer lado que

	tivessem que mover seus membros, suas vestimentas encaixavam, tão habilmente eram feitas as junções.
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XIX, 1. 7
Latim:	<i>..., contorta ballista, filium eius primae pubis adulescentem, lateri paterno haerentem, thorace cum pectore perforato perfodit, proceritate et decore corporis aequalibus autestantem.</i>
Português:	..., e descarregando uma ballista, perfurando couraça e peitoral do filho de <i>Grumbates</i> , um jovem que acabou de se tornar homem, que estava cavalgando ao lado de seu pai e era notável entre seus companheiros por sua altura e beleza.

Referência:	XXV, 1. 1
Latim:	<i>Ubi vero primum dies inclaruit, radiantes loricae limbis circumdatae ferreis et corusci thoraces longe prospecti adesse regis copias indicabant.</i>
Português:	Mas assim que a primeira luz do dia apareceu, as brilhantes cotas de malha, rodeada de bandas de aço, e reluzentes couraças , vistas de longe, mostraram que a força do rei estava presente.

Referência:	XXIX, 3. 4
Latim:	<i>Praepositum fabricae oblato thorace polito faberrime, praemiumque ideo exspectantem, ea re praecepit occidi, quod pondus paulo minus habuit species ferrea quam ille firmarat.</i>
Português:	Um homem no commando da forja trouxe para o Imperador um peitoral artisticamente embelezado, e esperava uma recompense por isso; mas Valentiniano ordenou que ele fosse morto com igual crueldade porque o pedaço de armadura de ferro tinha menos peso que o estipulado.

g. Scutorum, scutum, scuti, scuto, scuta, scutis, scutorum (scutum) – escudo

Referência:	XVI, 12. 6
Latim:	<i>Alamanni enim scutorum insignia contuentes norant eos milites permisisse paucis suorum latronibus terram, quorum metu aliquotiens, cum gradum conferrent, amissis pluribus abiere dispersi.</i>
Português:	Para os alamanos, vendo os dispositivos dos escudos deles, perceberam que esses soldados, que tinham dado terreno antes para alguns de seus bandoleiros, era os homens com medo de quem eles tinham dispersados e fugido com pesadas perdas no passado, antes de chegarem perto.

Referência:	XVI, 12. 22
Latim:	<i>Norant enim licet prudentem ex equo bellatorem cum clibanario nostro congressum, frena retinentem et scutum, hasta una manu vibrata, tegminibus ferreis abscondito bellatori nocere non posse, peditem vero inter ipsos discriminum vértices, ...</i>
Português:	Pois eles perceberam que um de seus guerreiros em cavalo, não importa quão habilidoso, ao encontrar um de nossos cavaleiros em cota de malha, teve de manter as redeas e os escudos numa mão e brander sua lança com a outra, e não seria capaz e fazer qualquer mau a um soldado coberto com uma armadura de ferro; ...

Referência:	XVI, 12. 44
Latim:	<i>Sed violentia iraque incompositi, barbari in modum exarsere flammaram, nexamque scutorum compagem, quae nostros in modum testudinis tuebatur. Scindebant ictibus gladiatorum assiduis.</i>
Português:	Mas os selvagens, lançados em desordem pela sua violência e raiva, inflamaram como fogo, e retalhado com repetidos golpes de suas espadas com a proximidade da parede de escudos , que protegiam nossos homens como uma formação de tartaruga.

Referência:	XIX, 2. 2
Latim:	<i>Biduoque ad otium dato, ac missis abunde qui pacis modo patentis agros pingues cultosque vastarent, quinquens ordine multiplicato scutorum, cingitur civitas ac tertiae principio lucis, corusci globi turmarum impleverunt cuncta quae prospectus humanus potuit undique contueri, et sorte loca divisa, dementi gradu incedentes ordines occuparunt.</i>
Português:	Portanto, depois de dois dias trados para descansar, uma grande força foi enviada para devastar os ricos e cultivados campos, os quais estavam desprotegidos como em tempos de paz; em seguida a cidade foi assolada por cinco linhas de escudos , e na manhã do terceiro dia brilhantes tropas de cavalos preencheram todos os espaços que os olhos poderiam alcançar, e as linhas de soldados, avançando em passos silenciosos, se posicionaram nos lugares assinalados a eles pelo destino.

Referência:	XXI, 2. 1
Latim:	<i>Cum apud Parisios adhuc Caesar Iulianus quatiens scutum variis motibus exerceretur in campo, axiculis, quis orbis erat</i>

	<i>compaginatus, in vanum excussis ampla remanserat sola, quam retinens valida manu stringebat.</i>
Português:	Em Paris, quando Juliano, ainda Cesar, estava egitando seu escudo enquanto praticava vários exercícios no campo, as sessões que compõe a esfera do escudo desmoromou permanecendo só a alça, que ele segurava fortemente com a mão.

Referência:	XXI, 5. 9
Latim:	<i>Hoc sermone imperatoris vice alicuius oraculi conprobato mota est incitatus contio et rerum cupida novandarum unanimanti consensu voces horrendas inmani scutorum fragore miscebat, magnum elatumque ducem et, ut experta est, fortunatum domitorem gentium adpellans et regum.</i>
Português:	Com esse discurso do Imperador, não menos aprovado que a palavra de algum oraculo, a assembleia moveu fortemente. Impacientes por uma revolução, em acordo eles misturado e inspirados por gritos de medo com o choque dos escudos , chamaram ele um grande e exaltado líder e (como eles sabiam por experiência) um fortunado vitorioso sobre os povos e reis.

Referência:	XXI, 12. 4
Latim:	<i>Ordine itaque scutorum gemino Aquileia circumsaepta, concinentibus sententiis ducum conveniens visum est ad deditionem allicere defensores minacium blandorumque varietate sermonum: ...</i>
Português:	E então, quando Aquileia estava rodeada com uma dupla linha de escudos , era melhor pensado na unanima opinião dos generais, parte por tratados e parte por justas palavras, tentar induzir os defensores a se renderem; ...

Referência:	XXI, 12. 13
Latim:	<i>Et quidam elatis super capita scutis ut pugnaturi levius, alii vehentes umeris ut antea scalas ferventique impetu procurrentes, pectora multiformium telorum ictibus exponebant.</i>
Português:	Então alguns com seus escudos erguidos sobre suas cabeças, para serem menos prejudicados na luta, outros carregando escadas em seus ombros como antes, correram para evitar o fogo, expondo seus peitos aos machucados de diferentes tipos de armas (dardos).

Referência:	XXI, 12. 18
--------------------	-------------

Latim:	<i>Quae dum agitantur casibus ante dictis, supervenit, ut praeceptum est, Agilo, scutorumque densitate contactus prope fidenter accessit, multaque locutus et vera, quibus Constanti obitum firmatumque Iuliani docebat imperium, non sine conviciis confutabatur ut fallax.</i>
Português:	Enquanto esses eventos aconteciam com o resultado já descrito, Agilo (como ele tinha sido ordenado) veio a eles, e coberto por uma formação cerrada de escudos aproximou confidente; mas depois de dar um detalhado e verdadeiro relato da morte de Constâncio e o estabelecimento do governo de Juliano, ele foi oprimido com incontáveis injúrias como mentiroso.

Referência:	XXIII, 5. 24
Latim:	<i>Conclusa oratione ad hunc gratissimum finem, ductoris gloria proelior miles exsultans, speque prosperorum elatior, sublati altius scutis nihil periculosum fore vel arduum clamitabat sub imperatore plus sibi laboris quam gregariis indicente.</i>
Português:	Depois que o discurso chegou a mais acolhedora das conclusões, os guerreiros, exultando com a fama de seu líder, e ainda dispararam com esperança de sucesso, levantaram seus escudos e gritaram que nada seria perigoso ou difícil sob um líder que impõem mais labuta sobre si do que sobre o soldado comum.

Referência:	XXIV, 2. 12
Latim:	<i>..., asperi montis interrupta planitie superpositam, cuius medietas in sublime consurgens tereti ambitu Argolici scuti speciem ostendebat, nisi quod a septemtrione id, quod rotunditati deerat, in Euphratis fluentia proiectae cautes eminentius tuebantur, ...</i>
Português:	Na metade dessa montanha subiu a uma altura elevada, e o seu circuito arendodado tem o format de um escudo de <i>Argolic</i> , exceto que no lado norte, onde a circularidade era quebrada, penhascos que desciam para a corrente do Eufrades protegiam ainda mais fortemente.

Referência:	XXIV, 4. 10
Latim:	<i>Iamque imperator muris duplicibus oppidum ordine circumdatum trino scutorum, spe patrandi incepti maximis viribus oppugnabat. Sed ut erat necessarius adpetitus, ita effectu res difficillima.</i>
Português:	E agora o Imperador, tendo cercado, com uma tripla linha de escudos , a cidade, que tinha uma dupla muralha protegendo, assaltou-a com toda sua força, na esperança de ganhar.

Referência:	XXIV, 6. 7
Latim:	<i>Et miratur historia Rhodanum arma et lorica retinente Sertorio transnatatum, cum eo momento turbati quidam milites, veritique ne remanerent, post signum erectum, scutis, quae patula sunt et incurva, proni firmissus adhaerentes, eaque licet inperite regendo per voraginosum amnem velocitatem comitati sunt navium.</i>
Português:	História clama Sertorio por nadar em torno do Reno com couraça e armas; mas nessa ocasião alguns soldados em pânico, temendo ficar para traz depois que o sinal fosse dado, deitaram em seus escudos , que eram amplos e curvos, e agarrando-se rapidamente a eles, ainda que demonstrassem pouca habilidade de guia-los, mantiveram-se com os velozes navios através do curso das águas.

Referência:	XXIV, 6. 8
Latim:	<i>..., operimentis scorteis equorum multitudine omni defensa, quorum in subsidiis manipuli locati sunt peditum, contacti scutis oblongis et curvis, quae texta vimine et coriis crudis gestantes densius se commovebant.</i>
Português:	A cavalaria recebia suporte das companhias de infantaria, que, protegidas por escudos oblongos e curvos cobertos com vime e couro cru, avançavam em ordem bem apertada.

Referência:	XXIV, 8. 7
Latim:	<i>Ideo inter haec ita ambigua, nequid adversum accideret revocantibus agmina classicis, in valle graminea prope rivum multiplicato scutorum ordine in orbiculatam figuram metatis tutius quievimus castris.</i>
Português:	Sobre tais incertas condições, em ordem que nenhum desastre acontecesse, as trombetas chamaram as tropas para perto e nós acampamos num vale gramado perto de um riacho; e depois de avaliar o campo nós descansamos em segurança atrás de múltiplos círculos de escudos .

Referência:	XXV, 3. 3
Latim:	<i>Qua concitus clade oblitus loricae, scuto inter tumultum adrepto, properans ultimis ferre suppetias, revocatur alio metu, qui etiam antesignanos, unde discesserat, paria perpeti nuntiabat.</i>
Português:	Furioso com a infelicidade, ele esqueceu sua cota de malhas, apenas pegando um escudo na confusão; mas quando estava correndo para ajudar os da traseira, ele foi lembrado de outro

	perigo – a notícia que a vanguarda, que ele tinha acabado de deixar, estava tão mal quanto.
--	---------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXV, 3. 10
Latim:	<i>Reducto ad tentoria principe, incredibile dictu est, quo quantoque ardore miles ad vindictam ira et dolore ferventior involabat, hastis ad scuta concrepans, etiam mori si tulisset fors obstinatus.</i>
Português:	Mas quando o Imperador foi levado para sua tenda, os soldados, queimando com ira e tristeza, com inacreditável vigor apressaram-se a vinga-lo, brandindo suas lanças contra seus escudos , resolveram até mores se essa fosse a vontade do destino.

Referência:	XXVI, 6. 16
Latim:	<i>..., processit in publicum multitudine stipatus armatorum, signisque sublati erectius ire pergebat, circumclausus horrendo fragore scutorum lugubre concrepantium, quae metuentes ne a celsioribus tectis saxi vel tegularum fragmentis conflictarentur, densius ipsis galearum cristis aptabant.</i>
Português:	Então ele apareceu em público, cercado por homens armados, e agora avançando com mais confiança e com estandartes erguidos, participou com um temeroso estrondo de escudos pesadamente colidindo, o que os soldados com medo dele ser coberto com pedras e pedaços de telhados vindo de cima, seguraram rigorosamente juntos sobre as cristas de seus elmos.

Referência:	XXVI, 8. 9
Latim:	<i>Densetis cohaerentes supra capita scutis, primi transtris instabant armati, alii post hos semet curvantes humilius, tertiis gradatim inclinatis summis, ita ut novissimi suffraginibus insidentes formam aedificii fornicati monstrarent.</i>
Português:	...: em frente ficavam homens armados sobre os bancos de remadores com seus escudos seguros em conjunto sobre suas cabeças, aqueles atrás deles abaixavam-se um pouco, e aqueles da terceira fileira ficavam gradualmente mais baixos, e a última ficada sobre suas pernas, de modo que a ficavam com a aparência de um edifício em arco.

Referência:	XXVI, 9. 7
Latim:	<i>..., eumque secuti conplures iam pila quatientes et gladios ad imperatorem transeunt, cum vexillis scuta perversa gestantes, quod defectionis signum est apertissimum.</i>

Português:	...; então muitos outros seguiram ele que já estava brandindo suas lanças e espadas, e abandonando o Imperador com seus emblemas e escudos invertidos, o mais evidente símbolo de deserção.
-------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXIX, 5. 38
Latim:	<i>..., revertit et conglobatis suis scutaque in formidabilem moventibus gestum, controversas isdem opposuit manus.</i>
Português:	..., e com seus homens e ordem cerrada e brandindo seus escudos numa postura aterrorizante, encontraram o inimigo corpo a corpo.

Referência:	XXIX, 5. 48
Latim:	<i>Contra Romani, quamvis admodum pauci, tamen fortibus animis victoriisque antegressis elati, densatis lateribus, scutisque in testudinis formam cohaerenter aptatis restiterunt gradibus fixis, et a sole orto usque ad diei extimum pugna protenta, ...</i>
Português:	Por outro lado, os romanos, embora muito poucos em número, no entanto bravo de espírito e encorajados por suas vitórias anteriores, pressionaram lado a lado em formação cerrada e com escudos segurados juntos na formação de tartaruga, permaneceram firme e resistiram a eles; e a batalha durou do nascer do sol até o final do dia.

Referência:	XXX, 3. 4
Latim:	<i>Et venit inmane quo quantoque flatu distentus ut futurus arbiter superior pacis, dieque praedicto conloquii ad ipsam marginem Rheni caput altius erigens stetit, hinc inde sonitu scutorum intonante gentilium.</i>
Português:	E ele chegou enormemente inchado em todos os sentidos, como se ele esperasse ser o supremo arbitro da paz, e durante o dia definiu a conferencia, com a cabeça altamente erguida, ele ficou na beira do Reno enquanto o ressoar de escudos de seus companheiros trovejava sobre ele.

Referência:	XXXI, 7. 12
Latim:	<i>Iamque verrutis et missilibus aliis utrimque semet eminus lacessentes ad conferendas coiere minaciter manus, et scutis in testudinum formam coagmentatis pes cum pede conlatus est.</i>
Português:	E agora, depois de atacar um ao outro a distância com dardos e outros mísseis, eles se aproximaram para um conflito corpo a corpo; os escudos estavam firmes lado a lado em formação de tartaruga, e eles se ficaram pé com pé.

Referência:	XXXI, 12. 12
Latim:	<i>Dumque idem cornu nullo etiam tum interturbante extenditur, horrendo fragore sibilantibus armis pulsuque minaci scutorum territi barbari, ...</i>
Português:	E enquanto aquela mesma ala foi sendo estendida, ainda sem interrupção, os bárbaros estavam aterrorizados pelo horrível estrondo, o assobio de flechas e o ameaçador choque de escudos ; ...

h. *Iaculorum, iaculis, iaculatione, iaculis, iaculorum (iaculum) – dardos*

Referência:	XVI, 12. 43
Latim:	<i>...; iaculorum deinde stridentium crebritate, hinc indeque convolante, pulvis aequali motu adsurgens, et prospectum eripiens arma armis corporaque corporibus obtrudebat.</i>
Português:	Em seguida uma nuvem de dardos sibilantes voou para cá e para lá, a poeira surgiu com os movimentos dos dois lados e ocultou a visão, de modo que armas atingiram cegamente em armas e corpos contra corpos.

Referência:	XXI, 12. 6
Latim:	<i>..., pars confixi stridentibus iaculis retroque gradientes averterunt secum omnes alios metu similium a proposito pugnandi detortos.</i>
Português:	..., outros foram perfurados por dardos ; e quando os sobreviventes abriram caminho, eles carregaram com eles o restante, cujo medo de um destino parecido tirara deles o propósito da luta.

Referência:	XXVI, 8. 8
Latim:	<i>Morabantur autem effectum sagittis et glandibus ceterisque iaculis obsidentium saepe globi confixi, ...</i>
Português:	Contudo, o sucesso do trabalho era adiado porque muitas vezes massas inteiras de sitiadas eram mortas por flechas, fundas, e outros dardos , ...

Referência:	XXVII, 1. 3
Latim:	<i>..., visos eminus barbaros Romani sagittis aliisque levibus iaculis incessabant, quae illi reciprocis iactibus valide contorquebant.</i>
Português:	..., os romanos, vendo os bárbaros a distância, atacaram eles com flechas e outros dardos leves, que o inimigo vigorosamente devolveu tiro a tiro.

Referência:	XXXI, 10. 14
Latim:	<i>...: caedebant cadebantque nostrorum non pauci, simul arma imperatorii comitatus auro colorumque micantia claritudine, iaculatione ponderum densa confringebantur.</i>
Português:	...; nossos homens mataram muitos, mas não pouco dos seus pereceram, e ao mesmo tempo a armadura da guarda imperial, reluzente com ouro e brilhantes cores, foram destruídos pelos pesados dardos jogados densamente sobre eles.

Referência:	XXXI, 10. 19
Latim:	<i>Ut enim ille, quia perimere iaculis plurimas feras spectante consueverat populo, et centum leones in amphitheatrali circulo simul emissos telorum vario genere, ...</i>
Português:	Assim o Imperador sentiu exaltação sobre-humana, porque tantas vezes ele matou um grande número de animais selvagens com dardos na presença das pessoas, e abateu leões com vários tipos de dardos na arena do anfiteatro, ...

Referência:	XXXI, 13. 1
Latim:	<i>..., cedentes nostri multis interclamantibus restiterunt et proelium flammaram ritu adcrecens terrebant militum animos, confixis quibusdam rotatis ictibus iaculorum et sagittarum.</i>
Português:	...; nossos soldados que foram dando lugar se reuniram, trocando muitos gritos encorajadores, mas a batalha, espalhando como fogo, encheu seus corações com terror, enquanto números deles eram atingidos por golpes de lanças e flechas.

Referência:	XXXI, 15. 13
Latim:	<i>...: namque semineces aliqui aut magnis obriti ponderibus vel confixi iaculis pectora volvebantur, ...</i>
Português:	Alguns se contorciam mortalmente feridos, seja esmagado por uma grande massa de pedras ou com seus peitos perfurados com dardos , ...

i. *Spicula (spiculum)* – dardos

Referência:	XVI, 12. 46
Latim:	<i>Spicula tamen verrutaque missilia non cessabant, ferrataeque arundines fundebantur, ...</i>
Português:	Ainda dardos e javalins não cessaram de voar, com chuvas de flechas com pontas de ferro, ...

Referência:	XXIV, 4. 16
Latim:	<i>..., tum aptatae ligneis sagittis ballistae flexu stridoreque torquebantur, creberrima spicula funditantes, et scorpiones quocumque manus peritae duxissent, rotundos lapides evibrabant.</i>
Português:	...; em seguida, balistas adaptadas para flechas de madeira foram arqueadas e encheram com som penetrante, mandando uma chuva de mísseis ; e escorpiões, arrastado para vários lugares por hábeis mãos arremessaram pedras redondas.

Referência:	XXV, 1. 13
Latim:	<i>..., tendebant divaricatis brachiis flexiles arcus, ut nervi mammas praestringerent dexteras, spicula sinistris manibus cohaerent, ...</i>
Português:	Destes alguns, que estavam armados com dardos , estavam tão imóveis que você pensaria que eles estivessem seguros por grampos de bronze.

Referência:	XXXI, 2. 9
Latim:	<i>Eoque omnium acerrimos facile dixeris bellatores, quod procul missilibus telis, acutis ossibus pro spiculorum acumine arte mira coagmentatis, ...</i>
Português:	E por esse motivo você não hesitaria em chamar eles de os mais terríveis dos guerreiros, porque eles lutavam de longe com dardos de ossos cortantes, em vez das pontas usuais dos dardos , ligadas aos eixos com maravilhosa habilidade; ...

j. *Missilia, missilibus, missilium, missiles, missilia (missilis)* – mísseis

Referência:	XVI, 12. 46
Latim:	Spicula tamen verrutaque missilia non cessabant, ferrataeque arundines fundebantur, ...
Português:	Ainda dardos e mísseis não cessaram de voar, com chuvas de flechas com pontas de ferro, ...

Referência:	XIX, 1. 5
Latim:	<i>..., ut etiam vultus eius possit aperte cognosci, sagittis missilibusque ceteris, ob decora petitus insignia, ...</i>
Português:	..., por causa de seu notável adorno ele se tornou alvo de flechas e outros mísseis , e teria caído, ...

Referência:	XX, 4. 21
--------------------	-----------

Latim:	<i>..., pars crispantes missilia, alii minitantes nudatis gladiis, diverso vagoque (ut in repentino solet) excursu, occupavere volucriter regiam, ...</i>
Português:	..., alguns brandiam dardos , outros com espadas nuas e proferindo ameaças, apressaram-se a diante de diferentes lados e em desordem (como era usual em súbita comoção) rapidamente encheram o palácio.

Referência:	XX, 11. 21
Latim:	<i>..., et cum ligonibus et dolabris et vectibus scalae quoque propinquabant utrimque convolante missilium crebritate.</i>
Português:	...; além de enxadas, picaretas e alavancas os escaladores de escada também se aproximavam, enquanto mísseis voava rápido e em quatidade de ambos os lados.

Referência:	XXI, 12. 9
Latim:	<i>..., quos ante conpaginarant, transgredi festinarunt indiviso negotio ut, dum vicissim missilibus se petunt et saxis utrimqueseclus alte locati, ...</i>
Português:	Assim eles trabalharam em unissimo, enquanto aqueles que estavam a cima dos dois lados atacaram um ao outro com mísseis e pedras; ...

Referência:	XXIII, 4. 10-13
Latim:	<i>Testudo conpaginatur inmanis axibus roborata, longissimis ferreisque clavis aptata et contegitur coriis bubulis virgarumque recenti textura atque limo asperguntur eius suprema ut flammeos detrectet et missiles casus.</i>
Português:	...: um gradne mantelere é construído de fortes pranchas de grande extensão presas juntas com pregos de ferro, e cobertas com couro de boi e barreiras de galhos verdes; e sobre isso espalha-se uma lama, em ordem de protege-lo contra mísseis e fogo.

Referência:	XXIV, 2. 9
Latim:	<i>..., suscipitur oppugnandi exordium et armatorum triplici corona circumdatis muris die primo ad usque noctis initium missilibus certabatur.</i>
Português:	A muralha estava cercada por uma trípla linha de homens armados, e do nascer até o anoitecer eles lutaram com mísseis .

Referência:	XXVI, 8. 9
--------------------	------------

Latim:	<i>Quod machinae genus contra murales pugnas ideo figuratur hac specie, ut missilium ictus atque saxorum per decursus cadentium labiles, instar imbrium evanescant.</i>
Português:	Esse tipo de dispositivo, usado em batalhas contra fortalezas, tem essa forma a fim de que a saraivada de mísseis e pedras, deslizando para o lado em declive, pode fluir como um banho de chuva.

Referência:	XXXI, 6. 3
Latim:	<i>Quo malo praeter spem Gothi perculsi et concito quam considerato civium adsultu perterriti steterunt immobiles, laceratique ad ultimum detestatione atque conviciis et temptati missilium iactibus raris ad defectionem erupere confessam,</i>
Português:	...; mas quando eles foram finalmente conduzidos desesperados por pragas e ofensas, e poucos mísseis eram arremessados a eles, eles irromperam numa rebelião aberta.

Referência:	XXXI, 7. 12
Latim:	<i>Iamque verrutis et missilibus aliis utrimque semet eminus lacessentes ad conferendas coiere minaciter manus, et scutis in testudinum formam coagmentatis pes cum pede conlatus est.</i>
Português:	E agora, depois de atacar um ao outro a distância com dardos e outros mísseis , eles se aproximaram para um conflito corpo a corpo; os escudos estavam firmes lado a lado em formação de tartaruga, e eles se ficaram pé com pé.

k. *Sagitta, sagittis, sagittarios, sagittam, sagittarii, sagittas, sagittarum, sagitae* (*sagitta*) – flechas

Referência:	XVIII, 8. 11
Latim:	<i>Mihi dum avius ab itinere comitum quid agerem circumspicio, Verennianus domesticus protector occurrit, femur sagitta confixus, quam dum avellere obtestante coliega conarer, cinctus undique antecedentibus Persis, civitatem petebam.</i>
Português:	Eu mesmi, tendo pego uma direção a parte dos meus camaradas, estava olhando a volta para ver o que fazer, quando <i>Verennianus</i> , um dos guardas, apareceu com uma flecha na coxa; e enquanto pelo sério pedido do meu colega eu tentava retirá-la, me encontrei cercado por todos os lados pelo avanço dos persas, ...

Referência:	XIX, 1
Latim:	<i>Sapor, dum Amidenses ad deditionem hortatur, a praesidiariis sagittis et tragulis petitur.</i>

Português:	Sapor, enquanto instava o povo de Amida a se render, é atacado pela guarnição com flechas e dardos.
-------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XIX, 1. 5
Latim:	<i>..., ut etiam vultus eius possit aperte cognosci, sagittis missilibusque ceteris, ob decora petitus insignia, ...</i>
Português:	..., por causa de seu notável adorno ele se tornou alvo de flechas e outros mísseis, e teria caído, ...

Referência:	XIX, 2. 7
Latim:	<i>..., alii traiecti sagittis, ...</i>
Português:	...; outros foram perfurados por flechas , ...

Referência:	XIX, 5. 1
Latim:	<i>..., levia tamen per funditores et sagittarios proelia ne puncto quidem brevi cessabant.</i>
Português:	...; ainda nem por um momento os escaramuçadores enfraqueceram pelos funditores e arqueiros .

Referência:	XIX, 6. 9
Latim:	<i>..., parte suorum strata vel sagittarum undique volantium crebritate confixa, ...</i>
Português:	..., enquanto parte de seu próprio número foi morto ou ferido por uma nuvem de flechas voando de todos os lados.

Referência:	XX, 6. 6
Latim:	<i>Ad quam conversa plebe dimicabatur artissime, facesque cum taedis ardentibus et malleolis, ad exurendum inminens malum undique convolabant, nec sagittarum crebritate nec glandis hinc inde cessante.</i>
Português:	Para este ponto as pessoas se aglomeraram e a batalha continuou em densa ordem; de todos os lados voavam dardos incendiários com tochas em chamas e dardos inflamados para colocar fogo na grande ameaça, enquanto chuvas de flechas e projéteis de ambos os lados não paravam.

Referência:	XX, 7. 2
Latim:	<i>..., prope labra ipsa fossarum venit audentius, petitusque ballistarum ictibus certis et sagittarum, densitate opertus armorum in modum testudinis contextorum, abscessit innoxius.</i>
Português:	Mas tornando-se o alvo de repetidos dardos de balistas e flechas , ele foi protegido por uma apertada parede de escudos como uma formação de tartaruga, e saiu ileso.

Referência:	XX, 7. 6
Latim:	<i>Sagittarum enim nimbi crebrius volitantes, stantes confertius perforabant, ...</i>
Português:	Por chuvas de flechas rápidas e densas, atravessavam os defensores que se mantinham amontoados juntos.

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>Et quamquam angusti calles difficiliorem aditum dabant ad muros, aptatique arietes aegre promovebantur, manualium saxorum, sagittarumque metu arcente, ...</i>
Português:	E, embora as estreitas trilhas deram um acesso difícil para a muralha, e os aríetes que haviam sido preparados estavam progredindo com dificuldade, já que o medo de pedras jogadas por mãos e flechas mantinham-os fora, ...

Referência:	XX, 11. 17
Latim:	<i>... moxque ex aggeribus quos erexerunt Romani, idem Persea propugnaculis insistentes, sagittis incessebantur, et fundis telisque igniferis, quae per tegumenta turrium volitantia, paratis qui restingerent, plerumque irrita labebantur.</i>
Português:	Então, aqueles mesmo persas, quanto eles tomaram seus lugares nos baluartes foram assaltados pelas montanhas, que os romanos ergueram, com flechas , fundas, e dardos de fogo, que, embora voassem através das corberturas das torres, a maior parte caiu sem efeito, uma vez que havia homens para apagar os incêndios.

Referência:	XXI, 16. 7
Latim:	<i>Equitandi et iaculandi, maximeque perite dirigendi sagittas, artiumque armorum pedestris perquam scientissimus.</i>
Português:	Em cavalgando, em jogando dardos, e especialmente jogando flechas (com arco), e em todos os exercícios de soldados da infantaria, ele era adepto.

Referência:	XXIII, 4. 1-3
Latim:	<i>..., quarum prope unam adsistit artifex contemplabilis et subtiliter adponit in temonis cavamine sagittam ligneam spiculo maiore conglutinatum, hocque facto hinc inde validi iuvenes versant agiliter rotabilem flexum. Cum ad extremitatem nervorum acumen venerit summum, percita interno pulsu a ballista ex oculis avolat, interdum nimio ardore scintillans, ...</i>
Português:	Ele cuidadosamente coloca no sulco da barra de ferro uma flecha de madeira, ligada a uma grande ponta de ferro. Quando isto é feito, jovens forte em ambos os lados rapidamente gira os rolos e cordas. Quando sua ponta atinge o ponto externo da corda, a flecha , dirigida pelo poder de dentro, voa da ballista, algumas vezes emitindo fagulhas por causa do calor excessivo.

Referência:	XXIII, 4. 14-15
Latim:	<i>Malleoli autem, teli genus, figurantur hac specie. Sagitta est cannea inter spiculum et harundinem multifido ferro coagmentata, quae in muliebris coli formam, quo nentur lintea stamina, concavatur ventre subtiliter et plurifariam patens atque in alveo ipso ignem cum aliquo suscipit alimento.</i>
Português:	Mas dardos incendiários (um tipo de flecha) são feitos dessa forma: o eixo é de junco, e entre ele e a ponta existe uma cobertura com bandas de ferro; o que parece a roca de uma mulher para fazer fios de linho. É habilmente cavado no lado inferior, com muitas aberturas, e na cavidade é colocado o fogo e alguns líquidos inflamáveis.

Referência:	XXIV, 2. 14
Latim:	<i>..., imperator omnes aleae casus inter mutuas clades experiri festinans cuneatim stipatus densetisque clipeis ab ictu sagittarum defensus, veloci saltu comitantibus promptis prope portam venit hostilem crasso ferro crustatam.</i>
Português:	Diante disso, o Imperador, apressado para tentar cada golpe de sorte em meio a mútua matança, cercado por um grupo em formação de cunha, e protegidos das quedas de flechas por escudos seguros em conjunto, em rápido ataque com vigorosos guerreiros, chegaram perto do portão inimigo, o qual estava pesadamente coberta com ferro.

Referência:	XXIV, 4. 16
Latim:	<i>..., tum aptatae ligneis sagittis ballistae flexu stridoreque torquebantur, creberrima spicula funditantes, et scorpiones quocumque manus peritae duxissent, rotundos lapides evibrabant.</i>
Português:	...; em seguida, balistas adaptadas para flechas de madeira foram arqueadas e encheram com som penetrante, mandando uma chuva de mísseis; e escorpiões, arrastado para vários lugares por hábeis mãos arremessaram pedras redondas.

Referência:	XXIV, 6. 11
Latim:	<i>...: sagittarum periculis miles erat immunis, quantum interiora festinatius occupabat.</i>
Português:	...; e os soldados temendo os perigos das flechas quanto mais eles forçavam seus caminhos nas fileiras do inimigo.

Referência:	XXV, 1. 13
Latim:	<i>..., iuxtaque sagittarii, cuius artis fiducia ab incunabulis ipsis gens praevaluit maxima, tendebant divaricatis brachiis flexiles arcus, ut nervi mammas praestringerent dexteras, spicula sinistris manibus cohaerent, summaque peritia digitorum pulsibus argutum sonantes harundines evolabant vulnera perniciosa portantes.</i>
Português:	Rígidos, os arqueiros (pois aquela nação tinha confiança especial nessa arte desde o berço) foram retesando seus arcos flexíveis com braços longamente esticados a ponto de a corda encostar nos seus peitos direitos, enquanto as pontas das flechas ficavam perto de suas mãos esquerdas; e com um golpe altamente hábil dos dedos a flecha voa sibilando e traziam com elas feridas mortais.

Referência:	XXV, 1. 18
Latim:	<i>..., si inclinatas suorum copias senserint, cedendo in modum imbrium pone versus directis sagittis hostes a persequendi fiducia deterrere.</i>
Português:	..., mas se eles percebessem que suas forças estavam acabando, enquanto se retiravam eles iriam atirar suas flechas par traz como um banho de chuva e manter o inimigo longe de uma corajosa perseguição.

Referência:	XXVI, 8. 8
Latim:	<i>Morabantur autem effectum sagittis et glandibus ceterisque iaculis obsidentium saepe globi confixi, ...</i>

Português:	Contudo, o sucesso do trabalho era adiado porque muitas vezes massas inteiras de sitiadas eram mortas por flechas , fundas, e outros mísseis, ...
-------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXVI, 8. 12
Latim:	<i>..., subito corripendus incursu, tanto vigore evasit ut escensa navi, quam ad casus pararat ancipites, sequentem ac paene captam uxorem sagittarum nube diffusa defensam averteret secum: ...</i>
Português:	..., ele fez sua fuga com tanto vigor, que ele embarcou em um navio que ele tinha preparado em caso de perigo, e carregou sua mulher seguramente em meio a uma saraivada de flechas ...

Referência:	XXVII, 1. 3
Latim:	<i>..., visos eminus barbaros Romani sagittis aliisque levibus iaculis incessabant, quae illi reciprocis iactibus valide contorquebant.</i>
Português:	..., os romanos, vendo os bárbaros a distância, atacaram eles com flechas e outros mísseis leves, que o inimigo vigorosamente devolveu tiro a tiro.

Referência:	XXX, 1. 7
Latim:	<i>Nec minus paulo postea legionem secutam iamque adventantem ipse cum promptissimis retrorsus excurrrens, fundensque in modum scintillarum sagittas, ...</i>
Português:	Mas que isso, quando a legião seguiu ele um pouco tarde e o alcançou, cobram sua volta com homens valorosos, deitando-lhes flechas como banho de faíscas.

Referência:	XXXI, 6. 3
Latim:	<i>In qua difficultate diutius positi, passim et promiscue ruebant, eminensque aliquorum audacia peribat inulta, multique sagittis et rotatis per fundas lapidibus interibant.</i>
Português:	Permanecendo nessa difícil situação por algum tempo, eles fizeram dispersos e promíscuos ataques; a evidente audácia de alguns pereceu sem vingança, e muitos perderam suas vidas com flechas ou por pedras jogadas por fundas.

Referência:	XXXI, 10. 8
Latim:	<i>Proinde horrifico adversum fragore terrente, primum apud Argentariam signo per cornicines dato concurrere est coeptum,</i>

	<i>sagittarum verrutorumque missilium pulsibus crebriores hinc indeque sternebantur.</i>
Português:	Portanto, quando o lado oposto aterrorizado pelo grito de batalha ouvido, o sinal foi dado pelas cornetas de chefres e a batalha começou em <i>Argentaria</i> ; e muitos foram abatidos dos dois lados por ferimentos de flechas voadoras e dardos.

Referência:	XXXI, 10. 19
Latim:	<i>..., sagittarum pulsibus crebris dentatas conficiens bestias: incidentia multa parvi ducebat et seria: ...</i>
Português:	..., enquanto ele perfurou animais com dentes afiados com muitos tiros de flechas dentro das caixas que eram chamadas viveiro, negligenciadas em pequenos momentos de muitas ocorrências sérias; ...

Referência:	XXXI, 13. 1
Latim:	<i>..., cedentes nostri multis interclamantibus restiterunt et proelium flammaram ritu adcrevens terrebat militum animos, confixis quibusdam rotatis ictibus iaculorum et sagittarum.</i>
Português:	...; nossos soldados que foram dando lugar se reuniram, trocando muitos gritos encorajadores, mas a batalha, espalhando como fogo, encheu seus corações com terror, enquanto números deles eram atingidos por golpes de lanças e flechas .

Referência:	XXXI, 13. 15
Latim:	<i>Cum enim oppessulatas ianuas perrumpere conati, qui secuti sunt, a parte pensili domus sagittis incesserentur, ne per moras inexpedibiles populandi ammitterent copiam, congestis stipulae fascibus et lignorum, flammaque supposita, aedificium cum hominibus torruerunt.</i>
Português:	Por um tempo os perseguidores estavam tentando abrir as portas trancadas, eles foram assaltados com flechas da varanda da casa; e temendo que o inevitável atraso fizesse perder a oportunidade de pilagem, eles empilharam fardos de palha e lenha sobre a casa, e colocaram fogo nelas, queimando homens e tudo o mais.

Referência:	XXXI, 15. 11
Latim:	<i>Ideoque mandatum est ut nervis ferrum hgnumque conectentibus ante iactum incisus emitterentur arcu sagittae, quae volitantes vires integras servabant, infixae vero corporibus nihil vigoris perdebant, aut certe, si cecidissent in vanum, ilico frangebantur.</i>

Português:	E, então foi ordenado que as cordas pelas quais as farpas foram presas ao eixo, fossem cortadas antes de liberarem as flechas dos arcos; assim, durante seus vôos mantivessem toda a sua força, e, quando fossem fixados nos corpos do inimigo, não perdessem nenhuma da sua eficiência, ou de outra forma, se elas não achessem um alvo, eram quebradas na hora.
-------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

l. *Tragulis, tragulae (tragula) – dardo*

Referência:	XIX, 1
Latim:	<i>Sapor, dum Amidenses ad deditionem hortatur, a praesidiariis sagittis et tragulis petitur.</i>
Português:	Sapor, enquanto instava o povo de Amida a se render, é atacado pela guarnição com flechas e dardos .

Referência:	XIX, 1. 5
Latim:	<i>..., ni pulvere iaculantium adimente conspectum parte indunienti tragulae ictu discissa, editurus postea strages innumeras evasisset.</i>
Português:	..., Após parte de sua vestimenta ter sido rasgada pelo golpe de um dardo que ele escapou, para causar a morte de milhares no futuro.

Referência:	XIX, 2. 7
Latim:	<i>Proinde diffractis capitibus, multos hostium scorpionum iactu moles saxae colliserunt, alii traiecti sagittis, pars confixi tragulis humum corporibus obstruebant, ...</i>
Português:	Então cabeças são destruídas, quando massas de pedra, voam de escorpiões, esmagando muitos inimigos; outros são perfurados por flechas, outros são derrubados por dardos e seus corpos ficaram espalhados pelo chão.

m. *Funditores, fundarum, fundae, fundas, fundis (funditor, funda) – funda*

Referência:	XIX, 5. 1
Latim:	<i>..., levia tamen per funditores et sagittarios proelia ne puncto quidem brevi cessabant.</i>
Português:	...; ainda nem por um momento os escaramuçadores enfraqueceram pelos funditores e arqueiros.

Referência:	XIX, 7. 7
Latim:	<i>Cumque omni ex latere armorum et operum bcluarumque molibus urgeremur, per scorpionum ferreas fundas e propugnaculis subinde rotundi lapides iacti, dissolutis turrium coagmentis,</i>

	<i>ballistas earumque tortores ita fudere praecipites, ut quidam citra vulnrum noxas, alii obriti magnitudine poriderum interirent, ...</i>
Português:	E enquanto nós eramos duramente precionados de todos os lados pelo peso das armas, trabalhos de cerco, e monstros, pedras redondas jogadas a intervalos dos batimentos pelos braços de ferro e fundas dos nossos escorpiões destruindo as juntas das torres, e derrubando as balistas e aqueles que trabalhavam nelas precipitadamente, que alguns pereceram sem injúrias de ferimentos, outros foram esmagados pelo gradne peso dos detritus.

Referência:	XX, 11. 12
Latim:	<i>..., tormenta nihilo minus et lapidum crebritas atque fundarum ex utraque parte plurimos cnosumebant, ...</i>
Português:	..., ainda a artilharia e o banho de pedras e fundas continuaram, no entanto, a destruir gradne número dos dois lados.

Referência:	XX, 11. 17
Latim:	<i>... moxque ex aggeribus quos erexerunt Romani, idem Persea propugnaculis insistentes, sagittis incessebantur, et fundis telisque igniferis, quae per tegumenta turrium volitantia, paratis qui restinguerent, plerumque irrita labebantur.</i>
Português:	Então, aqueles mesmo persas, quanto eles tomaram seus lugares nos baluartes foram assaltados pelas montanhas, que os romanos ergueram, com flechas, fundas , e dardos de fogo, que, embora voassem através das corberturas das torres, a maior parte caiu sem efeito, uma vez que havia homens para apagar os incêndios.

Referência:	XXIV, 4. 28
Latim:	<i>Inter haec certamina nostrae partis architectus, cuius nomen non suppetit, post machinam scorpionis forte adsistens, reverberato lapide, quem artifex titubanter aptaverat fundae, obliso pectore supinatus profudit animam, disiecta conpage membrorum adeo ut ne signa quidem totius corporis noscerentur.</i>
Português:	No curso desse contexto um construtor do nosso lado, cujo nome eu não me lembro, aconteceu de estar parado atrás de um <i>scorpio</i> , quando uma pedra que fora colocada inseguramente na funda pelo artilheiro foi lançada para trás. O homem infeliz foi jogado para traz com sei peito esmagado, e morto; e seus membros foram tão dilacerados que nem partes inteiras do seu corpo pode ser identificada.

Referência:	XXXI, 6. 3
Latim:	<i>In qua difficultate diutius positi, passim et promiscue ruebant, eminensque aliquorum audacia peribat inulta, multique sagittis et rotatis per fundas lapidibus interibant.</i>
Português:	Permanecendo nessa difícil situação por algum tempo, eles fizeram dispersos e promíscuos ataques; a evidente audácia de alguns pereceram sem vingança, e muitos perderam suas vidas com flechas ou por pedras jogadas por fundas .

Referência:	XXXI, 7. 14
Latim:	<i>Et cum omnia caesorum corporibus opplerentur, iacebant inter eos quidam semianimes, spem vitae inaniter usurpando, alii glande fundis excussa vel harundinibus armatis ferro confixi, quorundam capita per medium frontis et verticis mucrone distincta in utrumque humerum magno cum horrore pendebant.</i>
Português:	E enquanto toda a batalha era coberta por corpos, alguns estavam caído sobre eles mortalmente feridos, e cultivavam uma vã esperança de vida; alguns foram feridos com arremessos de fundas ou perfurados por flechas inclinadas com ferro; [plumbata] ...

Referência:	XXXI, 15. 13
Latim:	<i>Sed bucinis optimatum monitu occinentibus instauratum est proelium, et pari modo res Romana superior stetit, nullo ferme alio telo vel funditoris amento in cassum excusso.</i>
Português:	Mas, com a ordem de seus chefes as trombetas soaram e a batalha foi retomada, e da mesma forma os romanos seguravam a vantagem, já que quase nenhuma pedra arremessada pela correia de uma funda , ou outro míssil (dardo) quando atirados, erraram seus alvos.

n. *Securibus, securium (securis) – machado*

Referência:	XIX, 6. 7
Latim:	<i>Inter haec Galli morarum impatientes, securibus gladiisque succincti, patefacta sunt egressi postica, ...</i>
Português:	Enquanto isso os gauleses, impacientes pelo atraso, armados com machados e espadas correram para fora através de um portão aberto, ...

Referência:	XXXI, 13. 3
Latim:	<i>..., et mutuis securium ictibus galeae perfringebantur atque loricae.</i>

Português:	...; e dos dois lados os golpes de machados rachava elmo e couraça.
-------------------	----------------------------------------------------------------------------

o. Ferro, ferrum (ferrum) – arma de ferro, espada

Referência:	XIX, 8. 4
Latim:	<i>Accitis igitur regis imperio proelioribus universis, strictoque comminus ferrum, cum sanguis utrobique immensis caedibus funderetur, oppilatae sunt corporibus fossae latiorque via ideo pandebatur, ...</i>
Português:	Conforme, o commando do rei todos os guerreiros foram convocados e e houve uma disputa corpo a corpo com espadas em punhos; sangue jorrou de todos os lados, da grade carnificina; os espaços foram bloqueados com corpos e assim um amplo caminho foi feito.

Referência:	XX, 6. 7
Latim:	<i>Dumque adhuc ferrum certatur et ignibus, turri conlapsa, cum patuisset iter in urbem, nudato propugnatoribus loco, quos periculi disiecerat magnitudo, ...</i>
Português:	E, enquanto o combate ainda acontecia com fogo e espada , a torre desabou e um caminho foi feito para a cidade; os defensores, aterrorizados pelo grande perigo, abandonaram seus lugares; ...

Referência:	XXI, 12. 20
Latim:	<i>Romulus vero post eum et Sabostius curiales convicti sine respectu periculi in studia saeviisse discordiarum, poenali consumpti sunt ferrum.</i>
Português:	Mas depois dele <i>Romulus</i> e <i>Sabostius</i> , senadores de Aquileia, foram condenados de terem espalhados sementes da discórdia sem considerar as perigosas consequências, morreram pela espada do carrasco.

Referência:	XXI, 13. 14
Latim:	<i>... nec enim dubium, favore numinis summi praesente, cuius perenni suffragio damnantur ingrati, ferrum impie praeparatum ad eorum interitum esse vertendum, qui non lacessiti sed aucti beneficiis pluribus ad insontium pericula surrexerunt.</i>
Português:	Pois não há dúvidas de que, com a presente ajuda da mais alta divindade, a qual pelo eterno veretido os ingratos são condenados, a espada que foi impiedosamente afiada deve inevitavelmente ser voltada para a destruição daqueles que, não provocou, mas se fez

	grande por muitos favores, ascenderam pondo em perigo os inocentes.
--	---------------------------------------------------------------------

Referência:	XXV, 3. 7
Latim:	<i>Quam dum avellere dextra manu conatur, acuto utrimque ferro digitorum nervos sensit excisos, et provolutus iumento praesentiumque veloci concursu relatus in castra, medicinae ministeriis fovebatur.</i>
Português:	Enquanto ele tentava arrancar isso com sua mão direita, ele sentiu que os tendões de seu dedo foram cortados dos dois lados por uma lâmina afiada. Então ele caiu de seu cavalo, todos os presents correram até o local, ele foi levado para o campo e dado o tratamento medico.

Referência:	XXV, 3. 19
Latim:	<i>Nec fateri pudebit, interiturum me ferro dudum didici fide fatidica praecinente.</i>
Português:	E, eu não posso ter vergonha de aasumir, que eu aprendi a tempos atrás, atarvés das palavras confiáveis de uma profecia, que deveria perecer pela espada .

Referência:	XXV, 7. 4
Latim:	<i>..., exacto miserabiliter biduo, furebat inedia iraque percitus miles, ferro properans quam fame ignavissimo genere mortis absumi.</i>
Português:	...; excitados pela fome e pela ira, eles estavam em frenezi e impacientes para perderem suas vidas pela espada , em vez de pela fome, o mais vergonhoso tipo de morte.

Referência:	XXVII, 4. 9
Latim:	<i>E quibus praeter alios ut inmaniter efferati memorantur Odrysaе, ita humanum fundere sanguinem adsueti ut, cum hostium copia non daretur, ipsi inter epulas post cibi satietatem et potus suis velut alienis corporibus inprimerent ferrum.</i>
Português:	Destes, os <i>Odrysaе</i> são conhecidos por sua fúria além das outras, estando habituados ao derramamento de sangue humano que quando não tem nenhum inimigo perto, em suas festas, depois de saciada a fome e a sede eles mergulham a espada nos corpos de seu próprio companheiros, como se eles fossem algum estrangeiro.

Referência:	XXIX, 6
Latim:	<i>Quadi, nefária Gabinii regis sui caede incitati, Pannonias et Valeriam igni et ferro cum Sarmatis vastant, et legiones duas paene totas delent. De Claudii praefectura urbana.</i>
Português:	Os <i>Quadi</i> , desperatados pelo brutal assassinado de seu rei <i>Gabinus</i> , com os sarmatas devastando a Panônia e a Valéria com fogo e espada , e quase destruindo duas legiões. Sobre a prefeitura da cidade de <i>Claudius</i> .

Referência:	XXXI, 2. 9
Latim:	<i>..., et distantia percursa comminus ferro sine sui respectu confligunt, hostisque, dum mucronum noxias observant, ...</i>
Português:	...; então eles galoparam sobre os espaços de intervenção e luta corpo a corpo com espadas , despreocupados com a própria vida; ...

p. Centonem (cento) – pano sob o elmo

Referência:	XIX, 8. 8
Latim:	<i>..., unde explicite fune ingenti, centonem quern sub galea uniis ferebat e nostris, ultimae aptavimus summitati, qui per funem coniectus, aquasque hauriens ad peniculi modum, facile sitim qua urgebaraur exstinxit.</i>
Português:	No extremo final disso nós amarramos uma touca , que um de nós usávamos debaixo do elmo, e quando isso foi abaixado pela esperança e puxado com água como uma esponja, prontamente saciou a sede pela qual fomos atormentados.

q. Galea, galearum, galeis, galearum, galeam (galea) – elmo

Referência:	XIX, 8. 8
Latim:	<i>..., unde explicite fune ingenti, centonem quern sub galea uniis ferebat e nostris, ultimae aptavimus summitati, qui per funem coniectus, aquasque hauriens ad peniculi modum, facile sitim qua urgebaraur exstinxit.</i>
Português:	No extremo final disso nós amarramos uma touca, que um de nós usávamos debaixo do elmo , e quando isso foi abaixado pela esperança e puxado com água como uma esponja, prontamente saciou a sede pela qual fomos atormentados.

Referência:	XX, 11. 12
Latim:	<i>..., quod decernentes sub imperatoris conspectu spe praemiorum, ut possint facile qui essent agnosci, nudantes galeis capita sagittariorum hostilium peritia fundebantur.</i>
Português:	... quando eles estavam sobre os olhos do Imperador, com esperança de serem recompensados e com desejo de serem reconhecidos facilmente, eles tiraram seus elmos da cabeça e caíram vítimas dos habilidosos arqueiros inimigos.

Referência:	XX, 11. 21
Latim:	<i>His satis provisus, prope ispum crepusculum triplex acies nostrorum instructa comisque galearum minacius nutans scalas vehentibus multis, impetum conabatur in muros.</i>
Português:	Quando essas preparações foram suficientemente feitas, When these preparations had been sufficiently made, pouco antes do amanhecer nossos homens estavam compostos em três divisões e tentaram um assalto as muralhas, os cones de seus elmos balançavam em sabia ameaça e muitos carregadores de escadas.

Referência:	XXIV, 2. 5
Latim:	<i>Et primo lucis exordio cum essent hostes iam in contuitu, visi tunc primitus corusci galeis et horrentes indutibus rigidis, milites in procinctum impetu veloci tendentes eos involavere fortissime.</i>
Português:	No nascer do sol o inimigo estava já a vista, e nós o vimos pela primeira vez em seus elmos brilhantes e vestindo duras correntes; mas nossos soldados apressaram-se para a batalha em passos rápidos, e caíram sobre eles valentemente.

Referência:	XXVI, 6. 16
Latim:	<i>..., processit in publicum multitudine stipatus armatorum, signisque sublatis erectius ire pergebat, circumclausus horrendo fragore scutorum lugubre concrepantium, quae metuentes ne a celsioribus tectis saxis vel tegularum fragmentis conflictarentur, densius ipsis galearum cristis aptabant.</i>
Português:	Então ele apareceu em público, cercado por homens armados, e agora avançando com mais confiança e com estandartes erguidos, participou com um temeroso estrondo de escudos pesadamente colidindo, o que os soldados com medo dele ser coberto com pedras e pedaços de telhados vindo de cima, seguraram rigorosamente juntos sobre as cristas de seus elmos .

Referência:	XXVII, 10. 11
Latim:	<i>..., legionum se gremiis inmersisset post abruptum periculum, cui adeo proximus fuit, ut galeam eius cubicularius ferens auro lapillisque distinctam, cum ipso tegmine penitus interiret nec postea vivus reperiretur aut interfectus.</i>
Português:	..., e refugiando-se no seio de sua legião após um eminente perigo, ao quale le estava tão perto que o ajudante que carregava o elmo do Imperador, adornado com ouro e pedras preciosas, desapareceu completamente junto com o elmo, e não pode ser achado depois nem vivo nem morto.

Referência:	XXXI, 13. 3
Latim:	<i>..., et mutuis securium ictibus galeae perfringebantur atque loricae.</i>
Português:	...; e dos dois lados os golpes de machados rachava elmo e couraça.

r. Verrutis, verrutorum (verrutis) – dardo

Referência:	XIX, 11. 11
Latim:	<i>Qui cum ex alto despiciens, plena omnia discurrentis turbae cum missilibus vidisset, relictisque gladiis et verrutis iam propinquante pernicie, ...</i>
Português:	Ele, olhando para baixo de seu lugar alto e vendo tudo preenchido com uma multidão correndo com mísseis, e a morte já iminente pelas espadas e dardos nus, ...

Referência:	XXVII, 10. 15
Latim:	<i>Disiecti denique Romanorum ardore metuque turbati, miscentur ultimis primi, dumque in pedes versi discedunt, verrutis hostilibus forabantur et pilis.</i>
Português:	Mas, ao final os alamanos lançados em confusão, pela impetuosidade dos romanos, e, desorientados com medo, a dianteira de misturava com a traseira, e quando eles viravam e escapavam eles eram perfurados por nossos dardos e lanças.

Referência:	XXXI, 7. 12
Latim:	<i>Iamque verrutis et missilibus aliis utrimque semet minus lacessentes ad conferendas coiere minaciter manus, et scutis in testudinum formam coagmentatis pes cum pede conlatus est.</i>
Português:	E agora, depois de atacar um ao outro a distância com dardos e outros mísseis, eles se aproximaram para um conflito corpo a

	corpo; os escudos estavam firmes lado a lado em formação de tartaruga, e eles se ficaram pé com pé.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXXI, 10. 8
Latim:	<i>Proinde horrífico adversum fragore terrente, primum apud Argentariam signo per cornicines dato concurrí est coeptum, sagittarum verrutorumque missilium pulsibus crebriores hinc indeque sternebantur.</i>
Português:	Portanto, quando o lado oposto aterrorizado pelo grito de batalha ouvido, o sinal foi dado pelas cornetas de chefes e a batalha começou em <i>Argentaria</i> ; e muitos foram abatidos dos dois lados por ferimentos de flechas voadoras e dardos .

s. *Clipeos, clipeorum, clipeis (clipeus) – escudo*

Referência:	XX, 5. 8
Latim:	<i>Hac fiducia spei maioris animatus inferior miles, dignitatum iam diu expers et praemiorum, hastis feriendo clipeos sonitu assurgens ingenti, uno prope modum ore dictis favebat et coeptis.</i>
Português:	Através da confiança nessas promessas, os soldados de baixo nível, que a muito não dividia as honras e recompensas, foram inspirados com grande esperança; erguendo-se e brandindo suas lanças contra seus escudos com grande alarido, quase como uma voz eles aclamaram as palavras e planos do Imperador.

Referência:	XX, 11. 8
Latim:	<i>..., et quia telorum omne genus in subeuntes effundebatur, nexu clipeorum soluto discessum est, in receptum canentibus signis.</i>
Português:	...; mas desde que todo tipo de armas estavam banhando eles enquanto eles surgiam, a conexão de escudos foi quebrada e eles desistiram, enquanto as trombetas soavam o a retirada.

Referência:	XXIV, 2. 5
Latim:	<i>Et quamvis arcus validis viribus flecterentur et splendor ferri intermicans Romanorum metum auget, ira tamen acuate virtutem clipeorum densitate contacti, ne possint emittere coegerunt.</i>
Português:	E, contudo, os arcos foram dobrados por mãos fortes e o brilho imediato do aço foi adicionado ao medo dos romanos, ainda a raiva estimulou seu valor, e cobrindo com um conjunto cerrado de escudos eles precionaram o inimigo tão duramente que eles não podiam usar seus próprios arcos.

Referência:	XXIV, 2. 14
Latim:	<i>..., imperator omnes aleae casus inter mutuas clades experiri festinans cuneatim stipatus densetisque clipeis ab ictu sagittarum defensus, veloci saltu comitantibus promptis prope portam venit hostilem crasso ferro crustatam.</i>
Português:	Diante disso, o Imperador, apressado para tentar cada golpe de sorte em meio a mútua matança, cercado por um grupo em formação de cunha, e protegidos das quedas de flechas por escudos seguros em conjunto, em rápido ataque com vigorosos guerreiros, chegaram perto do portão inimigo, o qual estava pesadamente coberta com ferro.

Referência:	XXV, 1. 18
Latim:	<i>Et fervente certaminum mole, clipeorum sonitus et virorum armorumque lugubre sibilantium fragor, nihil perpetiens iam remissum, campos cruore et corporum strage contextit, ...</i>
Português:	E no calor do combate que se seguiu, o encontro de escudos , os gritos dos homens, e o som dolente do zunido das setas, continuou sem interrupção.

t. Malleolis, maléolos, malleoli (malleolus) – maço incendiário

Referência:	XX, 6. 6
Latim:	<i>Ad quam conversa plebe dimicabatur artissime, facesque cum taedis ardentibus et malleolis, ad exurendum imminens malum undique convolabant, nec sagittarum crebritate nec glandis hinc inde cessante.</i>
Português:	Para este ponto as pessoas se aglomeraram e a batalha continuou em densa ordem; de todos os lados voavam dardos incendiários com tochas em chamas e dardos inflamados para colocar fogo na grande ameaça, enquanto chuvas de flechas e projéteis de ambos os lados não paravam.

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>..., quorum assiduitate per proclive labentium, machinae haerebant velut altis radicibus fixae, easque malleoli et faces iactae destinatus exurebant.</i>
Português:	Por causa da constant queda desses enquanto rolavam ladeira abaixo, os engenhos foram interrompidos como se tivessem criados raízes profundas, e a constante chuva de dardos incendiários e marcas atearam fogo nelas.

Referência:	XX, 11. 13
Latim:	<i>Et Persae aggerum altitudine iam in sublime porrecta, machinaeque ingentis horrore percussi, quam minires quoque sequebantur, omnes exurere vi maxima nitebantur, et assidue malleolos atque incendiaria tela torquentes, laborabant in cassum, ...</i>
Português:	Persas, também, quando a altura de seus montes já havia se tornado grande, acometido de horror do grande aríete, que outros menores seguiram, todos se esforçaram com força e energia para atear fogo a eles, constantemente lançando tochas e dardos em chamas.

Referência:	XXIII, 4. 14-15
Latim:	<i>Malleoli autem, teli genus, figurantur hac specie. Sagitta est cannea inter spiculum et harundinem multifido ferro coagmentata, quae in muliebris coli formam, quo nentur lintea stamina, concavatur ventre subtiliter et plurifariam patens atque in alveo ipso ignem cum aliquo suscipit alimento. 15 Et si emissa lentius arcu invalido ictu enim rapidiore extinguitur haeserit usquam, tenaciter cremat aquisque conspersa aciores excitat aestus incendiorum, nec remedio ullo quam superiacto pulvere consopitur.</i>
Português:	Mas malleolus , dardos incendiários (um tipo de flecha), são feitos dessa forma: o eixo é de junco, e entre ele e a ponta existe uma cobertura com bandas de ferro; o que parece a roca de uma mulher para fazer fios de linho. É habilmente cavado no lado inferior, com muitas aberturas, e na cavidade é colocado o fogo e alguns líquidos inflamáveis. E se for atirado devagar com um arco pouco frouxo (para que não seja extinto por um voo muito rápido) e preso em qualquer lugar, ele queima persistentemente, e a água jogada instiga o fogo a altas temperaturas; e não há uma forma de extingui-lo, exceto por derramamento de areia no fogo.

Referência:	XXIV, 4. 16
Latim:	<i>Verum ubi vimineas crates prae se ferentes oppugnatores iam moenia perurgerent, cum sagittariis funditores, alii quin etiam saxa volventes ingentia cum facibus et malleolis eos longius propulsabant, ...</i>
Português:	Mas, quando os sitiadores, carregando diante deles tapumes de vime, estavam ameaçando as muralhas, os fundeiros dos inimigos e arqueiros, outros até rolando grande pedras, com tochas e dardos incendiários para mantê-los a distância; ...

u. *Arcus, arcu (arcus) – arco*

Referência:	XXII, 8. 10
Latim:	<i>..., in speciem Scythici arcus nervo coagmentati geographiae totius adsensione formatur.</i>
Português:	...; e de acordo com testemunho de todos os geografos ele tem a forma de um arco cita torcido.

Referência:	XXIII, 4. 14-15
Latim:	<i>Et si emissa lentius arcu invalido ictu enim rapidiore extinguitur haeserit usquam, tenaciter cremat aquisque conspersa acriores excitat aestus incendiorum, nec remedio ullo quam superiacto pulvere consopitur.</i>
Português:	E se for atirado devagar com um arco pouco frouxo (para que não seja extinto por um voo muito rápido) e preso em qualquer lugar, ele queima persistentemente, e a água jogada instiga o fogo a altas temperaturas; e não há uma forma de extingui-lo, exceto por derramamento de areia no fogo.

Referência:	XXIII, 6. 37
Latim:	<i>..., quo inlitum telum, si emissum lentius laxiore arcu nam ictu extinguitur rapido haeserit usquam, tenaciter cremat, ...</i>
Português:	Se um míssel (dardo) é besuntado com esse óleo e atirado lentamente por um arco frouxo (pois é extinto por um voo rápido), onde ele pousar ele queima persistentemente...

Referência:	XXIV, 2. 5
Latim:	<i>Et quamvis arcus validis viribus flecterentur et splendor ferri intermicans Romanorum metum auget, ira tamen acuate virtutem clipeorum densitate contacti, ne possint emittere coegerunt.</i>
Português:	E, contudo, os arcos foram dobrados por mãos fortes e o brilho imediato do aço foi adicionado ao medo dos romanos, ainda a raiva estimulou seu valor, e cobrindo com um conjunto cerrado de escudos eles precionaram o inimigo tão duramente que eles não podiam usar seus próprios arcos .

Referência:	XXIV, 2. 13
Latim:	<i>Cum enim idem prohibitores catapultis nostrorum urgerentur atque ballistis, ipsi quoque ex edito arcus erigebant fortiter tensos, quibus panda utrimque surgentia cornua ita lentius flectebantur ut</i>

	<i>nervi digitorum acti pulsibus violentis harundines ferratas emitterent, quae corporibus inlissae contrariis letaliter figebantur.</i>
Português:	Pois, esses mesmo defensores fortemente pressionados por nossas catapultas e balistas, eles por sua vez montaram no alto arcos fortemente esticados, cuja ampla curva estendendo dos dois lados foram arqueadas tão flexivelmente que quando as cordas foram soltas pelos dedos, que as flechas com pontas de ferro que eles liberaram com estrondo batiam nos corpos expostos a elas e atravessaram-os com efeito mortal.

Referência:	XXV, 1. 13
Latim:	<i>..., iuxtaque sagittarii, cuius artis fiducia ab incunabulis ipsis gens praevaluit maxima, tendebant divaricatis brachiis flexiles arcus, ut nervi mammae praestringerent dexteras, spicula sinistris manibus cohaerent, summaque peritia digitorum pulsibus argutum sonantes harundines evolabant vulnera perniciosa portantes.</i>
Português:	Rígidos, os arqueiros (pois aquela nação tinha confiança especial nessa arte desde o berço) foram retesando seus arcos flexíveis com braços longamente esticados a ponto de a corda encostar nos seus peitos direitos, enquanto as pontas das flechas ficavam perto de suas mãos esquerdas; e com um golpe altamente hábil dos dedos a flecha voa sibilando e traziam com elas feridas mortais.

v. *Lamminis corporum, lamminis (Lamina corporis) – placas de ferro*

Referência:	XXIV, 6. 8
Latim:	<i>Contra haec Persae obiecerunt instructas cataphractorum equitum turmas sic confertas, ut lamminis coaptati corporum flexus splendore praestringerent occursantes obtutus, operimentis scorteis equorum multitudine omni defensa, quorum in subsidiis manipuli locati sunt peditum, contacti scutis oblongis et curvis, quae texta vimine et coriis crudis gestantes densius se commovebant.</i>
Português:	Os persas opostos a nós com bandas cerradas de cavaleiros em cotas de malha, tão fechada que o brilho do movimento dos corpos encobertos com uma densa montagem de peças de ferro deslumbrou aqueles que olhavam para eles, enquanto toda a multidão de cavalos era protegida por couros. A cavalaria tinha o apoio da infantaria, que, protegida por oblongos, escudos curvos cobertos com vime e couro cru, avançavam em ordem bem cerrada.

Referência:	XXV, 1. 12
Latim:	<i>Erant autem omnes catervae ferratae ita per singula membra densis lamminis tectae, ut iuncturae rigentes conpagibus artuum convenirent, humanorumque vultuum simulacra ita capitibus diligenter apta, ut inbracteatis corporibus solidis ibi tantum incidentia tela possint haerere, qua per cavernas minutas et orbibus oculorum adfixas parcius visitur, vel per supremitates narium angusti spiritus emittuntur.</i>
Português:	Além disso, todas as companhias eram revestidas em ferro, e todas as partes de seus corpos eram cobertos com lâminas de ferro , montadas de tal forma que as articulações rígidas encaixavam com a de seus membros; e as formas de cabeças humanas eram habilmente encaixadas em suas cabeças, e, uma vez que seus corpos inteiros eram revestidos com metal, os dardos que caíam sobre eles eram percebido onde eles podiam ver um pouco, através de pequenas aberturas em torno dos olhos, ou onde através das pontas seus narizes eles eram capazes ter pegar um pouco de ar.

w. Pila, pilis (pilum) – lança

Referência:	XXVI, 9. 7
Latim:	<i>..., eumque secuti conplures iam pila quatientes et gladios ad imperatorem transeunt, cum vexillis scuta perversa gestantes, quod defectionis signum est apertissimum.</i>
Português:	...; então muitos outros seguiram ele que já estava brandindo suas lanças e espadas, e abandonando o Imperador com seus emblemas e escudos invertidos, o mais evidente símbolo de deserção.

Referência:	XXVII, 2. 3
Latim:	<i>Quocirca forati pilis et gladiis cecidere conplures absque his, quos versos in pedes texere flexuosi tramites et angusti.</i>
Português:	Assim, a maioria deles caíram, executados por lanças e espadas, exceto aqueles que tomado de susto encontraram abrigo nos caminhos estreitos e sinuosos.

Referência:	XXVII, 10. 15
Latim:	<i>Disiecti denique Romanorum ardore metuque turbati, miscentur ultimis primi, dumque in pedes versi discedunt, verrutis hostilibus forabantur et pilis.</i>
Português:	Mas, ao final os alamanos lançados em confusão, pela impetuosidade dos romanos, e, desorientados com medo, a

	dianteira de misturava com a traseira, e quando eles viravam e escapavam eles eram perfurados por nossos dardos e lanças .
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

x. *Cuspidibus (cuspis)* – ponta de lança

Referência:	XXVII, 10. 13
Latim:	<i>Acri igitur partium spiritu conflictus cuspidibus temptatur infestis, et hinc arte belli doctior miles, inde licet feroces sed incauti barbari dexteris coiere conlatis, ...</i>
Português:	Então com armadura de espírito em ambos os lados, o conflito foi ensaiado com pontas de lanças niveladas; de um lado soldados para habilidosos na arte da guerra, no outro bárbaros, firmes mas imprudentes, se juntaram num conflito corpo a corpo.

2. MAQUINAS DE GUERRA:

a. *Pontem, pontes, ponte (pons)* – ponte de barcos

Referência:	XIV, 10. 6
Latim:	<i>Pontem suspendere navium compage Romani vi nimia vetabantur, ritu grandinis undique convolantibus telis; et cum id impossibile videretur,</i>
Português:	Ali uma grande força de alamanos se opuseram a eles, e arremessando dardos de todos os lados, como granizo, pelo seu superior número impediram os romanos de fazer uma ponte juntando navios .

Referência:	XXI, 7. 7
Latim:	<i>Quibus percitus, ut propius agens futuros possit antevenire conatus, quam primum hibernis egressus, accito undique equitatu peditumque robore, quo fidebat, per Capersanam Euphrate navali ponte transcurso Edessam petit uberem commeatibus et munitam,</i>
Português:	Ele reuniu de todos os lados a cavalaria e a flor de sua infantaria, na qual contava, e atravessando o Eufrates por Capersana numa ponte de navios , procedeu para Edessa, uma cidade fortemente fortificada e bem suprida com provisões; ...

Referência:	XXI, 12. 9
Latim:	<i>..., hi qui transiere per pontes, nullo interpellante aedificii parte convulsa aditus in penetralia reserarent.</i>

Português:	..., aqueles que tinham atravessado pela ponte poderiam sem interferencia destruis uma parte da muralha e abrir um caminho para o coração da cidade.
-------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXIII, 5. 4
Latim:	<i>Iulianus vero dum moratur apud Cercusium, ut per navalem Aborae pontem exercitus et omnes sequelae transirent, ...</i>
Português:	Mas quando Juliano estava prolongando em <i>Cercusium</i> , ao final seu exército com todos os seus seguidores deveria atravessar o <i>Abora</i> sobre uma ponte de navios , ...

Referência:	XXIII, 5. 15
Latim:	<i>Peracto igitur, ut ante dictum est, ponte cunctisque transgressis imperator antiquissimum omnium ratus est militem adloqui sui rectorisque fiducia properantem intrepide.</i>
Português:	Então quando a ponte foi derrubada (como eu disse antes) e todos tinham passado, o Imperador pensou que o mais urgente de suas tarefas era se dirigir aos seus soldados, que estavam avançando confiantes através da confiança neles mesmo e em seus líderes.

Referência:	XXV, 7. 4
Latim:	<i>Haec inter cum neque pontes conpaginari paterentur undae torrentes, ...</i>
Português:	Enquanto isso, desde que águas furiosas impediam as pontes de serem feitas,

Referência:	XXVII, 1. 3
Latim:	<i>Proinde confertius agmine in unum coacto ponteque brevioris aquae firma celeritate transmissio, ...</i>
Português:	Portanto, quando a força estava mais perto, unidas em uma só, e sem tempo a perder eles construíram uma ponte sobre um pequeno riacho, ...

Referência:	XXIX, 4
Latim:	<i>Valentinianus A. Rhenum nani ponte transgressus, culpa militis Macrianum Alamannorum Regem incautum capere non potuit.</i>
Português:	Valentiniano Augusto atravessou o Reno numa ponte de navios , mas, embora, <i>Macrinus</i> , rei dos Alamanos, estivesse despreparado, ele foi impedido de captura-lo por falta de seus soldados.

b. *Ballistariis, balistas, ballistarum, ballista, ballistis, balistae (ballista) – balista*

Referência:	XVI, 2. 5
Latim:	<i>Et nequa iuterveniat mora, adhibitis cataphractariis solis et ballistariis, parum ad tuendum rectorem idoneis, percurso eodem itinere, Autosudorum pervenit.</i>
Português:	E para evitar qualquer atraso, ele pegou somente os encouraçados e os <i>ballistarii</i> , que eram mais que suficientes para defender um general, e atravessar a mesma estrada que ele veio de Auxerre.

Referência:	XIX, 1. 7
Latim:	<i>..., cum manu promptissima stipatorum, quern ubi venientem iam telo forte contiguum contemplator peritissimus advertisset, contorta ballista, filium eius primae pubis adulescentem, lateri paterno haerentem, thorace cum pectore perforato perfodit, proceritate et decore corporis aequalibus autestantem.</i>
Português:	...; mas um habilidoso observador o percebeu e assim que teve uma chance de tê-lo em sua mira, e descarregando uma ballista , perfurando couraça e peitoral do filho de <i>Grumbates</i> , um jovem que acabou de se tornar homem, que estava cavalgando ao lado de seu pai e era notável entre seus companheiros por sua altura e beleza.

Referência:	XIX, 5. 1
Latim:	<i>..., frontibus ferratis excelsae, quarum fastigiis ballistae locatae sunt singulae, ut a propugnaculis propellerent defensores, levia tamen per funditores et sagittarios proelia ne puncto quidem brevi cessabant.</i>
Português:	...; estes últimos foram elevados, com frentes cobertas de ferro, e no topo cada balista era colocada, para o proposito de dirigir os defensores dos parapeitos das muralhas; ainda nem por um momento os escaramuçadores foram enfraquecidos pelos funditores e arqueiros.

Referência:	XIX, 5. 6
Latim:	<i>..., dividitur opera, et translatae leviores quinque ballistae, contra tiirrim locantur, quae ocius lignea tela fundentes, non numquam et binos forabant, ...</i>
Português:	... então o trabalho foi dividido entre nós e cinco da mais leves balistas foram removidas e colocadas defronte da torre,

	rapidamente liberando dardos de madeira, o que as vezes perfurava dois homens ao mesmo tempo.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XIX, 7. 6
Latim:	<i>Et tandem multa versantibus nobis, sedit consilium quod tutius celeritas fecit, quattuor eisdem ballistis scorpiones opponi, ...</i>
Português:	E ao final, após revirar muitos planos, nós revolvemos sobre um plano que a ação rápida fazia mais seguro, nomeadamente, opor quatro escorpiões àquelas mesmas balistas ; ...

Referência:	XIX, 7. 7
Latim:	<i>Cumque omni ex latere armorum et operum bcluarumque molibus urgeremur, per scorpionum ferreas fundas e propugnaculis subinde rotundi lapides iacti, dissolutis turrium coagmentis, ballistas earumque tortores ita fudere praecipites, ut quidam citra vulnocrum noxas, alii obtriti magnitudine poriderum interirent, ...</i>
Português:	E enquanto nós eramos duramente precionados de todos os lados pelo peso das armas, trabalhos de cerco, e monstros, pedras redondas jogadas a intervalos dos batimentos pelos braços de ferro e fundas dos nossos escorpiões destruindo as juntas das torres, e derrubando as balistas e aqueles que trabalhavam nelas precipitadamente, que alguns pereceram sem injúrias de ferimentos, outros foram esmagados pelo gradne peso dos detritus.

Referência:	XX, 7. 2
Latim:	<i>..., petitusque ballistarum ictibus certis et sagittarum, densitate opertus armorum in modum testudinis contextorum, abscessit innoxius.</i>
Português:	Mas tornando-se o alvo de repetidos dardos de balistas e flechas, ele foi protegido por uma apertada parede de escudos como uma formação de tartaruga, e saiu ileso.

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>..., nec ballistae tamen cessavere nec scorpiones, illae tela torquentes, hi lapides crebros, qualique simul ardentis pice et bitumine illiti, ...</i>
Português:	..., no entanto, nem as balistas nem os escorpiões cessaram, o primeiro arremessando dardos, o último com chuvas de pedras e com elas cestas de vime em chamas, untada com pez e betume.

Referência:	XX, 11. 20
Latim:	<i>Utque facile defensuri moenia pellerentur, in ipsis aggerum summitatibus binae sunt locatae ballistae, quarum metu ne prospicere quidem posse hostium quisquam crederetur.</i>
Português:	E, a fim de que aqueles que defendessem as muralhas pudessem mais facilmente retornar, na parte mais alta de cada monte duas balistas foi colocada, por medo, acreditava-se que ninguém dos inimigos seria capaz de colocar se quer a cabeça apar fora.

Referência:	XX, 11. 22
Latim:	<i>Afflictabant tamen multo vehementius Persas ictus varii ballistarum, ...</i>
Português:	Os persas, no entanto, foram mais gravemente perturbados pelos vários mísseis mandados pelas ballista, ...

Referência:	XXIII, 4. 1-3
Latim:	<i>Re ipsa admoneor, breviter, quantum mediocre potest ingenium haec instrumentorum genera ignorantibus circumscripte monstrare; et ballistae figura docebitur prima. Ferrum inter axiculos duos firmum compaginatur et vastum in modum regulae maioris extentum, cuius ex volumine tereti, quod in medio pars polita componit, quadratus eminent stilus extentius, recto canalis angusti meatu cavatus, et hac multiplici chorda nervorum tortilium inligatus: eique cochleae duae lignae coniunguntur aptissime, quarum prope unam adsistit artifex contemplabilis et subtiliter adponit in temonis cavamine sagittam ligneam spiculo maiore conglutinatum, hocque facto hinc inde validi iuvenes versant agiliter rotabilem flexum. Cum ad extremitatem nervorum acumen venerit summum, percita interno pulsu a ballista ex oculis avolat, interdum nimio ardore scintillans, et evenit saepius, ut antequam telum cernatur, dolor letale vulnus agnoscat.</i>
Português:	O que eu acabei de dizer sugere que eu deva, o mais breve que minha modéstia permitir, dar uma consiente descrição dos engenhos desse tipo, para o benefício daqueles que não estão acostumados com eles; e devo explicar primeiro a forma da balista . Entre dois longos postes, uma forte barra de ferro é fixada, e projetada como um grande governante; a partir da sua suave, superfície arredondada, que no meio é altamente polida, uma equipe em quadrado fica a uma considerável distância, uma estreita ranhura e cavada ao longo de seu comprimento, e amarrada com um grande número de cordas trançadas. A estes dois cilindros de madeira são firmemente prendidos, e perto de um deles fica o

	atirador que libera o voo. Ele cuidadosamente coloca no sulco da barra de ferro uma flecha de madeira, ligada a uma grande ponta de ferro. Quando isto é feito, jovens forte em ambos os lados rapidamente gira os rolos e cordas. Quando sua ponta atinge o ponto externo da corda, a flecha, dirigida pelo poder de dentro, voa da ballista , algumas vezes emitindo fagulhas por causa do calor excessivo. E, como muitas vezes acontece, antes da arma ser vista a dor mortal do ferimento se faz sentir.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXIV, 2. 13
Latim:	<i>Cum enim idem prohibitores catapultis nostrorum urgerentur atque ballistis, ...</i>
Português:	Pois, esses mesmo defensores estavam fortemente pressionados por nossas catapultas e balistas , ...

Referência:	XXIV, 4. 16
Latim:	<i>..., tum aptatae ligneis sagittis ballistae flexu stridoreque torquebantur, creberrima spicula funditantes, ...</i>
Português:	...; em seguida, balistas adaptadas para flechas de madeira foram arqueadas e encheram com som penetrante, mandando uma chuva de mísseis; ...

c. *Scorpionum, scorpionis, scorpio, onagrum (scorpio/onager)* –
escorpião/ónager

Referência:	XIX, 2. 7
Latim:	<i>Proinde diffractis capitibus, multos hostium scorpionum iactu moles saxae colliserunt, ...</i>
Português:	Então cabeças são destruídas, quando massas de pedra, voam de escorpiões, esmagando muitos inimigos; ...

Referência:	XIX, 7. 7
Latim:	<i>Cumque omni ex latere armorum et operum bcluarumque molibus urgeremur, per scorpionum ferreas fundas e propugnaculis subinde rotundi lapides iacti, dissolutis turrium coagmentis, ...</i>
Português:	E enquanto nós eramos duramente pressionados de todos os lados pelo peso das armas, trabalhos de cerco, e monstros, pedras redondas jogadas a intervalos dos batimentos pelos braços de ferro e fundas dos nossos escorpiões destruindo as juntas das torres, ...

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>..., nec ballistae tamen cessavere nec scorpiones, illae tela torquentes, hi lapides crebros, qualique simul ardentis pice et bitumine illiti, ...</i>
Português:	..., no entanto, nem as balistas nem os escorpiões cessaram, o primeiro arremessando dardos, o último com chuvas de pedras e com elas cestas de vime em chamas, untada com pez e betume.

Referência:	XXIII, 4. 4-7
Latim:	<i>Scorpionis autem, quem appellant nunc Onagrum, huius modi forma est. Dolantur axes duo quernei vel ilicei, curvanturque mediocriter, ut prominere videantur in gibbas, hique in modum serratoriae machinae conectuntur ex utroque latere patentius perforati, quos inter per cavernas funes conligantur robusti, compagem, ne dissiliat, continentes. Ab hac medietate restium ligneus stilus exurgens obliquus et in modum iugalis temonis erectus ita nervorum nodulis implicatur, ut altius tolli possit et inclinari, summitatique eius unci ferrei copulantur, e quibus pendet stuppea vel ferrea funda, cui ligno fulmentum prosterntur ingens, cilicium paleis confertum minutis, validis nexibus inligatum et locatum super congestos cespites vel latericios aggeres. Nam muro saxeo huius modi moles inposita disiectat quidquid invenerit subter concussione violenta, non pondere. Cum igitur ad concertationem ventum fuerit, lapide rotundo fundae inposito, quaterni altrinsecus iuvenes repagula, quibus incorporati sunt funes, explicantes, retrorsus stilum paene supinum inclinant: itaque demum sublimis adstans magister claustrum, quod totius operis continet vincula, reserat malleo forti perculsum, unde absolutus ictu volucris stilus et mollitudine offensus cilicii saxum contorquet, quicquid incurrerit conlisurum. Et tormentum quidem appellatur ex eo quod omnis explicatio torquetur, scorpio autem quoniam aculeum desuper habet erectum, cui etiam onagri vocabulum indidit aetas novella ea re, quod asini feri eum venatibus agitantur, ita eminus lapides post terga calcitrando emittunt, ut perforent pectora sequentium aut perfractis ossibus capita ipsa displodant.</i>
Português:	O escorpião , que é hoje em dia chamado de burro selvagem (<i>onager</i>), tem a seguinte forma. Dois postos de carvalho ou azinheira são talhados e levemente dobrados, de modo que eles parecem ficar para trás como corcunda. Estes são mantidos juntos como uma máquina de corte e furado sem interrupção de ambos os lados com grandes buracos. Entre eles, através dos orifícios, fortes cordas são ligadas, segurando a máquina, de modo que não

	<p>pudesse voar pelos ares. A partir do meio destas cordas um braço de madeira sobe obliquamente, apontado para cima como a haste de uma carruagem, e é torcido em torno com cabos de tal maneira que ele possa ser levantado ou abatido. Para o topo deste braço, ganchos de ferro são presos, do qual pende uma funda de cânhamo ou de ferro. Na frente do braço é colocado um grande colchão de pano de cabelo recheado com palha fina, ligado com fortes cordas e colocado sobre um monte de relva ou uma pilha de tijolos secados ao sol; para uma máquina pesada deste tipo, se colocado em cima de um muro de pedra, quebra tudo abaixo dela pelo seu abalo violento, e não por seu peso. Então, quando há uma batalha, uma pedra redonda é colocada na funda e quatro jovens de ambos os lados dão voltas na barra com o qual as cordas estão conectadas e dobravam a haste até a horizontal. Então, finalmente, um artilheiro, situando-se acima e com um forte martelo atinge a lingueta da haste, que detém os fechos de todo o trabalho, em seguida, a haste é posta em liberdade, e voa para a frente com um golpe rápido, e encontra a roupa macia de cabelo, e arremessa a pedra, que irá esmagar o que quer que ela atinja. E a máquina é chamada tormento, pois toda a tensão liberada é causada por torção; e escorpião, porque tem um aguilhão levantado; tempos modernos deram-lhe um novo nome de <i>onager</i>, porque quando asnos selvagens são perseguidos por caçadores, chutando eles arremessam de volta pedras a uma distância, esmagando os seios de seus perseguidores, ou quebrando os ossos de seus crânios.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXIV, 4. 16
Latim:	<i>..., et scorpiones quocumque manus peritae duxissent, rotundos lapides evibrabant.</i>
Português:	...; e escorpiões , arrastado para vários lugares por hábeis mãos arremessaram pedras redondas.

Referência:	XXIV, 4. 28
Latim:	<i>Inter haec certamina nostrae partis architectus, cuius nomen non suppetit, post machinam scorpionis forte adsistens, reverberato lapide, quem artifex titubanter aptaverat fundae, obliso pectore supinatus profudit animam, ...</i>
Português:	No curso desse contexto um construtor do nosso lado, cujo nome eu não me lembro, aconteceu de estar parado atrás de um <i>scorpio</i> , quando uma pedra que fora colocada inseguramente na funda pelo artilheiro foi lançada para trás.

Referência:	XXXI, 15. 12
Latim:	<i>Scorpio</i> genus tormenti, quem Onagrum sermo vulgaris appellat, e regione contra hostium aciem densam locatus, lapidem contorsit ingentem, qui licet humo frustra inlatus est visus, tamen ita eos metu exanimavit, ut stupore spectaculi novi cedentes e medio abire temptarent.
Português:	Uma peça da artilharia conhecida como escorpião , mas chamada de burro selvagem na linguagem do povo, posicionada exatamente em oposição a uma grande massa de inimigos, jogou uma grande pedra, e embora corra sem efeito, ainda assim a visão dele causa no inimigo grande terror, no espanto do estranho espetáculo eles fogem para longe e tentam deixar o local.

d. Tormentis, tormentorum, tormentum, tormena (tormentum) – máquina para arremessar

Referência:	XIX, 6. 6
Latim:	<i>Quae dum parantur, per varia certaminum genera defensabantur acriter muri, laboribus et vigiliis, et tormentis, ad emittenda undique saxa telaque dispositis.</i>
Português:	Enquanto preparações eram feitas, as muralhas eram vigorosamente defendidas por vários tipos de esforço: pelo trabalho e vigilância e posicionando tormentas (engenhos) , de modo a espalhar pedras e dardos em todas as direções.

Referência:	XX, 6. 2
Latim:	<i>Cuius propugnatores viso hoste longissime, clausis ocius portis, ingentibus animis per turres discurrebant et minas, saxa tormentaque bellica congerentes, ...</i>
Português:	Os defensores da cidade, assim que eles viram o inimigo a uma longa distância, rapidamente fecharam os portões e cheios de coragem correram para as várias torres e batimentos, e juntaram pedras e tormentas (engenhos) de guerra, ...

Referência:	XX, 11. 12
Latim:	<i>..., tormenta nihilo minus et lapidum crebritas atque fundarum ex utraque parte plurimos cnosuebant, ...</i>
Português:	..., ainda a artilharia e o banho de pedras e fundas continuaram no entanto, a destruir gradne número dos dois lados.

Referência:	XX, 11. 21
Latim:	<i>..., latiusque sese pandente manu Romana, cum Persas occultari viderent, pavore impositorum aggeribus tormentorum, ...</i>
Português:	E os romanos estenderam suas forças mais amplamente e viram que os persas estavam se escondendo por medo dos engenhos postos nas montanhas, ...

Referência:	XXI, 6. 6
Latim:	<i>..., omnisque ordo et professio vexabatur, vestem armaque exhibens et tormenta, aurum quin etiam et argentum, multiplicisque rei cibariae copias et diversa genera iumentorum.</i>
Português:	...; cada ordem e ocupação estava sobrecarregado, suprimentos de vestimentas, arma, tormentas (engenhos de torção) , ouro e prata, e uma abundância de provisões de todos os tipos, bem como vários animais de carga.

Referência:	XXIII, 4. 4-7
Latim:	<i>Et tormentum quidem appellatur ex eo quod omnis explicatio torquetur, ...</i>
Português:	E a máquina é chamada tormento, pois toda a tensão liberada é causada por torção; ...

Referência:	XXIV, 4. 12
Latim:	<i>..., locabant etiam artifices tormenta muralia in funestos sonitus proruptura.</i>
Português:	..., e aqueles n commando da artilharia estavam preparando suas tormentas (engenhos de torção) , para em breve quebrar com estrondo mortal.

Referência:	XXXI, 15. 6
Latim:	<i>Nam intrinsecus silicibus magnis obstrusae sunt portae et moenium intuta firmata, et ad emittenda undique tela vel saxa, tormenta per locos aptata sunt habiles adgestaque prope sufficiens aqua.</i>
Português:	As portas estavam bloqueadas com grande rochas, as parte inseguras da muralha foi fortificada, as tormentas (artilharia) foi colocada em lugares adequados para lanças mísseis e pedras em todas as direções, e suprimentos de água que era suficiente estava estocada perto; ...

e. *Naves, navibus, navium, navigia, navigiis (navis) – navio*

Referência:	XIX, 11. 8
Latim:	<i>Proinde vallo prope Acimincum locato, celsoque aggere in speciem tribunalis erecto, naves vehentes quosdam legionarios expeditos alveum fluminis proximum ripis observare sunt iussae, ...</i>
Português:	Portanto, tendo colocado uma muralha perto de <i>Acimincum</i> e erguido um alto morro na maneira de um tribunal, navios carregando alguns soldados legionários leves foram ordenados a patrulhar o canal do rio perto das margens, ...

Referência:	XXIV, 1. 6
Latim:	<i>Exin dierum quattuor itinere levi peracto vespera incedente cum expeditis mille inpositis navibus Lucillianus comes imperio principis mittitur Anathan munimentum expugnaturus, quod ut pleraque alia circumluitur fluentis Euphratis. Et navibus, ut praeceptum est, per oportuna dispersis obsidebatur insula, nebulosa nocte obumbrante impetum clandestinum.</i>
Português:	Então, após completar quatro dias de marcha de laser, quando a noite chegava Conde <i>Lucillianus</i> , com mil soldados levemente armados embarcaram em navios , foram mandados, por ordem do Imperador, para capturarem a Fortaleza de <i>Anatha</i> , a qual, como outras, é cingida pelas águas do Eufrates. Os navios , de acordo com ordens, tomaram posição e bloqueou a ilha, enquanto uma noite enevoada escondia a iniciativa.

Referência:	XXIV, 1. 7
Latim:	<i>Et mox a specula quadam altissima explorato situ castrorum, quam ocissime cum duarum praesidio navium amnem supermeat imperator, pone sequentibus navigiis multis, quae obsidionales machinas advehebant.</i>
Português:	Então o Imperador, que de um elevado ponto esteve procurando por um local para acampar, com toda a pressa possível atravessou o rio, sobre a proteção de dois navios , seguido por um grande número de barcos carregando máquinas de cerco.

Referência:	XXIV, 6. 7
Latim:	<i>Et miratur historia Rhodanum arma et loricam retinente Sertorio transnatatum, cum eo momento turbati quidam milites, veritiquene remanerent, post signum erectum, scutis, quae patula sunt et</i>

	<i>incurva, proni firmitus adhaerentes, eaque licet inperite regendo per voraginosum amnem velocitatem comitati sunt navium.</i>
Português:	História clama Sertorio por nadar em torno do Reno com couraça e armas; mas nessa ocasião alguns soldados em pânico, temendo ficar para trás depois que o sinal fosse dado, deitaram em seus escudos, que eram amplos e curvos, e agarrando-se rapidamente a eles, ainda que demonstrassem pouca habilidade de guiá-los, mantiveram-se com os velozes navios através do curso das águas.

Referência:	XXV, 8. 3
Latim:	<i>Imperator ipse brevibus lembis, quos post exustam classem docuimus remansisse, cum paucis transvectus eadem navigia ultro citroque discurrere statuit dum omnes conveheremur.</i>
Português:	O próprio Imperador com alguns outros atravessou em pequenos navios , os quais, como eu disse, sobreviveram a queima da frota, e ordenou que a mesma embarcação fosse e voltasse, até que nós todos tivéssemos sido transportados.

Referência:	XXVI, 8. 9
Latim:	<i>Coniunctis tribus navigiis, testudinem hac specie superstruxit.</i>
Português:	Ele prendeu junto três navios e construiu sobre eles uma cobertura protetora: ...

Referência:	XXVI, 8. 12
Latim:	<i>..., subito corripendus incurso, tanto vigore evasit ut escensa navi, quam ad casus pararat ancipites, sequentem ac paene captam uxorem sagittarum nube diffusa defensam averteret secum: ...</i>
Português:	..., ele fez sua fuga com tanto vigor, que ele embarcou em um navio que ele tinha preparado em caso de perigo, e carregou sua mulher seguramente em meio a uma saraivada de flechas ...

f. *Aries, arietis, aríetes, arietibus, arietem, aríete, arietum (aries/helepolis) – aríete*

Referência:	XX, 6. 5
Latim:	<i>...: postremo fervente certaminum mole, et propinquante iam vespera, inter machinas plures admotus aries robustissimus, orbiculatam turrim feriebat ictibus densis, unde reseratam urbem obsidio superiore docuimus.</i>
Português:	Finalmente, no calor do potente conflito, assim quando a noite estava chegando, entre muitos engenhos um aríete de incomum

	força foi trazido, o qual com rápisos e repetidos golpes bateu na torre redonda onde (como relatamos) a cidade foi violada em antigo cerco.
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XX, 6. 6
Latim:	<i>Vicit tamen omne prohibendi commentum acumen arietis, coagmenta fodiens lapidum recens structorum, madoreque etiam tum infirmium</i>
Português:	Mas a afiada cabeça do aríete superou qualquer tentativa da defesa, penetrando as articulações das novas pedras colocadas, que estavam ainda úmidas e, portanto, fracas.

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>Et quamquam angusti calles difficiliorem aditum dabant ad muros, aptatique arietes aegre promovebantur, manualium saxorum, sagittarumque metu arcente, ...</i>
Português:	E, embora as estreitas trilhas deram um acesso difícil para a muralha, e os aríetes que haviam sido preparados estavam progredindo com dificuldade, já que o medo de pedras jogadas por mãos e flechas mantinham-os fora, ...

Referência:	XX, 7. 12
Latim:	<i>Sed diu cum exitio decernentes, postremo periculis obiectavere semet abruptis, et agitantes arietes denso saxorum molarium pondere, fomentisque ignium variis ire protinus vetabantur.</i>
Português:	Mas, após uma longa e destrutiva luta, eles finalmente se expuseram a grande perigo, e quando o inimigo empurrou os aríetes , grandes pedras desciam grosseiramente pelas muralhas, e vários dispositivos para atear fogo, impedio-os de irem para frente.

Referência:	XX, 7. 13
Latim:	<i>Verum unus aries residuis celsior, umectis taurinis opertus exuviis, ideoque minus casus flammeos pertimescens aut tela, antegressus omnes repsit nisibus magnis ad murum, ...</i>
Português:	No entanto, um aríete , maior que o restante, que estava coberto com pele de touro molhada e assim menos exposta os perigos do fogo e dardos, tendo ido a frente de todos os outros, fez seu caminho com corajosos esforços contra a muralha.

Referência:	XX, 11. 11
Latim:	<i>Decimo itaque postquam pugnari coeptum est die, cum spes nostrorum interiora cuncta maerore conpleret, transferri placuerat molem arietis magnam, ...</i>
Português:	Portanto, no décimo dia após o início do cerco, quando a mingante esperança dos nossos homens foi causando desânimo geral, foi decidido trazer para a ação um aríete de grande tamanho, ...

Referência:	XX, 11. 12
Latim:	<i>Namque dum instrueretur aries vetustus et dissolutus, ut facile veheretur omni arte omnique virium nisu et oppugnatorum vi et firmitudine summar defensabatur, ...</i>
Português:	Pois, embora o aríete , que era velho e tinha sido desmontado para transporte, era montado com toda habilidade e todo esforço dopoder, e era protegido pelos sitiantes com mateletes de grande força, ...

Referência:	XX, 11. 15
Latim:	<i>Et contra propugnatores cum iam discussurus turrin oppositam aries maximus adventaret, prominentem eius ferream frontem, quae re vera formam effingit arietis, arte subtili illaqueatam altrinsecus, laciniis retinere longissimis, ne retrogradiens resumeret vires, neve ferire muros assultibus densis contemplabiliter posset, fundentes quoque ferventissimam picem.</i>
Português:	E por outro lado, os defensores, quando o grande aríete estava já perto para balançar uma torre que estava em seu caminho, por um dispositivo sutil enredando sua extremidade de ferro projetada (o que de fato tem um format de cabeça de carneiro) nos dois lados com longas cordas, e o segurou de forma que ele não poderia mover para traz e pegar nova força, nem ser capaz com boa pontaria folpear a muralha com repetidas investidas; e no meio tempo eles derramaram piche escaldante.

Referência:	XX, 11. 16
Latim:	<i>..., et repentino decursu, portis effusi, primosque adorti nostrorum, faces sitellasque ferreas onustas ignibus in arietes magnis viribus iaciebant.</i>
Português:	Fazendo uma repentina corrida para os portões, eles atacaram os mais adiantados de nossos homens, com toda sua força lançando sobre os aríetes tições e cestas feitas de ferra em cheias com chamas.

Referência:	XX, 11. 21
Latim:	<i>..., latiusque sese pandente manu Romana, cum Persas occultari viderent, pavore impositorum aggeribus tormentorum, pulsabant turrim ariete, ...</i>
Português:	E os romanos estenderam suas forças mais amplamente e viram que os persas estavam se escondendo por medo dos engenhos postos nas montanhas, eles atacaram a torre com um ariete ; ...

Referência:	XXI, 12. 8
Latim:	<i>Et quia nec arietibus admovendis nec ad intemptandas machinas vel ut possint forari cuniculi inveniebatur usquam habilis locus, disparatione brevi civitatem Natisone amni praeterlabente, commentum excogitatum est cum veteribus admirandum.</i>
Português:	E, desde que nenhum lugar mais adequado pode ser encontrado para mover os arietes , para trazer máquinas para suportar, ou para cavar minas, o fato de o rio Natesio fluir pela cidade somente uma pequena distância sugere um dispositivo tanto digno de admiração como aqueles antigos.

Referência:	XXIII, 4. 8-9
Latim:	<i>Hinc ad arietem veniemus. Eligitur abies vel ornus excelsa, cuius summitas duro ferro concluditur et prolixo, arietis efficiens prominulam speciem, quae forma huic machinamento vocabulum indidit, et sic suspensa utrimque transversis asseribus et ferratis quasi ex lance vinculis trabis alterius continetur, eamque quantum mensurae ratio patitur multitudo retro repellens rursus ad obvia quaeque rumpenda protrudit ictibus validissimis instar adsurgentis et cedentis arietis qua crebritate velut reciproci fulminis impetu aedificiis scissis in rimas concidunt structurae laxatae murorum. Hoc genere operis si fuerit exserto vigore discussum, nudatis defensoribus ideoque solutis obsidiis civitates munitissimae recluduntur.</i>
Português:	Agora devemos ir para o aries . Um abeto alto ou as cinzas de uma montanha é selecionada, no final da qual é preso um longo e duro ferro; isso tem aparência de uma cabeça de aries (carneiro), e é essa forma que dá o nome à máquina. Esse é suspenso entre vigas de ferro que corriam através dos dois lados, então ele é pendurado por um terceiro igual o prato da balança. Em seguida, um número de homens, tão grande quanto o comprimento do poste permite, puxar de volta e depois empurrá-la para a frente novamente com golpes poderosos, assim um aries investia e se retirava, para quebrar tudo em seu caminho. Enquanto isso era renovado com a

	força de repetidos golpes como de relâmpagos, prédios são rachados e quebrados com a estrutura das paredes destruídas. Se esse tipo de engenho trabalhar com todo o vigor, as cidades mais fortes, depois de ter suas paredes despojadas de defensores, são abertas, e o cerco é assim levado ao fim.
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXIII, 4. 10-13
Latim:	<i>Pro his arietum meditamentis iam crebritate despectis conditur machina scriptoribus historicis nota, quam ἐλέπολιν Graeci cognominamus. (...) Aedificatur autem hoc modo. Testudo compaginatur inmanis axibus roborata, longissimis ferreisque clavis aptata et contegitur coriis bubulis virgarumque recenti textura atque limo asperguntur eius suprema ut flammeos detrectet et missiles casus. Conseruntur autem eius frontalibus trisulcae cuspides praeacutae, ponderibus ferreis graves, qualia nobis pictores ostendunt fulmina vel fictores, ut quicquid petierit aculeis exsertis abrumpat. Hanc ita validam molem rotis et funibus regens numerosus intrinsecus miles languidiori murorum parti viribus admovet concitis, et nisi desuper propugnantium valuerint vires conlisis parietibus aditus patefacit ingentes.</i>
Português:	No lugar desses dispositivos de ariete , que, porque são tão frequentes agora, estão em baixa estima, uma máquina é feita, bem conhecida dos historiadores, que nós gregos chamamos de helepolis. [...]. É construída da seguinte maneira: um grande mantelere é construído de fortes pranchas de grande extensão presas juntas com pregos de ferro, e cobertas com couro de boi e barreiras de galhos verdes; e sobre isso espalha-se uma lama, em ordem de protege-lo contra mísseis e fogo. Na sua frente está um conjunto bem afiado de três pontas de lança, com a forma que os pintores e escultores dão aos raios, feita pesada com pesos de ferro, de modo que o que quer que o ataque quebra com os pontos projetados. Essa ponderosa massa é guiada por inúmeros soldados que por meio de rodas e cordas, e pelo esforço unido carregam-na para a parte fraca da muralha; e a menos que a força dos defensores acima seja muito grande, ele quebra as paredes e abre brechas.

Referência:	XXIV, 4. 19
Latim:	<i>Cum enim ut saepe discessurae partes levius concertarent, abusive incusso ariete, qui paulo ante erat admotus, sternitur residuis omnibus altior turris latere coctili firmissime structa, cuius ruina muri contiguum latus secum inmani fragore protraxit.</i>

Português:	Frequentemente, quando os combatentes estão no ponto de separar e a luta abrandou, um mais violento golpe de um ariete , que foi construído pouco antes trouxe abaixo uma torre que era mais alta que o resto e mais forte construída de tijolo seco em estufa; e em sua queda ela derrubou com ela num tremendo estrondo o lado adjacente da muralha.
-------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXIX, 5. 25
Latim:	<i>Exin profectus, fundum nomine Gaionatis, muro circumdatum valido, receptaculum Maurorum tutissimum arietibus admotis evertit, ...</i>
Português:	Estabelecendo a partir daí ele veio de uma cidade <i>Gaionatis</i> , cercada por muralhas fortes e conseqüentemente um refúgio seguro para os mouros. Contra isso ele trouxe seus arietes para distuí-las, ...

g. Catapultis (catapulta) – catapulta

Referência:	XXIV, 2. 13
Latim:	<i>Cum enim idem prohibitores catapultis nostrorum urgerentur atque ballistis, ...</i>
Português:	Pois, esses mesmo defensores estavam fortemente pressionados por nossas catapultas e balistas, ...

3. OUTROS:

a. Barritum (barritos) – grito de guerra

Referência:	XVI, 12. 43
Latim:	<i>Cornuti enim et Bracchiati, usu proeliorum diuturno firmati, eos iam gestu terrentes, barritum ciere vel maximum: ...</i>
Português:	Para os <i>Cornuti</i> e os <i>Bracchiati</i> , fortalecidos por longa experiência em lutar, de uma só vez intimidou eles com seus gestos, e ergueu seu poderoso grito de guerra .

b. Sudibus (sudis)– estacas

Referência:	XVIII, 2. 11
Latim:	<i>Verum cum nostri locum adventarent provisum, vallo fossaque quievere circumdati, et asscito Lupicino in consilium, Caesar certis imperavit tribunis, ut trecentenos pararent cum sudibus milites expeditos, quid agi quove iri deberet penitus ignorantes.</i>
Português:	Nossos soldados, no entanto, chegando ao local marcado descansaram, protegidos por uma muralha e uma trincheira, e o

	Caesar, após se aconselhar com <i>Lupicinus</i> , ordenou a confiáveis tribunos para providenciar trezendos soldados ligeiros com estacas , que ainda não sabiam o que seria feito ou aonde iriam.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXV, 6. 5
Latim:	<i>Secuto deinde die pro captu locorum reperta in valle castra ponuntur, velut murali ambitu circumclausa, praeter unum exitum eundemque patentem, undique in modum mucronum praeacutis sudibus fixis.</i>
Português:	No dia seguinte, nós armamos nosso acampamento no melhor lugar que encontramos, uma vasta planície em um vale; era cercado como que por uma muralha natural, uma bem ampla, e ao redor de toda ela nós colocamos estacas com pontas afiadas como pontas de espadas.

c. *Scalarum, scalae, scalas (scalae)* – escada

Referência:	XIX, 5. 6
Latim:	<i>Inter incertos nos et ancipites, quibus occurri deberet, instantibus supra, an multitudini transcensu scalarum iam propugnacula ipsa prensanti, dividitur opera, ...</i>
Português:	Nós estávamos perplexos e incertos de onde oferecer resistência primeiro, se para aqueles que estavam acima de nós ou àqueles que escalavam com escadas e estavam chegando as ameias; ...

Referência:	XX, 6. 3-4
Latim:	<i>..., quieti diem integrum dedit, et matutinae lucis exordio, signo per flammeum erecto vexillum, circumvaditur civitas a quibusdam vehentibus scalas, aliis componentibus machinas, ...</i>
Português:	Falhando nisso, ele devotou o dia inteiro ao silêncio, mas ao chegar a luz da manhã seguinte ele deu o sinal para erguerem as bandeiras coloridas, e a cidade foi atacada por todos os lados; alguns trouxeram escadas , outros montaram máquinas de guerra; ...

Referência:	XX, 7. 6
Latim:	<i>Eaque re sauciabantur plerique Parthorum, quod pars scalas vehentes, alii opposcentes vimineas crates, velut caeci pergebant introrsus, nec nostris innocui.</i>
Português:	E por essa razão um largo número de partos estavam feridos, porque, alguns carregando escadas , outros segurando tapumes de

	vime diante deles, todos eles correram as cegas; e nossos homens não estavam ilesos.
--	--------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XX, 11. 21
Latim:	<i>..., et cum lignibus et dolabris et vectibus scalae quoque propinquabant utrimque convolante missilium crebritate.</i>
Português:	...; além de enxadas, picaretas e alavancas os escultores de escada também se aproximavam, enquanto mísseis voava rápido e em quantidade de ambos os lados.

Referência:	XXI, 12. 6
Latim:	<i>..., factas plerique vehentes ad mensuram moenium scalas, iamque parietibus paene contigui pars lapidibus volutis in pronum conlisi, pars confixi stridentibus iaculis retroque gradientes averterunt secum omnes alios metu similibus a proposito pugnandi detortos.</i>
Português:	Muitos carregavam escadas feitas para corresponder com a altura das muralhas, ao subirem, alguns foram esmagados por pedras que rolavam de cima, outros foram perfurados por dardos; e quando os sobreviventes abriram caminho, eles carregaram com eles o restante, cujo medo de um destino parecido tirara deles o propósito da luta

Referência:	XXI, 12. 13
Latim:	<i>Et quidam elatis super capita scutis ut pugnaturi levius, alii vehentes umeris ut antea scalas ferventique impetu procurrentes, pectora multiformium telorum ictibus exponebant.</i>
Português:	Então alguns com seus escudos erguidos sobre suas cabeças, para serem menos prejudicados na luta, outros carregando escadas em seus ombros como antes, correram para evitar o fogo, expondo seus peitos aos machucados de diferentes tipos de armas (dardos).

Referência:	XXXI, 15. 13
Latim:	<i>...: non nulli scalas vehendo ascensumque in muros ex latere omni parantes sub oneribus ipsis obruebantur, contrusis per pronum saxis et columnarum fragmentis et cylindris.</i>
Português:	...; outros que carregavam escadas e estavam preparados para escalar as muralhas de todos os lados foram enterrados debaixo de seus próprios fardos, quando pedras, fragmentos e tambores inteiros de colunas eram jogados sobre eles.

d. *Saxa, saxis, saxorum, saxum (saxum) – pedra grande*

Referência:	XIX, 6. 6
Latim:	<i>Quae dum parantur, per varia certaminum genera defensabantur acriter muri, laboribus et vigiliis, et tormentis, ad emittenda undique saxa telaque dispositis.</i>
Português:	Enquanto preparações eram feitas, as muralhas eram vigorosamente defendidas por vários tipos de esforço: pelo trabalho e vigilância e posicionando tormentas (engenhos), de modo a espalhar pedras e dardos em todas as direções.

Referência:	XX, 6. 2
Latim:	<i>Cuius propugnatores viso hoste longissime, clausis ocius portis, ingentibus animis per turres discurrebant et minas, saxa tormentaue bellica congerentes, ...</i>
Português:	Os defensores da cidade, assim que eles viram o inimigo a uma longa distância, rapidamente fecharam os portões e cheios de coragem correram para as várias torres e batimentos, e juntaram pedras e tormentas (engenhos) de guerra, ...

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>Et quamquam angusti calles difficiliorem aditum dabant ad muros, aptatique arietes aegre promovebantur, manualium saxorum, sagittarumque metu arcente, ...</i>
Português:	E, embora as estreitas trilhas deram um acesso difícil para a muralha, e os aríetes que haviam sido preparados estavam progredindo com dificuldade, já que o medo de pedras jogadas por mãos e flechas mantinham-os fora, ...

Referência:	XX, 7. 12
Latim:	<i>Sed diu cum exitio decernentes, postremo periculis obiectavere semet abruptis, et agitantes arietes denso saxorum molarium pondere, fomentisque ignium variis ire protinus vetabantur.</i>
Português:	Mas, após uma longa e destrutiva luta, eles finalmente se expuseram a grande perigo, e quando o inimigo empurrou os aríetes, grandes pedras desciam grosseiramente pelas muralhas, e vários dispositivos para atear fogo, impedia-os de irem para frente.

Referência:	XX, 11. 15
Latim:	<i>Et diu promotae machinae stabant, muralia saxa perferentes et tela.</i>

Português:	E as máquinas que foram trazidas ficaram por um longo tempo expostas a grandes pedras e mísseis.
-------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXI, 12. 9
Latim:	<i>..., quos ante conpaginarant, transgredi festinarunt indiviso negotio ut, dum vicissim missilibus se petunt et saxis utrimquesecus alte locati, ...</i>
Português:	Assim eles trabalharam em unísono, enquanto aqueles que estavam a cima dos dois lados atacaram um ao outro com mísseis e pedras ; ...

Referência:	XXI, 12. 13
Latim:	<i>Alii ferratas portarum obices effringendas adorti, ultro ignibus petebantur vel saxis muralibus oppetebant.</i>
Português:	Ainda outros tentaram quebrar as barras de ferro dos portões, mas eram assaltados por fogo ou mortos por grandes pedras arremessadas das muralhas.

Referência:	XXIII, 4. 4-7
Latim:	<i>Cum igitur ad concertationem ventum fuerit, lapide rotundo fundae inposito, quaterni altrinsecus iuvenes repagula, quibus incorporati sunt funes, explicantes, retrorsus stilum paene supinum inclinant: itaque demum sublimis adstans magister claustrum, quod totius operis continet vincula, reserat malleo forti perculsum, unde absolutus ictu volucris stilus et mollitudine offensus cilicii saxum contorquet, quicquid incurrerit conlisorum.</i>
Português:	Então, quando há uma batalha, uma pedra redonda é colocada na funda e quatro jovens de ambos os lados dão voltas na barra com o qual as cordas estão conectadas e dobravam a haste até a horizontal. Então, finalmente, um artilheiro, situando-se acima e com um forte martelo atinge a lingueta da haste, que detém os fechos de todo o trabalho, em seguida, a haste é posta em liberdade, e voa para a frente com um golpe rápido, e encontra a roupa macia de cabelo, e arremessa a pedra , que irá esmagar o que quer que ela atinja.

Referência:	XXIV, 2. 14
Latim:	<i>Dimicabatur nihilo minus utrobique saxorum manualium nimbis et neutrobi inclinato momento proelium atrox a lucis ortu ad initium noctis destinatione magna protractum pari sorte diremptum est.</i>

Português:	No entanto ambos os exércitos lutaram com nuvens de pedras lançadas a mão; nenhum dos lados recuaram do fogo da luta, continuaram com grande determinação do nascer ao anoitecer, e terminou indecisa.
-------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XXIV, 4. 16
Latim:	..., <i>alii quin etiam saxa volventes ingentia cum facibus ...</i>
Português:	..., outros, mesmo rolando pedras enormes, ...

Referência:	XXVI, 6. 16
Latim:	..., <i>processit in publicum multitudine stipatus armatorum, signisque sublati erectius ire pergebat, circumclausus horrendo fragore scutorum lugubre concrepantium, quae metuentes ne a celsioribus tectis saxis vel tegularum fragmentis conflictarentur, densius ipsis galearum cristis aptabant.</i>
Português:	Então ele apareceu em público, cercado por homens armados, e agora avançando com mais confiança e com estandartes erguidos, participou com um temeroso estrondo de escudos pesadamente colidindo, o que os soldados com medo dele ser coberto com pedras e pedaços de telhados vindo de cima, seguraram rigorosamente juntos sobre as cristas de seus elmos.

Referência:	XXVI, 8. 9
Latim:	<i>Quod machinae genus contra murales pugnas ideo figuratur hac specie, ut missilium ictus atque saxorum per decursus cadentium labiles, instar imbrium evanescant.</i>
Português:	Esse tipo de dispositivo, usado em batalhas contra fortalezas, tem essa forma a fim de que a saraivada de mísseis e pedras , deslizando para o lado em declive, pode fluir como um banho de chuva.

Referência:	XXXI, 15. 13
Latim:	..., <i>non nulli scalas vehendo ascensumque in muros ex latere omni parantes sub oneribus ipsis obruebantur, contrusis per pronum saxis et columnarum fragmentis et cylindris.</i>
Português:	...; outros que carregavam escadas e estavam preparados para escalar as muralhas de todos os lados foram enterrados debaixo de seus próprios fardos, quando pedras , fragmentos e tambores inteiros de colunas eram jogados sobre eles.

e. *Lapides, lapidum, lapide, lapidibus, lapidem (lapis) – pedra*

Referência:	XIX, 7. 7
Latim:	<i>Cumque omni ex latere armorum et operum bcluarumque molibus urgeremur, per scorpionum ferreas fundas e propugnaculis subinde rotundi lapides iacti, dissolutis turrium coagmentis, ballistas earumque tortores ita fudere praecipites, ut quidam citra vulnecrum noxas, alii obtriti magnitudine poriderum interirent, ...</i>
Português:	E enquanto nós eramos duramente precionados de todos os lados pelo peso das armas, trabalhos de cerco, e monstros, pedras redondas jogadas a intervalos dos batimentos pelos braços de ferro e fundas dos nossos escorpiões destruindo as juntas das torres, e derrubando as balistas e aqueles que trabalhavam nelas precipitadamente, que alguns pereceram sem injúrias de ferimentos, outros foram esmagados pelo gradne peso dos detritus.

Referência:	XX, 6. 4
Latim:	<i>Contra haec oppidani superstantes propugnaculis celsis, lapidibus eminus telorumque genere omni ad interiora ferocius se proripientes arcebant.</i>
Português:	Contra esta investida, os cidadãos, de pé em cima de suas altas ameias, a distância com pedras e todos os tipos de mísseis tentaram repelir aqueles que corajosamente se esforçavam para forçar a entrada.

Referência:	XX, 6. 6
Latim:	<i>Vicit tamen omne prohibendi commentum acumen arietis, coagmenta fodiens lapidum recens structorum, madoreque etiam tum infirmium</i>
Português:	Mas a afiada cabeça do aríete superou qualquer tentativa da defesa, penetrando as articulações das novas pedras colocadas, que estavam ainda úmidas e, portanto, fracas.

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>..., nec ballistae tamen cessavere nec scorpiones, illae tela torquentes, hi lapides crebros, qualique simul ardentis pice et bitumine illiti, ...</i>
Português:	..., no entanto, nem as balistas nem os escorpiões cessaram, o primeiro arremessando dardos, o último com chuvas de pedras e com elas cestas de vime em chamas, untada com pez e betume.

Referência:	XX, 7. 13
Latim:	<i>..., antegressus omnes repsit nisibus magnis ad murum, vastoque acumine coagmenta lapidum fodiens, turrim laxatam evertit.</i>
Português:	Lá, cavando as juntas das pedras com seu grande bico, ele enfraqueceu a torre e a derrubou.

Referência:	XX, 11. 9
Latim:	<i>..., quotiens flagitabat necessitas, lacertos fortiter exsertantes lapidibus subiectos incessabant et telis.</i>
Português:	No entanto, sempre que a necessidade exigisse eles iam sem medo confiando em seus braços direitos e atacariam os sitiantes com pedras e dardos.

Referência:	XX, 11. 12
Latim:	<i>..., tormenta nihilo minus et lapidum crebritas atque fundarum ex utraque parte plurimos cnosumbant, ...</i>
Português:	..., ainda a artilharia e o banho de pedras e fundas continuaram, no entanto, a destruir gradne número dos dois lados.

Referência:	XXI, 12. 6
Latim:	<i>..., factas plerique vehentes ad mensuram moenium scalas, iamque parietibus paene contigui pars lapidibus volutis in pronum conlisi, pars confixi stridentibus iaculis retroque gradientes averterunt secum omnes alios metu similibus a proposito pugnandi detortos.</i>
Português:	Muitos carregavam escadas feitas para corresponder com a altura das muralhas, ao subirem, alguns foram esmagados por pedras que rolavam de cima, outros foram perfurados por dardos; e quando os sobreviventes abriram caminho, eles carregaram com eles o restante, cujo medo de um destino parecido tirara deles o propósito da luta

Referência:	XXIV, 4. 16
Latim:	<i>..., tum aptatae ligneis sagittis ballistae flexu stridoreque torquebantur, creberrima spicula funditantes, et scorpiones quocumque manus peritae duxissent, rotundos lapides evibrabant.</i>
Português:	...; em seguida, balistas adaptadas para flechas de madeira foram arqueadas e encheram com som penetrante, mandando uma chuva de mísseis; e escorpiões, arrastado para vários lugares por hábeis mãos arremessaram pedras redondas.

Referência:	XXIV, 4. 28
Latim:	<i>Inter haec certamina nostrae partis architectus, cuius nomen non suppetit, post machinam scorpionis forte adsistens, reverberato lapide, quem artifex titubanter aptaverat fundae, obliquo pectore supinatus profudit animam, disiecta conpage membrorum adeo ut ne signa quidem totius corporis noscerentur.</i>
Português:	No curso desse contexto um construtor do nosso lado, cujo nome eu não me lembro, aconteceu de estar parado atrás de um <i>scorpio</i> , quando uma pedra que fora colocada inseguramente na funda pelo artilheiro foi lançada para trás. O homem infeliz foi jogado para trás com seu peito esmagado, e morto; e seus membros foram tão dilacerados que nem partes inteiras do seu corpo pode ser identificadas.

Referência:	XXXI, 6. 3
Latim:	<i>In qua difficultate diutius positi, passim et promiscue ruebant, eminensque aliquorum audacia peribat inulta, multique sagittis et rotatis per fundas lapidibus interibant.</i>
Português:	Permanecendo nessa difícil situação por algum tempo, eles fizeram dispersos e promíscuos ataques; a evidente audácia de alguns pereceram sem vingança, e muitos perderam suas vidas com flechas ou por pedras jogadas por fundas.

Referência:	XXXI, 15. 12
Latim:	<i>Scorpio genus tormenti, quem Onagrum sermo vulgaris appellat, e regione contra hostium aciem densam locatus, lapidem contorsit ingentem, qui licet humo frustra inlatus est visus, tamen ita eos metu exanimavit, ut stupore spectaculi novi cedentes e medio abire temptarent.</i>
Português:	Uma peça da artilharia conhecida como escorpião, mas chamada de burro selvagem na linguagem do povo, posicionada exatamente em oposição a uma grande massa de inimigos, jogou uma grande pedra , e embora corra sem efeito, ainda assim a visão dele causa no inimigo grande terror, no espanto do estranho espetáculo eles fogem para longe e tentam deixar o local.

f. Pice, picem, (Pix/picis) – pez

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>..., nec ballistae tamen cessavere nec scorpiones, illae tela torquentes, hi lapides crebros, qualique simul ardentes pice et bitumine illiti, ...</i>

Português:	..., no entanto, nem as balistas nem os escorpiões cessaram, o primeiro arremessando dardos, o último com chuvas de pedras e com elas cestas de vime em chamas, untada com pez e betume.
-------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	XX, 11. 15
Latim:	<i>Et contra propugnatores cum iam discussurus turrim oppositam aries maximus adventaret, prominentem eius ferream frontem, quae re vera formam effingit arietis, arte subtili illaqueatam altrinsecus, laciniis retinere longissimis, ne retrogradiens resumeret vires, neve ferire muros assultibus densis contemplabiliter posset, fundentes quoque ferventissimam picem.</i>
Português:	E por outro lado, os defensores, quando o grande aríete estava já perto para balançar uma torre que estava em seu caminho, por um dispositivo sutil enredando sua extremidade de ferro projetada (o que de fato tem um formato de cabeça de carneiro) nos dois lados com longas cordas, e o segurou de forma que ele não poderia mover para traz e pegar nova força, nem ser capaz com boa pontaria folpear a muralha com repetidas investidas; e no meio tempo eles derramaram piche escaldante.

g. Bitumine (bitumen) – betume

Referência:	XX, 7. 10
Latim:	<i>..., nec ballistae tamen cessavere nec scorpiones, illae tela torquentes, hi lapides crebros, qualique simul ardentis pice et bitumine illiti, ...</i>
Português:	..., no entanto, nem as balistas nem os escorpiões cessaram, o primeiro arremessando dardos, o último com chuvas de pedras e com elas cestas de vime em chamas, untada com pez e betume .

h. Columnarum fragmenta, columnarum fragmentis (coluna fragmentum) – fragmento de coluna

Referência:	XX, 11. 10
Latim:	<i>Et vimineae crates cum procederent confidenter essentque parietibus contiguae, dolia desuper cadebant, molae et columnarum fragmenta, quorum ponderibus nimiis obruebantur oppugnatores, hiatuque violento disiectis operimentis cum periculis ultimis evadabant.</i>
Português:	Mas, quando o mantelete de vime passou confiança já estávamos perto da muralha, grandes jarras caíram de cima, juntamente com mós e fragmentos de coluna , pelo excessivo peso os assaltantes foram esmagados; e desde que os dispositivos de proteção partiram em grandes lacunas, eles fizeram sua fuga com grande perigo.

Referência:	XXXI, 15. 13
Latim:	<i>..., non nulli scalas vehendo ascensumque in muros ex latere omni parantes sub oneribus ipsis obruebantur, contrusis per pronum saxis et columnarum fragmentis et cylindris.</i>
Português:	...; outros que carregavam escadas e estavam preparados para escalar as muralhas de todos os lados foram enterrados debaixo de seus próprios fardos, quando pedras, fragmentos e tambores inteiros de colunas eram jogados sobre eles.

i. Oleum (oleum) – óleo

Referência:	XXIII, 6. 37
Latim:	<i>In hac regione oleum conficitur Medicum, quo inlitum telum, si emissum lentius laxiore arcu nam ictu extinguitur rapido haeserit usquam, tenaciter cremat, et si aqua voluerit abluere quisquam, aestus excitat acriores incendiorum, nec remedio ullo quam iactu pulveris consopitur.</i>
Português:	Se um míssel (dardo) é besuntado com esse óleo e atirado lentamente por um arco frouxo (pois é extinto por um voo rápido), onde ele pousar ele queima persistentemente; e se alguém tentar acabar com ele com água, ele queima com ainda mais força, e ele não pode ser extinto de nenhuma outra forma que não por poeira jogada sobre ele.

Referência:	XXIII, 6. 38
Latim:	<i>Paratur autem hoc modo. Oleum usus communis herba quadam infectum condunt harum rerum periti ad diuturnitatem servantes et coalescens durant ex materia venae naturalis similis oleo crassiori: quae species gignitur apud Persas, quam ut diximus, naphtam vocabulo appellavere gentili.</i>
Português:	Agora, o óleo é feito dessa maneira. Aqueles que eram habilidosos nessa matéria pegavam óleos de uso geral, misturava com certas ervas, e deixava repousar e engrossar por um longo tempo, até ele pegar poderes mágicos do material. Outro tipo, como uma espécie mais espessa de óleo , é nativo da Pérsia, e (como eu já disse) é chamada naquela língua de nafta.

4. OFICINA DE FABRICO E REPARAÇÃO

a. *Fabricarum, fabricae (fabrica) – forja*

Referência:	XIV, 7. 18
Latim:	<i>Et quia Montius inter dilaiicinautium manus spiritum efflaturus, Epigonura et Eusebium, nee professionem nee dignitatem ostendens, aliquotiens increpabat, aequisoni his magna quaerebantur industria, et nequid intepesceret, Epigonus e Cilicia philosophus ducitur, et Eusebius ab Emissa Pittacas cognomento, concitatus orator, cum quaestor non hos sed tribunos fabricarum insimulasset, promittentes armorum, si novae res agitari coepissent.</i>
Português:	E, porque <i>Montius</i> , quando estava prestes a dar o ultimo susperi nas mãos daqueles que estavam lacerando, chamou por <i>Epigonus</i> e <i>Eusebius</i> , mas sem indicar suas profissões ou nível, homens com o mesmo nome forma chamados com grande urgência. E, em ordem de não diminuir o excitamento, um <i>Esebius</i> , com sobrenome <i>Pittacas</i> , um orador veemente, de Edessa, embora não tenha sido esse que o questor havia chamado, mas alguns tribunos das forjas , que tinha prometido armas em caso de revolução acontecer.

Referência:	XXIX, 3. 4
Latim:	<i>Praepositum fabricae oblato thorace polito faberrime, praemiumque ideo exspectantem, ea re praecepit occidi, quod pondus paulo minus habuit species ferrea quam ille firmarat.</i>
Português:	Um homem no commando da forja trouxe para o Imperador um peitoral artisticamente embelezado, e esperava uma recompense por isso; mas Valentiniano ordenou que ele fosse morto com igual crueldade porque o pedaço de armadura de ferro tinha menos peso que o estipulado.

❖ *PUBLIUS FLAVIUS VEGETIUS RENATUS – EPITOMA REI MILITARIS*

Edições utilizadas:

- Vegécio – Compêndio da Arte Militar, tradução de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, Editoras Annablume e Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

Mapeamento das descrições de armamentos na obra de *Epitoma Rei Militaris* de Flávio Vegécio Renato

1. ARMAMENTO INDIVIDUAL:

a. Scuta, scutati, scutis (scutum) - Escudo

Referência:	Livro I, cap. XI.
Latim:	<i>“...: scuta de vimine in modum cratium corrotundata texebant ita ut duplum pondus cratis haberet quam scutum publicum habere consuevit, itemque clavas lígneas duplicis aequae ponderis pro gladiis tironibus dabant, eoque modo non tantum mane sed etiam post meridiem exercebantur ad palos.”</i>
Português:	<i>“... teciam escudos de vime arredondados à maneira de grades, de forma a que cada um tivesse de peso duas vezes mais do que costuma ter o escudo comum e davam também aos recrutas, em vez de gládios, maças de madeira igualmente com o dobro do peso; e, deste modo, treinavam contra postes, não apenas pela manhã, mas também depois do meio-dia.”</i>

Referência:	Livro I, cap. XX.
Latim:	<i>“... usque eo, ut sagittarii sinistra brachia manicis munirentur, pedites autem scutati praeter catafractas et galeas etiam ferreas ocreas in dextris cruribus cogerebantur accipere.”</i>
Português:	<i>“..., a ponto de os arqueiros protegerem os braços esquerdos com braçais e de os peões munidos de escudos serem obrigados a utilizar grevas de ferro nas pernas direitas, para além das catafractas e dos capacetes.”</i>

Referência:	Livro II, cap. XVIII.
Latim:	<i>“Sed ne milites aliquando in tumultu proelii e suis contubernalibus aberrarent, diversis cohortibus diversa in scutis signa pingebant, ut ipsi nominant, digmata, sicut etiam nunc moris est fieri. Praeterea in averso scuto uniuscuiusque militis litteris erat nomen adscriptum, addito ex qua esset cohorte quaeve centúria.”</i>

Português:	“Mas para que os soldados nunca se perdessem dos seus companheiros no tumulto do combate, eles pintavam nos escudos , para as distintas coortes, sinais diferentes, chamados <i>digmata</i> ¹ , tal como ainda hoje é costume fazer. Para, além disso, na parte interior do escudo estava inscrito com letras o nome de cada soldado, acrescentando da indicação da coorte ou da centúria a que pertencia.”
-------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	Livro III, cap. XIV.
Latim:	<i>Quibus scuta deerant, sive lapidibus manu iactis sive missibilibus in hoc ordine dimicabant, quos accensos tamquam iuniores et postea assitos nominabant.”</i>
Português:	Nesta quinta linha, combatiam aqueles que não tinham escudos , arremessando com a mão quer pedras quer mísseis; a estes chamavam <i>accensi</i> , por serem recrutas e incorporados mais tarde.”

b. *Gladii (gladius) - Gládio*

Referência:	Livro I, cap. XI.
Latim:	<i>“... idemque clavas ligneas dupli aequae ponderis pro gladiis tironibus dabant, eoque modo non tantum mane sed etiam post meridiem exercebantur ad palos.”</i>
Português:	“... e davam também aos recrutas, em vez de gládios , maças de madeira igualmente com o dobro do peso; e, deste modo, treinavam contra os postes, não apenas pela manhã mas também depois do meio dia.”

c. *Arcubus (arcus) - Arco*

Referência:	Livro I, cap. XV.
Latim:	<i>“Sed prope tertia vel quarta pars iuniorum, quae aptior potuerit repperiri, arcubus ligneis sagittisque lusoriis illos ipsos exercenda est semper ad palos. Et doctores ad hanc rem artifices eligendi et maior adhibenda sollertia ut arcum scienter teneant, ut fortiter impleant, ut sinistra fixa sit, ut dextra cum ratione ducatur, ut sive in equo sive in terra rectum sagittare doceantur. Quam atem et disci opus est diligenter et cotidiano usu exercitioque servari.”</i>
Português²:	“Mas aproximadamente a terça ou quarta parte dos jovens que conseguir revelar-se mais apta deve ser treinado com arcos de madeira e com réplicas de setas contra aqueles postes. Para este

¹ As imagens nos escudos serviam para identificação em campo de batalha.

² Vale ressaltar que a tradução para o português é de autoria de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, editado pela Annablume e pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 2011.

	exercício, devem ser escolhidos instrutores especializados e deve ser empregue uma grande destreza para que os recrutas segurem o arco com sabedoria, para que o armem energicamente, para que a mão esquerda permaneça firme e para que a direita seja conduzida adequadamente, para que a vista e o espírito convirjam em relação àquilo que deve ser atingido, para que sejam ensinados a atirar setas com desembaraço, quer a cavalo quer a pé. É necessário que esta arte não só seja aprendida cuidadosamente, mas também que seja conservada pela prática e pelo exercício cotidiano.”
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

d. Sagittis, sagittas (sagitta) – flechas

Referência:	Livro I, cap. XV.
Latim:	“ <i>Sed prope tertia vel quarta pars iuniorum, quae aptior potuerit reperiri, arcubus ligneis sagittisque lusoriis illos ipsos exercenda est semper ad palos.</i> ”
Português³:	“Mas aproximadamente a terça ou quarta parte dos jovens que conseguir revelar-se mais apta deve ser treinados com arcos de madeira e com réplicas de setas contra aqueles postes.”

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	“...; <i>erant funditores, qui ad fundas vel fustibalos lapides iaciebant; erant tragularii, qui ad manuballistas vel arcuballistas dirigebant sagittas.</i> ”
Português:	“...; havia fundibulários que lançavam pedra com fundas ou fustíbalos; e havia <i>tragularii</i> que atiravam setas com <i>manuballistae</i> ou com <i>arcuballistae</i> .”

e. Cassidibus (cassis) - Capacete

Referência:	Livro I, cap. XVI.
Latim:	“ <i>Saepe enim adversum bellatores cassidibus catafractis lorisque munitos teretes lapides de funda vel fustibalo destinati sagittis sunt omnibus graviores, cum membris integris letale tamen vulnus importent et sine invidia sanguinis hostis lapide ictus intereat.</i> ”
Português:	“Com efeito, muitas vezes, contra guerreiros protegidos com capacetes , com catafractas e com lorigas, pedras polidas arremessadas por uma funda ou por um fustíbalos são mais prejudiciais do que qualquer tipo de setas, uma vez que, deixando os membros intactos, provocam, contudo, um ferimento mortal no inimigo, que morre sem derramamento de sangue, só com a pancada da pedra.”

³ Vale ressaltar que a tradução para o português é de autoria de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, editado pela Annablume e pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 2011.

f. Catafractis (catafracta) – Catafracta (couraça)⁴

Referência:	Livro I, cap. XVI.
Latim:	<i>“Saepe enim adversum bellatores cassidibus catafractis lorisque munitos teretes lapides de funda vel fustibalo destinati sagittis sunt omnibus graviores, cum membris integris letale tamen vulnus importent et sine invidia sanguinis hostis lapide ictus intereat.”</i>
Português:	“Com efeito, muitas vezes, contra guerreiros protegidos com capacetes, com catafractas e com lorigas, pedras polidas arremessadas por uma funda ou por um fustíbalo são mais prejudiciais do que qualquer tipo de setas, uma vez que, deixando os membros intactos, provocam, contudo, um ferimento mortal no inimigo, que morre sem derramamento de sangue, só com a pancada da pedra.”

Referência:	Livro III, cap. XXIII.
Latim:	<i>“Catafracti équites, propter munimina quae gerunt a vulneribus tuti sed propter impedimentum et pondus armorum capi faciles et laqueis frequenter obnoxii, contra dispersos pedites quam contra équites in certamine meliores, tamen aut ante legiones positi aut cum legionariis, mixti, quando comminus, hoc est manu ad manum, pugnatur, acies hostium saepe perrumpunt.”</i>
Português:	“Os cavaleiros com catafractas estão protegidos de ferimentos devido às defesas que utilizam, mas são fáceis de capturar por causa do incomodo e do peso das armas e estão frequentemente sujeitos a serem apanhados por laços; melhores em combate contra peões dispersos do que contra cavaleiros, ao serem, porém, colocados diante das legiões ou misturados com legionários rompem muitas vezes as linhas dos inimigos sempre que se chega ao combate corpo a corpo.”

g. Loricis (lorica) - Lorigas

Referência:	Livro I, cap. XVI.
Latim:	<i>“Saepe enim adversum bellatores cassidibus catafractis loricisque munitos teretes lapides de funda vel fustibalo destinati sagittis sunt omnibus graviores...”</i>
Português:	“Com efeito, muitas vezes, contra guerreiros protegidos com capacetes, catafractas e com lorigas , pedras polidas arremessadas por uma funda ou por um fustíbalo são mais prejudiciais do que qualquer tipo de setas, ...”

⁴ Artefato de Proteção.

h. Fundis, fundas, fundis (funda) - Funda

Referência:	Livro I, cap. XVI.
Latim:	<i>”Et interdum evenit ut in lapidosis locis conflictus habeatur, ut mons sit aliquis defendendus aut collis; et ab oppugnatione castellorum sive civitatum lapidibus barbari fundisque pellendi sunt.”</i>
Português:	“E acontece, por vezes, que o combate se trava em locais rochosos, que um monte qualquer ou uma colina têm de ser defendidos, ou que os bárbaros têm de ser afastados do ataque a fortes e a cidades por meio de pedras e fundas .”

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	<i>“...; erant funditores, qui ad fundas vel fustibalos lapides iaciebant; erant tragularii, qui ad manuballistas vel arcuballistas dirigebant sagittas.”</i>
Português:	“...; havia fundibulários que lançavam pedra com fundas ou fustíbalos; e havia <i>tragularii</i> que atiravam setas com <i>manuballistae</i> ou com <i>arcuballistae</i> .”

Referência:	Livro III, cap. XIV.
Latim:	<i>“In quinta acie ponebantur interdum carroballistae manuballistarii fundibulatores funditores. Fundibulatores sunt qui fustibalis lapides iaciunt. Fustibalus fustis est longus pedibus quattuor cui per médium ligatur funda de corio, et utraque manu impulsus prope ad instar onagri dirigit saxa. Funditores sunt qui fundis lino vel stis factis – has enim dicunt esse meliores – contorto circa caput brachio dirigunt saxa. Quibus scuta deerant, sive lapidibus manu iactis sive missilibus in hoc ordine dimicabant, quos accensos tamquam iuniores et postea assitos nominabant.”</i>
Português:	“Por vezes, na quinta linha eram dispostas carroballistae, manuballistarii, fundibulatores e funditores. Os fundibulatores são aqueles que lançam pedras por meio de fundas. Os fustibalus é um pau com quatro pés de comprimento, ao meio do qual está ligada uma funda de couro e que, impulsionado por uma das mãos, atira pedras quase à semelhança de um ónagro. Os Funditores são os que, feitas as fundas com linho ou com cabelo – na verdade, diz-se que estas últimas são melhores – atiram pedras fazendo girar o braço em volta da cabeça. Nesta quinta linha, combatiam aqueles que não tinham escudos, arremessando com a mão quer pedras quer mísseis; a estes chamavam <i>accensi</i> , por serem recrutas e incorporados mais tarde.”

i. Fustibalo, fustibalus (fustibalus) - Fustíbulo

Referência:	Livro I, cap. XVI.
Latim:	“... munitos teretes lapides de funda vel fustibalo destinati sagittis sunt omnibus graviores, cum membris integris letale tamen vulnus importent et sine invidia sanguinis hostis lapide ictus intereat.”
Português:	“..., pedras polidas arremessadas por uma funda ou por um fustíbulo são mais prejudiciais do que qualquer tipo de setas, uma vez que provocam um ferimento mortal sem aparentemente lesar os membro do inimigo, que morre sem derramamento de sangue, só com a pancada da pedra.”

Referência:	Livro III, cap. XIV.
Latim:	“ Fustibalus fustis est longus pedibus quattuor cui per médium ligatur funda de corio, et utrq̄ue manu impulsus prope ad instar onagri dirigit saxa.”
Português:	“O fustibalo é um pau com quatro pés de comprimento, ao meio do qual está ligada uma funda de couro e que, impulsionado por uma das mãos, atira pedras quase à semelhança de um ónagro.”

j. Mattiobarbuli (mattiobarbuli⁵) – Plumbatas, plumbatae (tipo de dardo)

Referência:	Livro I, cap. XVII.
Latim:	“ <i>Plumbatarum quoque exercitatio, quos mattiobarbulos vocant, est tradenda iunioribus. Nam in Illyrico dudum duae legiones fuerunt, quae sena milia militum habuerunt quae quod his telis scienter utebantur et fortiter Mattiobarbuli vocabantur. Per hos longo tempore strenuissime constat omnia bella confecta, usque eo ut Diocletianus et Maximianus, cum ad imperium pervenissent, pro merito virtutis hos Mattiobarbulos Iovianos atque Herculianos censuerint appellandos eosque cunctis legionibus praetulisse doceantur. Quinos autem mattiobarbulos insertos scutis portare consuerunt, quos si oportune milites iactent, prope sagittariorum scutati imitari videntur officium. Nam hostes equosque consauciant, priusquam non modo ad manum sed ad ictum missibilibus potuerit perveniri.</i> ”
Português:	“Também o treino com os dardos de chumbo, a que dão o nome de <i>mattiobarbuli</i> , deve ser ministrado aos jovens. De facto, na Ilíria, existiram outrora duas legiões de seis mil soldados e que eram chamadas Mattiobarbuli , porque utilizavam hábil e energicamente estes projéteis. Consta que, durante muito tempo, todas as guerras foram resolvidas de uma forma muito decididas por elas, ao ponto

⁵ Uma variante tardia da plumbata, arremessada com a mão. (FEUGÈRE, 2002:184).

	de Diocleciano e Maximiani, ao chegar no poder, decretarem que estes <i>Mattiobarbuli</i> , devido ao seu valor, fossem chamados <i>Ioviani</i> e <i>Herculiani</i> , de tal maneira que se julgou que eles as preferiam a todas as outras legiões. Além disso, costumavam transportar cinco <i>mattiobarbuli</i> metidos dentro dos escudos, os quais, sendo arremessados pelos soldados no tempo devido, fazem com que os escudeiros de infantaria quase pareçam imitar o ofício dos arqueiros. Na verdade, ferem gravemente os inimigos e os cavalos antes que eles não só possam chegar ao corpo-a-corpo, mas também antes de eles estarem ao alcance dos restantes mísseis.”
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	“ <i>Haec erat gravis armatura, quia habebant cassides catafractas ocreas scuta gladios maiores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathia nominant, plumbatas quinque positas in scutis, quas primo impetu iaciunt, item bina missibilia, unum maius ferro triangulo unciarum novem, hastili pedem quinque semis, quod pilum vocabant, nunc spiculum dicitur, ...</i> ”
Português:	“Esta era a infantaria pesada, porque tinha capacetes, catafractas, grevas, escudos, espadas maiores às quais chamam <i>spathae</i> e outras mais pequenas a que dão o nome de <i>semispathiae</i> , cinco dardos de chumbo metidos nos escudos, que arremessam no primeiro assalto, do mesmo modo que outros dois dardos, um dos quais maior, com um ferro triangular medindo nove polegadas e com um cabo de cinco pés e meio, a que chamam <i>pilum</i> e que é agora chamdo <i>spiculum</i> .”

Referência:	Livro IV, cap. XXIX.
Latim:	“ <i>Sed ex alto destinata missibilia sive plumbatae vel lanceae, verruta vel spicula in subiectos vehementius cadunt.</i> ”
Português:	“Mas os mísseis, os dardos de chumbo , as lanças, os <i>verruta</i> e os <i>spicula</i> arremessados a partir de cima caem com mais violência sobre os que estão em baixo.”

k. Missibillum, missilibus, missibila (missila) – misseis

Referência:	Livro I, cap. XVII.
Latim:	<i>Nam hostes equosque consauciant, priusquam non modo ad manum sed ad ictum missibillum potuerit perveniri.</i>
Português:	Na verdade, ferem gravemente os inimigos e os cavalos antes que eles não só possam chegar ao corpo-a-corpo, mas também antes de eles estarem ao alcance dos restantes misseis .

Referência:	Livro I, cap. XX.
Latim:	<i>“Missilibus autem quibus utebatur pedestris exercitus pila vocabantur, ...”</i>
Português:	“... a infataria usava dardos que eram chamados de <i>pila</i> , ...”

Referência:	Livro II, cap. XIV.
Latim:	<i>“Praeterea sicut centurio eligendus est magnis viribus, procera statura, qui hastas vel missibila perite iaculetur fortiter, ...”</i>
Português:	“... o centurião deve ser escolhido pela sua grande força e elevada estatura, ele que arremessa as lanças e os dardos com perícia e com vigor,...”

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	<i>“..., plumbatas quinas positas in scutis, quas primo impetu iaciunt, item bina missibilia, ...”</i>
Português:	“..., cinco dardos de chumbo metidos nos escudos, que arremessam no primeiro assalto, do mesmo modo que outros dois dardos , ...”

Referência:	Livro III, cap. XIV.
Latim:	<i>Quibus scuta deerant, sive lapidibus manu iactis sive missibilibus in hoc ordine dimicabant, quos accensos tamquam iuniores et postea assitos nominabant.</i>
Português:	Nesta quinta linha, combatiam aqueles que não tinham escudos, arremessando com a mão quer pedras quer mísseis ; a estes chamavam accensi, por serem recrutas e incorporados mais tarde.

Referência:	Livro IV, cap. XXIX.
Latim:	<i>“Sed ex alto destinata missibilia sive plumbatae vel lanceae, veruta vel spicula in subiectos vehementius cadunt.”</i>
Português:	“Mas os mísseis , os dardos de chumbo, as lanças, os <i>verruta</i> e os <i>spicula</i> arremessados a partir de cima caem com mais violência sobre os que estão em baixo.”

l. *Ocreas* (ocrea) - Grevas⁶

Referência:	Livro I, cap. XX.
Latim:	<i>“... usque eo, ut sagittarii sinistra brachia manicis munirentur, pedites autem scutati praeter catafractas et galeas etiam ferreas ocreas in dextris cruribus cogerentur accipere.”</i>
Português:	“..., a ponto de os arqueiros protegerem os braços esquerdos com braçais e de os peões munidos de escudos serem obrigados a utilizar grevas de ferro nas pernas direitas, para além das catafractas e dos capacetes.”

m. *Manicis* (*manicae*) - braçais

Referência:	Livro I, cap. XX.
Latim:	<i>“... usque eo, ut sagittarii sinistra brachia manicis munirentur, pedites autem scutati praeter catafractas et galeas etiam ferreas ocreas in dextris cruribus cogerentur accipere.”</i>
Português:	“..., a ponto de os arqueiros protegerem os braços esquerdos com braçais e de os peões munidos de escudos serem obrigados a utilizar grevas de ferro nas pernas direitas, para além das catafractas e dos capacetes.”

n. *Pila*, *pilum* (*pilum*) ou *Bebras* (*bebra*) – Pilo ou dardo (tipo de dardo)⁷

Referência:	Livro I, cap. XX.
Latim:	<i>“Cuius generis apud nos iam rara sunt tela; barbari autem scutati pedites his praecipue utuntur, quas bebras vocant, et binas etiam ac ternas in proeliis portanto.”</i>
Português:	“Entre nós, armas de arremesso deste tipo (<i>pila</i>) são já raras, mas os peões bárbaros munidos de escudo preferem-nas, chamando-lhes bebrae , e levam duas ou três para os combates.”

Referência:	Livro I, cap. XX.
Latim:	<i>“Missilibus autem quibus utebatur pedestris exercitus pila vocabantur, ferro subtili trigono praefixa unciarum novem sive pedali, quod in scuto fixum non possit abscidi et lorica scienter ac fortiter directum facile perrumpit.”</i>
Português:	“... a infataria usava dardos que eram chamados de pila , providos de um fino triangulo de ferro de nove polegadas ou um pé (22,5 cm a 30 cm), o qual, espetado num escudo, não podia ser arrancado

⁶ Artefato de Proteção.

⁷ É interessante notar que Vegécio, nessa parte de seu texto, encoraja o retorno ao uso desses dardos que no momento era utilizado pelos bárbaros, para ratificar sua escolha aponta outro artefato que era utilizado pelos romanos anteriormente e que era parecido com os utilizados pelos bárbaros.

	e que, arremessado com perícia e com força, facilmente penetrava uma loriga.”
--	-------------------------------------------------------------------------------

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	“... <i>item bina missibilia, unum maius ferro triangulo unciarum novem, hastili pedem quinque semis, quod pilum vocabant, nunc spiculum dicitur, ...</i> ”
Português:	“... outros dois dardos, um dos quais maior, com um ferro triangular medindo nove polegadas e com um cabo de cinco pés e meio, a que chamam pilum e que é agora chamado <i>spiculum</i> .”

o. Hastas (hasta) - Lança

Referência:	Livro II, cap. XIV.
Latim:	“ <i>Praeterea sicut centurio eligendus est magnis viribus, procera statura, qui hastas vel missibilia perite iaculetur fortiter, dimicare gladio et scutum rotare doctissime noverit, qui omnem artem didicerit armorum, vigilans sobrius agilis, magis ad faciendam quam ad loquendum paratus, contubernales suos ad disciplinam retineat, ad armorum exercitium cogat, ut bene vestiti et calciati sint, ut arma omnium defricentur ac splendeant ...</i> ”
Português:	“... o centurião deve ser escolhido pela sua grande força e elevada estatura, ele que arremessa as lanças e os dardos com perícia e com vigor, que sabe combater com o gládio e rodar habilmente o escudo, que aprendeu toda a arte da <i>armatura</i> , que é atento, prudente e ágil, mais preparado para fazer aquilo que lhe ordenaram do que falar, que compele os seus homens à disciplina e que os obriga ao treino das armas, para que estejam bem vestidos e calçados e para que as armas de todos sejam limpas e reluzentes.”

p. Spathas, semispathia (spatha) - Espada

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	“ <i>Haec erat gravis armatura, quia habebant cassides catafractas ocreas scuta gladios maiores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathia nominant, plumbatas quinque positas in scutis, quas primo impetu iaciunt, item bina missibilia, unum maius ferro triangulo unciarum novem, hastili pedem quinque semis, quod pilum vocabant, nunc spiculum dicitur, ...</i> ”
Português:	“Esta era a infantaria pesada, porque tinha capacetes, catafractas, grevas, escudos, espadas maiores às quais chamam <i>spathae</i> e outras mais pequenas a que dão o nome de <i>semispathiae</i> , cinco dardos de chumbo metidos nos escudos, que arremessam no

	primeiro assalto, do mesmo modo que outros dois dardos, um dos quais maior, com um ferro triangular medindo nove polegadas e com um cabo de cinco pés e meio, a que chamam <i>pilum</i> e que é agora chamdo <i>spiculum</i> .”
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

q. *Spiculum, spicula (spiculum)* - (tipo de dardo)

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	“... <i>item bina missibilia, unum maius ferro triangulo unciarum novem, hastili pedem quinque semis, quod pilum vocabant, nunc spiculum dicitur, ...</i> ”
Português:	“... outros dois dardos, um dos quais maior, com um ferro triangular medindo nove polegadas e com um cabo de cinco pés e meio, a que chamam <i>pilum</i> e que é agora chamdo <i>spiculum</i> .”

Referência:	Livro IV, cap. XXIX.
Latim:	“ <i>Sed ex alto destinata missibilia sive plumbatae vel lanceae, veruta vel spicula in subiectos vehementius cadunt.</i> ”
Português:	“Mas os mísseis, os dardos de chumbo, as lanças, os <i>verruta</i> e os <i>spicula</i> arremessados a partir de cima caem com mais violência sobre os que estão em baixo.”

r. *Tragularii (tragularius)* - (tipo de lança)⁸

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	“...; <i>erant tragularii, qui ad manuballistas vel arcuballistas dirigebant sagittas.</i> ”
Português:	“...; havia fundibulários que lançavam pedra com fundas ou fustíbalos; e havia <i>tragularii</i> que atiravam setas com <i>manuballistae</i> ou com <i>arcuballistae</i> .”

s. *Verriculum / Verutum⁹ (verriculum)* – (tipo de dardo)

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	“...; <i>aliud minus ferro unciarum quinque, hastili pedum trium semis, quod tunc vericulum, nunc verutum dicitur.</i> ”
Português:	“E o outro dardo, mais pequeno, tinha um ferro de cinco polegadas (12,5 cm) e uma haste de três pés e meio (mais de 1m); chamava-se-lhe então <i>verriculum</i> e, agora, <i>verutum</i> .”

⁸ Nota do autor da tradução: uma lança pesada, talvez farpada, cuja forma exata ainda se desconhece, aparentemente de origem gaulesa e equipada com uma cabeça resistente. (MONTEIRO; BRAGA, 2011: nota 94).

⁹ Versão tardia do *Pilum*.

t. Sarisas (sarisa) - Sarissa

Referência:	Livro III, cap. XXIV.
Latim:	“... et bini catafracti equi iungebantur ad currum, quibus insidentes clibanarii sarisas , hoc est longissimos contos, in elephantos dirigebant; nam muniti ferro nec a sagittariis quos vehebant beluae laedebantur et earum impetum equorum celeritate vitabant.”
Português:	“Por outro lado, pares de cavalos protegidos por catafractas eram atrelados a carros de combate, e, montados neles, os <i>clibanarii</i> arremessavam sarissas , isto é, lanças muito comprida, contra os elefantes; deste modo, protegidos pelo ferro, não eram feridos pelos arqueiros que vinhas nas bestas e escapavam ao ataque delas graças à rapidez dos cavalos.”

u. Tribulus (tribulus) - Tríbulo

Referência:	Livro III, cap. XXIV.
Latim:	“...: ubi ad pugnam ventum est, repente toto campo Romani tribulos abiescerunt, in quos currentes quadrigae cum incidissent deletae sunt. Tribulus autem est ex quottuor palis confixum propugnaculum quod quoquo modo abieceris tribus radiis stat et erecto quarto infestum est.”
Português:	“...: quando se chegava ao combate, os Romanos lançavam subitamente trébulos por todo o campo; ao chocarem com eles, as quadrigas em movimento eram destruídas. O trébulo é um meio de defesa com quatro espigões cravados e que, como quer que seja lançado, fica espetado no chão em três das pontas, com uma quarta levantada e pronta para causar dano.”

2. MAQUINAS DE GUERRA:

a. Manuballistas (manuballista) – Manubalista (besta)

Referência:	Livro II, cap. XV.
Latim:	“...; erant tragularii, qui ad manuballistas vel arcuballistas dirigebant sagittas.”
Português:	“...; havia fundibulários que lançavam pedra com fundas ou fustíbalos; e havia <i>tragularii</i> que atiravam setas com manuballistae ou com arcuballistae .”

b. Arcuballistas (arcuballista) – Arculabilta (tipo de balista)

Referência:	Livro II, cap. XV.
--------------------	--------------------

Latim:	“...; <i>erant tragularii, qui ad manuballistas vel arcuballistas dirigebant sagittas.</i> ”
Português:	“...; havia fundibulários que lançavam pedra com fundas ou fustíbalos; e havia <i>tragularii</i> que atiravam setas com <i>manuballistae</i> ou com <i>arcuballistae</i> .”

c. Carroballistas (carroballista) – Carrobalista (tipo de balista)

Referência:	Livro II, cap. XXV.
Latim:	“ <i>Primum omnium instruitur iaculis quae nullae loricae, nulla possunt scuta sufferre. Nam per singulas centurias singulas carroballistas habere consuevit, quibus muli ad trahendum et singula contubernia ad armandum vel dirigendum, hoc est undecim homines, deputantur. Hae quanto maiores fuerint, tanto longius ac fortius tela iaculantur. Non solum autem castra defendunt verum etiam in campo post aciem gravis armaturae ponuntur; ante quarum impetum nec equites loricati nec pedites scutati possunt hostium stare. In una autem legione quinquaginta quinque carroballistae esse solent.</i> ”
Português:	“Antes de mais, a legião é provida com projécteis a que nenhuma loriga ou escudos podem resistir. Na verdade, cada centúria costuma ter a sua <i>carroballista</i> , a que são atribuídas mulas para as puxar e um só <i>contubernium</i> , isto é, onze homens, para as armar e direccionar. Quanto maiores forem estas balistas, tanto mais longe e com mais força os projécteis são lançados. Elas não apenas defendem o acampamento como também são colocadas no campo de batalha, atrás de linha da infantaria pesada; perante a força do seu impacto, nem os cavaleiros protegidos com loriga nem os peões com escudo inimigos conseguem manter as suas posições. Numa legião costuma haver cinquenta e cinco balistas montadas em carros.”

d. Aries, arietes – aríete

Referência:	Livro IV, cap. XIV
Latim:	... <i>aut certe caput ipsius uestitur ferro et appellatur aries, uel quod habet durissimam frontem, qua subruit muros, uel quod more arietum retrocedit, ut cum impetu uehementius feriat.</i>
Português:	... a cabeça da própria viga é revestida de ferro e chama-se <i>aries</i> , seja porque tem uma frente duríssima que rompe muralhas, seja porque, à maneira dos carneiros, retrocede para investir com um ataque ainda mais violento.

Referência:	Livro IV, cap. XXIII
Latim:	<i>Aduersum arietes etiam uel falces sunt plura remedia.</i>
Português:	Contra os arietes e os ganchos, existem diversos remédios.

e. Agger – talude (rampas de aproximação)

Referência:	Livro IV, cap. XV
Latim:	<i>Agger autem ex terra lignisque extollitur contra murum, de quo tela iactantur.</i>
Português:	E é erguido um talude contra a muralha com terra e madeiras a partir do qual se lançam projéteis.

Referência:	Livro IV, cap. XXVIII
Latim:	<i>..., tunc oppidani repente prorumpunt, ignorantes perimunt, arietes machinas ipsosque aggeres ignibus concremant omniaque in perniciem suam fabricata opera subuertunt.</i>
Português:	..., então os sitiados irrompem subitamente, liquidam-nos desprevenidos, lançam fogo aos aríetes, às máquinas e aos próprios taludes e arruinam todos os artifícios fabricados com vista à sua destruição.

f. Testudo – tartaruga

Referência:	Livro IV, cap. XIV
Latim:	<i>De materia ac tabulatis testudo contextitur, quae, ne exuratur incendio, coriis uel ciliciis centonibusque uestitur. Haec intrinsecus accipit trabem, quae aut adunco praefigitur ferro et falx uocatur ab eo, quod incurua est, ut de muro extrahat lapides, aut certe caput ipsius uestitur ferro et appellatur aries, uel quod habet durissimam frontem, qua subruit muros, uel quod more arietum retrocedit, ut cum impetu uehementius feriat. Testudo autem a similitudine uerae testudinis uocabulum sumpsit, quia, sicut illa modo reducit modo proserit caput, ita machinamentum interdum reducit trabem intedum exerit, ut fortius caedat.</i>
Português:	A tartaruga é feita de madeira e de tabuões e, para não ser detruída pelo fogo, é revestida de couros ou de peles de cabra e de centões. Do lado de dentro, a tartaruga apresenta uma viga, que é fixada por meio de um ferro adunco a que se chama <i>falx</i> porque é curvo para arrancar as pedras da muralha ou, por vezes, a cabeça da própria viga é revestida de ferro e chama-se <i>aries</i> , seja porque tem uma frente duríssima que rompe muralhas, seja porque, à maneira dos carneiros, retrocede para investir com um ataque ainda mais violento. A “ tartaruga ” retirou o seu nome da

	semelhança com a tartaruga verdadeira porque, tal como esta, ora retrai a cabeça, ora a faz avançar e, assim, esta máquina ora recolhe a viga, ora a impele para bater mais fortemente.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

g. *Plutei* (pluteu) - Manta

Referência:	Livro IV, cap. XV
Latim:	<i>Plutei dicuntur qui ad similitudinem absidis contextuntur e uimine et ciliciis uel coriis proteguntur ternisque rotulis, quarum una in medio, duae in capitibus apponuntur, in quaecumque parte uolueris admouentur more carpenti; quos obsidentes applicant muris, eorumque munitione protecti sagittis siue fundis uel missibilibus defensores omnes de propugnaculis ciuitatis exturbant, ut scalis ascendendi facilius praestetur occasio.</i>
Português:	Chamam “ mantas ” àquelas máquinas que se constroem à semelhança de uma abóbada com vime e que são protegidas por peles de cabra e por couros. Com três rodas, uma das quais é colocada no meio e duas nas pontas, elas são deslocadas para onde se quiser, à maneira de uma carroça; os sitiadores encostam-nas aos muros e, protegidos por elas, expulsam todos os defensores das ameias das cidades com setas, fundas ou mísseis para que seja mais fácil subir aos muros por meio de escadas.

h. *Vineas* (vineae) – abrigos (cauciae)

Referência:	Livro IV, cap. XV
Latim:	<i>Vineas dixerunt ueteres quas nunc militari barbaricoque usu causias uocant. E lignis leuioribus machina colligatur, lata pedibus octo, alta pedibus septem, longa pedibus septem, longa pedibus sedecim. Huius tectum munitione duplici tabulatis cratibusque contextitur. Latera quoque uimine saepiuntur, ne saxorum telorumque impetu penetrentur. Extrinsecus autem, ne inmisso concremetur incendio, crudis ac recentibus coriis uel centonibus operitur. Istae, cum plures factae fuerint, iunguntur in ordinem, sub quibus obsidentes tuti ad subruenda murorum penetrant fundamenta.</i>
Português:	Os antigos chamaram <i>vineae</i> àquilo a que agora os costumes militares e bárbaros chamam <i>cauciae</i> . Esta máquina é feita de madeiras muito leves, tendo oito pés de largura, sete de altura e dezesseis de comprimento. O seu telhado é formado por uma dupla proteção de pranchas e de caniços; do mesmo modo as partes laterais são revestidas de vimes para não serem penetradas pelo impacto das pedras e dos projecteis; mas a parte de fora é coberta com couros crus ou verdes ou com centõe para não ser queimada

	por fogo ateados pelos sitiados. Depois de fabricarem muitas destas máquinas, articulam-nas em linha; a coberto delas, os sitiadores avançam em segurança para minar os alicerces dos muros.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

i. Musculos (musculus) – Manteletes

Referência:	Livro IV, cap. XVI
Latim:	<i>Musculos dicunt minores machinas, quibus protecti bellatores sudatum auferunt ciuitatis; fossatum etiam adportatis lapidibus lignis ac terra non solum complent sed etiam solidant, ut turres ambulatoriae sine impedimento iungantur ad murum. Vocantur autem a marinis beluis musculi; nam quemadmodum illi, cum minores sint, tamen ballenis auxilium adminiculumque iugiter exhibent, ita istae machinae breuiores (uel) deputatae turribus magnis aduentui illarum parant uiam itineraque praemuniunt.</i>
Português:	Chamam manteletes as máquinas mais pequenas sob a proteção das quais os combatentes removem as defesas da cidade e não só atulham como consolidam o fosso com pedras, madeiras e terra de modo a qua as torres móveis possam ser colocadas junto aos muros sem impedimento. Echamam-se <i>musculi</i> a partir dos animais marinhos; pois tal como estes, apesar de serem mais pequenos, representam contudo, constantemente, um auxílio e ajuda para as baleias, também estas máquinas mais pequenas, como que associadas às grandes torres, preparam o avanço destas e protegem o seu caminho e percurso.

j. Exostra – ponte

Referência:	Livro IV, cap. XXI
Latim:	<i>...; circa mediam uero partem accipit pontem, factum de duabus trabibus saeptumque de vimine, quem subito prolatum inter turrem murumque constituunt et per eum egredientes de machina bellatores in ciuitatem transeunte et occupant muros; ...</i>
Português:	...; aproximadamente na parte do meio, ela tem uma ponte feita de duas traves e com um tapume de vime que é subitamente estendida e colocada entre a torre e a muralha e pela qual os guerreiros, que saem da máquina, acendem à cidade e ocupam as muralhas; ...

Referência:	Livro IV, cap. XXI
Latim:	<i>Exostra dicitur pons, quem superius exposuimus, quia de turri in murum repente protruditur.</i>
Português:	Chama-se exostra a uma ponte a que já anteriormente nos referimos porque é lançada repetidamente da torre para a muralha.

k. *Turres, turris (turri) – torres móveis*

Referência:	Livro IV, cap. XVII
Latim:	<p><i>Turres autem dicuntur machinamenta ad aedificiorum speciem ex trabibus tabulatisque compacta et, ne tantum opus hostili concremetur incendio, diligentissime ex crudis coriis uel centonibus communita, quibus pro modo altitudinis additur latitudo. Nam interdum tricenos pedes per quadrum interdum quadragenos uel quinquagenos latae sunt. Proceritas autem ipsarum tanta fit, ut non solum muros sed etiam turres lapideas altitudine superent. His plures rotae mechanica arte subduntur, quarum lapsu uolubili magnitudo tam ampla moueatur. Praesens autem periculum ciuitatis est, si ad murum fuerit turris admota. Plures enim accipit scalas et diuerso genere conatur inrumpere. Nam in inferioribus habet arietem, cuius impetu destruit muros, circa mediam uero partem accipit pontem, factum de duabus trabibus saeptumque de uimine, quem subito prolatum inter turrem murumque constituunt et per eum egredientes de machina bellatores in ciuitatem transeunt et occupant muros. In superioribus autem turris illius partibus contati et sagittarii collocantur, qui defensores urbis ex alto contis missibilibus saxisque prosternant. Quo facto ciuitas capitur sine mora. Quid enim auxilii superest, cum hi, qui de murorum altitudine hostium murum?</i></p>
Português:	<p>Além disso, chamam torres às máquinas construídas com vigas e com pranchas, à maneira de edifícios; e para que esta fortificação não seja queimada pelo fogo do inimigo, ela é muito cuidadosamente revestida com couros crus e com centões. A sua largura é regulada pela medida da sua altura. Com efeito, elas têm por vezes trinta pés quadrados e outras vezes quarenta ou cinquenta. E a altura delas deve ser tal que supere não só as das muralhas como também a das torres de pedra. Debaixo das torres são colocadas, de acordo com os conhecimentos da arte mecânica, muitas rodas, de tal forma que um volume tão grande possa ser deslocado por meio de um deslize fácil.</p> <p>Mas a cidade fica em perigo iminente se a torre se aproxima da muralha. Na verdade, ela possui muitas escadas e procura abrir caminho de diversas maneiras. Com efeito, a torre possui um aríete no seu patamar inferior, cujo impacto destrói os muros; aproximadamente na parte do meio, ela tem uma ponte feita de duas traves e com um tapume de vime que é subitamente estendida e colocada entre a torre e a muralha e pela qual os guerreiros, que saem da máquina, acendem à cidade e ocupam as muralhas; além disso, no patamar superior da torre, são colocados lanceiros e</p>

	arqueiros, que derrubam os defensores da cidade a partir de cima com lanças, mísseis e pedras. Feito isto, a cidade capitula sem demora. Na verdade, que tipo de auxílio pode haver quando aqueles que contavam com a altura dos muros avistam de repente, acima de si próprios, uma muralha inimiga ainda mais alta?
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Referência:	Livro IV, cap. XX
Latim:	<i>Sed cum Rhodiorum ciuitas obpugnaretur ab hostibus et turris ambulatoria supra murorum altitudinem ac turrium omnium pararetur, mechanici ingenio inuentum est tale remedium.</i>
Português:	Mas quando a cidade dos Ródios foi cercada pelos inimigos e se preparou uma torre móvel capaz de ultrapassar a altura de todos os muros e torres , o seguinte remédio foi inventado pelo génio de um engenheiro.

l. Sambuca (sambuca) – Ponte Sambuca

Referência:	Livro IV, cap. XXI
Latim:	<i>Sambuca dicitur ad similitudinem citharae; nam quemadmodum in cithara chordae sunt, ita in trabe, quae iuxta turrem ponitur, funes sunt, qui pontem de superiore parte trochleis laxant, ut descendat ad murum, statimque de turri exeunt bellatores et per eum transeuntes moenia urbis inuadunt.</i>
Português:	A sambuca tem este nome devido à sua semelhança com a cítara; com efeito, tal como há cordas na cítara, também existem cordas numa viga que é colocada junto à torre, as quais, por meio de roldanas, baixam uma ponte vinda de cima de forma a que ela assente na muralha. E imediatamente saem combatentes de dentro da torre, que, passando através dela, invadem as muralhas da cidade.

m. Tolleno (tolleno) – Toleno

Referência:	Livro IV, cap. XXI
Latim:	<i>Tolleno dicitur, quotiens una trabes in terram praealta defigitur, cui in summo uertice alia transuersa trabes longior dimensa medietate conectitur eo libramento, ut, si unum caput depressis, aliud erigatur. In uno ergo capite cratibus sine tabulatis contextitur machina, in qua pauci conlocantur armati; tunc per funes adtracto depressoque alio capite eleuati inponuntur in murum.</i>
Português:	Fala-se em tolleno quando se fixa uma trave bem alta em terra, no vértice superior da qual se prende, atravessada, uma outra trave de maior dimensão, equilibrada a meio de modo a que se uma das extremidades for rebaixada, a outra sobe. E num dos lados é

	preparado um dispositivo com grades ou tábuas no qual se colocam alguns soldados; então, quando a outra extremidade é rebaixada por meio de cordas puxadas com força, eles são içados e pousados na muralha.
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

n. Ballista (ballista) - Balista

Referência:	Livro IV, cap. XXII.
Latim:	<i>Ballista funibus nervinis tenditur, quae quanto prolixiora brachiola habuerit, hoc est quanto maior fuerit, tanto spicula longius mittit; quae si iuxta artem mechanicam temperetur et ab exercitatis hominibus qui mensuram eius ante collegerint dirigatur, penetrat quaecumque percusserit.</i>
Português:	A balista é armada por meio de cordas de tendões e, quando mais longos forem os seus braços, isto é, quanto maior for, tanto mais longe arremessa os dardos; e se ela for regulada de acordo com a arte mecânica e for manobrada por homens treinados que tenham ensaiado previamente o seu alcance, ela penetra onde quer que acerte.

o. Scorpiones (scorpio) - Escorpião

Referência:	Livro IV, cap. XXII.
Latim:	<i>Scorpiones dicebant quas nunc manuballistas vocant, ideo sic nuncupati quod parvis subtilibusque spiculis inferant mortem.</i>
Português:	Chamavam escorpiões àquelas armas a que agora chamam <i>manuballistae</i> , assim designadas porque levam a morte por meio de dardos pequenos e finos.

p. Onager (onager) - Ónagro

Referência:	Livro IV, cap. XXII.
Latim:	<i>Onager autem dirigit lapides, sed pro nervorum crassitudine et magnitudine saxorum pondera iaculatur; nam quanto amplior fuerit, tanto maiora saxa fulminis more contorquet. His duobus generibus nulla tormentorum species vehementior invenitur.</i>
Português:	Já o ónagro atira pedras, arremessando-as conforme a espessura dos tendões e o tamanho das pedras; com efeito, quanto maior ele for, tanto maior são as pedras que arremessa como se fosse um relâmpago. Não se encontra nenhum tipo de engenho de torção mais poderoso do que estes dois.

q. Cuniculum (cuniculus) – cava

Referência:	Livro IV, cap. XXIV
--------------------	---------------------

<p>Latim:</p>	<p><i>Aliud genus obpugnationum est subterraneum atque secretum, quod cuniculum uocant a leporibus, qui cauernas sub terris fodiunt ibique conduntur. Adhibita ergo multitudine ad speciem metallorum, in quibus auri argentique uenas Bessorum rimatur industria, magno labore terra defoditur cauatoque specu in exitium ciuitatis inferna quaeritur uia.</i></p> <p><i>Quae fraus duplicibus operatur insidiis. Aut enim penetrant urbem et noctu non sentientibus oppidanis egrediuntur per cuniculum reseratisque portis suorum agmen inducunt hostesque in ipsis domibus perimunt ignorantes aut certe, cum ad murorum fundamenta peruenerint, suffodiunt eorum maximam partem adpositis siccioribus lignis ruinamque muri tumultuario opere suspendunt; sarmenta insuper iungunt aliaque fomenta flammaram; tunc praeparatis bellatoribus operi ignis inmittitur combustisque columnis ligneis atque tabulatis muro subito corruente inruptioni aditus reseratur.</i></p>
<p>Português:</p>	<p>Um outro tipo de ataque é subterrâneo e secreto, a que chamam cuniculum por causa das lebres, as quais escavam cavernas por baixo da terra e aí se escondem. Portanto, reunido um grande número de homens, a terra é escavada com grande esforço, como nas minas quais o trabalho dos Bessos explora veios de ouro e de prata, e, escavada uma caverna, procura-se um caminho subterrâneo para a destruição da cidade.</p> <p>Este estratagema concretiza-se de duas maneiras. Com efeito, ou penetram na cidade e, durante a noite, saem da cava sem os sitiados o pressentirem, posto o que, abertas as portas, introduzem um destacamento dos seus e matam os inimigos desprevenidos nas suas próprias casas. Ou então, quando tiverem chegado aos alicerces da muralha, escavam a maior parte deles e, colocando lenha seca, retardam a derrocada do muro com um trabalho improvisado, acrescentando ainda feixes de samento e outros materiais inflamáveis; então, com os soldados a postos, lança-se fogo à obra e, queimadas as vigas de madeira e as tábuas, o súbito desabamento da muralha abre um caminho para a invasão.</p>

r. Liburna – Navios de guerra

<p>Referência:</p>	<p>Livro IV, cap. XXXIV</p>
<p>Latim:</p>	<p><i>Sed cum in domibus substruendis harenae uel lapidum qualitas requiratur, tanto magis in fabricandis nauibus diligenter cuncta quaerenda sunt, quia maius periculum est nauem uitiosam esse quam domum. Ex cupresso igitur et pinu domestica siue siluestri et abiete praecipue liburna contextitur, utilius aereis clauis quam ferreis configenda; quamlibet enim grauior aliquanto uideatur</i></p>

	<i>expensa, tamen, quia amplius durat, lucrum probatur afferre; nam ferreos clauos tepore et umore celeriter robigo consumit, aerei autem etiam in fluctibus propriam substantiam seruant.</i>
Português:	Mas se a qualidade da areia e das pedras é requerida para a construção das fundações das casas, tanto mais exigente se deve ser com tudo o que é usado na fabricação cuidadosa dos navios, pois um navio defeituoso constitui um perigo maior do que uma casa. Portanto, a liburna é feita principalmente de madeira de cipreste, de pinheiro (tanto manso como bravo) e de abeto, sendo mais útil fixa-la com pregos de bronze do que com pregos de ferro; com efeito, por muito que a despesa pareça um pouco maior, está todavia provado que aquilo que dura mais tempo gera lucro; na verdade, a usura do tempo e da humidade corroem mais depressa de ferrugem os pregos de ferro, enquanto os de bronzia conservam a sua própria essência, mesmo em meios líquidos.

3. OUTROS:

a. *Falarica (falarica)* – **Falárica**

Referência:	Livro IV, cap. XVIII
Latim:	<i>Falarica autem ad modum hastae ualido praefigitur ferro; inter tubum etiam et hastile sulphure resina bitumine stuppisque conuoluitur infusa oleo, quod incendiarium uocant; quae ballistae impetu destinata perrupto munimine ardens figitur ligno turritamque machinam frequenter incendit.</i>
Português:	Já a falárica , à maneira de uma lança, é guarnecida com um ferro bem forte; mas, entre a haste e a ponta, ela é envolvida por enxofre, resina, betume e estopas e ensopadas com um óleo a que chamam de “incendiário”; esta falárica, arremessada pelo impulso da balista e detruída a proteção da torre móvel, fixa-se a arder na madeira da torre e muitas vezes incendeia-a.

b. *Malleoli (malleolus)* – **projéteis incendiários**

Referência:	Livro IV, cap. XVIII
Latim:	<i>Malleoli uelut sagittae sunt, et, ubi adhaeserint, quia ardentes ueniunt, uniuersa conflagrans.</i>
Português:	Os malleoli são como setas, e onde quer que se fixem incendeiam tudo uma vez que vêm a arder.

c. *Scalis (scalae)* – Escadas

Referência:	Livro IV, cap. XXI
Latim:	<i>Sed qui scalis nituntur frequenter periculum sustinent, exemplo Capanei, a quo primum scalarum obpugnatio perhibetur inuenta, qui tanta vi occisus est a Thebanis, ut extinctus fulmine diceretur.</i>
Português:	Feito isto, e colocadas as escadas , invadem a cidade. Mas aqueles que sobem pelas escadas correm muitas vezes perigo, como por exemplo Capaneu, de quem se diz ser o inventor do método da escalada. Ele foi morto pelos Tebanos com uma tal violência que se dizia fulminado por um relâmpago.

d. *Culcitas (culcita)* – Colchão

Referência:	Livro IV, cap. XXIII
Latim:	<i>Aliquantum centones et culcitas funibus chalang et illis obponunt locis, qua caedit aries, ut impetus machinae materia molliore fractus non destruat murum.</i>
Português:	Alguns suspendem, por meio de cordas, centões e colchões e coloca-os à frente daqueles pontos do muro que o aríete ataca, de modo a que o impacto da máquina, amortecido por uma matéria mais mole, não destrua a muralha.

e. *Columnae (coluna)* – Coluna

Referência:	Livro IV, cap. XXIII
Latim:	<i>Interdum bases columnaeque marmoreae vibrato impetu iaciuntur de muris arietesque confringunt.</i>
Português:	Por vezes, são lançados pedestais e colunas de mármore a partir dos muros com ímpeto fulmegante, os quais destroem os aríetes.

f. *Laqueis (laqueus)* – Laço

Referência:	Livro IV, cap. XXIII
Latim:	<i>Alii laqueis captos arietes per multitudinem hominum de muro in obliquum trahunt et cum ipsis testudinibus evertunt.</i>
Português:	Outros arrastam obliquamente os aríetes capturados com laços por uma multidão de homens no alto da muralha e volta-os ao contrário, com as próprias tartarugas.

g. *Lupum (lupus)* – Lobo

Referência:	Livro IV, cap. XXIII
Latim:	<i>Plures in modum forcicis dentatum funibus inligant ferrum, quem lupum uocant, adprehensumque arietem aut evertunt aut ita suspendunt, ut impetum non habeat ferendi.</i>

Português:	Muitos amarram a cordas um ferro dentado à maneira de uma tenaz, a que chamam “ lobo ”, e prendem ou reviram o aríete, ou então suspende-o, de modo a que não tenha poder de choque.
-------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

4. OFICINA DE FABRICO E REPARAÇÃO

Referência:	Livro II, cap. XI.
Latim:	<i>Habebat praeterea legio fabros tignarios structores carpentarios ferrarios pictores reliquosque artifices ad hibernorum aedificia fabricanda, ad machinas turres ligneas ceteraque quibus vel expugnantur adversariorum civitates vel defenduntur propriae praeparatos, qui arma vehicula ceteraque genera tormentorum vel nova facerent vel quassata repararent. Habebat etiam fabricas scutarias loricas arcuarias, in quibus sagittae missibilia cassides omniaque armorum genera formabantur. Haec enim erat cura praecipua, ut quicquid exercitui necessarium videbatur numquam deesset in castris, usque eo ut etiam cunicularios haberent qui ad morem Bessorum ducto sub terris cuniculo murisque intra fundamenta perfossis improvisi emergerent ad urbes hostium capiendas. Horum iudex proprius erat praefectus fabrorum.</i>
Português:	Além disso, a legião tinha carpinteiros, pedreiros, construtores de carruagens, ferreiros, pintores e outros artesãos preparados para construir instalações de Inverno, máquinas de cerco, torres de madeira e outros engenhos com os quais se atacam as cidades dos inimigos ou se defendem as próprias, e que ou fazem novas armas, carroças e outros tipos de engenhos ou reparam o material danificado. A legião tinha também oficinas de escudos, de lorigas e de arcos, nas quais se produziam setas, dardos, capacetes e todo o tipo de armas. Com efeito, esta era a sua preocupação principal, de modo a que tudo aquilo que era necessário ao exército nunca parecesse faltar no acampamento, a tal ponto que também tinham sapadores que, segundo o costume dos Bessos, escavada uma mina debaixo da terra e atravessados os muros por baixo dos alicerces, emergiam inesperadamente para conquistar as cidades dos inimigos. O chefe específico deles era o prefeito dos engenheiros.

❖ ANONIMUS – DE REBUS BELLICIS

Edições utilizadas:

- E. A. Thompson, A Roman Reformer and Inventor: Being a new Text of the Treatise De Rebus Bellicis with Translation and Introduction. Oxford, Clarendon Press, 1952.
- Anônimo – Sobre Assuntos Militares. Introducción, edición, traducción y comentario de Álvaro Sánchez-Ostiz. Pamplona: EUNSA, 2004

Mapeamento das descrições de Máquinas de guerra na obra *De Rebus Bellicis*, de autoria anônima.

1. MÁQUINAS DE GUERRA:

a. *Ballistae Quadraro (ballista)* – Balista de quatro rodas

Referência:	DRB (<i>De Rebus Bellicis</i>), VII.
Latim:	<i>Exemplum ballistae, cuius fabricam ante oculos positam subtilis pictura testatur. subiecta namque rotarum quattuor facilitas, duobus subiunctis et armatis equis, ad usus hanc bellicos trahit; cuius tanta est utilitas pro artis industria ut omni latere in hostem sagittas impellat, sagittarii libertatem et manus imitata habet foramina per quattuor partes, quibus pro commoditate rerum circumducta et flexa, facillime ad omnes impetus parata consistat. Quae quidem a fronte cochleae machina et deponitur celerius et erigitur subleuata. Sed huius temo in quamuis partem necessitas uocet cita et facili conuersione deflexus erigitur. Sciendum est autem quod hoc ballistae genus duorum opera uirorum sagittas ex se non ut aliae funibus sed radiis intorta iaculatur.</i>
Português:	O Modelo de Balista , cuja estrutura está mostrada diante de seus olhos pelo desenho preciso. Sobre quatro rodas é facilmente transportada para a batalha, por dois cavalos atrelados e navios de guerra, para a nitidez do aparelho são muitas suas pretensões, disparando flechas contra o inimigo de todos os lados, imitando a liberdade e as mãos de um arqueiro. Tem buracos em todos os quatro lados, através do qual, virando e dobrando conforme apropriado para a situação, facilmente resiste preparado para qualquer ataque. Embora a utilização de um mecanismo de guincho colocado na parte da frente abaixa e levanta rapidamente, seu timão, no entanto, muda facilmente e rapidamente para onde for necessário. Você tem que saber que este tipo de balista joga as flechas por obra das mãos de dois homens, não com cordas esticadas como os outros, mas com alças.

b. *Tichodifri* / *Tichodifrus (tichodifri)* - Ticodrifo

Referência:	DRB, VIII.
Latim:	<i>Tichodifrus quod est genus machinae ex rei suae commoditate Graeca appellatione uocabuli sumpsit exordium, eo quod per hunc facilius in murum paretur ascensus, ante ballistae semper ducendus incessum quo protectior eadem ballista operetur. erit ergo huius quoque compositio uel fabrica utili et commoda inuentione praeparanda. ergo hic idem tichodifrus non altior sed humilior fabricatur ut intra se possit latenter incedentium celare uestigia: qui, duabus superimpositis cratibus fixoriisque confixis, intra se tectos ab omni incursione defendit, duabus sane rotis ad promouendam machinam latenter impulsus. cuius axium extremitates et frons necnon et superior latitudo fuscinis et lanceis armatur diligenter aptatis, ne aggrediendi cuiquam per uacantia defensore loca, id est superiorem partem, tribuatur facultas.</i>
Português:	O tipo de máquina chamada ticodrifo de denominação grega por correspondência a sua função, posto que graças a ele prepara-se mais facilmente para escalar uma parede, e deve sempre conduzir-se perante o avanço de uma ballista, para que esta manobre com mais segurança. Sua construção ou montagem, por isso, terá de ser preparada por um projeto adequado e útil. Portanto, este ticodrifo não é montado muito alto, mas muito baixo, para que possa proteger dentro de si o avanço dos que vão a pé: este protege de qualquer incursão aqueles que estão cobertos dentre dele com duas grades sobrepostas e fixadas com cravos de fixação, conduzido por duas rodas para mover a máquina secretamente. As extremidades dos eixos e sua parte da frente, bem como o topo dos lados, estão armados com lanças, tridentes e devidamente adaptados, de modo que ninguém tem a chance de atacar em lugares carentes de defesa, isto é pelo topo.

c. *Clipeocentri* / *Clipeus (clipeus)* / *Parma (param)* – Escudo / Braquel

Referência:	DRB, IX.
Latim:	<i>Parma, hoc est modicus clipeus, fixoriis minutis ad soliditatem sui diligenter munitus, uarie habetur idoneus: interdum enim operit gestientem, nonnumquam in fronte tichodifri oppositus uel in temone suspensus munit inferius latitantes ab incursu comminus uenientum.</i>
Português:	O broquel ¹⁰ , ou seja, um escudo médio, cuidadosamente guarnecido para sua solidez com pequenos cravos de fixação, é

¹⁰ Escudo redondo e pequeno. Dicionário Priberam. <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=broquel> – 05/08/2013 às 12h09.

	considerado ideal por várias razões: porque, em alguns casos, cobre quem o leva e em outros, colocados na frente do tico drifo ou pendurados em um carro, protege do ataque dos que atacam de perto e dos que se escondem abaixo.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

d. *Plumbatae [et] Tribolatae (plumbata) - Plumbata*

Referência:	DRB, X.
Latim:	<i>Hoc iaculi genus, quod in modum sagittae pennis uidetur instructum, non arcus neque ballistae pulsu consuevit emitti sed manus impetu et uiribus elisum in hostem comminus uadit, quod excipienti gemina ratione uidetur afferre perniciem: aut enim perimit infixum aut sine uulnere dilapsum et in terram positum plantae calcantis infigitur, eo quod in partem quamlibet si fuerit conuersum ex latere aculeo ex se eminente inferat uulnus. Fit autem ex ligno in modum sagittae facto, cui ferrum subtiliter in formam uenabuli aptatum infigitur, fistula eiusdem ferri parumper extensa, supra quam, modico interiecto spatio, plumbo adhaerentes aculei uelut tribuli emergunt. In summa autem parte eiusdem iaculi affiguntur pennae celeritatis causa, tanto uidelicet super easdem pennas relicto spatio quantum digiti potuerint tenentis amplecti.</i>
Português:	Este tipo de arma de arremessar, que parece equipada com penas como uma seta, não só pode ser lançada por impulso do arco ou da besta como se dirige contra o inimigo e corta a distancia pela força e pelo impulso do braço; o destinatário sofre por duas razões: ou porque o matou atravessando-o, ou quando cai sem machucar e fica plantado no solo, crava-se na planta do pé do que pisa, já que em qualquer direção que se pisa provoca uma ferida com um agulhão que se sobressalte de um lado. É construída de um pedaço de madeira, preparada como uma flecha, um pedaço de ferro é precisamente atado a essa flecha para dar uma aparência geral de uma lança de caça, exceto que a manga desta lâmina de ferro é um pouco mais larga, sobre a qual, deixado livre um pequeno espaço, sobressaem agulhões fixados com chumbo em forma de estrepe. E na parte superior deste dardo são fixadas plumas para dar velocidade, deixando por cima dessas plumas tanto espaço quanto o necessário para agarrar os dedos de quem a empunha.

e. *Plumbatae mamillatae (plumbata mamillata) – plumbata amamillada*

Referência:	DRB, XI.
Latim:	<i>Bene extensa et directa uirga accipiet in extremitate sui rotundum et in acumen deductum ferrum, similibus locis <ac> in tribulata</i>

	<i>plumbo et pennis adhaerentibus, ut plumbi pondere et pennarum celeritate adiuta rotunditas teli facilius clipeos aduersarii et similiter obstantia ualeat penetrare.</i>
Português:	No extremo de uma vara alinhada e endireitada ponha uma peça esférica de ferro esticada numa ponta, com chumbo e plumas fixadas nos mesmos lugares que na tribulata, de modo que a forma redonda do dardo, auxiliada pelo peso do chumbo e da velocidade das plumas, possa atravessar mais facilmente os escudos do adversário e outros obstáculos semelhantes.

f. *Currodrepani*

Referência:	<i>DRB, XI.</i>
Latim:	<i>Huiusmodi pugnacis uehiculi genus quod armis praeter morem uidetur instructum repperit Parthicae pugnae necessitas. sed hoc singulis bene munitis inuecti equis duo uiri uestitu et armis <e>ferro diligenter muniti citato cursu in pugnam rapiunt; cuius posterior supra currum pars cultris in ordinem exstantibus communitur, uidelicet ne facilis a tergo cuiquam praebatur ascensus. falces uero acutissimae axibus eiusdem currus aptantur in lateribus suis ansulas habentes, quibus innexi funes pro arbitrio duorum equitum laxati quidem explicant, repressi autem erigunt falces. qualia uero huiusmodi machinae funera hostibus immittant uel quas turbatis ordinibus strages efficiant dicent melius qui usu bella cognoscunt.</i>
Português:	O gênero de veículos militares deste tipo, equipados com armas que aparecem incomuns, inventadas pela demanda da guerra contra os partos. Dois homens, cuidadosamente protegidos com armaduras de ferro e armas, cada um montado em um cavalo bem encouraçado, dirige este carro ao combate em alta velocidade; sua parte traseira em cima do carro se protege com salientes lâminas consecutivas, sem dúvida para que ninguém se julgue fácil o acesso em seu entorno. Eles adaptam aos eixos deste carro umas foices afinadíssimas que tem em seus lados pequenos cabos, nas quais se atam cordas; estas, quando estão soltas, retrocedem as foices ao arbítrio dos ginetes, e quando as tencionam elas sobem. Mas que tipo de dano causam aos inimigos essas máquinas ou que estragos causam entre as fileiras em desordem explicará melhor os que conhecem a guerra por experiência própria.

g. Currodrepani Singularis

Referência:	DRB, XII.
Latim:	<i>In hoc curriculo, quod singularis equi tractu discurrit quodque unius hominis arte regitur et uirtute protegitur, eadem est quae in priori curru armorum facies et ad repellenda tela et ad inferenda pericula, nec distat a superiore quicquam machina nisi quod superior currus pro agnitudine sui duobus equis tractus a duobus etiam bellatoribus gubernatur.</i>
Português:	Este carro, que avança por tração de um único cavalo e que é conduzido graças à perícia e a proteção de um só valoroso homem, tem o mesmo armamento que o carro precedente, tanto para repelir projeteis como para produzir danos; e não se diferencia em modo algum da máquina anterior, salvo que o carro anterior, devido a seu tamanho, é impulsionado por dois cavalos e conduzidos da mesma forma por dois guerreiros.

h. Currodrepani Clipeati

Referência:	DRB, XIII.
Latim:	<i>Machinae huius admiratio habet nouitatis aliquid; est enim a superioribus curribus quadam parte dissimilis, hic enim posterior uehiculi pars uerberibus spontaneis ad incitandos equos et clipeis acuto ferro circumdatis uelut in propugnaculo positus communitur. et est priori quidem curru hac ratione dissimilis, quod hic non ut ibidem duos equos duorum etiam hominum sed unius tantum sagacitas regit. a secundo uero curru hac diuersitate secernitur, quod in illo unus equus et pondus bellatoris subit < * * * > dum ipsum equitem portat et occulto temone iugum trahente minus amplectitur. hic etiam licet conuertere laxatis funibus explicatas falces et ad perniciem hostium longius ab axe porrectas. funis uero, quo laxato aut explicantur falces aut represso super eosdem axes eriguntur, ligatur circulo haerenti catafracto in posterioris lateris parte exteriori, per quod uestiti equi ad omnes telorum muniuntur incursus.</i>
Português:	Esta impressionante máquina tem alguma novidade, pois é em certo modo diferente dos carros anteriores, já que nesse caso a parte traseira do veículo está equipada com chicotes automáticos para incitar os cavalos, forrado com escudos de ferro afiados e colocado como um parapeito. É diferente do primeiro carro por razão que neste os dois cavalos, não são conduzidos pela perícia de dois homens como no outro caso, mas sim com a de um só. Diferencia-se do segundo carro nessa disparidade: naquele um só cavalo suporta o peso de um guerreiro e, (...) já que leva o próprio ginete e cobre menos, dado que a lança que leva ao jugo está oculta.

	Nesse caso também se pode dar à volta as foices, quando não pregada com as cordas frouxas e projetam-se a alguma distância do eixo até o abate do inimigo. A corda – ao repousarem, as foices se dobram, e, ao se retesar, estas se levantam por cima desses eixos – se ata a um anel fixado a cota de malha na parte exterior do quarto traseiro do cavalo; vestidos por esta malha, os cavalos estão protegidos contra a entrada de qualquer tipo de dardo.
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

i. Thoracomachi

Referência:	DRB, XIV.
Latim:	<i>Inter omnia quae ad usum bellicum prouida posteritatis cogitauit antiquitas, thoracomachum quoque mira utilitas ad leuamen corporis armorum ponderi et asperitati subiecit. hoc enim uestimenti genus, quod de coactili ad mensuram et tutelam pectoris humani conficitur, de mollibus lanis timoris sollicitudo sollertia magistra composuit, ut hoc inducto primum lorica uel cliuanus aut his similia fragilitatem corporis ponderis asperitate non laederent: membra quoque uestientis inter armorum hiemisque discrimen tali solacio adiuta labori sufficient. Sane ne idem thoracomachus pluuiis uerberatus ingrauescente pondere adficiat uestientem, de Libycis bene confectis pellibus ad instar eiusdem thoracomachi faciem conueniet superinducere. hoc igitur, ut diximus, thoracomacho inducto, — qui Graeca appellatione ex tuitione corporis nomen assumpsit, — soccis etiam hoc est calciamentis et ferratis ocreis inductis, superposita galea et scuto uel gladio lateri aptato, arreptis lanceis, in plenum pedestrem subiturus pugnam miles armabitur.</i>
Português:	Entre tudo em sua previsão para a posteridade, a Antiguidade penso além da experiência de guerra, o toracomaco – admirável utensilio para levantar o corpo – alivia o peso e o atrito das armas. Pois este tipo de vestimenta, feita de feltro para proteger o peito humano, fabricada de suaves lãs graças a temerosa preocupação do magistério da investida, de modo que em primeiro lugar, ao por isso, a loriga, o clíbano ou outras semelhantes não lastimam a fragilidade do corpo com a dureza do peso, e em segundo lugar os membros que o veste, ajudados pelo alivio, podem fazer frente ao esforço em momentos críticos do inverno ou da guerra. Para que o toracomaco, açoitado pela chuva, não castiga quem se veste com um peso esmagador; é conveniente colocar em cima um penhor de corte semelhante ao toracomaco, feita de peles de Libia convenientemente preparadas. Então, como dissemos, uma vez que o soldado coloca a toracomaco – chamada dessa maneira pela dominação grega de proteção do corpo – assim como os borzequins

	– por dizer, as botas – e as grevas de ferro, hão colocado o elmo e o escudo, hão colocado a espada de lado e empunhado a lança, estarão, dessa forma, completamente armado para entrar em combate corpo-a-corpo.
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

j. Ascogefyri

Referência:	<i>DRB, XV.</i>
Latim:	<i>plerumque euenit, — occursus impediat, remedium ad hanc rem et compendio facile et usu praecipuum repperit ingeniosa necessitas, quod tali ratione componitur. uitulinis pellibus Arabica arte mollitis, — est enim apud eos praecipua confectionis cura propter aquam de puteis follibus hauriendam, — his igitur ut dictum est, diligenter sutis, fiunt utres in magnitudinem trium et semis pedum, ita ut cum idem utres spiritu inflati tumuerint non extollant uterum sed aequalitate quadam plenitudo ipsa utrium spatia plana perficiat, ex quorum lateribus loris subter adnexis inuicem colligantur; desuper autem una parte circulis exstantibus ex altera immittuntur uncini: et ita in formam pontis associata, partibus explicatur integritas. sed hoc idem opus obliquo fluuio propter impetum meatus facilius usque ad alteram explicabitur ripam; quod fixis in utraque ripa ferreis palis, et funibus ualidis in medio quidem sub ipsis utribus propter incedentium sustinendum pondus, in marginibus autem firmitatis gratia desuper extensis, transeundi per fluuium nouo quodam et peregrino itineris apparatu intra breue temporis spatium praebebit liberam facultatem. admonendi praeterea sumus quod super utrium compaginationem cilicia sunt incedentium substernenda uestigiis, ne lubrica pellium confectio insistendi denegat firmitatem. in utraque tamen ripa erunt manuballistae dispositae ne hostilis manus pontem operantibus impedimento consistat.</i>
Português:	Para que o obstáculo dos rios não impeça a necessária marcha do Exército – o qual sucede na maioria das vezes – a engenhosa necessidade descobriu para essa eventualidade um remédio realmente simples e extraordinariamente eficaz, que se fabrica do seguinte modo. Com a tenra pele do bezerro amaciada segunda a maneira árabe, - pois eles tem especial necessidade de fabrica-los, já que tem de tirar odres de água dos poços – com estes pois, como se há falado, colhidas cuidadosamente, fazem odres de três pés e meio de tamanho, de tal modo que inchados de ar não ficam avultado, mas sim numa espécie de equilíbrio do próprio enchimento dos odres numa superfície plana; graças a umas correias unidas por debaixo do flanco juntam com os outros; acima de ganchos que recebem uma parte dos anéis salientes de um outro,

	<p>e assim o todo, juntou-se como uma ponte, é exibido em pedaços. Mas esta mesma obra se despregará até a outra margem mais facilmente em diagonal respeitando a força da corrente do rio e, por meio craves de ferro fixadas em ambas as margens e das fortes cordas, estendidas na parte central por debaixo dos odres para sustentar o peso dos que avançam e nas margens por cima para assegurar; em breve espaço de tempo permitirá livremente seguir com esta espécie de artefato novo e original para cruzar o rio. Ademais, temos que ter cuidado para que em cima da ensambladura de odres se estendam peles de cabra sob os pés dos que avançam, para que o acabamento liso das peles assegure um solo firme. Não obstante, hão colocado balistas em ambas as margens, para que uma força hostil não tome posições para importunar os trabalhos na ponte.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

k. *Liburnae / Liburnam (liburna) - Liburna*

Referência:	DRB, XVI.
Latim:	<i>Liburnam naualibus idoneam bellis, quam pro magnitudine sui uirorum exerceri manibus quodammodo imbecillitas humana prohibebat, quocumque utilitas uocat ad facilitatem cursus ingenii ope subnixta animalium uirtus impellit. in cuius alueo uel capacitate bini boues machinis adiuncti adhaerentes rotas nauis lateribus uoluunt, quarum supra ambitum uel rotunditatem exstantes radii currentibus iisdem rotis in modum remorum aquam conatibus elidentes miro quodam artis effectum operantur, impetu parturiente discursum. haec eadem tamen liburna pro mole sui proque machinis in semet operantibus tanto uirium fremitu pugnam capescit ut omnes aduersarias liburnas comminus uenientes facili attritu comminuat.</i>
Português:	A liburna, idônea para as guerras navais, cujo manejo por pessoas, dado seu tamanho, impedia em certa medida a debilidade humana, é impelida pela força animal onde ditava a conveniência, graças a um recurso de engenho aplicado para facilitar seu avanço. Em seu casco ou adegas, uns bois são atrelados de dois em dois a maquinaria e fazem girar rodas sujeitas a lateral do navio; os raios que sobressaem a borda ou a circunferência, golpeiam a água energeticamente ao modo dos remos, quando estas rodas giram, atuam como uma espécie de efeito engenhoso e com empuxe que produz movimento. Não obstante, esta mesma liburna, devido a sua massa e aos mecanismos que operam dentro dela, trava combate com tão furiosas forças que destrói facilmente todas as liburnas inimigas que se acercarem dela.

1. *Ballistae Fulminalis (ballista fulmem)* – (tipo de balista)

Referência:	DRB, XVII.
Latim:	<p><i>Huiusmodi ballistae genus murali defensionis necessarium supra ceteras impetu et uiribus praeualere usu compertum est: arcu etenim ferreo supra canalem quo sagitta exprimitur erecto, ualidus nerui funis ferreo unco tractus eandem sagittam magnis uiribus in hostem dimissus impellit. hunc tamen funem non manibus neque uiribus militum trahi fabricae ipsius magnitudo permittit, sed retro duabus rotis uiri singuli radiorum nisibus adnidentes funem retrorsum tendunt, pro difficultate rei uiribus machinis adquisitis. Ballistam tamen ipsam ad dirigenda seu altius seu humiliter tela cochleae machina prout uocet utilitas nunc erigit nunc deponit. hoc tamen mirae uirtutis argumentum; tot rerum diuersitate connexum unius tantum otiosi (ut ita dicam) hominis ad offerendam tantummodo impulsioni sagittam opera gubernat: uidelicet ne, si hominum turba huius ministerio inseruiret, minueretur artis inuentio. ex hac igitur ballista tot et tantis ingenii artibus communita expressum telum in tantum longius uadit ut etiam Danubii, famosi pro magnitudine fluminis, latitudinem ualeat penetrare. fulminalis etiam nuncupata, appellatione sua uirium testatur effectum.</i></p>
Português:	<p>Tem sido demonstrado por experiência que esse tipo de balista, necessária para a defesa das muralhas, é melhor que as outras por causa da sua propulsão e força: posto que, uma vez erguido o arco de ferro sobre a ranhura que arroja a flecha, uma robusta corda de tendão, prendida com um gancho de ferro, empurra esta flecha lançando-a com grande força ao inimigo. No entanto, o tamanho do artefato não permite aos soldados retesarem essa corda com a força dos braços, mas dois homens tencionam a corda fazendo força sobre as alavancas de duas calandras colocadas na parte posterior; dada a dificuldade, as forças são potenciadas pelo mecanismo. Agora, um mecanismo de torno levanta ou abaixa a própria balista, segundo convenha para dirigir os projeteis mais alto ou mais baixo. Uma prova de seu admirável efeito é, não obstante, o seguinte: a ação de um só homem – por assim dizer – ocioso maneja o conjunto embutido de peças tão diversas, para lançar uma flecha com impulso; isto é, para que não diminua a eficiência do artefato, se uma multidão de soldados se dedicasse a sua condução. Assim, o projétil lançado da balista, equipada com tantos e tão engenhosos artigos, recorre um espaço grande, que pode cruzar</p>

	inclusive a largura do Danúbio, rio famoso por seu tamanho. Também chamada fulmínea ¹¹ , apelido dado em razão de sua força.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

¹¹ Destruidor ou brilhante como o raio. Dicionário Priberam.
<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=fulm%C3%ADnea> – 06/08/2013 às 11h38.

❖ *NOTITIA DIGNITATUM*

Edições utilizadas:

- *Notitia dignitatum*. Traducida por Antonio Diego Duarte Sanchez. Murcia, Espanha, 2007.

Mapeamento das organizações militares na obra *Notitia dignitatum*, de autoria anônima.

PARTE OCIDENTAL

- Magistri Peditum

- . 6 comites militum
- . 10 duces militum
- . 12 legiones palatinae
- . 65 auxilia palatina
- . 32 legiones comitatenses
- . 18 pseudocomitatenses
- Officium: princeps (chefe)
numerarius (contador)
commentarienses (responsável pelo diário de operações)
adiutor (ajudante)
regerendarius (registrador)
exceptores et reliqui apparitores (secretários e outros oficiais)

- Magistri equitum

- . 10 vexillationes palatinae
- . 32 vexillationes comitatenses
- Officium: idem

- Magistri equitum Galliarum

- . 47 legiones (tropas)
- Officium: idem

- Magistri Officiorum (embora da administração civil trabalhava com assuntos ligados ao militar)

- . 6 scolae – civis
- . 6 scolae – militar: 3 scutariorum
1 armaturarum
1 gentilium
1 agentum in rebus et deputati eiusdem scolae
- . arsenais: 5 – Illyrico
6 – Italiae
9 – Galliis

- Officium: adiutor
 Subadiuuae adiutoris
 11 fabricarum diversarum
 Curiosur cursus publici in praesenti
 Curiosur omnium proviciarum

- Comes domesticorum equitum/peditum
 . Domestici equites (cavalaria palacial)
 . Domestici pedites (infantaria palacial)
 . Deputati eorum (encarregados)

- Comes Italiae (Conde da Itália)
 . Tractus Italiae circa Alpes (espaço dos Alpes italianos)

- Comes Africae (Conde da África)
 . 16 praepositus limits
 - Officium: principem ex officiis magistrorum militum praesentalium, uno
 anno a parte peditum, alio a parte equitum (Chefe)
 cornicularium (sub-chefe)
 adiutorem (ajudante)
 commentariensem ex officiis magistrorum militum praesentalium
 alternos annis (encarregado do diário de operações)
 numerarios duos ex utrisque officiis magistrorum militum
 praesentalium singulos (dois cantadores)
 subadiuuam (sub-ajudante)
 regrendarium (registrador)
 exceptores (secretários)
 singulares et reliquos officiales (notários e outros oficiais)

- Comes Tingitaniae (Conde da Tingitania)
 . 8 limitanei (tropas de fronteiras)
 . 1 praefectus alae (prefeito da cavalaria)
 . 7 tribunus cohortis (tribuno da legião)
 - Officium: Idem

- Comes Argentoratensis (Conde de Estrasburgo)
 . tractus Argentoratensis (região de Estrasburgo)
 - Officium: Idem

- Comes litoris Saxonici per Britanniam (Conde do litoral Saxão na Bretanha)
 . 7 Praepositus: 1 militum
 2 equitum
 4 numeri
 . 1 Tribunus cohortis

- . 1 Praefectus legionis
- Officium: Idem

- Comes Britanniae (Conde das Bretanhas)
 - . Provincia Britannia
 - Officium: Idem

- Dux et praeses provinciae Maurita (Duque das provincias da Mauritània e guarnições)
 - . 8 praepositus limitis (preboste da fronteira)
 - Officium: idem Comes

- Dux Provinciae Tripolitanae (Duque da Província de Tripolitania)
 - . 12 praepositus limitis
 - . milites fortenses (soldados fortenses)
 - . milites muníces (soldados muníces = todo tipo de serviço)
 - Officium: Idem

- Dux Pannoniae (Duque da Panonia)
 - . 6 cuneus equitum (cavalaria em cunha) – 1 scutariorum
 - . 7 equites Dalmatae
 - . 1 equites promoti (cavalaria de exploração)
 - . 2 equites sagittarii (cavalaria com arcos)
 - . 5 auxiliae
 - . 5 praefectus legionis (prefeito das legiões)
 - . 1 paraefectus classis (prefeito das frotas)
 - . 3 tribunus cohortis
 - . 1 ala
 - Officium

- Dux Provinciae Valeriae (duque de Valéria)
 - . 5 cuneus equitum – 1 scutatorum
 - . 1 equites Mauri
 - . 2 equites promoti
 - . 11 equites Dalmatae
 - . 2 equites sagittarii
 - . 1 equites flavianenses
 - . 5 auxilia
 - . 8 praefectus legionis
 - . 1 praefectus classis
 - . 6 tribunus cohortis
 - Officium

- Dux Pannoniae primae (Duque da primeira Panonia)
 - . 2 cuneus equitum
 - . 4 equites promoti

- . 4 equites sagittarii
- . 5 equites Dalmatae
- . 1 equites Mauri
- . 1 Tribunus gentis
- . 4 tribunus cohortis
- . 8 praefectus legionis
- . 3 praefectus classis
- Officium

- Dux Raetiae (duque da Retia)

- . 3 equites stabilesiani
- . 1 praefectus militum
- . 5 praefectus legionis
- . 3 praefectus alae
- . 1 praefectus numerari barbaricariorum
- . 1 tribunus gentis
- . 7 tribunus cohortis
- Officium

- Dux Provinciae Sequaniei (Duque da Provincia de Sequania)

- . milites Latavienses, Olitione
- Officium

- Dux tractus Armiricani (Duque do espaço Armoricano)

- . 1 tribunus cohortis
- . 9 praefectus militum
- Officium

- Dux Belgicae secundae (Duque da segunda Bélgica)

- . 1 equites Dalmatae
- . 1 Praefectus classis
- . 1 tribunus militum
- Officium

- Dux Germaniae primae dust (duque da primeira germania)

----- (sem texto)

- Dux Britanniarum (duque das Bretanhas)

- . 1 praefectus legionis
- . 3 praefectus equitum
- . 11 praefectus numeri
- . 5 praefectus alae
- . 16 tribunus cohortis
- Officium

- Dux Mogontiacentis (duque Mongontiacenses)
 - . 11 praefectus militum
 - Officium

- Item praepositurae magistri militum praesentalis aparte peditum (outros prebostes do General do exército de campanha Imperial, da Infantaria)
 - . Italia = 24
 - . Gallia = 13 (falta texto)
 - . Hispaniae = 18

PARTE ORIENTAL

- Magistri Militum
 - . 5 vexillationes palatinae:
 - 1 equites promoti
 - 1 Comites sagittarii
 - 1 Comites clibanarii
 - 1 Comites taifali
 - 1 Comites Arcades
 - . 7 vexillationes comitatenses
 - . 6 Legiones palatinae
 - . 18 auxilia palatina
 - Officium: principem (chefe)
 - Numerarios duos
 - Commentarienses
 - Primiscirios, qui numerari fiunt
 - Scriniarios
 - Exceptores et ceteros apparitores

- Magistri Militum
 - . 6 vexillationes palatinae
 - . 6 vexillationes comitatenses
 - . 6 legiones palatinae
 - . 18 auxilia palatina
 - . 1 pseudocomitatenses = auxiliari sagittarii
 - Officium

- Magistri equitum et peditum
 - . 10 vexillationes comitatenses
 - . 2 auxilia palatina
 - . 9 legiones comitatenses
 - . 11 pseudocomitatenses

- Officium

- - Magistri equitum et peditum
 - . 3 vexillationes palatinae
 - . 4 vexillationes comitatenses
 - . 20 legiones comitatenses
 - Officium

- - Magistri equitum et peditum
 - . 2 vexillationes comitatenses
 - . 6 auxilia palatina
 - . 8 legiones comitatenses
 - . 1 legione palatina
 - . 9 pseudocomitatenses
 - Officium

- Magistri Officiorum (embora da administração civil trabalhava com assuntos ligados ao militar)
 - . 6 scholae – civis
 - . 8 scholae – militar:
 - 4 scutariorum
 - 1 armaturarum
 - 2 gentilium
 - 1 agentum in rebus et deputati eiusdem scholae
 - . arsenais:
 - 5 – Orientis
 - 3 – Ponticae
 - 1 – Asiae
 - 2 – Thraciarum
 - 4 - Illyrici
 - Officium:
 - adiuntor (judante chefe)
 - Subadiuuae
 - adiutores
 - 3 fabricarum ters
 - 4 barbaricariorum:
 - Orientis
 - Asianae
 - Ponticae
 - Thrciarum et Illyrici
 - Curiosur cursus publici
 - Curiosur per omnes provicias
 - Interpretes diuersarum gentium

- Comes domesticorum equitum e comes domesticorum peditum
 - . domestici equites
 - . domestici pedites et deputati

- Comites limitis Aegiptois (conde do Egito)
 - . 4 legiones
 - . 2 equites
 - . 14 alae
 - Provinciae Augustamnicae
 - . 2 alae
 - . 7 cohortis
 - Officium: principem
Numerarios
Commentariensem
Adiutorem
A libellis siue subscribendarium (recepto de petições oficiais)
Exceptores et ceteros officiales

- Comes per Isauriam
 - . 2 legiones
 - Officium: principem
Cornicularium
Commentariensem
Numerarios
Adiutorem
A libellis siue subscribendarium (recepto de petições oficiais)
Exceptores et ceteros officiales

- -----(Duque da Libia)
----- (falta texto)

- Dux Thebaidos (duque de Tebas)
 - . 2 cuneus equitum scutariorum
 - . 7 equites: 6 sagittarii
1 promoti
1 telices
 - . milites miliarenses
 - . 16 Alae
 - . 10 cohors
 - Officium: principem
Numerarios
Commentariensem
Adiutorem
A libellis siue subscribendarium (recepto de petições oficiais)
Exceptores et ceteros officiales

- Dux Foenicis (Duque de Fenícia)

- . 1 equites Mauri Illyriciani
- . 1 equites scutarii
- . 1 equites Dalmatae
- . 3 equites promoti
- . 2 equites saraceni
- . 4 equites sagittarii
- . 2 praefectus legionis
- . 7 Alae (francorum/Alamannorum/Saxonum)
- . 5 cohors (alamannorum)
- Officium

- Dux Siriae (Duque da Síria)

- . 1 equites scutarii
- . 2 equites promoti
- . 4 equites sagittarii
- . 1 praefectus legionis
- Augusta Eufратensis
 - . 1 equites Mauri
 - . 1 equites Dalmatae
 - . 1 equites promoti indigenae
 - . 1 praefectus legionis
 - . 2 Alae
 - . 4 cohors

- Officium

- Dux Palaestinae (duque da Palestina)

- . 1 equites Mauri Illyriciani
- . 1 equites scutarii Illyriciani
- . 1 equites Dalmatae Illyriciani
- . 1 equites promoti Illyriciani
- . 1 equites Thamudeni Illyriciani
- . 2 equites promoti indigenae
- . 4 equites sagittarii indigenae
- . 1 praefectus legionis

. 6 Alae
 . 11 cohors
 - Officium

- Dux Osrhoenae (Duque de Osroena)

- . 1 equites Mauri Illyriciani
- . 1 equites Dalmatae Illyriciani
- . 1 equites promoti Illyriciani
- . 2 equites promoti indigenae
- . 3 equites sagittarii indigenae

- . 1 ou 2 praefectus legionis
- . 6 Alae
- . 2 cohors
- Officium

- Dux Mesopotamiae (Duque da Mesopotamia)
 - . 1 equites scutarii Illyriciani
 - . 1 equites promoti Illyriciani
 - . 1 equites ducatores Illyriciani
 - . 1 equites felices Honoriani Illyriciani
 - . 2 equites promoti indigenae
 - . 4 equites sagittarii indigenae
 - . 2 praefectus legionis
 - . 3 Alae
 - . 2 cohors
 - Officium

- Dux Arabiae (Duque da Arabia)
 - . 1 equites Mauri Illyriciani
 - . 1 equites scutarii Illyriciani
 - . 1 equites Dalmatae Illyriciani
 - . 1 equites promoti Illyriciani
 - . 2 equites promoti indigenae
 - . 2 equites sagittarii indigenae
 - . 2 praefectus legionis
 - . 4 Alae
 - . 5 cohors
 - 2 Officium: Arabia e quarnições
Provincias

- Dux Armeniae (duque da Armenia)
 - . 2 equites sagittarii
 - . 2 praefectus legionis
 - In Ponto:
 - . 1 praefectus legionis
 - . 11 Alae
 - . 10 cohors
 - Officium

- Dux Scythiae (duque dos Escitas)
 - . 7 cuneus equitum
 - . 8 auxiliares milites
 - . legiones ripenses (fluviais)
 - . 2 praefectus legionis

- . 6 praefectus ripae legionis
- Officium

- Dux Moesiae Secundae (duque da Moesia Segunda)
 - . 7 cuneus equitum
 - . 10 auxiliares milites
 - . legiones ripenses (fluviais)
 - . 2 praefectus legionis
 - . 4 praefectus ripae legionis
 - . 1 praefectus navium
 - Officium
 - Provincia Rhodopa
 - . 3 cohors

- Dux moesia primae (duque da Moesia primeira)
 - . 8 cuneus equitum
 - . 2 promotorum
 - . 2 sagittariorum
 - . 3 Dalmatarum
 - . 1 Constantacorum
 - . 8 Auxilia
 - . 2 Praefectus legionis
 - .5 praefectus militum
 - . 1...
 - . 3 exploratorum
 - . 1 vicentiensium
 - . 2 praefectus classis
 - Officium

- Dux Daciae ripensis (Duque da Dácia ripenses)
 - . 9 cuneus equitum
 - . 5 Dalmatarum
 - . 2 scutariorum
 - . 1 stablesianorum
 - . 2 Constantacorum
 - . 6 Auxilia
 - . 9 Praefectus legionis
 - . 5 praefectus militum exploratorum
 - . 2 praefectus classis
 - Officium

ANEXOS

ANEXO I

❖ Povos citados por Amiano Marcelino:

BRITÂNIA:

- *Britanos* (XX, 9,9; XXII, 3, 3; XXVI, 4, 5; XXVIII, 1, 21 e XXVIII, 3, 1)
 - *atacotos* (XXVI, 4, 5)
 - *escotos* (XX, 1, 1 e XXVI, 4, 5)
- *Pictos* (XX, 1, 1 e XXVII, 8, 5)
 - *dicalydones*
 - *verturiones*

GÁLIA:

- *Galos* (XV, 9, 1-8 e XV 12, 1-4)
- *Celtas* (XV, 9, 3. XV 11, 1-2, XX, 4, 2; XX, 4, 20; XX, 5, 9; XXI, 3, 2 e XXII, 12, 6)
 - *petulantes* (XX, 4, 2 e XXXI, 10, 4)

SUABIA E HELVECIA – PARTE DA ATUAL SUIÇA:

- *Alamanos* (XIV 10, 1-10)
 - *bucinobantes* (XXIX, 4, 7)
 - *iutungos* (XVII, 6, 1)
 - *laetos* (XVI, 11, 4; XX, 8, 13 e XXI, 13, 16)
 - *lentienses* (XV, 4, 1; XXXI, 10, 2; XXXI, 10, 3-4; XXXI, 10, 17 e XXXI, 12, 1)

GERMÂNIA – NORTE DA EUROPA:

- *Germanos* (XX, 8, 6, e XXI, 11, 2)
 - *germanos arctos* (XXV, 6, 13) - Escandinávia
 - *antiscios* (XXII, 15, 31) – mais meridionais
 - *erulos* (XX, 1, 3; XX, 4, 2; XXV, 10, 9; XXVII, 1, 6 e XXVII, 8, 7) – Gália e Germania
 - *burgundios* (XXVIII, 5, 9)
 - *marcomanos* (XXXI, 4, 2)
 - *quados* (XVII, 12, 1-3)
 - *sajones* (XXVI, 4, 5; XXVII, 8, 5; XXVIII, 2, 12; XXVIII, 5, 14 e XXX, 7, 8) - que depois invadiram a Britânia e a Gália
 - *suebos* (XVI, 10, 20)
 - *victohalos* (XVII, 12, 19)
 - *batavos* (XVI, 12, 45; XX, 1, 3; XX, 4, 2; XXVII, 1, 6; XXVIII, 8, 7 e XXXI, 13, 9) – Germânia superior
 - *chamavos* (XVII, 8, 5 e XVII, 9, 2)
 - *francos* (XV, 5, 11; XVI, 3, 2; XVII, 2, 1; XVII, 2, 4; XXI, 5, 3; XXII, 5, 4; XXVII, 8, 5 e XXXI, 10, 6)

- *atuários* (XX, 10, 2)
- *salios* (XVII, 8, 3)
- *Transiugitanos* (XVII, 12, 12) – coletivo étnico aplicado somente por Amiano Marcelino a tribo germânica da região do Danúbio Superior.
- *Godos* (XXVI, 4, 5; XXVI, 6, 11; XXVI, 10, 3; XXVII, 4, 1; XXVII, 5, 1 e XXVII, 5, 9)
 - *taifalos* (XVII, 13, 19-20; XXXI, 3, 7 e XXXI, 9, 3-5) – tribo Visigoda cerca do Danúbio
 - *greuzungos* (XXVII, 5, 6; XXXI, 3, 1 e XXXI, 3, 5) – tribo Ostrogoda da Trácia Oriental
 - *zervingos* (XXXI, 1, 8-9; XXXI, 3, 4 e XXXI, 5, 1) - tribo Ostrogoda da Trácia Ocidental
- *Sarmatas* (XVI, 10, 20; XVII, 12, 2 e XXXI, 4, 13)
 - *limigantes* (XVII, 13, 1)
 - *amicenses* (XVII, 13, 19) – viviam na Dácia
 - *sármatas escravos* e *sármatas livres* (XVII, 13, 1 e XXIX, 6, 15)
 - *picenses* (XVII, 13, 19) – Mesia
 - *costobocas* (XXII, 8, 42)
- *Hunos* (XXXI, 2, 1-2)
- *Alanos* (XXII, 8, 31; XXII, 8, 38; XXII, 8, 42; XXIII, 6, 61; XXXI, 2, 12-13 e XXXI, 2, 16-17)
 - *tanaitas* (XXXI, 3, 1)
 - *agazyrsos* (XXII, 8, 31 e XXXI, 2, 14)
 - *gelonos* (XXII, 8, 31)
 - *nervios* (XXII, 8, 40 e XXXI, 2, 14)
 - *vidinos* (XXXI, 2, 14)
- *Escitas* (XX, 8, 1; XXII, 8, 37; XXII, 8, 42; XXII, 15, 2; XXX, 2, 6 e XXXI, 2, 13)
 - *dahas* (XXII, 8, 21)
 - *masagetas* (XXII, 8, 38)
 - *sacas* (XXIII, 6, 14 e XXIII, 6, 60)
 - *ablos* (XXIII, 6, 53)
 - *iaxartas* (XXIII, 6, 62-63)
 - *galactófagos* (XXIII, 6, 62)

TRÁCIA:

- *Odrysas* (XVIII, 6, 5 e XXVII, 4, 9-10)
- *Escordios* (XXVII, 4, 4)
- *Bessos* (XXVII, 4, 11)
- *Hemimontanos* (XXVII, 4, 11)
- *Carpos* (XXVII, 5, 5 e XXVIII, 1, 5)

REGIÃO DANUBIANA:

- *Mesios* (XX, 1, 3)
- *Dacios* (XXI, 10, 3 e XXXI, 5, 16)

- *Trogodytas* (XXII, 8, 43)
- *Peucos* (XXII, 8, 43)

REGIÃO DO PONTO EUXINO:

- *Aremfeos* (XXII, 8, 38)
- *Byzares*

ALLONSO-NUÑEZ, J. M. *La visión historiográfica de Amiano Marcelino*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1975, pp. 111-118.

ANEXO II

Unidades militares na compilação da ‘*notitia dignitatum*’*

O que se segue é uma lista de todas as unidades militares nomeados na *notitia dignitatum*, dispostas em ordem alfabética dentro de categorias.

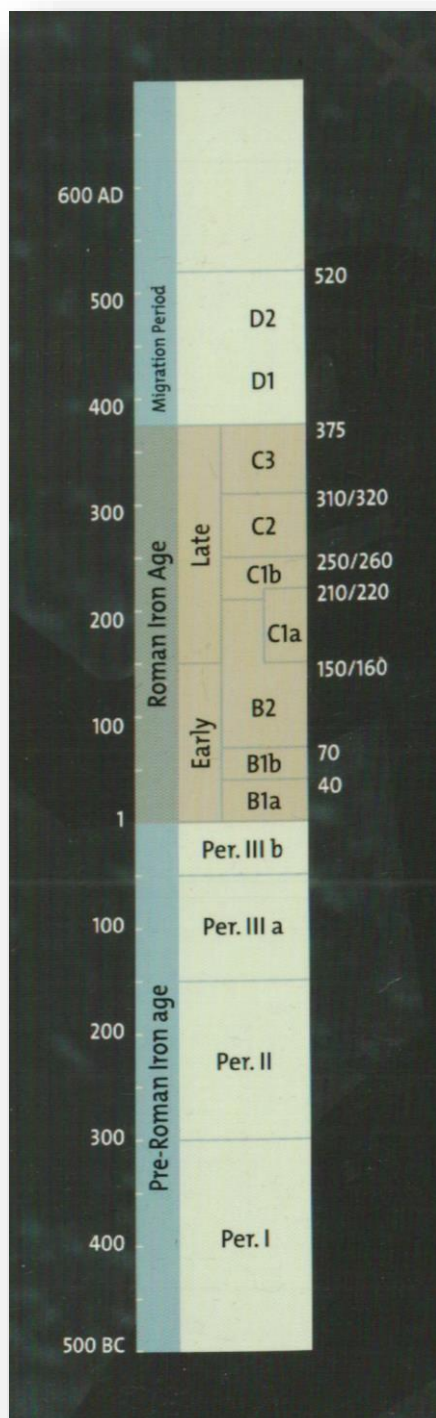
Tipos		Or.	Or/Oc	Oc.	Totais	
Scholae						
	Schola palatina	6	1	4	11	11
Comitatenses						
	Vexillatio palatina	10	4	6	20	
	Vexillatio comitatensis	26	2	30	58	
	Legio palatina	13		12	25	
	Auxilium palatinum	35	6	60	101	
	Legio comitatensis	37		32	69	
	Legio pseudocomitatensis	19		18	37	
	Comitatensis (<i>tipos não declarados</i>)	2		25	27	
Limitanei						
	Cuneus equitum	33		14	47	
	Equites	71		50	121	
	Legio	51		26	77	
	Auxilium limitaneum/auxiliares/auxilia	14		9*	23	
	Milites	22		29	51	
	Numerus	0		15	15	
	Ala	72		10	82	
	Cohors	63		52	115	
	Limitanei	0		33	33	564
Classes / Nautae						
	Classis	6		19	25	
	Milites	5		7	12	
	Numerus	0		2	2	
	Cohors	0		1	1	40
Gens						
	Laeti	0		12	12	
	Gentiles	0		26	26	
	Gens	0		2	2	40
		485	13	494		992

* incluindo uma unidade nomeada em duas listas

* Disponível em <http://members.ozemail.com.au/~igmaier/702-3unl.pdf>. Acessado em 15/05/2015.

ANEXO III

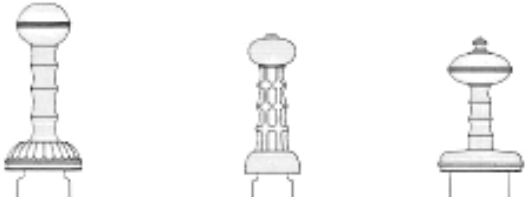
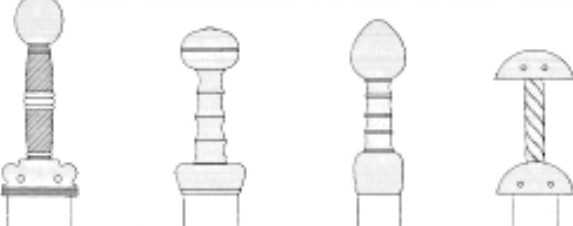
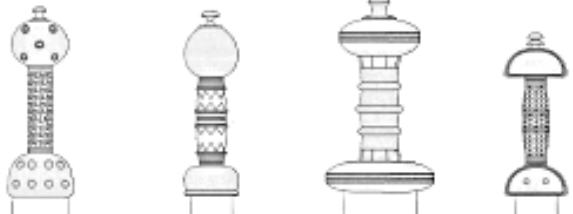
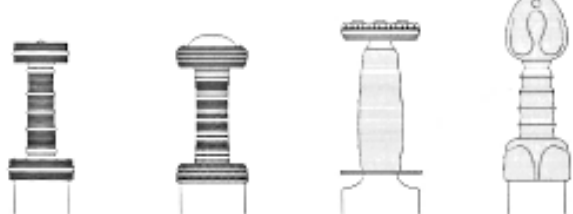
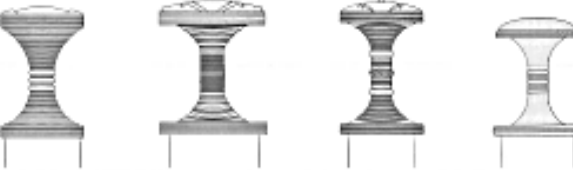

- Cronología*:



- Período I** – 500 a.C. a 300 a.C.
- Período II** – 300 a.C. a 150 a.C.
- Período III a** – 150 a.C. a 50 a.C.
- Período III b** – 50 a.C. a 1 d.C.
- B1a** – 1 d.C. a 40 d.C.
- B1b** – 40 d.C. a 70 d.C.
- B2** – 70 d.C. a 150/160 d.C.
- C1a** – 150/160 d.C. a 210/220 d.C.
- C1b** – 210/220 d.C. a 250/260 d.C.
- C2** – 250/260 d.C. a 310/320 d.C.
- C3** – 310/320 d.C. a 375 d.C.
- D1** – 375 d.C. a 450 d.C.
- D2** – 450 d.C. a 520 d.C.

* Jorgensen L.; Storgaard B; Thomsen L. G. (edd.). *The Spoils of Victory: the North in the Shadow of the Roman Empire*. Copenhagen: Nationalmuseet, 2003.


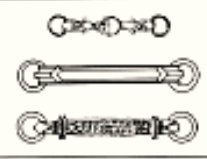

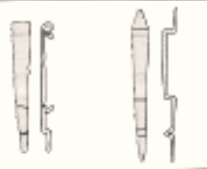





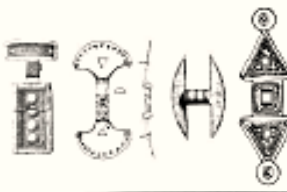
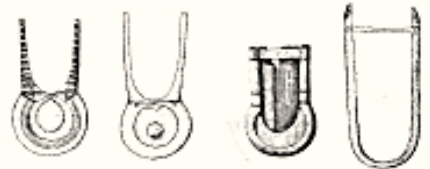
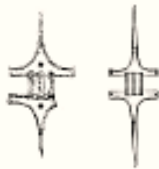
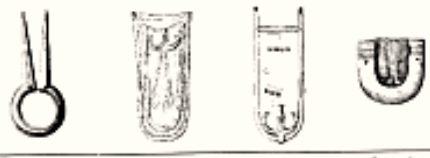
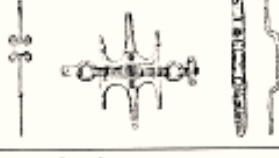

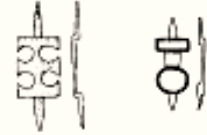
- Cronologia dos Punhos das espadas*:

1	Griffe der Schwerter vom Gladius-Typ aus dem 1. Jh.	
2	Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ aus dem 2. Jh.	
3	Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ aus der ersten Hälfte des 3. Jhs.	
4	Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ aus zweiten Hälfte des 3. Jhs.	
5	Sanduhrförmige Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ des 4. Jhs.	
6	Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ vom Ende des 4. und dem Anfang des 5. Jhs.	

Punho de espadas de dois gumes do Império Romano e do início do período de migração.

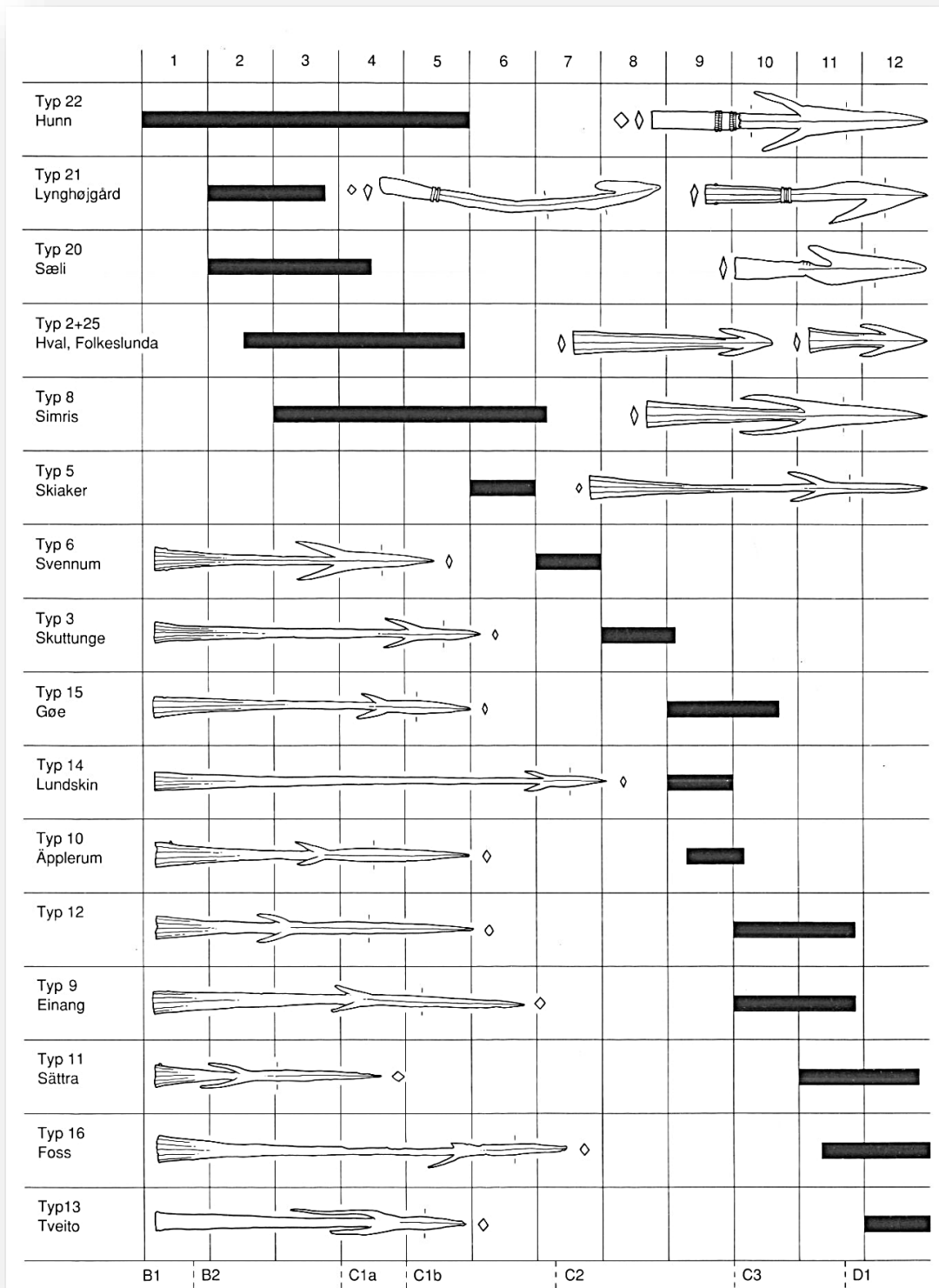
* BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 11 & 12.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2007.

- Cronologia das Pontas de bainha*:
Grupos Cronológico de acessórios da bainha.

	Die Gruppe	Ordband	Riemenbügel
I	1.Jh.		
II	1.H. 2.Jh		
IIa	2.H. 2.Jh.		
III	1.H. 3.Jh.		
IIIa	2.H. 3.Jh.		
IV	1.H. 4.Jh.		
IVa	2.H. 4.Jh		
V	1.H. 5.Jh.		

* BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 11 & 12.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2007.

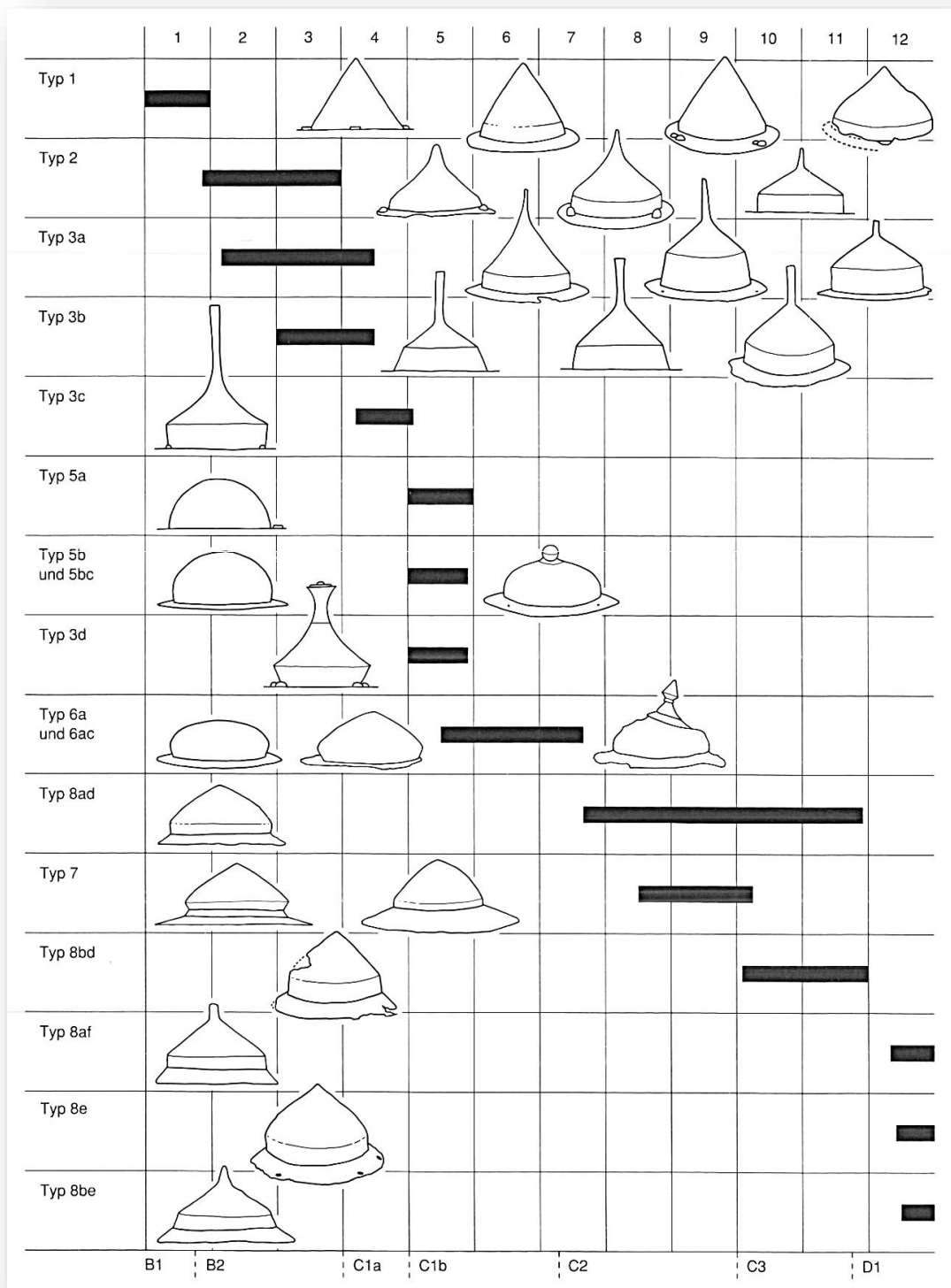
• Tipologia e cronologia dos dardos*



Tipologia e cronologia dos dardos

* ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Lanzen und Spere. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 01 & 02.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 1991.

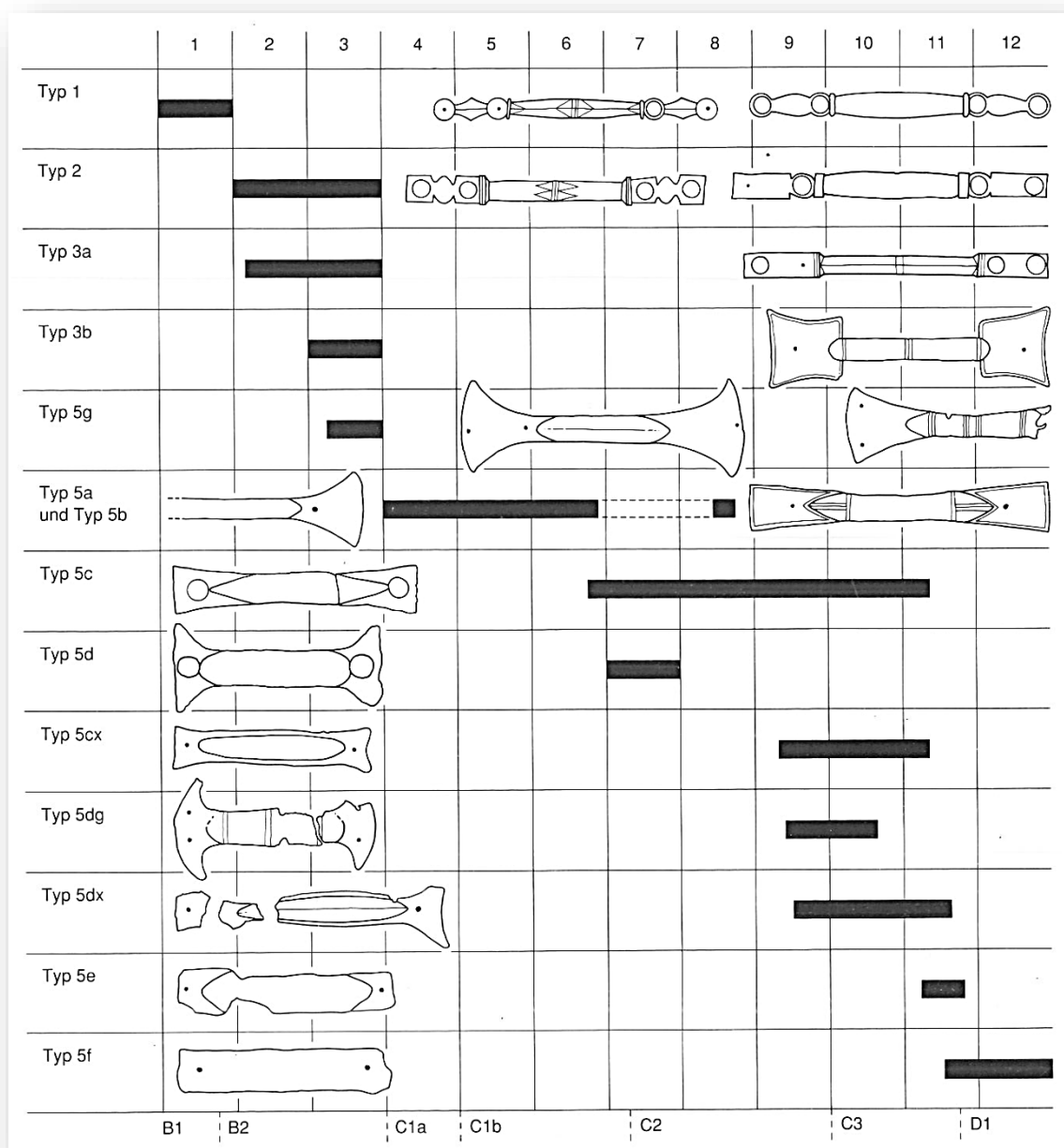
• Tipologia e cronologia dos ornamentos dos escudos*



Tipologia e cronologia dos ornamentos do escudo

* ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schilde. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 09 & 10.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2002.

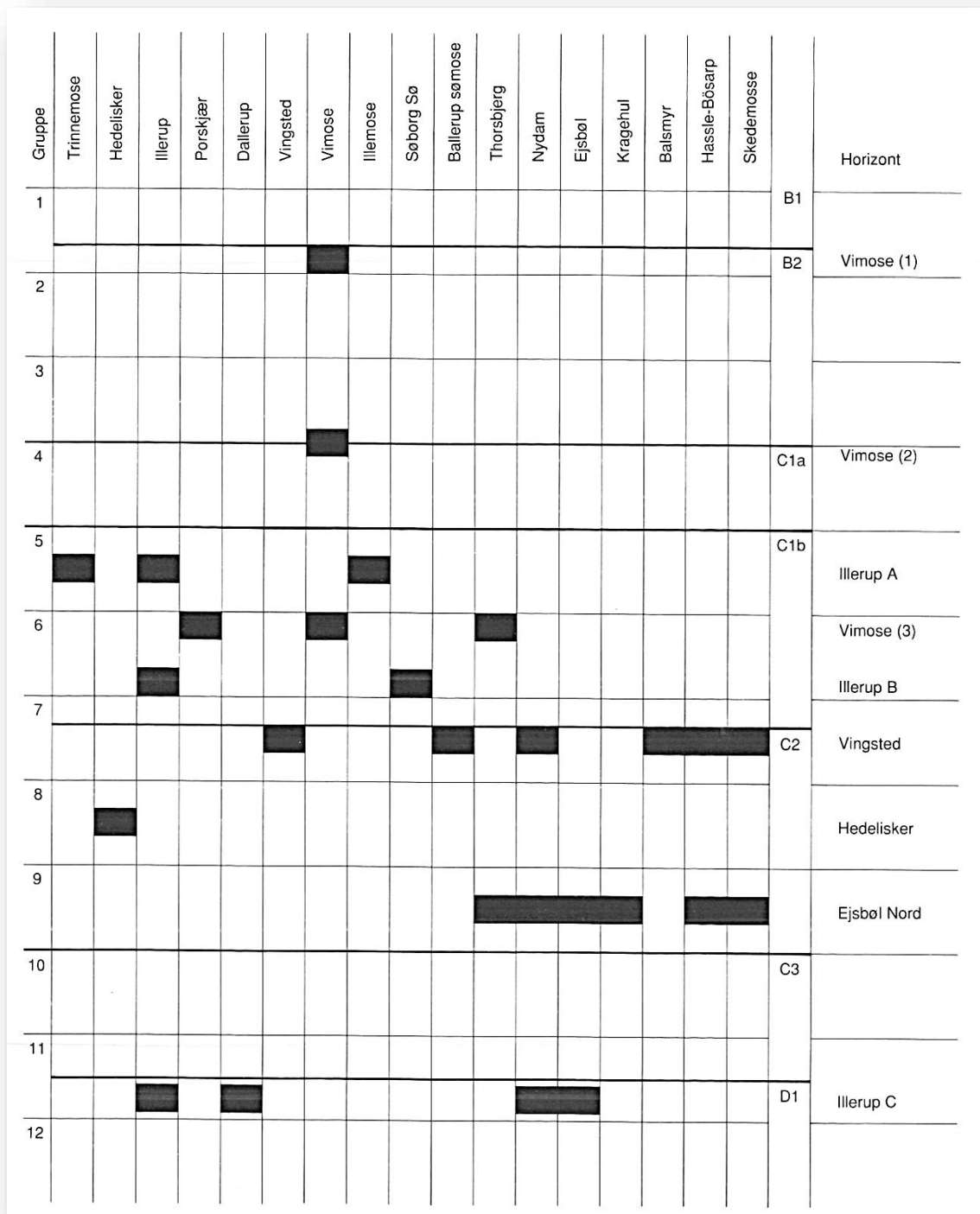
- Tipologia e cronologia das alças dos escudos*



Tipologia e cronologia das alças do escudo

* ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schilde. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 09 & 10.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2002.

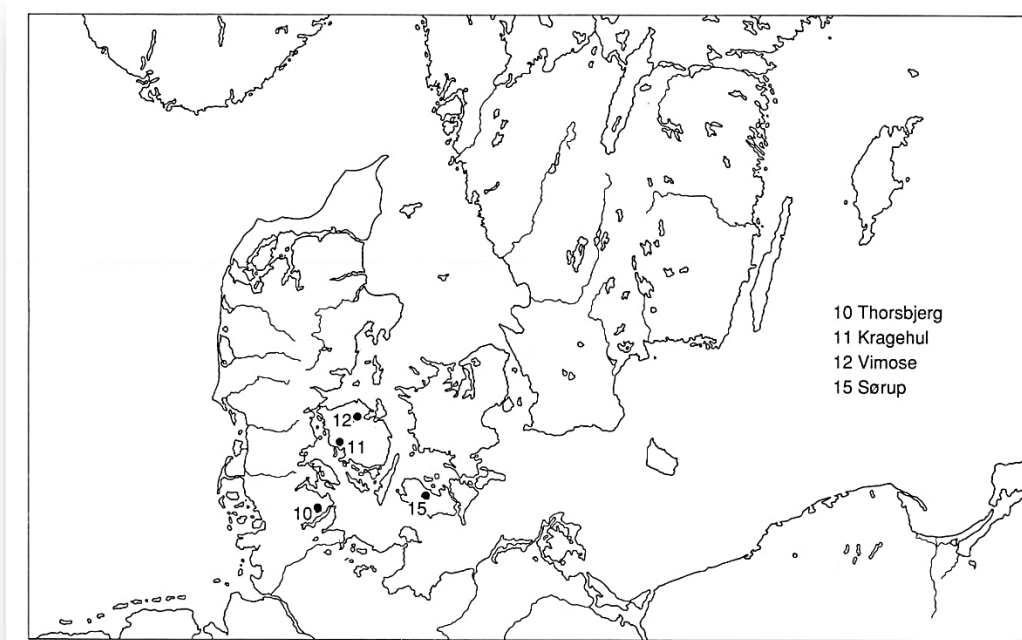
- Cronologia e geografia dos Pântanos*



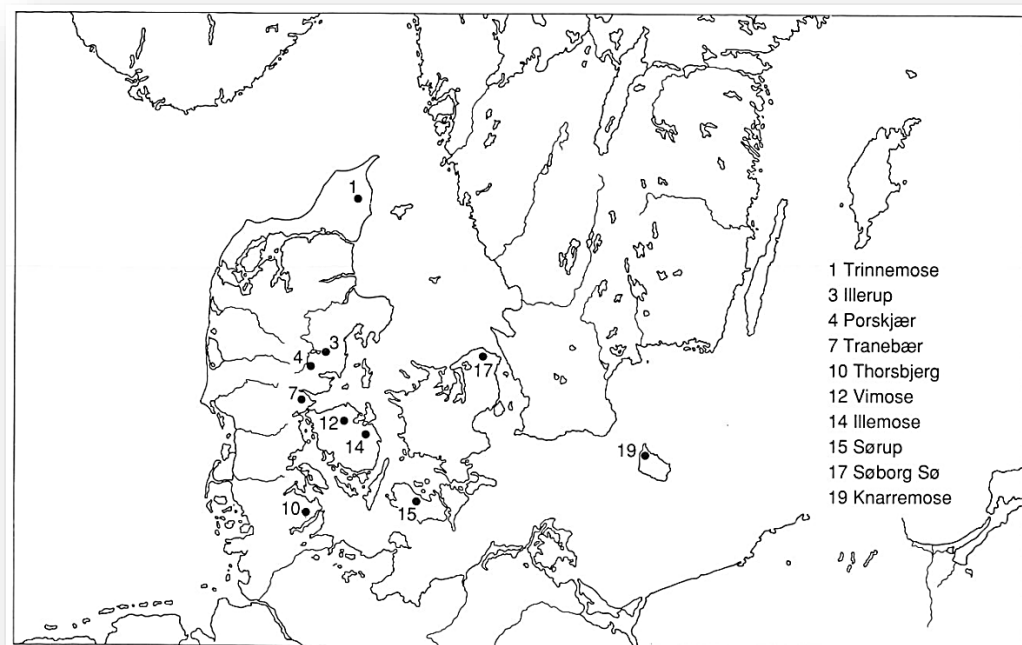
* ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Lanzen und Spere. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 01 & 02.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 1991.

- Localização geográfica dos pântanos de acordo com o a datação dos depósitos dos armamentos.

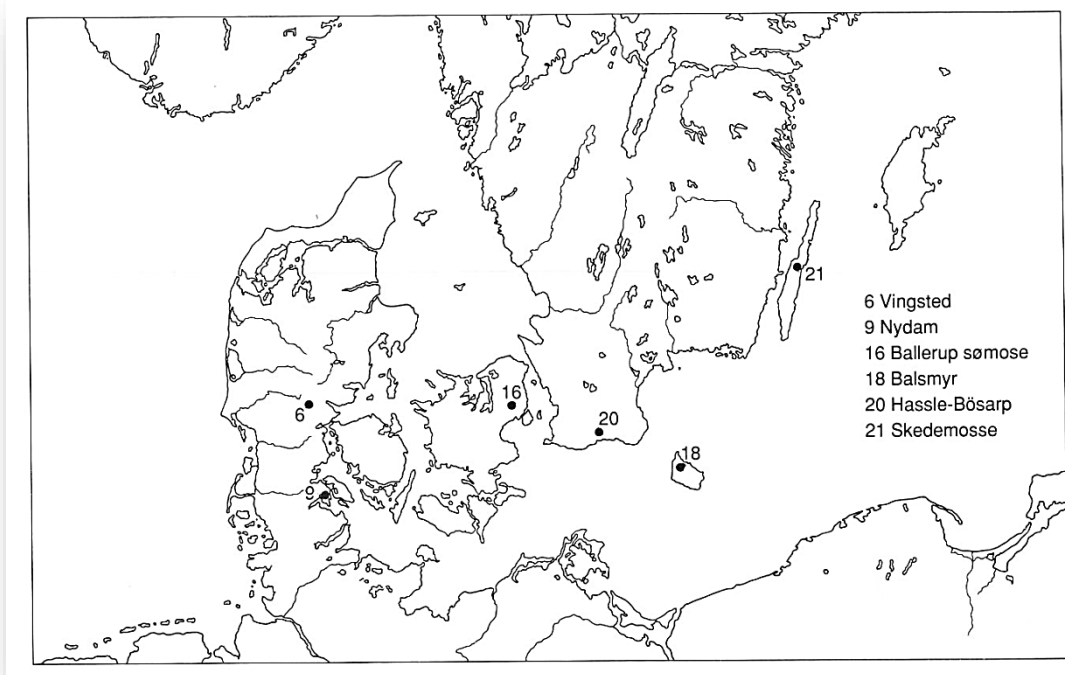
❖ Período B2 - C1a



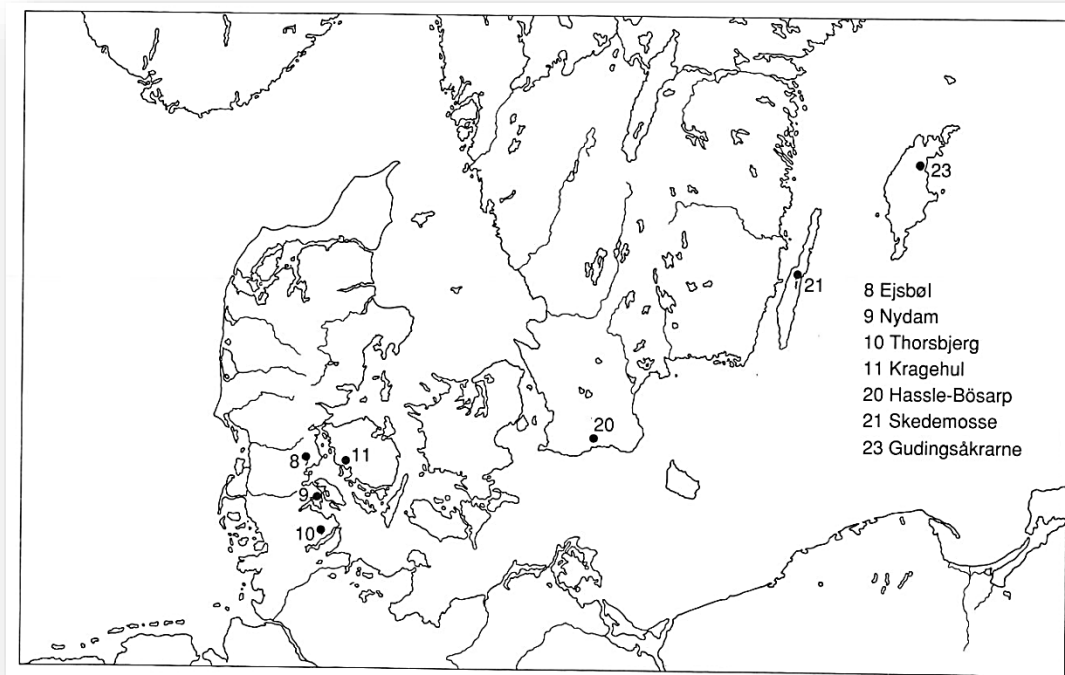
❖ Período C1b



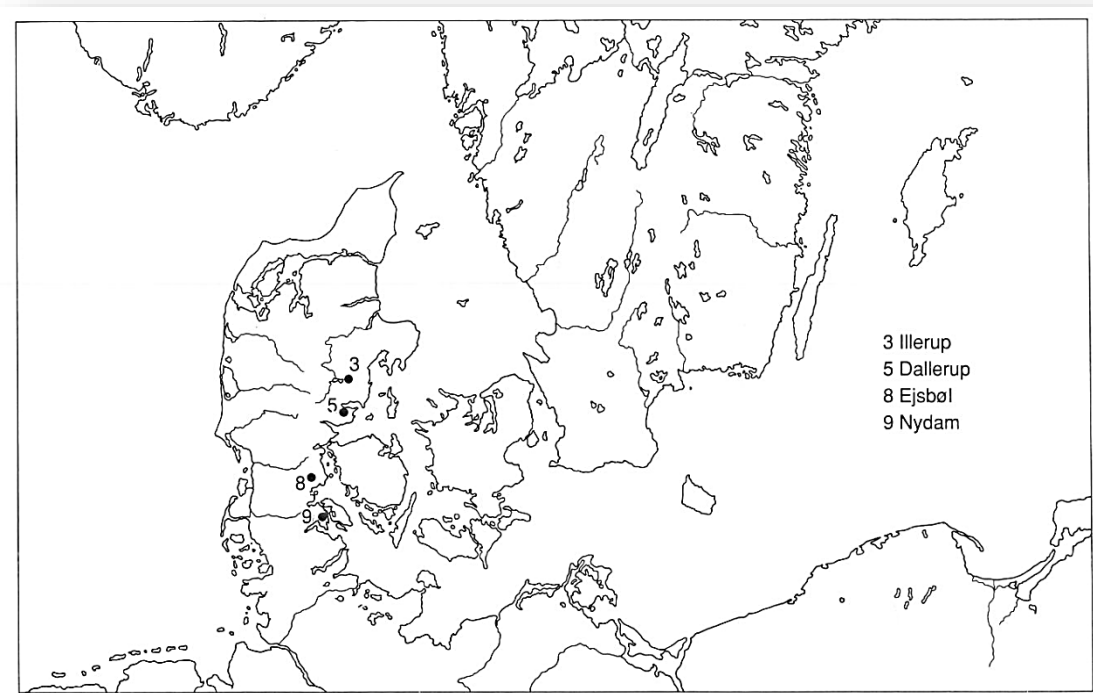
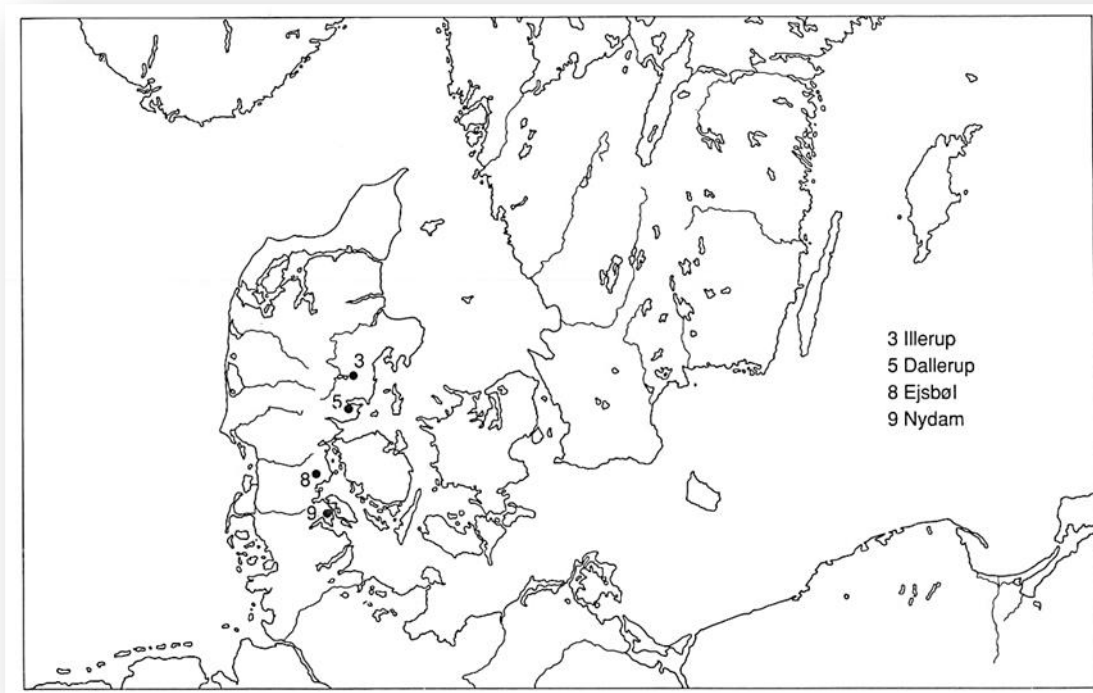
❖ Período C1 – C2



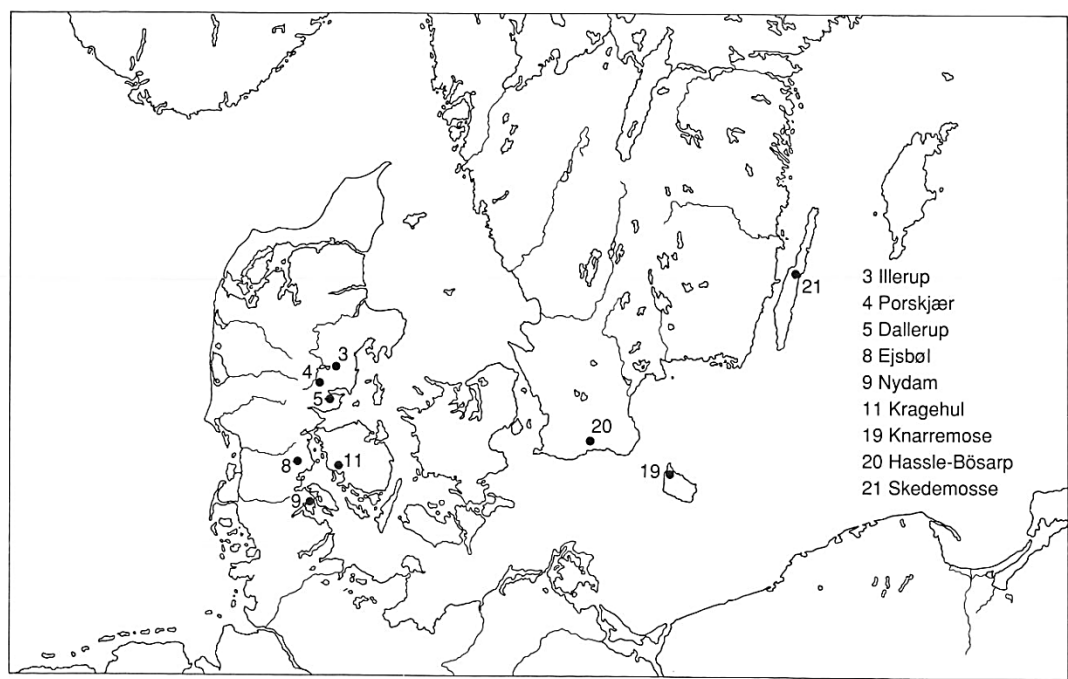
❖ Período C2



❖ Período C3 – D

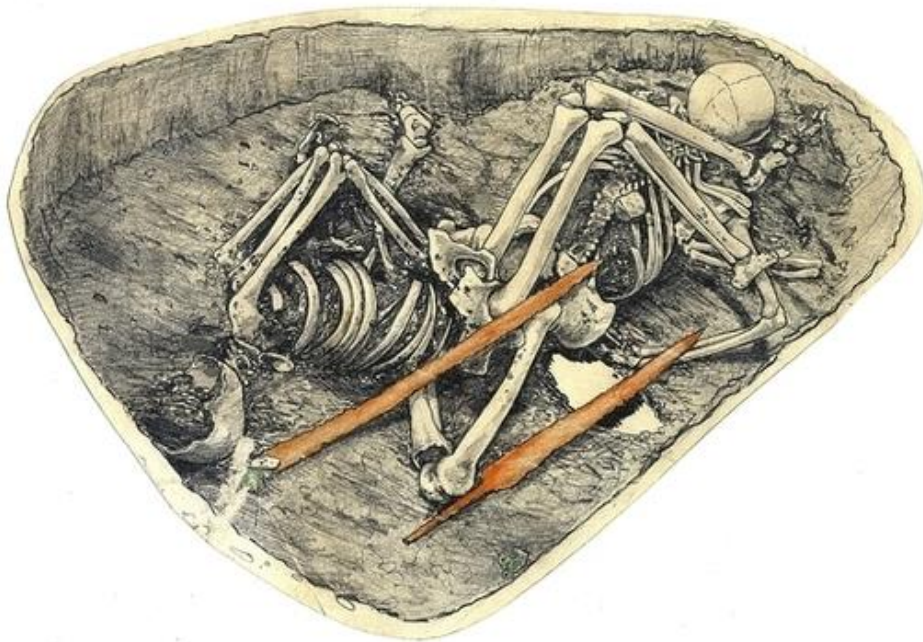


❖ Período D



ANEXO IV

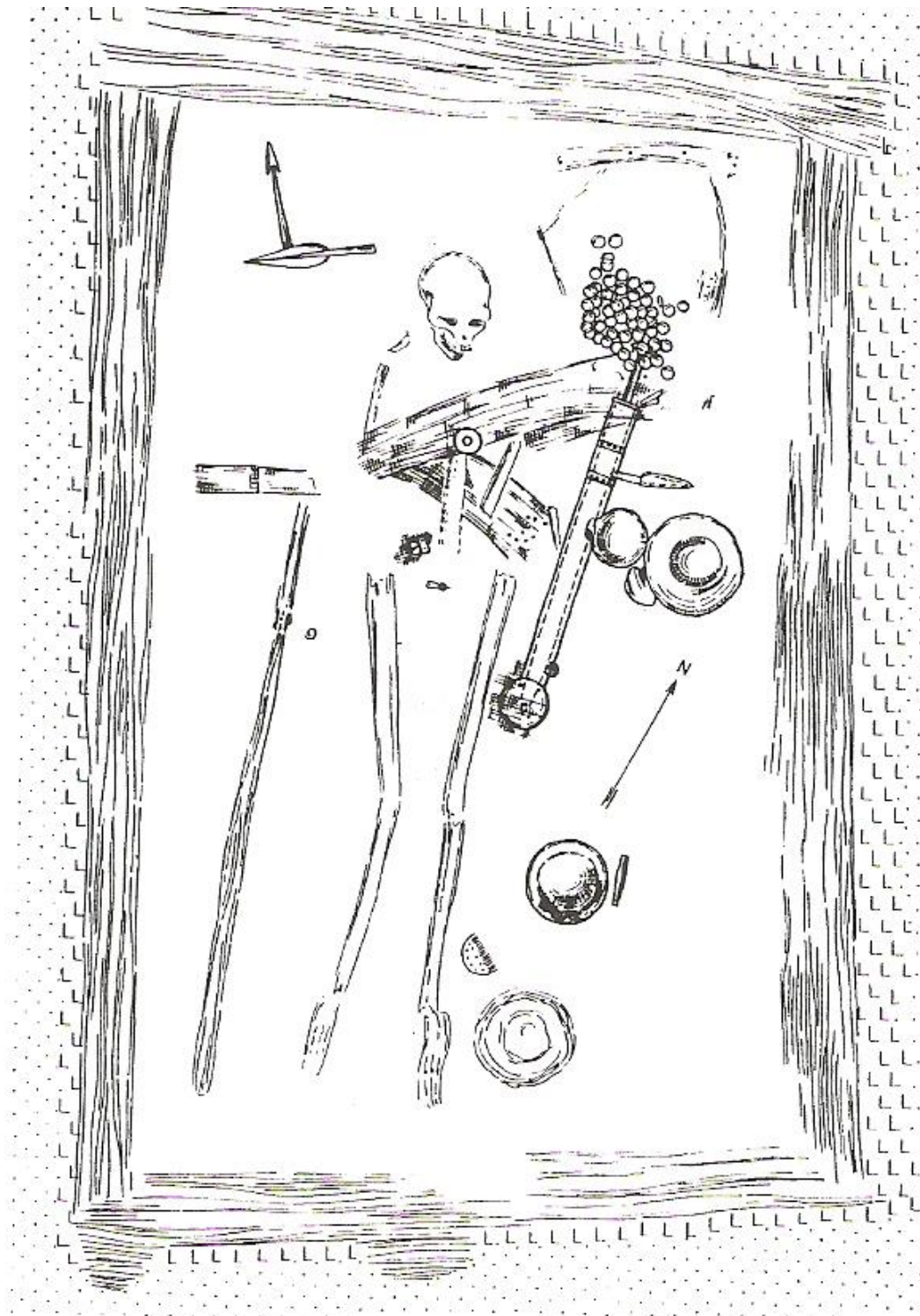
- Túmulos militares:



Túmulo de Canterbury vista por um artista. In:
<http://www.canterburytimes.co.uk/Double-Roman-burial-site-surprising-discovery/story-18211460-detail/story.html> - visto em 03/03/2015 as 16h22.

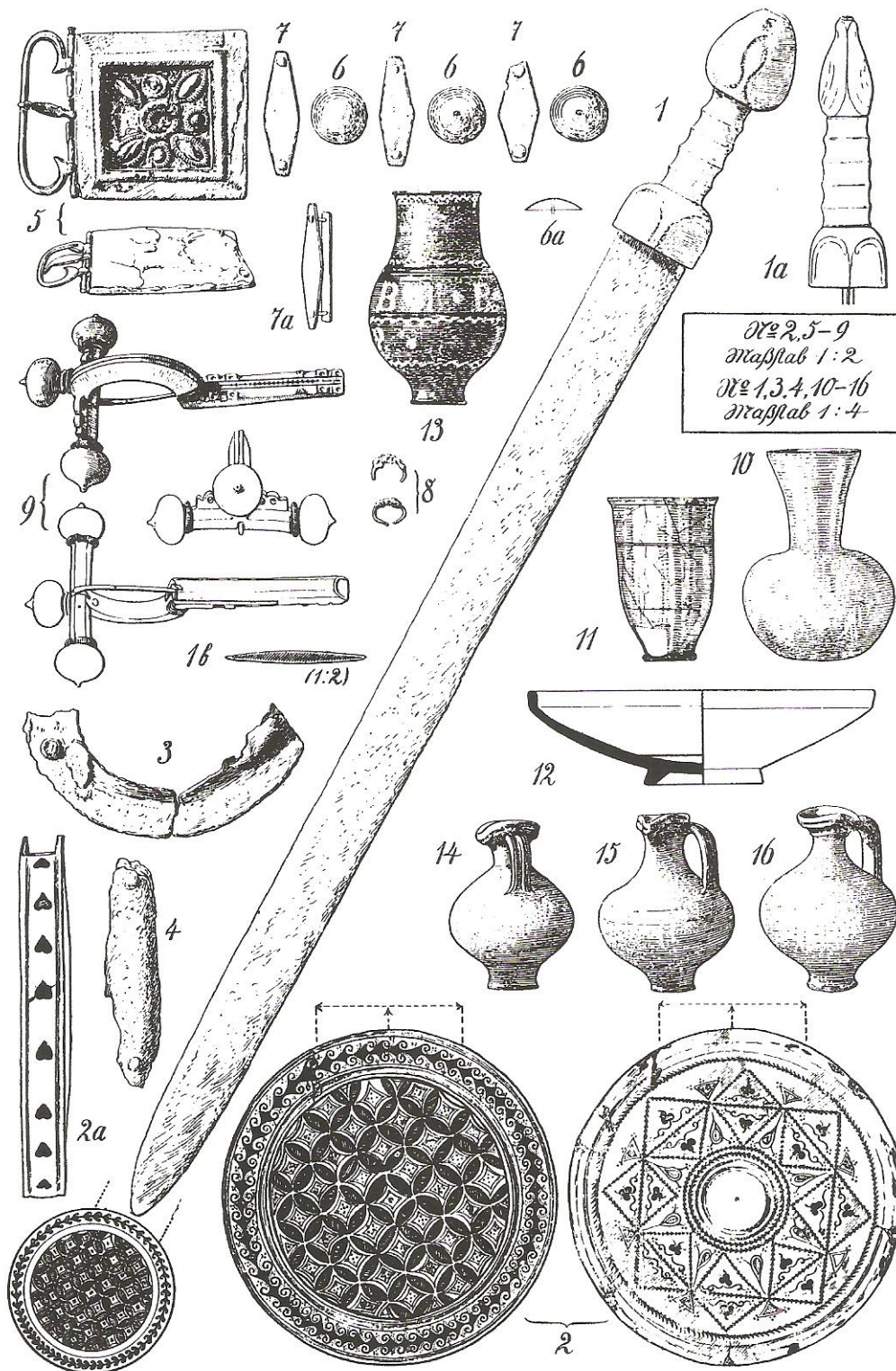


Cova de dois soldados em Canterbury. In: Bishop, M. C.; Weaponry and military equipment. In: ALLANSON-JONES, Lindsay, *Artefacts in Roman Britain: Their purpose and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 114-132. (Túmulo do século III d.C.).

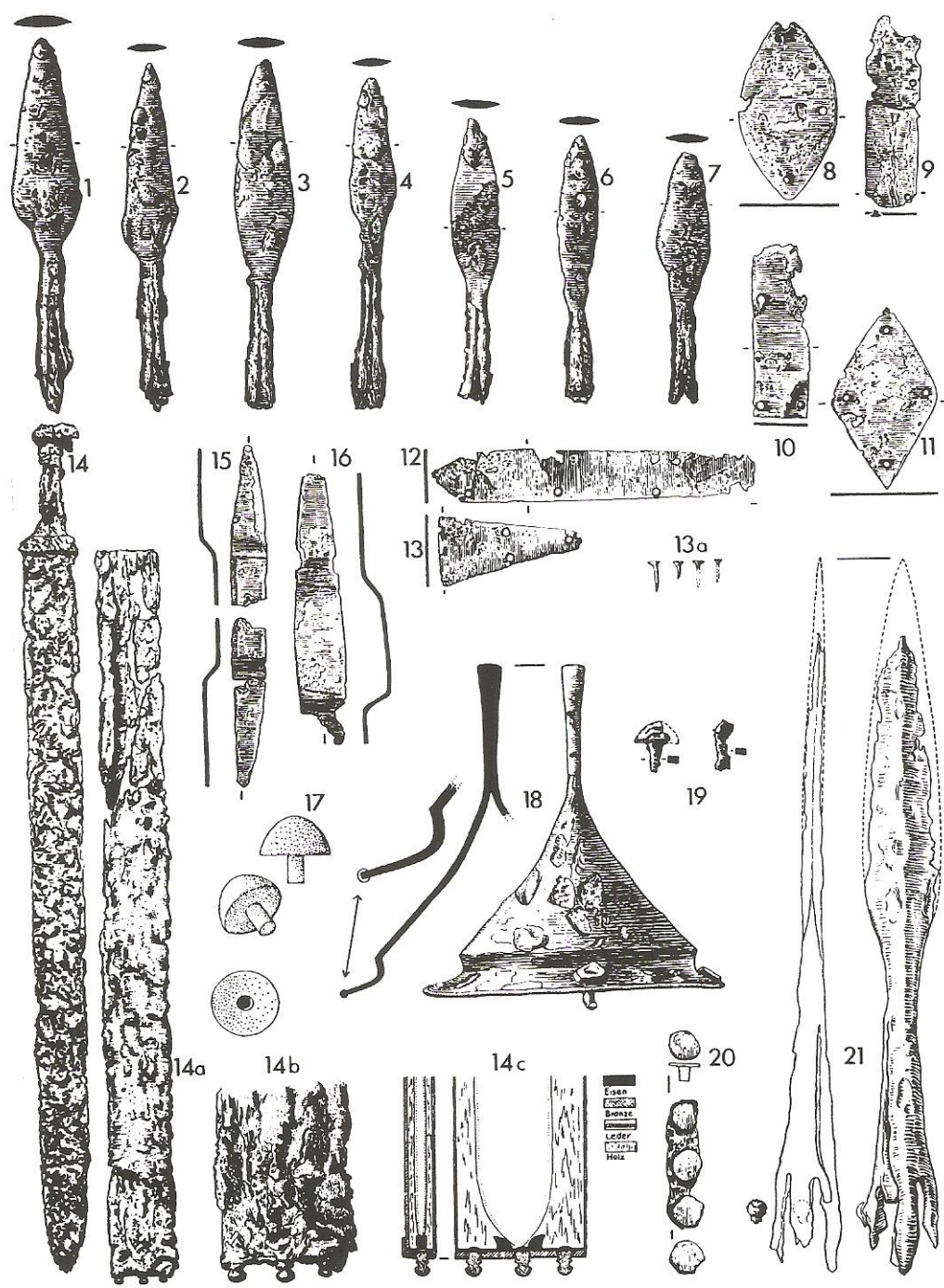


Um túmulo do IV d.C com armamentos: *sphata* com seu cinturão, duas lanças, escudo:
Cova 2 de Simris (Skane, Denmark) (after B. Stjernquist, 1954). In: FEUGÈRE,
Michel, *Weapons of the Romans*. Gloucestershire: The History Press, 2010, figura 255.

- Artefatos militares encontrados em Túmulos:



Cova de Severinstor, Cologne, início do IV século d.C. (after G. Behrens, 1919). In: FEUGÈRE, Michel, *Weapons of the Romans*. Gloucestershire: The History Press, 2010, figura 155.



Armas da cova 1/1957 de Liebenau, meados do IV século d.C. (after H. W. Böhme, 1974). In: FEUGÈRE, Michel, *Weapons of the Romans*. Gloucestershire: The History Press, 2010, figura 254.

ANEXO V

- Distribuição dos Pântanos*

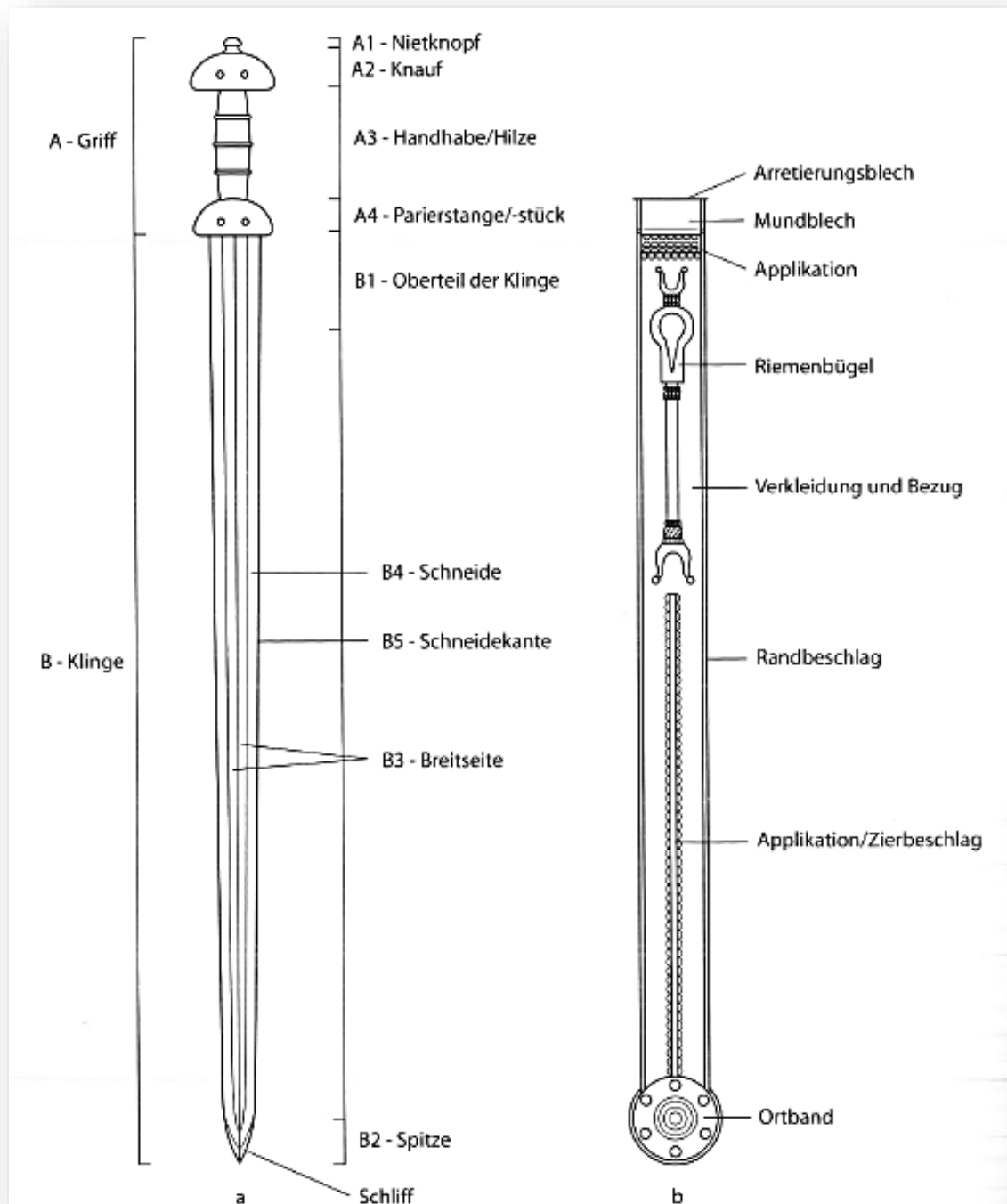


Distribuição de pântanos, onde foram encontrados equipamentos militares romanos, no sul da Escandinávia.

* JØRGENSEN, Lars; STORGAARD, Birger; THOMSEN, Lone Gebauer (eds). *The Spoils of Victory: the North in the shadow of the Roman Empire*. Nationalmuseet, Copenhagen, 2003.

ANEXO VI

Terminologia da Espada e da Bainha *



* BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 11 & 12.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2007

a. ESPADA:

A – Griff = cabo

A1 – Nietknopf = cabeça do rebite

A2 – Knauf = pomo

A3 – Handhabe/Hilze = punho

A4 – Parierstange/ -stück = guarda

B – Klinge = lâmina

B1 – Oberteil der Klinge = parte superior da lâmina

B2 – Spitze = ponta

B3 – Breitseite = parte plana da lâmina

B4 – Schneide = corte

B5 – Schneidekante = fio de corte

Schliff = corte da ponta

b. BAINHA:

Arretierungsblech = Abertura

Mundblech = deslizar a espada

Applikation = aplicação

Riemenbügel = lugar para por a alça

Verkleidung und Bezung = revestimento e base

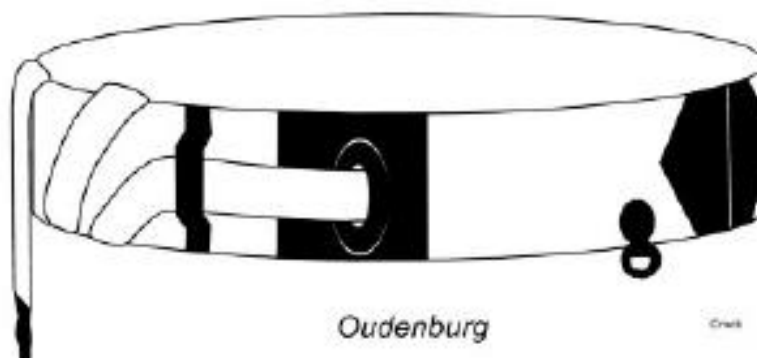
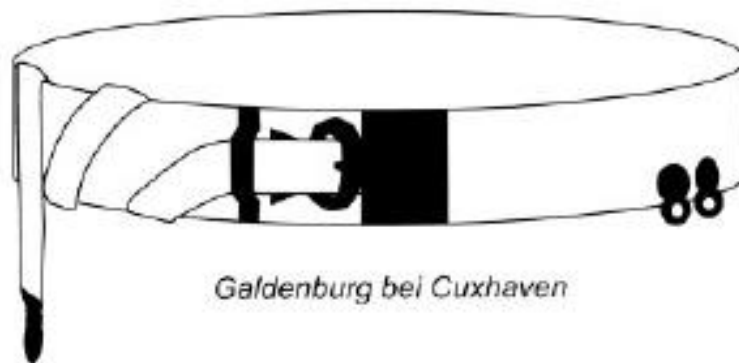
Randbeschlag = borda

Applikation/Zierbeschlag = aplicação/decoração

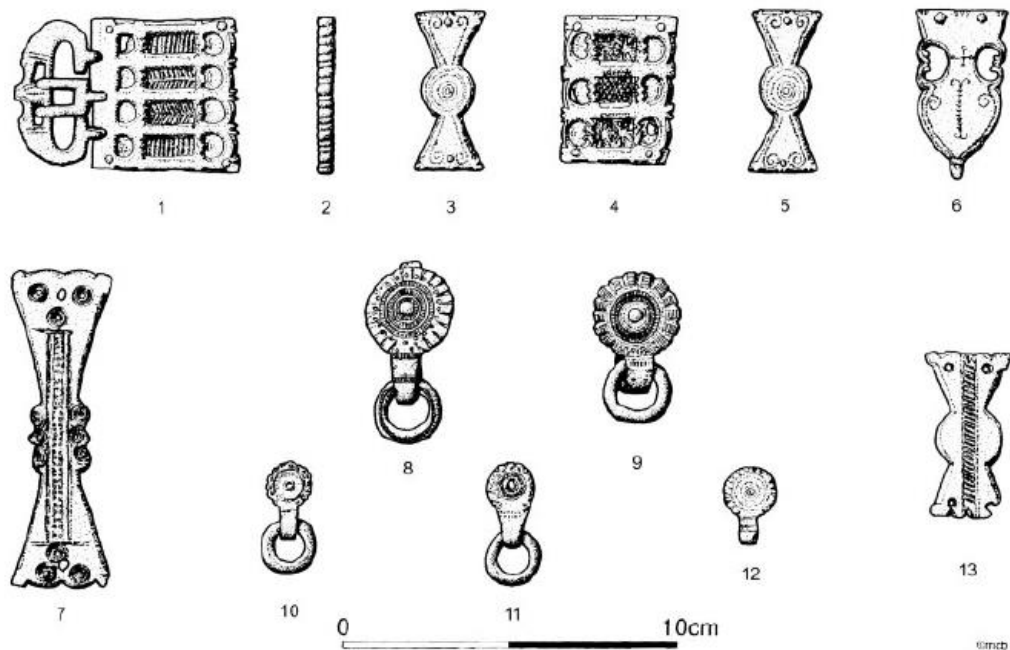
Ortband = ponteira, chape

ANEXO VII

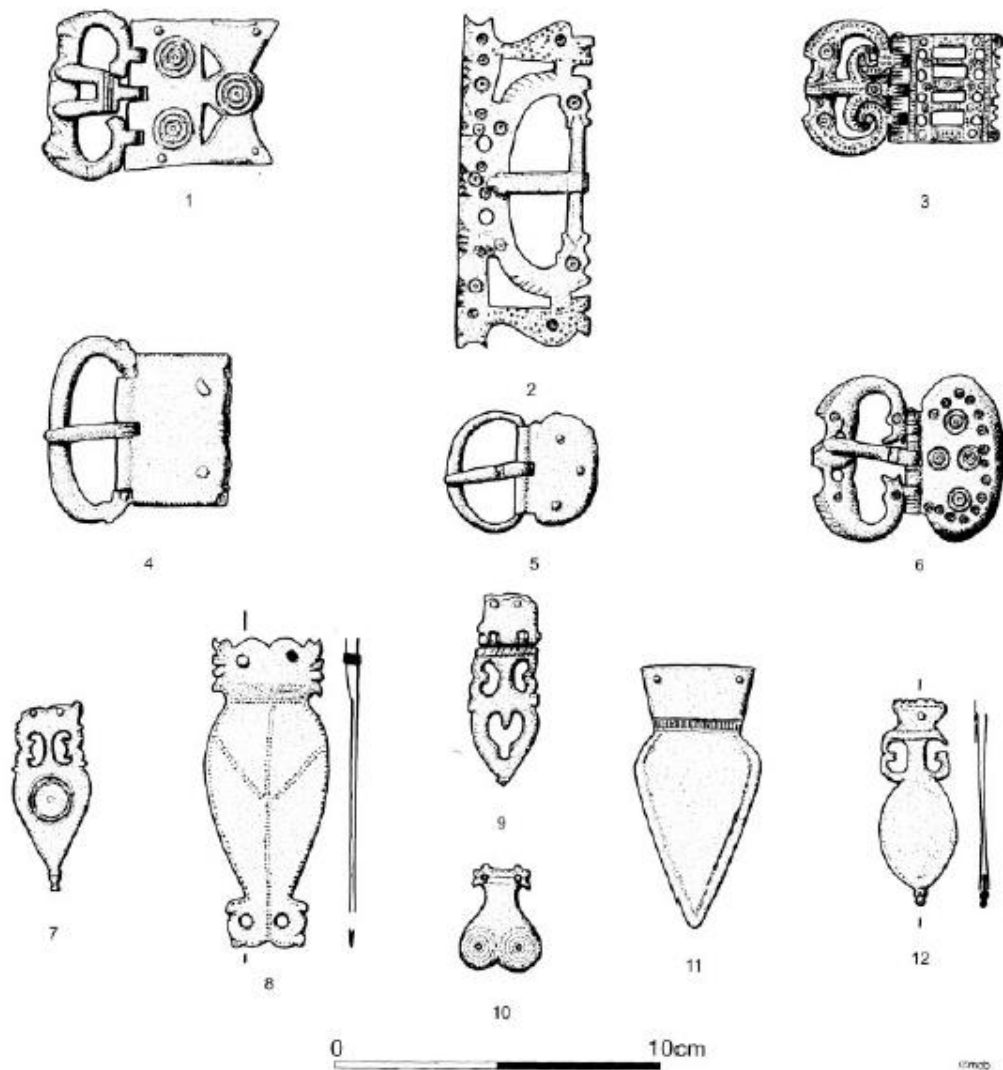
- Cintos:



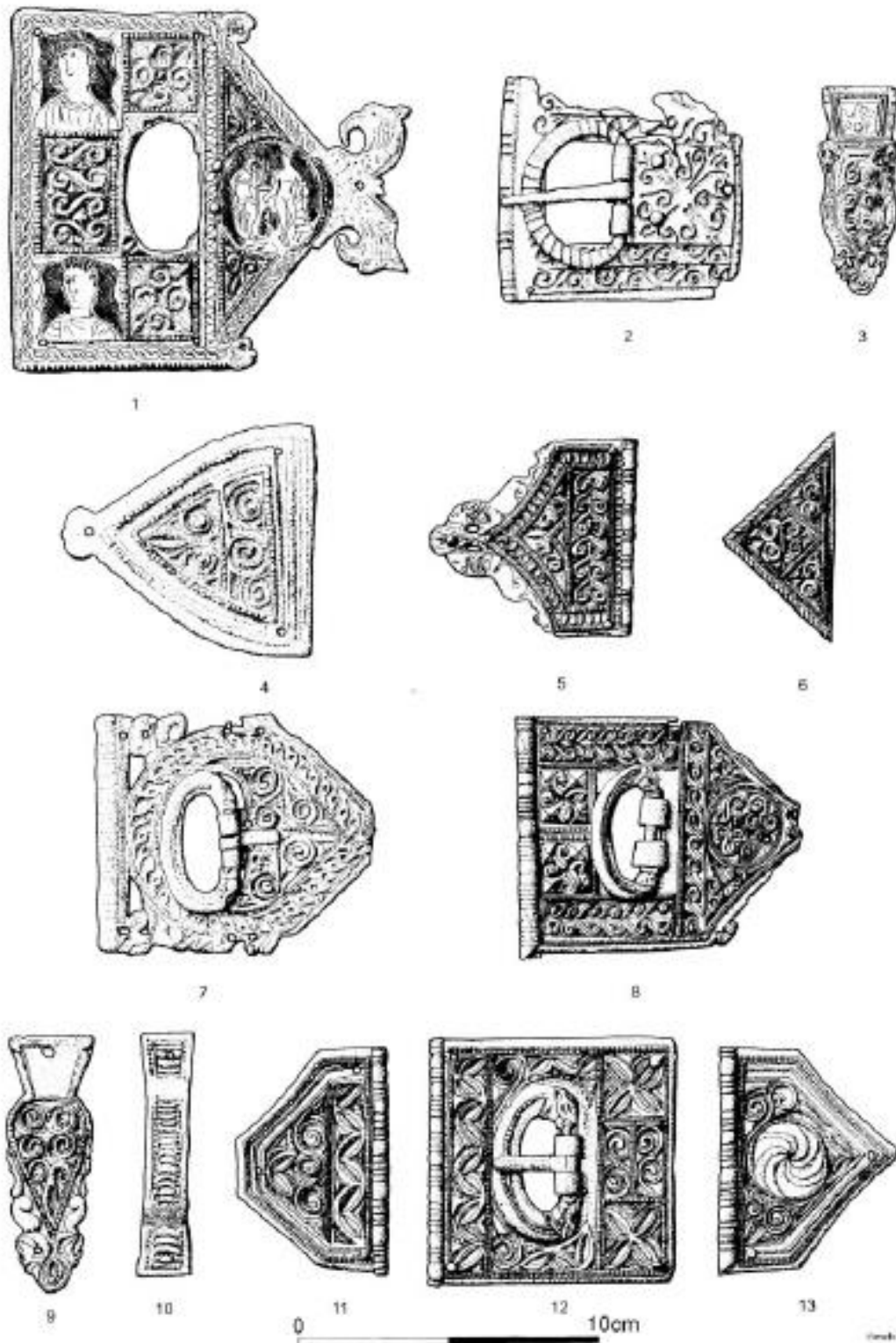
Reconstrução de cintos da Antiguidade Tardia. In: BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: From the Punic wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow books: 2006, 2ª. edição, p. 223.



Acessórios de cintos do Dominato. 1-6. Zenkövarkony (1. Fivela e placa; 2. reforço; 3, 5. Reforço em hélice; 4. placa; 6. Final da cinta); 7, 13. reforço em hélice (7. Neuss; 13. Richborough; 8-12. anéis (8-9. Vermand; 10-12. Richborough). In: BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: From the Punic wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow books: 2006, 2ª. edição, p. 218.

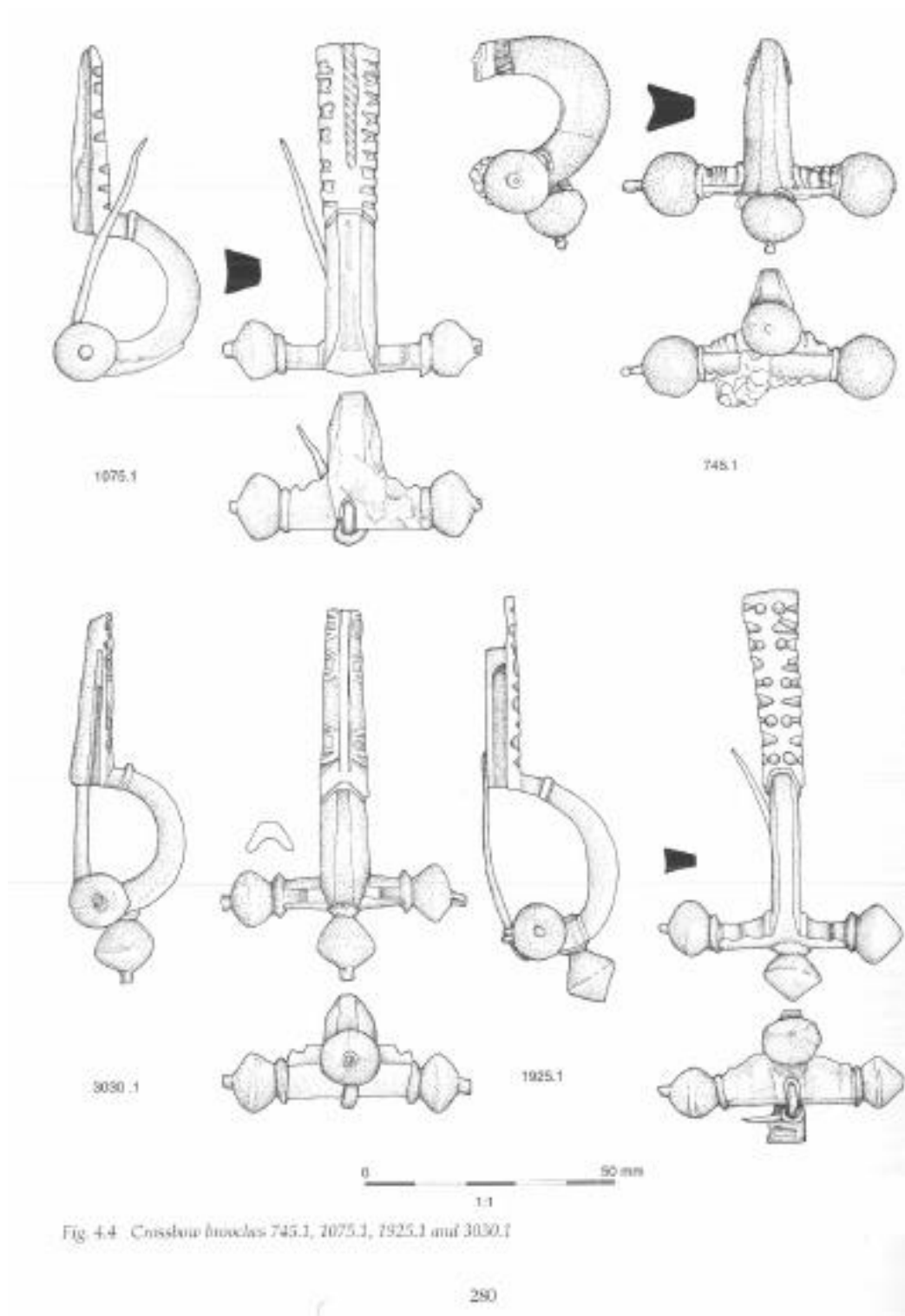


1-6. fivelas; 7-12. final de cintas. 1. Niederbreisig; 2. Catterick; 3. Colchester. 4-6, 12. Winchester; 7. Aquileia; 8. Winchester; 9. Ságvár; 10-11. Carnuntum. In: BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: From the Punic wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow books: 2006, 2^a. edição, p. 219.

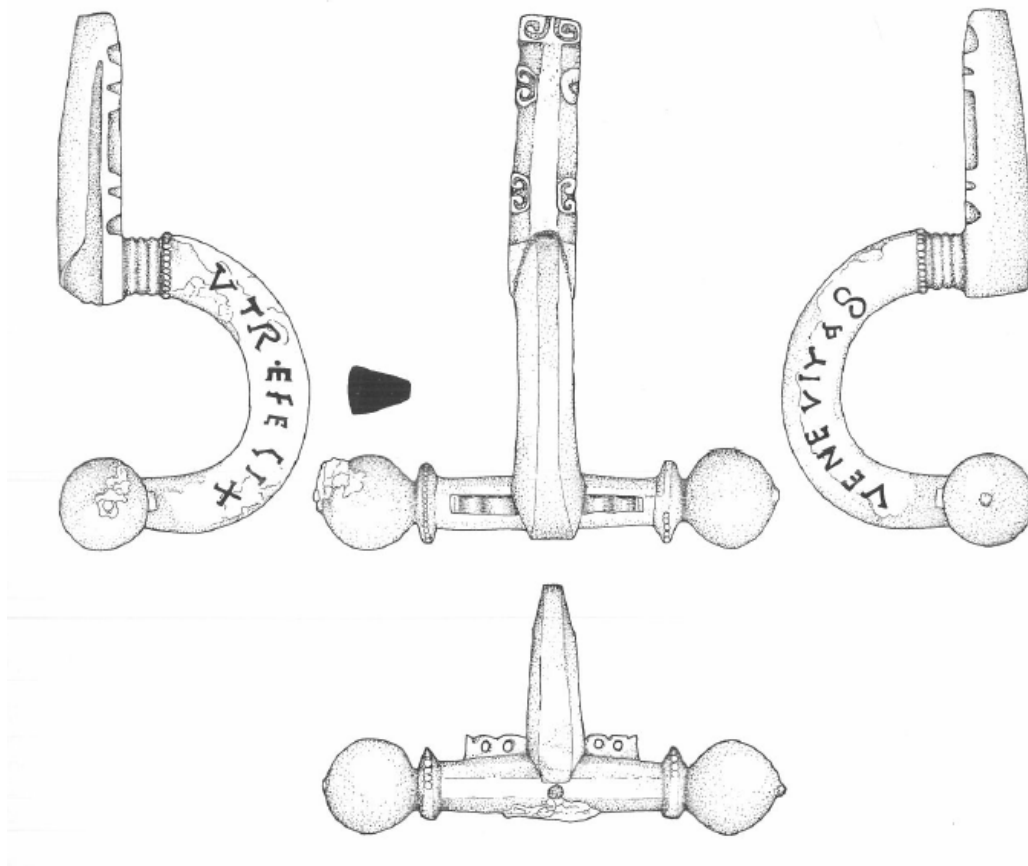


Acessórios gravados do Dominato. 1-2. Placas de fivelas (1. Itália; 2. Lamboresis); 3. Final da cinta (Trier); 4-6 peça do cinto (4. Alzey; 5. Orşova; 6. Carnuntum); 7-8. Placas de fivelas (7. Alzey; 8. Bad Kreuznach); 9-14. Seleção de acessórios (Oudenburg). In: BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: From the Punic wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow books: 2006, 2ª. edição, p. 221.

- Broches:



Broche arcado em cruz. In: COOL, H. E. M, Objects of glass, shale, bone and metal (except nails). In.: BOOTH, P.; SIMMONS, A. (et. al) *Late Roman cemetery at Lankhills, Winchester – Excavations 2000-2005*. Oxford: Oxford Archaeology Monograph No. 10, 2010, p 280.



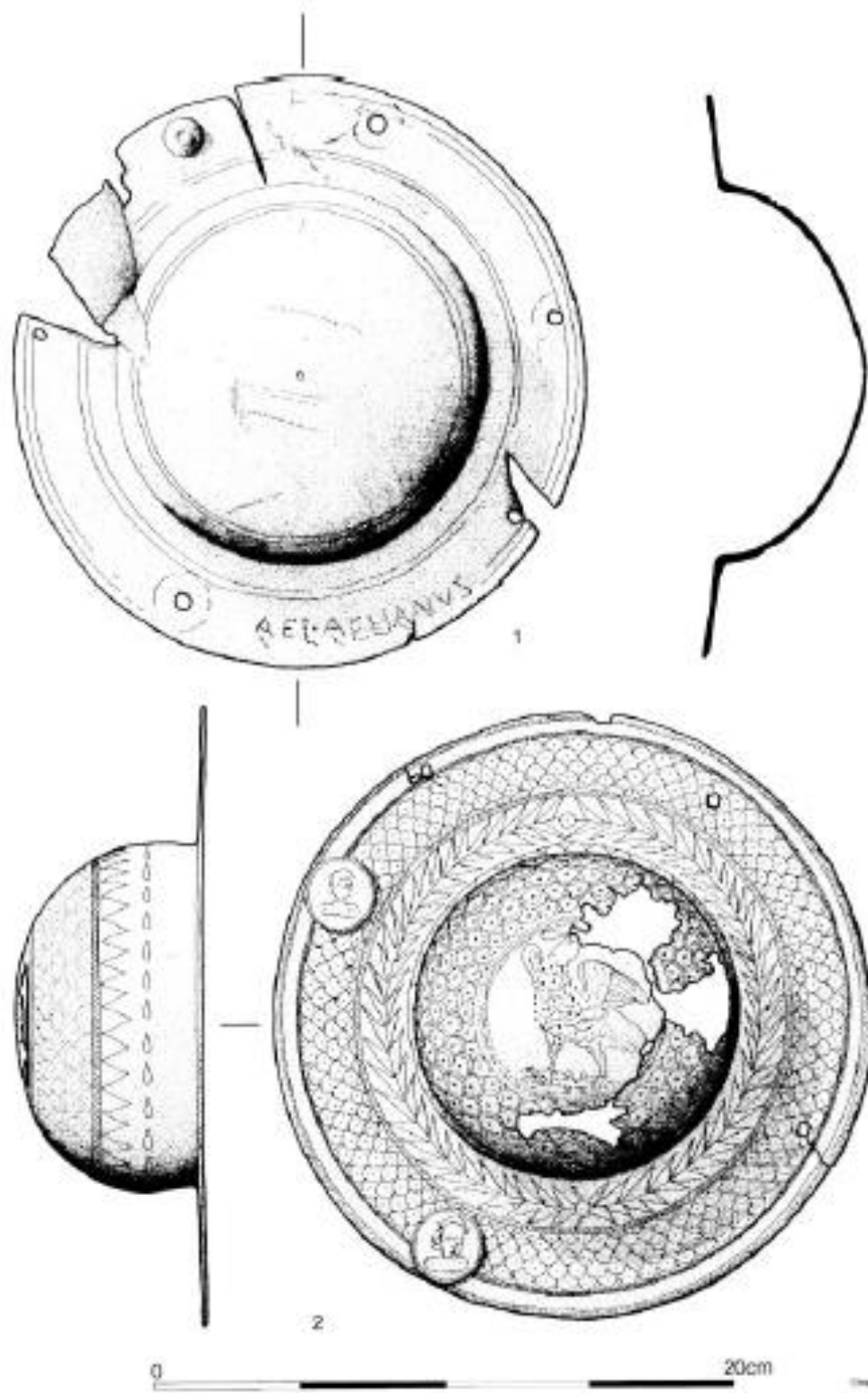
Broche arcado em cruz. In: COOL, H. E. M, Objects of glass, shale, boné and metal (except nails). In.: BOOTH, P.; SIMMONS, A. (et. al) *Late Roman cemetery at Lankhills, Winchester – Excavations 2000-2005*. Oxford: Oxford Archaeology Monograph No. 10, 2010, p 281.

ANEXO VIII

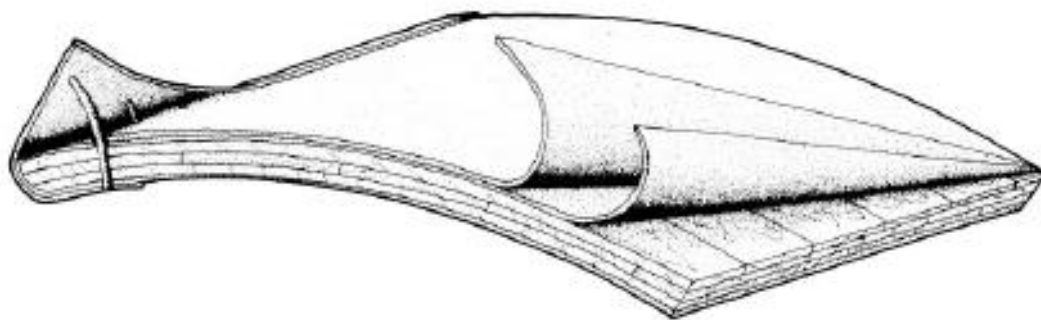
❖ Escudos: (século III d.C.)



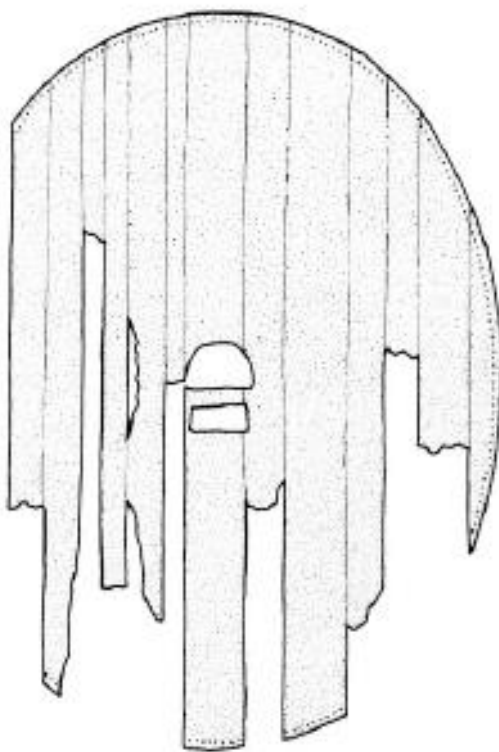
Núcleo de escudo que traz uma inscrição de um membro dos *equites singulares* e cenas da Guerra Dácias.
In: BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: From the Punic wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow books: 2006, 2ª. edição, figura 7.



Núcleo de escudo do século III d.C. 1. Thorsbjerg; 2. Mainz. In: BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: From the Punic wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow books: 2006, 2ª edição, p. 180.



1



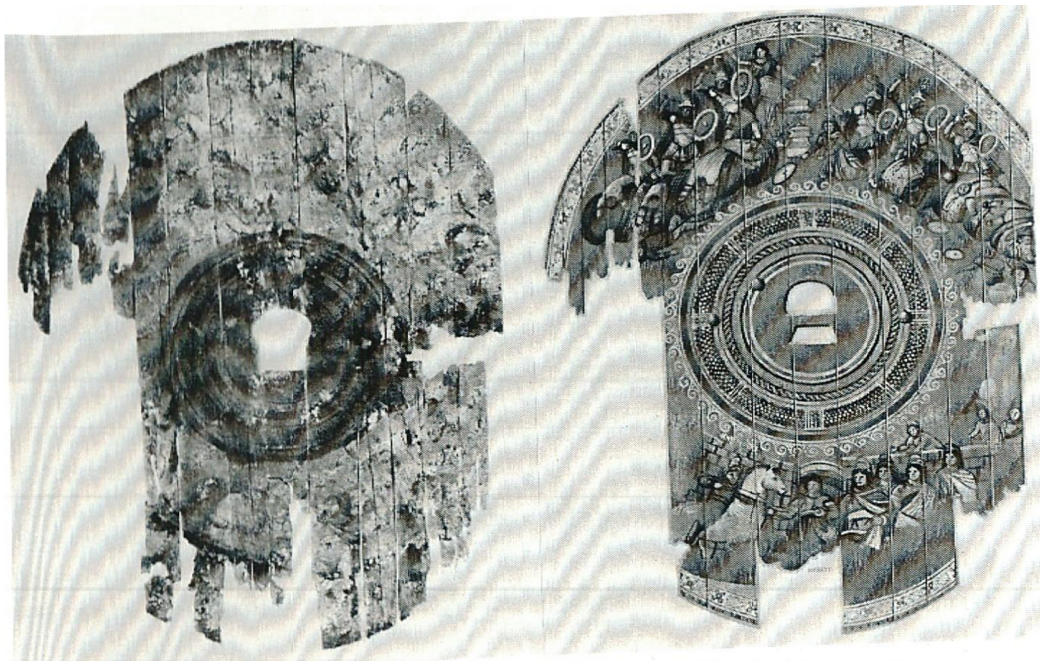
0

2

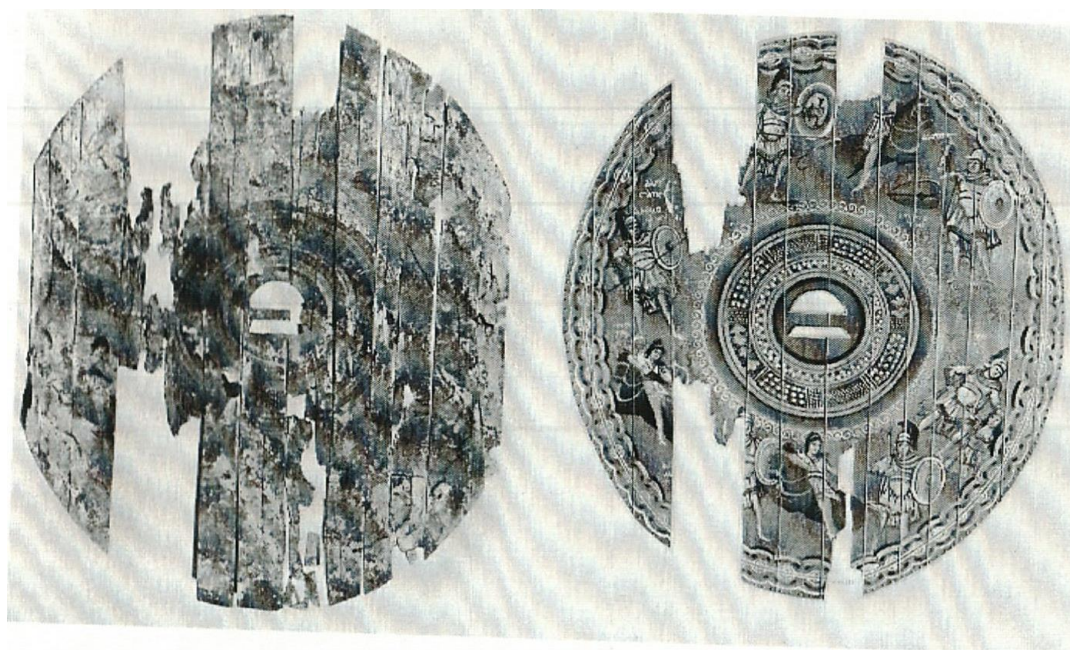
100cm

©ncb

Construção de um escudo do III d.C. de Dura-Europos. 1. Retângulo curvado (sem escala); 2. Domo, placa oval. In: BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: From the Punic wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow books: 2006, 2ª. edição, p. 181.



Escudo pintado no. 01 de Dura-Europos, século III d.C.; o primeiro como foi encontrado e o segundo depois da restauração (H. J. Gute). In: FEUGÈRE, Michel, *Weapons of the Romans*. Gloucestershire: The History Press, 2010, p. 91.



Escudo pintado no. 02 de Dura-Europos, século III d.C.; o primeiro como foi encontrado e o segundo depois da restauração (H. J. Gute). In: FEUGÈRE, Michel, *Weapons of the Romans*. Gloucestershire: The History Press, 2010, p. 92.



Umbo de um escudo decorado de Halmeag, Romania (after E. Hubner, 1978). In: FEUGÈRE, Michel, *Weapons of the Romans*. Gloucestershire: The History Press, 2010, p. 92.

ANEXO IX

Espadas romanas encontradas nos pântanos da Dinamarca:

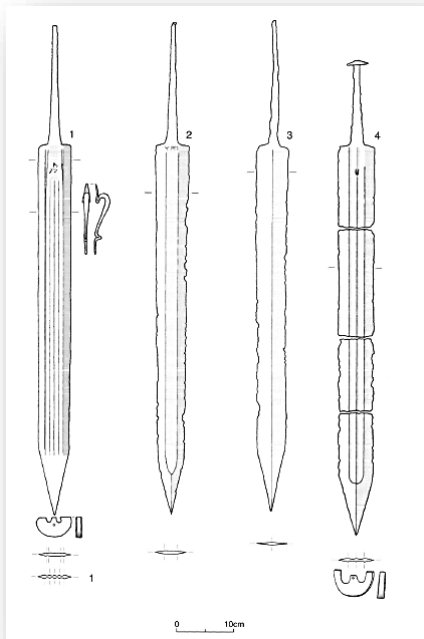
- Quantas foram encontradas*: (total = 390)

Tipo	Etapa B2	Etapa B2 ou C1a	Etapa C1a	Etapa C1b	Etapa C1 ou C2	Etapa C2	Etapa C2 ou C3	Etapa C3	Etapa C2 ou D	Etapa C3 ou D	Etapa D1	Etapa D2
Caterbury-Kopki	10	3	5									
Buch-Podlodów	3	4	4									
Lachmirowice-Apa	8	8	12	3								
Folkeslunda-Zaspy			5	13								
Lauriacum-Hromówka			2	5		2						
Woerden-Bjärs			2	31								
Vimose-Illerup			1	87	9							
Nydam-Kragehul				1	5	43	1	1	1			
Snipstad						6	1				2	
Vøien-Hedelisker						5			2	1	2	
Ejsbøl-Sarry						14		3	7	6	57	
Osterburken-Vrasselt										3	5	1

* BIBORSKI, MARCIN; ILKJÆR, JØRGEN. *ILLERUP ÅDAL: DIE SCHWERTER - TEXTBAND/KATALOG, TAFELN UND FUNDLISTEN: v. 11 & 12.* HØJBJERG: JYSK ARKÆOLOGISK SELSKAB, 2007.

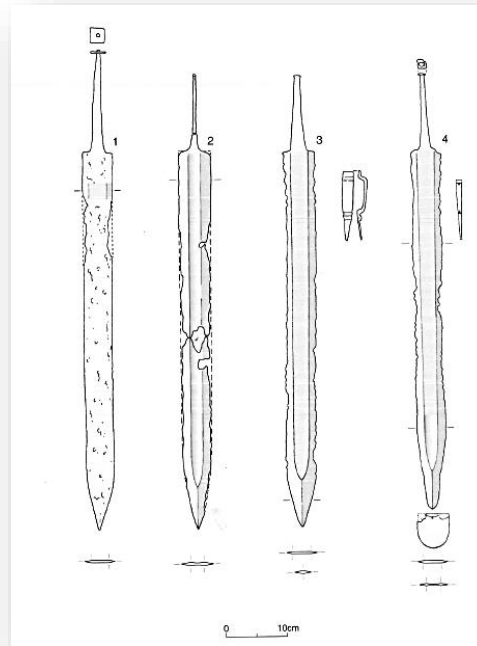
- Tipos*:

1. 'CATERBURY-KOPKI' (C-K):



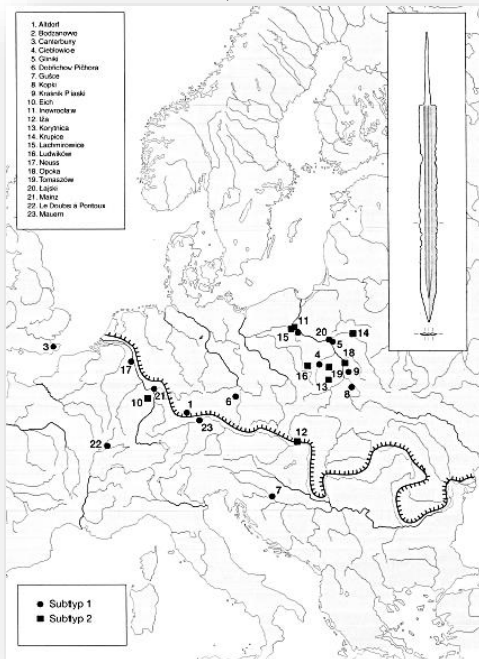
Variante 1:

1-Krašnik, túmulo 11, 2; 2-Altdorf; 3-Mainz;
4-Cieblowice, túmulo 61.



Variante 2:

1-Iža; 2-Lachmirowice, túmulo XVII; 3-Krupice,
túmulo 332; 4-Inowrocław, túmulo 13A.



Achados

Comprimento da lâmina: 55-70 cm

Largura da lâmina: 5,0-6,5 cm

Cabo longo: 17-23 cm podendo também ser
curto 13-15 cm.

Comprimento total: 72-88 cm.

Variante 1:

Com. = 64-70 cm

Lar. = 5,2-6,8 cm

Cabo = 15-20 cm

Variante 2:

Com. = 55-64 cm

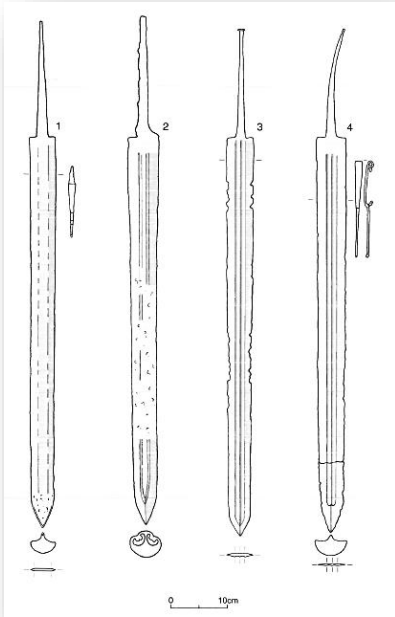
Lar. = 4,5-6,2 cm

Cabo = 13-19 cm

Datação: B2 a C1a

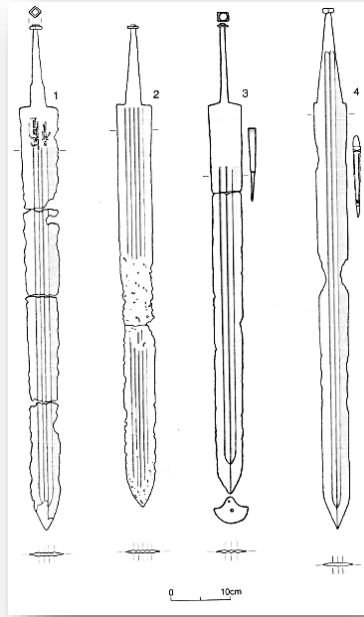
* BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten*: v. 11 & 12. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2007.

2. 'BUCH-PODŁODÓW' (B-P):



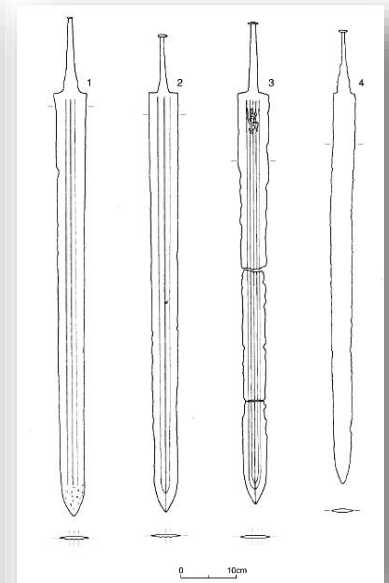
Variante 1:

1-Chmielów Piaskowy, túmulo 20;
2-Canterbury; 3-Ardanove;
4-Třebusice, túmulo LXIX/41



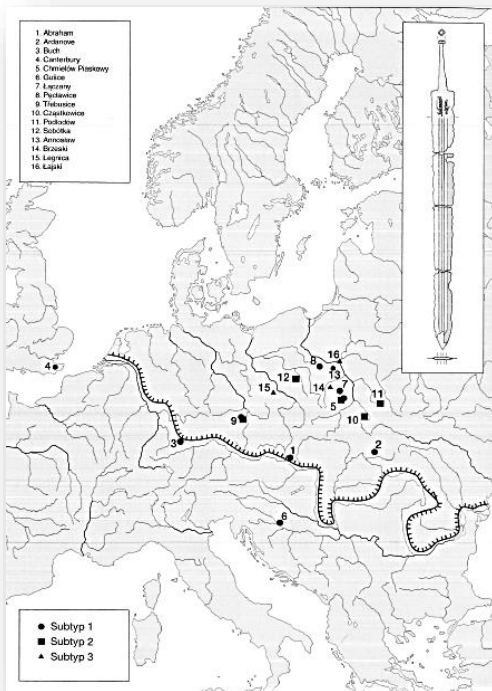
Variante 2:

1-Podłodów; 2-Cząstkowice; 3-
Třebusice, túmulo LXVIII/41; 4-
Chmielów Piaskowy, túmulo 22



Variante 3:

1 Brzeski, túmulo 65; 2-Legnica;
3-F.u. Woiv. Świętokrzyskie; 4-
Łąjski, túmulo 70a.



Comprimento da lâmina: 67-79 cm

Largura da lâmina: 5,0-6,5 cm

Cabo: 11-24 cm

Comprimento total: 80-100 cm

Variante 1:

Com. = 68-72 cm

Lar. = 4,8-5,8 cm

Cabo = 19-24 cm

Variante 2:

Com. = 67-74 cm

Lar. = 5,2-6 cm

Cabo = 11-15 cm

Variante 3:

Com. = 76,5-78,6 cm

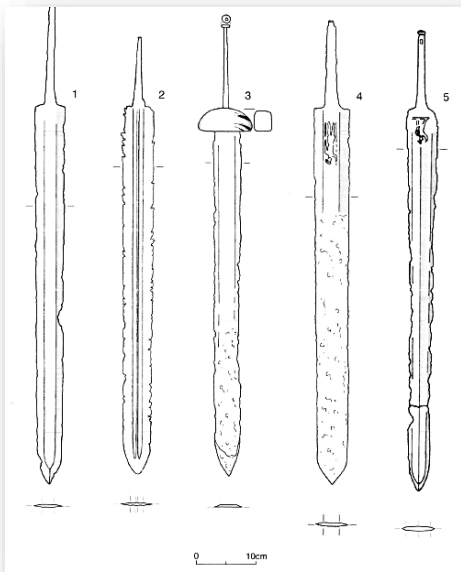
Lar. = 4,2 cm

Cabo = 11 cm

Datação: B2 a C1a

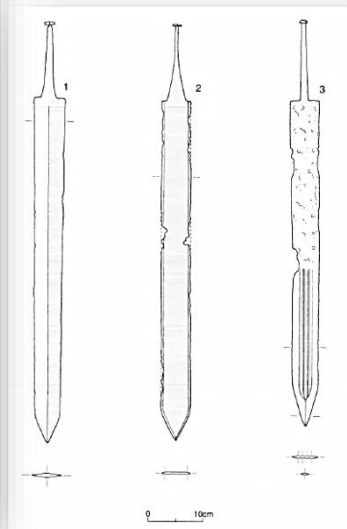
Achados

3. 'LACHMIROWICE-APA' (L-A):



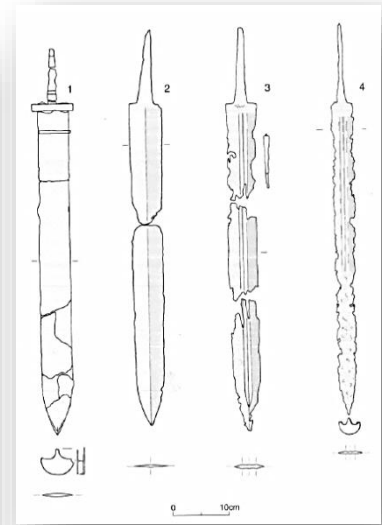
Variante 1:

1-Lyon; 2-Illerup; 3-Famars; 4-Oblin, túmulo 45b; 5-F.u., Woiw wielkopolskie.



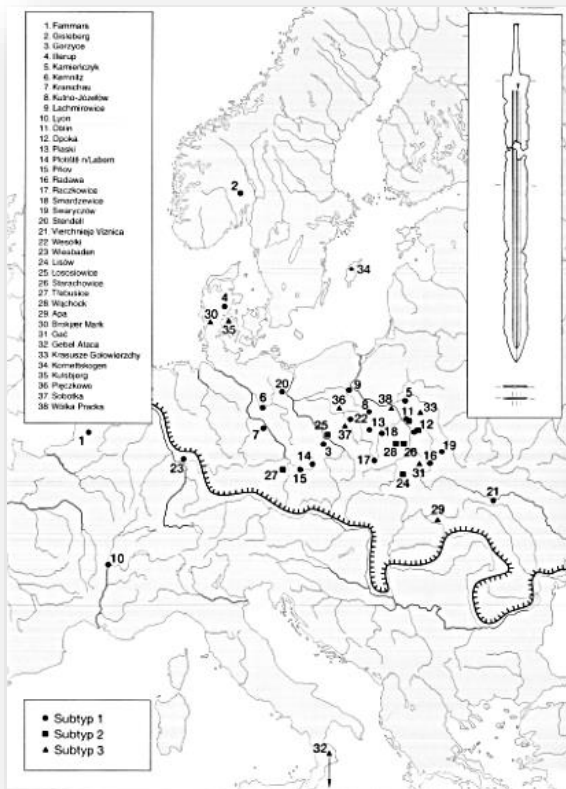
Variante 2:

1-Łososiowice; 2-Wąchock; 3-Oblin, túmulo 52.



Variante 3:

1-Brokjær Mark, túmulo; 2-Apa; 3-Kraszse Gołowierzchy; 4-Pięczkowo, túmulo II.



Comprimento da lâmina: 56-68 cm

Largura da lâmina: 4,2-6,2 cm

Cabo: 11-18 cm

Comprimento total: 70-80 cm

Ponta: comp.=3,7-9 cm
lar.=3,8-5,6 cm

Variante 1:

Com. = 58-68 cm

Lar. = 4,2-5,7 cm

Cabo = 11,5-18,2

Ponta = 3,3-5,5 cm

Variante 2:

Com. = 63-68 cm

Lar. = 5,4-5,8 cm

Cabo = 11-15 cm

Ponta = 5,5-7,5 cm

Variante 3:

Com. = 58-64 cm

Lar. = 5,5-6,1 cm

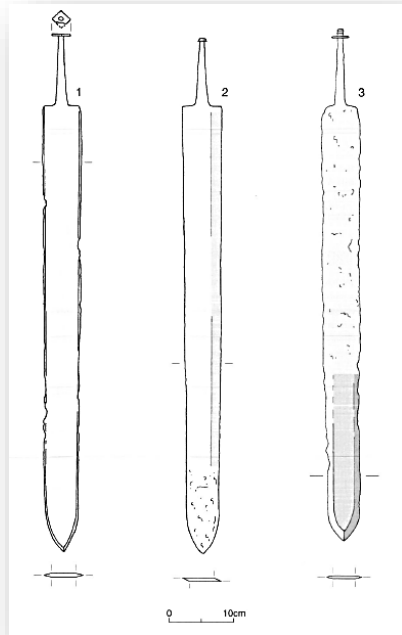
Cabo = 12-14 cm

Ponta = 7,5-9 cm

Datação: B2-C1b

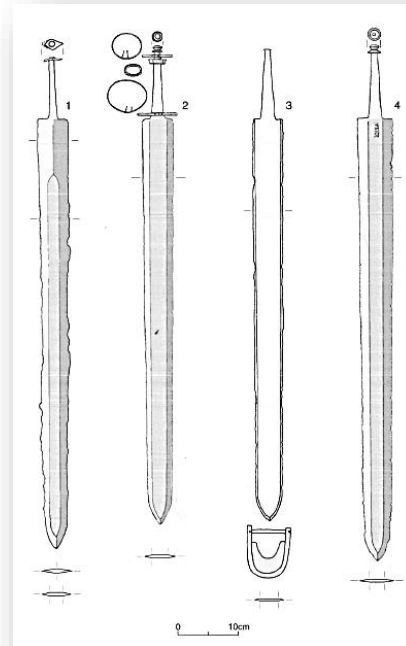
Achados

4. 'FOLKESLUNDA-ZASPY' (F-Z):



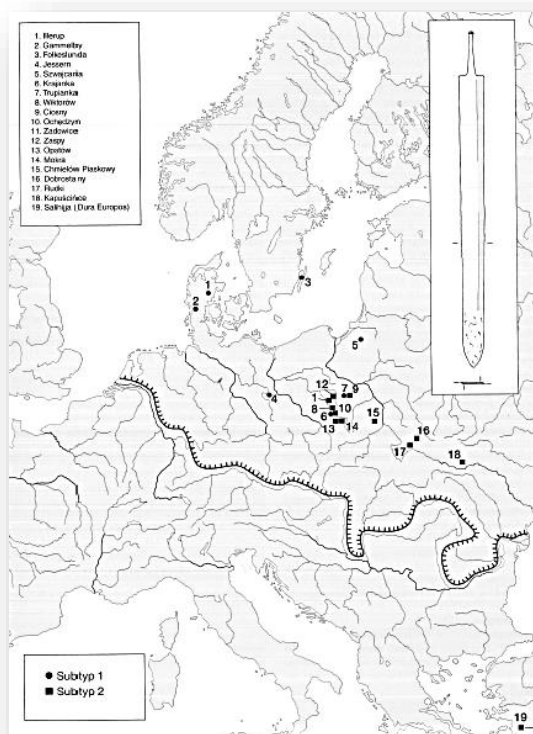
Variante 1:

1-Krajanka; 2-Trupianka, túmulo 12;
3-Folkeslunda.



Variante 2:

1-Mokra, túmulo 35; 2-Illerup; 3-
Opatów, túmulo 736; 4-Illerup.



Comprimento da lâmina: 67-75 cm

Largura da lâmina: 5-7 cm

Cabo: 11-14 cm

Comprimento total: 80-87 cm

Ponta: comp. = 4,6-5 cm

Larg. = 4-5,6 cm

Variante 1:

Com. = 68-73 cm

Lar. = 6-7 cm

Cabo = 11,5-13 cm

Ponta = 4-8 cm

Variante 2:

Com. = 67-74,5 cm

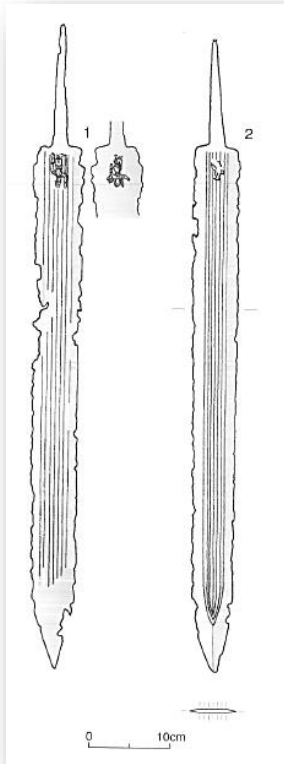
Lar. = 5-5,8 cm

Cabo = 10-13 cm

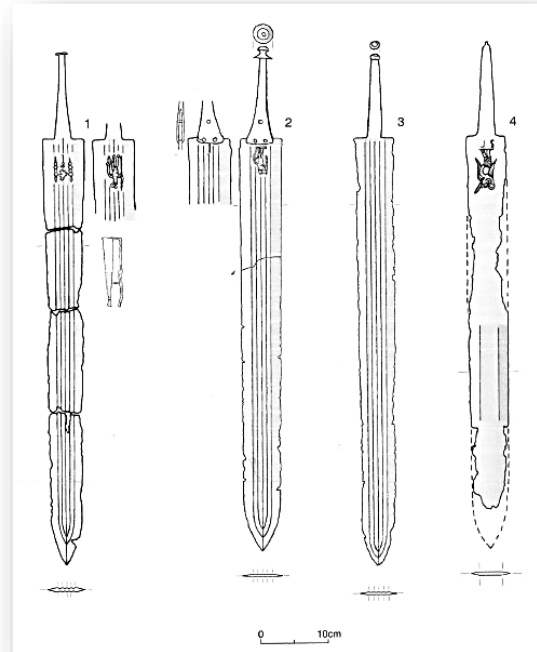
Ponta = 2,8-7 cm

Datação: C1a-C1b

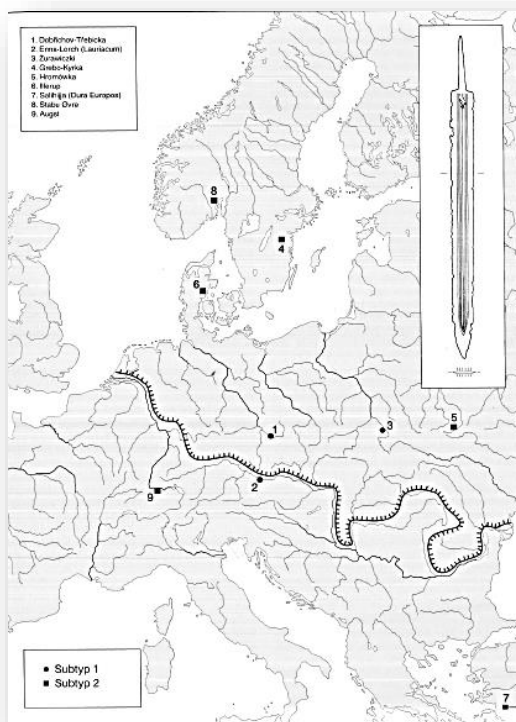
5. 'LAURIACUM-HROMÓWKA' (L-H):



Variante 1:
1-Lorch (Lauriacum); 2-Żurawicki



Variante 2:
1-Hromówka; 2-Illeup; 3- Illeup; 4-Stabu Øvre.



Achados

Comprimento da lâmina: 61-68 cm

Largura da lâmina: 5,2-6,5 cm

Cabo: 12-15 cm

Comprimento total: 74-81 cm

Ponta: comp. = 5-9 cm

Larg. = 4,9-5,2 cm

Variante 1:

Com. = 61-68 cm

Lar. = 5,2-6,5 cm

Cabo =

Ponta = 6,5-8,5 cm

Variante 2:

Com. = 62-66 cm

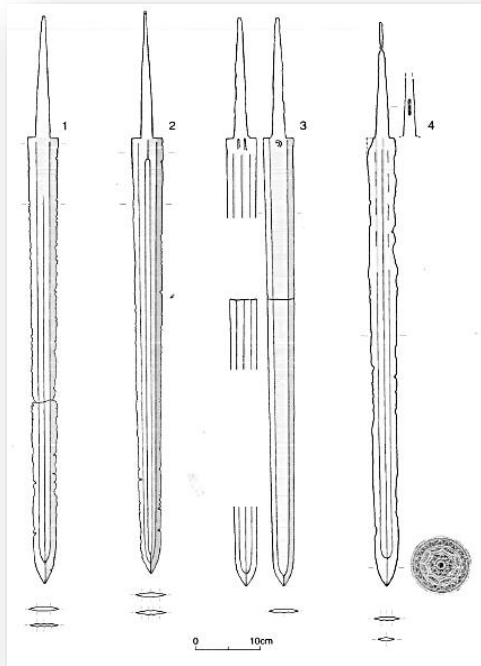
Lar. =

Cabo = 12,5-14 cm

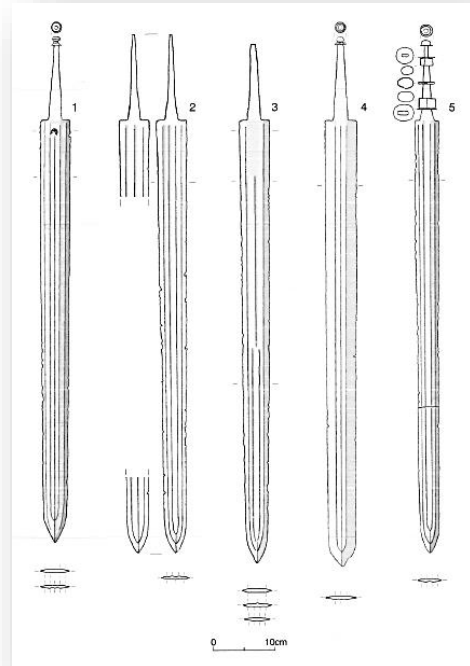
Ponta = 5,5-7,5 cm

Datação: C1-C2

6. 'WOERDEN-BJÄRS' (W-B):



Variante 1:
1-Illerup; 2-Illerup; 3-Illerup; 4-Grabice.



Variante 2:
1-Illerup; 2-Illerup; 3-Illerup; 4-Illerup;
5-Illerup



Achados

Comprimento da lâmina: 68-73 cm

Largura da lâmina: 4,5-5,7 cm

Cabo: 12-21 cm

Comprimento total: 78-91 cm

Ponta: comp. = 3,5-5,8 cm

Larg. = 3-4 cm

Variante 1:

Com. = 67-71 cm

Lar. = 4,5-5,2 cm

Cabo = 12-13/18-21 cm

Ponta = 3,5-6 cm

Variante 2:

Com. = 67-73 cm

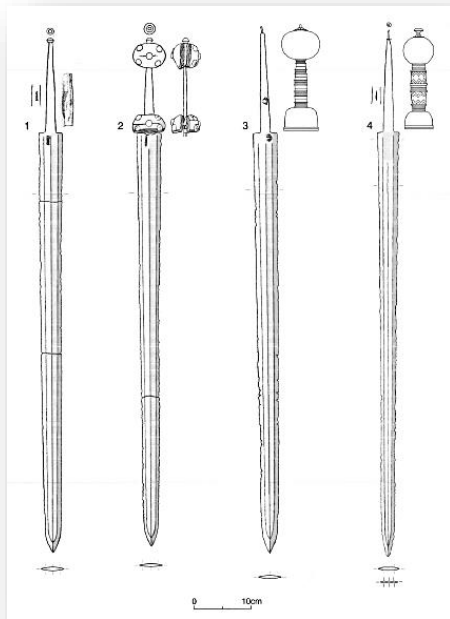
Lar. = 4,5-5,9 cm

Cabo = 12-14 cm

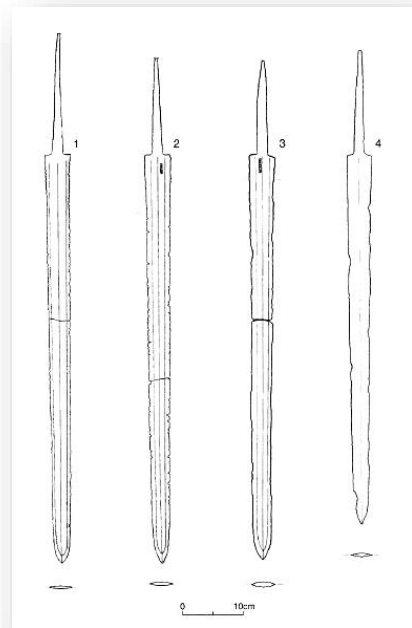
Ponta = 3,5-6 cm

Datação: C1a-C1b

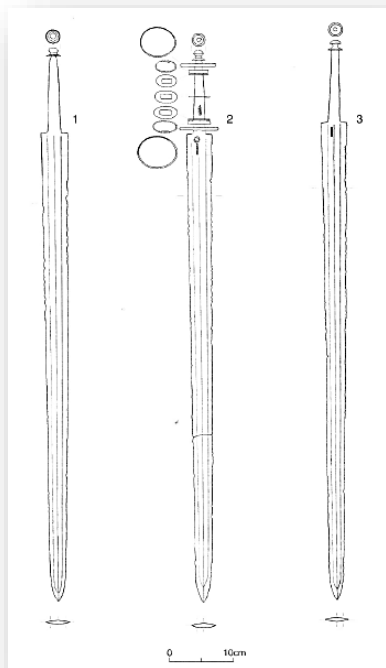
7. 'VIMOSE-ILLERUP' (V-D):



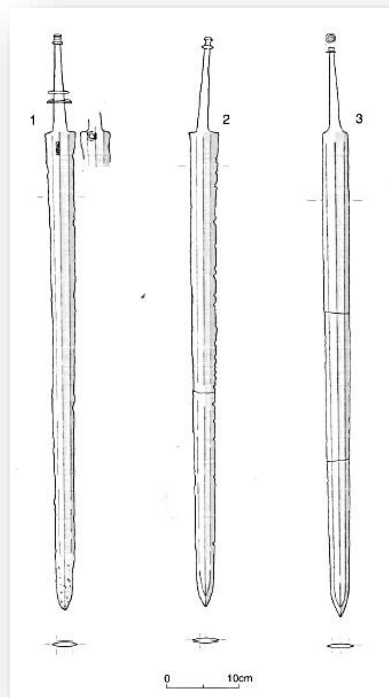
Variante 1:
1-Illerup; 2-Illerup; 3-Illerup; 4-Illerup.



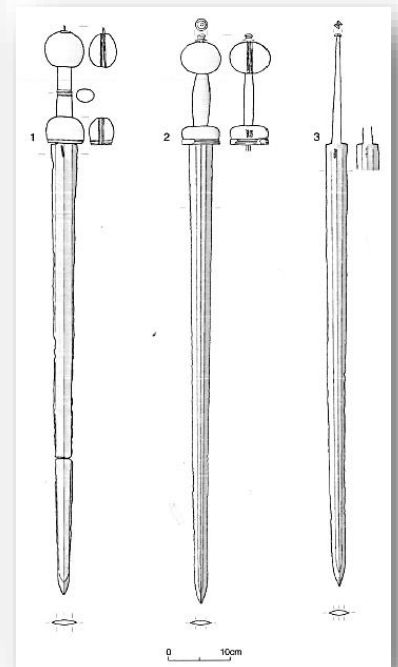
Variante 2:
1-Illerup; 2-Illerup; 3-Ödeshøg; 4-Niederbieber.



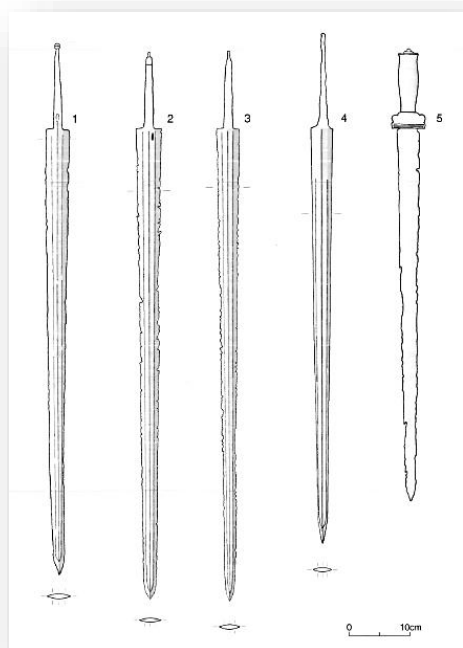
Variante 3:
1-Illerup; 2-Illerup; 3-Illerup.



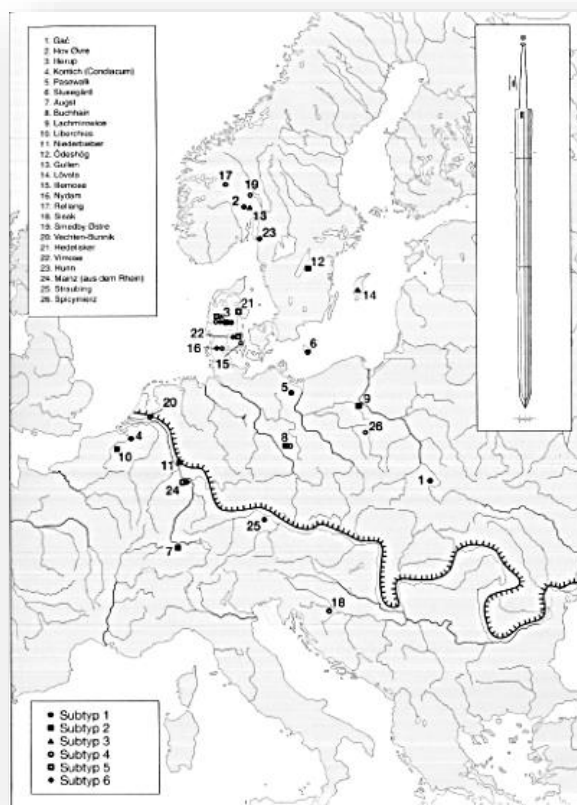
Variante 4:
1-Illemose; 2-Nydam; 3-Illerup.



Variante 5:
1-Hedelisker; 2-Illerup; 3-Vimose.



Variante 6:
1-Vimose; 2-Illeup; 3-Illeup; 4-Hunn;
5-aus dem Rhein bei Mainz.



Achados

Comprimento da lâmina: 66-78 cm

Largura da lâmina: 3,6-5 cm

Cabo: 12-14,5/15,5-21 cm

Comprimento total: 80-97 cm

Ponta: comp. = 2,6-5,8 cm

Larg. = 1,5-3,2 cm

Variante 1:

Com. = 71-78 cm

Lar. = 3,6-5 cm

Cabo = 16-20 cm

Ponta =

Variante 2:

Com. = 66,5-70 cm

Lar. = 4,2-5 cm

Cabo = 15,6-19/20 cm

Ponta = 2,5-6 cm

Datação: C1-C2

Variante 3:

Com. = 71-78 cm

Lar. = 4,1-4,9 cm

Cabo = 11,5-14,5 cm

Ponta = 3,5-5,5 cm

Variante 4:

Com. = 66,5-70 cm

Lar. = 3,8-4,5 cm

Cabo = 11,5-14 cm

Ponta = 2,5-5 cm

Variante 5:

Com. = 72-78 cm

Lar. = 3,2-4,5 cm

Cabo = 16,2-19,5 cm

Ponta = 2,1 cm

Variante 6:

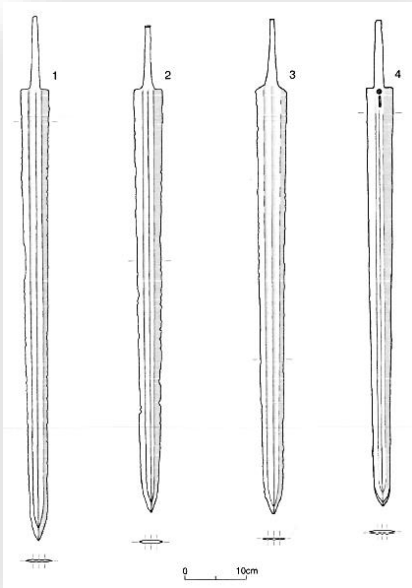
Com. = 72-78 cm

Lar. = 3,2-4,2 cm

Cabo = 12-14,5 cm

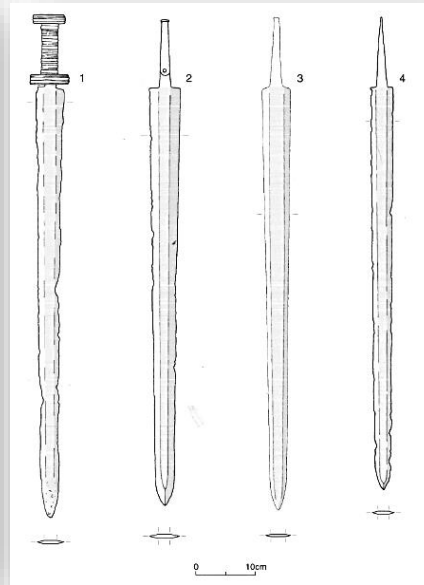
Ponta = 1,4-4 cm (lar. = 2,1 cm)

8. 'NYDAM-KRAGEHUL' (N-K):



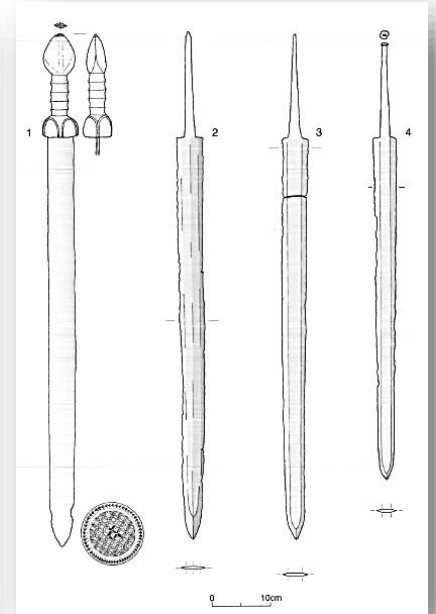
Variante 1:

1-Nydam; 2-Ejsbøl; 3-Hedelisker;
4-Einang.



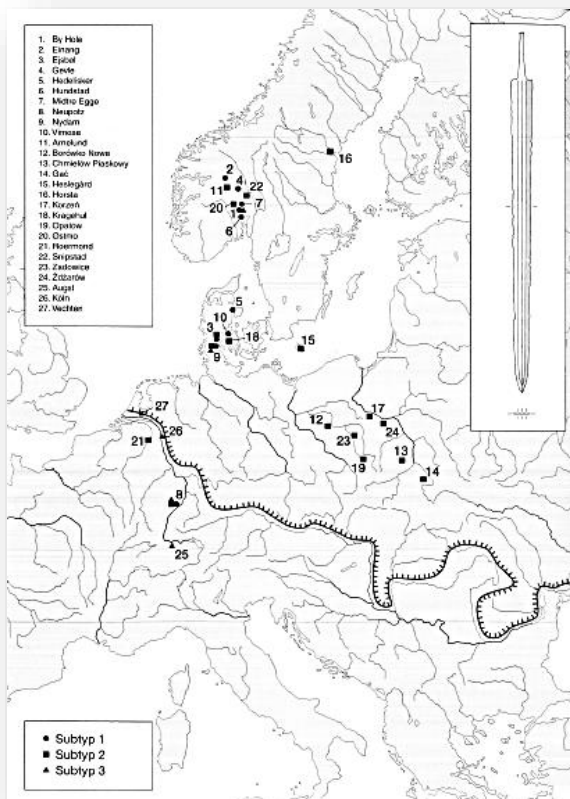
Variante 2:

1-Kragehul; 2-Opatów, túmulo 289; 3-
Ejsbøl; 4-Chmielów Piskowy, túmulo 7.



Variante 3:

1-Köln; 2-Nydam; 3-Nydam;
4-August.



Achados

Comprimento da lâmina: 67-75/79 cm

Largura da lâmina: 4,1-5,7 cm

Cabo: 11-14,5/15,1-20 cm

Comprimento total: 78-91 cm

Ponta: comp. = 3,5-8 cm

Larg. = 2,8-4,1 cm

Variante 1:

Com. = 67-75 cm

Lar. = 4,4-5,4 cm

Cabo = 10,5-14,5

Ponta =

Variante 2:

Com. = 67-75 cm

Lar. = 4,1-5,4 cm

Cabo = 10-13,5 cm

Ponta = 3,1-6 cm

Datação: C1b-D

Variante 3:

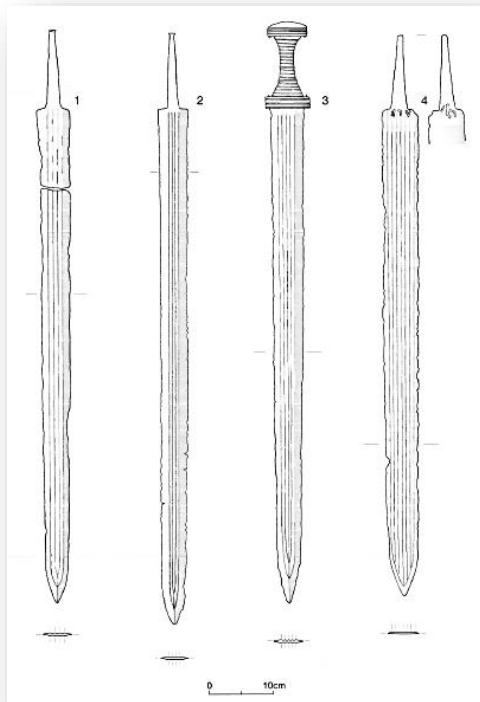
Com. = 58,5/63-72 cm

Lar. = 4,1-5 cm

Cabo = 15,2-20 cm

Ponta =

9. 'SNIPSTAD' (S):



Variante 1:

1-Snipstad; 2-Illerup; 3-Nydam; 4-Ejsbøl.



Achados

Comprimento da lâmina: 77-81 cm

Largura da lâmina: 4,5-5,8 cm

Cabo: 11-14,5 cm

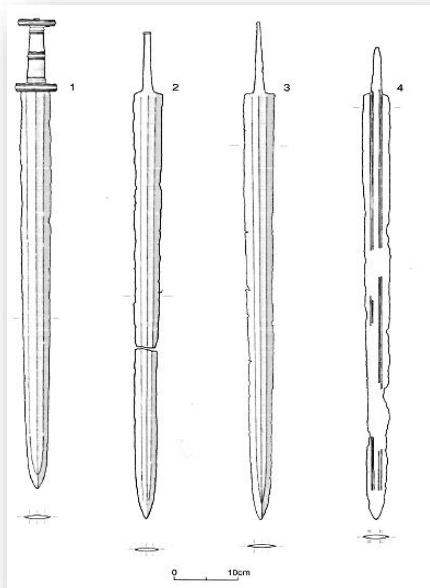
Comprimento total: 89-94 cm

Ponta: comp. = 4,5-8,9 cm

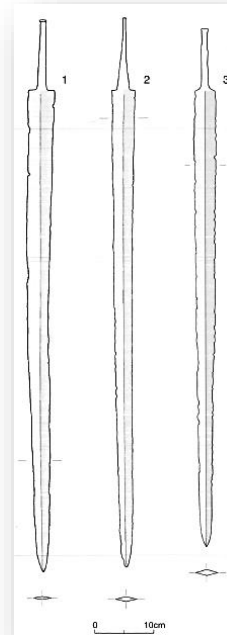
Larg. = 2,9-3,8 cm

Datação: C2-D

10. 'VØIEN-HEDELISKER' (V-H):



Variante 1:
1-Vøien; 2-Ejsbøl; 3-Illerup; 4-Isep.



Variante 2:
1-Ejsbøl; 2-Hedelisker; 3-Lampertheim, túmulo III.



Achados

Comprimento da lâmina: 76-85 cm

Largura da lâmina: 3,5-5 cm

Cabo: 10,5-14 cm

Comprimento total: 89-95 cm

Ponta: comp. = 6-9 cm

Larg. =

Variante 1:

Com. = 78-83 cm

Lar. = 4-5 cm

Cabo = 10,5-14 cm

Ponta = 6,2-8,5 cm

Variante 2:

Com. = 76-85 cm

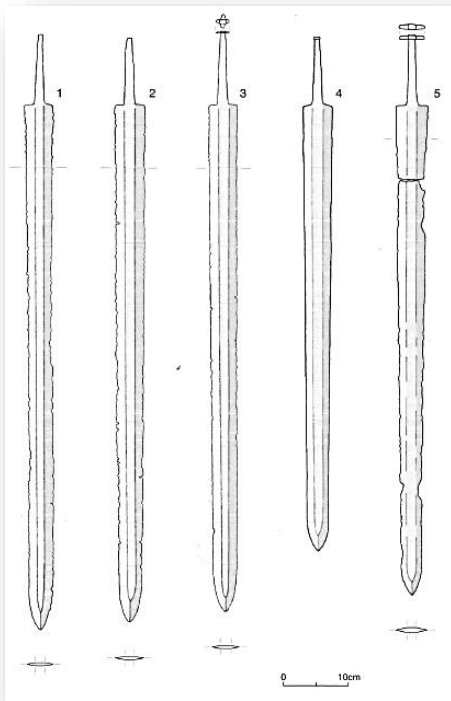
Lar. = 3,6-4,6 cm

Cabo = 10,5-13 cm

Ponta = 6,1-7,5 cm

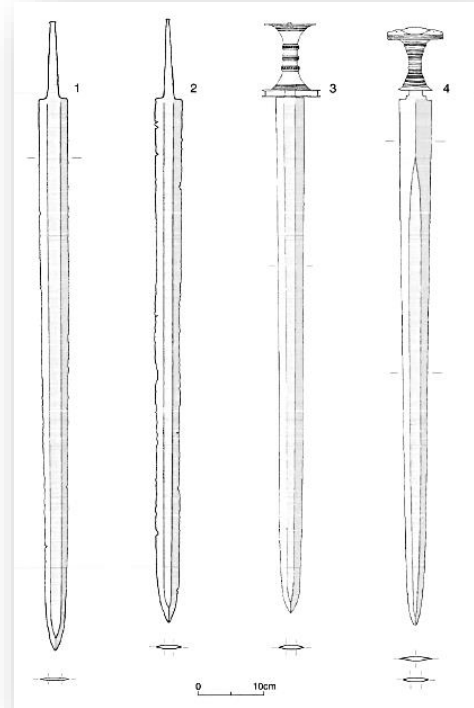
Datação: C2-D

11. EJSBØL-SARRY' (E-S):



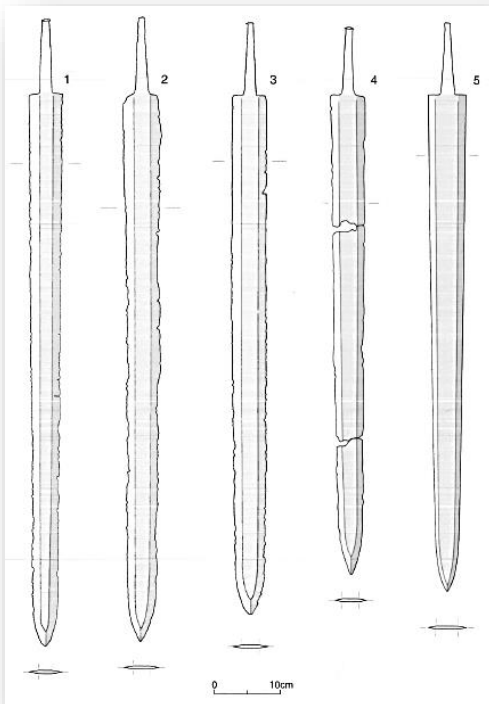
Variante 1:

1-Illerup; 2- Illerup; 3-Illerup; 4-Lilla Bjärges, túmulo 2; 5-Grodzisk Mazowiecki-Kałęczyn.



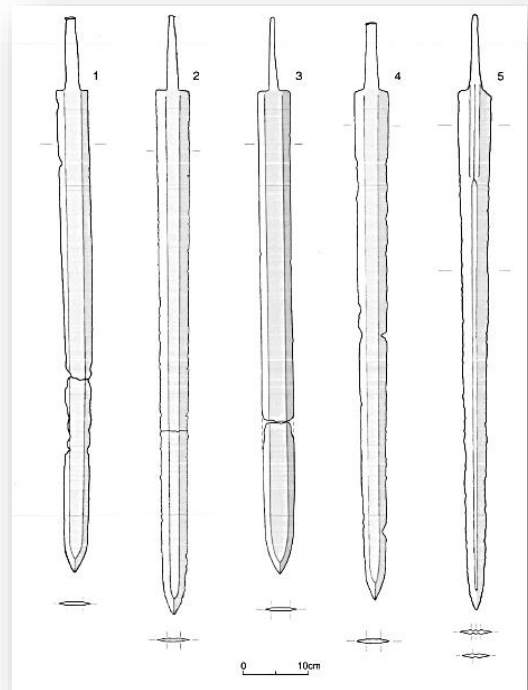
Variante 2:

1-Illerup; 2- Illerup; 3-Ejsbøl; 4- Ejsbøl.



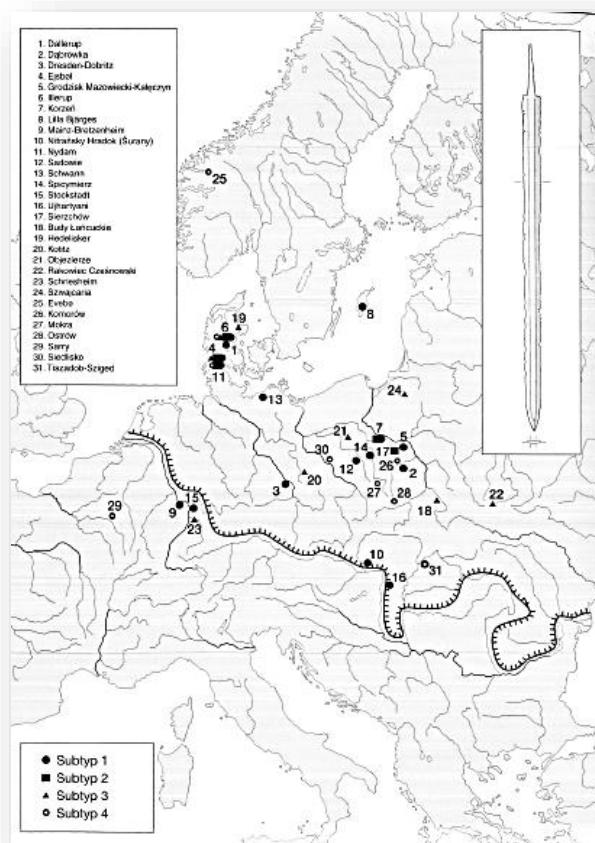
Variante 3:

1-Illerup; 2- Szwajcaria, Hügelgrab 15; 3- Illerup; 4- Ejsbøl; 5- Ejsbøl.



Variante 4:

1-Sarry; 2-Illerup; 3- Siedlisko; 4-Komorów; 5-Ostrów am Dunajec.



Achados

Comprimento da lâmina: 72-87 cm

Largura da lâmina: 4,1-6 cm

Cabo: 10-13 cm

Comprimento total: 83-102 cm

Ponta: comp. = 3,1-9 cm

Larg. = 2,6-4,6 cm

Variante 1:

Com. = 74-87 cm

Lar. = 3,6-5 cm

Cabo = 10-14,5 cm

Ponta = 3,2-6 cm (lar. = 2,7-3,9 cm)

Variante 2:

Com. = 75-86 cm

Lar. = 3,8-5 cm

Cabo = 10-13,5 cm

Ponta = 6,1-10 cm (lar. = 2,9-4 cm)

Datação: C2-D

Variante 3:

Com. = 76-89 cm

Lar. = 5,1-6 cm

Cabo = 10-14 cm

Ponta = 6,1-9 cm (lar. = 3,5-4,6 cm)

Variante 4:

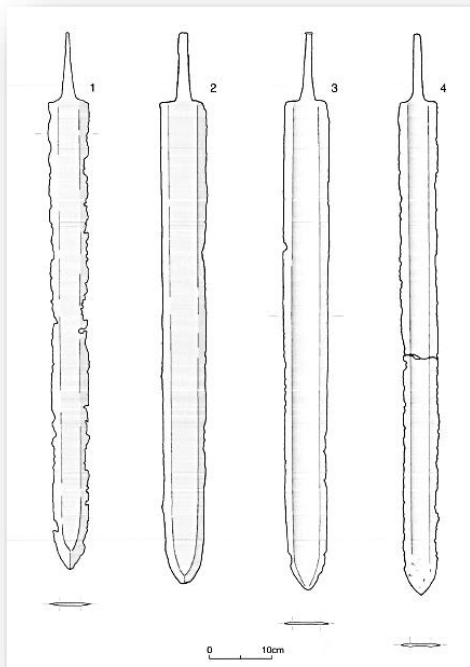
Com. = 75-87 cm

Lar. = 5,1-5,8 cm

Cabo = 10-14,5 cm

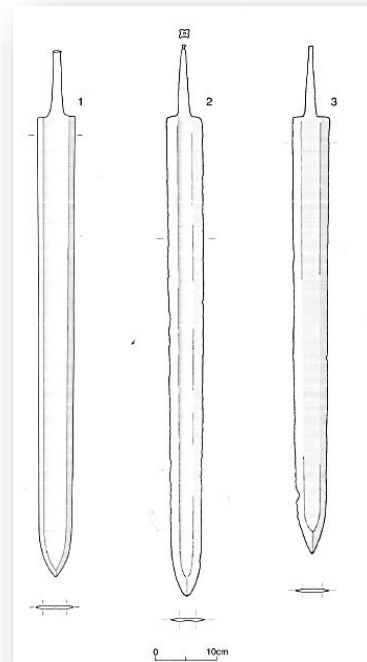
Ponta = 3,2-6 cm (lar. = 2,7-3,9 cm)

12. 'OSTERBURKEN-VRASSELT' (O-V):



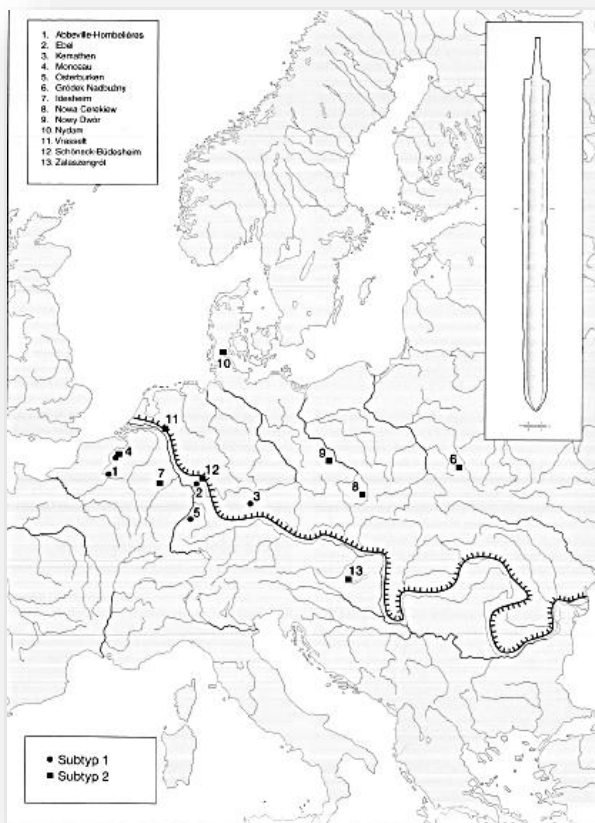
Variante 1:

1-F.u., Landesmuseum Bonn; 2-Kemathen;
3-Osterburken; 4-Ebel.



Variante 2:

1-Schöneck-Büdesheim; 2-Gródek Nadbužny;
3-Vrasselt.



Comprimento da lâmina: 73-83 cm

Largura da lâmina: 6-8,5 cm

Cabo: 10-13 cm

Comprimento total: 85-95 cm

Ponta: comp. = 4-8 cm

Larg. =

Variante 1:

Com. = 76-82 cm

Lar. = 6,5-8,5 cm

Cabo =

Ponta = 4,2-8,2 cm

Variante 2:

Com. =

Lar. =

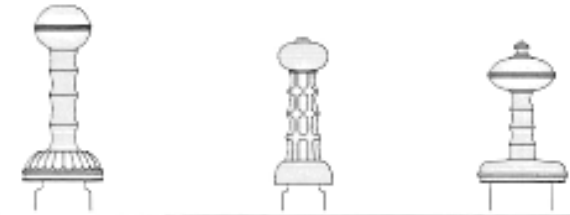
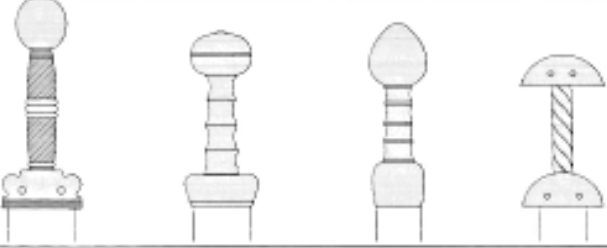
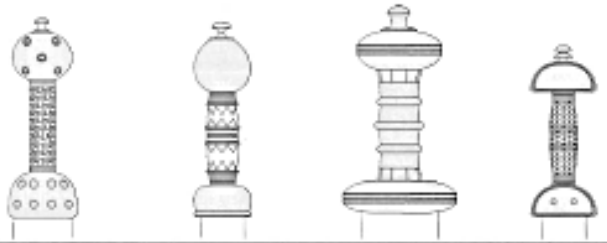
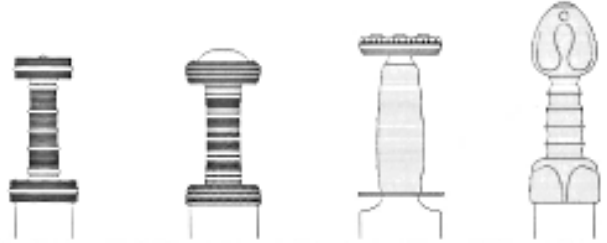
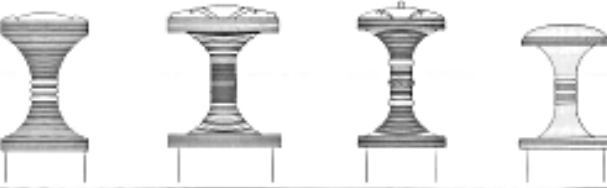

Cabo =

Ponta =

Datação: C3-D2


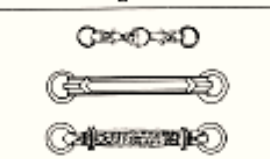



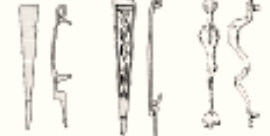



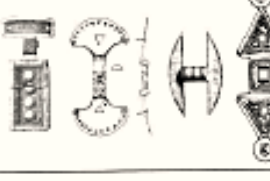

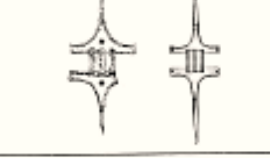

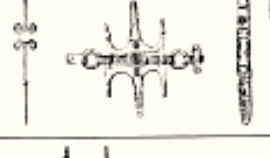

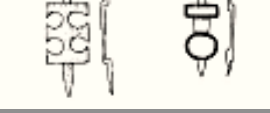
Achados

- Punhos*:

1	Griffe der Schwerter vom Gladius-Typ aus dem 1. Jh.	
2	Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ aus dem 2. Jh.	
3	Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ aus der ersten Hälfte des 3. Jhs.	
4	Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ aus zweiten Hälfte des 3. Jhs.	
5	Sanduhrförmige Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ des 4. Jhs.	
6	Griffe der Schwerter vom Spatha-Typ vom Ende des 4. und dem Anfang des 5. Jhs.	

Punho de espadas de dois gumes do Império Romano e do início do período de migração.

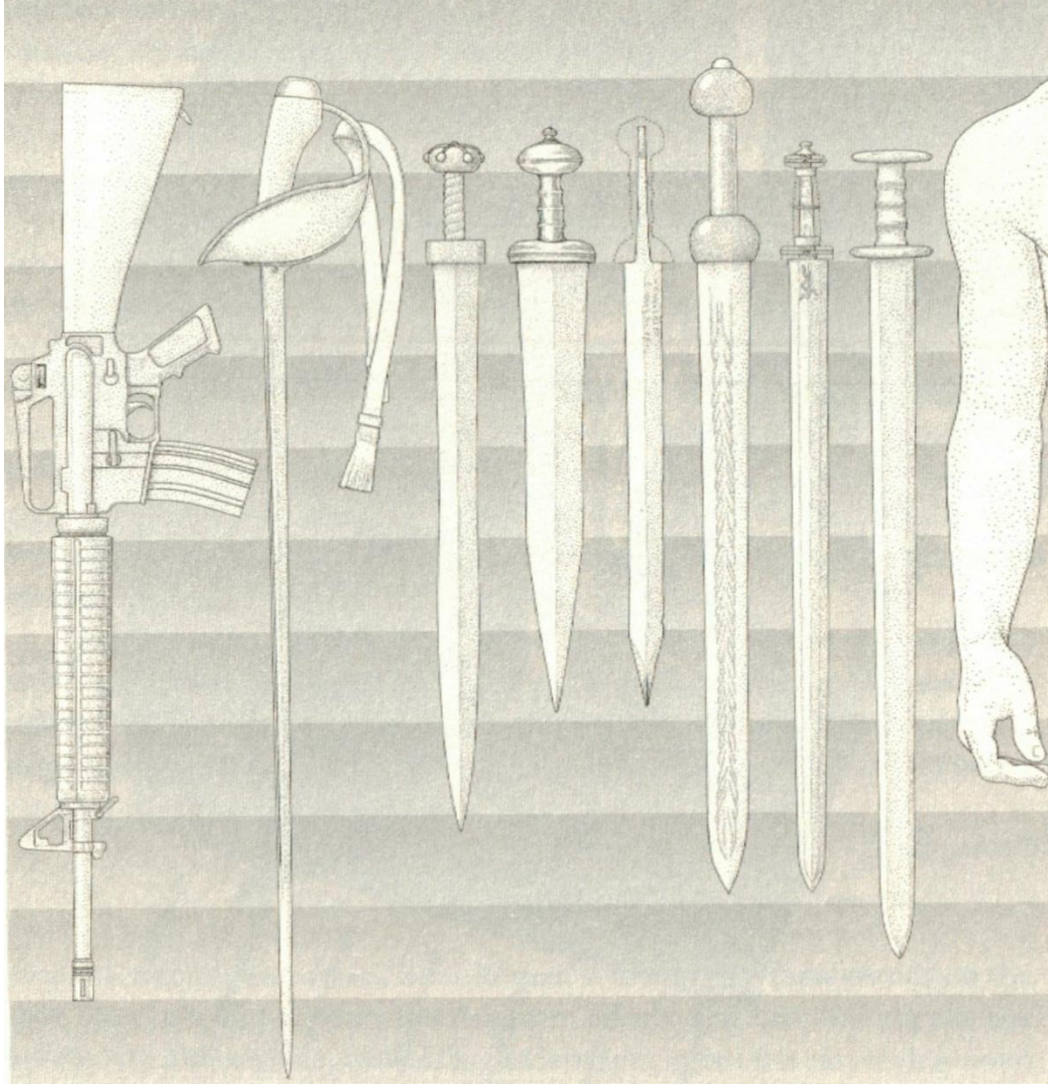
- Pontas de bainha*:

	Die Gruppe	Ordband	Riemenbügel
I	1.Jh.		
II	1.H. 2.Jh		
IIa	2.H. 2.Jh.		
III	1.H. 3.Jh.		
IIIa	2.H. 3.Jh.		
IV	1.H. 4.Jh.		
IVa	2.H. 4.Jh		
V	1.H. 5.Jh.		

Grupos Cronológico de acessórios da bainha.

* BIBORSKI, Marcin; ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 11 & 12.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2007.

ANEXO X

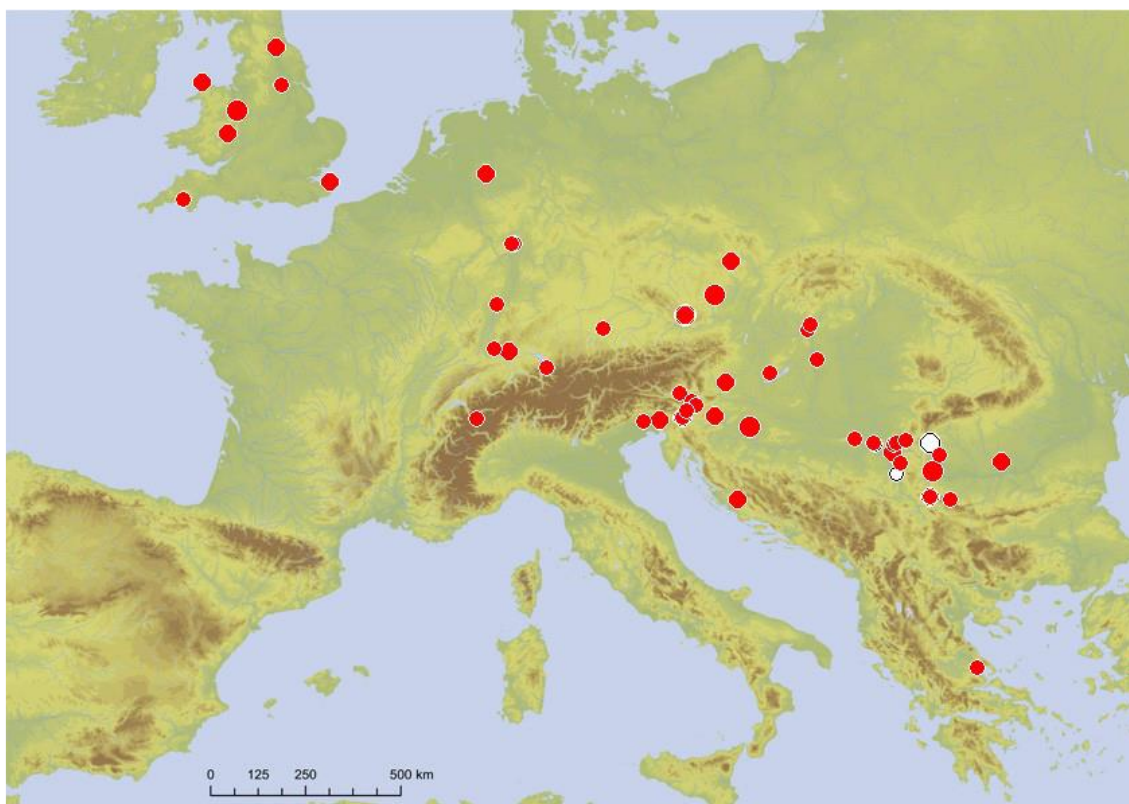


A selection of Roman swords reproduced to the same scale (1:10) with, for comparison, a modern American M16 rifle (conveniently 1000mm long), a Pattern 1908 trooper's sword, reputedly in both senses the ultimate British cavalry sword; and the human arm, with which such weapons, after Polykleitos. The Roman swords are (left to right) a republican *gladius hispaniensis*, an early imperial Mainz type and a Pompeii type, a second-century pattern-welded sword, a third-century Straubing-Nydham type, and a fourth-century Illerup-Wyhl weapon. The background is graduated in 100mm (c. 4 in) bands.

Imagem e texto retirados do livro: JAMES, S. *Rome and the sword*. London: Thames & Hudson, 2011, pp. 31.

ANEXO XI

- Plumbata*:



DESCRIÇÃO:

Estrutura de uma arma de arremesso constituída por uma ponta de ferro, com uma extremidade parecida a uma lança e com cerdas finas, balanceada por um anel de chumbo em sua base.

MATERIAL: ferro e chumbo.

EQUIVALENTES:

Vujovic 2009; Estiot 2008; Radman-Livaja 2004, 31-32; Höck 2003, 70, 72 avec bibl.; Buora 1997 (Liste); Southern, Dixon 1996, 113; Feugère 1993d, 235-237; Degen 1992; Völling 1991; Marchant 1990; Eagle 1989 (tests fonctionnels); Sherlock 1979.

* Texto retirado da internet: <http://artefacts-encyclopedie.org/> 29/04/2014 (**artefacts** - Encyclopédie en ligne des petits objets archéologiques). – Nossa tradução.

COMENTÁRIOS:

Arma característica da Antiguidade Tardia, mencionada por Vegetio com seu nome em latim, que significa “chumbo” (plombée) (Epit. rei milit., I, 17). A haste pode ser bastante curta, a arma jogada para cima cai verticalmente sobre os soldados, seus escudos não poderiam protegê-los de todos os lados ao mesmo tempo. Às vezes, o lastro não é lançado, mas simplesmente enrolado ao redor da haste. Esta forma de ponta também existiu, na mesma época, sem o lastro de chumbo.

ATRIBUIÇÕES: guerra (domínio: socio-cultural)

DATAÇÃO PROPOSTA: 350 / 500 d.C.

ATESTADOS/CERTIFICADOS/RELATADOS:

- 1: Ajdna nad Potoki (SI), Ve-VIe s. (Völling 1991, Liste, n°12)
- 2-4: Aquileia [UD] (IT), 3 ex. cités par Völling 1991, Liste, n°10; en fait, 6 ex.; Aquileia, Museo Arch. Naz. (6 ex.)
- 5: Augst (CH) ? (Völling 1991, Liste, n°9) (2 ex.)
- 6-10: Bad Deutsch-Altenburg, Carnuntum (AT) (Völling 1991, Liste, cat. 17) (5 ex.)
- 11: Belgrade*, National Museum (RS) (Vujovic 2009, cat. n°26)
- 12: Bordje (RS) (Vujovic 2009, cat. n°27)
- 13: Burgh Castle, Gariannonum (GB), après 274 (Völling 1991, Liste, n°1)
- 14-15: Catterick, Cataractonium (GB) (Völling 1991, Liste, cat. 2) (2 ex.)
- 16-17: Cezava, Novae (RS) (Vujovic 2009, fig.2, n°2, 3)
- 18: Cibiliu (RU), Abchazskaja ASSR (Völling 1991, Liste, n°27)
- 19: Cibilium (RU) (Buora 1997, Liste, p.244)
- 20-23: Djerdap*, Museum (RS) (Vujovic 2009, cat. n°22-25)
- 24: Dolenji Logatec, Martinj Hrib (SI) (Völling 1991, Liste, n°15)
- 25: Doncaster, Danum [South Yorks.] (GB) (Völling 1991, Liste, n°3)
- 26: Dubravica, env. (RS) (Vujovic 2009, cat. n°10)
- 27: Dunapentele, Intercisa (HU) (Völling 1991, Liste, n°18)
- 28: Fenékpuszta (HU) (Völling 1991, Liste, n°19)
- 29-35: Gamzigrad, Romuliana (SR); Nat. Museum Zajecar, inv. 941 (Vujovic 2009, cat. n°1-7)
- 36: Grand Saint-Bernard (CH), L. 152mm (Buora 1997, Liste, p.244)

- 37: Grünwald [Bay.] (DE) (Buora 1997, Liste, p.243)
- 38: Grünwald, Römerschanze (DE); München, Archäologische Staatsammlung (Völling 1991, Liste, n°11)
- 39-40: Haltern, camp romain (DE) (Buora 1997, Liste, p.243, 2 ex.)
- 41: Hofheim ou Mainz ou Wiesbaden (DE) (Buora 1997, Liste, p.243)
- 42-43: Hrušica, Ad Pirum [Novo Mesto] (SI), avant 394 (Völling 1991, Liste, cat. 13) (2 ex.)
- 44: Iza-Leanyvár (HU) (Völling 1991, Liste, n°20)
- 45-46: Kenchester, Magnis (GB) (Völling 1991, Liste, cat. 4) (2 ex.)
- 47: Kostolac, Viminiacum (RS) (Vujovic 2009, cat. n°9)
- 48-51: Lauriacum (AT) (Buora 1997, Liste, p.244, 4 ex.)
- 52: Ljubljana, Utik (SI) (Völling 1991, Liste, n°16)
- 53: Ljubljana pri Vrhnika (SI) (Völling 1991, Liste, n°14)
- 54-55: Lorch, Lauriacum (AT) (Völling 1991, Liste, cat. 21) (2 ex.)
- 56: Mainz, Mogontiacum (DE) (Völling 1991, Liste, n°7)
- 57: Medijana (RS) (Vujovic 2009, cat. n°13)
- 58-59: Mihajlovac, Blato (RS) (Vujovic 2009, cat. n°20, 21)
- 60: Negotin, env. (RS) ; Negotinska Krajina Museum, inv. 119 (Vujovic 2009, n°15)
- 61: Olympia, Sanctuaire de Zeus (GR) (Völling 1991, Abb.1)
- 62: Pannonie*; Musée de Budapest (Völling 1991, Liste, n°23)
- 63: Pilismarót (HU) (Völling 1991, Liste, n°22)
- 64: Pirotski Grad (RS) ; Ponisavlje Museum, Piroto, inv. 116 (Vujovic 2009, cat. n°14)
- 65-67: Pitsunda, Pityus (RU) (Buora 1997, Liste, p.244, 3 ex.)
- 68: Portogruaro, Iulia Concordia [VR] (IT) (Buora 1997, Liste, p.244)
- 69: Predjama (SI) (Buora 1997, Liste, p.244)
- 70: Prov. inconnue (Hermann Historica, München, Auction n°154 [2008])
- 71-72: Richborough, Rutupiae [Kent] (GB) (Völling 1991, Liste, cat. 5) (2 ex.)
- 73: Ruma, env. (RS) (Vujovic 2009, cat. n°12)
- 74: Rumski Petrovci (Völling 1991, Liste, n°24)
- 75: Schaan, camp (LI), c. 350/425 (Ettlinger 1959, pl. 10, n°16)
- 76-78: Segontium (GB), 370/420 (Chapman 2005, p.40, Fa01 à Fa03) (3 ex.)
- 79: Serbie* (RS) (Vujovic 2009, cat. n°28)
- 80-83: Sisak, Siscia (HR) (Völling 1991, Liste, cat. 26) (4 ex.)
- 84-85: Smihel pod Nanosom, Grad (SI) (Buora 1997, Liste, p.244, 2 ex.)

- 86: Strasbourg, Koenigshofen, Argentorate (67) (Völling 1991, Liste, n°8)
- 87-88: Sucidava [Olt] (RO) (Buora 1997, Liste, p.244, 2 ex.)
- 89: Svilajnac, env. (RS); Mica Stojkovic Elementary School Archaeological Collection, Umcari (Vujovic 2009, cat. n°8)
- 90-91: Svrljiski Grad [Pirot] (RS); Museum (Vujovic 2009, cat. n°18, 19)
- 92: Veliko Graviste, Pincum (RS) (Vujovic 2009, cat. n°11)
- 93-94: Vodice (HR) (Pflaum 2007, fig. 9, n°7, 8)
- 95: Vrhnika (SI) (Feugère 1993d, p.237)
- 96-97: Windisch, Vindonissa (CH) (Feugère 1993d) (2 ex.)
- 98-103: Wroxeter, Viroconium Cornoviorum (GB) (Völling 1991, Liste, cat. 6) (6 ex.)
- 104-105: Zarkovci, env. [Srem] (SI) (Vujovic 2009, cat. n°16, 17)
- 106: Zemun (RS) (Vujovic 2009, cat. n°29)

Bibliografia :

BUORA, M., Nuovi studi sulle plumbatae (= martiobarbuli). A proposito degli stanziamenti militari nell'Illirico occidentale e nell'Italia orientale nel IV e all'nizio del V secolo. *Aquileia Nostra* 68, 1997, pp. 227-246.

CHAPMAN, E.M., *A Catalogue of Roman Military Equipment in the National Museum of Wales*. B.A.R. (British Series, 388): Oxford 2005.

DEGEN, R., Plumbatae. Wurfgeschosse der Spätantike. *Helvetica Archaeologica* 92, 1992, pp. 139-147.

EAGLE, J., Testing plumbatae. In: C. van Driel-Murray (ed.), *Roman Military Equipment: the Sources of Evidence. Proceedings of the Fifth Roman Military Equipment Conference*. BAR (International Series 476): Oxford, 1989, pp. 247-253.

ESTIOT, S., Sine arcu sagittae: la représentation numismatique de plumbatae/mattiobarbuli aux IIIe? IVe siècles (279-307 de n. è.). *Num. Zeitschrift* 116/117 [Festschrift für Günther Dembski]: Wien, 2008, pp. 177-201.

ETTLINGER, E., Die Kleinfunde aus dem spätrömischen Kastell Schaan. *Jahrbuch des Historischen Vereins für das Fürstentum Liechtenstein*, 59, 1959, pp. 229-299, pl. 1-13.

FEUGERE, M., *Les armes des Romains, de la République à l'Antiquité tardive*. Paris: Errance, 1993.

MARCHANT, D. J., Roman weapons in Great-Britain. A case-study: spearheads, problems in dating and typology. *JRMES* 1, 1990, pp. 1-6.

PFLAUM, V., The supposed Late Roman hoard of tools and a steelyard from Vodice near Kalce. *Arheoloa kivistnik* 58, 2007, pp. 285-332.

RADMAN-LIVAJA, I., *Militaria Sisciensia. Nalazi rimske vojne opreme iz Siska u fundusu Arheoloskoga muzeja u Zagrebu*. Zagreb: Musei Archaeologici Zagrabienensis, Cat. et Monogr. vol. 1, 2004.

SOUTHERN, P.; DIXON, K. R., *The Late Roman Army*. New Haven: Yale, 1996.

VUJOVIC, M., The *Plumbatae* from Serbia. *Journal of the Serbian Archaeological Society*, v. 25, 2009, pp. 203-218.

IMAGENS:



Prov. inconnue (Hermann Historica, München, Auction n°154 [2008])



Prov. inconnue (Hermann Historica, München, Auction n°154 [2008])



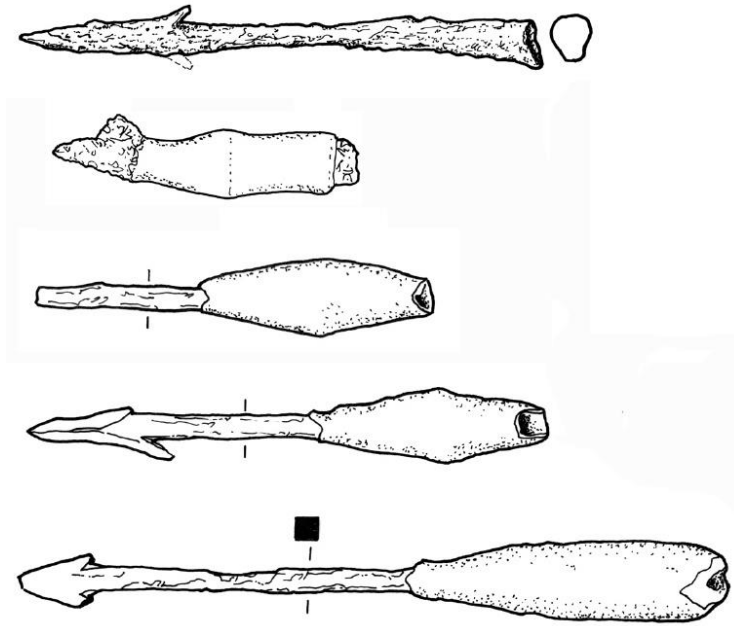
<http://www.romancoins.info/MilitaryEquipment-spear.html>



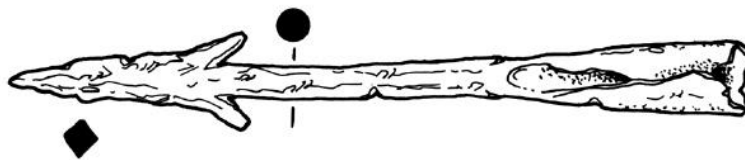
Prov. inconnue (Hermann Historica, München)



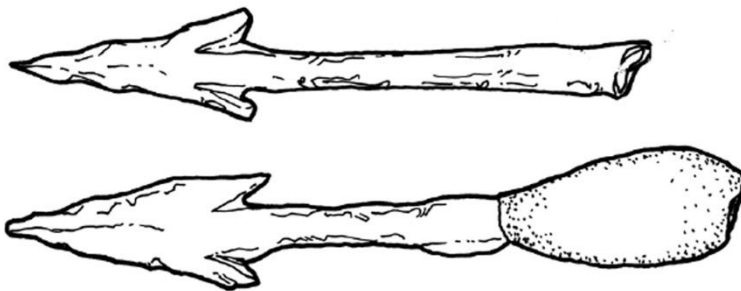
(Vujovic 2009)



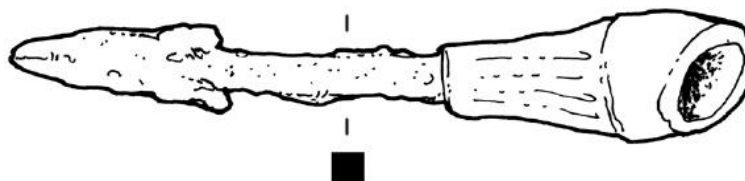
Gamzigrad, Romuliana (RS); Nat. Museum Zajecar, inv. 941 (Vujovic 2009, cat. n°1-7)



Serbie* (RS) (Vujovic 2009, cat. n°28)



Cezava, Novae (RS) (Vujovic 2009, fig.2, n°2, 3)



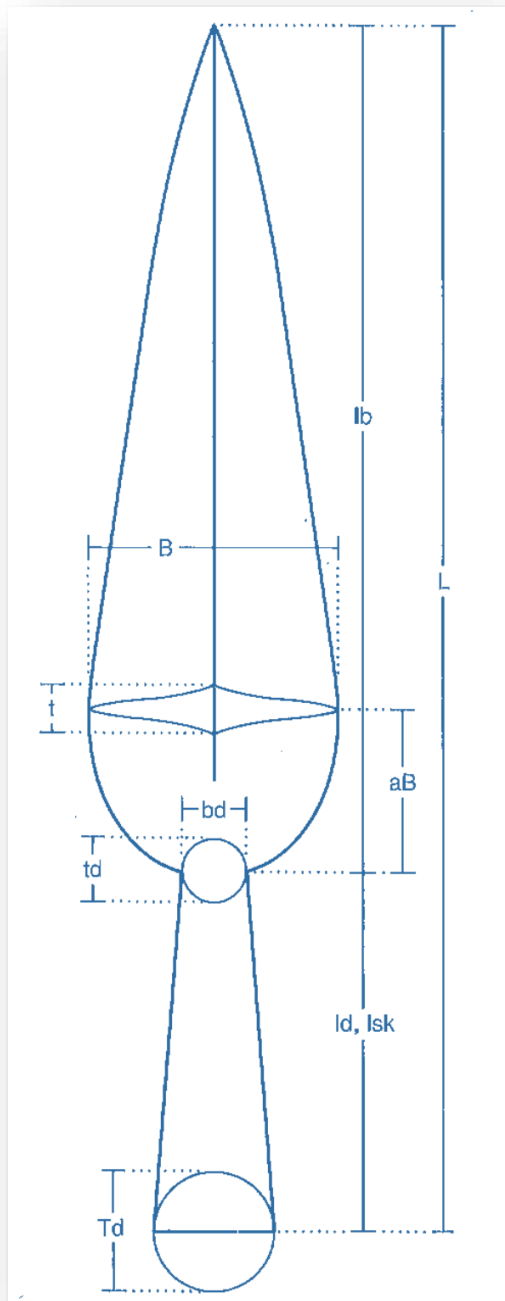
Zarkovci, env. [Srem] (RS) (Vujovic 2009, cat. n°16)



Aquileia [UD] (IT), 3 ex. ; Aquileia, Museo Arch. Naz.

ANEXO XII

- LANÇAS *



L = comprimento total

l_b = comprimento da lâmina

l_d = comprimento do cano

aB = altura entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano

B = largura da lâmina

t = espessura da lâmina

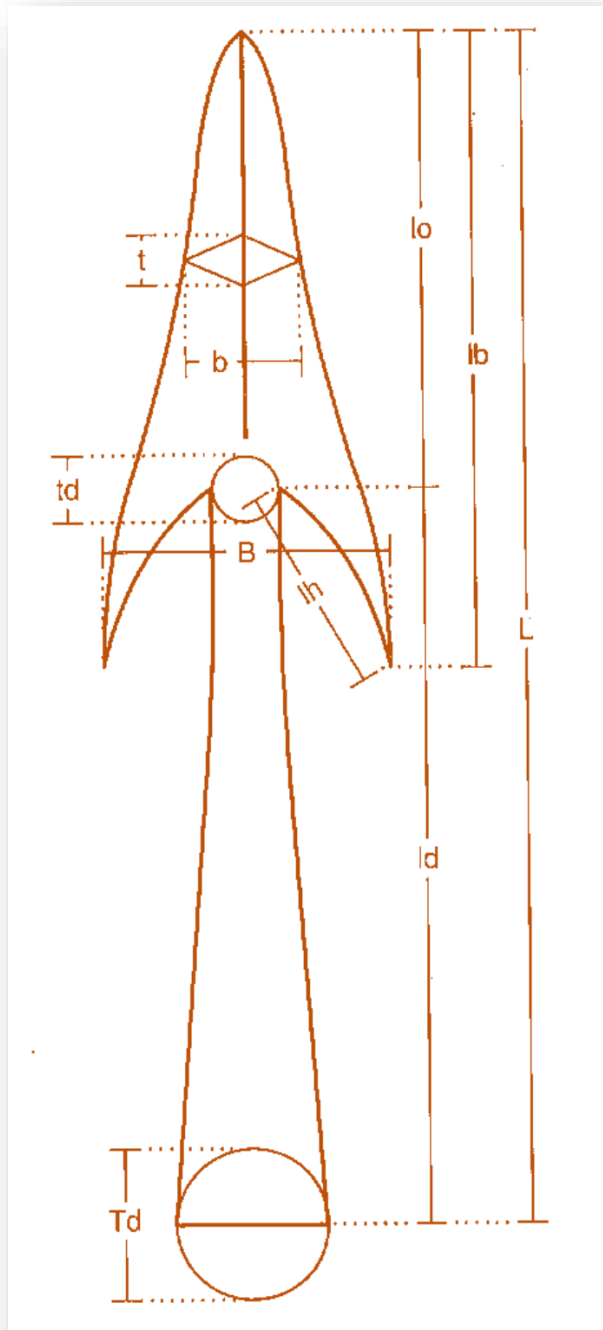
bd = largura do cano no ponto que toca a lâmina

T_d = máxima espessura do cano

td = mínima espessura do cano

* ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Lanzen und Spere.* - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 01 & 02. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 1991.

- DARDOS*



L = comprimento total

lb = comprimento da lâmina

ld = comprimento do cano

lo = comprimento da ponta da lâmina

lh = comprimento da farpa

B = maior largura da lâmina

b = largura da lâmina

t = espessura da lâmina

Td = máxima espessura do cano

td = mínima espessura do cano

* ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Lanzen und Spere.* - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 01 & 02. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 1991.

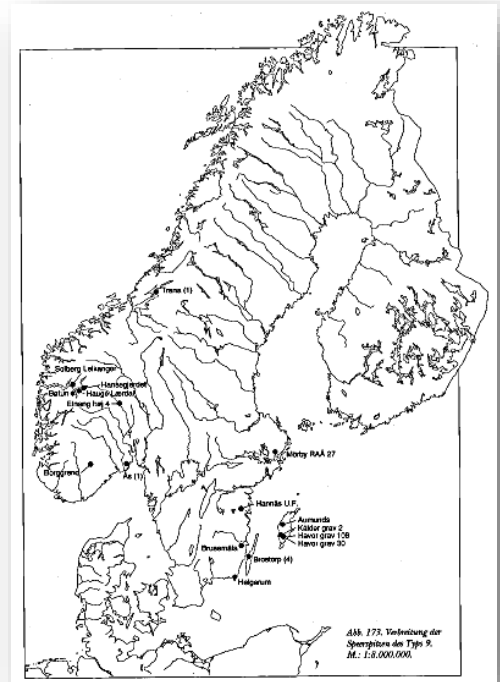
ANEXO XIII

- Tipos de dardos encontradas dos períodos que abrange o século IV d.C. (final do C2, C3 inteiro e início do D).*

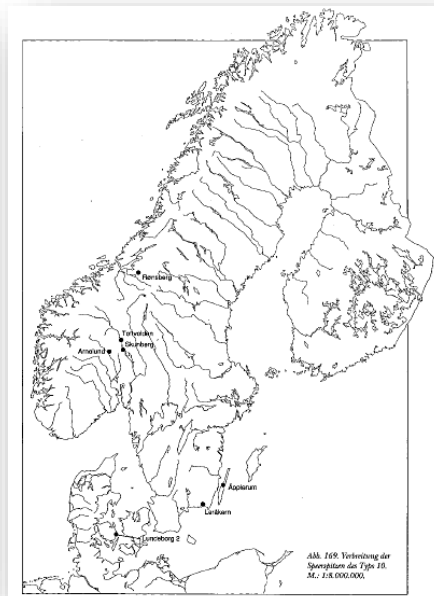
→ Tipo 9 – Einang

Período do início do C3 ao início do D.

Ponta retraída com relação entre comprimento da ponta e do cano em $0,6 \leq I_o/I_d < 1,4$. O que diferencia é o formato da ponta, cada um tem um formato definitivo, nesse caso é um formato retraído.



→ Tipo 10 – Äpplerum

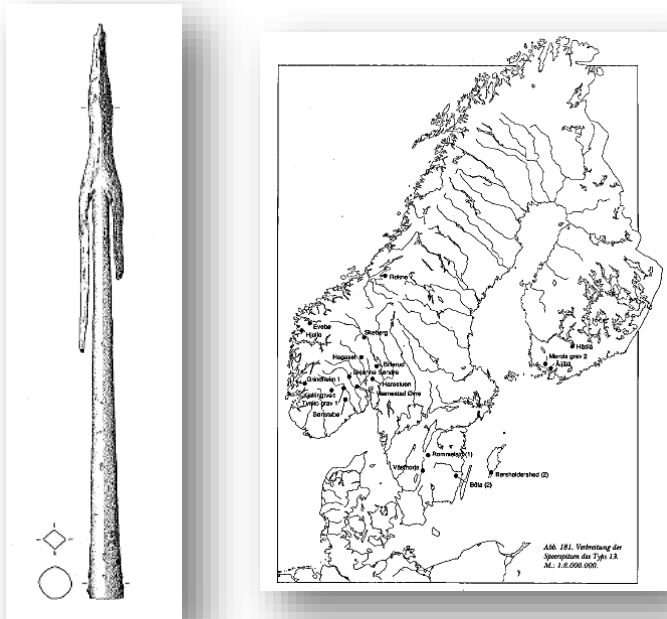


Período C2 e C3.

Relação entre o comprimento da ponta e do cano $0,6 \leq I_o/I_d < 1,4$

* ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Lanzen und Spere. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 01 & 02.* Højbjerg: Jysk Arkæologisk Selskab, 1991.

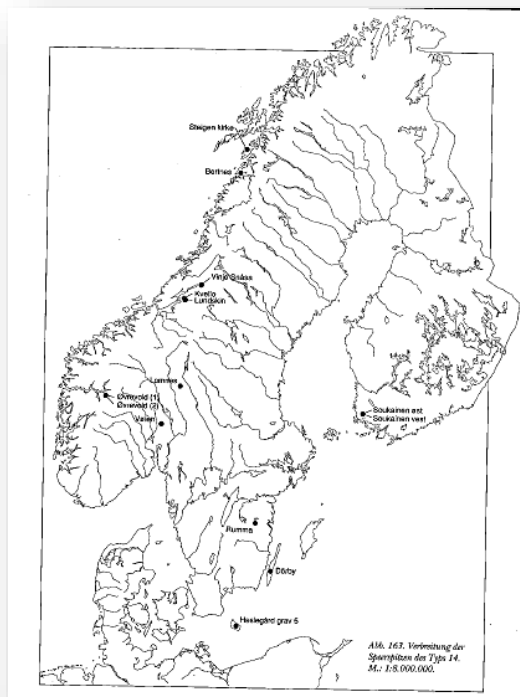
→ Tipo 13 – Tveito



Período D1.

Ponta menor que $\frac{1}{2}$ do cano e com farpa longa de até 3 cm paralela ao cano.

→ Tipo 14 – Lundskin



Período C2.

Encontrada em Illerup.

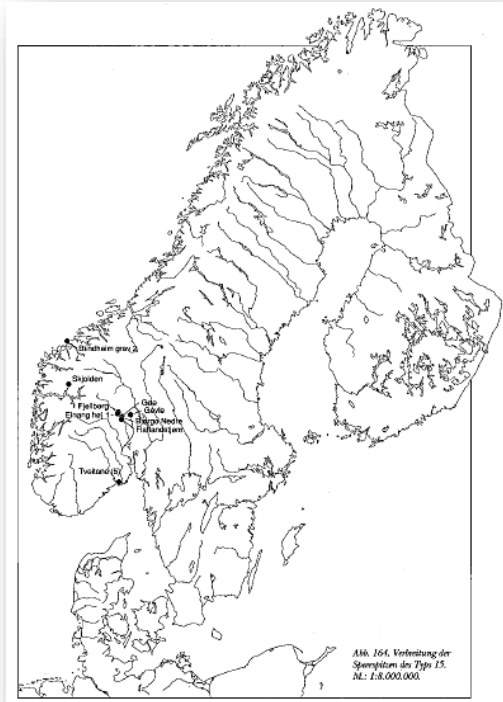
Pouco se difere de outros tipos de dardos, o que modifica é a ponta, possui uma farpa menor, sendo difícil de detectar a diferença, principalmente quando a peça está fragmentada.

Relação entre comprimento da ponta e do cano em $I_0/I_d < 0,33$.

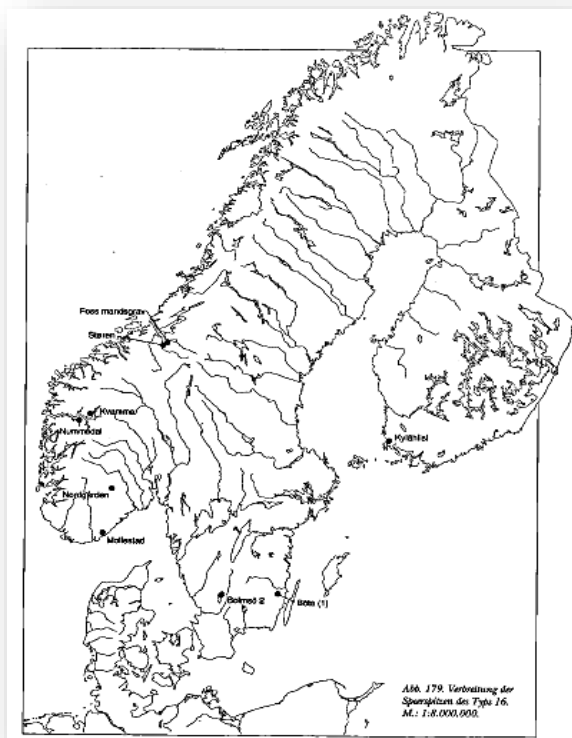
→ Tipo 15 – Goe

Período C2.

A relação entre comprimento da ponta e do cano é $0,33 \leq I_o/I_d < 0,66$.



→ Tipo 16 – Foss



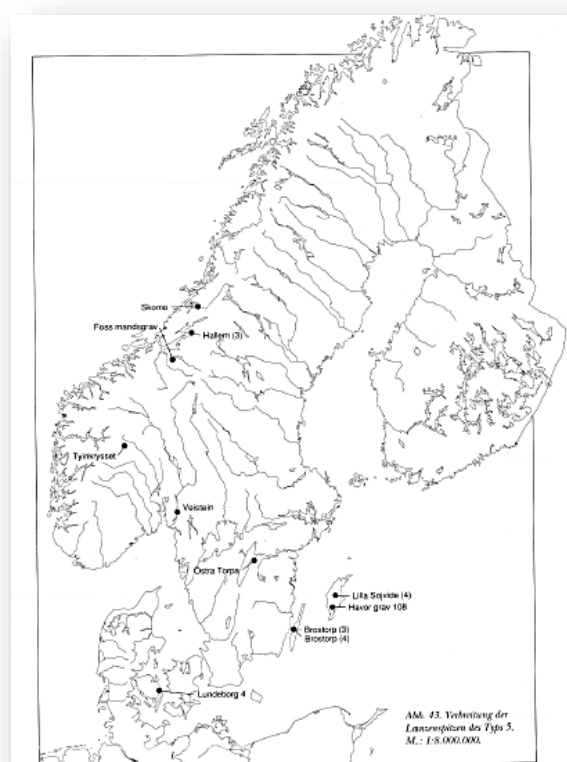
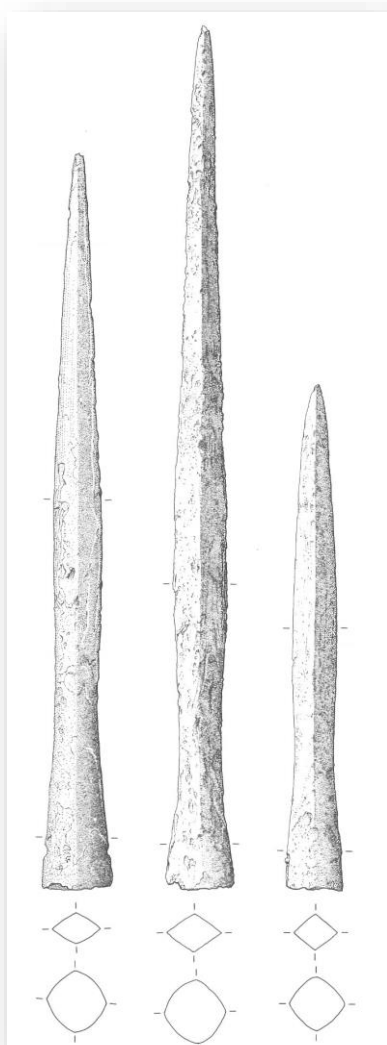
Período C3 e D1.

A relação entre comprimento da ponta e do cano é $0,33 \leq I_o/I_d < 0,66$.

ANEXO XIV

- Tipos de lanças encontradas dos períodos que abrange o século IV d.C. (final do C2, C3 inteiro e início do D).*

→ Tipo 5 – Havor

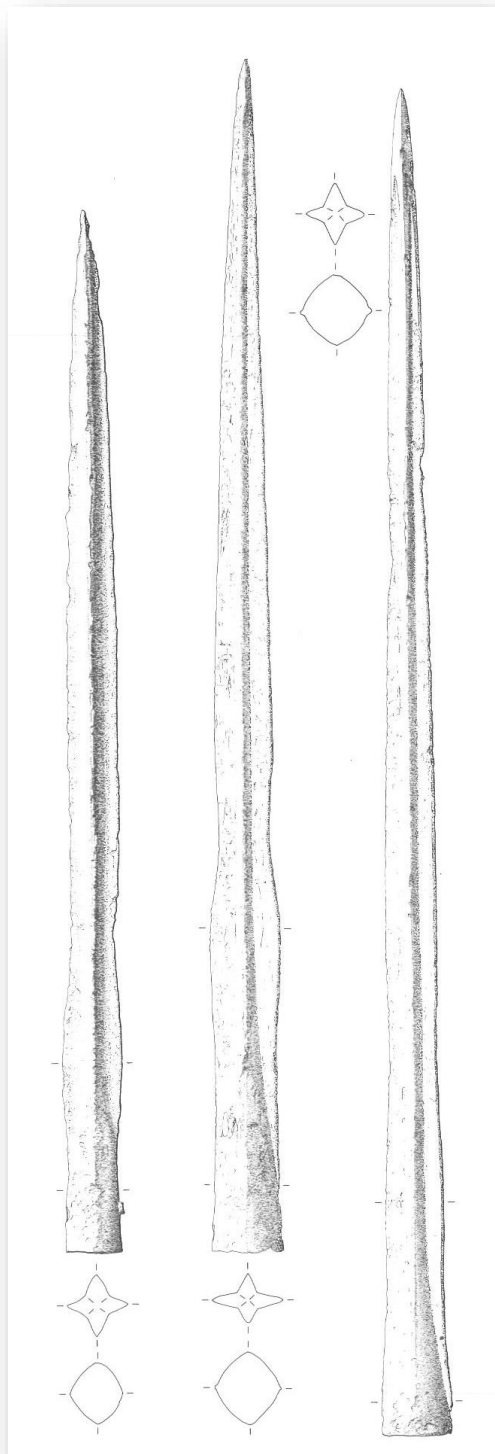


Período C3. (Bq 2).

Lâmina simples com largura superior a 2,0 cm

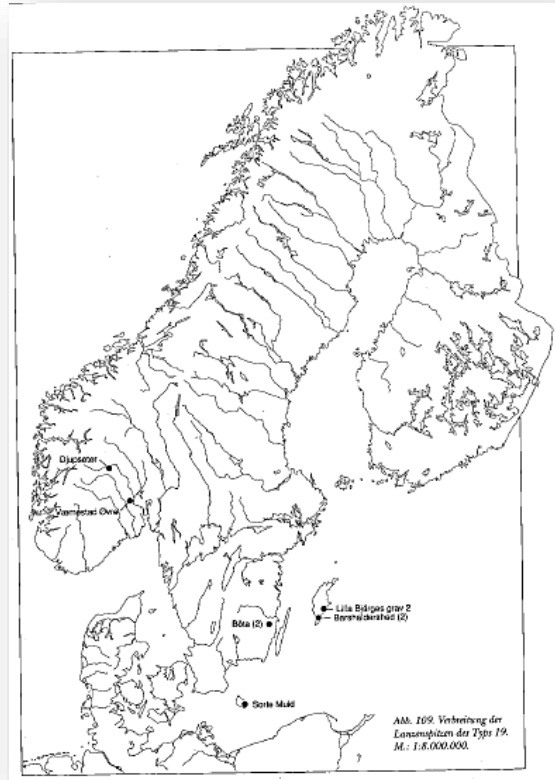
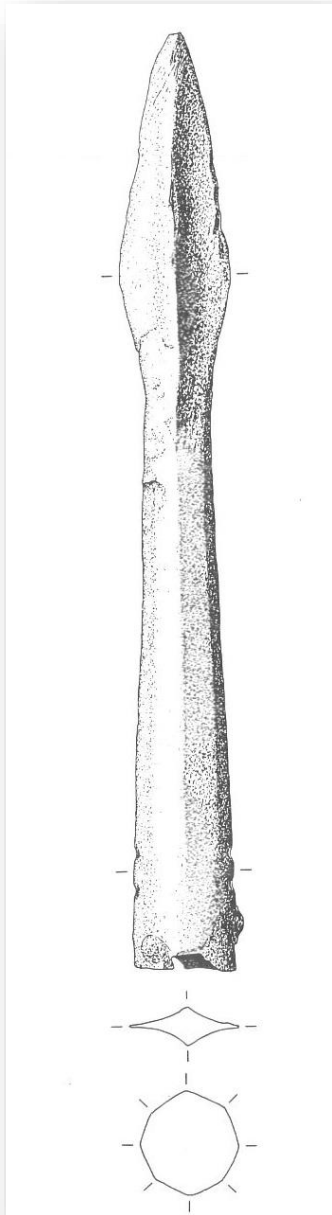
* ILKJÆR, Jørgen. *Illerup Ådal: Die Lanzen und Spere. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 01 & 02.* Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 1991.

→ Tipo 11 – Mollestad



Período C3 e um pouco do período D. (Bq 5).
Comprimento do cano menor ou igual a 5 cm.
Formato estrelar da lâmina.
Comprimento total varia de 18 cm a 76 cm.

→ Tipo 19



Período D. (Bq 6).

Lâmina com comprimento menor que 13 cm.

Largura da lâmina menor ou igual a 2 cm.

Comprimento total é inferior a 20 cm

Lâmina parece um losango.

→ Tipo 27 – Vøien

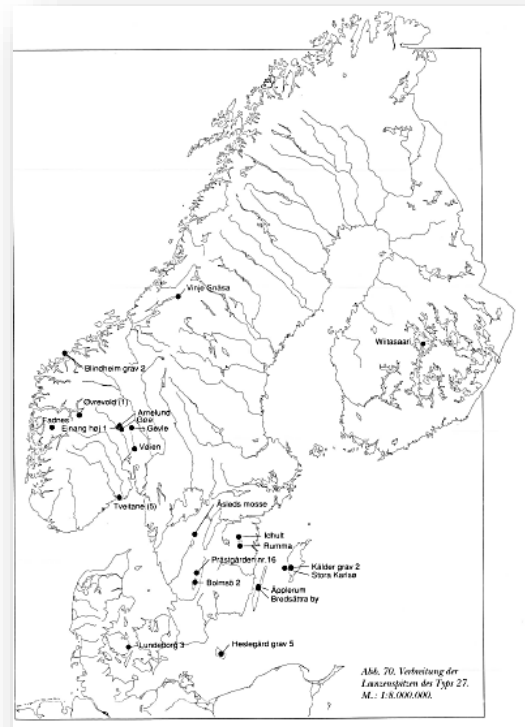
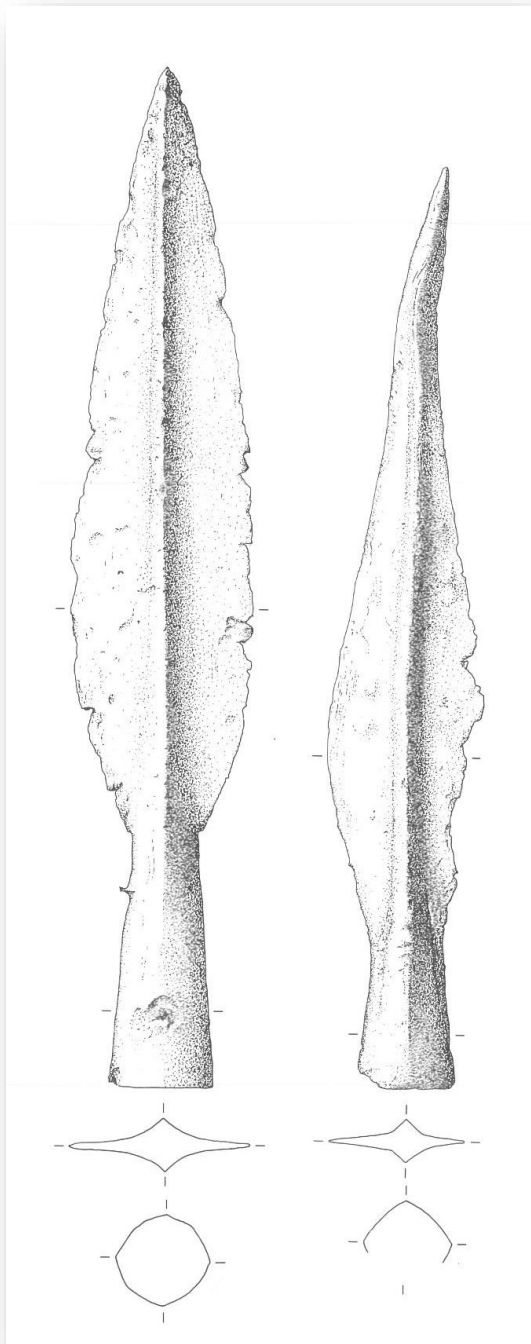


Abb. 70. Verteilung der Lanzenspitzen des Typs 27. M.: E.B. SMOLLEK.

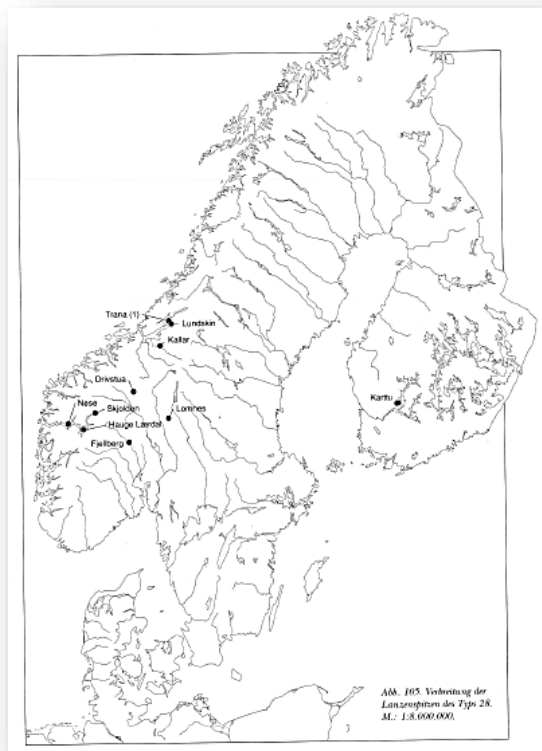
Período C2 e C3. (Bq 5).

Comprimento do cabo 5 cm.

Lâmina sem definição métrica específica.

Formato de losango.

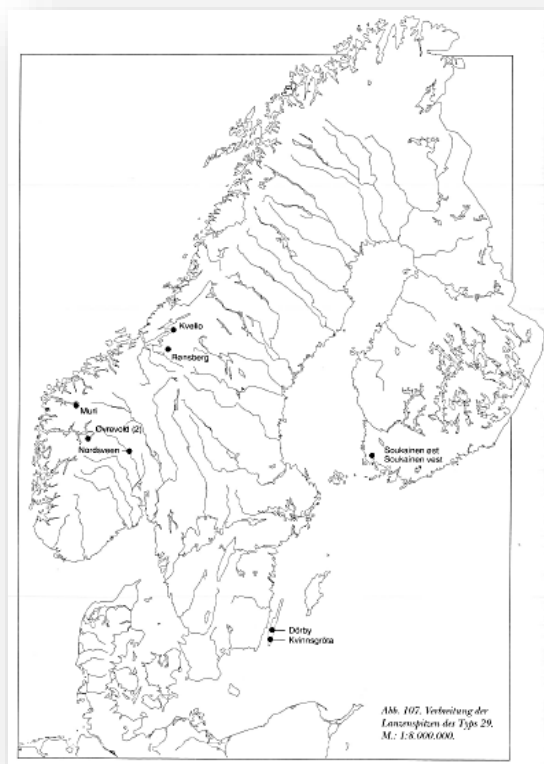
→ Tipo 28 – Fjellberg



Período C2 e C3. (Bq 6).

Parecida com o tipo anterior, porém caracteriza-se por uma altura maior de 5 cm entre o ponto mais largo da lâmina e a ponta do cano.

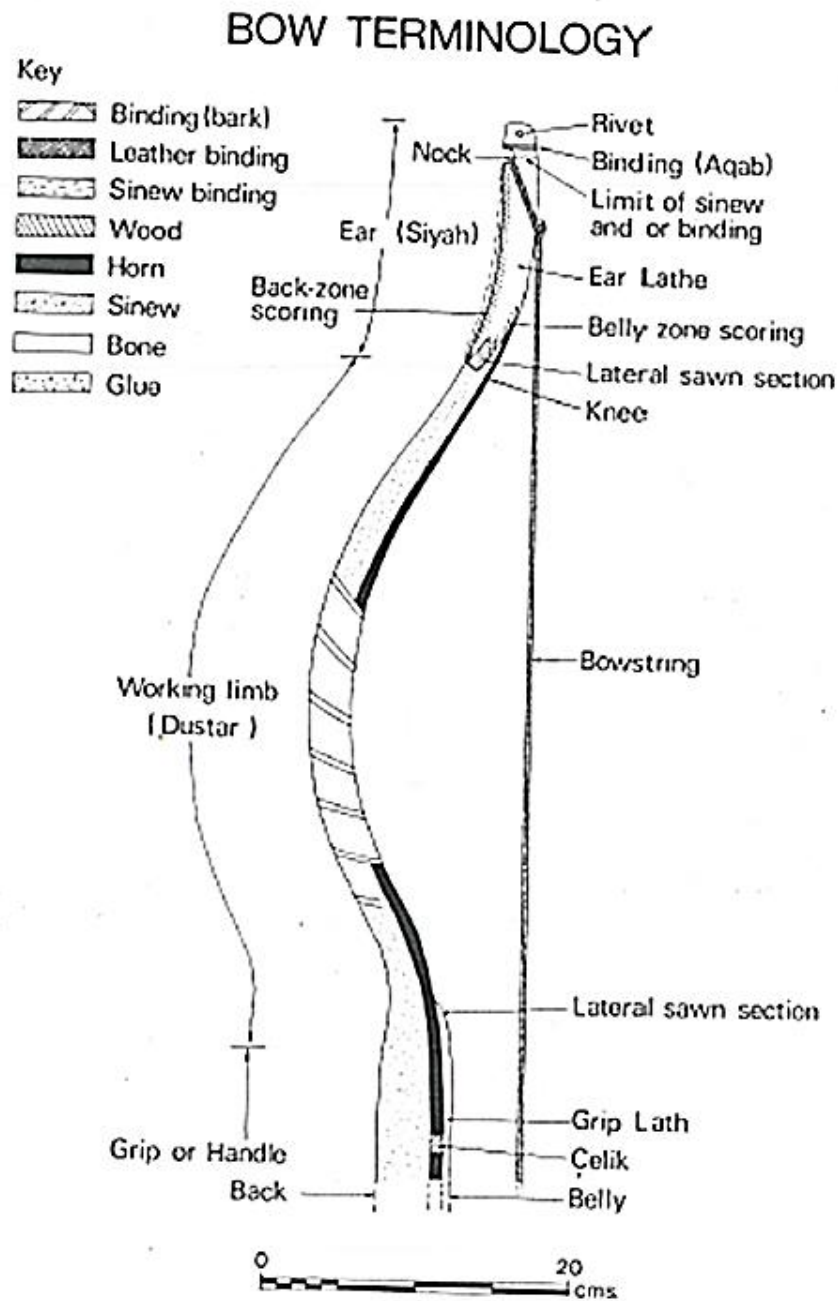
→ Tipo 29 – Dörby



Período C2. (Bq 6).

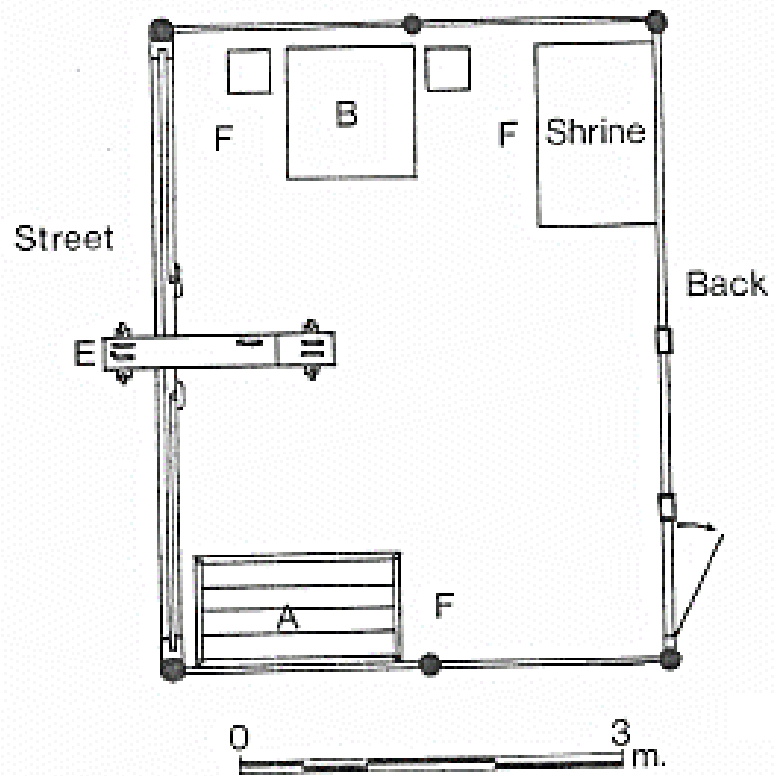
ANEXO XV

❖ Arco e Flecha *

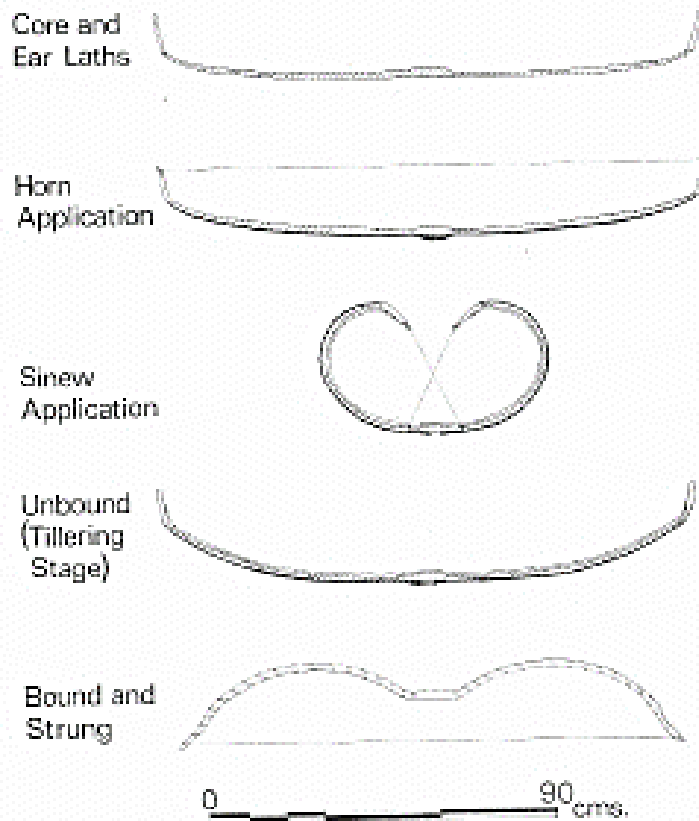


* COULSTON, J. C. N. Roman Archery Equipment. In: BISHOP, M. C. (ed.). *The Production and Distribution of Roman Military Equipment: Proceedings of the Second Roman Military Equipment Research Seminar*. Oxford: BAR International Series 275, 1985, pp. 220-366.

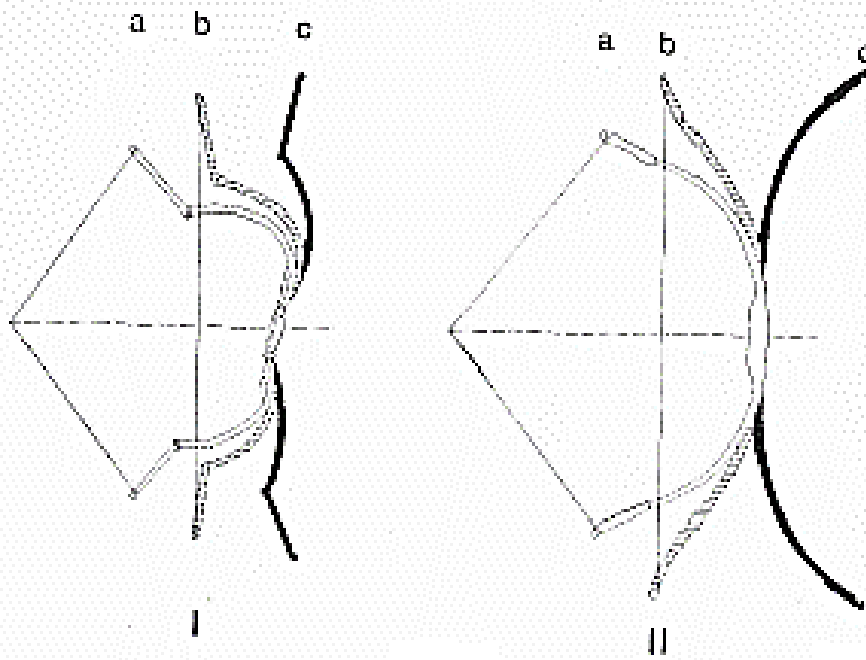
BOW WORKSHOP



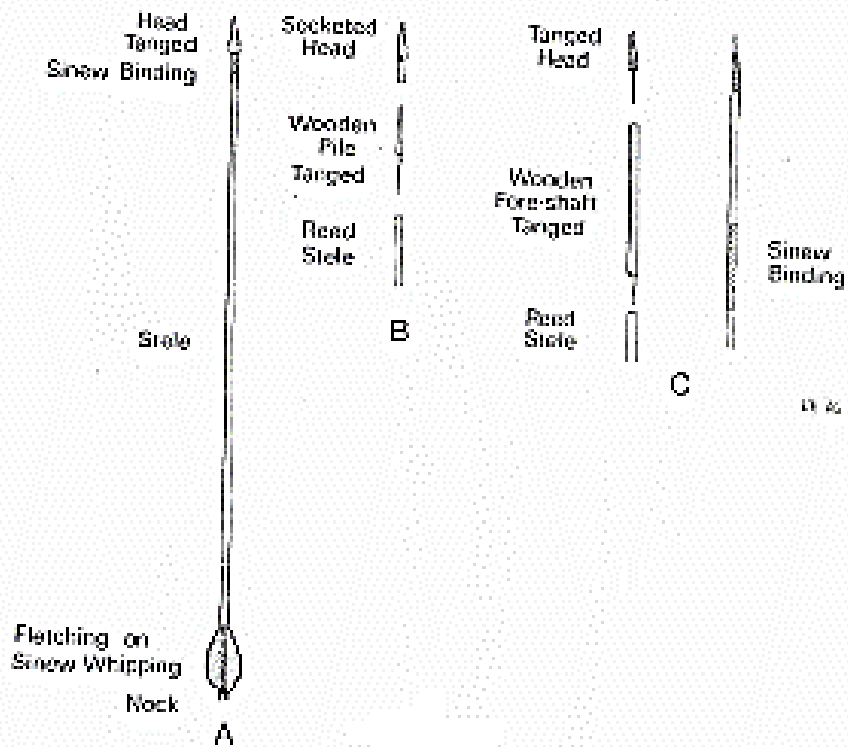
STAVE CONSTRUCTION STAGES



STAVE POSITIONS

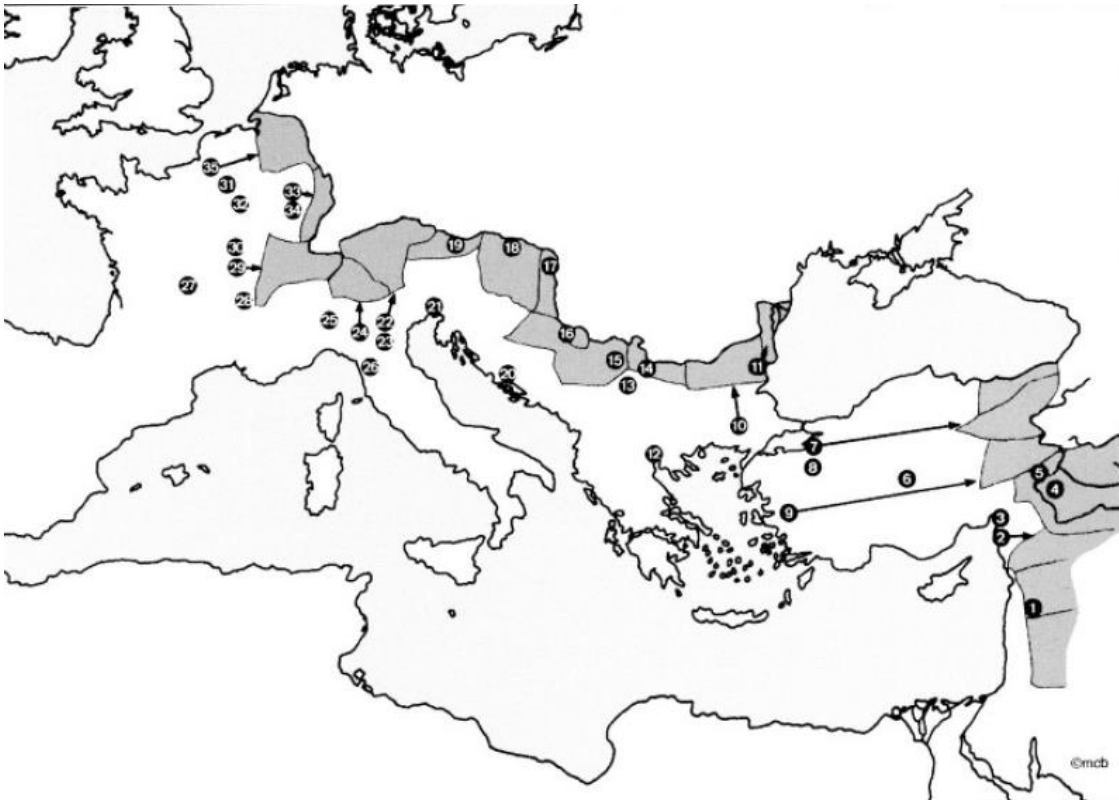


ARROW TERMINOLOGY



ANEXO XVI

- Distribuição de *fabricae* no território Romano, de acordo com a *Notitia dignitatum*.*



Mapa com numeração referente a cada *fabricae* apontada pela *Notitia dignitatum*.

* BISHOP, M. C.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment: from the Punic Wars to the Fall of Rome*. Oxford: Oxbow, 2006, pp. 239.

<i>Oriens</i>			<i>Occidens</i>		
1	Damascus	<i>scutaria et armorum</i>	16	Sirmium	<i>scutorum, scordiscorum et armorum</i>
2	Antiochia	<i>scutaria et armorum</i>	17	Aquincum	<i>scutaria</i>
3	Antiochia	<i>clibanaria</i>	18	Carnutum	<i>scutaria</i>
4	Edessa	<i>scutaria et armorum</i>	19	Lauriacum	<i>scutaria</i>
5	Irenopolis	<i>hastaria</i>	20	Salona	<i>armorum</i>
6	Caesarea	<i>clibanaria</i>	21	Concordia	<i>sagittaria</i>
7	Nicomedia	<i>scutaria et armorum</i>	22	Verona	<i>scutaria et armorum</i>
8	Nicomedia	<i>clibanaria</i>	23	Mantua	<i>loricaria</i>
9	Sardis	<i>scutaria et armorum</i>	24	Cremona	<i>scutaria</i>
10	Hadrianopolis	<i>scutaria et armorum</i>	25	Ticinum	<i>arcuaria</i>
11	Marceanopolis	<i>scutaria et armorum</i>	26	Luca	<i>sphataria</i>
12	Thessalonica	?	27	Argentorate	<i>armorum omnium</i>
13	Naissus	?	28	Matisco	<i>sagittaria</i>
14	Ratiaria	?	29	Augustodunum	<i>loricaria, ballistaria et clibanaria</i>
15	Horreum Margi	<i>scutaria</i>	30	Augustodunum	<i>scutaria</i>
			31	Suessiones	?
			32	Remi	<i>sphataria</i>
			33	Treberi	<i>scutaria</i>
			34	Treberi	<i>ballistaria</i>

Lista de fabricae na *Notitia dignitatum* (ND, Or. IX; Oc. XI).

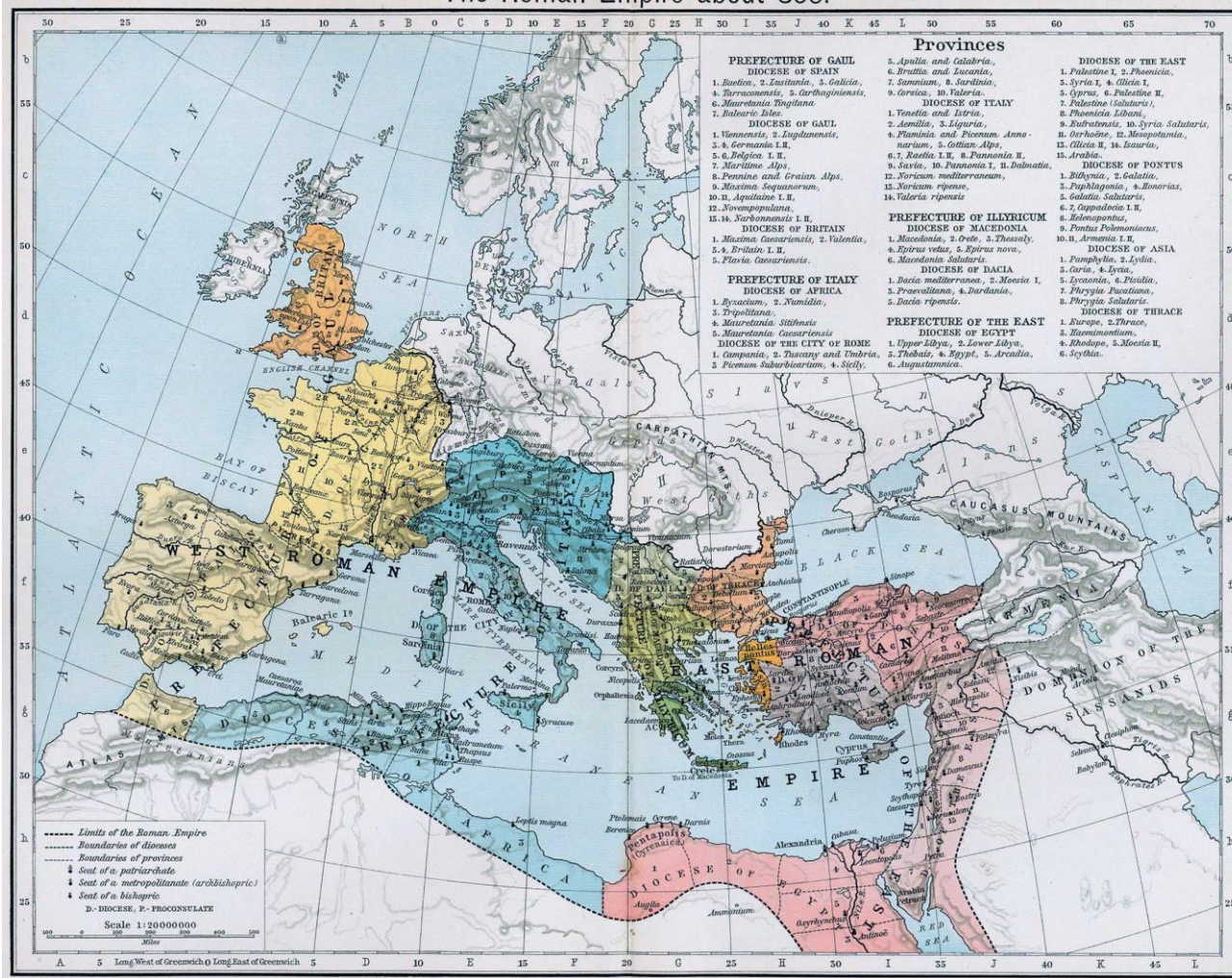
MAPAS

Mapas

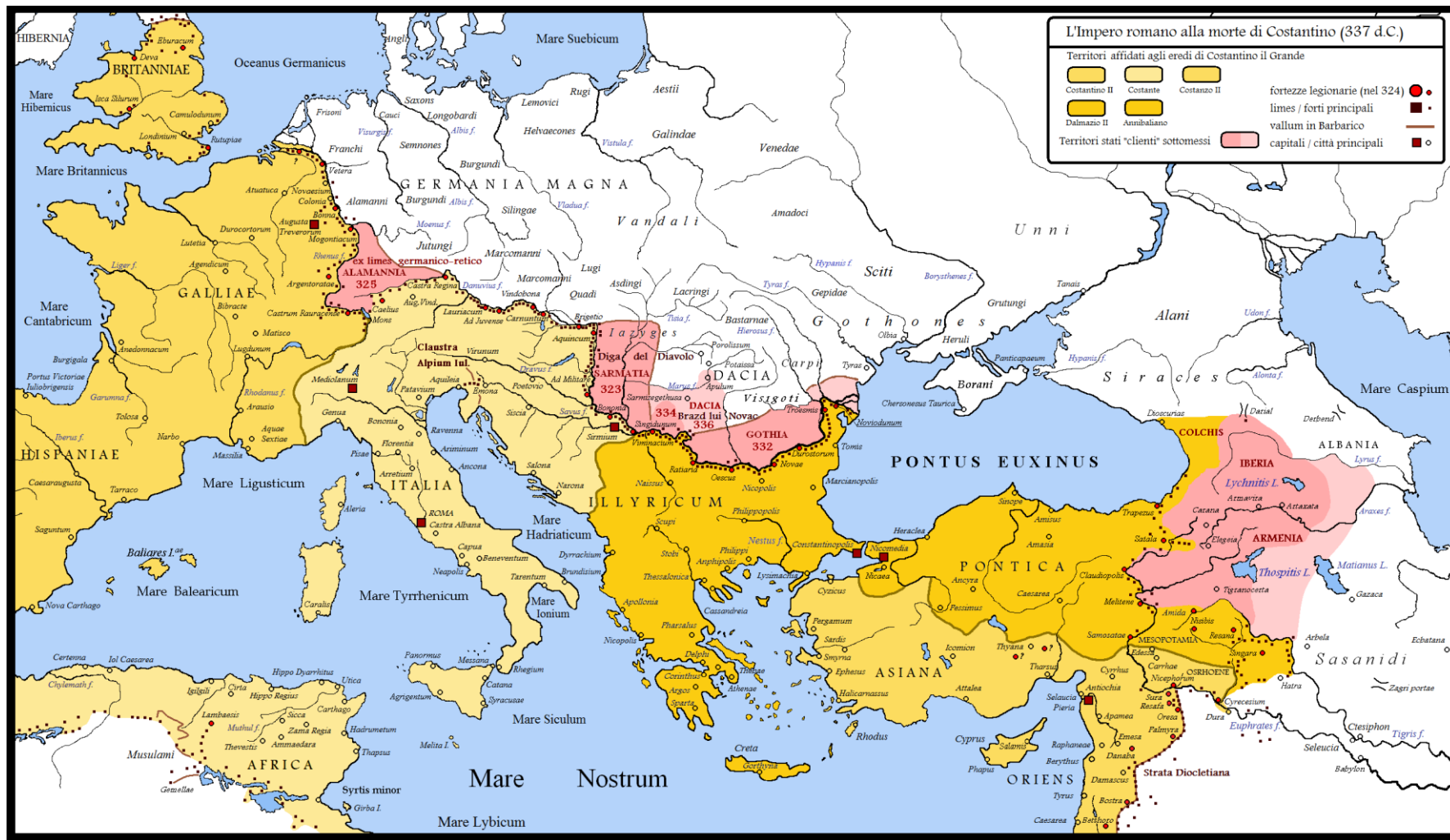
1. Império Romano no período de Dicleciano e Constantino.
2. O Império Romano em 395 d.C.
3. O Império Romano depois da morte de Constantino – Em destaque as fortalezas.
4. Campanhas civis e externas ocorridas no Império Romano do século IV d.C.
5. Fronteira com a Germania.
6. Panonia e Dacia.
7. Gália.



Império Romano no período de Diocleciano e Constantino. In.: BOATWRIGHT, J. A.; GARGOLA, D. J.; LENSKI, N. (et all). *The Romans from village to Empire: A History of Rome Earliest times to the end of the Western Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2011. 2a. ed. Imagem: awmc.unc.edu/worldpress/free-maps/the-romans-from-village-to-empire-2nd-edition-2011 – visitado em 09/03/2015.



O Império Romano em 395 d.C. In.: SHEPHERD, Willian. *Historical Atlas*. New York: Henry Holt and Company, 1911. Imagem: br.pinterest.com/pin/309692911850430273 – visitado em 09/03/2015.



O Império Romano depois da morte de Constantino. Imagem: pt.wikipedia.org/wiki/Constantino#mediaviewer/File:Constantino_nord-limes_png.PNG – visitado em 09/03/2015.



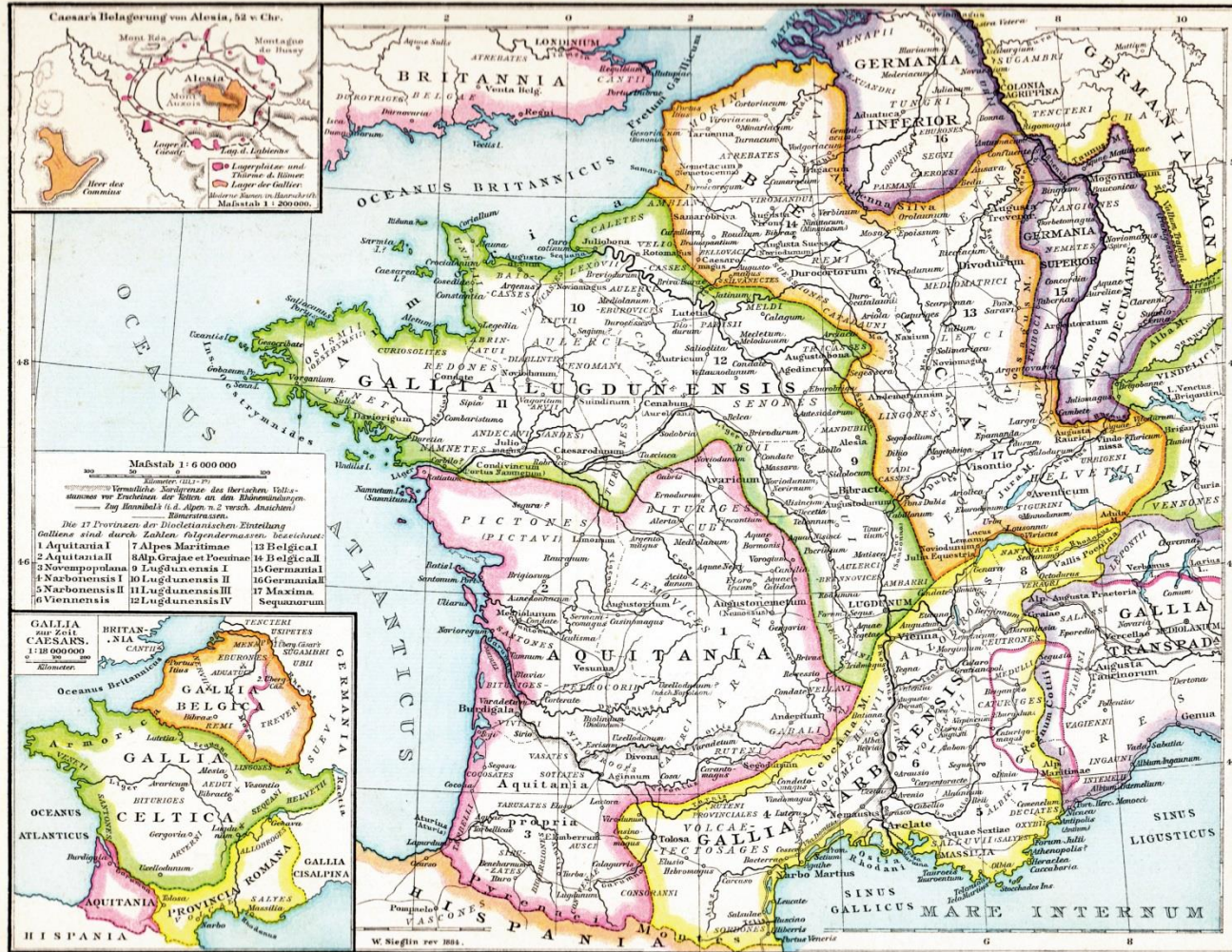
Campanhas civis e externas ocorridas no Império Romanos do século IV d.C. In.: BOATWRIGHT, J. A.; GARGOLA, D. J.; LENSKI, N. (et all). *The Romans from village to Empire: A History of Rome Earliest times to the end of the Western Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2011. 2a. ed. Imagem: awmc.unc.edu/worldpress/free-maps/the-romans-from-village-to-empire-2nd-edition-2011 – visitado em 09/03/2015.



Fronteira com a Germania. In.: Professor G. Droysens Allgemeiner Historischer Handatlas, by Dr. Richard Andree, 1886. Imagem: [www. Maproom.org/00/08/index.php](http://www.Maproom.org/00/08/index.php) – visitado em 09/03/2015



Pannonia e Dacia. In.: Professor G. Droysens Allgemeiner Historischer Handatlas, by Dr. Richard Andree, 1886. Imagem: [www. Maproom.org/00/08/index.php](http://www.Maproom.org/00/08/index.php) – visitado em 09/03/2015



Gália. In.: Professor G. Droysens Allgemeiner Historischer Handatlas, by Dr. Richard Andree, 1886. Imagem: www. Maproom.org/00/08/index.php – visitado em 09/03/2015